

**AS CONTRIBUIÇÕES DO REPÓRTER ALTINO CORREIA PARA O JORNALISMO**  
**REGIONAL POR MEIO DE UM LIVRO-REPORTAGEM**

**ANNE HONAMI ABE**  
**CAMILLA SALDANHA SOUZA**  
**NELLISE COSTA PINHEIRO**  
**STEPHANEE MELO BECEGATO**

**AS CONTRIBUIÇÕES DO REPÓRTER ALTINO CORREIA PARA O JORNALISMO  
REGIONAL POR MEIO DE UM LIVRO-REPORTAGEM**

**ANNE HONAMI ABE**  
**CAMILLA SALDANHA SOUZA**  
**NELLISE COSTA PINHEIRO**  
**STEPHANEE MELO BECEGATO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de  
Comunicação Social “Jornalista  
Roberto Marinho” de Presidente  
Prudente, Universidade do Oeste  
Paulista, como parte dos requisitos  
para a sua conclusão.  
Área de concentração: Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Aline  
Alves

**ANNE HONAMI ABE  
CAMILLA SALDANHA SOUZA  
NELLISE COSTA PINHEIRO  
STEPHANEE MELO BECEGATO**

**As contribuições do repórter Altino Correia para o jornalismo regional por meio de um livro-reportagem**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.  
Área de concentração: Jornalismo

Presidente Prudente, 14 de dezembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Aline Alves

---

Profa. Dra. Thaisa Sallum Bacco

---

Prof. Me. Tchiago Inague Rodrigues

## DEDICATÓRIA

*Dedicamos a Deus, à família e aos amigos.*

## AGRADECIMENTOS

*Primeiramente, agradecemos a Deus, por guiar os nossos passos e por nos conceder muita força para superar os momentos difíceis e, assim, concluir mais uma etapa de nossas vidas.*

*Agradecemos aos nossos pais, por serem os maiores incentivadores e também por todo o apoio e consolo quando o cansaço e o desânimo dificultaram a realização do nosso sonho.*

*Aos nossos amigos e amores, que estiveram ao nosso lado, seja para escutar, incentivar e compartilhar os diversos momentos.*

*A todos os professores que cruzaram o nosso caminho. Agradecemos pelos ensinamentos que construíram o nosso conhecimento e nos formaram como profissionais do jornalismo.*

*Agradecemos a nossa orientadora, Fabiana Aline Alves, por acreditar em nosso trabalho desde o início, dedicando parte de seu tempo para nos conduzir com paciência e sabedoria.*

*Em especial, ao objeto de estudo, o jornalista Altino Correia, por aceitar o nosso convite e, principalmente, por se mostrar prestativo para nos ajudar, abrindo as portas de sua casa para conversas, entrevistas e consultas. Sem a sua história, nada disso seria possível. Nossos sinceros agradecimentos também a sua esposa, Aparecida Soares Correia.*

*Não podemos nos esquecer dos profissionais que cederam entrevistas e doaram seu tempo para compartilhar informações, experiências e histórias de vida, essenciais para a construção deste trabalho.*

*Também somos gratas por todo o auxílio prestado pelos funcionários da Facopp: Alessandra Lima, Carlos Hideki Shirosawa, Jorge Aparecido da Silva Souza e Kaito Lomartire.*

*Enfim, a todos aqueles que nos ajudaram nesta caminhada.*

*“A vida de uma pessoa não é o que lhe  
aconteceu, e sim o que ela lembra e  
como lembra”.*  
*(Gabriel García Márquez)*

## RESUMO

### **As contribuições do repórter Altino Correia para o jornalismo regional por meio de um livro-reportagem**

O presente trabalho tem como objetivo refletir de que forma as experiências do repórter Altino Correia contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo regional. A abordagem metodológica aplicada foi a pesquisa qualitativa do tipo exploratória e como método foi utilizada a história oral. Para a coleta de dados, as técnicas adotadas tratam-se da pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevista em profundidade do tipo semiaberta. Sendo assim, todas as informações coletadas forneceram suporte para a composição do corte teórico e também da peça prática deste trabalho. A proposta contributiva desta pesquisa consiste na documentação e sistematização das contribuições do jornalista, capaz de promover reflexões acerca do desenvolvimento do jornalismo regional.

Palavras-chave: livro-reportagem; jornalismo literário; Altino Correia; jornalismo regional.

## **ABSTRACT**

### **The contributions of the journalist Altino Correia for the regional journalism by means of a non-fiction book**

The present study aims to reflect about how the experiences of the journalist Altino Correia contributed to the development of regional journalism. The methodological approach applied was the qualitative exploratory research and the method used was the oral history. The techniques chosen for the collection data were the bibliography search, documentary analysis and interview in depth of semi-open type. So, all the collected informations gave support to the composition of the work. The contributory proposal of this scientific study consists of the recording and systematization of the journalist experiences, capable of to promote reflections about the development of local journalism.

Keywords: non-fiction book; literary journalism; Altino Correia; regional journalism.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	Alfabeto em Electra LT Regular	86
FIGURA 2 –	Alfabeto em Montserrat Light	86
FIGURA 3 –	Capa do livro-reportagem	87
FIGURA 4 –	Contracapa do livro-reportagem	87
FIGURA 5 –	Entrevista com o jornalista Neif Tair	94
FIGURA 6 –	Entrevista com Alice Amélia Oliveira Correia	95
FIGURA 7 –	Entrevista com Luis Antonio Vanalli	96

## LISTA DE SIGLAS

AM	- Amplitude Modulada
CBN	- Central Brasileira de Notícias
DIP	- Departamento de Imprensa e Propaganda
Facopp	- Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente
FCT	- Faculdade de Ciências e Tecnologia
FM	- Frequência Modulada
HU	- Hospital Universitário de Presidente Prudente
HR	- Hospital Regional de Presidente Prudente
JB	- Jornal do Brasil
MTB	- Registro profissional de jornalista pelo Ministério do Trabalho Brasileiro
Sertepp	- Serviço de Televisão de Presidente Prudente
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
Telesp	- Serviço de Telecomunicações de São Paulo
Unesco	- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
Unesp	- Universidade Estadual Paulista
Unoeste	- Universidade do Oeste Paulista

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Problematização e justificativa.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>15</b>
2.2.1	Objetivo geral.....	15
2.2.2	Objetivos específicos.....	16
<b>2.3</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>LIVRO-REPORTAGEM: ALÉM DA COBERTURA DIÁRIA.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1</b>	<b>Reportagem.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2</b>	<b>Jornalismo literário.....</b>	<b>39</b>
<b>3.3</b>	<b>Fotografia.....</b>	<b>45</b>
<b>4</b>	<b>JORNALISMO REGIONAL.....</b>	<b>49</b>
<b>4.1</b>	<b>O desenvolvimento da imprensa no Oeste Paulista.....</b>	<b>49</b>
<b>4.2</b>	<b>Altino Correia: o repórter do interior.....</b>	<b>66</b>
<b>4.3</b>	<b>A função de correspondente regional.....</b>	<b>75</b>
<b>5</b>	<b>DELINEAMENTO DO PRODUTO.....</b>	<b>81</b>
<b>5.1</b>	<b>O livro-reportagem.....</b>	<b>81</b>
5.1.1	Nome da publicação.....	82
5.1.2	Seleção de fontes.....	83
5.1.3	Público-alvo e veiculação.....	83
<b>5.2</b>	<b>Projeto gráfico.....</b>	<b>84</b>
<b>5.3</b>	<b>Recursos técnicos.....</b>	<b>88</b>
<b>5.4</b>	<b>Recursos financeiros.....</b>	<b>88</b>
<b>5.5</b>	<b>Recursos humanos.....</b>	<b>89</b>
5.5.1	Organograma das funções.....	89
<b>6</b>	<b>MEMORIAL DESCRITIVO.....</b>	<b>90</b>
<b>6.1</b>	<b>Divisão do trabalho.....</b>	<b>91</b>
<b>6.2</b>	<b>Apuração e produção.....</b>	<b>92</b>
<b>6.3</b>	<b>Redação e edição.....</b>	<b>97</b>
<b>6.4</b>	<b>Fotografias e diagramação.....</b>	<b>99</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>102</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO A – ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO B – FOTOS.....</b>	<b>301</b>
<b>ANEXO C – ORÇAMENTO.....</b>	<b>307</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>309</b>
<b>APÊNDICE A – ANÁLISE DOCUMENTAL .....</b>	<b>310</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM.....</b>	<b>369</b>
<b>APÊNDICE C – CRONOGRAMA DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>371</b>
<b>APÊNDICE D – PAUTAS.....</b>	<b>373</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo é uma prática profissional que tem como matéria-prima a informação. A função básica dessa atividade está relacionada à transmissão de notícias que sejam relevantes ao cotidiano da sociedade. O jornalista, por sua vez, atua como agente humanizador na difusão dos fatos junto à população. Cabe a ele a interpretação e a tradução de todo o conteúdo apresentado, de modo que ofereça ao receptor a possibilidade de compreender e refletir sobre a realidade a sua volta.

A partir disso, observa-se, ao mesmo tempo, a responsabilidade social do jornalismo e também dos profissionais da imprensa diante à comunidade na qual estão inseridos, enquanto mediadores dos acontecimentos e figuras determinantes na formação de opinião pública. Em Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo, algumas personalidades cumpriram a função de agentes importantes para a construção do jornalismo regional, bem como para a história da região, por meio de registros jornalísticos. Frente à atuação desses profissionais, o jornalista Altino Oliveira Correia foi escolhido como objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Facopp).

A pesquisa tem como objetivo refletir de que forma as experiências do repórter Altino Correia contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo regional. Para tanto, o presente trabalho está organizado em sete capítulos. Neste primeiro, encontra-se a introdução, uma síntese do conteúdo abordado na sequência.

O capítulo dois apresenta a fundamentação metodológica, que inclui a problematização e a justificativa desta pesquisa, além dos objetivos e a metodologia aplicada durante a coleta e análise de dados. A abordagem metodológica trata-se da pesquisa qualitativa do tipo exploratória e como método adotou-se a história oral. Quanto à coleta de dados, as técnicas utilizadas foram a pesquisa bibliográfica, a análise documental e a entrevista em profundidade do tipo semiaberta. Por fim, os resultados obtidos foram analisados por meio da técnica da triangulação.

Já o capítulo três, refere-se à conceituação do livro-reportagem como veículo jornalístico voltado à disseminação de informações aprofundadas e não-periódicas. Também são abordadas as definições de reportagem, literatura e fotografia, na tentativa de esclarecer de que forma esse produto pode lançar-se no ramo do jornalismo literário, sendo capaz de despertar sentidos e provocar emoção

no leitor. Posto isso, o livro-reportagem, de caráter biográfico, consiste na plataforma estabelecida como peça prática deste trabalho.

O capítulo seguinte, de número quatro, expõe um panorama histórico acerca do desenvolvimento do jornalismo na região de Presidente Prudente. A elaboração do conteúdo contou com 16 entrevistas concedidas por profissionais da imprensa, que contribuíram com o progresso da comunicação. Vale ressaltar que a importância em abordar a evolução do jornalismo regional está no seu papel de representatividade das cidades do interior na grande imprensa e, ainda, diz respeito ao cenário de atuação do objeto estudado. Esse capítulo também traz uma síntese sobre a trajetória profissional do jornalista Altino Correia, que foi detalhada na peça prática, com destaque a sua atividade como correspondente regional em veículos de âmbito nacional, visto que é uma função quase que extinta na atualidade.

No capítulo cinco, encontra-se o delineamento do produto, com a apresentação do planejamento elaborado para a execução da peça prática deste trabalho. A plataforma escolhida permitiu empregar as informações coletadas de maneira aprofundada, a partir de narrativas que fogem dos modelos da imprensa contemporânea e se alinham ao jornalismo literário.

O capítulo seis corresponde ao memorial descritivo, isto é, a uma descrição minuciosa da trajetória das pesquisadoras durante a elaboração da peça prática, até a entrega de todo o trabalho.

Finalmente, o capítulo sete aborda as conclusões das pesquisadoras sobre o estudo realizado e os resultados obtidos. Com esta pesquisa, o grupo espera ampliar a visão do leitor sobre a possibilidade de associar o jornalismo à literatura, em um único discurso, para a documentação de uma história. Além disso, busca-se fomentar nos acadêmicos da Facopp e também na sociedade em geral, o conhecimento sobre o cenário da comunicação da região do Oeste Paulista, uma vez que são importantes para a promoção de cidadania e para o desenvolvimento da população.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

### 2.1 Problematização e justificativa

Altino Oliveira Correia nasceu em 30 de julho de 1934, no município de Rio de Contas, localizado no interior da Bahia. Em 1939, migrou com a família para Presidente Venceslau (SP), local em que passou a infância e deu início à carreira profissional. Mais tarde, em 1968, mudou-se para Presidente Prudente (SP), onde se consolidou como jornalista.

Há mais de 60 anos na área da comunicação, Correia tem passagem pelo rádio, jornal impresso, televisão, assessoria de imprensa e internet. Além das empresas regionais, trabalhou em veículos da grande mídia, assinando matérias nos periódicos *Folha da Tarde*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Notícias Populares*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Última Hora*, e produzindo reportagens para a afiliada da *Globo* em Bauru e para a *Rede Vida de Televisão*, como correspondente do Oeste Paulista.

Ao longo da carreira, realizou coberturas importantes e entrevistou personalidades como Abreu Sodré, Ademar de Barros, Carvalho Pinto, Franco Montoro, Herbert Levy, Jânio Quadros, João Goulart (Jango), Juscelino Kubitschek de Oliveira, Laudo Natel, Paulo Egydio Martins, Paulo Salim Maluf e Plínio Salgado.

Diante da importância desse repórter para a imprensa e da pequena quantidade de materiais que relata sobre a sua atuação profissional, este trabalho visa identificar de que forma as experiências de Altino Correia contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo regional.

O projeto se justifica no âmbito social por trazer à tona a história do jornalismo da região de Presidente Prudente, no ano em que a cidade completa 100 anos de fundação. Por meio da produção de um livro-reportagem biográfico, foi possível reunir e retratar as experiências de uma personalidade que contribuiu com a edificação da trajetória da imprensa regional e, conseqüentemente, com o avanço do município. Desse modo, ao expor as informações coletadas, a plataforma facilitou o aprofundamento e a descrição do conteúdo. A definição pela mídia fundamenta-se na identificação das características que constituem o perfil do público-alvo – profissionais de comunicação pertencentes às faixas etárias mais avançadas. Contudo, isso não significa que a obra se restringe apenas a essa categoria, de tal

forma que a sociedade em geral, ao manifestar interesse pela história do jornalismo regional, independentemente da idade e do gênero, poderá ter acesso ao trabalho.

A relevância acadêmica é verificada a partir do contato do grupo com as técnicas de narrativa jornalística e literária, o que permite explorar um campo com pouca variedade de materiais e referências bibliográficas. É significativo ressaltar o caráter interdisciplinar do trabalho, que associa o jornalismo à literatura, e também à história. Uma biografia narra a vida de um personagem e tem como foco principal os acontecimentos mais relevantes. Esse estilo literário propõe narrativas que fogem dos modelos da imprensa contemporânea e lançam-se no chamado jornalismo literário. Sendo assim, tal discurso reúne recursos do jornalismo e da literatura, e também utiliza técnicas da história para recuperar o passado e preservar a memória. Além disso, a produção de um livro-reportagem no formato biográfico como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um fato inédito na Facopp, o que trouxe desafio e novidade para as pesquisadoras.

Quanto às contribuições pessoais, destacam-se as experiências vivenciadas pelo grupo durante o desenvolvimento do trabalho. O contato constante com o jornalista Altino Correia e com fontes próximas a ele foi fundamental no crescimento profissional e pessoal das pesquisadoras. Ademais, a oportunidade de produzir um livro-reportagem ainda na graduação é vista pelo grupo como meio de engrandecimento próprio e coletivo.

Portanto, com base nas discussões, este trabalho foi envolvido pelo seguinte questionamento: “Quais as contribuições do repórter Altino Correia para o desenvolvimento do jornalismo regional?”.

## **2.2 Objetivos**

### **2.2.1 Objetivo geral**

Refletir de que forma as experiências profissionais do repórter Altino Correia contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo regional.

### 2.2.2 Objetivos específicos

- Discutir as contribuições de Altino Correia para o desenvolvimento do jornalismo na região de Presidente Prudente, entre as décadas de 1950 e 1980;
- Recuperar fragmentos e organizar informações sobre a atuação do jornalista na função de correspondente do Oeste Paulista em veículos nacionais;
- Compreender as características narrativas do jornalismo enquanto gênero literário;
- Entender o papel do livro-reportagem biográfico em relação à história;
- Produzir um livro-reportagem biográfico sobre as contribuições de Altino Correia para o jornalismo regional.

### 2.3 Metodologia

Uma pesquisa científica consiste em um processo racional e organizado. “Ao seu desenvolvimento é necessário o uso cuidadoso de métodos, processos e técnicas.” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 47). Nesse sentido, a metodologia permite identificar as técnicas e os caminhos a serem percorridos durante a realização da pesquisa em questão. Conforme afirmam Diehl e Tatim (2004, p. 47-48), ela propõe “[...] a escolha da melhor maneira de abordar determinado problema, integrando os conhecimentos a respeito dos métodos em vigor nas diferentes disciplinas científicas”.

Para a elaboração deste trabalho foi determinada a pesquisa qualitativa, que busca entender e observar de que forma cada indivíduo, grupo ou instituição vivencia a realidade, sem investigar as informações por via de número e/ou estatísticas. Para melhor definir o conceito desse tipo de pesquisa, utiliza-se o pensamento de Diehl e Tatim (2004, p. 52):

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Quando se realiza um trabalho que envolve a história como objeto de estudo, é comum que muitas situações subjetivas surjam, fato que inviabiliza a

utilização de um método que quantifique dados. Segundo Goldenberg (2013, p. 63), “[...] é evidente o valor da pesquisa qualitativa para estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais”.

Por não conter dados padronizáveis como em uma pesquisa quantitativa, essa técnica leva os pesquisadores a atuarem com certa flexibilidade e criatividade na hora de coletar e analisar os materiais. “Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador”. (GOLDENBERG, 2013, p. 53)

Do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa se classifica como exploratória, pois visa proporcionar mais familiaridade entre as pesquisadoras e o tema escolhido, de modo a explicitá-lo ou formular proposições, como afirma Gil (2010). Dessa forma, permite uma visão mais aproximada de um fato, especialmente quando é pouco conhecido. Ainda de acordo com o autor (GIL, 2010), a pesquisa exploratória propõe o desenvolvimento, o esclarecimento e a modificação de ideias e conceitos, com foco na elaboração de problemas precisos ou hipóteses possíveis de serem pesquisadas em estudos decorrentes.

Dentre os tipos de pesquisa, ela apresenta maior flexibilidade de planejamento, já que procura considerar a diversidade dos aspectos referentes ao fenômeno estudado (GIL, 2010). Diehl e Tatim (2004) acrescentam que, durante a coleta de dados, essa pesquisa pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no assunto e análise de exemplos que incitam a compreensão.

Como método foi utilizada a história oral, a partir da realização de entrevistas com o jornalista Altino Correia e com pessoas próximas a ele. A proposta foi entender fatos relevantes de sua trajetória no jornalismo. O acesso a documentos pessoais e profissionais também auxiliou no entendimento dos fatos. Segundo Delgado (2006), consiste em um meio para atingir o conhecimento histórico pelo presente e passado com base em documentos e fontes.

[...] busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. *Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.* (DELGADO, 2006, p.15-16, grifo do autor)

A história oral utiliza-se de recursos como lembranças, documentos, música, literatura e fotografia. Nesse sentido, Delgado (2006) apresenta a memória como fonte principal para esse método, visto que oferece suporte às narrativas responsáveis por compor o documento final.

História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da História, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades. (DELGADO, 2006, p. 17)

Um dos desafios da história oral é relacionar os diferentes tempos. Para Meihy e Holanda (2007), esse método intenta sempre manter vivo o passado. “A necessidade de se ativar ou materializar o que existe em estado oral retido na memória, [...] quase sempre acontece por desafio da própria comunidade, que não quer deixar morrer determinadas experiências”. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 25)

Conforme Delgado (2006), em uma entrevista podem ser ouvidos, por exemplo, jovens falando de algo que já aconteceu, na qual compartilham suas lembranças, ou um adulto que faz o relato de um fato que está ocorrendo agora. Nesse sentido, a história oral é um tempo sobre outro tempo, em que são extraídas memórias e experiências, repassadas de pessoa para pessoa. Por isso, é preciso cuidado ao rememorar o passado no tempo presente, visto que o pesquisador lida com sentimentos, testemunhos, visões e interpretações em uma narrativa constituída de emoções do ontem, com novos significados no momento atual.

A temporalidade, ou seja, a relação entre múltiplos tempos também é inerente ao documento produzido. Nele estão presentes o tempo passado pesquisado, os tempos percorridos pela trajetória de vida do entrevistado e o tempo presente que orienta e estimula tanto as perguntas do entrevistador que prepara o roteiro do depoimento como as respostas a essas indagações. (DELGADO, 2006, p. 16)

Portanto, a história oral é um método que visa privilegiar a realização de entrevistas com pessoas que testemunharam acontecimentos e também com aquelas cujos depoimentos são importantes para que se compreenda melhor o contexto histórico (DELGADO, 2006).

Em relação aos instrumentos para levantamento de dados, foram realizadas a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos; a análise documental de fotografias e reportagens publicadas pelo jornalista Altino Correia; e entrevistas em profundidade do tipo semiaberta, por ser a técnica mais adequada ao trabalho das pesquisadoras.

Para dar início a este estudo, realizou-se a pesquisa biográfica, que consiste no planejamento inicial de qualquer trabalho de pesquisa. Trata-se de um conjunto de procedimentos de identificação de informações bibliográficas e seleção de documentos pertinentes ao tema estudado, que conduzem anotações ou fichamentos das referências e dados dos documentos, para que posteriormente sejam utilizados na elaboração do trabalho acadêmico (STUMPF, 2010).

A escolha por essa técnica foi feita, pois, segundo Gil (2012, p. 50), “[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Nesse sentido, foram apresentados fichamentos de toda a literatura examinada pelas pesquisadoras, incluindo livros, artigos científicos e Trabalhos de Conclusão de Curso usados como referências, de forma a evidenciar a compreensão do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. Nesse caso, os temas estudados dizem respeito a livro-reportagem, reportagem e jornalismo literário.

Outra técnica de coleta de dados empregada foi a análise documental, que envolve a organização, verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. Conforme Gil (2012), ela se desenvolve em três etapas. A primeira é a pré-análise, a fase da organização, em que se tem o primeiro contato com os documentos; seguida da exploração do material, um trabalho longo, que se resume em administrar as decisões tomadas na fase anterior envolvendo recorte, enumeração e classificação; e, por fim, o tratamento dos dados, que objetiva torná-los válidos e significativos, podendo chegar a generalizações, à medida que são confrontados. Sobre esse tipo de análise, Moreira (2010, p. 276) complementa:

A análise documental, muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagens, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue, dessa maneira, introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos.

As fontes da análise documental, segundo Moreira (2010), são de origem secundária, isto é, equivalem a conhecimentos, informações ou dados já reunidos ou organizados, seja na mídia impressa ou eletrônica e em relatórios técnicos. Posto isso, a coleta de informações foi realizada por meio de fotografias e matérias veiculadas na mídia impressa, reportagens televisivas e áudios assinados por Altino Correia (APÊNDICE A). Ao todo, foram analisados 554 arquivos, cedidos pelo jornalista às pesquisadoras. Os documentos foram organizados em tabelas de acordo com o veículo em que foram publicados, contendo descrições como data, título da matéria, *lead* e assinatura, para melhor visualização do conteúdo. O estudo analítico desses registros permitiu a compreensão sobre o desenvolvimento da comunicação regional, ao levar em conta os tipos de acontecimentos noticiados e a frequência das publicações sobre o Oeste Paulista na grande imprensa, além da atuação de Correia, em especial, como correspondente.

Moreira (2010) ainda explica que, em pesquisas científicas, a análise documental trata-se de método e técnica. “Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados como a entrevista e o questionário.” (MOREIRA, 2010, p. 272). Neste trabalho, a análise documental foi associada às informações coletadas a partir da realização de entrevistas.

No levantamento de dados, também foi utilizada a entrevista em profundidade do tipo semiaberta. Entende-se por entrevista a “[...] técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam. É, portanto, uma forma de interação social”. (GIL, 2012, p. 109)

De acordo com Duarte (2010), cada pergunta deve ser elaborada da forma mais aberta possível, sendo aprofundada a partir da resposta do entrevistado. Logo, perguntas gerais dão origem às específicas. A técnica é adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, lembram e fizeram, com roteiro de questões que abordam o interesse da pesquisa, originado do problema, e que buscam tratar da amplitude do tema. “O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias.” (DUARTE, 2010, p. 66). Dessa forma, os sujeitos entrevistados pelas pesquisadoras para a composição do corte teórico deste

trabalho foram, além do próprio Altino, amigos e colegas de profissão, totalizando 16 depoentes (ANEXO A) e 14 horas de gravação, em áudio e vídeo.

Por fim, para análise dos dados obtidos, empregou-se a triangulação. Para Goldenberg (2013, p. 63), ela “[...] tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo”.

Nessa linha de raciocínio, Yin (2010) entende a triangulação como técnica que utiliza múltiplas fontes de evidência, permitindo o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação. O autor (YIN, 2010) acrescenta que, segundo Patton (2002), há quatro tipos de verificação: “[...] das fontes de dados (triangulação de dados); entre os diferentes avaliadores (triangulação do investigador); de perspectivas sobre o mesmo conjunto de dados (triangulação da teoria); dos métodos (triangulação metodológica)”. (apud YIN, 2010, p. 143)

Nesta pesquisa, a verificação ocorreu a partir do cruzamento das informações coletadas na pesquisa bibliográfica, na análise documental e nas entrevistas. Para isso, os depoimentos colhidos junto aos profissionais da imprensa regional foram decupados, transcritos e, posteriormente, triangulados com os dados provenientes do referencial teórico que versa sobre o jornalismo da região de Presidente Prudente e da análise do material assinado pelo jornalista Altino Correia em jornais, emissoras de rádio e televisão. De acordo com Yin (2010), essa técnica corresponde à coleta de informações de fontes variadas, mas que apontem para a comprovação do mesmo acontecimento ou fenômeno.

Com a triangulação dos dados, os problemas potenciais de validade do constructo também podem ser abordados, porque as múltiplas fontes de evidência proporcionam, essencialmente, várias avaliações do mesmo fenômeno. Sem provocar surpresa, uma análise dos métodos de estudo de caso descobriu classificação superior, em termos de sua qualidade geral, aos que contavam apenas com fontes únicas de informação. (YIN, 2010, p. 144)

Após a apresentação da trajetória metodológica, o presente trabalho aborda no próximo capítulo estudos referentes ao conceito de jornalismo, reportagem e literatura, entendendo o livro-reportagem como meio extensor do jornalismo cotidiano.

### 3 LIVRO-REPORTAGEM: ALÉM DA COBERTURA DIÁRIA

A profissionalização do jornalista nos séculos XIX e XX trouxe valores determinantes ao modo de trabalho desses profissionais (TRAQUINA, 2005). Um deles corresponde à objetividade, que prega a veiculação de informações relevantes de forma sucinta, sem carregar impressões subjetivas do redator. Os demais valores, como a independência e a verdade, estão diretamente ligados à ética da profissão e proporcionam a distinção entre o profissional bom e ruim. Portanto, o jornalista tem como principal função informar, além de proteger a sociedade dos abusos do governo e daquilo que não for considerado correto.

Boyce (apud TRAQUINA, 2005) complementa que os profissionais passam a atuar em conjunto com a sociedade. Nesse caso, a imprensa mostra-se como elo indispensável entre os cidadãos e o poder público, capaz de expor as injustiças individuais e assegurar a defesa dos direitos contra qualquer forma de opressão e de ações em desacordo com a legislação vigente.

[...] parte de toda uma cultura constituída por uma constelação de crenças, mitos, valores, símbolos e representações que constituem o ar que marca a produção das notícias. A vasta cultura profissional dos jornalistas fornece *um modo de ser/estar, um modo de agir, um modo de falar, e um modo de ver o mundo* (TRAQUINA, 2005, p. 121, grifo do autor)

Assim, o jornalismo utiliza da palavra como ferramenta de conquista das mentes e dos corações de seu público-alvo, sejam eles leitores, telespectadores ou ouvintes. Rossi (1980) defende a ideia de que a batalha travada pelo jornalismo, apesar de sutil, tem grande relevância social, visto que os meios de comunicação exercem influência na formação de opinião pública.

A natureza do jornalismo, segundo Pena (2005), está no medo do desconhecido, que leva o homem a buscar justamente o contrário, na tentativa de conhecer o que se passa ao seu redor e, assim, reproduzir os fatos mais importantes. Para tanto, é necessário transpor as barreiras dos acontecimentos a fim de relacionar os fatos com a vida das pessoas e a maneira como eles afetam a comunidade, de forma que os jornalistas busquem ir além da superficialidade da notícia. O autor (PENA, 2005) ainda diz que é preciso superar as barreiras e ousar durante a transmissão da informação.

Conforme Traquina (2005), os profissionais da imprensa, com seu olhar apurado para o mundo, passam a organizar a sociedade em notícias ficando conhecidos como os modernos contadores de histórias da contemporaneidade.

Poder-se ia dizer que o jornalismo é um conjunto de “estórias”, “estórias da vida”, “estórias” de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação como “estórias”? Os jornalistas veem os acontecimentos como “estórias” e as notícias são construídas como “estórias”, como narrativas, que não estão isoladas de “estórias” e narrativas passadas. (TRAQUINA, 2005, p. 21)

Em vista disso, um dos veículos utilizados pelos jornalistas para desenvolver essas estórias é o livro-reportagem, proposto como peça prática deste trabalho. Dada a escolha por essa plataforma, para documentar o desenvolvimento do jornalismo regional a partir das experiências de Altino Correia, fez-se necessário o estudo e a conceituação de suas particularidades:

Entendendo a reportagem como a ampliação da notícia, [...], o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. (LIMA, 2004, p. 26)

O livro-reportagem é, ao mesmo tempo, um gênero literário e jornalístico, cuja função é oferecer informações aprofundadas sobre fatos ou situações de relevância social. Ele exerce um papel extensor do jornalismo cotidiano ao preencher as lacunas deixadas pela imprensa convencional, eliminando, ainda que parcialmente, o aspecto efêmero da mensagem praticada na atualidade (LIMA, 2004). Além disso, é um veículo que se desprende de princípios antigos dispostos na base do jornalismo tradicional. Um deles, por exemplo, declara que o jornalismo deve apenas abordar aquilo que é atual.

O jornalismo diário cumpre uma rotina de produção com prazos definidos, a fim de prestar informações de maneira breve, clara e objetiva. Nem sempre há tempo e espaço para uma abordagem interpretativa da notícia. Por isso, os profissionais buscam no livro-reportagem a oportunidade de trabalhar assuntos até então pouco explorados, conforme explica Lima (2004, p. 33-34):

[...] o livro-reportagem, [...], é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade.

Ainda que apresente características iguais na essência e que não fogem do padrão verificado em toda mensagem jornalística, o livro é um veículo revestido de atributos específicos. Essas singularidades concedem-lhe uma maneira particular de fazer jornalismo. Dessa forma, também é atribuído ao produto o papel reciclador da prática jornalística, “[...] porque ousa incorporar contribuições conceituais e técnicas provenientes de áreas como a literatura e a história”. (LIMA, 1993, p. 7-8)

Segundo Lima (1993), o livro-reportagem rompe com dois carrascos conceituais presentes nas redações. O primeiro diz respeito à atualidade, que tem duração curta e representa um corte momentâneo, na tentativa de flagrar os acontecimentos e relatá-los o mais rápido possível. “Em outras palavras, a memória do jornalismo é rasa, seu nível de mergulho na realidade é quase sempre superficial.” (LIMA, 1993, p. 18-19). Ao lado da atualidade, encontram-se os limites impostos pela periodicidade, definida como o “[...] compromisso da imprensa em colocar no mercado o seu produto cultural – o jornal, a revista, o noticiário de rádio ou televisão – a intervalos perfeitamente regulares”. (LIMA, 1993, p. 20)

Ao contrário do que é proposto por esses elementos, Belo (2006) explica que a imersão intensa nos fatos, personagens e situações constitui-se de uma das características fundamentais do livro enquanto veículo jornalístico. Assim, subentende-se a clara intenção desse instrumento em esgotar o tema ou, pelo menos, aproximar-se disso.

Para Lima (2004), a fusão do livro-reportagem com o jornalismo é entendida por meio da chamada ordem hierárquica da Teoria Geral dos Sistemas, formulada por Ludwig Von Bertalanffy. Segundo essa teoria, a realidade é constituída por um conjunto de realidades superpostas em vários níveis, com interligações entre si. A partir disso, a análise de um sistema requer um exame tanto do ponto central desse conjunto, quanto do ambiente que o cerca.

Nesse sentido, o autor (LIMA, 2004, p. 39) concebe o livro-reportagem como um subsistema híbrido ligado ao sistema jornalístico, em primeiro plano, “[...] por incorporar elementos procedentes do jornalismo – os próprios autores, sua

narrativa por excelência, que é a reportagem, seus recursos técnicos”, e ao sistema editorial, em menor escala.

Enquanto subsistema do jornalismo, cabe ao livro-reportagem “[...] *informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas [...]*.” (LIMA, 2004, p. 39, grifo do autor). Esse aprofundamento do fato se dá em dois sentidos: extensivo (ou horizontal) e intensivo (ou vertical), ou na combinação de ambos. No primeiro caso, os números e detalhes enriquecem a narrativa e fazem com que o leitor aumente quantitativamente a taxa de conhecimento sobre o tema. Já no segundo, as informações ampliam qualitativamente o conhecimento, indicando causas, consequências, efeitos e repercussões do assunto. Neste plano, ocorre a real compreensão do tema, uma vez que é inserido no contexto contemporâneo.

Desvinculado das práticas tradicionais, o livro-reportagem oferece um conjunto de liberdades que, segundo Lima (2004), permitem uma abordagem mais ampla de assuntos que “escapam” à imprensa cotidiana. Entre elas, tem-se a liberdade temática – proporciona o resgate de temas não tratados pela mídia ou que o foram de maneira superficial –, liberdade de angulação – o autor tem presença marcante na obra –, liberdade de fontes – abre a possibilidade para que outras versões sejam ouvidas e não apenas àquelas comumente utilizadas no dia a dia –, liberdade temporal – o relato não fica restrito à cobertura da atualidade, facilitando o resgate de questões contemporâneas –, liberdade do eixo de abordagem – extrapola a factualidade ao propor mergulhos em situações e questões do acontecimento –, e liberdade de propósito – trata-se do resultado da combinação dos tipos de liberdade, conferindo ao livro a capacidade de ascender aspirações e promover reflexão.

Conforme Belo (2006), alguns requisitos são necessários para que uma reportagem alcance o *status* de livro, como o caráter não perecível ou de maior durabilidade do assunto. “A concepção de um livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial, de modo a fazê-lo permanecer como objeto de interesse por muito tempo”. (BELO, 2006, p. 42)

Existem dois grupos de livro-reportagem, de acordo com Lima (2004). No primeiro, a obra tem origem a partir de uma série de reportagens independentes ou de uma publicação única, enquanto no segundo, ela é pensada previamente como livro, nascendo de um projeto elaborado para tal formato.

O autor (LIMA, 2004, p. 26) ainda traz uma definição do que venha a ser livro, com base no *Dicionário de comunicação*, de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa: “Publicação não periódica que consiste materialmente na reunião de folhas de papel impresso ou manuscritas, organizadas em cadernos, soltas ou presas por processo de encadernação e técnicas similares”.

Para diferenciar-se do folheto, a edição desse produto apresenta exigências quanto ao número de páginas. Segundo as normas da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), “[...] uma obra precisa ter no mínimo 48 páginas impressas para ser considerado livro, no Brasil”. (BELO, 2006, p. 42)

Além disso, para Lima (2004), três condições essenciais distinguem esse produto das demais publicações classificadas como livro: conteúdo, tratamento e função. Quanto ao conteúdo, seu objeto de abordagem corresponde ao real, seja uma ocorrência social já definida ou uma situação mais ou menos perene, retratando um estado de coisas, mas sem equivaler necessariamente a um acontecimento central. A apresentação de assuntos verdadeiros e verossímeis é fundamental.

Em relação ao tratamento, o livro-reportagem deve priorizar o caráter jornalístico nos sistemas linguístico e analógico (ilustrações, fotografias, charges, cartuns) empregados. No plano linguístico, obedece às peculiaridades da linguagem jornalística, regida pelo equilíbrio entre a comunicação eficiente (norma culta) e a aceitação social, composta por palavras e expressões cabíveis ao registro coloquial e também ao formal (LIMA, 2004). Verifica-se, portanto, mais maleabilidade quanto ao estilo utilizado nos veículos convencionais.

No que versa sobre a função, o livro atém-se muito às finalidades inerentes ao jornalismo, que tem como objetivo informar, orientar e explicar. Dessa forma, ele pode ser conduzido pelos mais variados gêneros jornalísticos, como o jornalismo informativo arredondado, com o aprofundamento extensivo da narrativa; o jornalismo opinativo, partindo para a defesa de um conjunto de princípios; o jornalismo interpretativo, ao buscar uma abordagem multiangular do assunto; o jornalismo investigativo, voltado à denúncia; e o jornalismo diversional, que propõe uma aparência mais romanesca aos fatos e personagens (LIMA, 2004).

De acordo com Lima (2004), há diversas categorias<sup>1</sup> de livro-reportagem, distintas conforme a linha temática e o estilo de narração que apresentam. A classificação dos grupos existentes segue um critério baseado na associação intrínseca de dois fatores: “[...] o objetivo particular, específico, com que o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade, e a natureza do tema de que trata a obra”. (LIMA, 2004, p. 51)

A partir disso, as pesquisadoras buscaram trabalhar as características da categoria livro-reportagem-biografia, cunhada por Lima (2004). Esse grupo é uma variante da modalidade livro-reportagem-perfil. Nesse caso, o ponto central da obra encontra-se em torno da vida, do passado e da carreira de um indivíduo, com menor destaque no presente (LIMA, 2004).

No Brasil, segundo Belo (2006), verifica-se que boa parte da produção de livro-reportagem está relacionada às biografias que, em sua maioria, são encomendadas ou escritas por jornalistas.

É o subgênero mais popular, até pelo desejo natural que o ser humano tem de conhecer a vida das pessoas públicas, em especial aquelas rotuladas como vencedoras ou que tenham por alguma razão não necessariamente positiva, alcançado a notoriedade. (BELO, 2006, p. 61)

A biografia é um gênero literário de não-ficção. A palavra provém dos termos gregos *bios*, que significa “vida”, e *graphein*, “escrever”. O vocábulo parece ter sido empregado, pela primeira vez, como “relato de vidas” cerca de 500 d.C., em Damásio (BORGES, 2010, p. 204).

De acordo com Borges (2010), o nascimento da biografia é atribuído ao mundo grego antigo, quando surgem os primeiros sinais de interesse sobre a história de uma vida. No decurso de aproximadamente dois mil anos, escritores sustentaram uma visão peculiar sobre esse tipo de relato:

[...] as histórias ‘das vidas’ (termo usado então pelos autores) serviam, desde o mundo greco-romano, para dar exemplos morais, negativos ou positivos – muitas vezes constituindo os panegíricos. Essa chamada biografia clássica punha um acento muito maior no caráter político, moral ou religioso do biografado do que em sua pessoa, em sua singularidade (BORGES, 2010, p. 205).

---

<sup>1</sup> Lima (2004) propõe diferentes classificações de livro-reportagem, entre elas encontram-se: perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, epopeia, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem.

Na Idade Moderna, entre os séculos XVII e XVIII, a definição de biografia ganha novos contornos. A concepção que se tem hoje corresponde ao livro *Life of Samuel Johnson LL.D* (Vida de Samuel Johnson LL.D), de James Boswell, publicado em 1971. A obra compreende o emprego de novos métodos de investigação, respaldados na relação instituída entre biógrafo e biografado. Naquele momento, a preocupação era conter discursos de elogio e revelar a verdade, “[...] com a dramatização de diálogos a partir de documentação e inúmeras entrevistas com personagens variados”. (BORGES, 2010, p. 205)

Conforme Pena (2006), a biografia é a vertente do jornalismo literário que trata da narrativa sobre a história de vida de um personagem, responsável por conduzir todo o enredo. São vistos como biografias variados tipos textuais, desde uma nota encontrada em dicionários referente à determinada personalidade, até relatos observados em produtos audiovisuais, como os documentários.

Sobre esse assunto, Vilas Boas (2002, p. 18) complementa que “[...] biografia é a compilação de uma (ou várias) vida(s)”. Seu maior objetivo é fornecer conhecimento sobre o passado de alguém ou de alguma coisa. Livros desse gênero não são produzidos para satisfazer circuitos fechados de especialistas. Toda captação, seleção e interpretação realizada pelo biógrafo resultam em um produto também social, documento de resgate do passado de alguém.

A biografia pode existir de diferentes formas, “[...] desde um rápido (ou não) percurso da vida do biografado [...] até o tipo mais ambicioso, como ‘um mergulho na alma’ do biografado.” (BORGES, 2010, p. 212-213). Os modelos distinguem-se quanto à finalidade e ao grau de elaboração. Posto isso, o presente trabalho propôs a realização da biografia dita “literária”, que tem preferência narrativa e finalidade histórica, a partir da análise de documentos numerosos e diversificados.

O livro-reportagem ainda é visto como uma prática jornalística e literária com capacidade de acolher a seguinte hipótese apresentada por Vilas Boas (2002, p. 20): “[...] biografias têm enfoque humano pela via da escrita impressa, mas algumas possuem elementos jornalísticos, como o compromisso com os fatos (passado) e com a clareza (acessibilidade)”. Ainda segundo o autor, esse instrumento possibilita a aproximação do jornalismo à biografia. Além de também colocar o jornalismo como prosa de apreciação, contíguo a crítica e biografia. “Na

crítica, aprecia-se uma obra; na biografia, as pessoas; o jornalismo aprecia os acontecimentos”. (LIMA, 1960, p. 21 apud VILAS BOAS, 2002, p. 79)

De acordo com Pena (2006), duas categorias compõem o discurso biográfico: tempo e memória. Recorrer à memória permite com que antigos modos de vidas e experiências sociais sejam lembrados. A partir disso, o relato biográfico busca organizar de maneira cronológica os acontecimentos que ressurgem, a fim de estabelecer uma sequência com significado e direção, isto é, uma história que contenha início, meio e fim. E é justamente essa ordenação dos fatos, ao reconstituir o passado, que contribui com o sucesso das biografias no mercado editorial (PENA, 2006).

A escolha do biografado, geralmente, dá-se por motivos de afinidade entre o autor e determinado personagem. A decisão também decorre de um conjunto de condicionantes, conforme acredita Vilas Boas (2002, p. 18):

Os biógrafos tendem a preferir biografar um indivíduo (bandido ou herói) que ao menos mereça o seu respeito e estimule sua capacidade individual de investigação. Evidentemente, outros fatores entram no conflitante jogo da criação biográfica, como o mercado, as preferências centrais do autor, sua relação com o personagem central, entre outros.

Assim sendo, o grupo identificou, ao longo da pesquisa, justificativas que certificam a importância de Altino Correia enquanto personalidade a ser biografada. Essa definição fundamenta-se a partir dos mais de 60 anos de carreira do jornalista, com matérias assinadas em veículos locais e nacionais, na condição de repórter e, sobretudo, correspondente regional, função extinta na imprensa atual.

Na opinião de Vilas Boas (2002, p. 37), a progressiva demanda pela publicação de biografias no Brasil e no mundo apresenta perspectivas variadas. “Primeiramente, o interesse do leitor demonstra que o indivíduo tem importância, o que significa restaurar, nesta complexa era digital, o ser humano preso na vasta rede de forças impessoais que estão além de seu controle”.

Sobre o problema, Borges (2010, p. 209-210) complementa que, na atualidade, o interesse pelo gênero pode ser explicado a partir da conexão entre dois eixos: os movimentos da sociedade e a expansão das ciências que estudam o homem enquanto ser social. No primeiro, há a discussão sobre as relações entre o homem e a sociedade, com destaque à conquista por espaço e à liberdade. Além disso, verifica-se o estímulo da mídia à curiosidade sobre a vida alheia, isto é, “[...]”

quer-se ‘consumir a vida dos outros’, próximos e longínquos [...]”. Quanto ao segundo eixo, nota-se contestação a conceitos genéricos e predeterminados, e um favorecimento pela experiência.

Esse gênero narrativo se tornou conhecido mundialmente e faz parte do dia a dia de muitas pessoas. Com base no que Vilas Boas (2002) discorre, livrarias e bibliotecas respeitáveis em todo mundo destinam espaços especiais às biografias. Em Nova York (EUA), por exemplo, de 1984 a 2010, existiu uma livraria totalmente dedicada a essas obras – a *Biography Bookshop*.

Conforme acredita Stephen B. Oates, citado por Vilas Boas (2002), as pessoas leem biografias pela satisfação de se projetar em outras vidas, diferentes tempos, outros destinos e, depois dessa viagem, poder retornar ao presente. “É como se o leitor se deliciasasse com o fato ‘de não estar sozinho no mundo’, de poder compartilhar sua própria história com outra pessoa, não importando a época”. (VILAS BOAS, 2002, p. 37)

Os jornalistas que alcançam as listas de livros mais vendidos, em geral, escrevem não-ficção (COSTA, 2005). As obras se tornam verdadeiros *best-sellers*, como a biografia *Olga*, escrita por Fernando Morais que, desde o lançamento em 1985 até o início de 2004, permaneceu no topo da lista ao vender 400 mil exemplares, segundo dados da editora *Companhia das Letras*. Em segundo lugar ficou *Chatô: o Rei do Brasil*, com 205 mil exemplares, e em terceiro, *Corações Sujos*, com 65 mil exemplares. Segundo Costa (2005), observa-se a visível existência de um maior interesse do público pela não-ficção produzida por jornalistas – biografias, grandes-reportagens, depoimentos, memória, história. Dados de 2008, mencionados por Souza (2008), indicavam que a biografia era o segmento do mercado editorial mais lido dentre a literatura de não-ficção. Vilas Boas (2002) esclarece que, no Brasil, jornalistas começaram a se dedicar à escrita biográfica na década de 1990.

Jornalistas importantes que se tornam biógrafos trazem para sua nova ocupação características já prontas que, para os acadêmicos especializados, surgem com menos naturalidade: eles já sabem obter informação difícil, considerada sigilosa, sobre uma variedade de assuntos a partir de agências governamentais e instituições particulares; convencer fontes relutantes a falar; escrever de forma clara para leitores de todos os níveis e não só para acadêmicos; utilizar o processador de texto antes de vencer o prazo final para entrega do trabalho. (WEINBERG, 1992, p. 3 apud VILAS BOAS, 2002, p. 26)

Em entrevista cedida a Vilas Boas, em 2001, Jorge Caldeira, autor da obra biográfica *Mauá: empresário do império* (1995), acredita que a entrada de profissionais do jornalismo no campo da biografia possibilitou a quebra do paradigma de que esse gênero só pode ser escrito por historiador. Porém, mesmo tendo facilidade natural com a pesquisa, o jornalista precisa aprender a pesquisar, assim como o historiador precisa aprender a narrar (VILAS BOAS, 2002).

Para Vilas Boas (2002), os contratos autorais se configuram como o segredo que todo escritor biográfico precisa para abrir ou fechar arquivos, limitar ou facilitar o ato interpretativo. Cada biografia requer um acordo diferente. O autor (VILAS BOAS, 2002) agrupa tais contratos em quatro categorias: biografias autorizadas, independentes, encomendadas e ditadas. O livro-reportagem definido como prática deste trabalho se enquadra no grupo das biografias autorizadas, que corresponde às obras “[...] escritas e publicadas com o aval e eventualmente com a cooperação do biografado e/ou de seus familiares e amigos.” (VILAS BOAS, 2002, p. 48).

Com isso, o acesso aos documentos pessoais, correspondências e diários da personalidade biografada é facilitado. Ademais, o biógrafo garante liberdade para conversar e entrevistar familiares, amigos, profissionais e quem mais se disponibilizar a enriquecer o trabalho (VILAS BOAS, 2002). Assim sendo, as pesquisadoras foram autorizadas para explorar documentos, acervos e materiais do jornalista, como também entrevistar personagens que fizeram e fazem parte de seu convívio pessoal e profissional. A autorização foi concedida pelo jornalista Altino Correia mediante assinatura do termo de participação deste trabalho e de cessão de uso de imagem e de voz (APÊNDICE B).

No final do século XIX, os biógrafos foram muito questionados por críticos literários sobre “o quê” e “quanto” deveria ser revelado no que diz respeito à vida privada do biografado. Foi colocado em debate quais os direitos que o personagem retratado possuía em relação à obra e “[...] se deveria encobrir com um véu lapsos morais e atitudes fúteis”. (VILAS BOAS, 2002, p. 35)

Para sua execução, Vilas Boas (2002) considera que a biografia tem a autorização de emprestar e tomar emprestado diversos instrumentos da história, da sociologia, da psicologia e do jornalismo. Dessa forma, cada área pode complementar a outra. Uma das fontes indispensáveis para assimilar o fazer

biográfico, citadas pelo autor (VILAS BOAS, 2002), é a historiografia, que contempla a pesquisa, documentação, interpretação e recursos narrativos.

Segundo Rémond (1996), a História tem como objeto principal a observação das mudanças que atingem a sociedade. Sua missão é sugerir explicações para as transformações ocorridas. De modo a acrescentar, o autor (RÉMOND, 1996, p. 17) explica que o ofício do historiador é “[...] interrogar-se sobre o sentido dos fatos, enquanto sua especificidade reside, em consequência disso, numa atitude interrogativa, e seu papel é formar hipóteses explicativas [...]”.

A biografia e a História durante muito tempo foram consideradas opostas, sem qualquer relação de complementaridade. O afastamento entre os conceitos, de acordo com Levillain (1996, p. 145), ocorreu em virtude de uma herança da historiografia grega, “[...] que situava a História do lado dos acontecimentos coletivos e colocava a biografia à parte, como uma análise dos fatos e gestos de um indivíduo cujo sentido era sugerido pelo autor”. Posto isso, Levillain (1996, p. 145) ainda completa:

Curtas notícias biográficas podiam entrar na História. Mas a História não podia caber inteira numa biografia. História e biografia divergiam aliás para os gregos em seu próprio modo de expressão: narrativo para a História destinada a mostrar a mudança; descritivo para a biografia dedicada a celebrar ou a estudar a natureza do homem, tarefa que a História de bom grado lhe deixava.

Em contrapartida, na contemporaneidade, a biografia é tida como fonte de conhecimento a respeito da própria História. Nesse sentido, o pretexto mais exato para a leitura de obras desse gênero apoia-se no interesse de se conhecer uma personalidade, como também a época, os espaços e a sociedade na qual ela esteve inserida.

Ao se ler sobre a biografia, percebe-se de imediato quantas áreas importantes da História se cruzam ou mesmo se confundem, quantos temas estão contidos ou próximos da biografia: a micro-história, os estudos de caso; a História oral, as histórias de vida; os trabalhos sobre vida cotidiana, sobre sensibilidade, sobre sociabilidade. Também a discussão sobre memória, sobre geração, sobre família, sobre gênero são de grande interesse para quem precisa entender uma vida individual. (BORGES, 2010, p. 215)

Portanto, é possível compreender o papel do livro-reportagem-biográfico, peça prática deste trabalho, enquanto ferramenta do jornalismo não-

periódico, o qual viabiliza o aprofundamento das informações a partir do gênero da reportagem e também das técnicas propostas pelo jornalismo literário.

### 3.1 Reportagem

Um novo conceito de jornalismo chega aos profissionais, em 1960, até então acostumados com as velhas diretrizes<sup>2</sup> do jornalismo convencional. Com a novidade, conhecida como *New Journalism*, os jornalistas passam a praticar o jornalismo interpretativo. Nesse período, as revistas semanais de informação geral ganham vida e atrelado a isso, “[...] a reportagem começa a se esboçar definitivamente no jornalismo”. (LIMA, 2004, p. 18)

O surgimento da reportagem deu-se ao mesmo tempo que escritores de folhetins e jornalistas sentiram a necessidade de aprimorar a escrita da língua, ao introduzir invenções léxicas e gramaticais do povo. “Descobriu-se a importância dos títulos, que são como anúncios do texto, e dos furos, ou notícias em primeira mão”. (LAGE, 2003, p. 15)

No Brasil, João Paulo Alberto Coelho Barreto, conhecido pelo pseudônimo João do Rio, é apontado como o descobridor do gênero reportagem, após escrever e publicar uma série de textos, denominada *Reportagens: As religiões no Rio*, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, em 1904. Para a produção das matérias, o repórter percorreu centros de diferentes religiões, empregou técnicas inusitadas para a imprensa da época e seus personagens eram pessoas comuns do cenário urbano. Na visão de Jorge (2008), a criação de João do Rio já nasceu com todas as características do gênero, sendo elas:

[...] humanização: individualiza o fato social através do uso de personagens; contexto social: as personagens tratam de questões sociais que inquietam a sociedade; reconstrução histórica: ao contrário da criação livre em cima dos fatos, de textos rebuscados e pouco densos em informação, situações vivas e remissão histórica. (JORGE, 2008, p.68-69)

---

<sup>2</sup> De acordo com Lima (1993), entende-se por velhas diretrizes o modelo proposto pelo jornalismo convencional, seguido nas redações, em que a atualidade e a periodicidade constituem-se em suas principais características. Lima (1993) faz uma crítica ao modelo, pois, para atender a periodicidade exigida, há a necessidade de se produzir informações em curtos intervalos de tempo, o que torna o conteúdo superficial, ao noticiar apenas aquilo que é factual. Dessa forma, esse padrão limita-se a responder às perguntas básicas do *lead*, com o emprego da técnica conhecida como pirâmide invertida.

Com base nas características apontadas, torna-se possível conceituar a reportagem, entendida por Pena (2005) a partir do pensamento de dois autores: João de Deus Corrêa e Nilson Lage. Para Pena (2005, p. 75), nas palavras de Corrêa, trata-se de um “[...] relato jornalístico temático, focal, envolvente e de interesse atual, que aprofunda a investigação sobre fatos e seus agentes”. Enquanto isso, baseado em Lage, Pena (2005) concebe a reportagem enquanto combinação entre o interesse do assunto e o maior número de dados que compõe um todo compreensível e de grande abrangência.

No sentido geral, Jorge (2008) define esse gênero como a informação situada no campo do jornalismo informativo, que contém o relato de um fato de interesse coletivo, colhido por meio de testemunhas ou na fonte por um jornalista ou sua equipe. Basicamente, corresponde à notícia ampliada, oferecida ao público de forma especial por meio dos veículos jornalísticos. Dessa forma, a reportagem tem a notícia como ponto de partida; caso contrário, deixa de ser um gênero noticioso.

Alguns estudiosos ainda conceituam a reportagem com base nas diferenças verificadas em relação à notícia. Segundo Lima (1993), o jornalismo tem a notícia como ferramenta básica para o relato, uma forma de se comunicar a partir da condensação dos acontecimentos sociais. No entanto, determinados assuntos pedem um tratamento mais atencioso e aprofundado.

[...] o jornalismo desenvolveu, ao longo do tempo, uma forma de mensagem mais rica, cujo teor procura redimensionar a realidade sob um horizonte de perspectivas onde não raro existem várias dimensões dessa mesma realidade. Essa forma é a reportagem. (LIMA, 1993, p. 10)

Para essa diferenciação, Oswaldo Coimbra (1993) cita Cremilda Medina, que considera o tempo de ação e o processo de narrar como fatores que distinguem a notícia da grande-reportagem. “A reportagem, para Medina, amplia uma simples notícia de poucas linhas, aprofundando o fato no espaço e no tempo, e esse aprofundamento do conteúdo informativo se faz numa abordagem estilística.” (COIMBRA, 1993, p. 9). Nesse caso, o tipo de linguagem utilizado é mais envolvente e o jornalista não apresenta somente os fatos, mas cativa o leitor com um texto mais solto e aprofundado.

Sendo assim, a reportagem tem caráter de aprofundamento, o que é justamente uma das maiores dificuldades enfrentadas por esse gênero jornalístico.

Conforme Lima (2004), em muitos casos, a reportagem limita-se apenas a mostrar as causas e os efeitos, ignorando os fatores que ocasionaram os fatos relatados e os seus antecedentes. Isso acontece quando os jornalistas acreditam que esse “mergulho” na história nada tem a ver com a atividade que eles desempenham, já que o jornalismo preza pela informação nova e atual.

O sentido de qualquer realidade só pode ser obtido quando conseguimos elevá-la a um patamar superior a ela própria e, sob um quadro mais amplo de referências, examiná-la. Isso significa, em termos sistêmicos, confrontar o segmento de realidade sob escrutínio com o panorama amplo da ordem hierárquica onde se insere. [...] Quanto mais o jornalista se prende, em sua matéria, ao círculo central da dimensão espacial do acontecimento que aborda, quanto mais se limita ao círculo temporal do presente, tanto menos terá chance de encontrar o sentido desse acontecimento. Justamente porque o sentido – ou seja, o rumo, a direção – de um acontecimento manifesta-se no tempo presente, como efeito do passado, como evolução para o futuro, e seu significado – o que representa e para quem – só pode ser obtido quando identificadas as relações que estabelece com os demais níveis hierárquicos. (LIMA, 2004, p. 320-321)

Em relação à questão temporal da informação, Pena (2005, p. 39) complementa que a informação nova nem sempre quer dizer recente. “O velho por ser atual e vice-versa. A temporalidade não se refere ao fato, mas à forma como é transmitido, ou melhor, mediado”.

Ainda na busca por um conceito que diferencie a reportagem da notícia, Pena (2005) apresenta a definição de Marques de Melo. O autor (PENA, 2005) propõe uma distinção a partir da progressão dos acontecimentos narrados, classificando a notícia como o relato de um acontecimento que já emergiu na sociedade e a reportagem como a ampliação do relato de um evento que já repercutiu no organismo social.

Para Lage (2003), que se preocupa mais com questões relativas ao texto, a notícia foca suas coberturas em um fato ou em uma série de fatos, enquanto a reportagem realiza o levantamento sobre uma temática por meio de um ponto de vista definido.

Nesse sentido, Lima (2004) acrescenta que, na visão de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, esse gênero jornalístico tem o compromisso de humanizar o relato, evidenciar a forma narrativa, ter natureza impressionista e narrar os fatos com objetividade. Ainda de acordo com Sodré e Ferrari (apud LIMA, 2004), devido às possibilidades em que a reportagem se apresenta, é possível identificar diversos

tipos. Entre eles, três modelos destacam-se como fundamentais: a reportagem de fatos, de ação e documental. No primeiro, o relato dos fatos cumpre o padrão proposto pela pirâmide invertida, na qual os acontecimentos são narrados conforme a ordem de importância, do maior para o menor. Já no segundo, a reportagem se inspira em um filme, de forma que o evento é relatado com dinamicidade, começando pelo mais atraente e, aos poucos, expondo os detalhes. Enquanto isso, o terceiro utiliza de citações para esclarecer e complementar o assunto em questão, por meio de dados que garantam fundamentação ao conteúdo.

Pena (2005) apresenta seis modelos de reportagem, com base nas definições feitas por João Corrêa de Deus, que as explica a partir de suas constatações jornalísticas. Sendo elas, de ação, documental, monotemática, polêmica, de fatos e de perfil. Dentro desses, dois modelos se adequam no presente trabalho: a reportagem de perfil, que busca apresentar a imagem psicológica de uma pessoa, pelo seu depoimento e de pessoas próximas, como familiares e amigos; e a reportagem documental, que investe na demonstração documental do tema abordado, incluindo transcrições de depoimentos e documentos que dão credibilidade e comprovam as argumentações ou informações expostas.

A reportagem ganha forma à medida que o jornalismo busca ampliar os fatos e trazer ao receptor os variados ângulos de um acontecimento. Porém, temas de grande interesse público não encontram nos periódicos o espaço que merecem. Dessa forma, a ampliação de uma notícia simples em algo de significativo impacto, que foge completamente do modelo tradicional da pirâmide invertida, recebe o nome de grande-reportagem: “[...] aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade.” (LIMA, 2004, p. 18). Dessa forma, os jornalistas encontram no modelo de reportagem em forma de livro uma nova possibilidade dentro do jornalismo atual. Espaço onde podem abusar de sua capacidade de criação ao construir o seu relato, fugindo dos modelos de produção das redações.

Ademais, Lima (2004) explana sobre a grande-reportagem. De acordo com o autor, essa classificação é conquistada quando existe uma busca significativa para um entendimento mais extenso do assunto em foco. Posto isto, o grau de aprofundamento é extensivo e intensivo.

Em particular, ganha esse *status* quando incorpora à narrativa elementos que possibilitam a compreensão verticalizada do tema no tempo e no espaço, ao estilo do melhor jornalismo interpretativo, sobretudo aquele praticado na imprensa norte-americana, onde essa modalidade de informação aprofundada da contemporaneidade adquire, nos melhores casos, qualidade compatível com a proposta de leitura ampliada do real. (LIMA, 2004, p. 24, grifo do autor)

Nesse contexto, o jornalismo interpretativo faz parte da narrativa da reportagem e da grande-reportagem, por isso será explorado na produção do livro-reportagem, peça prática deste trabalho. Esse estilo jornalístico interpretativo não opina de maneira direta, mesmo assim auxilia na formação de opinião. Dessa forma, busca inserir informações, acima de tudo históricas, nos relatos de acontecimentos recentes, proporcionando uma ponte entre os fatos. “[...] é garantir que o leitor tenha dados suficientes, com o máximo de objetividade, para chegar a um resultado plausível com base no que acabou de ler”. (BELO, 2006, p. 46)

Conseqüentemente, quanto mais precisa e detalhada uma reportagem, melhor a sua qualidade e entendimento pelo público. Entretanto, Belo (2006) ainda afirma que esse objetivo necessita de um empenho longo e árduo durante o processo de apuração, tendo em vista exemplos do melhor jornalismo, em que é necessário se atentar aos detalhes e ter capacidade para interpretar dados e interligar os fatos.

Em relação ao processo de construção de uma reportagem, Lima (1993) detalha as etapas pelas quais o profissional deve passar até a finalização do trabalho, começando pela pauta e seguindo pela captação, redação, até chegar à última etapa, o momento da edição. No caso da escolha da pauta, essa deve ser pensada de forma diferente de quando é planejada para um jornal, por exemplo. O autor (LIMA, 1993) ainda sustenta a ideia de que quando se trata de um livro, a pauta pode ser mais solta, justamente por não possuir a preocupação com a periodicidade, comum aos outros veículos de comunicação.

Logo, a produção de uma reportagem exige outro nível de planejamento. O primeiro passo é transformar a ideia inicial em um plano de trabalho, momento em que é elaborada a pauta, que segundo Lage (1999), deve indicar a forma de abordagem do assunto, o estilo que será seguido, o tamanho disponível para a publicação, quantidades de ilustrações que terá, o tempo de apuração e até os deslocamentos da equipe. E para tal fim é necessário dispor de dados. Belo (2006, p. 79) ainda complementa a ideia:

Um bom planejamento começa com uma pesquisa preliminar que assegura um conhecimento mínimo, porém sólido, do assunto. Essa pesquisa irá tornar-se, depois, mais extensa e apurada para sustentar a apuração dos temas e a montagem do texto.

Dando continuidade, o autor (BELO, 2006) sustenta a ideia de que não existe reportagem sem pesquisa, além de que uma pesquisa inicial se trata da primeira fase da apuração e ajuda a definir enfoque e o planejamento. É o instante em que o jornalista terá a visão mais ampla dos fatos básicos e as ideias que vão nortear o trabalho, desde as entrevistas até o texto final.

Por conta do volume de informações e o caráter documental, há a exigência com a exatidão e compreensão dos dados, para isso o autor necessita organizar as informações colhidas durante o processo. Belo (2006) explica que é necessário investir em pesquisa e entrevista. O primeiro dá a possibilidade de ter acesso a documentos que fundamentam o conteúdo da obra. Já a entrevista permite captar detalhes, a percepção humana, o caráter psicológico dos personagens e a impressão que os fatos causaram em quem os vivenciou. “Quando se trata de perfis, biografias e narrativas de histórias de vidas, os relatos de quem conviveu com o protagonista são imprescindíveis para enriquecer o texto e dar a ele um aspecto mais humano”. (BELO, 2006, p. 101)

Ao fim, a última etapa da apuração é a checagem, que deve ser igualmente rigorosa. Em toda reportagem, o autor deve conferir todas as informações e detalhes até eliminar qualquer dúvida que surgir, pois o único responsável pelas informações que apura é o jornalista, assim como as consequências do que é publicado.

Portanto, independentemente da plataforma, a reportagem segue a mesma essência, tão comum aos demais gêneros ligados ao jornalismo, e adota fórmulas costumeiras de todo fazer jornalístico, não importa o veículo para qual é destinado. Quando se trata de reportagem, Belo (2006) acrescenta que é necessário intensificar a apuração para obter o maior número de acontecimentos possíveis. A finalidade desse trabalho é apresentar uma história rica em detalhes, além de intensidade na edição, na tentativa de tornar o texto informativo, ao mesmo tempo, denso, linear, correto, agradável e, sobretudo, completo, assim como prevê no jornalismo literário.

### 3.2 Jornalismo literário

Na literatura, a linguagem não é mera figurante, podendo expressar diferentes emoções e ideias a partir dos recursos linguísticos, nos quais é permitido se entregar à fantasia e usar a criatividade para atrair o leitor. Em contrapartida, o jornalismo preocupa-se com os fatos e preza pelo compromisso com a verdade, o que não impede que ele utilize os recursos da literatura para contar uma história.

Além de encarar a linguagem como um *acontecimento estético*, na literatura o componente ficcional é um dos atributos mais encantadores. Durante séculos – antes do advento do cinema, da televisão e da internet – a literatura saciou, de forma hegemônica, necessidades de fantasias dos seres humanos. Nesse sentido, ela participa de uma das atividades mais poderosas e antigas de manifestação da própria civilização humana, a de contar e transmitir histórias. Operando com ‘a vida que poderia ter sido e não foi’, não interessaria a literatura extrair uma verdade factual, mas uma verdade simbólica, ou alegórica. (BULHÕES, 2007, p. 16, grifo do autor)

A narratividade está ligada à necessidade de conhecer o mundo e a realidade. O jornalismo constrói narrativas, o tempo todo, ao reproduzir histórias reais. Nesse sentido, Lima (2004) explica que a narrativa jornalística presta notável contribuição à sociedade, pois “[...] é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, [...], naquela realidade que está sendo desvendada.” (LIMA, 2004, p. 160). Além disso, associa-se à capacidade que um texto apresenta de induzir o leitor ao aprofundamento dos fatos, favorecendo uma melhor compreensão acerca do que está a sua volta.

A junção entre a arte de escrever e a proposta de narrar histórias verídicas está relacionada a uma das principais vertentes da formação histórica do jornalismo literário, em diversos países: a cobertura de guerras. Conforme Lima (2014), nessas atividades, correspondentes de grandes jornais eram enviados aos campos de batalhas. Os profissionais precisavam relatar o que ocorria de forma rápida, em virtude da precariedade da tecnologia e do alto custo das transmissões de conteúdos longos. Contudo, a guerra não é apenas um conjunto de acontecimentos objetivos e, no momento em que o repórter transmite apenas fatos enxutos está, de certo modo, traíndo a verdade contextual das coisas. A forma encontrada por profissionais que se opunham a isso foi o texto literário.

O jornalismo buscou na literatura uma forma de se libertar das regras impostas pelo modelo convencional da pirâmide invertida, ao propor a potencialização dos recursos jornalísticos, bem como “[...] ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos e proporcionar visões amplas da realidade.” (PENA, 2006, p.13). Sendo assim, a periodicidade e a atualidade, características presentes na imprensa contemporânea, são rompidas com o emprego do gênero literário. A novidade passa a não ter a mesma importância que normalmente teria e o jornalista não se prende mais ao *deadline*, visto que pode usufruir de um tempo maior para a construção do material. Por meio da literatura, o profissional dispõe de várias formas para se contar uma história.

De acordo com Pena (2006), a preocupação do jornalismo literário é contextualizar a informação da forma mais abrangente. A proposta é relacionar os fatos, comparando-os às diferentes abordagens. Assim, intenta-se localizá-los em um espaço temporal de longa duração, já que uma obra desse gênero não pode ser efêmera ou superficial, pois permanece por gerações.

Ao invés de relatar apenas sobre a ocorrência de um fato, o jornalismo literário procura inserir o leitor nos acontecimentos de forma sensorial por meio das observações do repórter. Segundo Lima (2014), o compromisso do texto deve ir além do simples relato de um episódio, transmitindo a informação de modo que desperte sentidos e provoque emoção em quem lê. Mais do que reproduzir uma ordem sequencial de fatos, essa vertente reconstitui o clima de como os acontecimentos se sucederam. As situações são retratadas com dinamismo próprio e os sujeitos do caso ganham vida.

[...] a saída para a renovação estilística do jornalismo, para sua renovação como força capaz de comunicar e permanecer, pelo menos no caso da grande-reportagem, transita pela aproximação às formas narrativas das artes. O próprio texto jornalístico deve aumentar seu escopo como narrativa, rejuvenescê-lo. Narrativa, aqui, entendida como o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato. (LIMA, 2004, p. 138)

A literatura está presente no jornalismo desde os séculos XVIII e XIX. Nessa época, escritores de prestígio dominavam as redações dos jornais e determinavam a linguagem e o conteúdo das publicações. Além do mais, produziam suplementos literários e os folhetins, que eram a grande atração da população na

época. Pena (2006) relata que o estilo discursivo desses produtos alcançou muito sucesso entre as classes mais populares, proporcionando visibilidade aos autores das matérias. Com isso, as vendas dos jornais foram impulsionadas, o que resultou no aumento das tiragens e, conseqüentemente, em preços menores e um maior número de público leitor.

Ainda segundo o autor (PENA, 2006), o folhetim foi o responsável por marcar a união entre o jornalismo e a literatura. De um lado, escritores queriam ser lidos, mas eram impedidos por conta do alto preço dos livros; de outro, jornais tinham a necessidade de vender. A solução encontrada para essa questão foi publicar os romances nos jornais em forma de capítulos, com o objetivo de cativar o leitor e fazer com que ele se interessasse pela continuação da história.

Conforme Bulhões (2007), os folhetins foram os precursores da fotonovela, do cinema narrativo e das teledramaturgias. Pena (2006) complementa que umas das características desse produto era o chamado *plot*, que corresponde ao ponto de virada do roteiro. Desse modo, as histórias eram publicadas em fascículos e sempre encerravam de forma a deixar o leitor curioso para saber sobre o desenrolar dos acontecimentos, garantindo a venda do próximo jornal. Outro aspecto que contribuía para o sucesso do gênero trata-se do estilo de linguagem, sempre com o cuidado de ser simples e acessível a todas as classes sociais.

No Brasil, a primeira manifestação do jornalismo literário, em uma versão primitiva, ocorreu por meio de Euclides da Cunha, que foi designado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, como correspondente na última expedição contra Canudos, em 1897. Enquanto os demais profissionais se limitavam a acompanhar a tropa e a ouvir apenas os líderes republicanos, Euclides abandonou a visão oficial e passou a pesquisar, observar, interagir com o povo e, por fim, produzir uma narrativa mais realista.

Apesar da importância histórica do pioneirismo de Euclides da Cunha, foi necessária a atuação de outra personalidade para que o jornalismo literário brasileiro se desenvolvesse. João Paulo Alberto Coelho Barreto, o João do Rio, ao contrário do primeiro, não cobriu nenhuma guerra, mas abordava temas urbanos. Além disso, dedicava-se ao jornalismo como atividade principal e em paralelo, à literatura.

De acordo com Bulhões (2007), em meados do século XIX, na transição para o século XX, o jornalismo configurava-se em algo lucrativo e

começava a trabalhar como uma indústria de notícias. A ficção já não era o suficiente para garantir a sobrevivência dos periódicos, forçando-os a encontrar um fato novo, que interessasse à população. Nesse contexto, os profissionais não podiam mais ficar esperando as notícias surgirem. Por isso, repórteres começaram a vivenciar a realidade de seus personagens, mesmo que isso durasse semanas e até meses, e passaram a retratar em seus textos os acontecimentos com um olhar diferenciado. Sobre isso, Lima (1993) explica:

[...] não bastava tentar captar o real de maneira linear, lógica. A isso era necessário somar-se a experiência vital de o repórter lançar-se a campo aberto, nos cenários sobre os quais escreveria, para melhor sentir a realidade também no que tem de subjetiva, imaterial. [...] suas reportagens têm calor, vida, rostos, nomes. (LIMA, 1993, p. 46)

Conforme relata Pena (2006), a imprensa pautava-se cada vez mais pela objetividade e concisão, gerando insatisfação entre os profissionais. Dessa forma, o texto seguia o padrão proposto pela pirâmide invertida, respondendo às perguntas essenciais sobre os fatos e seguindo, quase sempre, o mesmo tipo de escrita. Além disso, Souza (2008) afirma que a divisão entre os jornalistas que cobriam os factuais, tidos como notícias quentes, e os repórteres responsáveis pelas pautas frias, compostas por assuntos considerados de interesse humano, promoveu a experimentação de um estilo diferente na construção do texto, no qual havia uma preocupação maior com a estética. Impulsionados, então, pelo desejo de inovar e desprender-se de todas as regras e convenções jornalísticas, os profissionais estadunidenses criaram um novo modelo de jornalismo, que permitia a subjetividade e uma maior liberdade estilística no exercício de contar histórias.

Os Estados Unidos viviam um momento de transformação com o movimento *hippie*, nos anos 60. A juventude questionava valores impostos pela sociedade e buscava um estilo de vida diferente do que era tido como referência, o *American Way of Life* (LIMA, 2004). Entre as mudanças sugeridas pelos jovens, constavam o uso consentido de drogas e a experimentação por uma maior liberdade sexual. O clima da época servia de inspiração para a música, também com reflexos no cinema e nas artes plásticas.

O jornalismo, em meio a isso, passa a não retratar unicamente o que acontecia na sociedade, e sim, a vivenciar essa mesma realidade. “À *objetividade* da captação linear, lógica, somava-se a *subjetividade* impregnada de impressões do

repórter, imerso dos pés à cabeça no real.” (LIMA, 2004, p. 195, grifo do autor). Nesse sentido, é inaugurado um novo estilo de escrita, no qual a observação torna-se essencial, o *New Journalism*.

[...] não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade, presença. Isto é, com mergulho envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver, na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens. Nasce a versão jornalística da *observação participante* moderna [...]. (LIMA, 2004, p. 122-123, grifo do autor)

O *New Journalism* representou um grande avanço em relação aos jornais. Os profissionais depositavam atenção especial ao texto com matérias mais aprofundadas e que, mais tarde, estenderam-se ao livro-reportagem, despertando a atenção do público. De acordo com Belo (2006), o novo modelo ganhou força na década de 1960, quando já havia uma cultura consolidada de grandes-reportagens, presentes em diferentes veículos. “O clima fervilhante da época e o avanço tecnológico dos jornais deram novo impulso à produção de matérias de grande fôlego, muitas delas levadas às páginas dos livros, e reaproximou o jornalismo da literatura”. (BELO, 2006, p. 24)

Lima (2014) considera que o jornalismo literário não se restringe apenas em reproduzir as matérias publicadas pela imprensa cotidiana. Ele precisa contextualizar os fatos e ultrapassar a superficialidade. Dessa forma, o jornalista que trabalha com essa vertente, além de escrever bem, deve estar imerso na realidade que relata, a fim de interpretá-la melhor e, ainda, compreender seus personagens.

A observação participante permitiu ao jornalismo chegar a um nível próximo ao das histórias de ficção, em que são captados os detalhes, hábitos e costumes dos personagens. O *New Journalism* também inovou o estilo de texto jornalístico ao utilizar monólogos para exprimir os pensamentos dos indivíduos, recurso que até o momento só tinha sido utilizado na literatura de ficção.

Num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade. (LIMA, 2004, p. 178)

À vista disso, uma vertente do jornalismo literário será aplicada durante a elaboração da peça teórica deste trabalho: a biografia. Pena (2006) entende o gênero como uma narrativa que trata sobre determinado personagem, enquanto tema central dos acontecimentos. Tudo ocorre em torno de sua história de vida.

Bulhões (2007) complementa que o jornalismo admite uma identidade contrária aos produtos de ficção e fantasia, já que sua matéria consiste na própria vida, “[...] como substância plausível e demonstrável. E a atividade jornalística estará assumindo, pois, cada vez mais o papel de um legítimo conhecedor e registrador de realidades comprováveis e aparentes.” (BULHÕES, 2007, p. 23). Nesse sentido, a história de vida e o legado profissional do jornalista Altino Correia constituem-se como base para a narração sobre o desenvolvimento histórico do jornalismo regional.

Diferentes tipos de narrativas empregadas pelos jornalistas literários, muitas vezes dispostas no mesmo trabalho, encontram no livro-reportagem a oportunidade de um texto de longo curso. Tal fato permite aos autores produzir obras de fôlego, transformando-se em atrativo para a plataforma, dada a diminuição das páginas de revistas e jornais destinadas à reportagem. De acordo com Lima (2014), esse produto continua a desempenhar papel relevante na preservação do jornalismo literário, além de ser considerado como porta de entrada para o gênero, haja vista o número de instituições que dão suporte à produção desse tipo de material.

Mesmo na era digital, que favorece o surgimento dos mais variados ambientes de comunicação, o autor (LIMA, 2014) garante que o jornalismo literário se mantém, adaptando-se ao novo espaço, a partir da experimentação da combinação de sua narrativa com novos recursos tecnológicos.

O jornalismo literário se renova. Segue. Adapta-se. Como sempre fez. Como sempre poderá continuar a fazer. Aproveitado sua essência que transcende o tempo. Pois sua força reside naquela velha, imutável e perene tradição do ser humano adorar histórias, contar histórias, precisar de histórias. Não vivemos sem elas. Essa é a chance de a literatura da realidade honrar sua tradição, em velhos e novos meios. (LIMA, 2014, p. 84)

Verifica-se, portanto, que a literatura está presente no jornalismo. Por meio dela, os autores procuram alcançar harmonia entre a forma e o conteúdo, ao empregar inúmeras estratégias na construção do texto. Isso faz com que adquiram

o seu próprio estilo de escrita, permitindo que a produção tenha ritmo narrativo e seja capaz de atingir o público-alvo. Em vista disso, a história de Altino Correia, objeto de estudo desta pesquisa, e de suas experiências, enquanto profissional da imprensa no interior paulista, serão retratadas com base na combinação das técnicas jornalísticas e literárias, além de complemento fotográfico, na tentativa de despertar o interesse no leitor pelo conteúdo do começo ao fim.

### 3.3 Fotografia

As fotografias que possuem atestado de valor documentário representam um meio de conhecer o passado, ao possibilitar o resgate da memória visual do homem e do seu ambiente sociocultural. “Trata-se da fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica” (KOSSOY, 2001, p. 55).

Desse modo, a fotografia, como forma de documentação e resgate histórico, consiste em um elemento importante para a confecção da peça prática deste trabalho. Segundo Kossoy (2001, p. 25), desde a sua invenção, o registro fotográfico exerce papel fundamental na transmissão de informação e conhecimento.

As imagens atuam como preservadoras da memória visual de incontáveis acontecimentos do mundo com seus cenários e personagens, e de suas transformações intermináveis, conforme explana Kossoy (2001, p. 28). São documentos para a história da humanidade e também da fotografia. Após seu surgimento, o mundo tornou-se “familiar” aos olhos da sociedade que apenas tinha tomado conhecimento da realidade por tradições escritas, verbais e pictóricas. Assim sendo, Lima e Carvalho (2009, p. 30) complementam:

Se por um lado a fotografia esvazia a experiência, como afirma Susan Sontag, ensaísta e crítica americana dedicada aos temas da fotografia, ela democratiza a informação, mudando a percepção do mundo e ampliando as referências de populações que antes dela tinham suas vidas circunscritas ao seu local de moradia e trabalho.

Apesar de parecer abstrata, para Leite (2001), a fotografia é sempre a imagem de alguma coisa, além do mais tudo o que expõe aparenta estar ao alcance de quem vê. Kossoy (2001) acrescenta que o consumo cada vez maior e constante, principalmente nos grandes centros europeus e dos Estados Unidos, culminou no

progressivo aperfeiçoamento da técnica fotográfica. Em consequência disso, foram investidos significativos capitais em pesquisas e na produção de equipamentos e materiais fotossensíveis. “A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos mitos e regiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmara”. (KOSSOY, 2001, p. 26)

De acordo com Lima e Carvalho (2009), com o barateamento dos custos de produção, a convenção de retratar a si, ao casal, aos filhos, à família, deixou de ser apenas privilégio da nobreza e dos comerciantes ricos, tornando-se acessível também às outras classes sociais. Ao circular entre os parentes, o retrato fotográfico assumiu diversas funções, desde substituir ausências, sugerir propostas de casamento, informar e garantir a reprodução dos rituais de passagem (morte, batismo, crisma, casamento), até apresentar novos integrantes da família, ao documentar as mudanças de sua estrutura.

Nesse sentido, a fotografia concedeu ao homem a possibilidade de se tornar um objeto-imagem, ou uma sucessão de imagens que mantém vivos momentos sucessivos da vida, ou de preservar a memória (LEITE, 2001). A respeito da relação existente entre o indivíduo e o registro, Kossoy (2001, p. 155) completa:

[...] por onde quer que o homem se tem aventurado nos últimos cento e sessenta anos, a câmara o tem acompanhado, comprovando sua trajetória, suas realizações. Seja como meio de recordação e documentação da vida familiar, seja como meio de informação e divulgação dos fatos, seja como forma de expressão artística, ou mesmo enquanto instrumento de pesquisa científica, a fotografia tem feito parte indissociável da experiência humana.

Historicamente, ao longo do século XX, a partir da ampliação e especialização do mercado fotográfico, os meios de comunicação impressa tomaram a prática fotográfica de caráter documentarista como marca de sua produção. No mesmo período, “[...] o aprimoramento das lentes e a possibilidade do instantâneo instrumentalizaram circuitos como o fotojornalismo e as ciências, inclusive a Sociologia e a Antropologia, que faziam uso técnico da fotografia.” (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 39). Nessas áreas, a fotografia era utilizada como documento testemunhal, tendo alto grau de confiabilidade.

Utilizar as fontes fotográficas para a pesquisa histórica, portanto, significa inicialmente entender que tamanha diversidade de usos gerou arquivos e coleções que podem ser encontrados não somente em instituições de guarda (arquivos, museus, bibliotecas etc.), mas também nos seus locais de origem de produção ou no final do caminho de sua circulação. (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 34-35)

O interesse pela imagem por historiadores, antropólogos e sociólogos ampliou-se a partir da década de 1990. Os novos padrões das ciências humanas foram associados aos usos sociais e científicos atribuídos à fotografia até então. Como resultado, verificou-se o destaque à dimensão visual e material da sociedade de consumo ocidental pelas reflexões epistemológicas.

Segundo Lima e Carvalho (2009, p. 45), “[...] para o historiador que mobiliza fontes fotográficas na sua investigação sobre a sociedade, as análises raramente se restringem a uma única imagem”. É preciso trabalhar com séries documentais para distinguir quais elementos integram os padrões visuais presentes na sociedade.

Para Leite (2001), a imagem, à primeira vista, não requer uma decodificação, como o alfabeto e as linguagens escritas. Sua mensagem é transmitida imediatamente ao examinador por canais expressivos. Entretanto, se comparada ao documento escrito, a imagem fotográfica é ainda mais restrita quanto à leitura em momentos variados, ou por leitores de origens diversas.

Muito mais numerosas são as tentativas de usar as fotografias como recurso catártico, em entrevistas ou na obtenção de histórias de vida. [...] As fotografias, conhecidas ou não, são apresentadas aos sujeitos da pesquisa e, inspirados no que vêem, ou em outras imagens evocadas pela memória, os sujeitos são estimulados a falar de si mesmos ou de questões propostas indiretamente pelas fotografias. (LEITE, 2001, p. 34)

Sobre esse assunto, Kossoy (2001) aponta que fotografias com valor documentário reconhecido permitem compreender a cena passada, consistindo na possibilidade de resgatar a memória visual da pessoa. É a imagem como instrumento de pesquisa, sendo utilizada para a “[...] descoberta, análise e interpretação da vida histórica”. (KOSSOY, 2001, p. 55)

O ato fotográfico ou o procedimento que deu origem a sua representação é resultado de um determinado momento histórico, pontuado por características de um contexto estético, religioso, econômico, social ou político (KOSSOY, 2001). Essa imagem também é formada por indicações sobre a

tecnologia empregada para sua elaboração e expõe o fragmento selecionado do real, ou seja, o assunto escolhido para ser registrado.

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma *intenção* para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os portões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. Neste caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. (KOSSOY, 2001, p. 45, grifo do autor)

Segundo Lima e Carvalho (2009), a fotografia relaciona muitos campos da vida social urbana. É possível vê-las nos meios de comunicação impressos, no ramo turístico, nas publicações escolares, no âmbito privado, presente em álbuns de família e desempenha sua função documental nas áreas técnicas, das ciências exatas e biológicas.

Kossoy (2001, p. 107) afirma que “[...] a imagem fotográfica pode e deve ser utilizada como fonte histórica”. Entretanto, não se pode esquecer que o objeto registrado é apenas um fragmento da realidade com um só enfoque, algo determinado. Ainda assim, “[...] registros – que foram produzidos com uma finalidade documental – representarão sempre um meio de informação, um meio de conhecimento, e conterão sempre seu valor documental, iconográfico”.

Na peça prática deste trabalho, portanto, a utilização da fotografia se dá como recurso de memória, ao propor a contextualização histórica sobre o desenvolvimento do jornalismo na região de Presidente Prudente. As imagens permitem ao público compreender, de forma visual, o cenário, as técnicas e características que marcaram o exercício da profissão de jornalista no interior. Sendo assim, as fotografias foram distribuídas ao longo do livro para melhor assimilação do leitor conforme as histórias e fatos relatados. Os registros coletados foram organizados em tabelas pelas pesquisadoras para melhor visualização. (APÊNDICE A).

## 4 JORNALISMO REGIONAL

### 4.1 O desenvolvimento da imprensa no Oeste Paulista

Um número considerável de jornais e revistas compunha o quadro da imprensa no Brasil em 1970. Entretanto, de acordo com Luca (2010), alguns historiadores não consideravam os conteúdos produzidos pelos periódicos como fontes históricas e eram poucos os trabalhos que contavam a história por meio da imprensa. Os historiadores acreditavam que os jornais sofriam influências no momento de publicar determinadas informações que não podiam ser previstas, como por exemplo, a pressão sofrida pelo governo no momento de publicar algo ou o papel da publicidade em alguns noticiários. Por isso, a imprensa não poderia ser considerada totalmente imparcial para contar uma história.

Porém, logo ficou evidente o papel exercido pela imprensa e não foi possível desconsiderar o seu valor como um instrumento de registro da história, de forma que o jornal passou a ser visto como um objeto de pesquisa histórica, segundo Luca (2010). A imprensa é responsável por organizar acontecimentos novos e relevantes para um grupo extenso de pessoas e, ao mesmo tempo, escreve novos capítulos na história de cada um todos os dias, contribuindo para formar a sociedade tal como se conhece. Por meio da imprensa é possível confirmar fatos, estudar os costumes de uma população e os efeitos que uma guerra trouxe, por exemplo (LUCA, 2010).

A história trabalha em conjunto com o jornalismo, na qual, de certa forma, os profissionais da imprensa contribuem para contar a história e documentá-la, a fim de que possa ser consultada no futuro e sirva como documento de uma época que já passou, mas que ainda pode ser vivida, lembrada e estudada. Logo, os jornalistas da atualidade podem ser considerados como os contadores de história da contemporaneidade, conforme Traquina (2005). Acredita-se, então, que a história da imprensa no Brasil se complementa com o desenvolvimento do país.

No período de surgimento da mídia brasileira, havia uma relação íntima entre os livros e o jornal, pois este último atuava para disseminar o conteúdo dos livros, que costumavam ser mais caros que os periódicos. Morel (2015) explica que era comum os jornais transcreverem longos trechos de livros em suas edições. Sendo assim, mesmo aqueles que não tinham condições de adquirir um livro ainda

poderiam, pelo jornal, ter acesso ao seu conteúdo.

De acordo com Barbosa (2007), o que proporcionou o aumento da importância dada à imprensa escrita foi o crescente número de títulos e leitores nas primeiras décadas do século XX. Momento no qual nota-se um crescimento no grau de alfabetização no país, em que 74,2% da população maior que 15 anos era considerada letrada. Nesse cenário, o Rio de Janeiro era tido como a segunda economia do país, ficando atrás apenas de São Paulo, concentrado no setor comercial. No final do ano de 1920, poderia ser totalizado no Distrito Federal o equivalente a 19 jornais diários, 13 estações de rádio e revistas semanais que chegavam a atingir até 30 mil exemplares (BARBOSA, 2007).

Dentre essa valorização da imprensa escrita, também há os jornais do interior, que surgem a partir da necessidade das pequenas cidades em se reconhecerem nas páginas da grande imprensa. Godoy e Ruas (2003) ressaltam que a abordagem de temas locais ou específicos desperta no público o interesse pela informação, uma vez que os personagens envolvidos nos fatos retratados possuem uma relação mais próxima aos leitores, ouvintes, ou telespectadores, por pertencerem à mesma comunidade. A imprensa regional assume um importante papel de representatividade das cidades do interior na grande mídia, pois é assim que as histórias locais e regionais alcançam outros níveis de divulgação e visibilidade. O jornalismo não deve ficar restrito apenas à realidade macro do país, deve-se também discutir as especificidades e características próprias de cada local e sua região.

Tem-se ainda, que uma de suas funções essenciais é o acompanhamento e registro da história local. Este aspecto relevante serve como impulso para a formação da consciência de cidadania e educação/integração do indivíduo na vida comunitária. (GODOY; RUAS, 2003, p. 21)

Nesse sentido, ao abordar o jornalismo regional, neste trabalho, faz-se necessário o debate sobre a evolução do setor de comunicação em Presidente Prudente, haja vista que sua expansão exerceu influência na história da região do Oeste Paulista.

O desenvolvimento da comunicação de Presidente Prudente está atrelado à criação do município, em 1917, pelos coronéis Francisco de Paula Goulart e José Soares Marcondes, ambos fazendeiros de café e negociantes de terras. Os

coronéis vieram atraídos pela vasta área disponível e a facilidade de acesso à região, viabilizada pelo prolongamento dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, conforme a Enciclopédia Digital do Oeste Paulista (EMUBRA, 2003). Com isso, a cidade avançou a partir de dois núcleos urbanos: Vila Goulart e Vila Marcondes, localizadas uma de cada lado da linha férrea, construída para amparar os negócios dos coronéis, em que Goulart vendia terras aos que chegavam à cidade e Marcondes possuía uma empresa colonizadora que anunciava e trazia os compradores de terras.

Com patrocínios provenientes dos dois fundadores da cidade, o setor de comunicação começa a se consolidar. Desse modo, foram formados o jornal *A Ordem*, financiado por Goulart e que tinha Alberto Pereira Goulart como diretor; e *Paranapanema*, sob a direção de José Rodrigues do Lago, mantido por Marcondes, que também apoiou a criação de *A Voz do Povo*, dirigido e financiado por Jacob Blumer.

Fora da cidade de Presidente Prudente ficaram registrados os lançamentos, em 1928 de “O Bandeirante” de Regente Feijó, dirigido por Egdio Antunes de Moura, comprometendo-se a lutar pelo engrandecimento do distrito, e em 1930, de “O Guaruaia” de Presidente Bernardes, dirigido por Heitor Graça. Todos de duração passageira. (ABREU, 1972, p. 196)

Entre as décadas de 1920 e 1930, outros periódicos impressos surgiram em Presidente Prudente, citados por Dióres Santos Abreu (1972), como: *O Progressista* (1927), dirigido por João Ferreira; *O Independente* (1927), dirigido pelo advogado Armando Câmara Leal; *O Município* (1928); seguido de *O Republicano* (1929); *O Presidente Prudente*, dirigido por José Lemos Miranda; *A Cidade* (1932), que depois passou a ser *Folha da Sorocabana*, de propriedade de Pedro Furquim e dirigido por Olímpio Macedo Filho, durou até 1941; *O Constitucionalista* (1934), órgão do Partido Constitucionalista; *O Jequitibá* (1936), que tinha como redator-chefe José Armando de Queiroz Telles. E ainda, *O Imparcial*, um dos jornais mais importantes do município, fundado por Heitor Graça e Manuel Honofre de Andrade em 2 de fevereiro de 1939, em meio à ditadura getulista.

Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, algumas mudanças no cenário da imprensa geraram o inevitável desaparecimento de alguns noticiários. Houve também aqueles que, para não ter que fechar as portas, acabaram trocando de proprietários ou mudando a sua linha editorial. Contudo, Luca (2015) explica que,

mesmo aqueles que eram a favor do governo, não conseguiram manter um relacionamento amistoso com o presidente por muito tempo, pois o clima era cada vez mais de tensão.

A autora (LUCA, 2015) acrescenta que a liberdade de expressão foi uma das primeiras coisas que Vargas fez questão de extinguir após eleito, sabendo-se que rádios e impressos contribuíam com a formação da opinião pública, assim como o cinema. Para maior controle dos veículos, criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável por censurar não apenas a imprensa, mas também o cinema e o teatro, comprometendo totalmente a liberdade de expressão dos profissionais e cidadãos em nome da ordem, da paz e da segurança, como era previsto em lei.

Diante da nova lei, todas as publicações foram obrigadas a se registrarem no DIP, de forma que 30% delas não conseguiram a autorização indispensável para a circulação. Os jornais que permaneceram, nessa época, tiveram dificuldade até mesmo para conseguir o papel necessário para a impressão. O problema fez com que veículos estabelecessem relação de dependência com governo. Segundo Luca (2015), o papel era um produto importado e as taxas aduaneiras eram altas. Somente os periódicos adeptos ao governo tinham isenção do valor cobrado, enquanto os demais precisavam pagá-lo no prazo de até 24 horas. Em seu discurso, Vargas ataca a Constituição, afirmando que ela diminuía a autoridade do presidente e confundia as atribuições dos Poderes da República:

Ora, quem examinar atentamente a matéria da nova Constituição verificará, desde logo, que ela fragmenta e dilui a autoridade, instaura a indisciplina e confunde, a cada passo, as atribuições dos Poderes da República [...]. A Constituição de 1934, ao revés da que se promulgou em 1891, enfraquece os elos da Federação: anula, em grande parte, a ação do Presidente da República, cerceando-lhe os meios imprescindíveis à manutenção da ordem, ao desenvolvimento normal da administração. (GOMES apud LUCA, 2015, p.168-169)

Apesar disso, *O Imparcial* conseguiu superar as dificuldades desse período e permanecer em circulação até os dias de hoje, mesmo que sua posse tenha sido trocada de mãos diversas vezes. Depois dos fundadores, Heitor Graça e Manuel Honofre de Andrade, passou por Edgard Angelo Zilocchi (1943); por Roberto Santos (1948), que transferiu o controle à *Editores Imprensa Ltda*, em 1º de janeiro de 1995; até chegar aos proprietários Mario Peretti, Adelmo Santos Reis Vanalli e

Deodato da Silva (EMUBRA, 2003).

Dentre as equipes que se formaram nesse tempo, está o jornalista José Vinicius Barbosa da Silveira, que entrou para *O Imparcial* em 1º de outubro de 1966. O noticiário regional foi o único veículo em que Silveira<sup>3</sup> trabalhou durante toda a carreira, que contabiliza mais de 50 anos na comunicação. Atualmente, o profissional está com 91 anos e continua na redação do jornal, onde mantém a coluna “Sociedade em Tópicos”, sendo o colunista social mais antigo da cidade. Silveira<sup>4</sup> se recorda das dificuldades em manter o jornal em circulação devido à tecnologia existente no período em que começou a trabalhar. Entre elas, estavam a necessidade de mão de obra humana para dobrar o jornal, a demora no processo de impressão, além do baixo número de veículos de transporte para efetuar a entrega das edições e à disposição dos repórteres, para que realizassem as coberturas e retornassem à redação a tempo. Em virtude das condições da época, o noticiário ficava pronto apenas às cinco horas da madrugada. “Naquele tempo, o jornal em Epitácio ia chegar às 16h do dia do jornal. E a direção foi tomando todas as providências para ir melhorando [...]”<sup>5</sup>, a fim de torná-lo um dos maiores jornais do interior.

Quanto à estrutura da publicação, Silveira<sup>6</sup> relata que durante a semana o impresso produzia, por dia, apenas um caderno e aos domingos dois, de no máximo, 15 páginas encaixadas. Esses cadernos eram compostos por poucas matérias e muitos anúncios. Em meio a isso, havia o encarte denominado de *Jornal Mulher*, produzido pela jornalista Lêda Márcia Litholdo, primeira mulher a exercer cargos jornalísticos com atuação nas ruas, em meio à predominância da figura masculina nos veículos, em meados da década de 1970. O informativo *Jornal Mulher*, de quatro a oito páginas, tornou-se inovação ao tratar sobre assuntos direcionados especificamente às mulheres.

Litholdo<sup>7</sup> expõe que a ideia para a produção de um tabloide especializado surgiu assim que assumiu a função de repórter no jornal *O Imparcial*, para redigir uma coluna diária voltada ao público jovem. A partir daí, percebeu que

---

<sup>3</sup> José Vinicius Barbosa da Silveira. Jornalista e colunista social do jornal *O Imparcial*. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação do jornal *O Imparcial*, 23 mar. 2017.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Lêda Márcia Litholdo. Jornalista e professora universitária. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e a presença feminina nos veículos de comunicação, 30 mar. 2017.

havia espaço para esse tipo de produto no mercado e apostou no projeto. A jornalista<sup>8</sup> acrescenta que, com o encarte, foi possível trabalhar com um público ávido por informações. No caso das mulheres, o informativo despertava interesse, pois abordava problemas vivenciados por elas no dia a dia, o que fez com que começassem, até mesmo, a sugerir pautas.

Eu acho que foi todo um processo de maturação para chegar nesse encarte e nesses contatos. Sem que eu percebesse, eu comecei a colher informações que mais tarde viriam a eclodir nesse encarte. Mas depois que eu lancei, as mulheres mandavam, na época por cartinhas, porque usava correio naquela época, mandavam receita [...]. Então, nós começávamos a ter orientação também das pessoas da sociedade. E era muito legal essa interação. Não é essa interação como tem hoje do *WhatsApp*, que você está aqui e daqui cinco minutos a pessoa fala. Às vezes, vai uma semana para a pessoa conseguir falar com você, para dar uma ideia de uma matéria ou querer participar. Bem legal. Era bem legal.<sup>9</sup>

Ao contrário da realidade da época, o aperfeiçoamento das técnicas e a comunicação facilitada entre as empresas de comunicação e o público permitiu com que os periódicos aumentassem o número de páginas, devido à quantidade de informações que chegam à redação. Na atualidade, o jornal *O Imparcial*, por exemplo, mantém três cadernos todos os dias, com uma média de 30 páginas, esse número varia conforme o conteúdo da edição. O espaço é destinado a matérias que tratam sobre assuntos de maior proximidade com o leitor, sendo farto de notícias locais, consideradas as mais relevantes; regionais; nacionais e, eventualmente, internacionais. Segundo Barbosa (2007), os fatores responsáveis pelo aumento no número de tiragem e impressão dos jornais no país foram as inovações tecnológicas que surgiram na virada do século XIX para o XX, como o cinematógrafo, o gramafone, os daguerreótipos, a linotipo e as rotativas Marinoni. Esta última invenção foi inaugurada nas redações por volta da década de 1980, com capacidade de impressão de 20 mil exemplares por hora, chegando a alcançar, em 1901, o total de 60 mil exemplares impressos. A evolução tecnológica e, principalmente, das máquinas, contribuiu para inserir numerosas transformações no cenário urbano e nos jornais que circulavam na época (BARBOSA, 2007).

Com o avanço tecnológico, durante as décadas de 1930 e 1940, a área da radiodifusão se desenvolve em todo o país. Também nesse período, começam a

---

<sup>8</sup> Lêda Márcia Litholdo. Jornalista e professora universitária. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e a presença feminina nos veículos de comunicação, 30 mar. 2017.

<sup>9</sup> Idem.

surgir as primeiras emissoras de rádio em Presidente Prudente. A pioneira no setor, de acordo com Abreu (1972), foi a *Rádio Difusora* (1938), conhecida como *PRI-5 A Voz do Sertão*, fundada pelos amigos Manoel Bussacos e Raul Ignácio Pires.

A emissora participou ativamente de todos os movimentos na cidade e foi responsável pela formação de grandes profissionais da região. Entre eles, destaca-se o jornalista Antonio de Figueiredo Feitosa, que passou pela *Difusora* em diversas funções, desde redator até coordenador do departamento esportivo.

*A Rádio Difusora - PRI-5 operava com ondas média e tropical. A sua onda tropical era muito poderosa e penetrava nos mais diferentes quadrantes do Brasil e no mundo. O rádio era extremamente dinâmico, ágil, eficaz, versátil e rico em produções artísticas. Cobria todos os segmentos: política, economia, saúde, esporte, cultura e educação. Sua programação era eclética com musicais, programas de auditório, radionovela, humorísticos, transmissões de futebol, programas esportivos e nos mais diferentes gêneros de se fazer rádio.*<sup>10</sup>

O jornalista e radialista, hoje aposentado, Cícero Affonso<sup>11</sup>, reforça que os assuntos mais presentes na programação da rádio eram política, futebol e aqueles direcionados ao setor agrícola. Para Affonso<sup>12</sup>, a *Rádio Difusora* foi a sua porta de entrada para o ramo da comunicação, que se deu em 1970, após receber um convite do gerente Luiz Leão. Nessa época, não havia a obrigatoriedade da graduação na área de comunicação, conforme relata o jornalista<sup>13</sup>. O próprio Affonso não possuía curso ou experiência no ramo, apenas demonstrava desenvoltura e habilidade para atuar na função de técnico de som, na qual iniciou a carreira. De acordo com Barbosa (2007), o ingresso à carreira jornalística se dava tal como nos anos de 1900, por meio de indicações e relações de amizades. Jovens entre 16 a 20 anos e estudantes de Direito eram os preferidos para ocupar as redações. A autora (BARBOSA, 2007) acrescenta que o processo de profissionalização do jornalismo no Brasil se deu nas cinco primeiras décadas do século XX. A partir disso, foi possível elaborar um modelo de valores e representações ideais para um jornalista, sendo importante para constituir um vínculo entre o saber prático e o universitário.

---

<sup>10</sup> Antonio de Figueiredo Feitosa. Jornalista e ex-radialista. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>11</sup> Cícero Affonso. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 28 mar. 2017.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Idem.

Ainda sobre as experiências de Affonso<sup>14</sup>, além da *Difusora*, o profissional passou pelas rádios *Presidente Prudente*, *Cidade*, *Diário*, *Globo*, *CBN*, e inclusive, no jornal *O Imparcial*. Nesse processo de transição entre o ambiente radiojornalístico e o impresso, o jornalista<sup>15</sup> conta que teve dificuldades de adaptação, principalmente em relação ao texto, já que as características de uma produção variam conforme o veículo. “[No rádio] primeiro você diz o que foi que aconteceu e depois vai contando o motivo. Já no jornal é diferente, tenho que começar contando pra dar o desfecho final, senão o leitor não vai ler o final”.<sup>16</sup>

Além dos jornais e emissoras de rádio, a partir de 1940, iniciam-se os serviços de alto-falante, segundo Abreu (1972). Situados em pontos estratégicos da cidade, esses instrumentos de comunicação transmitiam músicas e propagandas de empresas e de produtos. Neif Taiar<sup>17</sup> se recorda da experiência com os alto-falantes de uma emissora de Santo Anastácio, a qual dispunha de equipamentos de transmissão instalados na Praça 9 de Julho, em Presidente Prudente, ponto de encontro entre os jovens, que faziam questão de sentar nos bancos para ouvir as histórias e informações divulgadas. “Era igualzinho o rádio. Era uma cópia do rádio, só que de melhor alcance. Mas, era igual”.<sup>18</sup>

De acordo com Oliveira (1998), em 6 de julho de 1952, foi fundada na cidade de Presidente Prudente a *Rádio Caiuás*, pertencente ao mesmo grupo da *Rádio Presidente Venceslau*, do empresário Carlos Platzeck. Mais tarde, a emissora passou a se chamar *Rádio Presidente Prudente*, operando com o prefixo ZYR-84, sob a direção do radialista Rubens Shirassu. A permissão, para montar a que viria ser a segunda rádio do município, foi conquistada por Hélio Cyrino e os irmãos Platzeck. Shirassu<sup>19</sup> conta que a instalação da torre da emissora foi como uma das dificuldades enfrentadas para conseguir a concessão.

---

<sup>14</sup> Cícero Affonso. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 28 mar. 2017.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Neif Taiar. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como proprietário de veículos de comunicação, 24 mar. 2017.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Rubens Shirassu. Radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e cenário da comunicação entre as décadas de 1950 e 1970, 20 mar. 2017.

Naquela época, quando nós chegamos aqui [...] a Washington Luiz não tinha calçamento na rua e onde hoje é o Bosque, tinha um bosque com cachoeira dentro. Então, a gente tinha que levar a torre lá para baixo e não tinha caminho. Tinha que ir abrindo “picada”, no meio do mato, aí conseguimos levar a torre para lá. A dificuldade foi essa. E, não tinha estrada, não tinha nada e você tinha que colocar posteamento para pôr a linha e não era satélite, era tudo por fio. Então foi um trabalho violento.<sup>20</sup>

A criação dos departamentos de esporte e jornalismo permitiu à rádio expandir os seus limites de atuação, proporcionando cobertura local e regional. Além da veiculação de notícias, a emissora se destacou pela apresentação de radionovelas e programas de entretenimento. Em outubro de 1978, a organização se ampliou e adquiriu a *Rádio Presidente Prudente FM*, hoje conhecida como *101 FM*, a primeira emissora de frequência modulada da região. A partir dessa aquisição, o auditório teve que ceder lugar às instalações técnicas da nova rádio e deu fim ao ciclo de programas de auditório e aos shows musicais.

No período compreendido entre 1954 e 1975, a emissora dispôs de uma espécie de teatro, onde eram apresentados programas de auditório, com a participação direta do público. Muitos cantores e artistas de renome da MPB se apresentaram no auditório da *Rádio Presidente Prudente*. (OLIVEIRA, 1998, p. 61, grifo do autor)

Entre os profissionais que atuaram na *Rádio Presidente Prudente*, está Sinézio de Souza. Foi na emissora que o radialista<sup>21</sup> conheceu Altino Correia e juntos apresentaram um jornal falado, em que liam as notícias de forma intercalada, o que chamavam de “pingue-pongue”. Conforme Souza<sup>22</sup>, não havia uma preparação para a transmissão das informações, como a elaboração de uma pauta, por exemplo. As notícias eram selecionadas pelos próprios repórteres que, apesar das dificuldades técnicas da época, tinham que ir para as ruas e apresentar os fatos do local em que estivessem. Nesse sentido, Souza<sup>23</sup> ressalta a importância das fontes, pois muitas das notícias também vinham de informantes. “O rádio do momento era muito emocionante, porque tudo era difícil e a gente acabava fazendo bem feito, com qualidade e o público gostava”.<sup>24</sup>

---

<sup>20</sup> Rubens Shirassu. Radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e cenário da comunicação entre as décadas de 1950 e 1970, 20 mar. 2017.

<sup>21</sup> Sinézio de Souza. Radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional, 27 mar. 2017.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem.

Nesse período, predominavam no rádio notícias do jornalismo policial que, de acordo com Souza<sup>25</sup>, eram transmitidas por telefone diretamente da delegacia, onde um repórter ficava instalado diariamente; bem como de esporte, a partir da transmissão de jogos. O radialista<sup>26</sup>, que também participou de radionovela, explica que esse produto exigia uma pessoa específica para redigir o roteiro e durante a apresentação, contava, em média, com seis jornalistas ou locutores, que dividiam apenas dois microfones dentro de um estúdio pequeno. Souza<sup>27</sup> salienta que esse tipo de produção, garantia alto índice de audiência e ainda trazia certa notoriedade aos jornalistas, vistos como verdadeiras celebridades pela população.

No final da década de 1950, a *Rádio Comercial de Presidente Prudente* foi fundada pelos irmãos Arnaldo Agostinho Bussacos e Rubens Bussacos, filhos do fundador da primeira rádio prudentina, a *Difusora*. Mais tarde, em 1974, a emissora passou a ser posse do radialista Nilton Mescoloti e de Ernesto Coquemala. De acordo com a Emubra (2003), em 1979, a *Comercial* ganhou um canal de emissora FM e, após quatro anos da nova instalação, os proprietários decidiram encerrar a sociedade. Dessa forma, a AM foi entregue à Mescoloti, enquanto Coquemala ficou com a FM, a qual deu origem a atual *Rádio 98 FM*, com programas voltados ao público jovem.

Posterior a isso, Nilson Mescoloti, proprietário da *Rádio Comercial AM*, convidou o radialista Laerte Silva<sup>28</sup>, de apenas 17 anos de idade, para trabalhar na emissora, onde permanece até hoje, consolidando seus 55 anos de carreira. Silva<sup>29</sup> lembra que nessa época o setor de comunicação passava por um momento de militarismo, em que o direito de imprensa não existia e as matérias precisavam passar primeiramente pelo censor para depois ir ao ar, isso quando não eram totalmente vetadas. Outra dificuldade enfrentada diz respeito aos recursos técnicos, com a utilização de gravadores e microfones grandes e pesados, além da dependência do Serviço de Telecomunicações de São Paulo (Telesp) para se conseguir uma linha telefônica para realizar transmissões de futebol, por exemplo.

---

<sup>25</sup> Sinézio de Souza. Radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional, 27 mar. 2017.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Laerte do Nascimento Silva. Radialista e investigador de polícia aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional, 20 mar. 2017.

<sup>29</sup> Idem.

Em relação aos recursos humanos, Silva<sup>30</sup> conta que as equipes não eram numerosas e a maioria delas era composta por profissionais sem nenhuma formação acadêmica em comunicação. Era necessário ter apenas uma voz bonita e facilidade em se comunicar. “Só venceram aqueles que tinham paixão pela imprensa, pelo jornalismo e que queriam levar a informação. Eram profissionais que passavam por cima de todos os obstáculos. Mas realmente, era muito difícil”.<sup>31</sup>

Nesse contexto, com base na Emubra (2003), em maio de 1962, mais uma rádio é inaugurada em Presidente Prudente: a *Piratininga*, componente da maior rede de rádios do interior brasileiro, a *Rede Piratininga de Rádio*, de propriedade do médico e político Miguel Leuzi Filho. A emissora teve como primeiro gerente o radialista Jorge Antônio Salomão, de Indiana (SP). Segundo Oliveira (1998), a *Rádio Piratininga* foi uma das mais bem equipadas da cidade, porém, começou a decair a partir de 1974, passando por diversas negociações e alterando seu o nome para *Rádio Cidade*.

Além das emissoras prudentinas, “[...] duas emissoras da região disputam audiência e mercado publicitário na cidade, são elas, a *Rádio Paulista* de Regente Feijó e *Rádio Tuiutí* de Martinópolis, que instalaram estúdios em Presidente Prudente”. (OLIVEIRA, 1998, p. 41)

Nesse mesmo período, foi a vez de Neif Taiar criar seu próprio jornal, *A Região* (1967), que tratava de assuntos regionais ligados ao Estado de São Paulo. Mais adiante, o jornalista aposentado também fundou a *Folha da Região*, em 1985. De acordo com Taiar<sup>32</sup>, o processo de abertura de um jornal, na época, era relativamente fácil. Bastava apenas apresentar competência para o negócio e registrar em cartório o título, documentos e os responsáveis pela redação. O ambiente do veículo era pequeno, composto, em média, por cinco pessoas. O jornalista<sup>33</sup> acrescenta que os profissionais da imprensa não disputavam entre si, pois todos estavam começando, de modo que prevalecia a vontade de se unir e passar a informação.

Taiar<sup>34</sup> ainda explica que, assim como na imprensa nacional, uma das

---

<sup>30</sup> Laerte do Nascimento Silva. Radialista e investigador de polícia aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional, 20 mar. 2017.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Neif Taiar. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como proprietário de veículos de comunicação, 24 mar. 2017.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Idem.

maneiras de se conseguir a notícia, naquele período, era por intermédio da figura do telegrafista, que passava informações com o auxílio do telégrafo. Conforme Barbosa (2007), o equipamento foi implantado nas redações a partir de 1874. A partir daí, passou a ser uma importante ferramenta para a disseminação de notícias para diversas partes do mundo de forma ágil.

A estrada de ferro Sorocabana tinha em cada estação dela, em Prudente, Santo Anastácio, Bernardes, Álvares Machado o telégrafo. O Correio também tinha o telégrafo. Então era fácil obter informação. Eles tinham como ganho. O telegrafista dava notícia para você, mas vendia a notícia, igual hoje em dia.<sup>35</sup>

Outra maneira de se obter a notícia era por meio da rádio-escuta, que em um trabalho de ouvir os informativos das emissoras da capital, captar e selecionar as informações de interesse para a cidade e passar a notícia. Um dos profissionais que contribuíram com a modernização dessa atividade foi o radialista aposentado Sérgio Jorge Alves. Durante o período em que trabalhou na *Rádio Comercial*, o radialista era responsável por montar o jornal do meio dia. Por isso, era preciso gravar o conteúdo das emissoras de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, a fim de noticiar os principais fatos do país, na hora do almoço. “Eles davam o noticiário de lá e eu gravava e depois punha um fone de ouvido, ia ouvindo e o que interessava, passava na máquina de escrever”.<sup>36</sup>

Por conta da dificuldade em digitar, Alves<sup>37</sup>, juntamente com um técnico de som, modernizou o gravador que havia na emissora, passando a realizar as gravações em fitas redondas, de forma direta, e pausando-as com o pé. Dessa maneira, possuía as mãos livres para facilitar o momento de transcrição. “Eu falei: ‘Eu ponho lá no gravador, gravo direto, [...] você ejeta para mim e eu ponho um fio embaixo, e no pé eu faço o freio. Num movimento, eu ligo e quando a notícia estiver acabando, eu paro. Aí escrevo, volto lá, aí escrevo e solto’”.<sup>38</sup>

Adentrando a tecnologia do ramo da televisão, segundo a Emubra (2003), o primórdio do recebimento do sistema televisivo em Presidente Prudente é datado em 1969, por meio do empresário Michel Buchalla, que passou a dirigir o

---

<sup>35</sup> Neif Tair. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como proprietário de veículos de comunicação, 24 mar. 2017.

<sup>36</sup> Sérgio Jorge Alves. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 23 mar. 2017.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Idem.

Serviço de Televisão de Presidente Prudente (Sertepp), a convite do então prefeito, Florivaldo Leal. As primeiras imagens eram irregulares, vindas da *TV Tupi*, de São Paulo. O problema com a transmissão levou Buchalla a instalar uma antena receptora em cima da caixa d'água da cidade vizinha, em Regente Feijó, que permitia abranger o trajeto de Presidente Prudente a Londrina, passando assim, a receber imagens da *TV Coroados*.

Após esse primeiro momento, outras emissoras surgiram, uma das principais foi a *TV Bandeirantes*, canal 10, pertencente ao Grupo Bandeirantes de Comunicação, em 1979 (EMUBRA, 2003). Por iniciativa dos ex-prefeitos Paulo Constantino e Walter Lemes Soares, a emissora denominada de *TV Band SP Interior*, foi a primeira a gerar imagens e conteúdos locais e regionais, que começaram a ser transmitidas em 13 de novembro de 1982, em caráter experimental. No entanto, em apenas três dias de atuação, a emissora já se destacou como sendo a de maior abrangência populacional do estado, por se tratar de uma cobertura via satélite. Segundo Bezerra et al. (2015), o canal cobre as regiões de Marília, Bauru, Araçatuba e São José do Rio Preto. Assim, o sinal atinge 283 cidades do interior, totalizando aproximadamente 5 milhões de pessoas, em cinco áreas administrativas do estado.

A *TV Bandeirantes* iniciou sob direção de seu idealizador, Antonio de Figueiredo Feitosa<sup>39</sup>. Após a realização de pesquisas e levantamento de dados sobre a criação de um canal televisivo próprio, o primeiro gerente da emissora se deparou com dois problemas. O primeiro estava relacionado às questões políticas, pois a concessão do canal demandaria grande envolvimento de altos escalões governamentais. Já o segundo, dizia respeito aos investimentos necessários, já que um canal exige aparatos técnicos específicos, porém, Feitosa<sup>40</sup> não dispunha de recursos para empreender sozinho. Assim, conforme Bezerra et al. (2015), Feitosa firmou sociedade com outros profissionais da área da radiodifusão, além de Paulo Constantino, Walter Lemes Soares e Antero Moreira França. Para Feitosa<sup>41</sup>, a importância do canal, enquanto estação geradora de conteúdo, é fundamental na solidificação de uma sociedade participativa e interessada na comunidade em que vivem, ao produzir uma programação que atenda às expectativas da população. “A

---

<sup>39</sup> Antonio de Figueiredo Feitosa. Jornalista e ex-radialista. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Idem.

televisão, além da sua programação nacional, concentra-se em programas regionais que respeitam as peculiaridades, necessidades e interesses regionais”.<sup>42</sup>

Para a transmissão dos conteúdos, a responsabilidade de levantar o prédio que seria a sede da *TV Bandeirantes* no interior ficou para Itanir Perenha (BEZERRA et al., 2015). A partir daí, os investimentos do *Grupo Bandeirantes de Comunicação* foram concentrados na compra de equipamentos e transmissores regionais.

Posteriormente, Altino Correia<sup>43</sup> foi convidado por Perenha para fazer parte da equipe na função de repórter. Segundo Bezerra et al. (2015), Correia foi quem iniciou a implantação do setor de jornalismo na emissora, passando a recrutar diversos profissionais, entre os nomes estão Sinomar Calmona, Homéro Ferreira e José Siquieri. Nessa época, os recursos da emissora eram precários e tudo era feito de forma improvisada, inclusive o estúdio.

No prédio, não tinha estúdio montado para fazer, então o Luiz Augusto, que era o apresentador, montaram um banheiro, em cima do vaso sanitário ele sentava, com uma tapadeira nas costas e ele apresentava. [...] E lá, a gente tinha que fazer a matéria e imediatamente voltar, porque tinha que editar e pôr no ar e tal. Era um problema. Era um sistema arcaico né, as ilhas de edição, o *videotape*. E tem outra, a gente quando fazia matéria nacional, a gente acertava com São Paulo e a matéria tinha que mandar pela Embratel. A Embratel tem uma torre ao lado da Toledo e ali era o centro de geração da Embratel do Centro-Oeste, que atendia Mato Grosso, Campo Grande, Prudente, Bauru e essa área toda até chegar em São Paulo. E, nós passávamos a pauta, uma matéria importante daqui de Prudente, e eles diziam: “Manda a matéria!”. Aí, nós tínhamos que acertar com a Embratel a hora da geração.<sup>44</sup>

Outra emissora televisiva que se instalou na cidade, por iniciativa do argentino Raul Farjado Mello, foi a *TV Cabo*, que marcou por ser a primeira cidade no Brasil a receber sinais de uma emissora de TV por cabo. Dentre a sua programação, existiam canais próprios como *Canal Especial* e o *Tele 20*, que apresentava um informativo com a participação dos jornalistas Aparecido José, Luiz Augusto Pinheiro, Marcos Tadeu Cavalcante, Laerte Silva e Neusa Matos.

---

<sup>42</sup> Antonio de Figueiredo Feitosa. Jornalista e ex-radialista. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>43</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>44</sup> Idem.

Além da televisão, Neusa Matos também foi uma das primeiras mulheres a exercer cargos de jornalismo dentro de uma emissora de rádio. De acordo com a jornalista<sup>45</sup>, havia uma discriminação velada em relação às mulheres que ocupavam os veículos de comunicação. Dessa forma, a figura feminina conquistou seu espaço nesse mercado com muito trabalho. “Eu acho importante o veículo de comunicação ter mulheres. Porque tem um olhar feminino. Quer dizer, a mulher tem a sensibilidade que o homem não tem. Faz uma diferença muito grande. Quem ganha com isso é o veículo e, principalmente, o ouvinte ou o leitor, o telespectador”.<sup>46</sup>

Já na década de 1980, Agripino de Oliveira Lima criou o *Diário de Prudente* (1982), no qual o jornalista Salvador Fernandes era diretor. Além disso, fundou, em setembro de 1988, juntamente com o filho Paulo César Oliveira Lima, a *Rádio Diário AM* de Presidente Prudente, a primeira do *Grupo Oliveira Lima* (OLIVEIRA, 1998). Desde o início, a emissora foi voltada ao público das classes B, C e D. Faziam parte da equipe grandes nomes do rádio prudentino e regional, “[...] alguns de renome estadual e nacional, como é o caso de Flávio Araújo, que integrou a equipe da *Rádio Bandeirantes* de São Paulo, e Ivete Pinheiro, conhecida por ter participado de radionovelas no rádio brasileiro”. (OLIVEIRA, 1998, p. 68-69)

Na virada da década, a Emubra (2003) registra que O *Grupo Oliveira Lima* inaugurou mais veículos de comunicação na região. O primeiro deles foi a *Rádio 91 FM* (1990), na frequência 106,7; com uma programação educativa, além de oferecer músicas populares brasileiras, raramente encontradas nas demais FMs. A rádio ficou conhecida por ser a pioneira na aquisição de transmissores digitais, a partir de 1997, sob a direção de Eudes Figueiredo.

Em junho de 1990, conforme Oliveira (1998), Paulo Lima inaugura em Presidente Prudente a *TV Pontal Paulista*, afiliada da *Rede Manchete*, adentrando assim, no ramo da televisão. A emissora surgiu com a proposta de oferecer aos telespectadores mais uma opção de cobertura jornalística local e regional, além de programas voltados à comunidade. Até então, na região, só havia a *TV Bandeirantes* e a *TV Globo* de Bauru, que apenas mantinha equipes em Presidente Prudente. “Na programação da *TV Pontal* havia, ainda, o programa *Mulher em Manchete*,

---

<sup>45</sup> Neusa Matos. Repórter da Rádio Presidente Prudente AM. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e a presença feminina nos veículos de comunicação, 22 mar. 2017.

<sup>46</sup> Idem.

apresentado por Andréa Mello – primeira mulher a ter um programa próprio na televisão em Presidente Prudente – com enfoque voltado às mulheres, com variedades e entrevistas em geral”. (OLIVEIRA, 1998, p. 81)

Na sequência, em 1º de junho de 1994, a *TV Pontal* altera sua filiação para a *Rede Globo de Televisão*, de Roberto Marinho. Assim, dá origem a um dos principais veículos da região do Oeste Paulista, a *TV Fronteira Paulista*, em que Paulo Lima permanece como sócio-proprietário. De acordo com a Emubra (2003), em 20 de fevereiro de 1997, a *TV Fronteira* inaugura uma sucursal em Dracena, com apenas uma equipe de jornalismo e um representante de vendas. Em dezembro do mesmo ano, a empresa investe em novos equipamentos, tornando-se a primeira emissora inteiramente digital no Brasil. Até então, os recursos técnicos dificultavam a atuação dos profissionais.

A captação de imagens, a edição de matérias jornalísticas e a exibição de comerciais eram feitas no formato U-Matic, cujos equipamentos estavam no final de sua vida útil. Foram então substituídos pelo sistema Beta, que se destaca por sua excelente qualidade de áudio e vídeo. Porém este sistema já existia a algum tempo no mercado e novas técnicas estavam surgindo. Outro sistema adotado foi o DVCam, tecnologia emergente na época e com a melhor relação custo benefício. (EMUBRA, 2003)

Segundo Oliveira (1998), antes da chegada da *TV Fronteira*, a cobertura jornalística da *Globo* na região era realizada por meio de uma afiliada em Bauru, o que limitava a divulgação dos fatos ocorridos em Presidente Prudente e nas cidades vizinhas. Atualmente, de acordo com o site da emissora<sup>47</sup>, a *TV Fronteira* abrange 56 municípios do Oeste Paulista, com alcance de mais de 890 mil telespectadores.

No ano de 2002, a cidade passou a contar com mais uma emissora de televisão. Foi ao ar a *TV Uno*, afiliada do *Canal Futura*, em parceria com a *Fundação Agripino Lima*, transmitindo cultura e conhecimento aos 23 municípios próximos a Presidente Prudente.

Outro marco no desenvolvimento da comunicação regional, citado pela Emubra (2003), foi a chegada das cores às páginas dos impressos, impulsionada com a criação do jornal *Oeste Notícias*, em 2 de fevereiro de 1995, também por Paulo Lima. O periódico inaugurou a impressão colorida na região. “Sua primeira edição, veiculada em 6 de fevereiro de 1995, foi distribuída gratuitamente nas

---

<sup>47</sup> [www.redeglobo.globo.com/sp/tvfronteira](http://www.redeglobo.globo.com/sp/tvfronteira)

bancas de Presidente Prudente, Adamantina, Dracena, Osvaldo Cruz, Rancharia, Tupi Paulista, Presidente Epitácio e Teodoro Sampaio.” (TORRES et al., 2015, p. 48). Contudo, após dez anos de fundação, o jornal encerrou suas atividades, por questões financeiras.

A periodicidade do *Oeste Notícias* era diária, com tiragem média de 30 páginas por exemplar. O jornal teve como primeiro editor-chefe Ulisses José de Souza. Mais adiante, em janeiro de 2003, o profissional deixa a redação do impresso para assumir a mesma função na segunda revista lançada em Presidente Prudente, a *Revista Poli*, de circulação bimestral, com quatro mil exemplares distribuídos em pontos fixos da cidade.

Com isso, Homéro Ferreira passa a compor a equipe do *Oeste Notícias*, no cargo de gerente de jornalismo. O jornalista<sup>48</sup> conta que as condições de trabalho da época eram incipientes. Dessa forma, os profissionais faziam o uso de máquinas de escrever, dependiam da linha telefônica e ainda conviviam com a ausência da pauta enquanto documento físico. Ferreira<sup>49</sup> acrescenta que a produção do conteúdo para o jornal estendia-se até depois da meia noite, ao contrário da realidade atual, visto que, neste mesmo horário, a edição de um impresso já está saindo às ruas. De modo geral, no interior dos periódicos, o profissional<sup>50</sup> se recorda que era possível encontrar matérias procedentes de agências noticiosas, mas, principalmente, da cobertura de eventos locais.

[...] nós tínhamos o assunto ou nós tínhamos o lugar. E nós levantávamos as pautas. Então, isso era muito bom porque você tinha uma liberdade de achar, você tinha que farejar a notícia, essa era a verdade. Mas você já sabia os setores aonde iria. Na cobertura geral, você ia à administração pública, você ia [...] à Divisão Regional Agrícola. Você ia aos locais onde a notícia brotava. Nós noticiávamos muito as atividades sindicais, [...] os problemas de bairro.<sup>51</sup>

Por meio da história apresentada, é possível verificar que o jornalismo regional constitui-se de um meio de formação profissional, do qual nasceram profissionais de renome no cenário nacional, conforme conclusão de Godoy e Ruas

---

<sup>48</sup> Homéro Ferreira. Assessor de imprensa da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e professor universitário. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Idem.

(2003). Sobre isso, o jornalista Tair<sup>52</sup> completa:

[...] Presidente Prudente foi uma grande formadora de profissionais do rádio, do jornal, inclusive produzindo elementos que deixaram a cidade e ainda hoje estão trabalhando em grandes veículos de comunicação, como o SBT, como a TV Globo. Enfim, quase todos os demais canais têm, tanto no rádio como na televisão, tem gente produzindo em Presidente Prudente.

Assim sendo, fica evidente que os veículos regionais, por abordarem temas interioranos com maior proximidade, conferem importância ao jornalismo regional para a grande imprensa. Ele deixa de ser apenas um reboque nos dias calmos da redação para ocupar espaço próprio, com o objetivo de apresentar fatos que também possuem relevância estadual, nacional e até internacional.

#### **4.2 Altino Correia: o repórter do interior**

Filho de agricultores, Altino Oliveira Correia<sup>53</sup> nasceu no dia 30 de julho de 1934, em Rio de Contas, município localizado no interior da Bahia. Em 1939, com apenas cinco anos de idade, enfrentou uma viagem de mais de 1,7 mil km com destino a Presidente Venceslau, no Estado de São Paulo.

Seu primeiro emprego foi como *office-boy* na Associação Comercial e Industrial de Presidente Venceslau, em 1950. Por coincidência, prestava serviço no mesmo prédio onde estava instalada a *Rádio Presidente Venceslau AM (ZYH-7)*, onde deu os primeiros passos na carreira de jornalista. Na ZYH-7, teve sua primeira experiência no rádio, aos 20 anos. Numa noite em que o prefeito da cidade comemorava o seu aniversário, o jovem foi solicitado para transmitir a festividade municipal, devido à ausência do locutor oficial na emissora. Pela primeira vez, foi ao ar pelo telefone e realizou entrevistas ao vivo.

---

<sup>52</sup> Neif Tair. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como proprietário de veículos de comunicação, 24 mar. 2017.

<sup>53</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

[...] eu tomei a iniciativa de me dirigir ao local pelo telefone e acabei fazendo então a transmissão com entrevistas, com informações [...]. Não tinha noção nenhuma do que se tratava. Mas, principalmente, o objetivo de me comunicar, o objetivo de uma comunicação direta com o público através do rádio me levou a estar lá, convocado para fazer a transmissão. Desta forma, marcou esse acontecimento como o primeiro na minha vida profissional de repórter.<sup>54</sup>

A partir daí, Correia começou a se desenvolver na profissão dentro da *Presidente Venceslau AM*. De locutor, passou para o setor de entretenimento, com a apresentação de programas e shows artísticos. Além disso, realizava entrevistas e coberturas jornalísticas, entre elas, visitas de autoridades estaduais e nacionais na região.

Mesmo sem nenhuma formação acadêmica, até porque nessa época surgiam as primeiras faculdades brasileiras de Jornalismo<sup>55</sup>, foi promovido e passou por diversas funções, desde radioperador, publicitário, repórter, redator, noticiário, até alcançar cargos de alto nível como de editor e de chefe de reportagem. Chegou à direção da emissora em 1957, função que exerceu durante 12 anos. Segundo Correia<sup>56</sup>, ao mesmo tempo em que dirigia a rádio, realizava diariamente transmissões ao vivo de cunho jornalístico.

Anteriormente a esse fato, mais especificamente no dia 15 de janeiro de 1957, casou-se com Aparecida Soares Correia, com quem está há 60 anos, e teve três filhas: Arlete Soares Correia, Arlene Soares Correia e Anete Soares Correia.

Para quem o conheceu como ouvinte e depois trabalhou lado a lado, o jornalista se tornou uma referência. Segundo Affonso<sup>57</sup>, Correia sempre estava à frente dos outros repórteres em um acontecimento. Quando chegava ao local da notícia, não importava quantos outros jornalistas estivessem no ambiente, sempre chegava perto de Altino, pois sabia que ele tinha mais informações do que os

<sup>54</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>55</sup> A primeira universidade a oferecer o curso superior em Jornalismo no Brasil foi a Faculdade Cásper Líbero, em 1943. Entretanto, devido a entraves legislativos, só entrou em funcionamento quatro anos depois, em 1948. Já em Presidente Prudente, a Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Facopp), da Universidade do Oeste Paulista, foi a pioneira, em 1995.

<sup>56</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>57</sup> Cícero Affonso. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 28 mar. 2017.

demais e isso fazia a diferença.

E para a população em si, ele também sempre estava na frente, sempre chegava com a notícia importante, uma chamada que... a notícia do Altino sempre prendia o ouvinte ou o leitor, porque quando sabia-se que era o Altino que ia falar ou quando era o Altino que estava escrevendo, era algo que... era um fato que podia dar o crédito, porque o Altino sempre foi muito sério pra trabalhar.<sup>58</sup>

Correia<sup>59</sup> construiu uma carreira como correspondente regional ao trabalhar em jornais reconhecidos nacionalmente. O primeiro veículo em que atuou nessa função foi o jornal *Última Hora*. Nele, permaneceu apenas por um ano, de 1958 a 1959. Em 1960, aceitou uma proposta para trabalhar no jornal *O Estado de S. Paulo*. A partir de 1962, também passou a integrar a equipe de profissionais da *Folha de S. Paulo*, a convite do diretor de sucursais do interior, Fernando Brizola. Simultaneamente, assinava matérias nos dois veículos nacionais e comandava a *Presidente Venceslau AM*.

Durante os 25 anos em que atuou na *Folha de S. Paulo*, o jornalista cobriu, principalmente, assuntos ligados aos presídios da região. “Nós mandávamos as fotos, acompanhávamos os acontecimentos, por exemplo, rebelião de presídio, da penitenciária de Presidente Venceslau que foi a pioneira, a penitenciária modelo desta região e do país”.<sup>60</sup>

Foi nesse período que ocorreu o famoso “Crime da Mala”, na década de 1970, o qual Correia teve a oportunidade de acompanhar e cobrir para a *Agência Folhas*, primeiro, com repercussão no jornal *Última Hora* e, em seguida, na *Folha de S. Paulo*, *Folha da Tarde*, *Notícias Populares* e *Rádio Gazeta*. “O fato [...] teve uma ampla repercussão e por muito tempo se comentou [...]”.<sup>61</sup> Conforme relata o jornalista em seu blog<sup>62</sup>, um telefonema o acordou de madrugada e chamava atenção de toda imprensa para um fato excepcional. Quando se dirigiu ao local e tomou conhecimento do que se tratava, reconheceu, na mesma hora, que aquele acontecimento ganharia as principais manchetes não só de Presidente Prudente,

<sup>58</sup> Cícero Affonso. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 28 mar. 2017.

<sup>59</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> [www.altinocorreia.blogspot.com.br](http://www.altinocorreia.blogspot.com.br)

mas de todo o Brasil. A proprietária de uma farmácia no centro da cidade foi a responsável pelo crime que repercutiu pelo país. “Era o chamado ‘Crime da Mala’ que mereceu destaque em sucessivas edições, reproduzindo sempre a mesma imagem: um corpo de uma mulher totalmente nu, dobrado e todo encolhido no interior de uma mala”.<sup>63</sup>

A dona do estabelecimento transformou sua residência em uma clínica clandestina para a realização de abortos. Porém, neste dia, os fatos mudaram a rotina do lugar. A paciente, vinda do Mato Grosso do Sul (MS), decidiu interromper a gravidez já avançada, mas não resistiu ao procedimento.

A mulher que assumiu o compromisso de fazer o aborto, certamente ficou em situação desesperadora, e [...] decidiu pela adoção de uma medida extrema: amontoar tudo e colocar o corpo numa mala. Em seguida, chamou um táxi e deu ao taxista a difícil e triste incumbência de transportar o corpo até Presidente Epitácio. Ao chegar, ele se encarregaria de lançar a estranha encomenda (com mala e tudo) nas águas do rio Paraná. O motorista, entretanto, não aceitou essas condições e segundo deixou transparecer, ainda ignorava o que deveria transportar. Por se tratar de uma mala fechada e pesadíssima começou a levantar suspeitas antes mesmo de iniciar a viagem.<sup>64</sup>

Uma vizinha, observando tudo o que acontecia, decidiu chamar a polícia. Quando as autoridades chegaram ao local, encontraram o corpo da moça dentro da mala e a autora do crime foi prontamente autuada em flagrante. Os dois filhos, que auxiliaram a mãe nos trabalhos, foram apenas acusados e não ficaram presos, pois o delegado acreditou que não atuaram conscientes, mas foram induzidos por amor a mãe. “O fato repercutiu e ganhou espaço na imprensa, no rádio, na TV e na boca do povo”.<sup>65</sup>

Ainda em Presidente Venceslau, Correia ajudou a fundar em 1963 o jornal *Coroados*, de curta duração, no qual exerceu as funções de diretor e editor. Logo após a saída do veículo, iniciou o trabalho como colaborador no *Correio da Sorocabana*. Em maio de 1965, o repórter adquiriu o certificado profissional do curso de Jornalismo Intensivo, conferido pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente em parceria com o jornal *Folha de S. Paulo*,

---

<sup>63</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>64</sup> [http://ao.correia.zip.net/arch2007-11-01\\_2007-11-30.html#2007\\_11-02\\_13\\_39\\_57-11269399-25](http://ao.correia.zip.net/arch2007-11-01_2007-11-30.html#2007_11-02_13_39_57-11269399-25)

<sup>65</sup> Idem.

ministrado pela primeira vez na cidade.<sup>66</sup>

Após 19 anos de trabalho na emissora venceslauense, o jornalista mudou-se para Presidente Prudente, em 1968, para assumir o cargo de diretor-gerente em uma afiliada da rádio, a *Presidente Prudente AM*, a convite de Geraldo Soller. Nela, ficou até 1972, quando foi contratado pelo jornal *O Imparcial*, na função de repórter e redator, por oito anos.<sup>67</sup>

Segundo Tadashi Kuriki<sup>68</sup>, que trabalhou com Altino Correia na *Rádio Presidente Prudente AM*, a característica que marca o perfil do repórter é dinamismo. “Ele gostava da notícia. Ele não tinha preguiça de correr atrás da notícia, seja durante o dia, seja à noite. Esse foi o grande destaque do Altino”.<sup>69</sup>

Kuriki<sup>70</sup> define Correia como um dos maiores jornalistas que passaram pela região de Presidente Prudente. “Eu gostaria que Presidente Prudente tivesse não apenas mais um, tivesse inúmeros jornalistas da competência do Altino, para que Presidente Prudente pudesse ainda se desenvolver muito mais do que desenvolveu”.<sup>71</sup>

Adalberto Lins da Silva<sup>72</sup> também conheceu o jornalista nessa época. Para ele, durante as conversas, Altino ensinava sobre o respeito com a coletividade e a verdade da informação. Era assim que o repórter recebia o conceito e a confiança da população. “Isso é algo que todo mundo gostaria de ter, mas nem todos têm, porque nem todos agem dessa maneira como ele agia: de maneira correta, falando a verdade, explicando como é que tinha acontecido aquilo lá”.<sup>73</sup>

Mais tarde, em 1976, Correia foi convocado por JB Lemos, diretor da sucursal de São Paulo, para fazer parte do *Jornal do Brasil*. Trabalhou no veículo durante três anos como repórter responsável pela cobertura do Oeste do Estado. Em todo acontecimento, o correspondente era acionado imediatamente e conforme constatado na análise documental realizada por meio dos arquivos disponibilizados

---

<sup>66</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>67</sup> Idem.

<sup>68</sup> Tadashi Kuriki. Radialista aposentado. Entrevista sobre o cenário da imprensa regional nas décadas de 1960 e 1970, 22 mar. 2017.

<sup>69</sup> Tadashi Kuriki. Radialista aposentado. Entrevista sobre o cenário da imprensa regional nas décadas de 1960 e 1970, 22 mar. 2017.

<sup>70</sup> Idem.

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> Adalberto Lins da Silva. Aposentado e ex-radialista. Entrevista sobre o cenário da comunicação na região, em meados da década de 1950, 27 mar. 2017.

<sup>73</sup> Idem.

pelo jornalista (APÊNDICE A), as pautas requisitadas eram mais expressivas de âmbito regional envolvendo assuntos como coberturas de visitas presidenciais e ministeriais, inaugurações de hidrelétricas, problemas de ordem econômica e o potencial do agronegócio, da pecuária e da agricultura. Entre elas, Correia destaca as matérias sobre as enchentes do Rio Paraná:

[...] no Jornal do Brasil fiz mais de 50 matérias cobrindo as enchentes do Rio Paraná daquela época, uma das quais ocupou a página inteira do caderno B, matéria assinada, com telefoto<sup>74</sup> feita diretamente no local. Então, essa e outras matérias no Jornal do Brasil foram destaque nacional e internacional.<sup>75</sup>

Por sua trajetória, Feitosa<sup>76</sup> acredita que Correia teve uma atuação evidenciada como repórter e é provido de uma versatilidade incomum, que o levou a atuar em todas as áreas da comunicação, tornando-se um profissional multimídia e exemplo de profissionalismo para as novas gerações. “Adquiriu muita credibilidade, respeitabilidade [...], com participação reconhecida e relevante na construção da história regional. Primou pela seriedade e granjeou respeitabilidade no exercício do jornalismo”.<sup>77</sup>

Em 1978, ingressou na *Rádio Globo Excelsior*, atual *CBN*. Em 1991, foi para a *Rádio Cidade de Presidente Prudente*, saindo de ambas em 1993. Após desligar-se do *JB*, devido a problemas econômicos, recebeu um convite do jornal *O Globo*, em 1989, para atuar na função de correspondente. Prestou serviços de *freelancer* ao veículo ao longo de três anos. Mais tarde, em 1998, teve passagem de um ano pela *Rádio Paulista 1330 AM*.<sup>78</sup>

A estreia na televisão ocorreu em 1963, em Brasília, como âncora de um programa de entrevistas na *TV Nacional* – Canal 6. Depois, fez participação ao vivo com reportagens no *Globo Cidade da Rede Globo* (SP). Seguida da contratação na *TV Bauru* da mesma emissora, de 1981 a 1984.

---

<sup>74</sup> Aparelho utilizado para envio e recebimento de fotografias por meio da linha telefônica.

<sup>75</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>76</sup> Antonio de Figueiredo Feitosa. Jornalista e ex-radialista. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>77</sup> Idem.

<sup>78</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

Era a única emissora da *Globo* no interior do Brasil, foi a primeira, a pioneira no interior brasileiro. [...] a *TV Bauru* implantou o telejornalismo e o pessoal precisava de um correspondente na região de Prudente, como pegaram em Rio Preto, Araçatuba, Bauru, essa região toda. Eu fiz tantas coberturas e me lembro que a de maior destaque foi a [inauguração] do Prudentão.<sup>79</sup>

Após três anos, saiu da afiliada da *TV Globo* em Bauru e começou a trabalhar como repórter na *TV Bandeirantes* de Presidente Prudente, contribuindo com a implantação do telejornalismo na emissora ao lado de Itanir Perenha. Permaneceu na empresa por seis anos, atuando nas funções de repórter, editor e chefe de reportagem. No início, segundo Correia<sup>80</sup>, os recursos eram arcaicos, o estúdio era improvisado e todo dia, após as gravações, era necessário levar a fita para o prédio onde ficava localizada a retransmissora (geradora de sinal) para que o material fosse ao ar.

Quando Altino Correia foi trabalhar na *TV Bandeirantes*, levou com ele Homéro Ferreira. “Quando a *Bandeirantes* veio e montou o jornalismo, quem montou a equipe de jornalismo foi o Altino, jornalismo geral e do esportivo”<sup>81</sup>, aponta Ferreira.

O convite para realizar a transmissão de um jogo na cidade foi inesperado. “Por que ele me escolheu como narrador? Porque eu narrava anteriormente para o rádio. Eu nunca tinha feito televisão e ele me escolheu, simplesmente me escolheu. Acho que sabia que eu topava todo desafio”.<sup>82</sup>

Neusa Matos<sup>83</sup> foi convidada por Correia a substituí-lo nas reportagens durante um período, pois o repórter havia quebrado o braço e não poderia aparecer no vídeo. “Quando eu trabalhei com ele na *Bandeirantes*, eu não sabia fazer TV. [...] Ele me ensinou tudo, sabe? Como se posicionar diante da câmera, sabe? Como perguntar, porque é diferente do rádio”.<sup>84</sup>

Sobre a sua importância, Matos<sup>85</sup> destaca tamanha contribuição e

---

<sup>79</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>80</sup> Idem.

<sup>81</sup> Homéro Ferreira. Assessor de imprensa da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e professor universitário. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>82</sup> Idem.

<sup>83</sup> Neusa Matos. Repórter da Rádio Presidente Prudente AM. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e a presença feminina nos veículos de comunicação, 22 mar. 2017.

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> Neusa Matos. Repórter da Rádio Presidente Prudente AM. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e a presença feminina nos veículos de comunicação, 22 mar. 2017.

aprendizado que Altino passou para os profissionais do jornalismo. “Todo mundo cresceu com o Altino Correia. [...] Com seu estilo de trabalho, de simplicidade, de humildade e muito ético. Eu acho que ele contribuiu muito para os profissionais”.<sup>86</sup>

Nos anos de 1993 e 1994, Correia trabalhou na *TV Pontal Paulista* da *Rede Manchete* e posteriormente, na *Rede Vida de Televisão*, como correspondente voluntário, com a qual colabora até hoje. Atualmente, o jornalista exerce o cargo de assessor de imprensa na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT-Unesp) de Presidente Prudente. No entanto, tem a *web* como principal plataforma de trabalho. Por meio da internet, administra o blog *Memórias de um Repórter do Interior* ([www.altinocorreia.blogspot.br](http://www.altinocorreia.blogspot.br)), lançado em janeiro de 2007. Nele, já publicou mais de 1,5 mil matérias, ultrapassando 320 mil acessos.

Para Homéro Ferreira<sup>87</sup>, Altino Correia comprova a teoria de que jornalista é como vinho: quanto mais velho, melhor. Sua escrita evoluiu com o tempo e com o blog se tornou muito atual. “Ele fotografa aquilo que ele faz, ele usa a nova tecnologia, ele mesmo posta, ele mesmo faz tudo. [...] Ele foi um cara de Prudente para o país e, possivelmente, para o mundo, em algumas ocasiões”.<sup>88</sup>

José Roberto Dantas Oliva<sup>89</sup> admira o trabalho realizado pelo jornalista até hoje, a partir das coberturas que realiza de variados acontecimentos da cidade e da região para seu blog. Ele acredita que Correia é modelo para todos que atuaram e que ainda atuam no jornalismo. “Um profissional gabaritado, um profissional muito sério, comprometido com a verdade e com a informação. O Altino é uma inspiração para todos os jornalistas que chegaram depois dele. Eu acho que isso diz tudo”.<sup>90</sup>

Sua importância para a construção e desenvolvimento do jornalismo regional é reconhecida por colegas de profissão. Segundo Sinézio de Souza<sup>91</sup>, que trabalhou com o profissional na *Rádio Presidente Prudente*, Altino é o maior e

---

<sup>86</sup> Neusa Matos. Repórter da Rádio Presidente Prudente AM. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e a presença feminina nos veículos de comunicação, 22 mar. 2017.

<sup>87</sup> Homéro Ferreira. Assessor de imprensa da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e professor universitário. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>88</sup> Idem.

<sup>89</sup> José Roberto Dantas Oliva. Juiz da Vara do Trabalho de Presidente Venceslau. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 30, mar. 2017.

<sup>90</sup> Idem.

<sup>91</sup> Sinézio de Souza. Radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional, 27 mar. 2017.

melhor profissional que se apresentou no rádio para a cidade, eficiente e com grande capacidade para redigir uma notícia ou fazer um comentário sobre um acontecimento. “[...] ele tem o dom pra escrever maravilhosamente bem [...]. Ele escreve uma matéria, no jornal, tratando de assuntos diferentes, de um jeito que as pessoas nem esperam [...]”.<sup>92</sup>

Souza<sup>93</sup> conta que a convivência com Altino, na época em que trabalharam juntos, era de amigos, de colegas de trabalho e que até hoje o contato entre os dois continua o mesmo. “Há pouco tempo eu até li uma notícia, uma matéria que ele escreveu para o jornal *O Imparcial*. Continua o mesmo e até melhor”.<sup>94</sup>

Para Cícero Affonso<sup>95</sup>, a notícia e a informação sempre auxiliam no crescimento político e comercial, campos em que Correia atuou com intensidade. Dessa forma, a participação do jornalista teve grande importância, sendo um dos primeiros, junto com Geraldo Soller e Barbosa da Silveira, a estar à frente disso. “[...] ele trazia muita informação e na época em que [...] a informação era complicada para se conseguir e para se transmitir, a informação dele, o texto do Altino era sempre muito bem recebido e com certeza colaborou muito para o progresso, para o desenvolvimento da cidade e da região”.<sup>96</sup>

De acordo com Lêda Márcia Litholdo<sup>97</sup>, Correia é um modelo a ser seguido. Realizava um trabalho que todos queriam copiar e alcançar o estágio em que estava. Para os profissionais do jornalismo, ele era encarado como um estímulo e, para a sociedade, se tornou um sentinela, por levantar problemas sociais, políticos e de saúde de uma forma profunda e como pouquíssimos faziam.<sup>98</sup>

Um modelo de jornalista, cujo trabalho deve ser, não apenas respeitado, mas copiado. Copiado no sentido de viver o jornalismo tão intensamente como ele vive até hoje. Porque apesar de não estar naquela correria que era antigamente, mas cansei de vê-lo fazendo matérias para o blog, cansei de vê-lo fazendo pequenos textos. Ele é jornalista de corpo e alma. O Altino é um jornalista de corpo e alma. Então é aquele cara para nós respeitarmos, admirarmos e seguir.<sup>99</sup>

<sup>92</sup> Sinézio de Souza. Radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional, 27 mar. 2017.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Idem.

<sup>95</sup> Cícero Affonso. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 28 mar. 2017.

<sup>96</sup> Idem.

<sup>97</sup> Lêda Márcia Litholdo. Jornalista e professora universitária. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e a presença feminina nos veículos de comunicação, 30 mar. 2017.

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> Idem.

O repórter Montezuma Cruz foi recebido pelo jornalista em sua casa quando chegou a Presidente Prudente, vindo de Bernardino de Campos (SP). “Já ouvia falar dele desde os tempos em que trabalhou na *Rádio Presidente Venceslau AM*. Recebi de Altino Correia altas lições de apreço e de estímulo profissional”.<sup>100</sup>

Para Cruz<sup>101</sup>, o jornalista destacou-se como o mais bem informado repórter do Oeste Paulista, “sem favor nem exagero”. Correia era atento a todos os assuntos; sabia quem chegava e saía da região; visitava, quase que diariamente, centros de saúde, santas casas, gabinetes de juízes, promotores, prefeitos, vereadores, sindicatos, associações, clubes de serviço e tinha contatos com consulados e embaixadas. “Um jornalista que une o antigo saber dos correspondentes e repórteres de interior com a modernidade. Homem de coração enorme, um cristão que sempre soube se doar e conviver com agruras e alegrias profissionais”.<sup>102</sup>

### **4.3 A função de correspondente regional**

Devido à escassez de conteúdo sobre a já extinta função de correspondente regional, é necessário começar a definição deste ofício pelo contexto mais amplo, o de correspondente internacional. Segundo Rocha e Silva (2005, p. 7), “[...] correspondentes internacionais nos enviam informações diariamente de países os quais conhecemos bem ou nunca ouvimos falar. Um correspondente deve dar conta de cobrir todo um país, região e até mesmo continente”.

À vista disso, o correspondente regional é o profissional que trabalha com a divulgação de informações a respeito de uma região em que não está localizada a sede ou sucursais do veículo de comunicação nacional. Seu trabalho é produzir conteúdo sobre acontecimentos e assuntos mais importantes relacionados ao local a fim de abastecer a mídia nacional. Segundo José Roberto Dantas Oliva<sup>103</sup>,

---

<sup>100</sup> Montezuma Cruz. Jornalista e radialista. Entrevista sobre história e desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 27, mar. 2017.

<sup>101</sup> Idem.

<sup>102</sup> Idem.

<sup>103</sup> José Roberto Dantas Oliva. Juiz da Vara do Trabalho de Presidente Venceslau. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 30, mar. 2017.

que atuou como correspondente para o diário *O Estado de S. Paulo*, sua função era “[...] cobrir a região. Essa era a atividade principal”.

No Oeste Paulista, fez-se presente a figura do correspondente regional e é incontável o número de profissionais que exerceram a função para os mais reconhecidos jornais do Brasil, como *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Além do impresso, os veículos de rádio e televisão, e mais recentemente o online, contrataram repórteres para essa função. Entre os anos de 1960 e 2000, foram correspondentes na região de Presidente Prudente Adalberto Lins da Silva, Adelmo Santos Reis Vanalli, Cícero Affonso, Homéro Ferreira, José Roberto Dantas Oliva, Montezuma Cruz e Sérgio Jorge Alves, profissionais que concederam entrevistas para este trabalho (ANEXO A). Também atuaram no cargo jornalistas como Chico Siqueira, Clóvis Moré, Cristiano Machado, Rafael de Lala, Sandro Villar e Zé Costa Irapuru.

Para Altino Correia<sup>104</sup>, no âmbito regional, correspondentes eram as “[...] pessoas mais categorizadas, que conviviam com os problemas mais à vontade, que poderiam ter conhecimento melhor e transmitir informações mais detalhadas”. Geralmente, o profissional era contratado por referência ou indicação de alguém que conhecia o seu trabalho, por levantamento dos jornais e pelos trabalhos publicados.

Conforme Montezuma Cruz<sup>105</sup>, o correspondente realizava tarefas semelhantes ao do repórter. Ambos trabalhavam igualmente e suas missões eram as mesmas. Quanto aos requisitos necessários para o cargo, o profissional “[...] geralmente tinha visão daquilo que ocorria em sua cidade e região. [...] Alguns se destacavam pela maneira competente como apuravam os fatos e lhes davam sequência no noticiário”.<sup>106</sup> Opinião compartilhada também pelo jornalista Homéro Ferreira:

---

<sup>104</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>105</sup> Montezuma Cruz. Jornalista e radialista. Entrevista sobre história e desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 27, mar. 2017.

<sup>106</sup> Idem.

O requisito era que você tivesse boa apuração, na visão deles, e uma boa redação. Porque às vezes alguém tem uma boa redação, mas não tem apuração. Apuração é essencial. Então o que eles exigiam muito era apuração. Você ter elementos, ter informação, ter sólido aquilo ali para não deixar nenhuma brecha.<sup>107</sup>

Dessa forma, era preciso prestar atenção nas diferenças e nas histórias. Também era necessário ter “[...] vontade de trabalhar, porque se você não corresse muito, você não sabia das coisas. Se ficasse fechado, você não ia saber das coisas”, aponta Ferreira<sup>108</sup>.

De acordo com os profissionais entrevistados para a produção deste trabalho, o ofício do correspondente ocorria por meio de sugestões enviadas pelos repórteres aos veículos ou pautas prontas requisitadas por eles. Quando a informação enviada era aceita, a empresa determinava o número de linhas disponíveis para a reportagem, além de estipular um *deadline*. Toda essa comunicação era feita por telefone. Segundo Correia, “[...] as pautas eram enviadas por telex. O telex<sup>109</sup> teve um período de domínio, que antecedeu o fax e, depois, o computador”.<sup>110</sup>

Os meios de comunicação nacionais não exigiam periodicidade no fornecimento das notícias regionais. De acordo com Ferreira<sup>111</sup>, “[...] o que eles precisavam lá era o que acontecesse aqui. Se você tivesse um assunto todo dia que fosse possível para eles, você mandava o assunto”.

Ainda nesta questão, os profissionais relatam que os temas de maior destaque estavam ligados ao setor policial, político e esportivo, mas também havia assuntos de outras editorias. Segundo Affonso<sup>112</sup>:

---

<sup>107</sup> Homéro Ferreira. Assessor de imprensa da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e professor universitário. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>108</sup> Idem.

<sup>109</sup> O telex chegou ao Brasil em 1957, como uma máquina elétrica, semelhante à datilográfica, que enviava e recebia mensagens escritas por meio da linha telefônica.

<sup>110</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>111</sup> Homéro Ferreira. Assessor de imprensa da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e professor universitário. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>112</sup> Cícero Affonso. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 28 mar. 2017.

[...] aqui na nossa região muito o setor de conflitos agrários, ocupação de terra, ocupação de fazenda, reintegração de posse, esse tipo de informação chama muita atenção, chamava-se, sempre chamou muita atenção de toda a mídia nacional. E também o setor carcerário, quando se tem uma rebelião [...].

O jornalista José Roberto Dantas Oliva<sup>113</sup> relata que coberturas de ocupações de terra eram notícias sempre de primeira página e os assuntos regionais, na maioria das vezes, conquistavam capa e páginas internas inteiras, sendo comentados nacionalmente e internacionalmente. Foram os casos de sequestros de oficiais de justiça, confrontos entre movimentos de sem terra e policiais militares, feiras agropecuárias, exposições de cavalos, leilões e rebeliões.

Para Cruz<sup>114</sup>, “[...] era dele [correspondente] que saíam matérias relatando problemas, fossem eles os mais simples, até escândalos políticos, comemorações de safras agrícolas, congressos, futebol, jogos abertos do interior, a saúde pública, tudo enfim”.

Sendo assim, não eram apenas assuntos ruins e acontecimentos trágicos que ganhavam os noticiários nacionais. O jornalista Ferreira<sup>115</sup> conta que publicou no jornal *O Estado de S. Paulo* diversas outras matérias, como por exemplo, a inauguração do Hospital Universitário de Presidente Prudente (HU) enquanto um dos maiores hospitais da América Latina. “Eu fiz matéria do homem que talvez fosse considerado o mais velho do Brasil e do mundo, chamava ‘Chapéu de Couro’, descendente de escravos, lá de Presidente Epitácio”.

Como toda profissão, a atividade de corresponde regional também tinha as suas dificuldades. As mais significativas eram a falta de estrutura, o deslocamento e a distância. Conforme Ferreira<sup>116</sup>:

---

<sup>113</sup> José Roberto Dantas Oliva. Juiz da Vara do Trabalho de Presidente Venceslau. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 30, mar. 2017.

<sup>114</sup> Montezuma Cruz. Jornalista e radialista. Entrevista sobre história e desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 27, mar. 2017.

<sup>115</sup> Homéro Ferreira. Assessor de imprensa da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e professor universitário. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>116</sup> Idem.

[...] se eu produzisse uma fotografia em filme, eu tinha que pegar aquele tubinho do filme, colocar dentro do envelope, identificar, ir lá no terminal rodoviário, despachar aquilo em um ônibus, entregar na mão do motorista para ele por em cima do painel do ônibus, para ele levar aquilo para São Paulo, pegar o número do ônibus, o nome do motorista, que horário ele estava saindo daqui e qual o horário dele chegar lá para ir alguém lá no terminal e retirar esse material. Tudo isso é muito louco, né?

O correspondente regional era reconhecido como o representante oficial do veículo naquela região. Para Affonso<sup>117</sup>, o profissional tinha grande importância, pois levava o nome da cidade e da região em que escrevia para um número maior de ouvintes, assinantes e leitores do veículo de comunicação. “Porque uma coisa é quantas pessoas leem o jornal da região de Presidente Prudente e outra coisa é quantas pessoas acompanham um portal de notícia a nível mundial”.

Altino Correia<sup>118</sup> conta que o correspondente era sempre solicitado quando havia um acontecimento importante como, por exemplo, visitas, inaugurações, palestras, conferências ou cerimoniais de natureza técnica ou científica, as quais despertavam atenção e mereciam matéria.

Era sempre uma forma de comunicação que valorizava também o trabalho profissional, porque tinha sempre reconhecimento. Pelo menos, alguém dizia: “li”, “vi”, “você apareceu lá com a notícia” – comentavam alguma coisa. Então, sempre repercutia. E criou também, assim, um relacionamento muito grande entre os profissionais, sabe? Porque o nome era conhecido; a pessoa, às vezes, recorria, precisava de uma informação e entrava em contato. Então, havia uma cooperação mútua a quem você recorria ou era recorrido né para dar detalhes e tal, auxiliar [...].<sup>119</sup>

Ser corresponde no Oeste Paulista, explica Ferreira<sup>120</sup>, permitia tornar conhecida a região e, principalmente, a cidade de Presidente Prudente. “Tal fato que acontecia aqui que virava notícia para o Estado de São Paulo e para o Brasil construía a visibilidade de Prudente”. No entanto, com o passar dos anos, a presença desse profissional foi desaparecendo aos poucos. Affonso<sup>121</sup> acredita que o imediatismo das informações, atualmente, acabou por extinguir a função. Logo, o

<sup>117</sup> Cícero Affonso. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 28 mar. 2017.

<sup>118</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>119</sup> Idem.

<sup>120</sup> Homéro Ferreira. Assessor de imprensa da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e professor universitário. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 21 mar. 2017.

<sup>121</sup> Cícero Affonso. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 28 mar. 2017.

jornalista precisa ser mais ágil e veloz para não chegar atrasado com a informação.

[...] porque hoje toda pessoa tem um aparelho celular, faz um clique aqui, escreve duas frases e já dispara para todo mundo. Quando o jornalista vai chegar, se ele demorar um pouquinho, ele vai chegar com a notícia e todo mundo já está sabendo. Aí, nós costumamos dizer que a notícia já azedou.  
122

Correia<sup>123</sup> esclarece que “[...] o correspondente tinha uma função: informar, manter em dia o noticiário com fonte de informação confiável. Mas, infelizmente, não foi valorizado como deveria ser”. Apesar disso, a função proporcionou ao jornalista muitas experiências. “[...] faz com que a gente se movimente, busque a verdade sem distorções. O importante é isso. Sinceramente, eu me senti valorizado e bastante prestigiado”. Sobre isso, Oliva<sup>124</sup> complementa que o fato se trata de uma questão econômica:

[...] o jornal *O Estado de S. Paulo*, tinha uma das maiores redes de correspondentes, se não acho que a maior rede de correspondente do país e valorizava bastante o interior de São Paulo, por ser o estado mais rico, conhecido como a locomotiva da nação. Então, as principais cidades tinham correspondentes permanentes, contratados, repórteres regionais, empregados do jornal e da Agência Estado. Acredito que por questões de dificuldades econômicas, eu não diria nem de dificuldade, porque nós estamos falando de um dos maiores jornais do país. Mas, talvez de equacionamento econômico, eles resolveram extinguir a rede de correspondentes.  
125

Portanto, o que fica para os profissionais que atuaram como correspondentes regionais é a saudade quando conversam sobre o assunto, com base no que diz Oliva<sup>126</sup>: “[...] eu acho lastimável e, sinceramente, a sensação de nostalgia é muito grande. Gostaria que essa rede ainda existisse e acho que ela deu uma contribuição muito importante para o jornal, para a imprensa, para o jornalismo de uma forma geral”.

<sup>122</sup> Cícero Affonso. Jornalista e radialista aposentado. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 28 mar. 2017.

<sup>123</sup> Altino Oliveira Correia. Assessor de imprensa da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp). Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e sua trajetória profissional, 9 abr. 2017.

<sup>124</sup> José Roberto Dantas Oliva. Juiz da Vara do Trabalho de Presidente Venceslau. Entrevista sobre o desenvolvimento do jornalismo regional e atuação como correspondente do Oeste Paulista, 30, mar. 2017.

<sup>125</sup> Idem.

<sup>126</sup> Idem.

## 5 DELINEAMENTO DO PRODUTO

### 5.1 O livro-reportagem

Por ser um veículo de comunicação jornalística aperiódica, o livro-reportagem constitui-se em um produto capaz de estender a função informativa da imprensa cotidiana. Partindo desse pressuposto, a plataforma foi definida como peça prática do presente trabalho, com a finalidade de retratar as contribuições deixadas por Altino Correia ao jornalismo da região de Presidente Prudente.

A obra é composta por 11 capítulos que abordam a vida e as experiências do jornalista como “repórter do interior”, ao emplacar reportagens a nível nacional. Também é apresentado um panorama acerca do cenário da comunicação no Oeste Paulista, entre as décadas de 1950 e 1980; além do papel do correspondente regional dentro desse contexto. Sendo assim, a categoria livro-reportagem-biografia demonstrou maior adequação ao tema proposto.

As obras *Chatô, o Rei do Brasil* e *Olga*, de Fernando Morais, e *Minha Razão de Viver*, de Samuel Wainer, serviram de base para a reflexão sobre os conceitos de jornalismo literário, livro-reportagem e biografia, como também para a produção do livro “Altino: o repórter do interior”, título atribuído à peça prática deste TCC.

A narração dos acontecimentos de uma vida, de acordo com Borges (2010), pressupõe seleção prévia das informações potencialmente importantes ao leitor, para que tenham sentido no contexto da história. Nesse trabalho, faz-se necessária a organização dos fatos em uma sequência temporal.

Embora essa seleção não seja evidente, algumas dessas escolhas parecem ser mais fáceis: sobre fatos importantes, como nascimento, origem social e familiar em geral não pairam dúvidas; também, conforme a vida do personagem, não é difícil escolher os fatos relevantes [...]. Muitas vezes, o biógrafo opta por analisar apenas um ou alguns dos períodos para ele mais significativos, ou ainda às encruzilhadas decisórias. (BORGES, 2010, p. 221)

Em vista disso, foi estabelecida a abordagem do período que compreende os anos de 1950 a 1980. Essa delimitação diz respeito à época de maior atuação de Altino Correia enquanto correspondente regional, com passagem pelos jornais *Folha da Tarde*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Notícias*

*Populares, O Estado de S. Paulo, O Globo e Última Hora*, verificada a partir da análise documental realizada nesta pesquisa (APÊNDICE A).

Além de conhecer o tempo em que viveu o seu biografado, o autor deve atentar-se aos laços existentes entre ele e a sociedade, considerando “[...] o grupo ou grupos em que atuava, enfim, todas as redes de relações pessoais que constituíam seu dia a dia.” (BORGES, 2010, p. 222). Para isso, além do relato de Correia, profissionais da imprensa e familiares foram entrevistados.

Ainda que boa parte das biografias seja conduzida por uma cronologia linear, há autores que adotam outros tipos de procedimentos metodológicos. Quanto ao estilo narrativo, portanto, as pesquisadoras optaram por não se prender às datas do passado. O livro-reportagem “Altino: o repórter do interior” foi conduzido pela apresentação de experiências que contextualizam o período determinado, seguindo o método progressivo-regressivo, “[...] cheio de *flash-backs*, ou seja, alternando na narração as temporalidades de uma vida”, conforme explana Borges (2010, p. 225). Para tanto, o estilo textual empregado na peça prática trata-se do jornalismo literário, apresentado no capítulo três deste trabalho.

A inclusão de eventos históricos (políticos, econômicos, sociais, culturais) no enredo mostra-se relevante quando estes interferirem na vida do personagem. Segundo Vilas Boas (2002), uma obra biográfica ajuda o leitor a compreender um período remoto que possui significado no presente. Por meio da narrativa, é possível reconstituir histórias e, nesse processo, “[...] o biógrafo enfrenta acontecimentos que moldaram seu biografado ou foram por ele moldados. Sem passado não há biografia, como não há história com agá maiúsculo.” (VILAS BOAS, 2002, p. 18). A partir das experiências de Altino Correia foi possível entender melhor a história do jornalismo da região de Presidente Prudente.

### 5.1.1 Nome da publicação

O grupo optou por intitular o livro-reportagem como “Altino: o repórter do interior”. A expressão “o repórter do interior” denota a atuação do jornalista como o responsável pela cobertura da região de Presidente Prudente para veículos de circulação nacional, entre os anos de 1950 e 1980, foco principal deste trabalho em relação à vida profissional do biografado. Ao mesmo tempo, o título remete à coluna “Memórias de um Repórter do Interior”, redigida por Altino Correia no jornal *Tribuna*

da *Imprensa*, de 2005 a 2007, que mais tarde deu origem ao nome do *blog* de notícias (*altinocorreia.blogspot.com.br*) mantido pelo jornalista, desde 2007.

### 5.1.2 Seleção de fontes

De acordo com Borges (2010), o “mergulho na alma” do personagem torna completa uma biografia. Sendo assim, a pesquisa sobre a vida de uma pessoa se dá “[...] por intermédio das ‘vozes’ que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas fontes documentais.” (BORGES, 2010, p. 212). Diários, memórias, tradição oral familiar, fotos, objetos pessoais, entrevistas na mídia (orais, escritas ou em vídeos), podem revelar a personalidade e intimidade do biografado.

Para compor a peça prática, foram entrevistados profissionais da comunicação, amigos e familiares de Altino Correia. Também foram analisados documentos pessoais, como registro profissional, carteiras de trabalho e fotografias, além de reportagens produzidas pelo jornalista durante sua passagem por jornal impresso, emissoras de rádio e televisão, e de materiais publicados na mídia que tratam sobre sua carreira.

O trabalho conta com a indexação de documentos, como fotos e matérias jornalísticas assinadas por Correia, além das entrevistas concedidas pelo jornalista, por sua esposa, sua mãe e por seus amigos. Também são apresentados depoimentos de mais 16 personalidades da imprensa regional, são eles: Adalberto Lins da Silva, Antonio de Figueiredo Feitosa, Cícero Affonso, Homéro Ferreira, José Roberto Dantas Oliva, José Vinícius Barbosa da Silveira, Laerte do Nascimento Silva, Lêda Márcia Litholdo, Neif Taiar, Neusa Matos, Montezuma Cruz, Rubens Shirassu, Rubens Shirassu Junior, Sérgio Jorge Alves, Sinézio de Souza e Tadashi Kuriki. A proposta foi reunir informações a respeito do cenário da imprensa regional entre as décadas de 1950 e 1980, bem como sobre a importância da figura do correspondente regional nesse contexto.

### 5.1.3 Público-alvo e veiculação

O livro-reportagem “Altino: o repórter do interior” tem como público-alvo profissionais de comunicação, acadêmicos que apresentem interesse pelo

desenvolvimento histórico do jornalismo na região, além da sociedade em geral de Presidente Prudente, já que se trata de uma obra comemorativa ao centenário da cidade, completado em 14 de setembro de 2017.

No que se refere à distribuição, em princípio, dois exemplares serão entregues à Unoeste, disponíveis para empréstimo na biblioteca da universidade e na Hemeroteca da Facopp. Também serão doadas obras para o acervo da Unesp e concedido acesso ao trabalho pelo Portal Facopp. Como projeto futuro, as pesquisadoras possuem intenção de publicar o livro por meio de uma editora, já que a obra aborda um tema de interesse social.

## 5.2 Projeto gráfico

O projeto gráfico do livro-reportagem “Altino: o repórter do interior” foi desenvolvido pelos estudantes do 4º termo do curso superior de tecnologia em Design Gráfico da Unoeste, Luis Fernando Ogata e Paulo de Souza Carneiro. Sua composição inclui a utilização das entrevistas realizadas pelas pesquisadoras e das fotografias de arquivo pessoal cedidas por Altino Correia.

A escolha do formato de um livro envolve recursos que influenciam o design e o acabamento da página e do volume. O grupo optou pela orientação vertical, “formato mais comum no mercado mundial, por hábito e facilidade de manuseio do leitor [...]”. (COLLARO, 2012, p. 92)

Sendo assim, a obra foi impressa em papel *offset* 90g/m<sup>2</sup>, em tamanho 20x16cm, com encadernação em capa dura. Segundo Collaro (2012), esse tipo de acabamento tem custo mais elevado; no entanto, garante impressão de qualidade superior, além de requinte e durabilidade ao produto.

De acordo com a Câmara Brasileira do Livro (apud COLLARO, 2012), o projeto gráfico de uma obra é elaborado conforme a categoria literária a que pertence, sendo responsável por transformá-la em um produto atraente e consumível pelo leitor. “Cada categoria procura um design próprio, em busca da identidade visual com seu público [...]”. (COLLARO, 2012, p. 94). A partir disso, Collaro (2012) ressalta que esse planejamento visual deve adequar-se ao conteúdo do livro, a fim de que a proposta do autor seja compreendida por meio dos elementos que compõem o desenho das páginas, como cor, tipologia e imagens.

No que versa sobre a cor, o autor explica que sua definição está diretamente relacionada à percepção individual. São diversos os aspectos que determinam a preferência por uma tonalidade, como gênero, idade, gosto pessoal, cultura e fatores climáticos. Dessa forma, cada pigmento carrega um significado próprio e imprime no cérebro reações distintas.

As experiências vividas pelas pessoas influenciam fortemente suas reações às cores, e a cada faixa etária essa experiência acumulada cria algumas tendências. Pessoas de idade mais avançada, por exemplo, tendem a preferir tons frios, de base azul. (COLLARO, 2012, p. 30)

Tendo em vista o público leitor, composto em sua maioria por adultos, o projeto propôs, no título do livro, o uso do amarelo ouro combinado ao preto e branco, conferindo efeito de luz e sombra ao matiz. De acordo com Williams (2013, p. 100), trata-se de uma combinação monocromática, “[...] composta de uma cor com um número qualquer de suas sombras e luzes correspondentes”.

Collaro (2012) complementa que o amarelo, embora seja classificado como cor quente, quando em contraste com o branco confere sensação de leveza ao produto. Além disso, é um matiz de forte expressão, o que o torna mais visível à distância. O amarelo na tonalidade ouro busca remeter às lembranças e ao passado, correspondendo, assim, com a proposta da obra.

Em relação à dinâmica da página, a massa de texto preenche a mancha gráfica sem divisão de colunas, com alinhamento justificado, respeitando o recuo de segurança. A organização dos elementos faz com que a página ganhe visual mais limpo e sofisticado. “Quando os itens são alinhados na página, o resultado é uma unidade fortemente coesa.” (WILLIAMS, 2013, p. 33). Assim, a margem utilizada foi de 1,5 cm em todas as bordas externas, exceto no lado voltado para o interior do livro, com margem de 2 cm, devido à sangria exigida para a encadernação. A numeração das páginas, feita com algarismos arábicos, foi posicionada no canto da seção de rodapé de cada folha.

Para o corpo do texto, a tipografia estabelecida foi a Electra LT Regular, em tamanho 12 pt, com entrelinha de 15 pontos (FIGURA 1). Inspiradas no estilo clássico, fontes da família romana antiga apresentam alto grau de legibilidade e proporcionam ao leitor descanso visual, em virtude do contraste verificado entre as hastes e serifas triangulares dos caracteres (COLLARO, 2012, p. 25).

FIGURA 1 – Alfabeto em Electra LT Regular, tamanho 12 pt



Fonte: Elaborado pelas autoras

Quanto à formatação do título da obra, disposto na capa, e também dos títulos associados a cada um dos capítulos foi aplicada a fonte Montserrat Light, em tamanho 40 pt, pertencente a uma família lapidária. Conforme Collaro (2012), essa tipografia é formada por letras com pouca variação em suas hastes, cujas extremidades não possuem serifas, priorizando a visibilidade textual (FIGURA 2).

FIGURA 2 – Alfabeto em Montserrat Light, tamanho 40 pt



Fonte: Elaborado pelas autoras

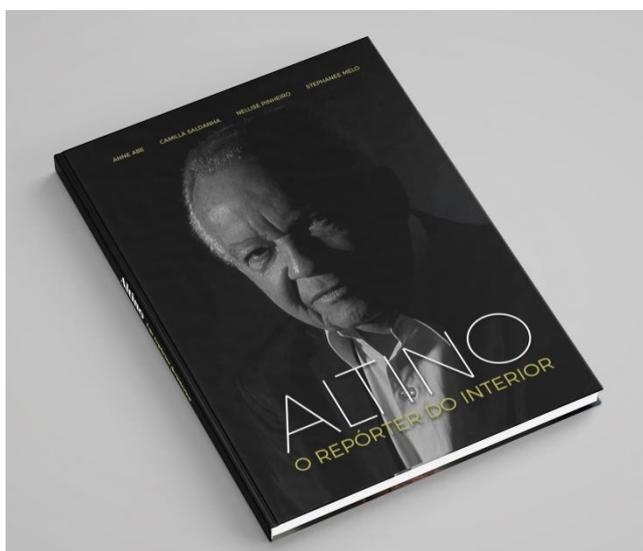
A concepção da capa de um livro é um dos principais elementos dentro do processo de produção editorial. De acordo com o mesmo autor (COLLARO, 2012), a capa consiste na fisionomia da publicação. Sua função é proteger o miolo e assegurar a promoção e venda do produto. Por meio desse suporte, o leitor estabelece o primeiro contato com a obra.

É fato comprovado que as pessoas não gravam a tipologia utilizada nem a forma das imagens, mas as cores são inesquecíveis ao cérebro humano. Nem sempre usar uma gama variada de cores significa que a apresentação do livro será um sucesso; muitas vezes, capas monocores ou bicolors podem identificar com mais propriedade o conteúdo da obra. (COLLARO, 2012, p. 96)

Portanto, para a capa do livro-reportagem foi produzido um *portrait*, em preto e branco, de Altino Correia, tomado em primeiro plano. Também conhecido como *close-up*, esse enquadramento isola o sujeito da cena e concentra a atenção do leitor para o fotografado. “Seu enquadramento é tão fechado que destaca a fisionomia do sujeito, registrando em por menores seus traços e emoções.” (BONI, 2000, p. 71). Na imagem, foi realçada a região dos olhos, cercados de sombras,

somente interrompidas para evidenciar as expressões faciais do personagem. A área em destaque buscou reforçar a missão do jornalista: ser os “olhos” da sociedade. Além disso, remete à importância da visão como um dos sentidos mais utilizados na coleta de informações, a partir da técnica de observação. Já na contracapa, a imagem retrata as mãos de Altino sob uma máquina de escrever, de modo que representa o processo de escrita de uma história. As fotografias são de autoria da fotógrafa Nana Siqueira (FIGURA 3).

FIGURA 3 – Capa do livro-reportagem



Fonte: Luis Fernando Ogata/ Paulo de Souza Carneiro

FIGURA 4 – Contracapa do livro-reportagem



Fonte: Luis Fernando Ogata/ Paulo de Souza Carneiro

Para a confecção da peça prática, também foram elaborados os demais elementos que compõem a estrutura geral de um livro, como página de guarda, frontispício ou página de rosto, sumário, agradecimentos, apresentação, prefácio e referências.

Por fim, foi determinado o uso do *software* Adobe InDesign para a diagramação e finalização de todo o material, que, segundo Collaro (2012, p. 113), consiste em um “[...] programa dotado de recursos de texto e de desenho que atendem às necessidades básicas para se obter bons resultados para os produtos”.

O autor (COLLARO, 2012) ainda salienta que essa ferramenta possibilita ao designer trabalhar com os principais sistemas de cores empregados pela indústria gráfica (CMYK)<sup>127</sup> e pela mídia digital (RGB)<sup>128</sup>. Posto isso, a escala CMYK constitui-se como padrão adequado para a produção do livro, visto que o material submete-se ao processo de impressão.

### 5.3 Recursos técnicos

Os recursos técnicos utilizados para a produção da peça prática pertencem parte às pesquisadoras e parte à Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp). São de propriedade do grupo notebooks Acer; notebooks Positivo; *software* Adobe InDesign; câmera fotográfica Nikon DSLR D610; lente Nikon 18-55mm; bateria Nikon EN-EL15; iPhone 5c, 5s e 6s; smartphone Samsung Galaxy Win; blocos de nota e papéis. Já entre os equipamentos disponibilizados pela faculdade, estão: filmadoras Sony HXR MC2000 e Sony HXR MC2500, tripés Manfrotto MVT502AM, *boom*, microfone de lapela, sapatas, baterias Sony NP-F570 e NP-F970, câmera fotográfica Nikon DSLR D7000, lente Nikon 18-105mm, carregador Nikon EN-EL15 e baterias Nikon EN-EL15.

### 5.4 Recursos financeiros

Todos os custos necessários para a produção deste trabalho foram distribuídos entre as quatro pesquisadoras. Entre as despesas, constam gastos com

---

<sup>127</sup> Abreviatura do sistema de cores formado por ciano (cyan), magenta (magenta), amarelo (yellow) e preto (representado pela letra k).

<sup>128</sup> Abreviatura do sistema de cores formado por vermelho (red), verde (green) e azul (blue).

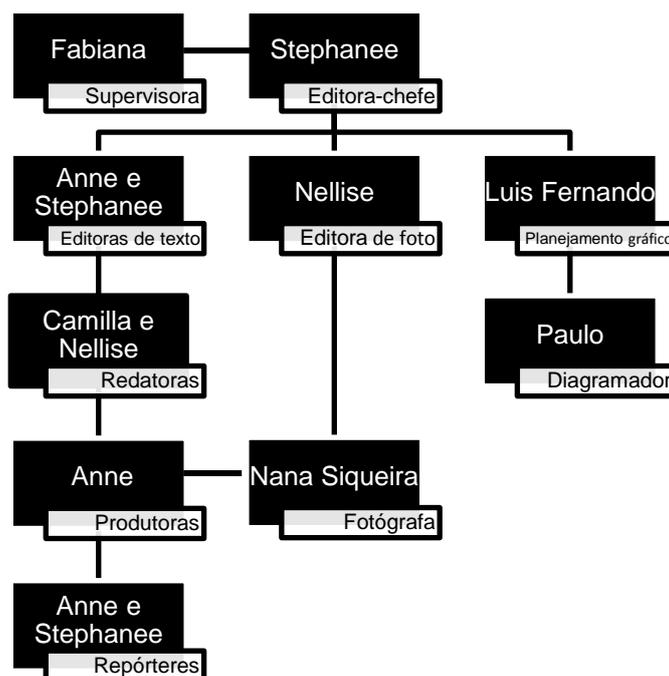
transporte, desgaste de equipamentos e impressão do material. Para a peça teórica apresentada à banca de defesa pública, foi desembolsado o valor de R\$ 245,00. Com relação à confecção de 40 unidades da peça prática, o grupo gastou R\$ 1.600, conforme orçamento apresentado pela gráfica *Midiograf* de Londrina, no Paraná (ANEXO C).

## 5.5 Recursos humanos

A produção de todo o conteúdo textual que compõe a peça prática é atribuída às pesquisadoras Anne Honami Abe, Camilla Saldanha Souza, Nellise Costa Pinheiro e Stephanie Melo Becegato, sob orientação da professora Dra. Fabiana Aline Alves. A fotografia de capa foi produzida pela fotógrafa Nana Siqueira. Nenhuma das envolvidas visa obter remuneração pelo desenvolvimento deste trabalho.

Durante as etapas de diagramação e de finalização do livro-reportagem o grupo contou com a colaboração dos graduandos do 4º termo do curso superior de tecnologia em Design Gráfico, Luis Fernando Ogata e Paulo de Souza Carneiro.

### 5.5.1 Organograma das funções



## 6 MEMORIAL DESCRITIVO

O grupo formado pelas estudantes Anne Honami Abe, Camilla Saldanha Souza, Nellise Costa Pinheiro e Stephanee Melo Becegato esteve engajado a partir do dia 1º de agosto de 2017 na produção da peça prática do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que consistiu na elaboração do livro-reportagem intitulado “Altino: o repórter do interior”. A obra possui o caráter biográfico atrelado ao gênero de jornalismo informativo arredondado, que foi aplicado por conta do aprofundamento extensivo da narrativa que permite. Em suas páginas é retratada a atuação do jornalista Altino Correia enquanto correspondente da região oeste do Estado de São Paulo. O livro foi dividido em 11 capítulos, os quais apresentam algumas das experiências de cobertura jornalística realizadas pelo profissional. Tais trabalhos foram destinados a diferentes veículos de comunicação de circulação nacional, uma experiência que poucos profissionais da imprensa passaram durante sua carreira. Associado a essas histórias, consideradas como principais, outros trabalhos regionais também foram abordados, de modo a complementar e enriquecer o conteúdo das páginas do livro. Tudo isso, sem deixar de abordar o desenvolvimento do jornalismo ao longo dos anos.

Antes de esmiuçar as etapas e o trabalho realizado para que a peça prática se consolidasse, é preciso explicar como a mesma foi idealizada, afinal, todo projeto parte de uma ideia. O pontapé inicial da pesquisa realizada ocorreu ainda no 6º termo, a partir da estudante Stephanee, que teve a sua curiosidade despertada ao encontrar o objeto de estudo em uma coletiva de imprensa. O fato de Correia ainda exercer a profissão ativamente, mesmo com a idade avançada, foi o que mais lhe chamou a atenção. Após esse momento, em conversa com a docente Thaisa Sallum Bacco, a aluna soube que se tratava de um importante jornalista da região, que acumulava mais de 60 anos de carreira. Logo que descobriu ser um possível, e o futuro, tema de TCC, a docente demonstrou grande apoio à ideia. Além dela, outros professores também incentivaram a realização da pesquisa como Homéro Ferreira, Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior e Fabiana Aline Alves, que veio a ser a orientadora do grupo, posteriormente.

Reunindo tantos apoiadores, não tinha como a pesquisa não ser desenvolvida e nem como abordar a carreira de outro profissional. Para tanto, foi necessário formar o grupo. A discente apresentou a ideia a uma colega da turma da

manhã, Nellise Costa Pinheiro, com quem formou uma dupla. Em paralelo, outra dupla foi formada na sala do 6º termo noturno, composta pelas alunas Anne Honami Abe e Camilla Saldanha Souza, que também possuíam interesse em comum pela realização de um livro-reportagem como peça prática.

A elaboração de uma plataforma dessa natureza, entretanto, exige um árduo e extenso trabalho. Não seria possível produzi-la dentro do prazo estabelecido e qualidade satisfatória com apenas duas pessoas. Sabendo-se do comprometimento e da responsabilidade de cada uma das alunas ao longo de todo o curso, as duplas então uniram as ideias e formaram um quarteto.

O grupo considera que o trabalho para a concretização do livro-reportagem começou ainda no ano de 2016, durante o desenvolvimento do pré-projeto, e não apenas no último semestre de 2017. A pesquisa foi essencial para conhecer a fundo o veículo escolhido para ser trabalhado, com o qual nenhuma das pesquisadoras havia tido contato anteriormente. Dessa forma, a elaboração de um livro-reportagem precisa, antes de tudo, de uma pesquisa inicial, o que foi realizado pelas pesquisadoras a partir de fichamentos de livros, arquivos de jornais e entrevista com profissionais da época. Na sequência, abrange ainda as etapas de produção, redação, edição, revisão, checagem e diagramação. Todas foram seguidas durante a elaboração da peça prática, de maneira que as atividades fossem divididas e realizadas de forma igualitária e equilibrada entre as integrantes do grupo.

### **6.1 Divisão do trabalho**

O trabalho prático teve início com a delimitação das funções, um momento essencial para o planejamento e organização das tarefas a serem cumpridas. A divisão se fez crucial para que todas produzissem, de modo que ninguém ficasse sobrecarregada e o prazo estabelecido fosse cumprido. Assim, a entrega do TCC ocorreu sem atrasos, no dia 30 de outubro, data estipulada para o depósito dos documentos produzidos na Hemeroteca, para a posterior submissão à banca de qualificação. Dessa forma, a cada integrante do grupo foi delegada uma função para ser responsável. A divisão ocorreu de acordo com a função desejada por cada uma, bem como a disponibilidade para tal realização. À Anne coube cuidar

da produção, Camilla e Nellise ficaram responsáveis por redigir os capítulos do livro, e, por fim, Stephanie ficou como editora.

Após esse momento, o grupo partiu para a seleção do conteúdo a ser abordado nas páginas do livro-reportagem. As histórias foram escolhidas a partir de uma análise do conteúdo presente nos arquivos produzidos e conservados pelo próprio Altino Correia. No *clipping* realizado pelas pesquisadoras durante a elaboração da peça teórica, no primeiro semestre de 2017, foram reunidos 554 documentos, dentre recortes de jornal, fotografias, vídeos, carteiras de trabalho e de registro profissional, que estão reunidos no *drive* da conta de e-mail criada especialmente para a pesquisa. Esses documentos permitiram um panorama das maiores coberturas jornalísticas realizadas pelo profissional.

Em meio a tantos documentos e arquivos, foi necessário realizar uma delimitação do tempo a ser retratado, sendo escolhidas as décadas de 1950 a 1980. O período corresponde ao tempo em que o jornalista atuou de forma assídua, realizando coberturas jornalísticas relevantes para a região de Presidente Prudente. A partir disso, foram selecionadas dez histórias para serem as principais. Dessas, oito foram escolhidas para serem detalhadas, juntamente com outras 15 histórias complementares, que abordam a atuação do profissional na região igualmente, mas com âmbito menores. A decisão foi tomada em conjunto com a orientadora, Fabiana Aline Alves. Momento em que também foram definidos a ordem dos capítulos, a colocação de cada complementar e a divisão dos trabalhos, de acordo com as funções estabelecidas, já detalhadas anteriormente.

## **6.2 Apuração e produção**

Com a narrativa estruturada, iniciou-se o trabalho de apuração e produção. O grupo acredita que esta etapa foi fundamental para todo o desenvolvimento posterior, consolidando-se como o ponto forte do trabalho de conclusão apresentado. Considerando que, desde o pré-projeto, a pesquisa foi realizada com seriedade pelas integrantes, inicialmente abrangendo dezenas de fichamentos de livros e artigos e entrevistas com profissionais. E posteriormente, somadas a análises de arquivos históricos e edições antigas de jornais impressos, visitas em museus e mais entrevistas. Vale dizer que a qualidade do trabalho apresentada é fruto da preocupação das alunas com a produção e pesquisa dos

dados das histórias, para que os capítulos oferecessem riqueza nos detalhes e conteúdo relevante.

Considera-se que a etapa de apuração e produção iniciou durante o primeiro semestre de 2017. Neste momento, em nove dias, foram entrevistados 16 profissionais da comunicação que atuaram no mesmo período e, até mesmo, ao lado de Altino Correia. Dentre estes podem ser destacados Neif Taiar, Homéro Ferreira, Rubens Shirassu, Antonio Feitosa, Barbosa da Silveira e Sérgio Jorge Alves. O trabalho resultou em 14 horas de gravação, em áudio e vídeo. O contato estabelecido permitiu visualizar o cenário do jornalismo nas décadas passadas, assim como a maneira que Altino Correia atuava e a imagem que tinha perante a sociedade e os colegas de profissão. Ao longo do ano, o trabalho de entrevistas continuou. Dessa vez, de maneira pormenorizada, abordando um fato em específico, ou seja, uma das histórias selecionadas. Nesse período, o contato com o objeto de estudo foi constante.

No total, Altino Correia recebeu as pesquisadoras por sete vezes em sua casa para a realização de dez entrevistas. A primeira ocorreu no dia 12 de agosto, quando estavam presentes as alunas Anne, Camilla e Stephanee. Na ocasião foram abordados os capítulos iniciais sobre a inauguração da ponte Hélio Serejo e o crime da mala. Já no segundo encontro, dois dias depois, as quatro integrantes participaram da entrevista, a respeito das inundações do Rio Paraná. Nos demais momentos, três entrevistas foram realizadas com as alunas Anne e Stephanee, pois as demais estavam concentradas na escrita dos capítulos. Nos dois encontros restantes, Correia foi entrevistado apenas pela Anne, sendo que o último se deu em 22 de setembro.

Como se pode perceber, inicialmente, devido à grande demanda de conteúdos a serem analisados e informações a serem pesquisadas, as quatro integrantes colaboraram com a pesquisa inicial. Nesse sentido, antes das entrevistas, o trabalho prático já havia começado com uma visita ao Museu de Medicina Legal da Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo, realizada no dia 11 de agosto pelas alunas Camilla e Stephanee, a fim de coletar informações sobre o caso do crime da mala. Mais adiante, a dupla também visitou o Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto, para consultar o acervo dos jornais *A Região*, *A Voz do Povo* e *O Imparcial*, edições de 1970. No mesmo mês,

durante a sequência dos dias 15,17, 22, 23 e 24, Nellise foi ao Fórum de Presidente Prudente, na tentativa de resgatar o processo do mesmo caso.

Sabendo-se que o livro-reportagem tem como pré-requisito a exatidão, sendo necessário um longo empenho durante o processo de apuração, outras fontes também foram buscadas, com o intuito de cruzar dados e adquirir detalhes reais sobre as histórias relatadas na peça prática. Afinal, conforme visto no trabalho teórico, quanto mais precisa e detalhada uma reportagem, melhor a sua qualidade e entendimento pelo público. O livro-reportagem possui o papel extensor do jornalismo cotidiano e propõe o aprofundamento do conhecimento. Assim, mesmo que o personagem central da obra seja o jornalista Altino Correia, o grupo não poderia se basear apenas na sua versão das histórias. Então, outros personagens foram entrevistados, como o delegado Dorivaldo Badan, que recebeu as alunas Camilla e Nellise, no dia 19 de agosto, em seu escritório. Outra fonte que concedeu entrevista às alunas Nellise e Stephanie, no dia 22 do mesmo mês, foi o jornalista Neif Taiar, que já havia sido consultado durante o período da peça teórica (FIGURA 4).

FIGURA 5 – Entrevista com o jornalista Neif Taiar, durante a elaboração da peça teórica do TCC, no primeiro semestre de 2017



Fonte: Sidneya Mello Rodrigues Taiar

Na busca por mais informações, no dia 3 de setembro, domingo, o grupo se deslocou à Presidente Venceslau, acompanhado de Altino e sua esposa, Aparecida Soares Correia. A viagem também teve o objetivo de conhecer as origens e estreitar a relação com o objeto de estudo. A partida se deu às 11h e o retorno por volta das 17h. A primeira parada ocorreu na casa de Alice Amélia Oliveira Correia, mãe de Altino, que, aos 103 anos, compartilhou fatos memoráveis sobre a vida da família antes e depois de chegar ao interior do Estado de São Paulo (FIGURA 5).

FIGURA 6 – Entrevista com Alice Amélia Oliveira Correia, 103 anos, mãe de Altino Correia, durante viagem a Presidente Venceslau



Fonte: Altino Correia

Alice também contribuiu apresentando detalhes a respeito da infância, vida adulta e o começo da carreira de Altino, atuando na *Rádio Presidente Venceslau AM*. Estavam presentes ainda, os irmãos Álvaro, Alzira e Ana, que dividem a casa com a mãe e foram extremamente solícitos. Colaboraram ainda com a recordação de detalhes dos fatos na infância. As informações colhidas reforçaram o caráter biográfico proposto para a peça prática, que se refere à vida, o passado e a carreira de um indivíduo, como ponto central de uma obra, dando menor destaque no presente.

Em seguida, ainda em Presidente Venceslau, as quatro pesquisadoras aproveitaram a viagem para entrevistar também o fotógrafo amador Luis Antonio Vanalli, a fim de obter detalhes sobre o dia da inauguração da ponte Hélio Serejo e a sua participação na cobertura do evento, bem como a atuação de Altino, sob outro ponto de vista (FIGURA 6).

FIGURA 7 – Entrevista com Luis Antonio Vanalli, sobre a cobertura realizada no dia da inauguração da ponte interestadual Hélio Serejo



Fonte: Altino Correia

Sempre muito receptiva, Aparecida acolheu as integrantes do grupo em sua residência para a realização de todas as entrevistas. Casados há mais de 60 anos, ela não poderia ser deixada de lado na escolha das fontes. Afinal, esteve ao lado de Altino em, praticamente, todas as fases e os passos dados em sua carreira. Assim, concedeu uma entrevista à Anne, contando a sua relação com o jornalista.

Um dia após a realização de cada entrevista, os áudios gravados logo eram decupados, de modo que o trabalho não se acumulasse, pois seria prejudicial para todo o cronograma. Além de facilitar a visualização das informações e o acesso ao conteúdo pelas redatoras. Com isso, dentre as 15 entrevistas realizadas durante o período da peça prática, 10 foram transcritas pela Anne e cinco pela Stephaniee.

Somando o tempo total dos áudios captados, exclusivamente, nessa etapa foram mais de 17 horas transcritas.

### 6.3 Redação e edição

Como visto, escrever um texto jornalístico necessita de uma pesquisa detalhada, diversas fontes e entrevistados que possam falar com propriedade sobre o assunto. Apesar de ser uma das atividades essenciais desenvolvida por um jornalista, quando segue o gênero literário pode ser mais complexo do que o esperado. É preciso um conteúdo aprofundado para sustentar as histórias, atrelado a uma escrita concisa e atrativa, para captar a atenção do leitor e fazê-lo chegar até o final do livro. A atenção e o cuidado devem ser redobrados, quando se trata da vida de uma pessoa, como é o caso da presente peça prática, de modo que a sua imagem não seja distorcida ou denegrida.

Tendo isso em mente, as pesquisadoras dedicaram atenção especial à redação do livro-reportagem, que teve início ainda no mês de agosto. Enquanto acontecia a apuração e produção das histórias, em paralelo, Camilla e Nellise adiantavam a redação das histórias. Inicialmente, foi programado que a obra seria composta por apenas oito capítulos, no entanto, o vasto material apurado levou a criação de mais três. Portanto, durante cerca de 40 dias, onze capítulos foram redigidos. Para tanto, foi estipulado o prazo de uma semana para a redação das histórias. Dessa forma, em cada encontro semanal do TCC, dois capítulos eram entregues à edição.

Os capítulos resultados foram *Presidente Venceslau é logo ali; Passa um boi, passa a boiada; A barca de Noé; A falsa libertina; O dia que o gás virou petróleo; O feitiço virou contra o feitiçeiro; 160 mil quilowatts; De carona a Campo Grande; Chame o Carlito!; Deus ajuda quem cedo madruga?*; e *Memórias de um Repórter do Interior*. A titulação dos mesmos ocorreu no decorrer da redação e no fechamento do livro, sendo escolhidos pelas próprias autoras. O objetivo dos nomes foi criar um clima descontraído para o início da leitura, brincando com detalhes abordados nas histórias ou com ditados populares, de forma que se tornassem um atrativo para a curiosidade do leitor e, conseqüentemente, levassem à leitura.

Mesmo sendo uma função designada, a princípio, às alunas Camilla e Nellise, as demais integrantes do grupo também colaboraram com a elaboração dos

mesmos, para que o trabalho conseguisse ser entregue dentro do prazo estipulado. Então, os capítulos de número dois, três, sete e dez, foram redigidos e detalhados pela aluna Nellise, que posteriormente contou com a ajuda da Anne para redigi-los, organizar as ideias e estruturar as informações, realizando uma primeira edição nas histórias. Os demais capítulos foram, na maior parte, escritos pela Camilla, com o auxílio da Stephaniee para detalhar e organizá-los.

Durante este processo de redação, o contato entre a aluna Anne e o objeto de estudo, Altino Correia, se tornou constante. Por vezes a aluna necessitou visitá-lo ou contatá-lo com o objetivo de obter particularidades e detalhes das histórias ou para sanar dúvidas que surgiam no momento de escrita das redatoras e editora. Além disso, as próprias autoras pesquisavam outras informações em acervos de jornais online, sites e livros, de modo que as informações fossem cruzadas com as entrevistas, para não ocorrer equívocos nas histórias contadas.

Os capítulos retratam a vida e atuação de Altino Correia em meio à cobertura dos fatos principais, selecionadas na fase de produção e apuração, que ganharam espaço nos veículos nacionais. Para amarrar todas as histórias e trazê-las para o presente, haja vista que são contadas no estilo de *flashback*, as autoras utilizaram a viagem à Presidente Venceslau realizada pelo grupo, juntamente com o objeto de estudo. Para demonstrar uma mudança de tempo ou espaço entre o momento da narrativa e as lembranças do jornalista, as autoras optaram por colocar um elemento gráfico decorativo, que se trata de um divisor funcional na horizontal. Tal componente foi utilizado para deixar o capítulo mais organizado e com uma leitura agradável, pois permite um respiro entre os blocos de texto. Além disso, conforme explicado na etapa anterior, outras histórias complementares também foram escolhidas para serem abordadas nos capítulos, então, o elemento gráfico também serviu para dividir os subtópicos dentro do livro-reportagem.

Após a conclusão de cada capítulo, enquanto os demais ainda eram redigidos, os arquivos foram enviados à Stephaniee, responsável pela edição do livro-reportagem. Para tal etapa, também foi estabelecido o prazo de uma semana para a conclusão de cada capítulo. Na função, a aluna realizava a padronização da linguagem e escrita, de forma que o livro não evidenciasse os diferentes estilos de cada autora e apresentasse uma única narração. Além disso, a edição também consistiu em colocar o texto dentro das regras editoriais estabelecidas para o veículo, como quais palavras deveriam ser em itálico, com caixa alta ou baixa,

nomes e abreviações, entre outras. Tudo para que os capítulos se ligassem, sem haver repetição de informação ou falta de coesão entre os parágrafos e histórias.

As etapas de redação e edição ocorreram paralelamente. Processos esses que pareciam nunca ter fim, pois após o término da edição os capítulos retornavam às autoras para acrescentar novas informações coletadas ou outras que estavam ausentes e, logo retornavam à edição. Na sequência, os capítulos editados eram entregues à orientadora em cada encontro semanal, a fim de que ela tivesse a chance de lê-los e realizasse outras correções necessárias. Em orientação também foi decidida a ordem dos capítulos, pensados de acordo com o grau de relevância e ligação entre as histórias. A ordem cronológica foi levada em consideração, mas não era tido como um critério, haja vista que o livro-reportagem segue o estilo de *flashback* e não linha do tempo.

Por fim, o fechamento dos capítulos foi realizado pelas próprias autoras. Nos últimos dias que antecederam a entrega do trabalho, foram escolhidos os últimos nomes dos capítulos, foi feita a ligação entre as histórias do livro, a escolha das fotos e legendas, que acompanhariam o texto. Por conta do tempo reduzido, a etapa ocorreu em paralelo com a diagramação.

#### **6.4 Fotografias e diagramação**

Para a elaboração do conteúdo do livro-reportagem, as obras *Chatô, o Rei do Brasil* e *Olga*, de Fernando Morais, e *Minha Razão de Viver*, de Samuel Wainer, serviram de base para os conceitos de jornalismo literário, livro-reportagem e biografia. Já para a elaboração da capa e contracapa, as biografias ilustradas *Johnny Depp*, de Nick Johnstone e *John Lennon: A Vida*, de Philip Norman, foram usados de referência, dentre tantas outras pesquisadas. A partir disso, o grupo optou por uma capa simples, mas que destacasse o rosto de Altino Correia. Na contracapa, a imagem retrata as mãos do jornalista sob uma máquina de escrever, representando um processo de escrita de uma história, trabalho abordado no livro. Tudo de acordo com o delineamento do produto apresentado na peça teórica da pesquisa.

As fotos utilizadas, tanto na capa, quanto na contracapa do livro-reportagem, contribuem ainda com o caráter biográfico que foi estipulado para a obra. A produção das mesmas se deu no dia 24 de agosto, quando o grupo se

reuniu em um estúdio cedido pela agência de modelo *Az Models*, de propriedade do fotógrafo Thomas Aguilera, em Presidente Prudente. Na ocasião, as pesquisadoras contaram com a colaboração da fotógrafa Nana Siqueira, quem realizou as fotos e o tratamento das mesmas, corrigindo detalhes pontuais de contraste e saturação e aplicando o filtro preto e branco.

No corpo do texto do livro-reportagem, também foram colocados outras 49 imagens, dentre fotografias, reproduções de jornais, arquivos e documentos digitalizados. Estes fazem parte do *clipping* realizado pelas autoras no início do trabalho, sendo selecionadas pelas alunas Anne e Stephanee, de acordo com a ligação com as histórias. As autoras buscaram apresentar imagens que ilustrassem o momento narrado e representassem a atuação de Altino ao longo dos anos. Dessa forma, com o intuito de explicar e contextualizar o que era apresentado, as imagens foram acompanhadas de legendas.

Para que as imagens se assimilassem com a parte da história contada, houve uma preocupação com a diagramação da obra. O trabalho foi feito em colaboração com outros dois estudantes do 4º termo do curso superior de tecnologia em Design Gráfico, Luis Fernando Ogata e Paulo de Souza Carneiro. A parceria foi fechada no dia 17 de agosto, em uma reunião realizada junto com as integrantes Camilla, Nellise e Stephanee.

A primeira diagramação do livro-reportagem iniciou no dia 26 de outubro de 2017 e se estendeu por uma semana, até a entrega para a banca de qualificação no dia 30 de outubro. No entanto, nessa primeira versão as imagens foram depostas todas juntas, formando um suplemento no meio do livro. Após o recebimento das correções, no dia 13 de novembro, o grupo teve dois encontros com o aluno Paulo na faculdade, para apresentar as correções necessárias. O trabalho foi essencial para que as imagens apresentassem as proporções corretas fossem colocadas no seu local correto, acompanhando o texto.

No total, a diagramação do livro levou cerca de um mês para ser finalizada e a revisão do arquivo final uma semana. Após isso, a versão final foi enviada à gráfica *Midiograf*, em Londrina, escolhida por indicação da orientadora e pelo orçamento favorável ao grupo. Para a impressão do livro, a empresa precisou de cinco dias úteis e mais um dia para a entrega dos produtos, realizado por transportadora.

Por fim, com todo o levantamento histórico, trabalho de campo, realização das entrevistas, apuração das histórias retratadas no livro-reportagem e demais etapas, resultaram nas peças teórica e prática entregues. A qualidade no resultado adquirido só foi possível devido ao trabalho em grupo desenvolvido pelas integrantes, que, em um ano e meio trabalhando juntas, nunca se desentenderam. A harmonia gerada se deve ao fato de todas terem compreendido a ideia central da pesquisa e defendê-la do começo ao fim.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo tem como função principal disseminar informação. Essa atividade atua em conjunto com a sociedade ao estabelecer um elo entre os cidadãos e o poder público. Para isso, faz-se necessário ultrapassar as barreiras dos acontecimentos cotidianos, na tentativa de relacioná-los com a vida das pessoas, além de verificar a maneira como elas são afetadas.

Nesse sentido, a palavra é empregada como ferramenta para atrair a atenção do público, independentemente do veículo escolhido. Quando utiliza os recursos linguísticos da literatura, como a narração e a descrição, o jornalismo especializado possibilita sensações e a construção de cenários ao leitor, conferindo um aspecto mais humanizado à produção textual. Além disso, o emprego da literatura no campo jornalístico permite transmitir informações com profundidade, seguindo os preceitos da linguagem literária, mas sem desviar dos princípios básicos que norteiam a prática de todo bom jornalismo. Essa vertente, portanto, trabalha o pensamento de modo a aproximar-se do leitor e levá-lo a refletir sobre determinado assunto.

Todos os dias, o jornalismo produz narrativas ao reproduzir histórias reais em suas publicações. No caso do jornalismo literário, a narrativa apresenta ao público uma extensão da realidade e, ainda, tem a capacidade de conduzir o leitor ao aprofundamento dos fatos, o que favorece uma compreensão mais ampla. Contudo, a literatura não pode ser confundida com ficção quando utilizada no jornalismo, já que a verdade é requisito primordial durante o exercício de contar histórias.

Conforme exposto no capítulo três deste trabalho, a literatura utiliza-se da dialogicidade para conversar com o leitor e inseri-lo no clima do acontecimento relatado, ao contrário do que é praticado no jornalismo convencional, que trata fatos e situações de forma breve e concisa. Em vista disso, temas até então pouco explorados no cotidiano ganham espaço no jornalismo literário, transcendendo as barreiras do tempo.

Todavia, a presença dessa vertente especializada ainda se faz tímida nas redações, devido ao *deadline* reduzido e à demanda por notícias apuradas e publicadas em um mesmo dia. Tais exigências levam os jornalistas a praticarem o modelo proposto pela pirâmide invertida, a partir da hierarquização das informações

ao longo do texto, isto é, de acordo com seu grau de relevância.

É no livro-reportagem que os profissionais encontram uma forma de escapar dos princípios da atualidade e da periodicidade. Esse gênero jornalístico proporciona liberdade para trabalhar com temas que fogem do tratamento da grande imprensa. Enquanto veículo de comunicação, essa plataforma prima pelo aprofundamento do assunto e, assim, trabalha os diferentes pontos de vista. Essa prática sugere um texto que ultrapassa a linguagem técnica, característica do modelo de jornalismo *hard news*, apropriando-se do chamado jornalismo interpretativo. Assim sendo, o livro-reportagem foi estabelecido como peça prática deste trabalho.

De acordo com o referencial teórico estudado nesta pesquisa, a produção de um livro faz uso dos mesmos critérios e técnicas jornalísticas essenciais em uma reportagem. Também é norteadas pelas fases de pesquisa, apuração, entrevista e edição, responsáveis por garantir a qualidade do trabalho e a credibilidade do relato, além de conferir destaque a recursos como documentos, fotografias e o texto, propriamente dito, enquanto peça-chave do produto. Nesse caso, a literatura consiste em uma maneira de atribuir emoção ao jornalismo e, assim, atingir o leitor, ao despertar nele sentimentos variados.

Ao escrever um livro-reportagem biográfico é importante atentar-se à figura do biografado. Essa escolha se dá com base na relevância social que a personalidade possui, por isso deve ser analisada com cuidado. Sendo assim, as pesquisadoras optaram por contar as experiências do jornalista Altino Correia em seus mais de 60 anos de carreira, com atuação na região de Presidente Prudente, em especial, na função de correspondente do Oeste Paulista em veículos de âmbito nacional. Em contato com o objeto de estudo, as discentes tiveram acesso ao acervo mantido pelo próprio profissional, além de perceber a escassez de materiais que relatassem as suas contribuições para o jornalismo regional.

Os depoimentos coletados nas entrevistas, realizadas com mais 16 profissionais que passaram pela imprensa da região, permitiram ao grupo constatar que Correia foi uma figura a frente de seu tempo, com destaque à ética profissional e à maestria para atuar em veículos tão diferentes. Desse modo, a influência de Altino Correia deve-se à vasta experiência adquirida ao trafegar por todos os meios de comunicação, como rádio, televisão, jornal impresso, assessoria e, mais recentemente, a internet, por meio do blog *Memórias de um Repórter do Interior*.

Além da plataforma online, atualmente, Correia atua como assessor de imprensa na Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (FCT-Unesp) e presta trabalho voluntário à *Rede Vida de Televisão*.

O jornalista também é considerado a frente de seu tempo por ser escolhido pela grande imprensa, entre as décadas de 1950 e 1980, para representar a região oeste do Estado de São Paulo, ao noticiar acontecimentos de repercussão nacional, como o “Crime da Mala”, por exemplo. Altino Correia pôde, então, contribuir com o desenvolvimento do jornalismo na região de Presidente Prudente por meio do trabalho desenvolvido enquanto correspondente regional. Portanto, a importância deste trabalho se dá pela necessidade de tornar documento a trajetória desse profissional, que carrega valor histórico e profundidade de informação.

Durante a realização desta pesquisa, também foi possível identificar que a regionalização dos veículos de comunicação fortalece o caráter comunitário do jornalismo, além de favorecer o exercício da cidadania na sociedade. Isso ocorre ao retratar problemas cotidianos vivenciados pela própria comunidade, haja vista que a mesma não se vê representada nos veículos da grande imprensa, que acabam cobrindo o fato de forma superficial, pela distância existente.

Conforme destacado pelas pesquisadoras neste trabalho, e com base na bibliografia apresentada, fica evidente a contribuição exercida pela imprensa na construção histórica de uma sociedade como um importante registro documental de uma época. Todos os dias, profissionais da comunicação registram novos acontecimentos, que são passíveis de consultas no futuro. O jornalista, ao relatar um fato, também busca contextualizar os dados e promover reflexões. Sendo assim, ao estudar a vida e a carreira profissional de Correia, notou-se que o jornalista ajudou a dar visibilidade para o Oeste Paulista, além de contribuir com o desenvolvimento de Presidente Prudente quando participa da implantação de veículos de comunicação na região, bem como da prática jornalística nesses meios, responsáveis pela formação da opinião pública, como é o caso da *TV Bandeirantes*.

Posto isso, o presente trabalho se trata de um documento, no sentido de organizar as memórias dos profissionais que exerceram influência na história do jornalismo regional. Posteriormente, o conteúdo dessas entrevistas vai auxiliar na composição da peça prática, a partir do emprego da linguagem literária.

Todos os fatos citados acima foram reafirmados pelas autoras durante a produção da peça prática. O livro-reportagem biográfico intitulado “Altino: o

repórter do interior” representou uma experiência muito além de apenas praticar as técnicas e teorias estudadas anteriormente. Foi um mergulho na história, não apenas do objeto de estudo, o repórter Altino Correia, mas também do jornalismo regional e dos acontecimentos que tornaram a região de Presidente Prudente conhecida nacionalmente.

A composição desta obra envolveu um trabalho intenso de apuração, ainda mais aprofundado, para que cada detalhe pudesse estar coerente com os acontecimentos relatados em inúmeras entrevistas com Correia. Os 11 capítulos dão vida à trajetória de mais de 60 anos do repórter. As histórias, intencionalmente escolhidas, se sobressaíram por serem grandes coberturas que formaram o fazer jornalístico de Altino e marcaram o caminho percorrido por ele até então. Este recorte se deu justamente pela magnitude de conteúdo formado por uma carreira sexagenária. Para auxiliar o leitor no melhor entendimento, fragmentos da vida pessoal do jornalista foram inseridos no decorrer das linhas escritas como contextualização do ambiente em que o mesmo estava inserido. Uma forma de trazer o jornalismo literário para as páginas do livro. Entretanto, atencioso cuidado foi tomado para que nada ressaltasse mais do que a sua trajetória profissional.

Como exposto no memorial descritivo, para realizar este trabalho, as pesquisadoras se apropriaram de técnicas como apuração, seleção e cruzamento de dados. Este domínio auxiliou no direcionamento das entrevistas, como também no maior cuidado na análise dos relatos. Além disso, é válido acrescentar a investigação empregada na procura por informações com outros personagens das histórias e a observação atenta à postura e feições dos entrevistados ao relatarem suas experiências. Sendo assim, toda e qualquer etapa neste processo tem a sua influência no próximo passo.

A escolha pelo livro-reportagem como peça prática foi encarada como um desafio desde o princípio. Fato que se concretizou quando finalmente chegou a hora de ler, reler, selecionar, organizar, pensar e repensar para que todas as palavras, frases e parágrafos escritos atingissem o seu objetivo: contar uma história. Porém, não qualquer uma. A história de uma pessoa que abriu as portas, a mente e o coração para que sua vida profissional, e em partes pessoal, fosse relatada nas páginas de um livro.

Contudo, todo este trabalho ainda passa pela última fase: a edição. Prestar atenção nos mínimos detalhes, reorganizar partes que ficariam melhores de

outra forma, perceber pontos que ninguém havia antes percebido ou até incluir informações para que o todo fique ainda mais redondo. Estas são tarefas de um editor.

Acredita-se então, que as pesquisadoras, ao longo de todo processo de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, conseguiram promover a reflexão proposta no objetivo geral por meio do conhecimento adquirido da trajetória de vida e carreira do objeto de estudo. Após todas as conversas, análises e entrevistas, foi possível constatar que por meio do trabalho como correspondente regional e das ações de Altino Correia, o repórter proporcionou a região oeste do Estado visibilidade nacional, contribuindo assim para o desenvolvimento do jornalismo regional, se tornando figura reconhecida entre os colegas de trabalho.

Sendo assim, espera-se que este projeto possibilite o desenvolvimento de novas pesquisas acerca do jornalismo regional, um campo que ainda viabilizará muitas descobertas, e também de personalidades que guardam ricas histórias, a espera apenas de um pesquisador que se interesse. Como o primeiro livro-reportagem biográfico da Faculdade de Comunicação de Presidente Prudente, outros estudos mais aprofundados sobre a arte da biografia se tornam viáveis tomando como referências as reflexões feitas por este TCC.

Além disso, que o conteúdo deste trabalho ultrapasse o ambiente acadêmico e também o público de profissionais da comunicação, para que a sociedade também conheça esta história e seja impactada de forma positiva agregando conhecimento. Para isso, é necessário que seja feito um lançamento deste livro, desejo desde o início por parte das autoras, com o objetivo de divulgá-lo a comunidade e que seja possível adquiri-lo. No primeiro momento, a obra foi oferecida a pessoas próximas e profissionais envolvidos no processo de produção e que contribuíram de alguma forma para que o projeto tomasse forma.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Dióres Santos. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente**. Presidente Prudente: FFCLPP, 1972.

BARBOSA, Marinalva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEZERRA, Charles Aparecido Chagas; et al. **TV Bandeirantes de Presidente Prudente: da concessão à inauguração da sede própria**. 2015. 182 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2015.

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. 2000. 286 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 203-228.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e Literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.

COLLARO, Antonio Celso. **Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COLLARO, Antonio Celso. **Produção gráfica: arte e técnica na direção de arte**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral memória, tempo identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 62-81.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GODOY, Benedito de; RUAS, Reinaldo Lázaro. **Jornalismo Regional: O Jornal Correio do Porte, 6º Aniversário**. 2003. 114 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. Na Fundação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil Cásper Líbero Gera o Conceito de Jornalismo Moderno. **Revista PJ: Br Jornalismo Brasileiro**. São Paulo, v. 3, 2004. s/ p. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos3\\_b.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos3_b.htm)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do Foca: Guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.). **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 141-176.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Unicamp, 2004.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-60.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 150-174.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 112-142.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDEIROS, Fábio Figueirêdo de. **O mercado publicitário nas pequenas cidades do Oeste Paulista: um estudo histórico-descritivo da comunicação**. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Marília, Marília, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 269-278.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 24-43.

OLIVEIRA, Adriane Carla de; SOUZA, Lucas Alessi de. **Profissionais que marcaram a imprensa de Presidente Prudente**. 2002. 176 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2002.

OLIVEIRA, Manoel Ibeapino de. **Evolução dos veículos de comunicação de Presidente Prudente**. 1998. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 1998.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRAZERES, Ana Flávia dos; VIEIRA, Mariane Rodrigues. **Jornalismo Literário: história e sociedade nas crônicas de Geraldo Soller**. 2013. 150 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2013.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (Org.). **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 13-36.

ROCHA E SILVA, Anna Flávia. **Correspondentes Internacionais: Conflitando culturas**. 2006. 77 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SANTOS, Jonathan Aparecido dos; et al. **Rádiodifusão prudentina: a história da Rádio Comercial AM**. 2013. 169 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2013.

SOUZA, Licia Oliveira. **Jornalismo e biografias: Reconstruções de identidades e a busca pelo humano**. 2008. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 51-60.

TAIAR, Neif. **História do Oeste de São Paulo**. Presidente Prudente: Emubra Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 2003. DR-ROM. Base de dados em Comunicação, Jornais em Presidente Prudente.

TORRES, Cristiane de Oliveira; et al. **A utilização do fotojornalismo na imprensa local**. 2015. 253 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. 2006. 211 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 2006.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual**. São Paulo: Callis, 1995.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: princípios de design e tipografia para iniciantes**. 4. ed. São Paulo: Callis, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

**ANEXOS**

**ANEXO A**  
**ENTREVISTAS TRANSCRITAS**

**RUBENS SHIRASSU e RUBENS SHIRASSU JÚNIOR**

Radialista e jornalista

Data da entrevista: 20/03/2017

Meio: presencial

**Quais eram os veículos de comunicação que existiam aqui na época, em 1950?**

Rubens Shirassu – Exatamente, era a *Folha da Região*, *A Voz do Povo*, *Correio da Sorocabana* e *O Imparcial*.

**Quais eram as rádios?**

Rubens Shirassu – Acho que eram esses jornais assim... fixos né?

Rubens Shirassu Jr. – É. Aí, vem a *Rádio Presidente Prudente*, a *Rádio Difusora*.

Rubens Shirassu – Não. Não. Não. Jornais. Nada de rádio.

Rubens Shirassu Jr. – Teve a *Folha Paulistana*, do Adelmo, mas que não durou muito tempo.

Rubens Shirassu – Vocês ouviram o Adelmo, do jornal?

**Ele está em nossa lista para entrevistar.**

Rubens Shirassu Jr. – Geralmente, ele vai no final da tarde. É um senhor de idade bem... ele pode falar alguma coisa do jornal dele e de *O Imparcial*, né.

Rubens Shirassu – E depois veio também o...

**O Adelmo trabalhou em qual jornal ? O Imparcial?**

Rubens Shirassu e Rubens Shirassu Jr. – Em *O Imparcial*.

Rubens Shirassu Jr. – Só *Imparcial* né, pai?

Rubens Shirassu – Só. E veio o *Oeste Notícias*, né. Que foi seguidor do *Diário*. Que o Agripino abriu, né.

Rubens Shirassu Jr. – Mas, aí o *Diário de Presidente Prudente* você já tem que colocar na década de 1980.

Rubens Shirassu – É mais novo, é.

Rubens Shirassu Jr. – Se você vai seguir uma ordem cronológica, então essa parte do *Diário* em diante, como eu convivi, meu pai já tinha ido para a agência. Então, eu conheço todo esse pessoal.

Rubens Shirassu – Foi em 1982 que abriu?

Rubens Shirassu Jr. – Em 1980. Aí veio o *Diário*. Aí depois veio o *Jornal do Comércio*, que era do Regime Tiezzi do PMDB; aí voltou o *Correio da Sorocabana*, também na mão do Tiezzi e do “Macarrão” do PMDB. Deixa eu ver mais outros...

Rubens Shirassu – Depois que o *Diário* fechou, ele foi reaberto como *Oeste Notícias*, que era do grupo lá do Agripino.

Rubens Shirassu Jr. – Era um jornal já *offset*.

Rubens Shirassu – O *Oeste Notícias*.

Rubens Shirassu Jr. – *Diário de Presidente Prudente*. O próprio grupo jogou fora o arquivo, o Paulo Lima. E era um jornal diário. Eu trabalhei com o Luiz Fernando Ávila, que está hoje na *Globo* do Rio; Luiz Augusto Pires Batista, que está na *Globo* do Amazonas, em Manaus; e eu trabalhei com Luiz Roberto da Cruz que trabalha em Porto Velho e foi assessor do governador lá, excelente profissional também. Ele que me ajudou muito, me incentivou, até ele falou: “Você tem jeito mais para escritor do que jornalista. Seu jeito de escrever...”. Roberto Priosc, que está na *Globo* de São Carlos, também trabalhou comigo no *Diário*. Então, tinha uma equipe que você não vai achar mais hoje. Era muito bom e eu era o caçula, quer dizer, eu estava aprendendo.

Rubens Shirassu – Aquele amigo nosso também, que correu todo o norte lá.

Rubens Shirassu Jr. – É. Aí já é de *O Imparcial* né. Você vai pegar os anos 70, Montezuma Cruz né; você vai, aí o próprio Priosc passou por lá, o Luiz Fernando Ávila, o Luiz Augusto Pires Batista, é... que também passaram pelo *Correio*. Aí teve o Paulo Éspere Trevizani Júnior, que trabalhou no *Jornal do Comércio*, isso na década de 1990 e depois ele estava dentro da prefeitura, na assessoria de imprensa. E, de lá, ele foi para Bauru e depois ele foi para os Estados Unidos. Hoje ele está no Wall Street Journalism, escreve sobre economia.

Rubens Shirassu – Agora as rádios aqui também mantinham um noticiário jornalístico né.

Rubens Shirassu Jr. – Só que eles faziam muito... como que é? Rádio-escuta? O profissional faz ainda isso. A gente falava rádio-escuta. Então, ele ficava sentado ouvindo as rádios, aí ele fazia um resumo, uma sinopse. Então, as rádios aqui faziam muito isso.

Rubens Shirassu – Mas tinham o noticiário local, né.

Rubens Shirassu Jr. – Estou falando... tem o noticiário local, mas fazia rádio-escuta também. Por quê? Porque não tinha internet.

### **Havia uma pessoa encarregada só para isso?**

Rubens Shirassu Jr. – Só pra isso. É o foca. O iniciante, né. É o que ficava ouvindo, resumindo essas notícias nacionais e internacionais, né. E, fazia o jornal local aqui, as notícias da cidade...

## Como era a veiculação de notícias regionais no rádio?

Rubens Shirassu Jr. – Muito pouco.

Rubens Shirassu – Tinha. Inclusive eu fiz um programa na *Presidente Prudente*, que era reviver a semana. Então, no sábado entre 11h30 e 12h, eu fazia o resumo da semana, noticiário local, é... nacional e regional. E tinha um patrocínio muito bom e quem me ajudava era Joaquim Nascimento, o Sílvio Roncador já ouviu falar dele? Ele chegou a ser assessor do Supremo Tribunal Federal em 1960 e pouco, em Brasília.

Rubens Shirassu Jr. – Brasília. Ele escrevia para a *Folha*.

Rubens Shirassu – E depois, ele prestou um concurso durante a ditadura para ser censor e tinha a censura lembra? E ele pegou o primeiro lugar e pegou essa tarefa tão... Eu não sei como ele entrou nessa, porque ele era assessor do Supremo, era Secretário Geral do Supremo Tribunal Federal, que cargo... quer dizer depois dos ministros era ele. E já é falecido também, já falecido. Mas, ele passou em primeiro lugar, porque tinha que ler o material de jornais, principalmente, e fazer censura, que naquela época, por exemplo, no *Jornal Estado*, a matéria censurada eles colocavam poesia ou deixavam em branco.

Rubens Shirassu Jr. – Ou receita de bolo. Aqui teve viu?! Quando eu comecei é... tinha um pessoal que censurava matéria.

## Houve censura nos jornais?

Rubens Shirassu Jr. – Em *O Imparcial* teve, no *Diário* tinha...

Rubens Shirassu – Mas foi no Brasil todo né?!

Rubens Shirassu Jr. – É horrível. Você não queira passar por isso. Não queira. Você fica limitado. Você faz um trabalho lindo, lindo, lindo e quando você chega lá, não pode, porque ele é não sei o quê, porque é filho do deputado não sei o quê.

Rubens Shirassu – Agora, quem pode dar bastante informação boa sobre jornal é o Altino Correia. É que ele foi correspondente, trabalhamos juntos na *Folha*, ele era, na época, o correspondente. Local e regional. E, naquela época, tinha um tal de telex, não sei se você já ouviu falar. Que era... você digitava e saía uma fitinha, saía uma fitinha toda perfurada já com o texto. A gente passava para a *Folha de São Paulo* e só. Agora, o Altino tem bom material.

Rubens Shirassu Jr. – Você falou para ela do Geraldo Soller, do Tadashi Kuriki?

Rubens Shirassu – Ah, o Geraldo também.

Rubens Shirassu Jr. – Inclusive ele tem um arquivo... não sei se a família guardou ele, enorme, iconográfico, mais de 5 mil fotos de Prudente desde o começo, com figuras dos prefeitos, empresários, músicos, artistas, as pessoas da sociedade, tudo o que você pensar.

Rubens Shirassu – Olha, eu cheguei a consultar essas 5 mil fotos.

Rubens Shirassu Jr. – Nossa, tinha até negativos.

Rubens Shirassu – Negativos né, a maioria. Mas a agência que eu trabalhei fez um trabalho histórico e eu escrevi, recolhi as fotos, mas foi um trabalhão violento. Ele tem um arquivo excepcional, né.

Rubens Shirassu Jr. – Lembrei de uma pessoa dos anos 70 e que trabalhou com a gente no *Diário*. Vocês tentaram localizar o Valderi dos Santos?

Rubens Shirassu – Acho que ele nem está vivo.

Rubens Shirassu Jr. – Ah, eu acho que deve estar sim. Ele foi correspondente aqui em *O Estado de São Paulo* e da *Veja*. Então, ele fazia local e regional, que tinha aqui. Ele deve ter um material também muito bom.

Rubens Shirassu – Se vocês puderem acessar algum parente do Neif será excelente viu? Melhor conversar com a filha dele. Conversa com ela.

Rubens Shirassu Jr. – Eu conheci ela de vista assim... quando eu fui fazer um material com ele. Ele me apresentou, mas foi rapidamente né, então... mas eu sei que ele tem um arquivo muito grande. Ele tem um arquivo muito bom, de foto, jornais ele tem muitos, revistas...

### **Em quais meios de comunicação ele trabalhou?**

Rubens Shirassu Jr. – O Neif foi de rádio né, pai?

Rubens Shirassu – De rádio e jornal. Jornal dele né.

Rubens Shirassu Jr. – Dele. Depois ele só mexeu com os jornais dele. Da *Folha*, *A Folha da Região*. Mas ele deve ter... eu sei que quando eu conversei com ele, ele tem muita coisa guardada né, muita matéria e foto.

### **Qual era a realidade vivenciada pelos veículos de comunicação na época?**

Rubens Shirassu – Havia muita concorrência. Como hoje né. Mas a concorrência era violenta. Eu vou te dar um exemplo. Tinha um gerente de uma rádio que não permitia que o funcionário dele passasse em frente da outra emissora. Pode um absurdo desse? A rádio dele era na Dr. José Foz, a nossa era na Maffei, no calçadão hoje. Ele não permitia que o funcionário passasse ali na Nicolau Maffei, no quarteirão da rádio. Ridículo. E hoje, há pouco tempo, um genro dele foi diretor da *Bandeirantes* aqui, da TV. Então você vê a rivalidade que existia, né?

Rubens Shirassu Jr. – Existe até hoje, né. Agora, o que eu falo pra você, o que vi no *Diário*, que meu pai deve ter visto e muito nos jornais, é o repórter. Ele andava muito na rua, em bar, conversava muito com as pessoas e nessas conversas ele ficava sabendo de fatos, de alguma coisa que ele poderia explorar para fazer uma matéria, era isso que eu vi no *Diário*, que o pessoal fazia. Quando não, tinha que sair...

porque eu vejo hoje, a diferença é essa: o pessoal fica muito centralizado na redação esperando assessoria de imprensa, buscando notícia na própria internet, para fazer um resumo e telefonema ou celular e, às vezes, quando você sai, eu muitas vezes, eu não escrevo mais não e nem quero. Às vezes, eu saio e vou conversar com alguém alguma coisa e eu vejo coisa: “Ó, tá quebrado um negócio aqui. Invadiram tal lugar. Ó, aqui tem um problema sério, as faixas estão sumindo”, problemas assim. E eu vejo isso nos repórteres hoje. Eles não andam, eles não conversam com as pessoas. Essa é a grande diferença. Como a gente não tinha a tecnologia nos anos 80, eu peguei linotipo ainda, meu pai viu e tinha que fazer na raça. Era máquina de escrever, você imagina aquilo o dia inteiro... (*imita movimento o barulho que a máquina fazia*). O pessoal fazia o jornal, o jornal bem feito, bem escrito, com fotos, foto postal, tinha que revelar. A foto fazia clichê na madeira, tinha que colar na madeira pra colar na página, né pai?

Rubens Shirassu – Inclusive, vocês podem pôr no trabalho uma exigência hoje moderna: o jornalista tem que sair na rua.

Rubens Shirassu Jr. – Sair na rua, gente!

Rubens Shirassu – Tem que visitar as empresas, instituições públicas para saber o que está acontecendo, não esperar vir a notícia cozida. Vai buscar a novidade.

Rubens Shirassu Jr. – Vai dar um passeio num bairro aí. Por exemplo, tem o João Domingos Netto, um bairro novo. Vai dar uma olhada lá uma hora, entendeu? Leva um celularzinho. Hoje é fácil de ir com um celular, sabe? Lembra aqueles gravadores grandes? Você chegou ver aqueles gravador de pilha? Repórter andava com um gravador de pilha. Olha que dificuldade, mas ia. Com uma bolsinha debaixo do braço, as meninas iam e faziam matéria. Hoje tem a tecnologia. Tem câmera para todo lado e não consegue fazer?

Rubens Shirassu – As próprias rádios hoje, eles não tem mais um bom noticiário que antigamente. A gente saia para fazer até procissão religiosa, comícios políticos, qualquer evento público, a gente ia e o que acontecia? A Telefônica que ajudava a gente, eles cediam a linha telefônica para, por exemplo, vai ter um evento na Câmara, a Telefônica ligava a linha deles na Câmara. A gente levava todo o equipamento para transmitir o evento. Então, hoje é tudo satélite, né. Você não depende mais de linha telefônica. E, tinha bom noticiário na época.

Rubens Shirassu Jr. – Excelente.

Rubens Shirassu – Hoje não. Hoje é só música.

Rubens Shirassu Jr. – Música e noticiário da *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Band*, entendeu? Você desculpa falar: fraco. Eu vou ver na internet, vou ver lá aqueles blogs daqueles jornalistas que tão no meio, mas eles tem um outro enfoque em cima da matéria. É isso que eu quero fazer. Agora, ficar falando de... igual essas revistas aí, de Lava Jato, todo mundo tá falando, é tudo igual.

**De forma Hélio Cyrino conseguiu a concessão da Rádio Presidente Prudente?**

Rubens Shirassu – É que ele tinha, na época, ele era primo irmão do Lucas Nogueira Garcia que era governador de São Paulo. E lógico, se não tiver política no meio você não consegue nada. Desde aquela época você não consegue nada. Hoje, pior ainda né? Então, por meio da política ele conseguiu essa concessão. E eu não lembro quem era... Chamava Ministério das Comunicações parece. E como o Lucas era governador, ele pediu interferência do governador né. Aí ele conseguiu a concessão, que era difícil na época e só existia aqui a PRI-5 e uma rádio em Venceslau, onde eu comecei a trabalhar né. Eu comecei moleque lá, acho que com 17 anos. E fizemos, inclusive, novelas aqui da Ivanir Ribeiro. Chegamos a fazer novelas.

### **Quais dificuldade para conseguir essa concessão?**

Rubens Shirassu – Aqui, principalmente, a parte da torre, porque a torre nós instalamos aqui na baixada, ali hoje onde fizeram um parque que deu o nome do Bugalho e depois tiraram. Aqui embaixo, no São Matheus ali. Então, naquela época, quando nós chegamos aqui da Washington Luiz para cá não tinha nada, só tinha o Tênis Clube lá embaixo, mais nada. A Washington Luiz não tinha calçamento na rua e onde hoje é o Bosque tinha um bosque com cachoeira dentro. Então, a gente tinha que levar a torre lá para baixo e não tinha caminho, tinha que ir abrindo picada, no meio do mato. Aí conseguimos levar a torre para lá. Só que durante a instalação, ela teria oito níveis de seis metros, era de ferro né. Então, colocava no pedestal oito metros primeiro, depois com um guindaste levantava a segunda. Quando o cara acabou de colocar, o montador acabou de colocar a segunda com 16 ele foi almoçar e deixou pendurada a terceira. Só que quando ele retornou, acho que com o vento, não sei o que houve, quebrou o aço e ele estava lá em cima e aquela viga de oito metros caiu nos tirantes e ele veio pro chão. Quase morreu o rapaz. Aí deu um trabalho. Tivemos que internar. Então, isso aí foi um problema violento. Até arrumar um outro montador que vinha de São Paulo... e a dificuldade foi essa. E não tinha estrada, não tinha nada e você tinha que colocar posteamento para pôr a linha e não era satélite. Nada. era tudo por fio. Então, foi um trabalho violento. Depois, ficamos sabendo que aquele rapaz que se acidentou aqui sarou, ele foi montar uma torre em Santos. Morreu lá. Caiu também, a mesma coisa. Caiu da torre que estava montando, porque caramba... vai com segurança. Só ele vai amarrado também. Mas, como caiu aquele tirante, caíram também os 16 metros que estavam lá, caíram também. Então, caíram três frações de oito metros cada uma, sorte que não caiu em cima dele, porque senão matava na hora. Mas, foi um problema danado e não tinha comunicação. Aliás, existia uma rua só, essa Coronel Albino que chamava Território do Acre, só que era estrada boiadeira na época, o resto era tudo mato. Da Washington Luiz para cá não tinha nada, nada, nada. Era tudo mato. E aí tivemos que... tinha um senhor que morava perto da torre. Inclusive nós contratamos ele para ser o cuidador depois do local e ele que cedeu o terreno lá para a gente construir a torre, mas foi difícil viu. E o Dr. Hélio conseguiu, mediante política, ele era médico biologista, mas um cara bacana. Agora, a concorrência de rádio aqui era violenta e tinha esse problema do gerente não permitir que o funcionário dele passasse em frente a outra rádio. Mas... Aqui... a gente não consegue entender um negócio desse, né.

### **Como era o trabalho na rádio?**

Rubens Shirassu – Pelo menos na emissora que eu trabalhei, a gente promovia muitos os artistas de fora. Então, todos aqueles grandes artistas da época, a maioria veio aqui, a Heleninha Borba... A Marlene, Nelson Gonçalves. A Dalva de Oliveira, Sílvio Caldas! Sílvio Caldas veio aqui. E, a gente apresentava no auditório da rádio, na boate que chama Dan Balsador que tinha na época, na cantina Nápole e no Hotel Naufal, que existe até hoje ainda. Está no mesmo lugar ainda. Só que o dono mantinha no fundo um tipo de uma boate. Então, tinha a parte dançante, tinha conjuntos e os artistas se apresentavam lá também. Então, a gente tinha noticiário muito bom, tinha bons profissionais. Tinha a parte esportiva, o auditório com o Hélio Athia, o Tito Junior, né.

Rubens Shirassu Jr. – Hélio Athia era mais programa humorístico junto com Tito Junior, piadas...

Rubens Shirassu – Hélio Athia era um grande artista. E na parte de esporte tinha até uns tempos o Flávio Araújo, o Joseval Peixoto, Pedro Góia. Ele foi um grande locutor aqui, inclusive locutor também aquele que escreve no imparcial sobre ecologia.

Rubens Shirassu Jr. – Flávio Alberto Cezário. É mesmo, você pode falar com ele. Ele sabe bem, lembra bem, é de quase o mesmo momento que meu pai. Então, a qualidade do rádio que havia naquela época [década de 1950], qualidade mesmo de notícias, de programas, programas dirigidos, tocava MPB, música clássica.

### **E como era o cenário dos jornais naquela época?**

Rubens Shirassu – Também concorrente, viu?!

Rubens Shirassu Jr. – Concorrido, porque não tinha jornalistas bons e as pessoas queriam ver notícia. Não tinha televisão e era muita questão política também.

### **Havia muita liberdade para escrever?**

Rubens Shirassu – É. No *Correio da Sorocabana*, que era do Gabriel Otávio de Souza, ele escrevia os comentários dele. Geralmente, o editorial com um dicionário do lado. Então, ele colocava palavras que ninguém entendia. Então, quer dizer, pouca gente sabia o que era, porque ele olhava no dicionário e colocava.

### **Tinha essa diferença na linguagem também, era mais...**

Rubens Shirassu – Impressionante, impressionante.

Rubens Shirassu Jr. – Ele tinha uma coluna no jornal, no *Correio da Sorocabana* antigo, que ele assinava... olha o nome, olha o pseudo nome dele: Ptolomeu.

Rubens Shirassu – (*risos*) E era quando ele escrevia difícil, né.

Rubens Shirassu Jr. – Difícil. Então, era uma coisa que era pra uma elite.

Rubens Shirassu – Ele não colocava o nome dele na assinatura.

Rubens Shirassu Jr. – Para não dar problema, porque era crítico.

Rubens Shirassu – Era o pseudônimo, Ptolomeu. Mas ele usava cada termo, que Nossa Senhora! Para você ler, você tinha que ter um dicionário também.

### **Como os jornais eram encarados pela população?**

Rubens Shirassu – Tinha bons leitores, né?

Rubens Shirassu Jr. – Quando eu entrei tinha muita sessão de carta. O pessoal mandava muita carta com reclamação, é... com serviço de utilidade pública, procurando parente que sumiu, sabe? Remédio... Então, hoje o que a televisão e o rádio não faz, o jornal fazia. O rádio antigo faz, fazia isso. Serviço de utilidade pública. Hoje é muito pouco. Mas, quando eu entrei no jornal em 1980, tinha. Vinha muita carta: “Olha, eu não gostei disso, disso, disso na matéria tal”. Vinham críticas, vinham sugestões, por isso que faz falta. No jornal, hoje, você não vê isso.

Rubens Shirassu – A internet revolucionou o jornalismo viu?! Deixou o jornalismo meio de lado, a comunicação em geral né? De coisa escrita e rádio.

Rubens Shirassu Jr. – O jornalismo era mais investigativo. Tinha matérias longas que começavam em partes, e tinham que dividir elas em cada dia ou final de semana. O assunto era muito extenso.

### **De que forma os meios de comunicação influenciavam na opinião pública ?**

Rubens Shirassu – Eram bem aceitos, viu. É, que a gente fazia alguns programas, é... que hoje falam tientes né? Viviam em frente da rádio pedindo autógrafo, querendo ver como que era feito. Impressionante.

Rubens Shirassu Jr. – Tinha uma senhora que foi fã dele.

Rubens Shirassu – É que eu fazia um programa. Uma senhora assim... era uma coisa sadia, não tinha malícia. O programa chamava “Cortina de Veludo”. Então, o que acontecia? Você, por exemplo, gostava de uma música, você mandava a cartinha que falava assim: “Eu quero ouvir tal música”. Aí, eu ou a Ivete, a gente escrevia um texto, uma crônica sobre aquela música. Se tivesse letra aproveitava alguma coisa do texto da música e a gente apresentava, é... com fundo musical. Se fosse uma cantora, por exemplo, a Ivete lia. Se fosse um cantor ou música, só eu lia. Depois que terminava a crônica, tocava a música da pessoa que pediu, entendeu? E enchia de mocinhas na porta da rádio que queriam autógrafo, queriam saber como é que era feito. Era uma revolução na época. E esse programa eu trouxe de Venceslau que eu fazia com uma senhora casada. E, depois, eu transferi esse programa para cá, quando a gente abriu aqui. Era um sucesso violento na época.

Rubens Shirassu Jr. – Aí, as rádios aqui nos anos 60 e 70 usavam isso aí. O dia inteiro a pessoa ligava lá, pedia música, oferecia música para o paquera. Então, mandava, oferecendo. E as rádios, todas as rádios nos anos 60 e 70, usavam isso e ganharam dinheiro. Músicas oferecidas. Aí que eles mudavam o nome né. Música

para não sei o quê, iam mudando os nome. Aí eles sorteavam durante essas pessoas iam ligando, eles sorteavam lá um prêmio, né.

Rubens Shirassu – Era disco que dava.

Rubens Shirassu Jr. – Ou disco, ou alguma loja, dava, por exemplo, uma roupa, alguma coisa, sorteavam. E era assim... não tinha maldade nenhuma não e o povo, todo mundo gostava, porque não tinha outra coisa além disso, era cinema e isso.

Rubens Shirassu – Nós chegamos a fazer, na época, quatro a cinco orquestras argentinas de tango, eram orquestras famosas viu? Aqueles grandes autores, a gente conseguiu trazer para cá e era um sucesso violento. Eles tocavam na boate, tocavam na rádio, no auditório e tocavam lá no Hotel Naufal.

Rubens Shirassu Jr. – Era a televisão da época. Eles faziam programas que hoje a televisão faz. Eles estavam na frente, porque tinha que ter coisas diferentes para entretenimento do povo. Não tinha muita opção de lazer na cidade. Então, tinha aqui ou era praça ou era cinema ou era algum espetáculo, um show né no Ginásio de Esportes, ou seja onde for aqui em Presidente. E houve esses programas, né. Tinha programa de música clássica, MPB, o sertanejo, caipira mesmo, bem cedo, às 6h da manhã e aquelas músicas populares da época, do “povão” mesmo, né. Eu peguei, ouvi de 1967 em diante. Era o máximo né, para gente aqui.

Rubens Shirassu – Eu achei bacana que, na época, tinha muitas casas e intolerância, né? Remdbul. E as donas queriam levar as orquestras argentinas para tocar lá na boate deles né, os argentinos: “No, no, no. No tocamos em Remdbul”. Mas a concorrência sempre existiu, viu Camilla. Ainda hoje não tem como, é... um quer passar a perna no outro, não tem como, né.

Rubens Shirassu Jr. – Ou quando eram filhos ou uma filha de um empresário, às vezes, o gerente da rádio a colocava, não pela competência, mas porque o pai dela poderia anunciar na rádio. Os interesses né, isso existe até hoje.

### **Como que se caracterizava a veiculação das notícias regionais?**

Rubens Shirassu – Geralmente, alguém, por exemplo, da prefeitura ligava para a gente quando tinha um evento. Vamos supor: vai ter uma feira é... agrícola. Então, eles mandavam cartazes, alguém da assessoria ligava para a rádio informando né e: “Aí, se vocês quiserem confirmar, liga para tal número” da própria prefeitura. Então, não tinha esse negócio de enganar, né. E as prefeituras ajudavam a gente, todas elas, da região (*telefone toca*). A Alta Sorocabana inteirinha mandava noticiário para a gente, desde Epitácio, Rancharia, Martinópolis. Até aqui na Alta Paulista eles mandavam – Adamantina, Dracena, as grandes cidades ali, né. E aqui em volta né, desde Epitácio, Venceslau, Anastácio, Bernardes, Machado para cá, Martinópolis, Rancharia, ali no pontal, Marabá Paulista que acho que ainda era distrito, é... Mirante do Paranapanema. Todos mandavam noticiário para a gente.

### **Essas notícias costumavam ser gerais?**

Rubens Shirassu – Exatamente. Porque não tinha... a gente checava também para ver se não era mentira, lógico. Mas, geralmente, de prefeitura era notícia boa. E alguma coisa que o prefeito estava fazendo, serviço de água, esgoto, né. Se tinha uma ponte caída, eles já estavam mexendo. Hoje, o prefeito abandona, não está nem aí, né. Mas, funcionava bem.

### **Como era o departamento de jornalismo da Rádio Presidente Prudente?**

Rubens Shirassu – Tinha uma equipe. Chamava “jornal falado”, quer dizer, era só informação né.

Rubens Shirassu Jr. – Era só informação, ninguém comentava nada? Não tinha um comentarista no meio?

Rubens Shirassu – Tinha, tinha. Por exemplo, o Joaquim Nascimento comentava.

### **No geral, as notícias eram apenas lidas então?**

Rubens Shirassu – É. O próprio Silvio Roncador... depois, ele comentava sobre aquela notícia. Por exemplo, uma notícia importante, né. Vamos supor: uma feira agropecuária. Então, a gente noticiava. Depois, ele comentava que ia vir, por exemplo, o governador do estado, né. É... “Eles vão ceder tal lugar para ficar o espaço definitivo da exposição...”, e assim por diante. Mas, a gente comentava também, né. Tinha sempre um comentarista. Tinha o Fernando Brizola, o próprio Silvio Roncador, o Joaquim Nascimento. Eles comentavam e era bacana, porque da parte de esporte os narradores também comentavam a parte esportiva, que tinha equipe esportiva também.

### **Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo na época?**

Rubens Shirassu – Eram a distância e a comunicação né, porque nem sempre o telefone... o único meio de comunicação era o telefone. Hoje, a internet acabou com tudo, mas na época era exatamente o telefone.

Rubens Shirassu Jr. – Nós só tínhamos o telefone.

Rubens Shirassu – Ou quando alguém daquela cidade vinha, por exemplo, fazer uma compra na cidade, aproveitava e ia na rádio para dar a notícia, entendeu? Do contrário era o telefone. Não tinha outro meio.

Rubens Shirassu Jr. – Ou às vezes ele mandava a notícia. E, tinha... os correspondentes, às vezes, mandavam pelo correio um monte de coisa. O jornal cansava de receber. Ou ligava, o correspondente ligava. Passava matéria por telefone, o redator anotava, igual você estava anotando aí, e fazia.

### **Como era a equipe de profissionais do rádio?**

Rubens Shirassu – Muito boa, não tinha... não tinha furo e não tinha ciúme entre eles, entendeu?

Rubens Shirassu Jr. – Era um pessoal mais amigo.

Rubens Shirassu – Cada um no seu setor, um respeitando o outro e isso que era bacana. Hoje não tem mais.

### **Em média, quantas pessoas trabalhavam no rádio?**

Rubens Shirassu – Ah, por exemplo, na parte técnica nós contávamos, pelo menos, com quatro operadores. Na parte de locução tinha uma meia dúzia, no mínimo. Seis locutores no mínimo, é... para ir revezando né, porque...

Rubens Shirassu Jr. – É. Senão, o cara não aguenta.

Rubens Shirassu – Ficava até perto das 6h da manhã.

Rubens Shirassu Jr. – E haja garganta, né.

Rubens Shirassu – E tinha a equipe de redatores, que eram, geralmente, os próprios apresentadores de jornal, por exemplo, Joaquim Nascimento. Além dele improvisar, muitas vezes, ele redigia também. E até tinha um fato curioso, que dera de última hora. A gente estava apresentando um tipo de uma novelinha, umas historinhas. Então, todo o elenco já estava no microfone. Ele ainda estava na máquina de escrever, batendo o capítulo do dia! Você imagina um negócio desse? Quase em cima da hora ele escrevendo a parte de cada ator, de cada atriz. Mas, a gente tinha um elenco muito bom de novela, tinha uma equipe esportiva muito boa, técnicos de som né, externos, que geralmente eram três pessoas e a gente contava também com o auxílio do próprio funcionário da telefônica. E eles ajudavam os nossos técnicos na instalação da linha telefônica no local, né. Então, era complicado. E, nós chegamos a transmitir também... Você vê. Já naquela época nós tínhamos um técnico, chamavam ele de maluco, mas era um gênio sabe, porque naquela época a gente tinha um furgãozinho, um carrinho e ele adaptou um transmissor lá dentro. Então, esse transmissor era ligado numa máquina, numa mesa de som com todo equipamento. Ele ligava e a pessoa com o microfone na rua, sem fio, naquela época sem fio transmitia... está certo que ele tinha que ser local perto, uns quatro, cinco, quarteirões. O locutor anunciava alguma coisa de lá e ele conseguia captar ali naquele transmissor, repassava para rádio pelo ar também, naquela época, isso o quê? Época de 60 por aí, antes disso, 50, 60 e pouco. Quer dizer, o cara era um gênio! Quer dizer, transmitir sem fio! O cara era maluco não, não era não, ele conseguia fazer. Era o Henrique. Henrique Dias. Chamavam de maluco.

### **Para o senhor, essa quantidade de profissionais era o suficiente?**

Rubens Shirassu – Era. E, quando faltava alguém, tinha que, por exemplo, quando o Flávio foi embora do esporte, tivemos que arrumar outro né, acho que o Lombardi, que coitado, faleceu aqui no Paraná, foi pescar, caiu do bote.

### **Os profissionais trabalhavam com pauta?**

Rubens Shirassu – Não. Era tudo meia olho, não tinha organização assim não. É lógico, tinha a programação do dia. A gente elaborava durante o dia, por exemplo,

começava agora a programação de amanhã. Então, começava 8h tal programa, horário sertanejo, por exemplo, que era... depois, tal horário tinha informativo. Então, tinha a programação já completa para o dia seguinte. Então tinha que seguir, mais ou menos, aquilo lá. Mas, como era feito? Era improvisado, porque a gente não preparava também aquelas matérias na véspera. Era tudo no dia. Às vezes não dava tempo, né. Mas, ia no tapa e funcionava. Mas era bacana. Foi uma época de ouro do rádio aqui. Hoje tocam só sertanejo, música eletrônica e acabou.

### **Quais eram as grandes revelações da época?**

Rubens Shirassu – A maior delas que eu considero foi Ivete Pinheiro, que fazia novelas, apresentava programa infantil. Tinha a Mamãe Dolores, que só fazia também programa infantil. Tinha a Marina Ferreira da Silva, que era atriz também, excelente! Tinha um tal de Seu Loureiro Júnior, um senhor já idoso, que fazia toda a sonoplastia interna das novelas. Por exemplo, tinha que fazer passos. Então, não tinha gravação de passos, tinha que fazer na hora. Então a gente colocava uma tábua no estúdio e ele andava fazendo os passos, né. Porta abrindo, fechando, a gente tinha que ter porta no estúdio também abrindo e fechando e assim por diante. É um monte de ruídos necessários a uma novela. Por exemplo, já vendiam um disco prontinho, tudo que você imaginava de ter que fazer som numa novela, numa história, ele vendiam já esse disco pronto. Bacana, ajudava. Nossa Senhora!

### **Como era a presença feminina no rádio nessa época?**

Rubens Shirassu – Além desses programas infantis, tinha esse programa de músicas com crônicas e alguma coisa que o ouvinte... por exemplo, uma senhora, por exemplo, mandava uma carta e queria que fosse lida no microfone. Então, a voz feminina tinha que ler, né. E, como na época já tinha gravação em fita que chama, a gente conseguia gravar muita coisa, inclusive a novela a gente gravava também.

### **E nos cargos de jornalismo? De que forma se dava a figura da mulher?**

Rubens Shirassu – Não... Jornalista, na época, acho que não tinha nenhuma, ou não?

Rubens Shirassu Jr. – Não. Não tinha nenhuma. Eram mais as locutoras, né. Neide Cordeiro.

### **Havia mulheres nos veículos impressos?**

Rubens Shirassu – Ah, eram poucas né.

Rubens Shirassu Jr. – Ó, que eu vi no *Imparcial* foi só a Lêda Márcia. A única mulher. Ela foi a primeira a fazer um caderno feminino, de moda, beleza, saúde, foi ela. Nos anos de 1970. Eu lembro que quando chegou no *Imparcial* uma Silvana Rafs, que trabalhou com o Priost, como ela trabalhou em São Paulo, eles fizeram estágio na *Gazeta Esportiva*, então eles eram muito dinâmicos, os próprios jornalistas homens olhavam com receio para a capacidade. Quando ela começou a produzir um material bom, aí eles já calaram a boca, entendeu? Porque é aquilo que meu pai falou: tinha ciúmes, se via muito ciúmes, e os próprios empresários mesmo

aqui, eles olhavam meio assim também, porque a mulher tinha que ter pulso firme mesmo, sabe? E, às vezes, até falar algumas coisas, porque sempre tem as gracinhas, né? Porque vê a mulher ali entrevistando com gravador né, não tinha os recursos, papel às vezes com caderneta na mão e tinha que andar. Elas vinham, às vezes, nessas periferias.

### **Qual era a importância da figura feminina nos veículos?**

Rubens Shirassu Jr. – Eu acho que a visão delas, pelo o que eu vi.

Rubens Shirassu – Era mais importante no rádio né, na época, porque a mulher não se ligava muito a jornal não, que nem existiam os cursos né, que hoje existem. Então, era difícil. Mas, era mais na rádio sim, tanto em locução, que eu acho que a metade, quase a metade, não metade, mas pelo menos um terço eram locutoras na época. Pelo menos um terço. Vamos supor: se a gente tinha seis homens, podia ter duas mulheres, mas não era muito fácil não hein.

Rubens Shirassu Jr. – Acho que foi depois dos anos 70 que começou a aparecer.

### **E qual era a importância da mulher no rádio?**

Rubens Shirassu – Então, era bem grande, principalmente em programas especiais, novelas, programas de auditório e apresentação de artistas, né. A mulher sempre era destaque e hoje acho que não tem mais isso viu. Hoje é só locução interna.

### **De que forma as pessoas entravam para o jornalismo nessa época?**

Rubens Shirassu – A grande maioria conseguiu o provisionamento que o governo abriu. Tanto é que aqueles grandes redatores, jornalistas antigos, nenhum tem faculdade. Mas, foi permitido que eles trabalhassem em jornais, né. É porque na época não tinha faculdade.

Rubens Shirassu Jr. – A faculdade mais próxima era em Bauru. Jornalismo você tinha que fazer em São Paulo.

### **Como se dava a contratação dos profissionais?**

Rubens Shirassu Jr. – Tinha que fazer um teste.

Rubens Shirassu – Fazer um teste.

Rubens Shirassu Jr. – Um mês, né. 30 dias de teste igual o *Diário* fazia. Eles ficavam te observando. Geralmente, os mais velhos ficavam observando seu procedimento.

Rubens Shirassu – E o conteúdo escrito. A redação. Para ver se não tinha muita barbaridade não é? Ainda hoje não é fácil a redação, viu? É difícil.

Rubens Shirassu Jr. – Ia passar por um teste. Se fosse, passasse por trinta dias, aí eles contratavam. Mas, geralmente, era três meses né pai, que ficava?

Rubens Shirassu – Acho que como se fala estágio hoje, né?

Rubens Shirassu Jr. – O estágio ainda é diferente porque...

Rubens Shirassu – O estágio é diferente porque é remunerado. Mas antes, no teste, a pessoa tinha que ficar trabalhando e mostrando trabalho, né.

Rubens Shirassu Jr. – Aí, eles davam um dinheiro no final lá. Mesmo que não ficasse, dava um dinheirinho e dispensava.

Rubens Shirassu – Bom, mas era... para a época era rigoroso, porque não entrava qualquer um, né? Porque tem que preservar o veículo, lógico!

Rubens Shirassu Jr. – Era muita responsabilidade, né.

Rubens Shirassu – Mas aparecia muita gente boa viu.

Rubens Shirassu Jr. – E você tem que falar também que dentro do rádio, dos anos 50, 60 lá, os colaboradores que ajudavam com matéria, com... na hora da produção.

Rubens Shirassu – É. Tinha os professores, colaboradores, eles ajudavam sim.

Rubens Shirassu Jr. – Eles mandavam, geralmente, assim... uma coluna falando ou uma carta, alguma coisa falando sobre determinado assunto, que eles dominavam bem e tinha os que escreviam bem mesmo e a gente colocava.

### **E essas pessoas chegavam a ser creditadas?**

Rubens Shirassu Jr. – Colocava! Às vezes era um advogado, às vezes era um professor, uma professora. Sabe por quê? Você deve ter visto isso. No jornal sempre sobrava espaço. Então, geralmente, de quinta ou sexta-feira começava o caderno de domingo. Então já adiantava esse caderno e aí sobrava. E a gente olhava e tinha uma caixinha assim... na redação, que escolhia aquilo que era melhor e ia colocando.

Rubens Shirassu – E teve um promotor que foi um excelente auxiliar da gente, que ele ficava... quando ele não estava na promotoria, ele estava na rádio. Então, principalmente, a parte legal das coisas, ele orientava a gente: “Faz assim. Não faz assim”, mas um excelente pianista e promotor público, hein! Teve um caso curioso que ele tinha um amigo muito íntimo. Um dia fomos nós três de carro para roubar cabrito aqui em Álvares Machado, que tinha um monte de cabrito, ali perto da estação da Sorocabana. Então, a gente foi à noite roubar um cabrito, só que a estação da Sorocabana tinha um guarda e quando viu o carro parado sondando os cabritos, o guarda veio, reconheceu o promotor e falou: “Doutor Ítalo, o que o senhor está fazendo por aqui há essa hora?”. “Olha, nós ficamos sabendo que tinha uns ladrões aqui perto e nós viemos investigar”. Aí o guarda ainda agradeceu né, só que não deu pra pegar mais nada, fomos embora. Mas, um promotor ajudando a roubar cabrito?! Ele era fora de sério. O nome dele, Ítalo Bustamanti Pauluci, não esqueço até hoje. Era um senhor, alto, careca, gordo, mas um gênio e ele orientava bem a gente na parte legal da rádio, né. Então ele dizia: “Vão fazer isso. Não, não faz. Faz

desse jeito. E orientava. E a hora que dava tempo, ele ia no piano lá da rádio e tocava bem, viu. Impressionante o cara.

### **O senhor chegou a conseguir o registro profissional de jornalista?**

Rubens Shirassu – Não. Eu não tenho registro, porque quando abriu essa parte eu não estava aqui.

Rubens Shirassu Jr. – Ele estava em São Paulo. Foi o Sérgio Antônio, o seu Adelmo Vanalli, o Altino também foi, né?

Rubens Shirassu – Foi. Todos eles conseguiram o provisionamento. Eu tinha ido para São Paulo atrás de TV com o Dr. Hélio. E, foi na época que o Jânio ganhou e o Dr. Hélio ia ser um auxiliar direto do Jânio lá em Brasília, e ele estava transferindo o material para construir a *Rádio Nacional* de Brasília, na época. Aí o Jânio caiu fora, ficou acho que sete meses só. Aí, ele também desistiu. Mas, o Dr. Hélio foi um “pé de boi”, viu.

Rubens Shirassu Jr. – E o pessoal não ficava em cima do meu pai, porque como ele tinha um bom acesso aos jornais, às rádios, ninguém diminuía, meu pai tinha prática. Escrevia muito bem, revisava bem, né pai (*telefone toca*).

### **Que tipo de funções eram desempenhadas no rádio e que já não existe mais?**

Rubens Shirassu – Praticamente, tudo. Por exemplo, novela. Ninguém faz mais novela, esses programas de crônicas que o Geraldo Soller escrevia, uma crônica e eu lia numa rádio todo dia. Isso não existe mais também. Os próprios informativos não existe mais também, né. Hoje, o que tem? Só tem música, mais nada. Não tem acho que nem noticiário, né. É só música, música. E hoje, o que você pensar em informação, no rádio da época tinha. A gente fazia entrevistas, fazia debates, tinha programa de auditório, tinha programa sertanejo, tinha o musical comum, jornal falado, os informativos de tempos em tempos – coisinha curta, duas notícias, por exemplo, hoje não tem mais. Tudo o que você pensar em comunicação, tinha na época. A gente fazia. Quem que ia imaginar fazer novela em 1958, 1959? Fazia. Hoje, por exemplo, na novela tem aí a edição, não tem? Você grava uma coisa posterior, depois o editor tem que colocar na ordem. Na rádio, a gente fazia isso. Por quê? Às vezes, um ator que tinha que entrar na novela seguindo o roteiro, faltou. Então, o que a gente fazia? Aquele pessoal que estava ali, a gente gravava a cena posterior dizendo cena tal, capítulo tal. E um menino que ainda hoje trabalha na Rádio Comercial, o Irineu, ele fazia edição naquela época com a fita. O que ele fazia? Ele cortava a fita, depois emendava no lugar certo.

### **Como era para o senhor exercer a prática jornalística nesse período?**

Rubens Shirassu – Não era fácil não, viu?! Posteriormente, que eu vim trabalhar em jornal. Mas, a minha experiência foi sempre em rádio. A parte de jornalismo eu aprendi mesmo na rádio, que tanto é que, às vezes, eu tinha que trabalhar no noticiário e fazia esse programa semanal aos sábados né, e tinha patrocínio exclusivo da *Saturno Heliar*, que era uma firma que vendia baterias. Eles patrocinaram durante anos.

Rubens Shirassu Jr. – Quando eu era moleque viu, o que eu vi predominar, o que predominava muito em *O Imparcial*, que ganhava dinheiro, era quando faziam aquelas matérias pagas, né. Que seriam as pagas, né. Então, ganhava muito, os jornalistas, para sobreviver.

### **Como eram realizadas as coberturas jornalísticas?**

Rubens Shirassu – Então, isso o que eu disse para você, é... Com esse “malucão” que a gente tinha lá, a gente conseguia fazer muita transmissão sem fio né, fazer ao vivo. Mas, a maioria era mesmo com linha telefônica e a gente conseguia, porque na época era... seu Farbes, era um cidadão excepcional. Ele era o dono da chamada Empresa Telefônica Paulista e ele ajudava as rádios sempre, até em transmissão de futebol, que a gente transmitia na APEA. Tinha um campo de futebol aqui na APEA e onde hoje é o Parque Shopping Prudente, tinha o campo de futebol do Corinthians. Lá era campo de futebol, transmitimos muito jogo de lá. Aqui na Prudentina quem ajudava era a Telefônica cedendo a linha deles e sem cobrar, hein.

### **Não havia coberturas gravadas?**

Rubens Shirassu – Quando podia ser gravado, a gente gravava. Mas, geralmente, era tudo ao vivo, né. Havia dificuldade, mas a gente conseguia. Carnaval a gente transmitia, chegamos a transmitir muito carnaval de um clube de campo da ACAE. Não é esse moderno que tem hoje lá perto do cemitério, é um que tinha na estrada aqui que vai para Machado. A gente chegou a transmitir lá. Lá não tinha calçamento, enfrentamos barro. Então, a gente chegava todo sujo tinha que ir se limpar lá para transmitir e era a Telefônica que fornecia para a gente.

Rubens Shirassu Jr. – Dentro do gancho que ela [Camilla] estava falando, vocês faziam programa específico? Por exemplo, do dia do caminhoneiro.

Rubens Shirassu – Tinha, tinha. Eram especiais né, o do caminhoneiro. A gente, por exemplo, a Câmara... a gente transmitia algumas sessões também da Câmara, algumas né, porque a maioria era tudo baboseira. Mas, eles não ganhavam nada na época não. Bons tempos. É que nem faz hoje, por exemplo, na Finlândia. O homem público, deputado, por exemplo, tem que trabalhar com o próprio carro, não tem assessor e não ganha nada! Aqui os caras ganham uma fortuna.

### **Quais eram os critérios existentes para a veiculação de notícias?**

Rubens Shirassu – Ah, não... Tinha que ter, porque houve uma época que teve censura não é? Então, tinha que saber escolher. Geralmente, nessa época era tudo mais coisa leve, tinha nada de entrar em confronto com alguma coisa, era leveza como diz né? Tudo na maciota, porque você não podia. Inclusive, o Lala foi perseguido aqui. Lala era um vermelhinho, mas daqueles “vermelhão” mesmo. Bem comunista. E era perseguido, lógico. Mas ele sabia levar na boa.

Rubens Shirassu Jr. – Ele criticava muito o sistema político da época.

Rubens Shirassu – Ele era tão extravagante, que ele tinha uma... um carrinho velho, que chamava “Baratinha”. Um dia eu estava com ele, nós estávamos ali na rua, hoje é Rui Barbosa, ele vinha dirigindo, de repente a direção saiu na mão dele. Não sei o que ele fez lá. E para ele recolocar aquela bandida lá e não ter que trombar com

alguma coisa? Nossa foi uma comédia, viu. Essa eu não esqueço nunca. Mas ele era muito perseguido pela Polícia Militar, né? Não era Polícia militar, era polícia da ditadura, como é que chamava os caras? Não era polícia militar, por exemplo, do estado de São Paulo. Polícia do Exército. Acho que era Polícia do Exército. Daquele cara que judiou da Olga.

Rubens Shirassu Jr. – É do Filinto.

Rubens Shirassu – Filinto Muller. Esse Filinto Muller era lá mesmo no Rio. Era o chefe da polícia do Getúlio, né?

Rubens Shirassu Jr. – Mas tinha o pessoal que dedurava mesmo.

Rubens Shirassu – Tinha. Tinha.

Rubens Shirassu Jr. – Fazia B.O. na polícia. Olha tem um comunista aqui que está cheio de livro na casa dele de Stalin, de Karl Marx.

*(Rubens Shirassu dá risada nessa hora)*

Rubens Shirassu – Mas, a informação não era segura na época, viu?! A gente, inclusive com o auxílio desse promotor, que não saía da rádio, a hora que ele não estava em serviço na promotoria, ele estava lá na rádio, então ele ajudou muito a gente.

### **O Rafael de Lala chegou a ser pego pela polícia?**

Rubens Shirassu Jr. – Ele fugiu.

Rubens Shirassu – Não. Ele fugiu.

Rubens Shirassu Jr. – Pegou um trem e foi com a roupa do corpo, né pai? Pegou um dinheiro e ó... *(faz sinal com a mão querendo dizer que ele foi embora)*.

Rubens Shirassu – Hoje você encontra ele no Paraná lá? Ele era...

Rubens Shirassu Jr. – Assessor da Assembléia Legislativa. E trabalhava...

Rubens Shirassu – No *Jornal do Estado*, que foi vendido né. O *Jornal do Estado*, de Curitiba. Ele escrevia um editorial na página dois. Quer dizer, no fim ele acabou caindo no sistema e se beneficiou com o próprio sistema que ele criticou tanto.

### **Mas, antes do período ditatorial, quais acontecimentos eram noticiados?**

Rubens Shirassu – É como eu te disse, eram... assuntos de prefeituras, o que os caras estavam fazendo né, lá na sua cidade, aqui também a mesma coisa. A gente tinha noticiário da Câmara, da prefeitura e de entidades que funcionavam, até bancos, né? É associações, sindicatos, todos ajudavam e mandavam notícia pra frente.

### **Haviam denúncias também?**

Rubens Shirassu – É, porque sindicato sempre existiu, né.

Rubens Shirassu Jr. – Pai, ela fez uma pergunta interessante. Denúncia, por exemplo, um problema sério em um bairro. Por exemplo, não era asfaltado aqui em Prudente naquela época né, saindo do centro, se tivesse um problema em um bairro, por exemplo, uma erosão grande, acabou com a rua né, está chegando nas casas... Saía isso no rádio?

Rubens Shirassu – O pessoal avisava sim. Então, a gente comunicava, falava assim: “Segundo fulano de tal, morador de tal lugar...” – quer dizer, identificando a pessoa, morador de tal lugar – “... informou que na rua tal perto do número tal está acontecendo isso, tem um buraco, tem não sei o quê...”.

### **Agora, vamos falar a respeito da agência de publicidade, que o senhor fundou com o Altino.**

Rubens Shirassu – (*telefone toca*) Foi a segunda da cidade. A primeira chamava *Guld*, que tinha um japonês, Antônio Alcava; como diretor, o João Flores que ainda é vivo.

(*Rubens Shirassu Jr. Interrompe o pai para que fosse atender a ligação*)

Rubens Shirassu Jr. – Essa parte da *NIP* eu acompanhei. Lembro que era tudo feito a mão, levava os dados do anúncio na máquina de escrever e aí o desenhista, que hoje falam designer gráfico, numa prancheta assim igual que usavam os engenheiros, ele montava as letras com letra sete, entendeu? Fotografava às vezes alguma coisa, colava ali. Então, era tudo manual. Depois disso, ele levava para fazer o clichê, né pai?

Rubens Shirassu – Bom, voltando para a agência então... A que eu abri com o Altino e o Antônio Sérgio foi a segunda daqui da cidade, a *NIP*, né.

### **Por que decidiram abrir uma agência na cidade?**

Rubens Shirassu – Porque a publicidade começou aumentar né, na época. E só tinha uma agência. Não dava conta. E aí, nós conseguimos. E foi bom pelo seguinte: na própria agência o Altino funcionava como correspondente da *Folha*, o Antônio Sérgio era o vendedor externo nosso e eu ficava ajudando o Altino no linotipo lá né, no telex. Aquela maquininha. Então, o Altino escrevia na máquina, me passava o papel, eu datilografava de novo no telex, saía aquela fitinha e a gente transmitia para São Paulo as notícias que o Altino mandava e vice versa. Coisas que ele pediam de lá, o Altino tinha que fazer. Só que, além disso, o Altino também vendia na parte externa e eu fazia toda a contabilidade da agência, além de manter alguns contatos também, lógico. E a gente funcionava ali no... na entrada de *O Imparcial*. E funcionou durante um bom tempo essa *NIP*. Depois, resolvemos nos separar. Aí, eu abri uma outra agência com o Paulo, né. Com o Paulinho. Mas, também não durou muito tempo não.

Rubens Shirassu Jr. – Aí você foi para o departamento comercial de um diário de Presidente Prudente.

Rubens Shirassu – É. Aí, eu trabalhei em um jornal.

Rubens Shirassu Jr. – Coordenando né, toda a parte de publicidade, porque como eles estavam acostumados que tinha um bom relacionamento, acabava se tornando um contato publicitário, né pai? Você já não fazia mais aquelas matérias, era só matéria comercial, né?

Rubens Shirassu – É.

Rubens Shirassu Jr. – Então, e todo mundo procurava ele, ia atrás ou ligava, né. E a necessidade aqui da cidade era que entrou, abriu a agência, né.

### **Como conheceu o jornalista Altino Correia?**

Rubens Shirassu – Em Venceslau. Trabalhamos juntos lá na rádio, na *Presidente Venceslau*, que foi a terceira emissora aqui da região. Terceira não. Ela foi a segunda. Foi a segunda rádio aberta lá, porque primeiro foi a PRI-5, aqui, *Difusora*.

### **Como que era trabalhar com o Altino?**

Rubens Shirassu – Muito bom. Ele é inteligente e escreve muito bem. Tanto é que na época, ele era na época correspondente, eu acho que inclusive de um jornal do Rio de Janeiro também. E além de escrever bem, ele é um bom locutor também.

### **Há quanto tempo o conhece?**

Rubens Shirassu – Acho que foi em 40... 47 parece, por aí. 47, 48.

### **Pode-se dizer que ele era conhecido devido ao trabalho de correspondente?**

Rubens Shirassu – Correspondente e também na... locução, né. Ele era convidado a apresentar coisas também. Eventos, né. Como é que hoje chamam? Animador?

Rubens Shirassu Jr. – Hoje é cerimonialista?

Rubens Shirassu – Mas não é bem cerimonialista. Cerimonialista é mais social, assim... interno, né. Ele era apresentador mesmo.

### **Para o senhor, qual a importância de Altino na imprensa regional?**

Rubens Shirassu – Muito grande, muito. Desenvolveu bem com ele. Cresceu muito. Porque era uma raridade um grande jornal manter no interior, ainda mais no interior de São Paulo, no “interiorzão”, manter um correspondente, tinha que ser muito bom.

### **Era comum ter a figura do correspondente na região?**

Rubens Shirassu – Não tinha muito. E tinha esse Valderi que foi do *Estadão*, né.

Rubens Shirassu Jr. – O Valderi pegou dos anos 70 em diante.

Rubens Shirassu – Acho que foi um dos únicos, né.

Rubens Shirassu Jr. – É. Os únicos, porque o Valderi pegou o *Estadão* e depois a revista *Veja*. Então, ele tinha que fazer aqui a matéria e tinha que pegar o carro dele por conta do veículo, o *Estadão* e a *Veja* pagavam o combustível né. Se tivesse que ficar lá, a refeição... acertava com ele, mas ele tinha que fazer a matéria.

Rubens Shirassu – Então o Altino foi pioneiro, né.

### **De que forma o senhor vê Altino como jornalista?**

Rubens Shirassu – Muito, muito bom. É... um dos melhores daqui da cidade, se não for o melhor, viu. Ele, por exemplo, batalhou para por o nome do Serejo na ponte ali. Altino foi um dos batalhadores, inclusive entrou Câmara, entrou Legislativo né, em São Paulo. Acho que até na Câmara Federal.

Rubens Shirassu Jr. – Eles tiveram que fazer um levantamento da vida do Hélio Serejo todinha, porque o Hélio Serejo foi militar. E, além disso daí, ele escreveu vários livros, tudo sobre aquela cultura do Mato Grosso que não tem mais. Ele é uma pessoa muito respeitada.

Rubens Shirassu – Quer dizer, para ligar seria a ponte entre São Paulo e Venceslau e Mato Grosso, onde ele nasceu, né.

Rubens Shirassu Jr. – É. Tanto é que tem trabalhos na USP em cima dos livros do Hélio Serejo. Inclusive, conheço uma escritora que veio com 19 anos aqui, lá em Venceslau, entrevistar ele, acho que estava fazendo um trabalho, uma monografia e respeita muito. Então, o próprio pessoal aqui não fala e é uma pessoa respeitada lá fora.

Rubens Shirassu – E boa parte se deve ao Altino, viu. Porque ele batalhou em cima disso aí.

### **Como surgiu essa sociedade para criar a agência NIP?**

Rubens Shirassu – É porque a gente já convivia há muito tempo, né. E a gente conhecia um ao outro, inclusive o Sérgio Antônio que faleceu de Alzheimer, né. No governo que o Constantino foi prefeito aqui né, ele foi convidado a ser o chefe do setor de Comunicação, o Sérgio Antônio. Então, era gente boa, que a gente convivia muito e a gente resolveu montar essa agência. Mas foi um tempo bom. Ótimo.

### **Qual a lembrança que tem sobre o período em que trabalhou com o Altino?**

Rubens Shirassu – A união que a gente tinha né, o respeito. Cada um na sua área e a gente batalhava, né. É... traço de união. A união. Porque se não houver união, nada vai pra frente, viu?!

Rubens Shirassu Jr. – Não tem. E ninguém faz nada sozinho.

Rubens Shirassu – Se um pensar uma coisa e o outro pensar outra, não vai para frente não.

**Vocês mantêm contato até hoje?**

Rubens Shirassu – O Serginho morreu, né. Infelizmente. Mas, de vez em quando, eu visito a viúva. E o Altino passa sempre aqui, inclusive ontem ele veio devolver um livro que ele pediu emprestado, que ele editou em Venceslau. Ele editou e perdeu o livro. Aí ele pediu emprestado. Ontem, antes de ele ir para o sarau, ele veio devolver, passou aqui. E falou que tinha uma entrevista com vocês na quarta-feira, que acho que ele emprestou um monte de material também, né.

**Por fim, quem é Altino Correia?**

Rubens Shirassu – Ele é firme, é orientado, né. Quando ele quer uma coisa, ele vai em cima mesmo e ele é decidido. Altino é gente fina, tanto é que volta e meia ele passa aqui com a Cidinha, mulher dele, e de vez em quando a Cidinha vem trazer bolo aqui para a gente. São gente fina. E às vezes eu vou lá também, né.

Rubens Shirassu Jr. – Criou um vínculo e isso é difícil hoje.

Rubens Shirassu – Da última vez, acho que fui levar um livro para eles.

Rubens Shirassu Jr. – Vínculo que hoje não existe. Quando você entrar na área, você vai ver, você vai contar nos dedos os jornalistas amigos.

**HOMÉRO FERREIRA**

Assessor de imprensa da Unoeste e professor universitário

Data da entrevista: 21/03/2017

Meio: presencial

**Quais veículos de comunicação existiam na região, na década de 1970?**

Na década de 70? Aqueles que eu lembro, né? Rádio nós tínhamos a *Difusora*, *Piratininga*, *Comercial* e *Prudente AM*. Jornal, que eu me lembro, *Correio da Sorocabana*, *Voz do Povo* e jornal *O Imparcial*. Deixa eu ver o que mais tinha... não tinha ainda emissora de televisão, então basicamente eram esses.

**Como era o cenário da imprensa nesse período?**

Uma imprensa atuante. Uma imprensa tão atuante que no decorrer dos anos ela foi revelando vários profissionais. Já tinha revelado vários profissionais para fora de Prudente, para outros estados. Deixa eu ver o que mais eu poderia dizer... Toda rádio tinha sua equipe de jornalismo, que hoje às vezes se reduz a dois, três profissionais. Era muito grande. Cinco, seis, dez pessoas ou mais. Equipe de jornalismo geral, equipe de jornalismo esportivo... os jornais que eram, assim, mais incipientes, né? O jornal *O Imparcial*, por exemplo, nessa ocasião ele tinha um único caderno por dia, era uma outra forma de impressão chamada "quente no chumbo". A *Folha da Região* e o *Correio da Sorocabana*, *A Voz do Povo* eram jornais semanais.

**Quando começou a trabalhar, como era a realidade em relação à oferta de oportunidades na área?**

Eu penso que tinha bem mais oportunidade do que se tem hoje. Tanto é que eu estava na reta final do Ensino Médio e eu bati na porta buscando emprego e esse emprego surgiu, porque não precisava de um profissional com formação, com registro de jornalista, bastava ter alguma aptidão. Eu tinha uma leitura bem desenvolvida, bem estimulada, tanto no final do Ensino Ginásial, que hoje seria o Ensino Fundamental, tanto como no Ensino Médio e isso ajudou que eu fosse buscar um caminho. E curiosamente, quando eu fiz o Ensino Médio na Escola Monsenhor Sarrion, eu fiz um curso de técnico em redação que era ofertado pelo Ministério da Educação. O que o Ministério está propondo fazer agora com os cursos técnicos e, foi só naquele período que teve e nos exatos dois anos, eu fiz uma habilitação. Tudo o que você aprende de básico hoje na Faculdade de Comunicação, eu tenho lá nos meus cadernos. Começando lá pela produção da mensagem, o meio em que a mensagem é enviada, o receptor, e todo esse histórico eu aprendi no Ensino Médio.

**O que despertou seu interesse na área da comunicação?**

Quando eu fiz esse curso, tinha a possibilidade de fazer dois, eu escolhi porque já estava inclinado para isso. Na verdade, a minha origem se deu no ambiente escolar, lá na Escola Doravante de Menezes, na Vila Marinho. A escola ia fazer um evento comemorativo, eu não lembro exatamente qual a data, e eles queriam para aquele evento comemorativo alguém que fizesse uma locução como se fosse o Repórter Esso. Aí passaram em todas as salas, com todos os alunos fazendo uma leitura do

texto que ia ser apresentado. Não deu outra, o baixinho estava dentro (*risos*). Daí para frente, tudo foi... quando tinha um evento na escola, quem era o orador? E assim fui fazendo. Quem auxiliava o professor nas leituras? Até eu chegar para o rádio e desenvolver mais esse aspecto da leitura. Eu acho que eu lia até melhor do que eu leio hoje.

### **O senhor teve influência de alguém na busca por essa oportunidade?**

Um colega de profissão chamado Sinomar Calmona, tinha morado em Santo Anastácio, iniciado lá no rádio, trabalhado em Venceslau e veio para cá. Como ele já tinha iniciado lá, ele já veio trabalhando aqui e ele foi parar na escola Sarrion, exatamente porque tinha esse curso. Lá, nos conhecemos. E como ele já tinha passado por uma experiência com o José de Melo Brito, logo que chegou, ele fez o encaminhamento e tantas outras pessoas fizeram. Eu não consigo lembrar de todas. “Lá tem o Homéro...”. Inclusive quando eu apresentei o concurso “Mais Bela Voz” do Sarrion, o diretor artístico da *Rádio Piratininga*, o Sinésio Souza, lá estava e conversou comigo. Então, se eu não entrasse pelo Brito, entrava pelo Sinésio que tinha me visto. Mas, eu acabei entrando pelo Brito, com algumas indicações.

### **Foi quando entrou na Rádio Piratininga, em 1977?**

É, minha primeira oportunidade. Eu trabalhava em uma fábrica de balas durante a semana e ao final de semana eu fazia o plantão esportivo. Quando tinha as transmissões esportivas e, eventualmente, no meio de semana à noite quando dava certo, dia que eu conseguia me ajeitar. Com seis meses fazendo isso, a direção da rádio me chamou para que eu fosse repórter geral. Foi tudo muito rápido. Eu já aprendi fazendo redação e fui ganhando os outros espaços, aí fui fazendo de tudo um pouco. No rádio eu fiz desde... E olha que eu nem fui comunicador sertanejo propriamente dito, eu fui auxiliar de comunicador de programa sertanejo. Em tese, eu fiz de programa sertanejo a narração esportiva, e transmissões dos mais diferentes acontecimentos.

### **Naquela época, os profissionais entravam também por conta do interesse na comunicação...**

Por conta do interesse na comunicação. Eu mesmo, depois na sequência do tempo, arrumei empregos para muitos colegas, que se fizeram profissionais e que não tinham a formação básica, nem mesmo a formação técnica. Eram de áreas bem diferentes: administração, geografia, direito.

### **Quando as pessoas não entravam na carreira dessa forma, era exigido um registro pelo Ministério do Trabalho?**

Você tinha um registro em carteira. Logo que eu entrei, se eu entrei em setenta e sete, se não me falhe a memória, setenta e oito, setenta e nove... começaram a solicitar o registro. Eu inclusive entrei com meu pedido no Ministério do Trabalho solicitando o registro de radialista. O Ministério respondeu que eu não era radialista, que eu era jornalista em função das atividades que eu exercia e não me concedeu o de radialista. Eu obtive um título provisionado de jornalista. O provisionado, pelo que eu me lembro, eles não emitiram propriamente o MTB. O meu MTB veio depois da

Facopp. Tanto que ele é vinte e nove mil e alguma coisa. Se ele fosse, não sei se seria dez mil, onze mil, doze, quinze mil.

### **Que tipo de relação o público mantinha com os veículos naquela época?**

O profissional do rádio era meio que um artista, porque o rádio tinha assim uma grande penetração. Tinha programa que eu fazia na área musical que eu recebia uma caixa de papelão de cartas por semana. Era um negócio assim... gigante, trezentas cartas, mais... era um meio, ou o telefone ou a carta ou visita pessoal. Eu recebia um grande número de cartas. Teve um programa que foi até engraçado, dentre os diferentes que eu fiz. Eu fiz um programa que se chamava 'Roberto Carlos: um rei em sua casa'. Esse programa vinha com o Roberto Carlos em fita respondendo perguntas do ouvinte. Eu recebia essas perguntas... eu não, a rádio, porque eu apresentava o programa, a rádio cuidava disso. A rádio enviava essas perguntas para o Estúdio Free no Rio de Janeiro, o Roberto Carlos gravava a resposta nas fitas de rolo, aquilo voltava e o ouvinte tinha a resposta daquilo que ele tinha perguntado. E o ouvinte acha que nós não fazíamos isso em instante nenhum, nós só chamávamos a resposta, mas o ouvinte achava que eu era amigo do Roberto Carlos, que eu conversava com ele todo dia. Eles achavam isso pelas cartas que nós recebíamos (*risos*).

### **De que forma os veículos influenciavam na formação da opinião pública?**

Era uma influência talvez maior do que é hoje, porque hoje você tem a informação pulverizada pelas redes sociais. Você tinha informação mais concentrada para transitar entre as pessoas. E, o rádio cobrava muito responsabilidade, de tal forma que todo trabalho feito sério, aparecem os malucos volta e meia na história, né? Mas todo trabalho feito sério, ele tinha um determinado retorno e normalmente até um grande retorno. Você fazia uma cobrança de um problema público, tinha uma preocupação real de resolver aquele problema. Se você por ventura contasse uma mentira, era capaz de que as pessoas acreditassem. E o rádio, não era só de Prudente assim, não sei se atualmente é assim, porque já faz um tempo que eu não estou na rotina do dia a dia... Mas, se por ventura o rádio desse uma hora e por ventura ele falasse a hora errada era capaz da pessoa ir lá e acertar o relógio dela, porque escutava no rádio e achava que o dela é que tinha problema.

### **Pode-se dizer, então, que os veículos de comunicação eram vistos como meio para confirmar a veracidade da informação?**

E outra coisa, muito problema, problema de bairro, problema do dia a dia. As pessoas às vezes nem iam à prefeitura. Iam direto à rádio, porque sabiam que teriam mais resultados na resposta, na solução do problema, do que se fosse à prefeitura. E tudo isso dava para nós uma... ainda dá hoje, mas eu penso que era um pouco maior essa notoriedade. Exatamente por essa questão que aí está. Hoje alguém coloca um negócio no Facebook, faz um barulho danado e é capaz até da administração pública resolver. E às vezes é capaz de você falar lá no programa do veículo de comunicação e não encontrar essa solução. Embora os veículos que existem em Prudente são veículos fortes.

### **Como se caracterizava a produção jornalística nesse período?**

Todas as emissoras de rádio que existiam, tinham a figura do redator, até um ou mais redatores. E, foi aí que eu aprendi os primeiros passos na redação. Eu pedia para o redator da rádio em que eu trabalhava para que ele me deixasse fazer a redação. Sempre deixava fazer uma parte, um pouco hoje, um pouco mais amanhã. Se precisasse de uma folga... eu era louco para ele tirar uma folga. Não só eu, mas o Luiz Roberto da Cruz, um parceiro meu, para que nós cobríssemos a folga dele e se deixasse nós morávamos dentro da redação da rádio. Depois, foi para o jornal e foi a mesma coisa. Eu fechava o jornal produzindo notícia à meia-noite. Hoje à meia-noite o jornal já está saindo para a rua. E com um detalhe, parte do noticiário era feito assim: você tinha um rádio de longo alcance que você sintonizava, por exemplo, a *Rádio Guaíba* ou *Gaúcha de Porto Alegre*, no Rio Grande do Sul, *Bandeirantes*, em São Paulo – basicamente essas três. O que eles produziam lá de noticiário, você gravava aquilo no chamado gravador de rolo e ele tinha um mecanismo para parar, que você colocava um fio naquele mecanismo, fazia uma argola na ponta do fio na parte que não estava lá no mecanismo e enfiava o pé dentro, que era como se fosse um freio do gravador. Então, o cara falava lá assim, vamos supor que fosse: “O presidente Michel Temer viaja amanhã para a Argentina”, você pegava a frase e brecava lá, segurava e você escrevia. Aí você soltava o pé e voltava: “irá acompanhado do ministro”... copiando frase por frase; o rádio-escuta, com transcrição daquilo que tinha sido escutado, para você noticiar na emissora aqui, fora a produção local. Aí a produção local era trabalho de reportagem.

### **Qual era a regularidade da produção local?**

Isso era diário, grande. Um, dois, três jornais por dia.

### **Além dessa produção, ainda existiam as radionovelas na época?**

Quando eu entrei no rádio já não exibia mais radionovela. A única coisa que eu achei lá de radionovela foi um dos mais famosos radiadores do país que foi seu Vicente Pinheiro, que veio de São Paulo para Prudente e tinha sido personalidade na voz de “Jerônimo”, e que foi diretor da emissora; portanto, meu chefe. E tive convivência com o Joaquim Nascimento e com o Geraldo Soller que chegaram a escrever as radionovelas de Prudente. Fora isso, eu não tive outro contato, a não ser de ouvinte quando criança. Eu me lembro de que quando morava em Tupã, não sentava para ouvir, mas ouvia aquilo que ecoava na rua. “O Direito de Nascer”, se não me engano, de Janete Clair.

### **No jornal impresso, como funcionava a veiculação das notícias regionais e nacionais?**

Os jornais já trabalhavam com agências noticiosas. Já compravam material de agência, pelo menos quando eu cheguei no jornal, porque eu cheguei mais para o final dos anos 1980 para começar anos noventa. Quer dizer, dez anos depois do rádio, oito anos... alguma coisa assim. O jornal já tinha esse recurso fora a reportagem local. Mas, o jornal era uma coisa muito incipiente. O jornal *O Imparcial* era em preto e branco, um único caderno por dia, com variação de oito ou 12 páginas, até a implantação do caderno dois. Depois da implantação do caderno de cidades, eu passei por todas essas discussões, por todos esses processos, inclusive

da transformação em cores. A administração do jornal, na sala do Deodato, que era o diretor administrativo, tem uma série de quadros, inclusive cujos textos são meus, dos períodos de transformação do jornal.

### **Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo na época?**

Era mais uma dificuldade de recursos em equipamentos, do que qualquer outra coisa. Por exemplo, tanto na rádio como no jornal, quando eu fui... no começo do jornal não tinha uma viatura de reportagem. Então, nós andávamos a pé boa parte das coisas. E se fosse um pouco mais longe, ou alguém levava, um companheiro ou você arrumava uma carona e, assim, fazia ou ia a pé. Eu já cheguei a fazer reportagem do centro da cidade e ir ao o parque de obras da prefeitura. Tinha um negócio para resolver, não tinha nada, não tinha outra situação e eu fui. Fui até achando que era perto e aí era muito longe. Depois, lembro que voltei de carona. E, em outras ocasiões você andava, de “busão”. Quando eu deixei a *Rádio Piratininga*, eu recebi lá uma indenização, foi até um carinho que eles fizeram comigo. Eles me deram essa indenização, porque eu estava pedindo as contas, eu estava indo embora. Estava tudo certo, mas eles me retribuíram com o carinho, talvez pela força do trabalho, pela dedicação, e eu comprei uma motocicleta de 75 cilindradas, aí eu voava (*risos*). E outra coisa, você não tinha toda a informática. Era máquina de escrever, datilografia. Eu ganhei de *O Imparcial* uma máquina, que só com aquela máquina eu trabalhei 12 anos no jornal *O Imparcial*, só com aquela. E com um detalhe, a produção... aí eu já estou falando dos anos de 1990, começo dos anos 1990 no *O Imparcial*, nós dois éramos repórteres, eu e o Sinomar Calmona. O Sinomar fazia polícia e fazia geral, eu fazia esporte local, amador e o geral. Não fazia o profissional, porque tinha o Corinthians profissional, mas era o seu Manoel que cobria, seu Manoel de Freitas. E a nossa produção média por dia era de 15 matérias. Hoje um repórter faz o quê? Duas, três matérias. E com computador, com toda a facilidade. O espaço do jornal é centímetro de coluna. Se as pessoas escrevem por centímetro de coluna, nós escrevíamos por metro (*risos*).

### **Como se dava a produção de matérias?**

la pra a rua e voltava para a redação para escrever ali. E outra coisa, se você errasse escrevendo na máquina, você tinha que voltar em cima daquele trecho, colocar um monte de “x”, porque não tinha como apagar e depois passar uma caneta em cima. Aquilo que você produzia ia para a linotipo, que era a impressão. Um negócio muito maluco perto dos dias atuais.

### **Os profissionais trabalhavam com pauta naquela época?**

Não. Nós tínhamos o assunto ou nós tínhamos o lugar, e nós levantávamos as pautas. Então, isso era muito bom porque você tinha uma liberdade de achar. Você tinha que farejar a notícia, essa era a verdade. Mas, você já sabia os setores aonde iria. Na cobertura geral, você ia à administração pública, você ia a uma Diretoria de Ensino, antes era Divisão Regional do Ensino, Divisão Regional Agrícola. Você ia aos locais onde a notícia brotava. Nós noticiávamos muito as atividades sindicais, o que os sindicatos estavam fazendo. Problemas de bairro sempre tiveram. Era uma busca da gente. Você chegava de manhã, acertava lá os negócios que você tinha que ver e ia para a rua, ia atrás.

### **Como funcionava a questão do planejamento?**

Por exemplo, hoje vai ter uma inauguração. Então, você já sabia que ia ter inauguração. Tinha uma reunião do sindicato, você sabia que ia ter. E você se alimentava mais externamente do que internamente, aquilo que você ia pegando, ia marcando em uma agenda sua e aquilo que as pessoas ligavam para informar o que estava acontecendo. E tinha outro detalhe que era curioso: nós recebíamos muita gente que ia ao jornal ser entrevistada. A pessoa ia lá levar notícia e, muitas vezes, chegava até sem avisar.

### **Em relação à equipe de profissionais, como estava organizada?**

Hoje, você tem na televisão um bom número de profissionais. Mas nós tínhamos, por exemplo, equipe de jornalismo...a nossa equipe que era menor, nós tínhamos lá uma meia dúzia de gente em termos de equipe.

### **Isso na rádio?**

Na *Rádio Piratininga*. Por exemplo, a *Rádio Presidente Prudente*, que tinha uma tradição de jornalismo, ela tinha para mais de 10, 15 profissionais nessa área. Nós tínhamos a metade, uma equipe menor, em uma rádio com menos faturamento. Até por ser uma rádio menor, era mais fácil você ter o acesso para o trabalho, embora as outras também abrissem as portas. E as equipes esportivas, você tinha equipes razoáveis. Um ou dois plantonistas; dois ou três repórteres; dois narradores, comentarista, locutor. Você envolvia lá umas 10 pessoas em uma equipe esportiva. O jornal, é o que eu te falei, no começo desses anos que eu estou falando, já nos anos 1990, éramos dois repórteres, eu e o Sinomar. E, a Lêda Márcia fazia alguns produtos mais específicos na área do colunismo, na área do jornalismo voltado exclusivamente para mulher, o “Jornal Mulher”, que ela fez naquele tempo. Aí tinha o redator-chefe, seu Adelmo, o Manoel de Freitas, que fazia esporte profissional, o Barbosa, o Geraldo Soller e era basicamente isso. Repórter de rua mesmo, que todo dia ia para a rua atrás de garimpar notícia, éramos dois. Andando de motocicleta. Eu ia com a minha motocicleta e o Sinomar ia com a dele. Tempo que usavam umas bolsas tira colo, que era até uma maravilha, porque você colocava o seu gravador, suas coisas dentro da bolsa e ia embora.

### **Em média, quantos profissionais trabalhavam por veículo?**

Uma média de 10. As rádios, as quatro rádios e o jornal.

### **Em comparação aos dias de hoje, qual a diferença em relação a esse número?**

Hoje a tecnologia te permite várias possibilidades e nós vemos que vai ocorrendo uma redução. Quer ver um exemplo? Quando eu fui trabalhar pela primeira vez na televisão, nós trabalhávamos assim quando a Bandeirantes chegou aqui: era o motorista, o cinegrafista, o iluminador, o operador de VT, porque a fita não ficava na câmera, ela ficava em um equipamento separado, no *videotape* e era conectado na câmera, de uma forma que o cinegrafista ia andando e iam duas pessoas atrás dele – um iluminando e o outro operador –, e mais o repórter. Então, em uma equipe de televisão, você saía em no mínimo cinco pessoas. Quando nós íamos fazer, por

exemplo, um jogo, uma gravação de um jogo no *videotape*, ali em Tupã nós íamos com duas viaturas lotadas de equipamento e de gente. Uma viatura só não comportava para uma cobertura. Uma só não comportava a equipe nem os equipamentos.

### **O que pode ter contribuído para essa redução do número de profissionais?**

Eu acho que falta investimento em reportagem. As empresas que me perdoem, os colegas profissionais que me perdoem, mas falta investimento em reportagem. Vai a Londrina, por exemplo, pega uma rádio, pega a Folha de Londrina, vê o tamanho da equipe que tem. É certo que é uma cidade que tem o dobro da população de Prudente, tem toda uma perspectiva de faturamento de mercado, tem um faturamento real. Mas eu penso que falta. Eu penso que quem chegar e fizer algo bem caprichado mesmo, bem feito, vai se ampliando, né? Até na minha vida assim, de uma forma geral, todo lugar onde cheguei, eu consegui em algum tempo ampliar a equipe, porque eu acho que se você trabalha e o trabalho traz resultado, vai ampliando. Eu acho que existem pessoas acomodadas com a tecnologia.

### **E com o tempo as pessoas começaram a acumular funções...**

Acumular funções. Se bem que, nós acumulávamos funções, porque você era pauteiro, você era o repórter que ia buscar informação e você era o redator. Embora hoje seja comum que o repórter seja o redator. Lá nos tempos atrás, o repórter ia buscar na rua as informações, mas quem construía era um redator. Ele relatava para o redator o que tinha visto, contava ou trazia uma gravação e o redator fazia. Mas quando eu comecei, nós já redigíamos... foram desaparecendo.

### **Quanto às mulheres, como era a presença feminina nos veículos?**

Era menor. Em Prudente era menor. Mas, com figuras assim... muito expressivas. Você pega uma Lêda Márcia, foi muito expressiva. Você pega a Neide Cordeiro. A Neide não era propriamente jornalista, era uma radialista, com uma voz extremamente bela, difícil achar uma voz igual. A Ivete foi mais antiga, ela trabalhou com radionovela, programas, essas coisas; Clube da Fadinha, se não me engano. Mas, eu não convivi com esse pessoal. Eu convivi e vi trabalhar com muita força, nessa época, a Lêda Márcia, a Neide Cordeiro. A Neusa Matos veio um pouco depois, ela é jovem, veio um pouco depois. Tiveram outras figuras. Mas, de passagem, não tinha assim tanta mulher. Depois, com o tempo, é que foram aparecendo as repórteres, as repórteres virando editoras. Isso foi com o tempo.

### **Quais eram as funções assumidas por elas?**

Por exemplo, a Neide Cordeiro era só locução; a Lêda era reportagem, era locução, era apresentação de programas de variedades e se não me engano, apresentadora de programa de jornalismo e redatora de jornal.

### **Para você, qual a importância da presença da mulher nos veículos, na época?**

Gigante, né? Porque criavam uma relação diferente com o público. Por exemplo, no rádio, aquele monte de voz masculina... a voz da Neide, que era linda, imagino que

para o ouvinte se tornava ainda mais linda e, talvez, até para o ouvinte do sexo masculino, determinado apelo. Embora ela não fizesse voz de locutora de motel. Fazia uma voz para entretenimento, essas coisas assim. Já a Lêda, era uma voz muito firme. E ela sempre foi assim... ela sempre “chegou chegando” no mundo empresarial, quando ela foi dona de lojas de rede de cosméticos, ou trabalhando no rádio ou trabalhando no jornal. Uma figura muito marcante, muito decidida. Absolutamente autêntica.

### **De que forma eram realizadas as coberturas jornalísticas?**

Nós fazíamos por linha telefônica. Não tínhamos viatura, então fazíamos por linha telefônica. Você já tinha o equipamento, chamado maleta. Aí você fixava o fio naquela maleta, pegava aquele telefone que é mais antigo, que é redondo para a orelha e redondo para a boca e aquela haste mais comprida. Você abria a tampa daquilo, a haste daquilo, onde era a vala, chamado bocal e você colocava duas pontas de fio com aquele negócio que é chamado “jacaré”, igual faz ignição em bateria quando o carro morre. Exatamente aquilo, só que pequenininho. Você colocava lá os dois, fazia o som de retorno com o rádio ouvindo, colocava o fone de ouvido no rádio a pilha e ouvia. A rádio anunciava que você ia entrar e você falava de qualquer canto onde tinha uma cobertura via telefone. Embora até hoje as coberturas esportivas sejam via telefone. Nós fazíamos qualquer tipo de cobertura. Na inauguração da Praça Zequinha, no Jardim Aviação, a casa mais perto, ela tinha mais de duzentos metros de distância. Era a casa que tinha telefone, porque poucas pessoas tinham telefone. Nós tivemos que puxar fio a mais de duzentos metros de distância para poder... era uma coisa maluca, porque se alguém passasse e resolvesse cortar aquele fio, acabou a transmissão. Mas ninguém fazia.

### **Nesse caso, vocês dependiam até dos próprios moradores?**

Dependia de favor. Você ligava para a rádio, a rádio ligava de volta para a conta ficar na conta dela. Mas o morador emprestava e emprestava até com satisfação, porque estava emprestando para a rádio. O encanto que hoje tem muito a televisão. Se a televisão chegar a um lugar e pedir um favor, a pessoa oferece a casa dela.

### **Qual era a probabilidade da transmissão cair?**

As esportivas sempre deram problema. Essas de telefone, para nós, não tinha assim... não lembro de alguma ocasião que nós enfrentamos problemas. Mas nós transmitíamos, além do futebol, e normalmente a equipe de externa envolvia o futebol em outras transmissões, porque tinha a habilidade do improviso. Transmitia desfile de 7 setembro, 14 de setembro, transmitia desfile de escola de samba, transmitia baile de carnaval.

### **O carro volante não existia mais nessa época?**

Não. Não tinha. Quem veio a ter um carro, pouco depois, foi a *Rádio Presidente Prudente* que comprou um fusca e escreveu bem na frente assim: “Xereta”. Era um máximo que era uma unidade móvel e nós das outras rádios morríamos de inveja, porque não tínhamos. O “Xereta” aonde chegava, ele parava né?

### **Esse carro dependia da linha telefônica?**

O “Xereta” não. Nós dependíamos da linha telefônica. Ou dependendo do lugar, você ia ao escritório de alguém, alguma coisa, você falava direto pelo telefone, como se fala hoje. Mas, só tinha o telefone fixo, você não tinha o telefone móvel.

### **No período em que iniciou a carreira, como se dava a expansão da produção jornalística na região?**

No final dos anos 1970, 1980, era aquilo, porque você não tinha possibilidades. O que veio um pouco depois foi a busca pelo FM. A *TV Bandeirantes*, que é a primeira da cidade, veio nos anos 1990. Já começou um processo... hoje é muito acelerado. Depois dos anos 1980, por ali, entrando nos anos 1990, o processo começou a acelerar. Quer ver um exemplo? Isso no começo dos anos noventa, o jornal *O Imparcial* comprou, antes de 1995, isso eu tenho certeza, porque em 1995, as redações foram informatizadas... *O Imparcial* comprou um equipamento que permitia que você visse as imagens fotográficas, que até então era descrição via telex que o jornal comprava da *Agência France-Presse*, agência francesa com sede no Rio. Então, o mapa do mundo dos Estados Unidos, as imagens vinham por essa agência, por telefone. Você pegava o telefone, ligava, diante da descrição que você tinha da fotografia, não tinha a imagem da fotografia. Você avisava que queria comprar a fotografia. “Então coloca o telefone no gancho que eu vou emitir o sinal”. Por emissão de sinal, ia formando a imagem da fotografia com um barulho que chegava ser até chatinho, porque era um “pi, pi, pi”. Aquilo demorava meia hora para passar e aquele barulho, então entrava na redação... fora a rádio ligada, a televisão ligada, tudo muito doido e muita gente falando alto, até fumando dentro das redações. Era maluco. Comprou esse equipamento e quando o equipamento chegou, ele não tinha mais utilidade, porque você já tinha o monitor do computador. Eu não sei quanto demorou esse equipamento para a importação. Seis meses, oito ou um ano, alguma coisa assim. Mas do jeito que o equipamento chegou, ele foi para o museu do jornal, só ligou para ver se estava funcionando. Não tinha mais como devolver, já tinha comprado. Só que não usou uma única vez. Então, você vê como que a coisa passou a ser acelerada e, modernizando.

### **Como era trabalhar na função de correspondente regional?**

Para mim, pessoalmente, eu acho assim... que era um máximo e penso que para os outros correspondentes espalhados aí pelo estado, pelo Brasil. Porque eu chegava a um lugar e dizia que trabalhava para o jornal *O Estado de São Paulo*. Era tudo. Sei lá se seria hoje comparado... mesmo hoje, trabalhar no jornal *O Estado de São Paulo* tem um peso danado. Então as portas se abriam. E no jornal, boa parte dos assuntos, eles que pautavam, você já tinha uma pauta rica. Nos tempos mais recentes, que lá eu fiquei 16 anos fazendo a correspondência, aí nos tempos mais recentes já estávamos com esse problema do crime organizado. Então muito do que aconteceu na região, as decisões do Tribunal da Barra Funda... Como o *Estadão*, não sei se mantém até hoje, mantinha um profissional da Justiça que se aposentou só para acompanhar processos e oferecer elementos para fazer pauta. A sua pauta vinha a coisa mais completa do mundo, com detalhes que às vezes nem a autoridade policial aqui tinha e você tinha. Então, você chegava lá com uma

informação daquela, em um tempo de informação não acelerada. Você era o cara, né?!

### **Qual era o papel desse profissional?**

Você ficar atento a tudo em termos de região, o que acontecia de importante, embora eu fosse mais localizado em Prudente. O regional, naquela ocasião, fazia o José Roberto Dantas Oliva, que hoje é Juiz do Trabalho. Ele ficava sediado em Venceslau e na região chamada Paulista, que é de Prudente também; Dracena, aquela região, tinha o José Costa Irapuru. Então, eu era a cidade maior, eu era Prudente, basicamente, embora fizesse algumas coisas regionais. Mas tinha que ficar atento a tudo o que acontecia e contar para o jornal, precisava oferecer. Aí eles dizem o que queriam e o que não queriam: “Isso eu quero com ‘x’ linhas. Você tem até tal horário”, e assim vai. E tudo comunicação por telefone. Não tinha outro meio de se falar.

### **Qual era a importância da função que exercia como correspondente naquele contexto?**

Eu dava uma visibilidade para Prudente. Tal fato que acontecia aqui, que virava notícia para o estado de São Paulo e para o Brasil construía a visibilidade de Prudente. Porque o jornal abria espaço não só para as coisas ruins, digamos assim, só para acontecimento trágico, acidente... abria para isso, mas abria para outras coisas. Por exemplo, eu publiquei no Estadão a inauguração do HU [Hospital Universitário] como um dos maiores hospitais da América Latina. Eu fiz matéria sobre o homem que talvez fosse considerado o mais velho do Brasil e do mundo, chamava-se “Chapéu de Couro”, descendente de escravos, lá de Presidente Epitácio. E vários outros assuntos: resultado de leilão de exposição de animais, cruzamentos genéticos, surgimento de nova raça. Os assuntos mais diversos, até coisas assim... mais amenas do dia a dia da cidade. Eu fiz uma matéria para o Estadão e acho que até hoje o cara anda com um recorte lá na mala dele, na mochila dele, que é o engraxate chamado Braminha, que é um senhor. Normalmente, engraxate era menino e esse já um senhor. Porque ele, pelos menos em tese, foi o primeiro engraxate do Brasil a ter um celular, ele atendia pelo celular. Ele comprou o celular e colocou o número que ele estava atendendo pelo celular. Eu vi aquilo: “Mas um cara engraxando e com celular?”. Acho que mesmo como repórter, eu nem tinha celular ainda e ele tinha. E eu contei para o *Estado*: “Olha, tem um cidadão assim, assim e assim. Ele já é adulto, trabalha como engraxate, atende as casas e ele está trabalhando com celular. Ele atende por celular”. Vai matéria. Ele pegou aquele jornal, recortou, plastificou e andava com aquilo para cima e para baixo. Até hoje, quando ele me vê, é como se nós tivéssemos revivendo o ontem, porque ele lembra. Para ele eu sou o cara da matéria que colocou ele no Estado para ser conhecido no Brasil.

### **Como funcionava o trabalho do correspondente? Você mesmo se pautava?**

Eu oferecia sugestões. Não oferecia pauta, sugestões. Se eles aceitassem, você... e não precisava necessariamente redigir uma pauta, você trabalhava do mesmo jeito do rádio, com a pauta na cabeça. E boa parte das pautas vinha pronta ou então só

um telefone. “Tem tal assunto assim. Nós queremos tantas linhas desse assunto e até tal horário”.

### **Qual era o período estabelecido para o envio da matéria?**

Tinha o deadline. Havia um tempo em que se ganhava na loteria esportiva e ficava milionário, e os jornais, a imprensa de uma forma em geral, noticiava o novo milionário, estaria no Jornal Nacional. Qualquer um dava que tinha um novo milionário no Brasil. Aí, um cara ganhou na loteria e não se sabia exatamente de onde era esse cara. A única referência que tinha era que o cara trabalhava como servente de pedreiro na reforma da penitenciária do Carandiru, em São Paulo, e que possivelmente, ele seria da região de Prudente. Aí entrou no circuito o *Estadão* e entrou *O Globo*, através da correspondente de Bauru, que fazia todo o interior do estado. O *Estado* me ligou e falou: “Homéro, a impressão que se tem é que o ganhador é da sua região. Você fica atento se alguém falar alguma coisa”. O resultado saiu à noite e eles começaram a me abastecer daquilo na manhã do dia seguinte. Vai de cá e vai de lá, e cruzando informações, não sei como eles conseguiram me arrumar uma informação que possivelmente o cara seria de Santo Anastácio. Já tinha essa referência que ele estava trabalhando como servente de pedreiro e tinha lá, presumivelmente, o nome do cara. Chamava-se José, mas não sabia do quê. O que eu fiz? Eu fui para Santo Anastácio. E onde eu fui bater? Na prefeitura. Imagina que uma prefeitura de uma cidade tem cadastro das pessoas, conhece todo mundo. Aí eu contei a história que eu estava procurando. Não foi nem a fonte oficial da prefeitura, foi alguém que estava lá esperando atendimento, qualquer coisa e falou assim: “Pelo jeito que você está falando aí, esse moço trabalhando em São Paulo, assim e assim... Eu acho que é o filho de fulano de tal que mora lá não sei onde”. Eu fui lá e bati na casa. A mulher me atendeu. Ela falou assim: “Não. Eu não tenho filho em São Paulo, mas ele era meu genro. Até ontem minha filha namorava com ele. Ela mandou uma carta desistindo dele”. Eu perguntei onde estava a filha e ela disse que estava trabalhando na roça, estava apanhando algodão, alguma coisa assim. Ela desistiu do ricaço, na época que ele ganhou, diz que ele bebia. Eu falei assim para ela: “Mas ele se corresponde com ela?”. “Eles andaram se correspondendo, mas a última carta que ela mandou foi ontem terminando com ele”. Ainda falou isso. Eu falei assim: “A senhora por acaso tem alguma fotografia dele?”. A filha só tinha uma fotografia dele. Eu perguntei se ela me deixava olhar para ver. Mas, eu não podia falar que ele ganhou na loteria. Eu só não lembro o que eu disse para ela, porque eu queria conversar com ele. Ela me arrumou a fotografia e eu disse para ela que trabalhava para o jornal *Estado* e disse que trabalhava para *O Imparcial*, que ela possivelmente conhecia por ser um jornal mais próximo. Aí ela me deu a fotografia, na seguinte condição: que eu assinaria um papel dizendo que eu devolveria a fotografia. Ela pegou lá um caderninho, em uma folha de caderno escreveu meu nome, RG, endereço e que eu iria devolver a fotografia para ela. Ela me emprestou, mas mandou ir à casa do moço e procurar os pais. Eu nem podia chegar lá e dizer que ele ganhou na loteria, porque eu não tinha certeza, estava em um cruzamento de informação. E eu não tinha um telefone celular para toda hora estar falando. Tinha que ir a um canto, pegar um telefone fixo e conversar com São Paulo e assim alimentando. Cheguei lá e eu estava com um carro que pertencia ao jornal *O Imparcial* na ocasião. Porque quando eu cobria o *Estado*, eu acabava fazendo a matéria... tanto é que o jornal *O Imparcial* deu também e sabia o que eu fazia. Como eu tinha uns deslocamentos naquele dia, eu

estava com a viatura. Era um veículo que chama Fiat Panorama, compridinho assim e ele era marrom, parecia um carro de funerária, não sei por quê. Aí eu parei na frente da casa dessa mulher, lembro até hoje a cena... tinha uma carroça sem o cavalo, desarmada, tinha um monte de vassoura, porque o homem lá mexia com fabricação de vassoura e ele tinha saído, o pai, para atender um telefone em uma casa que tinha, um pouco melhor, de tijolos, um pouco mais para cima, que era o filho que estava ligando, acho que para comunicar o fato. Estava a mãe e uma filha. Aí eu comecei a conversar, dizendo que eu precisava localizar ele por causa de uma informação de uma notícia que eu precisava dar. Mas, não podia falar que ele estava milionário. Vai que ele não estava e você matava a mãe ou a irmã do coração achando que tinha um filho milionário? Rapaz, essa moça olhou assim para mim, me encarou de cima em baixo e falou assim: "Isso é notícia do mal!". Falou desse jeito, que eu estava levando notícia lá e que tinha acontecido alguma desgraça com o irmão dela, por isso que eu estava lá. E eu para acalmar essa mãe, para essa mãe não passar mal, a moça querendo me agredir e eu preocupado com a mãe. A mãe começou a transpirar. Eu sei que eu a sentei no sofá e minha conversa era com ela. Se a outra me desse uns tapas lá, eu ia levar uns tapas. Aí checamos. Era mesmo o cara e noticiamos. Ele nunca deu entrevista para ninguém, pelo menos que eu saiba. Aí como eu trabalhei em parceria acho que com era Eliana, que chamava a do *Globo*, nós fomos trocando informação por telefone, aí mandei a fotografia para ela, mandei as informações. Tanto que foi o *Estado* e *O Globo* que deram quem era o milionário. Uma coisa muito maluca. Imagina se eu fosse para Anastácio e o cara fosse de Pirapozinho. Quanto tempo eu não tinha perdido em Anastácio? Uma manhã, metade de uma manhã. Então, essas dificuldades nos tornaram muito ágeis.

### **Então, o profissional arriscava para conseguir a informação?**

Arriscava. Seguia o faro e acertava. Acertava, entendeu? Você tinha que ter esse *feeling*, porque você não vivia no ar condicionado da redação, você não via no Facebook buscando informação, no WhatsApp. Você tinha que ir para campo e lá no campo você tinha que ir enfiando a cara e arrumando um jeito.

### **Seu trabalho de correspondente era feito aqui mesmo? Havia necessidade de realizar viagens?**

O trabalho era daqui. O que mais fazíamos e fazemos até hoje, nem sei em que número está, é o "Encontro dos Jornalistas do Interior", que eram todos, por exemplo, Bauru, Araçatuba, Marília, Prudente, Santos, Sorocaba. No final do ano passado, nós fizemos em Sorocaba. Nós fazemos por nossa conta. Nós encontramos os amigos. E, por coincidência nós fizemos em Sorocaba, aquela turma mais antiga, quem está no *Estado* é só o José Maria Tomazella que é de Sorocaba. Baita de um jornalista. Tem uma variação assim. Tem gente até que está em outra profissão, por exemplo, o Doutor José Roberto Dantas, hoje ele é juiz, ele foi. E é familiar, vai com família, vai tudo e nós nos reunimos. Ou no litoral... geralmente passamos um final de semana, não dá nem três dias. Só para não perder o contato. E agora nós temos o grupo de WhatsApp a partir do final do ano passado. Só tinha o e-mail, agora nós falamos todo dia por WhatsApp e nós trocamos umas informações. E é engraçado que se hoje eu fosse pautar só pelo WhatsApp é uma maravilha. Só voltando a informação de início, que de repente tem alguma relevância. Hoje, inclusive, no mundo do estudo científico, se dá muita

importância para aquilo que você faz em termos de comunidade, porque tudo que você produz, você faz pensando na vida das pessoas, especialmente nessa área, o que me ajudou também quando eu fazia essas locuções na escola. Eu também tive um período como um dos fundadores e como diretoria da bateria da escola de samba da zona leste, eu já estive no rádio para conceder algumas entrevistas em nome da escola de samba. Então, foi pouco, mas foi essencial como ajuda para desinibir, para conhecer o rádio, antes mesmo que eu começasse a trabalhar. Aí, quando eu comecei a trabalhar, que eu fui para o jornalismo geral e eu acabei me envolvendo muito nisso, ficou. Mas eu mantenho as minhas relações lá na zona leste boas. Inclusive, nesse carnaval, eu fui em um dos ensaios lá. Aí mandaram a bateria parar, fizeram uma saudação e a bateria tocou em homenagem ao “baixinho” (*se refere a ele mesmo*) e os olhos se encheram de lágrimas. Embora na correria e você passa um tempo sem trombar, mas eu mantenho as minhas amizades, eu vou visitar. Eu mantenho a minha origem e isso é bom, porque me ajuda muito. É uma gente que eu torço por eles, oro por eles e eles também por mim, torcem por mim. É muito gostoso isso. Isso é aquela coisa que não tem dinheiro que pague.

### **Na época, qual era o perfil exigido para se tornar correspondente?**

Eu penso que para ser convidado, você tinha que ter uma boa redação. E, pouco tempo depois que eu cheguei no *Estado*, simplesmente, era editor do interior o Eduardo Martins. Ele é editor do Manual da Folha. Então, esse era o meu editor. Você imagina a responsabilidade que eu tinha para escrever. Porque na verdade, historicamente o que eu me lembro, quem trabalhou para o Estadão, eu acho que foi o Montezuma Cruz; depois foi o Adelmo Vanalli, que veio de Venceslau para gerenciar a Rádio Prudente e foi chefe de jornalismo, depois entrou na sociedade do Imparcial. Aí, saiu o Adelmo e entrou o Valderi dos Santos. Quando o Valderi saiu, entrou o José Roberto Oliva. Como ele morava em Venceslau e tinha outras atividades profissionais no rádio e no jornal lá, e já estava ingressando no campo da advocacia, então ele me fez o convite para que eu fizesse Prudente. Foi ele que me fez o convite. Falou com a chefia, que era o Ademar, em São Paulo, que até hoje está aí no meio da gente, ele trabalha para o Sindicato das Escolas Particulares, faz parte do nosso grupo. Ele me autorizou, me credenciou para começar a escrever e eu comecei. Deu tudo certo, não teve nenhum... as coisas iam acontecendo.

### **De que forma era feita a contratação desses profissionais?**

Eles faziam como *freelancer*, pagava por matéria produzida. Mas pagavam muito bem. Se eu fizesse meia dúzia de matérias para o jornal *Estado* no mês, para a *Agência Estado* no mês, eu ganhava mais do que eu ganhava de salário para trabalhar todos os dias no *O Imparcial*. Tinha isso ainda, remuneração muito boa. Eles pagavam pelo Banco Nacional, debitavam na sua conta lá dia “x” e você passava no banco para receber ou você tinha o talão de cheque para você usar o cheque, porque o dinheiro estava na conta.

### **Quais os requisitos para ser contratado?**

O requisito era que você tivesse boa apuração, na visão deles, e uma boa redação. Porque, às vezes, alguém tem uma boa redação, mas não tem apuração. Apuração

é essencial. Então, o que eles exigiam muito era apuração. Você ter elementos, ter informação, ter sólido aquilo ali para não deixar nenhuma brecha.

### **Como funcionava o processo para conseguir o registro de jornalista?**

Eu acho que ele era assim... um pouco lento. Mas, você tinha que juntar o que você publicou, de preferência com assinatura, com o seu nome; se não tivesse, com a declaração de alguém atestando que você realmente fez aquilo, mas de preferência um material assinado, fotografia ou texto, e pedir em função daquilo que você produzia, mais uma carta da sua emissora, mais uma carta da Delegacia Regional de Sindicatos.

### **Demorava para chegar esse registro?**

Eles levavam tempo para avaliar e eu acho que demorava para mais de seis meses, se não me falhe a memória. Mas, quando a fiscalização vinha e fosse por ventura da Delegacia do Ministério do Trabalho, a função da rádio era de mostrar o protocolo de que foi feito o pedido. Até aquele provisionado chegar, você tinha um protocolo que estava te amparando, porque você já tinha buscado. Porque a lei, naquela ocasião, era muito recente.

### **Quais eram os desafios para exercer a função de correspondente?**

Era aquele mesmo corre da falta de estrutura. Por exemplo, se eu produzisse uma fotografia em filme, eu tinha que pegar aquele tubinho do filme, colocar dentro do envelope, identificar, ir ao terminal rodoviário, despachar aquilo em um ônibus. Entregar na mão do motorista para ele pôr em cima do painel do ônibus, para ele levar aquilo para São Paulo. Pegava o número do ônibus, o nome do motorista, que horário ele estava saindo daqui e qual o horário dele chegar lá para ir alguém ao terminal de lá e retirar esse material. Tudo isso é muito louco, né? E a forma, você fazia o texto na máquina de escrever, eles sempre pediram por número de linhas. Então, não adiantava fazer a mão, porque não ia bater o número de linhas. Você ligava, uma cabine te atendia, você ditava e o cara escrevia lá. E se tivesse assim, uma grafia diferente de alguma coisa, você soletrava. Vamos supor “Homéro” e o cara lá tinha uma dificuldade para entender, você tinha que: “H, de homem, hora...”; soletrava, simplesmente. Um por um, até formar o nome. Aí ele confirmava. A mesma coisa que nós fazíamos aqui pelo interior, fazia qualquer um do Brasil e fazia qualquer um do exterior. No mundo e aqui era a mesma coisa, nós caíamos no mesmo lugar. Ah, uma coisa que foi muito importante e que foi uma lição que eu levo para a minha vida até hoje: se você trabalha em um setor e tem um outro determinado setor naquela mesma área da sua empresa, mas vocês estão em espaços físicos diferentes, você conversar determinados assuntos com quem você tem que conversar determinado assim... no jornal não tinha conversas em que um monte de gente falava com um monte de gente. Qualquer editor que precisasse de uma matéria, ele comunicava a gestão central da agência, esse pessoal pegava, o pessoal que pegava sabia o que nós estávamos fazendo, se nós tínhamos condições de cumprir aquilo naquele dia, se não tinha... porque só essas pessoas falavam conosco. Eventualmente, você conversava com o editor depois da matéria feita para trocar alguma ideia, mas muito eventualmente; não tinha esse negócio. Era tudo tão bem encaminhadinho, cada macaco no seu galho, que dava tudo certo.

Não tinha trombada, não tinha confusão. Depois, anos mais tarde, quando eu fui trabalhar para a televisão, mandava matéria para São Paulo, cansaram de me abordar de madrugada perguntando se a matéria tinha ido. Os primeiros você nem lembrava para quem era, aí nós começamos a registrar. Eu já tinha meu papelzinho: “Foi tal hora, quem recebeu foi o Carlinhos, para tal setor”. Aí os caras tinham um jornal para fazer logo no nascer do dia, de madrugada e nós trabalhávamos o dia todo. Então, de madrugada você estava dormindo, mas volta e meia era acordado para dizer onde estava esse material e há mais tempo, lá atrás, tinha uma estrutura maior do que essa maluquice que eu vi anos depois.

### **Como era a demanda por notícias regionais?**

O que eles precisavam lá era o que acontecesse aqui. Se você tivesse um assunto todo dia e que fosse possível para eles, você mandava o assunto. Inclusive, uma boa parte desse tempo, o jornal tinha uma ou duas páginas só para cidades do interior.

### **De que forma era estabelecida a questão da assinatura na matéria?**

Tudo assinado. Algumas coisas, uma nota menor, não cabiam assinatura. Mas sempre em uma coisinha que fosse maior, você tinha assinatura. Uma informação menor não. Quando colocava “Especial para o Jornal Estado”, isso não ia para a agência, era exclusivo do jornal *Estado*.

### **O senhor escrevia para o jornal e para a Agência Estado?**

Eu trabalhava, na verdade, para a *Agência Estado* e, eventualmente, fazia alguma coisa exclusiva para o *Estado*, como fiz para o *Jornal da Tarde*.

### **Quando se tratava de uma matéria em lugares mais distantes da região, como as despesas eram custeadas?**

Quilômetro rodado. Você colocava seu carro e eles pagavam “x” por quilômetro rodado. Por exemplo, eu fui fazer... não sei se foi em Londrina uma vez que eles me colocaram... tudo na confiança, porque não tinha como conferir. Só que sabe mais ou menos a distância de uma cidade na outra. E também não tinha dia para trabalho. Eu tive casos assim, de ter amigos em casa que eu convidei para um churrasco e antes que eles chegassem, eu já estava na rua. Vou contar um caso específico: duas crianças morreram afogadas em uma piscina pública, em Prudente, no Centro Social Urbano do Jardim Regina. Nós demos a notícia. Mas aí quem entrou no plantão do sábado para domingo quis uma repercussão da notícia. Ligou domingo cedinho, atendi ao telefone. Já estava lá preparando as coisas para reunir os amigos, dois amigos, por sinal o Zé Costa de Irapuru e outro amigo que morava aqui que era o Leopoldo. Quando eu cheguei em casa, eles já tinham almoçado, já tinham feito tudo e eu fui almoçar depois, porque eu estava na rua correndo atrás disso, localizando casa de família, falando, em pleno domingo de manhã.

### **Quais notícias regionais ganhavam espaço nacionalmente?**

Notícias de tragédia. Mas, notícias também de assuntos geral.

### **Questão de agropecuária também?**

Tinha um bocadinho e tinha o caderno agropecuário, então eventualmente fazia. Uma vez eu fui a Santo Anastácio fazer uma matéria para mostrar o abate do boi, o que ele estava variando, porque era resultado de um processo genético, o que aquilo daria de carne. “Projeto Montana apresenta resultados no país”. Era um projeto... isso é cruzamento genético. Isso aqui tinha algum interesse. O trem que em uma determinada ocasião, acho que em 1995, ele voltou a fazer o transporte de passageiros, quando estava desativado há um bom tempo.

### **Que tipo de olhar o jornalista devia ter para identificar o que valia ou não matéria para um grande veículo?**

Por exemplo, eu vi lá o engraxate, que é um exemplo bem típico, com um celular, em um tempo que pouquíssimas pessoas tinham celular, é um negócio diferente. Você tinha que ter o olhar aberto para essas diferenças, ouvidos abertos para as histórias e a vontade de trabalhar, porque se você não corresse muito, você não sabia das coisas. Se ficasse fechado, você não ia saber das coisas. Mas também, porque eu trabalhava na redação do principal jornal local, naturalmente isso também me abastecia de informações. Tinha coisa que vinha para o jornal e que, entre aspas, eu vendia para o *Estado* e tinha coisa que o *Estado* me pautava que eu tinha liberdade de usar no jornal, até porque o jornal também era assinante da *Agência Estado*. Mas às vezes eu produzia duas matérias distintas. Para o *Imparcial* era uma matéria, para o jornal *Estado* era outra matéria.

### **Nenhum dos jornais discordava desse trabalho simultâneo?**

Não. Nunca tive problema. O Adelmo que era meu chefe de redação, ele já tinha sido correspondente do *Estado*, já sabia como era. O fato de eu trabalhar para eles e trabalhar para o *Estado* era um prestígio para eles, porque, vamos dizer assim, era um prestígio trabalhar para o Estado. Eu imagino que não seria pouco. Era alguém que era escolhido por algumas razões, pela qualidade de texto, pela qualidade de apuração. Então, era um prestígio. Como eu respondia a todas as tarefas que eu tinha com o *Imparcial*, eu não tinha nenhum problema quando eu tinha que me ocupar um determinado tempo para fazer o *Estado*. E o *Estado* também não tinha nenhum problema, porque meu emprego fixo, com registro em carteira, era no *Imparcial*. Para eles, eu sempre fui um *freelancer*. Eu, na verdade, parei de fazer *Agência Estado*, acho que a última matéria que eu fiz foi o acidente dos ônibus da Andorinha. Mas eu fui para a *Bandeirantes* e lá me consumiu muito para um realinhamento do jornalismo e eu fui parando. Aí o Sandro Villar começou a fazer, não sei se faz até hoje, mas mudou também a estrutura, foi outro caminho.

### **O senhor se lembra de outros colegas da região que trabalharam como correspondente?**

Tem o Zé Costa Irapuru, que foi correspondente do *Estadão* também. Tem o Zé Oliva, que é o juiz, que foi correspondente e está em... ele voltou a morar em Venceslau em função da doença do pai. Tem o Valderi, que está por aí ainda, só não sei onde encontrar. Montezuma vive pelo mundo, coisa mais difícil é achar ele. Ele é de Teodoro Sampaio, na verdade. É uma “figuraça”. Tem o Adelmo, mas ele é

muito difícil de falar e ele anda adoentado. Ele nunca gostou de falar, ele sempre foi muito na dele. Tem o Sandro Vilar, que é mais recente, que ele ficou fazendo o *Estadão*. Esses são os que eu me lembro. Acho que o Sinomar fez eventualmente algum serviço de correspondência. Sinomar chegou a entrar no Jornal Nacional ao vivo. Mas eu não lembro se ele ficou um tempo fazendo essa correspondência para a *Globo*, não consigo me lembrar como era. É muita coisa.

**Para o senhor, quais as contribuições deixadas por esses profissionais para a imprensa regional?**

Nós na verdade já cogitamos algumas vezes de produzir um livro, cada um contando uma história. Não é nenhuma invenção nova isso, porque o Audálio Dantas, que foi inclusive presidente dos Sindicatos dos Jornalistas do Estado de São Paulo, que tem alguns livros produzidos, ele produziu pela *Editora Senac*, em noventa e oito, o livro “Repórteres”. São depoimentos de vários repórteres contando determinadas estruturas, principalmente com informações relacionadas aos bastidores. Nós já cogitamos isso também, para relacionar isso com a tecnologia, como que era aquele tempo, como é o tempo atual. Eu penso assim, que a contribuição foi o fato de você se relacionar com a mídia de prestígio e você se preparar para manter a relação com essa mídia de prestígio de tal forma, produzindo algo de qualidade. E, naturalmente, eu acho que isso de alguma forma você multiplica para as pessoas que você convive no fazer jornalismo. Eu até tenho uma tristeza nos tempos atuais que eu vejo questões assim... que se faz um texto tão “formatadinho” que não imprime a personalidade do jornalista no texto. Eu penso até que é um crime isso, porque é uma questão de direito autoral, tanto é que existe o direito autoral. Eu acho que a sua personalidade no texto, ela precisa ser preservada na construção. Quando o editor pega, ele vai corrigir um erro às vezes de grafia, pode até corrigir um erro de informação, mas não alterar o seu texto, querendo fazer do seu texto um outro texto. E nós encontramos malucos por aí fazendo essas coisas. Eu até não tenho problema propriamente com isso, porque eu acho que eu tenho... e o texto não mudou tanto, porque contar uma história é sempre contar uma história e cada pessoa tem... se não os textos eram todos iguais, mas tem gente que parece que quer produzir texto igual. Ou então produzir texto que aquilo parece assim que faz ele muito solto que parece que o ser solto é moderno. O solto vai depender. Você tem assunto para ser solto. Se eu for fazer uma matéria de cultura, sobre um evento musical, sobre um compositor, eu acho, por exemplo, que eu vou fazer um negócio solto. Mas se eu for fazer uma matéria sobre um acontecimento político, um fato econômico, eu penso que eu vou me prender a questão daquele. Se eu for fazer um perfil de uma pessoa, eu acho que é outro, entendeu? Mas é capaz, às vezes talvez, de isso parar na mão de um editor, o que não acontecia conosco anteriormente, do editor querer transformar aquele texto dentro do que as escolas ensinam. Aí vira uma visão só acadêmica e que tira a personalidade do texto. E não é diferente em qualquer lugar. Se você puxar na internet uma entrevista da Marília Gabriela com o Carlos Nascimento, tem um trecho na entrevista que o Carlos Nascimento fala dessa questão da personalidade do texto e que o repórter precisa ter personalidade no texto, porque é ele que está fazendo aquilo e você sabe o que você extraiu da pessoa que você conversou. Então, determinada palavra que aparece lá, que de repente alguém até pode entender que não caberia, mas é justamente aquela palavra a função do que aquela pessoa falou, porque as palavras também se encaixam em determinados lugares, como uma letra bonita de música, uma letra

bem construída, elas foram escolhidas para estar exatamente naquela frase. Deu tão certo que aquilo fez sucesso. É como no texto, você não pode ignorar a humanização, tanto do entrevistado como da figura do repórter, porque isso vai aparecer no texto. Então, não é esse texto absolutamente neutro dentro de um formato só que você vai fazer. Acho que é um texto mais aberto. Isso dava uma bela de uma tese para ser estudada. Você conversa com muita gente, nos mais diferentes veículos. Às vezes, uma palavra que muda, aquilo já perde o sentido, porque quando você está trabalhando no dia a dia, você conversa com uma pessoa e você vai criando fontes, relacionamentos e a pessoa confia tanto em você, tem gente que às vezes fala assim: “Você já sabe o que escrever do que eu vou falar”. Porque, às vezes, a pessoa te fala e ela tem uma fala, mas uma fala que tem um sentido, que você alcança o sentido. Eu já trabalhei com texto da área científica altamente complicado. Mas, o que deve prender mesmo é essa questão daquilo que a pessoa disse e o sentimento que você apurou daquilo. Não é só texto frio. Se não, você vira um texto de declaração, põe aspas, fecha aspas. Não é você que fala, é a pessoa que fala.

### **Para você, o que pode ter contribuído para o desaparecimento da figura do correspondente?**

Eu penso que hoje seja assim... como todo meio que vai parar na internet, então quem, de alguma forma, acompanha essas áreas, acaba puxando dentro da própria redação. Mas eu acho que os jornais vão cedendo muito, os impressos, para a própria internet, porque às vezes você tem mais coisa na rede social do que nos veículos convencionais. Então, é econômico? É econômico. Questão de estrutura, de recursos, não é de jeito nenhum, porque você com o celular pode fazer o trabalho inteirinho lá direto do campo. Fotografia, tudo, dependendo da qualidade do celular, saí fotografias melhores que de algumas câmeras fotográficas, dependendo da câmera fotográfica. Você tem todos esses recursos. E é difícil falar, porque nós estamos vivendo uma crise econômica. Mas, desde que eu me vejo por criança fala-se em crise econômica. Estamos vivendo uma mais acentuada em função dos problemas, mas até pouco tempo essa crise não estava tão acentuada assim.

### **Há quanto tempo conhece Altino Correia? Quando e como o conheceu?**

Eu conheço o Altino desde que eu comecei no rádio. Agora o tempo que ele me conhece eu não sei, porque eu já o conhecia. Mas, imagino que ele não me conhecia. Nosso conhecimento se deu não propriamente trabalhando na mesma empresa. Quando ele foi para a *Bandeirantes*, ele me levou para lá. Mas eu conheci o Altino, digamos assim, no campo de batalha, na luta do dia a dia como colega de trabalho.

### **Como foi a ida para a TV Bandeirantes?**

Foi maluco o negócio. Aí eu já tinha feito um período da *Folha* para ele, então nós já tínhamos uma relação estreita. Isso quando ele foi viajar para a Europa e eu fiquei no lugar dele fazendo como se fosse ele. Quando a *Bandeirantes* veio e montou o jornalismo, quem montou a equipe de jornalismo foi o Altino, jornalismo geral e do esportivo. Eu tinha saído com a minha mãe para ir a Osvaldo Cruz, onde eu tenho a minha irmã mais velha, e eu estava lá na casa da minha irmã. Não sei como

descobriram o telefone de lá e ligaram. Não tinha celular ainda, né? Eu não lembro quem ligou, se foi o Sinomar, quem ligou para mim, não foi nem o próprio Altino... ou foi? Acho que foi o próprio Altino. Ele tinha marcado um jogo para eu fazer a transmissão por videotape, gravação, aqui em Prudente. Mas, ele tinha avisado todo mundo, menos o narrador que era eu. Porque ele me escolheu como narrador? Porque eu narrava anteriormente para o rádio. Eu nunca tinha feito televisão e ele me escolheu, simplesmente me escolheu. Acho que sabia que eu topava todo desafio. Até hoje topo. Ele me escolheu, ligou... eu não lembro se nós antecipamos o almoço, se eu nem fiquei para almoçar, eu vim embora para Prudente. Embora estivesse perto aqui, oitenta e poucos quilômetros, mas mesmo assim a hora que ele ligou já era umas nove, dez horas da manhã, eu tinha um jogo aqui a tarde. Tinha que apressar para chegar aqui até para eu tomar pé de todas as informações para poder fazer. Eu fiquei um bom tempo fazendo futebol para a *Bandeirantes*. O Altino me ajudou duas vezes, grandemente. Ajudou dando a oportunidade para que eu escrevesse para a *Folha* em nome dele e ajudou me levando para a televisão.

### **Como é a sua relação com ele?**

É a melhor possível, porque eu admiro o trabalho que o Altino faz. Inclusive, passado todos esses anos, o Altino comprova aquela teoria de que o jornalista é como vinho, quanto mais velho, melhor, né? Porque eu acho a escrita dele do blog muito atual, uma produção boa. Ele fotografa aquilo que ele faz, ele usa a nova tecnologia, ele mesmo posta, ele mesmo faz tudo. Até há um tempo, acho que o neto o ajudava nessa questão das postagens. Hoje eu tenho a impressão que é tudo ele, pelo que eu sinto na conversa com ele. Ele não fez só *Folha de São Paulo*, ele fez, se não me engano, *O Globo*, fez *Jornal do Brasil*. Ele foi um cara de Prudente para o país e, possivelmente, para o mundo, em algumas ocasiões. Então, é um cara diferenciado e que mantém ao longo dos anos uma vitalidade que é impressionante, porque ele consome, por exemplo, muita cultura. Às vezes, eu me vejo lá no Centro Matarazzo, por conta do meu parentesco com o secretário Fábio Nogueira, de quem eu sou compadre duas vezes. Então, às vezes, tem um evento, eu vou prestigiar e eu vejo o Altino com a dona Cida lá. Onde mais eu encontro o Altino é no Centro Cultural Matarazzo. Quer dizer, um cara que consome a cultura e os eventos de uma forma geral. E eu acompanho o “Memórias de um Repórter do Interior”. Então, você vê os assuntos que tem e ele separa, ele escolhe os assuntos. Ele põe mais de uma foto, ele faz uma história, ele constrói ali um *lead*, um *sublead*. Tem toda uma estrutura que acompanha um texto bem escrito. Um texto bem pontuado. Gramaticalmente, também bem construído. Ele mantém uma cabeça boa e a voz boa também, né? Porque volta e meia, ele fala em algum evento. Com o tempo parece que nossa voz vai ficando miúda, nós vamos perdendo aquela força que o pulmão confere. Mas o Altino tem uma voz assim... absolutamente conservada. Como é que você não vai admirar um cara desse, respeitar, amar e querer beber da sabedoria, estar perto do cara? Aliás, vocês fizeram uma escolha espetacular. Eu penso que não poderiam ter feito escolha melhor, embora existam aí outros profissionais de grande nível. Mas, a história do Altino é muito linda.

### **No período em que estive na TV Bandeirantes, como era trabalhar com ele?**

Aí que é engraçado. Ele me levou para a televisão e pelo menos em tese, eu não trabalhava com ele, porque ele fazia o jornalismo geral e eu fazia o esportivo. E eu

continuava trabalhando no *Imparcial*, de tal forma que a minha vida, uma boa parte, foi assim: eu saía de uma viatura de reportagem e entrava em outra. Era uma correria maluca. Então, mesmo trabalhando com o Altino na *Bandeirantes*, é possível que nós tenhamos passado um mês sem um olhar para a cara do outro, porque ele estava fazendo lá a correria dele, por esse interior todo de estado e eu correndo por outro lado, tanto para o *Imparcial* como para a televisão. Minha corrida era maior para a televisão nos finais de semana, porque é quando tinham as competições esportivas que nós cobríamos.

### **De que forma o trabalho de Altino era conhecido na região?**

Que eu me lembro, era com a correspondência da *Folha* naquela ocasião e ele mantinha uma empresa, acho que chamava *Nova Imagem Propaganda*. Eu lembro que ficava no mesmo prédio do *Imparcial*. Mas quando eu fui para o *Imparcial*, se eu não me engano, ele já não estava no mesmo prédio. Era ele e o Sérgio Antônio, e o Sinomar era funcionário deles. Aí na primeira administração do Paulo Constantino, quem apareceu assim...para os olhos gerais como assessor de imprensa era o Sinomar. Mas, na verdade, quem fazia a assessoria de imprensa era a empresa do Altino e do Rubens Shirassu também. Um baita de um jornalista. Três bons jornalistas. O Rubens está aí, o Altino está aí e o Antônio faleceu, né. Eu tive mais proximidade com o Rubens, embora também não tenha trabalhado junto.

**TADASHI KURIKI**

Radialista aposentado

Data da entrevista: 22/03/2017

Meio: presencial

**O senhor trabalhou bastante tempo no rádio. Qual era a realidade desse veículo em 1950?**

O rádio naquela época era muito dinâmico, porque praticamente era o único meio de comunicação. Não existia televisão, principalmente no interior, e o jornalismo impresso também era muito incipiente. Era o jornalismo de dois dias por semana, quando o máximo né. Então, o rádio, realmente, dominava a comunicação na época.

**Como era o jornalismo impresso?**

*O jornal, por exemplo, tipo O Imparcial. Nós tínhamos o Correio da Sorocabana. O Correio da Sorocabana na época era semanal e o jornal O Imparcial era bissemanal.*

**Qual a diferença entre o jornalismo daquela época para o de hoje?**

Eles tinham muita dificuldade, porque hoje a eletrônica trouxe uma vantagem muito grande na comunicação. E, antigamente, era tudo feito principalmente através do rádio-escuta. A gente tinha que ouvir, gravar, para depois reproduzir.

**Fora o rádio, quais jornais existiam na cidade, na época?**

Na época, nós tínhamos aqui, como emissora de rádio a PRI-5, que era a *Rádio Difusora* e depois foi fundada a *Rádio Presidente Prudente*. Posteriormente é que veio a *Rádio Comercial* e como última, a *Rádio Piratininga de Presidente Prudente*.

**Quais eram os jornais da época?**

No jornal, nós tínhamos na época *A Voz do Povo*, que era semanário; nós tínhamos o *Correio da Sorocabana*, que também era semanário e tínhamos *O Imparcial*, que era editado duas vezes por semana.

**O senhor trabalhou na extinta Rádio Difusora, a PRI-5. O que o senhor se lembra em relação à emissora?**

Eu me lembro ainda de várias pessoas que, na época, trabalharam nessa emissora né. E, infelizmente, a vida é assim... Muita gente já se foi daquela época, né. Mas, alguns permanecem, alguns permanecem. Mas, a PRI-5, era chamada PRI-5 – *Rádio Difusora*, foi a pioneira e foi muito importante no desenvolvimento de Presidente Prudente e depois então do advento da *Rádio Presidente Prudente* e com o estabelecimento da concorrência, aí então Presidente Prudente ganhou “furos” de uma cidade grande na comunicação.

**Como era a participação do público nos meios de comunicação?**

O público acompanhava muito, tinha muito interesse em acompanhar, porque ouvia principalmente através das emissoras de rádio a comunicação das notícias, tanto de São Paulo, como do Rio de Janeiro, Brasília e até do exterior né. Normalmente, o pessoal era muito atuante. Até para se ouvir, o ouvinte era assíduo nas emissoras de rádio de Presidente Prudente. Eles gostavam muito. O ouvinte gostava muito, respeitava muito as emissoras de rádio, porque as emissoras também respeitavam muito o ouvinte né. Então era uma questão recíproca.

### **Com quais equipamentos que vocês trabalhavam no rádio?**

Aquele era o sistema muito antigo. Aqueles gravadores enormes, pesados, que a gente carregava. Hoje não. Hoje, o gravador pesa 100 g né. Antigamente, pesava 20 quilos. E era obrigado a carregar. O telefone também era muito precário. Era difícil de se completar uma ligação telefônica, principalmente a telefônica interurbana. Noventa por cento dependia do rádio-escuta e dez por cento dependia do telégrafo. O telégrafo também era colaborador das emissoras de rádio, principalmente.

### **Quais eram as dificuldades encontradas?**

As dificuldades eram enormes, porque eram poucos os funcionários e, naturalmente, tinha que se dedicar a várias atividades dentro de uma emissora de rádio, então realmente era uma época muito difícil.

### **Em médias, quantos profissionais compunham o quadro dos veículos?**

Talvez, aí de 15 a 20, mais ou menos, nas emissoras maiores aqui de Presidente Prudente. Entre o rádio-escuta, entre o locutor, entre o apresentador, entre todos né.

### **Por que esse número era o suficiente?**

É porque naquela época o rádio também estava começando a se desenvolver e os pagamentos eram pagamentos pequenos, as dificuldades eram enormes. Olha... quem gostava de jornalismo vivia como diletantismo, ele gostava da profissão e ele até pouco se importava, principalmente, com os salários.

### **Vocês produziam notícias da região ou só retransmitiam aquelas que vinham da rádio-escuta?**

Não, não. Normalmente, as emissoras daqui percorriam através dos seus repórteres as cidades em que aconteciam ou que tinham algum acontecimento importante.

### **Existia uma equipe direcionada para buscar as notícias locais?**

Exatamente. E havia competição muito grande né. Depois que veio a *Rádio Presidente Prudente*, a competição foi estabelecida entre a *Rádio Difusora* e a *Rádio Presidente Prudente*. O que trouxe muito progresso, porque o progresso realmente nos proporciona a chance de crescer.

### **Quais tipos de notícias eram veiculados nessa época?**

Todas. Todas as notícias. Nós tínhamos aqui um futebol ao vivo, porque nós tínhamos dois grandes times de futebol: o Corinthians local e a Prudentina, que participavam inclusive dos campeonatos maiores do estado de São Paulo. Então, esse trabalho era ao vivo através dos repórteres, através dos locutores, dos narradores, dos comentaristas e depois nós tínhamos então através desse, nós tínhamos também o rádio ao vivo, que percorria as cidades da região captando notícias.

### **Como eram feitas as transmissões ao vivo?**

Normalmente, via rádio, via telefone. Telefone ou gravador. E ao vivo também.

### **Essa transmissão corria o risco de cair? Como funcionava?**

Tinha demais. As linhas eram o grande problema das emissoras, porque hoje não. Hoje a comunicação está muito adiantada. Mas, antigamente a linha telefônica era o grande problema, principalmente das emissoras de rádio. Principalmente, quando as ligações eram feitas através de outros municípios e, às vezes, iam a distâncias longes, por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília. Então, a dificuldade era muito grande, principalmente, para se conseguir as linhas telefônicas e um bom atendimento.

### **O que tornava um fato importante para ser noticiado na época?**

Digamos o seguinte: se ocorresse na época um fato mais ou menos semelhante a carne de hoje, por exemplo, que a notícia hoje é vinculada a isso, antigamente era a mesma coisa. O que interessava era a notícia, era o interesse público pela notícia.

### **Como se caracterizada a equipe de profissionais dos veículos?**

Presidente Prudente sempre teve, principalmente, através do radiojornalismo pessoas de alta competência. Nós tivemos e temos até hoje pessoas que ainda vivem em função do rádio de 30, 40 anos atrás, como é o caso do Altino Correia; do Adelmo, que hoje é do jornal *O Imparcial*; o Homéro, que foi colega meu e hoje é colega de vocês da faculdade. E, naturalmente, então essas pessoas ainda... muitos continuam até hoje no rádio.

### **Quais funções eram desempenhadas pelos profissionais no rádio?**

Tinha o repórter, tinha o apresentador, tinha o locutor, o comentarista. Antigamente nós tínhamos até novela em rádio. Hoje, não. Hoje a novela é quase que exclusivamente de televisão. Mas, antigamente nós tínhamos no rádio. Um dos grandes produtores de novela em rádio em Presidente Prudente faleceu recentemente, que era o Geraldo Soller. Um dos grandes apresentadores de radionovela era o Joseval Peixoto, que hoje está na Jovem Pan e está no SBT, em São Paulo. Ele foi, praticamente, cria de Presidente Prudente. E antigamente tinha até auditório, programas de auditório, programas de música ao vivo. Então, o que hoje já não existe mais né. O auditório hoje não existe mais.

### **Quais as figuras do rádio que se destacaram nesse período?**

Presidente Prudente teve grandes locutores, grandes profissionais. Joseval Peixoto foi um deles. Joseval Peixoto saiu daqui de Presidente Prudente, foi embora para São Paulo, se transformou em um dos maiores locutores esportivos do Brasil e ele foi, inclusive, o responsável pela transmissão de oito campeonatos mundiais do Brasil. Então, nós tivemos aí, além do Joseval, Flávio Araújo, que se aposentou na Rádio Bandeirantes. Ele saiu de Presidente Prudente e foi embora para a Bandeirantes e viveu, exclusivamente, na Bandeirantes. Ele trabalhou em Presidente Prudente e trabalhou na Bandeirantes. Foram as duas emissoras nas quais o Flávio Araújo trabalhou naquela época. E além disso, nós tivemos outros grandes locutores aí.

### **De que forma os profissionais levantavam assuntos para veiculação?**

Tinha que ir para a rua, tinha que ir, por exemplo... a Delegacia de Polícia era um foco de informações. Todos os acontecimentos, praticamente, eram filtrados pela Delegacia de Polícia. Então, era um foco de boas informações. E, além disso, tinha a Associação Comercial, tinham as outras entidades, Rotary, Lions, que eram as fontes de informação de notícia. Prefeituras, Câmara de Vereadores... Presidente Prudente era um foco de grandes informações, porque, até hoje, é o centro regional. Então para cá vinham, na época, todos os grandes políticos para fazer os grandes acontecimentos, candidatos a deputado federal, deputado estadual, governador e até Presidente da República. Então, aqui é que eles faziam o epicentro para atender a região. Daí a importância da cidade de Presidente Prudente.

### **Nesse período, predominavam as notícias políticas?**

Não sei... Bom, eu sempre gostei de política, porque quando eu trabalhava em rádio, eu comecei a apresentar os comícios dos candidatos, tanto é que eu tive a oportunidade de apresentar candidatos do tipo Jânio Quadros, Juscelino Kubistchek, Auro Moura Andrade, Carvalho Pinto e, enfim, eu gostava disso aí porque eu fazia da minha locução... e foi o que me levou também para a política depois.

### **O que tornava o jornalista um bom profissional?**

Essencialmente, a seriedade. Seriedade é tudo. O jornalismo tinha que ser muito sério para ser bem ouvido e para ser bem acompanhado pelo público. Ele tinha que ter credibilidade, credibilidade era o essencial.

### **Na época, não existia a faculdade de Comunicação. Como funcionava o processo de contratação de um profissional? Era exigido algum registro?**

É. Não era obrigado fazer. Não tinha na época, não se exigia a universidade. Não exigiam o diploma para o jornalismo. Eu nunca tirei o registro não. Nunca cheguei a tirar, porque quando o jornalismo estava chegando, as universidades estavam chegando com o jornalismo, eu estava saindo, praticamente.

### **De que forma os profissionais eram contratados?**

Você começava a frequentar [a rádio] e as pessoas iam vendo se você tinha dom, se você tinha desenvolvimento para falar, se você tinha cultura. Isso tudo eram fatores importantes para julgar.

**O senhor teve alguém que o incentivou a continuar nessa área?**

Eu tive grandes professores, principalmente no rádio. O Rubens Shirassu, o Joseval Peixoto, o Geraldo Soller foram grandes mestres para mim no rádio.

**Quais tipos de notícia ganhavam espaço nacionalmente?**

Toda notícia é importante. O que depende muito é do interesse do público. Normalmente, é como hoje: política e polícia. São os dois fatores que sempre... até hoje dominam.

**Quais eram os principais desafios enfrentados durante uma cobertura?**

O veículo para a viagem; as linhas telefônicas; os gravadores, que eram gravadores que não atendiam e quando atendiam, atendiam muito mal; eram principalmente os grandes problemas da época.

**Para realizar a cobertura jornalística, quais profissionais eram necessários?**

Normalmente, era o apresentador e, quando muito, um técnico de som para acompanhar o gravador. Quando muito, duas pessoas.

**Em sua visão, quais os rumos tomados pelo jornalismo regional?**

Eu acho que se Presidente Prudente cresceu. Presidente Prudente se deve muito à comunicação. O jornal *O Imparcial* foi muito importante, as emissoras de Presidente Prudente foram muito importantes e são muito importante até hoje, porque o importante é a comunicação levar o fato, porque o fato só se torna grande quando ele é comunicado, né. Daí então a importância do jornalismo, tanto o jornal impresso como *O Imparcial*, como o rádio, televisão. São veículos de alta importância, sem sombra de dúvida.

**O senhor chegou a ser correspondente de algum veículo nacional?**

Não, não. Um dos grandes da época aí foi o Altino Correia. Ele sempre foi correspondente de grandes emissoras e de grandes jornais.

**Qual era a importância desse profissional na imprensa?**

Eu acho que ele era o fornecedor de notícias importantes para outros meios né. Por exemplo, a *Folha de S. Paulo* entrava em contato com o correspondente para saber do acontecimento importante para repercutir lá. As emissoras com as quais ele também fazia a intercomunicação queriam saber qual a notícia importante que aconteceu aí, que está repercutindo. Daí o correspondente, realmente, era uma pessoa muito importante.

### **Quando e como o senhor conheceu o jornalista Altino Correia?**

Presidente Prudente recebeu na época grandes profissionais oriundos de Presidente Venceslau, porque em Presidente Venceslau já existia uma emissora de rádio. E, depois foi fundada em Presidente Prudente a segunda emissora de Prudente como filial da emissora de Presidente Venceslau. E Venceslau já tinha um pugilo de grandes profissionais e mandou esses profissionais para Presidente Prudente para desenvolver a *Rádio Presidente Prudente*. Então, para cá, veio Rubens Shirassu, veio Adelmo Vanalli, logo depois veio Altino Correia. Então, Presidente Prudente teve grandes locutores, grandes jornalistas oriundos de Presidente Venceslau. Eles tiveram uma atuação muito importante no desenvolvimento de Presidente Prudente.

### **Como era trabalhar com o Altino, em especial?**

Nós trabalhamos juntos na *Rádio Presidente Prudente* bastante tempo. Ele era um belíssimo locutor, como o Rubens Shirassu também era. O Rubens era... era não. Até hoje é uma das melhores vozes que passou por Presidente Prudente, foi o Rubens Shirassu.

### **Como era sua relação com o jornalista Altino Correia?**

Eu era apresentador e o Altino era o grande repórter. Ele que corria atrás da notícia. Ele corria atrás da grande notícia, ele implantava a grande notícia e eu levaria esta grande notícia para o rádio através das locuções né. Ele trazia, entregava e eu e o Joseval levávamos para o ar.

### **Qual a contribuição deixada por ele como correspondente regional?**

Ele sempre foi um profissional de alta competência. Ele foi muito competente. Tanto é que foi correspondente das melhores emissoras de São Paulo, de Brasília e também do rádio e o impresso. Ele foi da *Folha de S. Paulo* a muito tempo, do jornal *O Estado de S. Paulo* há muito tempo.

### **Na região, como o trabalho dele era conhecido?**

Desde aquela época... ele é atuante até hoje, viu?! Até hoje ele é muito atuante. Se tiver uma notícia que ele souber, ele corre atrás até hoje dessa notícia.

### **Como o senhor vê a figura do Altino como profissional?**

De alta competência. Eu gostaria que Presidente Prudente criasse novos "Altinos" aqui, viu?! E novos "Adelmos" aqui.

### **O que caracterizava o perfil profissional dele?**

Dinamismo. Ele gostava da notícia. Ele não tinha preguiça de correr atrás da notícia, seja durante o dia, seja à noite. Esse foi o grande destaque do Altino.

### **Para o senhor, qual a maior qualidade de Altino?**

Sobretudo, muito respeito aos colegas. Ele nunca maltratou, nunca destratou quem quer que fosse. Ele sempre foi muito competente e muito respeitador da atividade que ele exercia, até hoje.

**Em poucas palavras, quem é o jornalista Altino Correia?**

Um dos maiores jornalistas que passou por Presidente Prudente. Eu gostaria que Presidente Prudente tivesse não apenas mais um, tivesse inúmeros jornalistas da competência do Altino, para que Presidente Prudente pudesse ainda se desenvolver muito mais do que desenvolveu.

## **NEUSA MATOS**

Repórter da Rádio Presidente Prudente AM

Data da entrevista: 22/03/2017

Meio: presencial

### **Como era o cenário da imprensa regional quando começou a trabalhar?**

O cenário da imprensa regional quando eu comecei a trabalhar, nós tínhamos em Presidente Prudente emissoras de rádio AM, FM e também jornais, além da TV, que hoje é a *TV Fronteira*, era *TV Pontal* e a *Band*, a *Band* era TV local. Além do jornal *O Imparcial* né, tivemos ao longo do tempo, depois, o *Oeste Notícias*.

### **Onde a senhora começou a trabalhar?**

Eu comecei a trabalhar no rádio em Adamantina, *Rádio Joia de Adamantina*. Eu apresentava um programa das 11h ao meio-dia, chamado “Bom Dia Repórter”, eu e Valcir Gomes, e fazia reportagem de rua. E, isso foi, acho que em 1988, 1989. Depois vim para Presidente Prudente, trabalhei na *Rádio Prudente* um ano e meio, fui para a *Rádio Comercial* e fiquei dois anos. O Altino Correia, o meu grande amigo Altino Correia, ele era repórter da *TV Bandeirantes* e ele quebrou o braço. Ele falou: “Companheira, companheira! Eu preciso de alguém para me cobrir lá”. Eu falei: “Mas Altino Correia... Eu nunca fiz TV, Altino”. “Não. Mas, você vai. Eu te dou as dicas. Você aprende”. Eu fui fazer TV, graças ao Altino Correia. Aí eu fazia meio período *Comercial* e meio período a *TV Band* né, fui fazer *TV Band*. Depois não deu mais certo, não tive mais tempo. Voltei a só fazer a *Rádio Comercial*, depois vim para a *Rádio Prudente AM* para apresentar um programa e estou até hoje aqui, com o microfone aberto.

### **Como era a presença feminina nos veículos de comunicação?**

Sempre tivemos poucas mulheres no rádio, mas mais mulheres em jornais e TV.

### **Por que isso acontecia?**

Eu acho que as meninas se interessavam mais por TV, por conta do *glamour*, entendeu? Mas, no rádio, sempre pouquíssimas mulheres. Quando eu comecei no rádio em Prudente, nós tivemos aqui uma locutora famosa. Mas ela não era repórter, ela gravava comerciais, a Neide Cordeiro. Uma voz linda. A voz mais linda que eu ouvi no rádio em Prudente. Mas, mulheres nós tivemos poucas né. A rádio que eu trabalho sempre tinha uma repórter, depois eu entrei e fiquei. Mas as mulheres... porque, na realidade, ser repórter de rua é pedreira, trabalha muito né, tem que amar muito, tem que gostar muito da profissão né. Então, as meninas não se interessavam muito não.

### **Quais funções eram exercidas pelas mulheres nos veículos?**

Repórter e locutora né, apresentadora. De repórter mais. Tanto em rádio quanto jornal né. E algumas locutoras de rádio né. Nós temos até hoje a Regina Célia né, que faz a *Rádio 98 FM* né, também há muitos anos; a Ivone Botti, também na *98 FM*.

**Por que a senhora acredita que elas ocupavam esses cargos?**

As mulheres ocupavam os cargos que haviam, que há até hoje né. Locutora, repórter; em jornal, redatora ou repórter também de jornal; TV né. Mas, mulheres em cargos de chefia assim... eu não me lembro no passado.

**Por que a senhora acredita que era pequena a presença feminina?**

Eu acredito que a questão da presença feminina, as meninas talvez não tenham se interessado muito; outras achavam que era mais *glamour*, entravam e saiam. Havia uma certa discriminação velada. Eu acho que são esses fatores.

**Quais eram os veículos regionais em que havia a participação feminina, mesmo que mínima?**

Rádio sempre teve. Uma repórter, uma locutora, uma voz feminina. Jornal, mais mulheres. TV, mais mulheres. Sempre teve.

**No começo, como foi trabalhar em uma área em que a figura masculina predominava?**

Como eu sempre amei e amo o que faço, eu sempre me desdobrei. Então, quando você se desdobra, principalmente repórter, você arruma boas matérias, bons furos de reportagem. Foi ótimo. Não tenho do que reclamar.

**Por que as mulheres entravam para a comunicação?**

Eu acho que quem entrou, entrava porque gostava, sabe? Mas aí, algumas entravam, viam que não era aquele *glamour*, era muito trabalho né e as meninas saiam. Não se identificavam né.

**Por que a senhora se interessou pela área da comunicação?**

Desde criança, eu sempre gostei de conversar muito. E, quando criança, quando eu tinha cerca de cinco ou seis anos, eu morava na zona rural em Osvaldo Cruz. Não havia energia elétrica, não tinha televisão, nada. E eu ouvia muito o rádio. Cinco horas da manhã, quando o galo cantava, eu ligava o rádio para ouvir o Zé Bettio, um locutor famoso de rádio. Ele dizia: “Agora, eu vou beijar o rostinho das meninas do Brasil”. Eu encostava o rosto no radinho de pilha né, para sentir o beijo do Zé Bettio pelas ondas do rádio. “Agora, eu vou assoprar o cabelinho das meninas do Brasil”. E eu encostava a cabecinha né, no rádio. Olha só que bacana... (*risos de emoção*) Que coisa legal, né! E, enfim, eu acho que eu nasci para fazer rádio, eu nasci para ser repórter, eu nasci para ser jornalista. Eu acho que, antes de eu escolher a profissão, a profissão me escolheu.

**Além desse radialista, a senhora teve outras influências?**

Não. Não tive. Nenhuma. Ah, outra coisa também... Quando mocinha, lá em Osvaldo Cruz, eu mandava sempre cartinha para o locutor, eu gostava, sabe? O locutor falava assim... aliás, já faleceu também. O locutor falava assim: “Agora, (Jota

Miguel), vamos atender aqui a carta da Neusinha Matos lá do sítio do bairro Água Dez, do bairro Canguçu, da chácara Nossa Senhora de Fátima. Está pedindo a música tal”. E tocava a música. Ai, que delícia! Era uma delícia!

### **Quais foram os furos de reportagem mais marcantes?**

Olha... vários furos de reportagem, sabe? Os furos aqui na *Rádio Prudente AM*, porque eu trabalho aqui há muitos anos né. Olha, eu fiz cobertura da primeira invasão ou ocupação de terras na fazenda São Bento, em Teodoro Sampaio. Eu fiz um furo de reportagem por telefone com o professor Bernardo Mançano, quando as Torres Gêmeas foram destruídas, em Manhattan. Outros furos... (*pausa para pensar*) Eu liguei para a casa da Deolinda Alves, mulher do Zé Rainha, uma vez, para saber se tinha notícia. Ela estava sendo presa e eu a coloquei no ar, foi um furo de reportagem. Foram vários. Vários, vários outros.

### **Havia algum tipo de preconceito em relação à atuação da mulher na comunicação?**

Com relação à atuação da mulher na comunicação, eu acho que havia preconceito sim, mas um preconceito velado né. Preconceito velado. Porque o ambiente era um ambiente de maioria de homens, um ambiente machista né. Mas as mulheres que quiseram, se destacaram né.

### **A senhora já chegou a sofrer com isso?**

Ah... Eu ficava chateada, sabe? Mas, daqueles colegas que eu sabia que tinha discriminação velada, nenhum prosperou. Eles foram, sabe...

### **Quais eram as dificuldades enfrentadas no mercado naquela época?**

As dificuldades eram assim... por exemplo, não tinha internet, não tinha celular né, a gente fazia reportagem com um radinho e uma HT, que era um equipamento que a gente apertava e falava direto na rádio. Gravava, trazia para o operador editar e passar para a fita de rolo né, que era fita de rolo na época. Então, nós tínhamos muitas dificuldades. Mas, era o momento né, cada momento da história são os avanços tecnológicos que hoje tem e nós não tínhamos né. Mas, a gente era feliz também. Eu fui muito feliz e sou feliz até hoje.

### **Quem eram as revelações femininas daquela época?**

Não tinha revelação feminina naquela época não, viu?! Não tinha. Tivemos a Neide Cordeiro, a voz mais bonita do rádio. Mas, não tínhamos revelações femininas não.

### **E masculina?**

Masculina sim, né. O Joseval Peixoto né. Depois, com o tempo tivemos repórter que fez carreira na *Globo*, o Eli Frank. O “Gu” né, Luis Augusto, esse sempre foi na coordenação né da *TV Globo* né. Hoje, acho que ele está em Rondônia. E com o passar dos tempos foram aparecendo algumas pessoas que se destacaram né. Nós temos um grande nome da comunicação que é a Cintia Aquino, que eu adoro, que é

minha colega de jornalismo, de faculdade. O Homéro Ferreira né. O Homéro Ferreira também. Grande profissional, ético. Adoro o Homéro Ferreira, amo.

### **Havia veiculação de produtos direcionados ao público feminino?**

Num passado remoto, tivemos radionovela. Mas, depois de radionovela, não. Nada específico.

### **Como era a relação entre os profissionais e o público em geral?**

A relação entre os profissionais e o público sempre foi ótima, né. O locutor de rádio antes era tido como artista, sabe? As pessoas pediam autógrafa, queriam tirar foto, sabe? (*risos*) Muito legal!

### **Em que período notou-se o aumento de mulheres no campo jornalístico?**

Eu acho que tudo muda né, tudo vai mudando. E, com o passar do tempo, eu acho que a cabeça das pessoas foram mudando né e as mulheres passaram a assumir cada vez mais né. Hoje tem mulheres *câmera-man* né. Enfim, foi mudando né. Mudou muito.

### **E aqui na região, quando que começou essa mudança?**

Essa mudança começou... eu não vou precisar exatamente a época né, mas a faculdade de Jornalismo ajudou muito viu?! Muito, muito. Quantas meninas apareceram né. A faculdade de Jornalismo ajudou muito. Muito mesmo.

### **De que forma você acredita que a mulher buscou conquistar seu espaço?**

A mulher conquistou seu espaço com muito trabalho, muita pedreira, sabe? Muito trabalho. Então, o ouvinte, ele sente uma identidade né. No meu caso, eu tenho uma identidade muito grande com o ouvinte.

### **Por que a senhora diz muita “pedreira”?**

Muita pedreira, porque é assim, sabe... a dificuldade mesmo de equipamentos, dificuldades para trabalhar mesmo, sabe? Porque no rádio, veja bem, no rádio você tem que fazer tudo e você faz tudo. Isso é ótimo. Você aprende a ser pauteira, redatora, repórter, entrevistadora, operadora. Então, você aprende a fazer tudo né.

### **O que você acredita que contribuiu para elas alcançarem esse espaço?**

Olha, eu acho assim... Eu acho que para alcançar esse espaço maior cada uma foi à luta né e foi mostrando... Olha, você vê, nós temos locutoras no rádio há muito tempo, a Regina Célia, a Ivone Botti na *98 FM*, eu estou aqui há muitos anos. Eu estou no rádio há quase 30 anos né. Então, a gente agarrou essa profissão né, por amor (*sorri*).

### **Qual o diferencial da atuação da mulher em relação ao homem?**

Eu acho importante o veículo de comunicação ter mulheres. Por quê? Porque tem um olhar feminino. Quer dizer, a mulher tem a sensibilidade que o homem não tem. Faz uma diferença muito grande. É importante você ter a presença masculina e a presença feminina. Quem ganha com isso é o veículo e, principalmente, o ouvinte ou o leitor, o telespectador.

### **Qual a sensação do público ao ouvir a voz da mulher no rádio?**

É interessante porque, como o homem sempre predominou no rádio, então quando ouvia a voz da mulher era uma voz diferente, sabe? Se destacava, chamava atenção, entendeu?

### **Você acha que ele aceitava essa voz?**

O ouvinte sempre aceitou a voz feminina. O ouvinte sempre aceitou a voz feminina, sabe? Adorou. O ouvinte sempre gostou. Muito pelo contrário, nossa... o ouvinte nunca teve preconceito, muito pelo contrário. O ouvinte sempre gostou da mulher no rádio, na TV, no jornal. O olhar feminino na imprensa faz a diferença. A mulher se sensibiliza né. Não como você não se envolver com o fato, sabe? Não tem. Você acaba se envolvendo né. Você procura manter uma certa distância do fato, mas você tem o olhar feminino né, você tem a sensibilidade feminina né. Então, você acaba, sabe? Se envolvendo e, em muitos casos, até para ajudar as pessoas e a gente acaba ajudando muito. Isso é bacana, é gratificante.

### **Há quanto tempo você conhece o jornalista Altino Correia?**

Altino Correia? Eu conheço o Altino Correia há muitos anos, desde quando eu cheguei em Presidente Prudente há quase trinta anos. Ah, ele é um amado né, ele tem uma garra né, ele é fantástico, sabe? Tem uma energia. Ah, o Altino é fantástico, um coração de ouro, não?

### **Quando foi que você chegou em Prudente?**

Bom, eu cheguei em Presidente Prudente no início de 1990, na década de 1990 e eu já conhecia o Altino Correia, já trabalhava, já era repórter né. O Altino Correia trabalhou em rádio, começou no rádio há muitos anos né.

### **Como a senhora conheceu esse profissional?**

Eu conheci ele fazendo entrevistas. A gente se encontrou fazendo entrevistas no dia a dia né, na rua. Trabalhando junto. Ele é muito ético né, sempre foi muito educado, muito ético, muito parceiro, sabe? Altino Correia sempre foi muito parceiro. Eu acho que é um dos maiores profissionais que o rádio prudentino teve e tem até hoje né.

### **Como é a sua relação com ele?**

Com o Altino Correia? Ah, é ótima! A gente não tem tempo para se encontrar, mas outro dia encontrei o Altino no supermercado (*risos*). Foi uma delícia, sabe? E até hoje ele me manda sugestões de pauta. É, o Altino Correia manda, da Unesp, sabe? Ele manda sugestão de pauta. De vez em quando, manda alguma coisa. Ele é

magnífico né, ele é um profissional completo né. O Altino acabou se tornando um grande amigo, além de profissional de trabalho né, colega de trabalho.

**De que forma o trabalho dele é conhecido na região?**

Ah, o Altino... Ele é top, né. Uma pessoa muito respeitada. Quando se fala Altino Correia né, você está falando da imprensa prudentina, da imprensa regional né.

**Na época em que começou na comunicação, como ele era conhecido?**

O Altino... sempre como um grande profissional e respeitadíssimo, né. Ele trabalhou muitos anos como repórter da *TV Bandeirantes*. Nossa... fez o maior sucesso, o maior sucesso!

**O que mais te marcou no período de convivência com ele na TV Bandeirante?**

Ah, sabe... a amizade pura, sincera, verdadeira. O Altino tem um coração de ouro né, sem maldade, sem malícia né, sabe? Foi muito bom. Um grande profissional. Quando eu trabalhei com ele na *Bandeirantes*, eu não sabia fazer TV né. Eu fiz lá né *TV Bandeirantes*, quando ele machucou o braço né, que ele me chamou lá, porque não podia aparecer no vídeo. Ele me ensinou tudo, sabe? Como se posicionar diante da câmera, sabe? Como perguntar, porque é diferente do rádio né. Nossa, foi muito legal. Foi muito legal! (*ênfatisa*) Eu guardo boas recordações.

**Tem alguma história ou experiência importante em que a senhora contou com a presença dele?**

Olha, são várias. Mas, eu me lembro uma vez que o Altino Correia falou assim para mim... Nós estávamos em um período de seca em Prudente né, há muito tempo. Aí eles me pediram para fazer uma reportagem. Aí eu saí para fazer a reportagem, eu, o motorista, o cinegrafista e nós fomos fazer a reportagem. Nós andamos, andamos, andamos, até que achamos assim... em uma estrada, na zona rural, a plantação sabe, sofrendo com a seca e fizemos uma bela reportagem falando sobre a seca. Quando nós chegamos na redação, mas caiu um toró, mas choveu tanto. Eu falei assim: “Meu deus. E agora, como é que...”. Eu falei: “Seu Altino, perdemos a reportagem... Fizemos reportagem sobre a seca e agora choveu”. “Que nada companheira! Faz uma passagem: o antes e o depois” (*risos*). Aí, fui para um cantinho, fiz uma passagem né, falando que Presidente Prudente há quanto tempo que não chovia né, falei o período... “E olha, nós vamos mostrar para você como que a agricultura sofreu com esse período da seca”. E, depois, filmamos a chuva caindo. Pronto! Aproveitamos a entrevista do mesmo jeito. Eu nunca esqueço.

**Qual a importância e a contribuição que o Altino teve na imprensa regional?**

O Altino Correia teve uma importância muito grande, uma contribuição muito grande. Eu acho assim, que todos os profissionais aprenderam com ele, sabe? Todo mundo cresceu com o Altino Correia né. Eu acho que em todos os veículos, as pessoas aprenderam com o Altino Correia sim. Com seu estilo de trabalho, de simplicidade, de humildade e muito ético né, eu acho que ele contribuiu muito para os

profissionais né. Prudente sempre teve profissionais muito éticos né. Então, eu acho que isso foi muito legal, foi muito bacana.

**Se você tivesse que falar uma característica positiva e negativa dele, quais seriam?**

Se eu tivesse que falar uma característica positiva e negativa... Negativa eu não tenho nenhuma. Vou ser sincera, eu não posso mentir né. Agora, positiva? O Altino Correia? Todas. Grande profissional, grande voz, ético, lutador, sabe? Generoso. Olha, eu acho que todos os adjetivos, todos os adjetivos para o Altino Correia, são positivos.

**Para finalizar, quem é Altino Correia?**

Quem é o Altino Correia? Ah, sim. Para mim, quem é o Altino Correia? Um grande homem, um grande profissional, um grande ser humano. Uma pessoa que só, ao longo da vida, conquistou boas amizades, respeito enquanto pessoa, enquanto profissional. Uma pessoa muito querida e muito amada.

**LAERTE SILVA DO NASCIMENTO**

Radialista e investigador de polícia aposentado

Data da entrevista: 23/03/2017

Meio: Presencial

**Como e quando o senhor começou na carreira no jornalismo?**

Eu comecei na carreira de jornalismo há, praticamente, cinquenta e cinco anos atrás, não me lembro bem o ano. Lembro que fazem, aproximadamente, uns cinquenta e cinco anos. Comecei a carreira com 17 anos, não era nem registrado na época e hoje eu tenho 69, todo esse tempo foi na carreira jornalística, sempre apresentando matérias policiais, cobrindo os fatos policiais que aconteciam e acontecem em Presidente Prudente e também nas cidades da nossa região. Portanto, praticamente, cinquenta e cinco anos de rádio, de imprensa geral, de rádio, de televisão, de jornal escrito, enfim, levando a informação para as pessoas.

**Como era o cenário da comunicação na época?**

No início, foi muito difícil. Depois houve, naturalmente, um desenvolvimento da tecnologia muito grande. A gente para passar a notícia para o ouvinte, ou para passar a notícia para o telespectador, ou a notícia através do jornal escrito, era tudo uma dificuldade né. A gente não tinha a tecnologia que tem hoje. No rádio, por exemplo, quantas vezes a gente trabalhava com carro da gente mesmo, a emissora nem tinha um veículo a disposição, para que a gente pudesse fazer as reportagens. Gravadores, aqueles grandes, grandão, que segurava com as duas mãos. Ele tinha um teclado que parecia um teclado de piano, você tinha que apertar aquelas duas teclas grandes, colocava na frente... Quando tinha uma entrevista com vários repórteres, quase que cobria o rosto da pessoa que estava sendo entrevistada, porque eram aqueles gravadores grandes, tinha que ser colocada bem embaixo. Era uma dificuldade tremenda, era uma dificuldade. Mas, a gente fazia aquilo que podia, não é mesmo?! Aí depois veio o telefone celular, depois veio outros recursos que facilitaram a comunicação, mas no início era difícil. O rádio fazia rádio-escuta, punha o aparelho no ouvido, ficava ouvindo aquelas rádios de São Paulo. Não tinha o computador, era máquina, você pegava máquina Hamilton, que usava na época, batia a notícia. Tinha uma pessoa só pra fazer isso, batia a notícia, cortava o papelzinho, corria lá no estúdio, entregava para o locutor. O locutor pegava aquela notícia, que a rádio de São Paulo já tinha dado e dava logo em seguida. Então, esse início foi difícil, hoje a coisa está super rápida, super cômoda, está bem mais fácil. Mas, todo início é difícil, o início do rádio também foi difícil. Eu fazia futebol, narrava futebol, era repórter esportivo, era comentarista. Também, era a maior dificuldade quando tinha uma partida de futebol que a gente ia narrar, era aquela dificuldade. Tinha que ir ao campo, tinha que pedir linha para a Telesp. Muitas vezes, a gente ia ao campo, numa cidade fora, acompanhar o time, chegava lá a Telesp não tinha ligado a linha no campo, tinha que entrar em contato com a Telesp. Eram aquelas maletas, aquelas maletas com os botõezinhos que você regulava tudo ali. O microfone era aqueles microfones grandes que você tinha que carregar na mão. Esticar aquele fio até no meio do campo, pra entrevistar o jogador de futebol. Então, sinceramente, foi difícil. Só venceram aqueles que tinham paixão pela imprensa, pelo jornalismo e que queriam levar a informação, aí eles passavam por cima de

todos os obstáculos. Mas, realmente, era muito difícil. Comparando com a situação de hoje, está tudo fácil, o mundo inteiro hoje está ligado na comunicação.

### **Nos veículos, como era a equipe de trabalho? O quadro contava com muitos profissionais?**

Não. Eram poucos. E, na maioria deles, não eram pessoas que tinham cursos, que tinham feito escola da Comunicação. Eram pessoas, por exemplo, o cara falava bem, tinha a voz bonita, a voz forte, o cara tinha facilidade de se comunicar e tal: “Você tem a voz boa! Você tinha que fazer rádio”. Ou “Vai lá na minha rádio fazer um teste lá”. Aí dava um textinho, você chegava lá dava uma lida lá. “Esse cara é bom. Dava para aproveitar. Tem a voz bonita aí, tal, tal, tal”. E o cara muitas vezes, ele iniciava a carreira sem ter um diploma, sem ter uma faculdade, porque não tinha naquela época. Eles aproveitavam aquelas pessoas que tinham facilidade. Mas eram poucos, heim. Do rádio eram poucos. Aqui em Prudente foi uma “pleia” de radialistas, de locutores, jornalistas, que passaram por aqui, deixaram a sua marca gravada. Mas realmente eram poucos. Mas, eram notáveis, eram abnegados, faziam, muitas vezes, nem tanto pelo salário que ganhavam, mas faziam pelo amor a arte, por aquela satisfação, o prazer de estar levando a informação para a pessoa que estava lá com o rádio ligado ou a televisão.

### **Quais veículos de comunicação existiam nessa época?**

Era o rádio, o veículo de comunicação era o rádio, na época. Tinha alguns jornais também, que já atuavam na época, mas veículo forte mesmo era o rádio, como é atualmente. O rádio é um veículo de comunicação muito forte, porque ele é dinâmico. Na época, tinha o jornal *O Imparcial*, me lembro do jornal *O Imparcial*, jornal escrito. Tinha *A Voz do Povo*, tinha o *Correio da Sorocabana*, tinha a *Tribuna da Sorocabana*. Veículo de rádio tinha a *Difusora* de Presidente Prudente, PRI-5. Tinha a *Rádio Piratininga*, tinha na época já a *Rádio Comercial*. Era os veículos assim, de destaque nessa época.

### **Entre os veículos, em quais deles trabalhou?**

Eu entrei numa emissora só e fiquei. Eu só trabalhei numa rádio e trabalho até hoje, que se chama *Rádio Comercial*. Rádio que tem 55 anos de existência e eu, praticamente, cinquenta e cinco com ela, porque eu entrei com 17 anos, estou com 69 e nunca mudei de prefixo, porque eu acho que macaco que muito pula é porque quer chumbo. Então, eu acho que se você está bem num local, para que você vai mudar não é?! Então, a *Rádio Comercial*, para mim é o meu segundo lar. Foi onde eu dediquei uma grande parte da minha vida, foi dentro dessa emissora, porque eu me dei bem com todo mundo, sempre tive um patrão excelente. Que foi o homem que criou, trouxe a *Rádio Comercial* para Presidente Prudente, que se chama Nilton Mescolotti, o fundador da emissora. Hoje, ele ainda tem aqui na cidade três firmas de vendas de peças de carro, mas continua com a rádio, que é a grande paixão dele. Inclusive, ele tem um museu do rádio, na *Rádio Comercial*, que pode ser visitado por todas as pessoas e que tem lá relíquias do rádio, tudo o que vocês precisarem de rádio, rádio antigo, rádio moderno; *Rádio Comercial* tem lá um museu, que vai mostrar tudo para vocês. De forma que eu comecei ali, eu acho que vou terminar por ali, se Deus quiser, nós vamos continuar no rádio e na *Rádio Comercial*.

**Na época, era comum que profissionais permanecessem por muito tempo em um mesmo veículo?**

Não. Naquela época não. Eu acho que o único que permaneceu numa emissora há tanto tempo, que eu me lembre, foi eu. Muitos passaram pelas emissoras, ficava um ou dois anos na rádio, daqui a pouco recebiam uma proposta melhorzinha um pouco, pulava para outra. Outros aqui, que começaram na época, caso de José Italiano, Ilmer Lombardi, Flávio Araújo, Jose de Alencar, são aqueles antigões, Rafael de Lala, que passaram por aqui, esses migraram para outras emissoras, outros estados do Brasil e fizeram também um trabalho profícuo em outras emissoras do rádio do Brasil. Então, poucos permaneceram numa emissora só e entre esses poucos está o Laerte Silva.

**Como era exercer a profissão de jornalista naquela época?**

Naquela época, era difícil. Eu peguei uma época que foi bem difícil, que foi a época do militarismo. A época do militarismo foi difícil. Porque era um governo militar, era um regime duro, eles cerceavam o direito de imprensa. Você tinha que falar mais ou menos aquilo que o governo queria, você não podia expressar a sua opinião, tanto é que quantos radialistas, quantos jornalistas foram presos naquela época da ditadura, porque falavam aquilo que ia contra o governo. Tinha textos que eram até censurados, você para fazer uma matéria você tinha que, primeiro, fazer um texto, passar pela censura, para depois saber se aquela matéria poderia ou não ir pro ar, entendeu?! Mas, foi dentro do regime militar. Antes do regime militar e depois do regime militar, aí tudo ficou mais fácil e a própria comunicação ficou mais fácil, porque você conseguiu emitir a sua opinião, aquilo que você pensa. Eu acho que o jornalismo tem que ser assim. É um veículo de formação da opinião pública. Você tem que passar informação e passar informação correta. Então, acho que essa época, a época mais difícil, foi essa época do militarismo.

**O senhor se recorda de algum colega que sofreu por conta da ditadura aqui na região?**

Não. Não conheço colega que sofreu em virtude da ditadura. Eu conheço colega que foi embora daqui, que não aguentou o regime, achou que o negócio era difícil, que estava complicando, que poderia dar problemas futuros. Teve colegas que viajaram, foram pra outros recantos procurar exercer a sua profissão.

**Como era a relação entre os veículos de comunicação e o público?**

O problema é o seguinte: a minha área, que é a área policial, que eu sempre atuei, eu sempre procurei fazer com muita responsabilidade, muita firmeza e também, eu adquiri uma credibilidade do público, porque eu também sou policial. É diferente você ser policial repórter e repórter policial. Eu sou policial repórter. Então, a minha informação é precisa, ela é segura. O pessoal confia, acredita no que fala, porque é o repórter policial que está falando, mas é o policial também. Porque eu fui investigador de polícia 34 anos, dentro desses 55 de imprensa. Então, meu noticiário era completo, até hoje ele é completo, ele é firme. Outra coisa, eu não levo para o microfone uma notícia, fato que eu ouvi na esquina, no boteco, no bar. Não. Eu levo a notícia que está no papel, que está calcada ali em documento, está calcada em

prova, em testemunha, assinado por delegado. Eu sei o que realmente é verdadeiro, é de interesse do público ouvinte e o que não é, porque eu sou policial e a minha área é essa área em específico. Então, o público via desse jeito, via o jornalista, o radialista, ele começava a se destacar, ele ganhava o público. O público acostumava a ouvir, acreditar, tem que acreditar no jornalista, no radialista. Você não pode botar balela no ar, você não pode fazer um sensacionalismo de uma coisinha miudinha. Se merece lá dar um destaque mais especial, você vai dar. Agora, se não merece, simplesmente, você registra a notícia e é o que a gente faz. É isso que ganha a credibilidade do ouvinte. O ouvinte passa a gostar de ouvir aquele radialista, porque: “Eu confio. Eu sei que ele está falando a verdade. Ele não está inventando, ele não está polarizando a notícia, ele está dando a notícia como o fato realmente aconteceu”. Daí vem o quê? Vem a credibilidade. E o ouvinte, ele se sente fortalecido com aquela notícia que está sendo transmitida, por uma pessoa que realmente tem conhecimento, que a notícia é realmente verídica.

### **O senhor teve alguma influência para trabalhar com comunicação?**

Eu tinha 17 anos. Eu trabalhava no jornal *O Imparcial*. O jornal *O Imparcial* era na Siqueira Campos, no térreo de um edifício e eu trabalhava à noite, no setor de diagramação do jornal. E, logo em frente do jornal, era a *Rádio Comercial*. Nos meus intervalos eu ia lá na rádio para dar uma olhadinha, ver como que era. Quem fazia o programa na época chamava-se Bendrath Junior, faleceu há pouco tempo, ele fazia um programa musical, que chamava-se “Musical para o seu Almoço”. Naquela época rodavam aqueles bolachões, aqueles disco grandão, era Billy Vaughn, Recovery, tudo orquestra, tudo orquestrado – “Musical para o seu Almoço”. E ele apresentava ali. Eu achava bonito, ia lá olhava. Um dia ele falou: “Você quer registrar alguma coisinha aqui?”. Falei: “Deixa eu falar alguma coisinha aí no microfone? Queria falar para o povo me ouvir aí”. Ele falou: “Entra aqui. Fala aqui. Você vai falar só a hora certa”. Aí ele: “Daqui a pouco nós vamos rodar o Recovery aqui. Tenho aqui ao meu lado o Laerte Silva. O Laerte Silva também tem uma participação”. “Eu tenho uma participação, a hora certa: 11h10. Os senhores estão ouvindo o programa ‘Musical para o seu Almoço’”. Começou ali. Aí eu gostei, comecei a ir sempre na rádio, junto com esse Bendrath vendo. E eu era professor na época. Depois teve um curso de guias pluri curriculares, fazia uma mesa redonda, um círculo. Eram só mulheres. Ali tinha um homem, que se chamava Ilmer Lombardi, um dos maiores locutores de futebol do Brasil, faleceu num acidente com barco, lá em Santa Catarina, no Balneário Camboriú; morreu no acidente. Ilmer Lombardi era locutor de rádio, era locutor esportivo. E era só leitura, era só a mulherada que lia aquele texto ali. Uma lia melhor, outra mais ou menos, quando caiu nas mãos do Ilmer Lombardi, que era radialista, ele matou, a professora ficou olhando assim. Ele deu um show, porque era acostumado a falar, radialista. Aí foi passando e caiu pra mim. Eu falei mais ou menos também. Aí, a professora falou: “Vamos fazer o seguinte: a mulherada não vai falar mais não. Vamos fazer só os dois aí. Os dois vão ler todo o texto”. Aí pronto! Bagunçamos o curso. O Lombardi falou: “Laerte, vamos fazer a leitura, tipo jornal falado”. Ele lia até o ponto, eu começava, continuava e tal. Aí chegou no fim, tinha que montar uma pecinha de teatro para encerrar o curso e a gente não tinha o que montar. A mulherada montou um monte de coisa lá. Aí, o Lombardi virou para mim e falou assim: “Sabe o que nós vamos montar?! Nós vamos montar a narração de uma partida de futebol. Eu vou narrar e você vai ser o comentarista”. Eu falei: “Mas, como nós vamos montar isso?”. “Não. A gente faz isso daí. O que nós vamos

fazer no meio dessa mulherada aí? Vamos fazer isso aí”. A mulherada apresentava um teatrinho, não sei o quê, e nós ali, na maior cara de pau, sem saber o que ia fazer. Aí quando falou: “Agora vocês dois aí”. O cara me abriu uma jornada de futebol, por exemplo: Palmeiras e Santos, no Pacaembu. Ele deu um show. Falou: “Nós vamos fazer um improviso de uma partida de futebol. Pode ser? Eu vou ser o narrador. O repórter e comentarista, o Laerte. Pode ser? Pronto! É o trabalho em grupo, nós somos em dois, vamos fazer isso”. Ela falou: “Pode fazer”. Menina, o cara deu um show: “Muito boa tarde gente boa! Estamos aqui no Estádio Municipal do Pacaembu para a transmissão do grande jogo pelo campeonato nacional. É Palmeiras e Santos, que já se encontra no gramado. Os times já estão escalados. E, para falar a escalação tem aí o repórter Laerte Silva. Como é a escalação do Santos aí?”. “Oi Lombardi. O Santos entra em campo com Gilmar, De Sordi, Bellini, Nilton Santos, Zito, Orlando e tal”. Fizemos o nosso trabalho ali. Quando terminou todo o curso, ele falou: “Rapaz, eu vou te levar para a minha equipe de esporte” (*risos*). Aí eu falei: “Então vamos. Eu vou nessa!”. Fiquei na equipe desse homem muitos anos, rodamos esse Brasil todo com o futebol. Você vê como é que começa?! Começou de uma brincadeira, numa sala de aula e terminou no rádio por muitos anos.

### **O senhor falou do esporte, mas teve grande contribuição no jornalismo policial. Como foi trabalhar com essa área na época?**

Para mim era fácil, porque eu já era policial. Então, eu investigava, eu prendia o cara, eu gravava com o cara, eu fazia notícia com o cara e botava o cara no rádio para falar, quer dizer, eu fazia tudo. Eu fazia o trabalho policial todinho e junto com o trabalho policial eu fazia o trabalho jornalístico. Para mim era fácil, porque quando eu ia entrevistar o cara ou fazer a notícia, eu já tinha feito a investigação, por exemplo, o cara cometeu um homicídio, um crime de morte, matou uma pessoa, aí eu ia lá, investigava e sabia de todos os detalhes que geraram o crime. Aí íamos lá, prendia o cara, trazia o cara para a delegacia, gravava com o cara, quando o cara mentia eu falava: “Não. Você está mentindo, porque eu trabalhei no caso e não foi nada disso. Foi o contrário. Fala a verdade”. Entendeu?! Então, para mim era fácil, para mim, é como se diz na gíria: “juntou a fome com a vontade de comer”; deu certo. Para muitos outros não. É o que eu te disse, é diferente ser repórter policial e policial repórter. Policial repórter leva vantagem, porque sabe mais a respeito do conteúdo, dos fatos que aconteceram.

### **Em relação à entrada no jornalismo policial, tem alguma história que marca o início da carreira?**

Ah, foram muitas história. Para a gente narrar aqui, a gente teria que ficar um tempo muito grande falando, porque dentro dessa trajetória policial, foram muitos os casos que marcaram. São fatos assim... que a gente lembra até hoje. Foram muitos, muitos, muitos e muitos. Dá para escrever um livro de fatos que aconteceram. Mas eu vou dizer pra vocês, só pra ilustrar aqui, bem rapidinho, que me marcou e marcou muito. Uma vez, essa Rodovia Assis Chateaubriand, que passa ali pela entrada de Martinópolis, eram duas vias, uma vai e outra vem, só duas vias. E, houve lá um acidente com uma Brasília. Um ônibus passou em cima de um veículo Brasília. Dentro da Brasília tinha uma família, morreu todo mundo carbonizado, pegou fogo na Brasília, queimou todo mundo. Eu me lembro, só pra dizer uma que marcou assim, aí ligaram pra mim: “Olha, um acidente, um ônibus passou em cima de uma

Brasília, pegou fogo”. Eu corri para o local, cheguei lá. Menina, vi um negócio feio. O ônibus tinha arrastado a Brasília metros e metros, estava tudo carbonizado, os corpos estavam tudo dentro do carro carbonizado ali. Eu cheguei ali. Eu cheguei e olhei. Você sabe que o corpo quando ele é carbonizado, queima a gordura e fica pequenininho, né? Aí eu entrei, olhei bem dentro assim... estavam os corpos todos. Era uma família, moravam no sítio e tinham que pegar o ônibus para ir a São Paulo, no centro de Martinópolis. Então, eles saíram do sítio e tinham que cruzar a rodovia e cruzou a rodovia. Não viu direito, o ônibus bateu, passou por cima, carbonizou todo mundo. Bom, aí vai retirar os corpos daqui, de lá, mexe nos corpos e tal. Atrás, tinha uma criança; uma criança, e me marcou. Essa criança era uma coisinha assim... carbonizada, uma coisinha pequenininha. Aí, eu cheguei para o policial rodoviário e falei: “O que é ali atrás?”. Ele olhou e falou: “Laerte, isso aqui é uma criança”. Só pra exemplificar: queriam que a criança dormisse na casa de um parente. Mas, a criança não quis e foi com a família, quer dizer, ia escapar a criança, morreu a criança. Vi a criança ali. Mas, eu percebi que tinha outro negócio assim, do lado da criança, outro torrão. Aquele torrão preto, torrão queimado. Aí, eu cheguei para o rodoviário, falei: “Mas, e isso aqui?”. “Laerte, não sei o que é isso aí”. Eu perguntei para uma parente, uma tia da criança, falei: “O que é isso que estava no braço da criança?”. Ela falou: “Esse é o cachorrinho que ela estava dormindo em cima”. A criança saiu da casa com o cachorrinho, pôs no colo, adormeceu dentro da Brasília, e pegou fogo; era o cachorrinho. Aquela história do cachorrinho ficou marcado na minha cabeça até hoje. Esse foi um dos fatos que marcou, mas tiveram muitos né.

### **Qual era o espaço para o jornalismo especializado naquela época?**

Tinha programa de auditório, tinha programa ao vivo, tinha programa musical, tinha programa sertanejo com auditório, com duplas, tinha programa voltado para mulher, tinha aquele jornalismo que mostrava as notícias locais, notícias regionais, notícias internacionais, entendeu? Não era só... tinha noticiário político, tinha os repórteres políticos que acompanhavam o movimento político da cidade, a administração pública, a atuação dos vereadores, era um jornalismo bem diversificado e que atingia todas as áreas, não só policial. Tinha comentaristas que falavam da situação econômica do país, da situação financeira do país.

### **Que tipos de fatos ganhavam destaque na mídia nesse período? Predominavam as notícias policiais?**

Não, não. Tinham outros fatos também, não era só policial não. Tinha fatos que aconteciam e que geravam notícias em São Paulo. Geralmente era São Paulo, que era a capital né, capital buscava alguma coisa no interior. O que acontecia muito aqui, que eles pegavam muito aqui, era acidente, muito acidente de trânsito, acidente nas estradas, mortes nas estradas, afogamentos, porque nós estamos aqui com o Rio Paraná, tem o Rio Paranapanema aqui pertinho, tem alguns afluentes também, tinham muitos afogamentos na época de verão, não só esses afogamentos e acidentes nas estradas, porque nós temos aqui a Rodovia Raposo Tavares, tinha muito tráfego de droga né, tinha muitos furtos de veículos, muitos carros daqui eram furtados e eram vendidos no Paraguai, o comércio paraguaio era muito grande com carros furtados aqui no Brasil, além do que, as drogas né, o contrabando que vinha do Paraguai, da Bolívia, passavam por aqui. Por Prudente ser uma cidade polo, aqui

a notícia era anunciada com maior ênfase e com essa ênfase dessa notícia, São Paulo muitas vezes se interessava e saía nas rádios de São Paulo também. Mas, eram em todos os sentidos, não era só da área policial.

**Na rádio, quais produtos jornalísticos eram veiculados (jornal falado, *flash*, boletins informativos, etc.)?**

Tinha um jornal. Geralmente, o carro-chefe era o jornal falado. O jornal falado era feito com três locutores fazendo pingue-pongue. Outras emissoras faziam com dois locutores, fazendo também o pingue-pongue, com entrada de repórteres. Acontecia um fato qualquer, o repórter ia até o local, entrava ao vivo através da maleta e passava a notícia. Nesse programa de jornalismo, como eu disse, tinha economia, tinha notícias variadas, tinha notícias de entretenimento, tinha notícias de artistas, anunciava-se. Naquela época, o cinema estava em moda aqui em Prudente, anunciava-se os filmes que passavam naquele dia; anunciava-se, por exemplo, as feiras livres, onde é que ia acontecer a feira. No jornalismo era diferente, hoje ninguém mais fala onde é que vai ter a feira, onde vai ter isso, vai ter aquilo. Mas, era uma informação geral assim... informava-se aqueles feirões de carros, pontos de venda de carro, venda, troca de veículos. Era um jornalismo assim, bem aberto, com informações variadas.

**Além do noticiário no rádio, como era o jornal impresso na época?**

Tinha um caderno. Eu me lembro que, naquela época, era praticamente um caderno. Mas, dentro daquele caderno, estava inserido um monte de coisa. Ali, entrava a parte de agronegócio, ali entrava os classificados, as vendas, trocas, aluga-se. Tinha a parte social também, era muito badalada na época; uma coluna social, passaram aqui vários cronistas sociais. Então, todos os fatos da cidade eram registrados. Muitas vezes, o jornal, ele soltava um caderno só. Quando era no final do ano, que tinha Natal, Ano Novo, aumentava o número de publicidade, aí aumentava o número de páginas, aí fazia um encarte dentro do jornal. Época de aniversário da cidade também, o jornal não saía com um bloco só, tinha umas encadernações no meio, com outras notícias variadas. Dependia da época, o jornal tinha sempre uma novidade para o leitor.

**Na época, qual desses veículos predominava?**

Era uma união. O rádio dependia do jornal e o jornal dependia do rádio. Quantas vezes a gente pegava notícias do jornal para falar no rádio?! E, quantas vezes o jornal fazia uma rádio-escuta, pegava notícia do rádio para transformar para o jornal?! Então, os dois eram ligados. Um sempre utilizava alguma notícia do outro. Pessoal trabalhava em conjunto, um auxiliando o outro. Era rádio e jornal, jornal e rádio, unidos para bem informar.

**E na hora do furo, como se dava essa busca?**

O furo naquela época não é como é hoje. Hoje não tem furo mais. Hoje não tem como furar mais. Com celular, com computador, com esses meios de informação aí, não tem furo. Quando bateu o negócio, todo mundo está sabendo já; joga na internet todo mundo está sabendo. Na época, não. Na época, quando a gente tinha uma

notícia importante, queria dar um furo de reportagem. Nossa, aquela notícia ficava três, quatro dias falando: “Nossa, porque foi com exclusividade, nós conseguimos as informações. Estamos aqui informando para você ouvinte, com exclusividade. Fomos os primeiros a chegar no local do fato”. Agora, hoje não. Quando tem uma notícia, vai lá, tem 30 repórteres, todo mundo está sabendo já.

### **De que forma eram realizadas as coberturas jornalísticas?**

Era precário, era pouca gente. Geralmente, tinha um fato qualquer, era um repórter que cobria todas as áreas, cobria a área policial, cobria uma área geral, a parte social, entendeu? E, como eu disse, era precário. Muitas vezes, não tinha nem um veículo da rádio para a gente ir. Ou você ia de táxi, não tinha moto-táxi na época, ou você ia de bicicleta, ou ia com seu carro para o local do fato. Chegava lá, muitas vezes, era aquela dificuldade, porque você tinha que ou estar com um gravadorzinho ou estar com uma maleta, com a linha direta ligada. Mas, muitas vezes, não tinha o carro, não tinha jeito de ligar a maleta, era difícil. Mas, não ia uma equipe como vai hoje, com aquela parafernália, instala e fica esperando ali: “Daqui meia hora, nós vamos ficar esperando”. Era um só que ia e ia precariamente. E lá, ele pegava a notícia e dava um jeito, corria para lá e botava no ar.

### **Como funcionava a transmissão da notícia pela linha telefônica?**

Pela linha telefônica, você tinha, muitas vezes, pedir linha, o duro era isso né. Tinha aquele telefone que você rodava, rodava, rodava, chamava a técnica e a técnica não entrava. Você rodava, rodava, rodava: “Técnica, cadê a técnica? Não entra”. A linha não entrava, era uma dificuldade. Agora, hoje não. Hoje, você “pá”, está lá. Naquela época, era difícil. Muitas vezes, você demorava para conseguir linha para falar no rádio. Você tinha que ter paciência e naquela agonia, naquela vontade de informar primeiro, você ficava naquele nervoso, passava um nervoso danado, até que a linha pudesse ser aberta para você falar. Mas, era uma dificuldade.

### **Que tipo de funções os profissionais desempenhavam na rádio? Quais delas já não existem nos dias de hoje?**

No rádio, acho que tem tudo. Acho que não mudou nada. Tem o técnico de som; tinha o que era operador; tinha o locutor; o apresentador, aquele que ficava no estúdio comandando o noticiário; tinha o repórter, que ia buscar as notícias; tinha a moça atendente, que ficava no telefone à espera de algum chamado. Acho que esse pessoal permanece até hoje. Não houve grandes mudanças.

### **O senhor falou da figura da telefonista, também havia a presença da mulher no campo jornalístico?**

Também existia, nós tivemos. Tivemos mulheres que trabalhavam na época, tivemos mulheres que faziam programa de auditório, programa infantil. Por exemplo, nós tivemos aí a Ivete Pinheiro, esposa do Flávio Araújo grande locutor esportivo, que faleceu recentemente. Tinha um programa aqui em Prudente que se chamava “Programa da Mamãe Dolores”. Era uma senhora que apresentava, um programa com crianças. Quando vinha um circo na cidade aqui, o circo ia todo para a rádio. Era programa de auditório, o locutor ia lá, o palhaço fazia aquelas palhaçadas no

palco e o público ia lá para ver, para assistir também. O mágico ia lá para o rádio, no palco ali, na plateia, fazer mágica. Então, era um negócio bem dinâmico, diferente do que é hoje. Hoje chega um circo, fica aí um tempão. Muitas vezes, você nem sabe que tem um circo, você ouve falar porque tem um carrinho que passa na rua, anunciando aí. Antigamente, ainda passava com os bichos, os elefantes, as onças, os bichos macacos, tudo em cima. Agora não pode mais. Se pegar um bicho desse, colocar numa carroceria de caminhão e sair pra rua (*risos*) você vai para a cadeia. Então, houve essa mudança, com o tempo foi mudando tudo.

### **Em relação à mulher no jornalismo, qual a função assumida pela mulher?**

Tinha mulheres que faziam reportagens. Não era assim... um número acentuado né, mas sempre tinha alguma moça que estava começando ou que queria adquirir alguma experiência e que trabalhava no estúdio, lá dentro, fazendo programa ao vivo. Ali dentro da emissora, quando tinha que fazer alguma reportagem fazia, porque não tinha um repórter determinado para cada tipo de coisa, entendeu?! Tinha o repórter que era um curinga, ele fazia tudo. Ele fazia futebol, ele fazia política, ele fazia polícia, ele fazia social, ele fazia tudo, entendeu?! Porque o número de pessoas era pequeno, não era como hoje, que tem um número muito grande.

### **Em um ambiente que a grande maioria era homem, qual era o diferencial do trabalho da mulher?**

Era destaque. Sempre que surgia uma repórter, uma apresentadora, ela atraía as atenções pra si. Todo mundo falava: “Poxa, uma moça bonita, fala bem, repórter né”. Saía daquele negócio de só machos, só os homens. A mulher sempre teve destaque. A mulher sempre se destacou, até hoje. A mulher hoje conseguiu seu espaço. Antigamente, a mulher era aquela do aventalzinho, cuidando da casa, comida pronta para o marido, a criancinha pronta, banhadinha, prontinha para quando o marido chegar. Hoje não, hoje a mulher sai para o trabalho, o homem sai também, a criança vai para a creche. E naquela época, as meninas que faziam o rádio, as meninas chamavam a atenção, porque afinal de contas era diferente. Era um número muito grande de homens e um número bem pequenininho de mulheres e essas mulheres naturalmente chamavam atenção.

### **Que tipo de relação havia entre o público e os veículos de comunicação? As pessoas tinham total confiança na informação?**

Tanto confiavam, que eles iam na emissora. Você ia apresentar um programa de jornalismo, por exemplo, a rádio estava lotada de gente. Pessoas vinham dos bairros, não só pra ouvir a notícia, mas para conhecer o locutor, porque a pessoa ligava o rádio e ouvia a voz, de repente ele ouvia a voz, ele falava: “Puxa, com essa voz grossa aí, deve ser um homem grandão, de uns dois metros!”. Chegava lá era um baixinho assim... igual eu assim, careca, barrigudinho, velho, chegava lá tinha uma outra impressão (*risos*). Então, o pessoal ria, o pessoal acompanhava o rádio, o pessoal ia lá para ver, levava criança. Eu tinha um programa sertanejo no rádio, na Rádio Comercial, das 6h às 9h, eu lembro que tinha uma época que ia lá o casal, ia o marido, a mulher, com o nenezinho e dava mamadeira pra criança, a primeira mamadeira dava dentro da rádio, assistindo ao programa ao vivo. Você vê o prazer que tinha, de levar uma criança e dar mamadeira, a primeira mamadeira de 6h para

o nenezinho, dava no colo ali dentro da rádio, assistindo ao programa, você quer coisa mais gratificante que isso?!

### **Pode-se dizer que, naquela época, os veículos tinham forte influência na formação de opinião?**

Exatamente, na formação. Aliás, a imprensa, o rádio, sempre foi um veículo forte de formação de opinião, por isso que tem que ser feito com responsabilidade. Você não pode falar qualquer coisa no rádio, porque você está formando a opinião pública. Lá, tem gente idosa, tem adolescente, tem criança, que estão ouvindo o rádio. Então, essa informação, ela tem que ser precisa, tem que ser uma informação responsável e tem que tomar cuidado com aquilo que fala, para não transmitir para adolescente, para jovens, para crianças, coisas que as crianças não devem ouvir, principalmente nessa faixa etária de idade.

### **De que forma eram levantados os assuntos a serem noticiados?**

Ou descobria na rua, ou fazia rádio escuta, ou alguém ligava na rádio e informava. A gente tinha muitos informantes também, né. Quando acontecia um fato qualquer na região, a pessoa sabia que tinha uma rádio aqui em Prudente que sempre divulgava. A própria pessoa, uma testemunha que viu algum fato, pegava o telefone e ligava: “Olha, aqui teve isso, isso e isso”. Na própria cidade, num bairro, quando acontecia alguma coisa, sempre tinha uma pessoa, que daquele bairro ligava e avisava. Ou muitas vezes, pegava o carro e ia à emissora avisar: “Olha, lá em tal lugar está acontecendo isso”. Então, havia aquela interação entre o pessoal da imprensa, o pessoal da comunicação e a população. Por quê? Porque a população queria ajudar e gostava, e acreditava naquela informação, naquele tipo de jornalismo.

### **Os profissionais trabalhavam com pauta?**

Não. Pauta física não. “Você vai fazer isso aqui tal, tal. Você vai cobrir essa pauta hoje”. Não. Você mesmo fazia a sua pauta. Você ia para o rádio-escuta, você ia para a informação, ou você pegava um jornal via lá uma notícia: “Opa, aqui dá uma matéria!”. Você pegava aquela lá e fazia uma pauta. Ia gravava, conversava, jogava para o rádio, transformava do jornal escrito para o rádio e o ouvinte estava lá, sempre acompanhando. Dependia da gente, não tinha uma determinação: “Olha, amanhã a pauta vai ser isso e isso”. Não. Você chegava cedo, você mesmo que ia fazer a tua pauta. Você que ia procurar a tua notícia, você que ia saber o que você tinha que falar. Você tinha que preencher aquele horário, você tinha que se virar em notícia, se vira, procura, sai a campo. Cobra que não engole sapo, não sai para a rua, tem que sair. Então, era o que acontecia antigamente.

### **O que tornava um fato importante para ser noticiado?**

“Aí o próprio repórter já sabia né, se interessava ou não. É como hoje. Hoje acontece aqui na área policial, tem tanta coisa que acontece, mas tem tanta coisa que não é divulgada, porque que não tem interesse. Hoje, a gente filtra a notícia, pega as notícias mais fortes, aquelas principais, aquelas que não vão causar um impacto maior, ficam de fora. Então, muita coisa não é noticiado hoje. Hoje, como se diz, só é noticiado o filé: “Qual que é o filé?!”. “Teve isso”. “Ah, não. Isso daí não

interessa”. Principalmente, em televisão. No rádio, ainda não. Você pega qualquer “noticinha”, você transforma, você dá uma melhorada nela, fica bonito, fica importante. Agora, para a televisão, uma “noticinha” sem muita importância, não gera notícia, porque tem que ter imagem, tem que correr atrás. Então, não importa. “Vamos pegar só o que é interessante”. Então, a gente mesmo selecionava o que importava e o que não importava.

### **Como se dava o relacionamento entre os profissionais dos diferentes veículos durante uma cobertura jornalística?**

Não se passava muita informação não, viu. Hoje está diferente. Hoje, eu sei. Aqui na delegacia, quando tem um fato qualquer e chega os repórteres aqui, é aquela troca de informações, um pega do outro, todo mundo completa a sua pauta ali na conversa. Naquela época não. Tinha aquele negócio de: “Não. Eu vou dar a notícia primeiro”. Então, pegava alguma coisinha ali: “Ô fulano, eu nem peguei ainda, estou atrás aí”. Mas, já estava no papel marcado. Aí o cara jogava lá, depois falava: “Não. Eu dei primeiro. A notícia foi ao ar, porque eu dei primeiro”. Tinha aquela euforia de dar a notícia, o furo de reportagem ou a notícia mais completa. Hoje não. Hoje, acontece um fato aqui, muitas vezes, eu nem joguei no rádio ainda, eu já liguei para todo mundo, já passei para todo mundo que aconteceu o fato, para as pessoas virem aqui para fazer. Aí depois, eu pego tranquilo e passo a minha notícia. Então, hoje a colaboração é maior, naquela época não. Naquela época, o pessoal ficava mais arredio: “Você quer? Vai procurar”. “Ah, você quer a notícia? Vai lá atrás, que eu fui também. Sofri para pegar lá, vai você também. Você quer o quê? Quer na mão?! Entra no ônibus atrasado e quer ir na janela tomando vento?” (*risos*). Era mais ou menos assim.

### **Como funcionava a questão do registro profissional na época?**

Não tinha registro na época. Na época, você trabalhava aí quatro, cinco, seis, oito anos e não tinha essa fiscalização, essa rigurosidade que tem hoje. Na época, não tinha. Você trabalhava cinco, seis, oito anos numa emissora, depois que você ia fazer um registro, aí você ganhava, por exemplo, duzentos reais, você era registrado com trinta. Não tinha esse negócio de Ministério do Trabalho, de piso, que o jornalista tem que ganhar isso. Não. Aquela época não tinha. Você ia lá fazia um acerto lá: “Quanto que eu vou te pagar? Vou te pagar um salário mínimo. Está bom um salário e meio!”, “Está. Está bom”. Não tinha o negócio de piso não, piso é esse que nós estamos pisando aqui (*risos*). Não tinha faculdade, não tinha nada. Aquele pessoal que fazia, fazia porque gostava, porque tinha uma voz agradável, uma voz bonita, era uma pessoa que tinha facilidade de expressão. Essas pessoas que faziam o rádio, faziam a comunicação na época.

### **De que forma o desenvolvimento da imprensa na região contribuiu para o crescimento de Presidente Prudente e também das cidades vizinhas?**

Houve um grande crescimento. Hoje a gente, aliás, a gente tem que por a mão pra cima e botar a imprensa lá em cima, porque se não é a liberdade de imprensa, a gente não sabia dessa pouca vergonha que está acontecendo nesse Brasil nosso. Aliás, a imprensa que alavancou, que jogou tudo pra cima, que jogou no ouvido, nos olhos do povo. Inclusive, há pouco tempo queriam instituir novamente a lei da

mordança, passar o pano na boa do radialista, do jornalista, da imprensa, para que não tomassem conhecimento de fatos horríveis que tem acontecido. Então, a imprensa houve um desenvolvimento, um alavancamento muito grande. Se não é a imprensa, ninguém sabia dessa pouca vergonha que está acontecendo entre os políticos, esses escândalos. Hoje, você liga a televisão, você liga o rádio, você fica enjoado de escutar, você não acredita que tem tanto ladrão nesse país. Você não acredita que tem tanto corrupto. Você não acredita que essa política, claro, entre aspas, não generalizando, você não sabia que tinha tanta podridão, porque na maioria das vezes era tudo encoberto, ninguém podia falar, porque a imprensa cala a boca e tal, a coisa corria tudo por baixo do pano. Hoje não, hoje a imprensa é livre. É a liberdade de imprensa. Aconteceu o fato: “Opa, o povão tem que saber!”. Taca no rádio, taca na televisão, taca no jornal, taca para todo lado. Todo mundo fica sabendo. Chama-se país democrático, liberdade de imprensa. É o que eu disse para você, não acontecia na época do regime militar, que se você abrisse a boca, você ia para a cadeia e de repente você desaparecia. Tinha até um ditado na época, a pessoa falava assim: “O que você acha do governo?”. Aí, o outro falava: “Rapaz, eu não acho nada. Eu tenho um irmão que achou e até hoje nós não achamos mais ele” (*risos*). Então, tinha tudo isso. Agora, hoje não. A imprensa é livre. A imprensa fez com que esse país se desenvolvesse, mostrou as poucas vergonhas que existem, mostrou as coisas boas, as coisas médias, as coisas ruins. A imprensa sempre teve um papel preponderante no crescimento de uma nação. E é o que acontece hoje.

### **Como a imprensa contribuiu para o crescimento de Presidente Prudente?**

Contribuiu de todas as formas. Eu estou aqui em Presidente Prudente há quase 70 anos. Tem até a história de Presidente Prudente de 100 anos aí, Prudente tem 100 anos e eu tenho praticamente 70. Eu lembro quando isso era tudo mato, não tinha asfalto, era tudo terra, tal. A imprensa cobrando da Prefeitura, cobrando de político, cobrando asfalto, cobrando saneamento básico, cobrando saúde, cobrando a parte da educação. E tudo isso fez a cidade crescer. Então, a imprensa acompanhou. Não era uma imprensa que só elogiava, só bajulava, só puxava o saco de político não. Era uma imprensa que mostrava o problema. Está lá uma valeta, um buraco, não está podendo passar, mostra. Está contribuindo para o desenvolvimento, aí alertava, deixava os políticos de prontidão, corriam lá, resolviam o problema. E tudo isso, com a própria divulgação de eventos, divulgação do trabalho político, do trabalho econômico, a cidade foi se desenvolvendo, a imprensa foi mostrando e com isso, foi trabalhando no sentido de fazer também a cidade crescer, com a informação.

### **Como e quando o senhor conheceu o jornalista Altino Correia?**

Eu conheci o Altino há muitos anos. O Altino é uma pessoa extraordinária. Ele veio de Presidente Venceslau, me lembro, ele trabalhava acho que numa rádio de Venceslau, veio para Prudente. O Altino fez rádio, sempre foi uma pessoa brilhante, uma pessoa correta. O Altino fez televisão, trabalhou em alguns canais de TV. Um profissional correto, a informação precisa. Tinha assim, uma vocação para o jornalismo, nasceu com a vocação para o jornalismo. Eu não trabalhei diretamente com ele, mas acompanhei o trabalho dele, durante uma longa data. Ele tem uma história muito grande para contar dos 100 anos de Presidente Prudente, porque ele veio de Venceslau ainda menino, trabalhava em rádio lá, veio para rádio aqui, entrou no setor de comunicação aqui. Ele prestou um trabalho muito grande também para o

engrandecimento da cidade nesse setor de informação. É uma pessoa que eu tenho muito respeito, muito carinho. Deve estar hoje, com uns oitenta e poucos anos, mas uma grande parte dessa vida, ele teve dedicada ao jornalismo. Um jornalismo sério, jornalismo de credibilidade. Uma pessoa sóbria, uma pessoa companheira, uma pessoa que procurava transmitir os seus conhecimentos àquelas pessoas mais jovens, que estavam iniciando no jornalismo. Então, o que eu posso falar de Altino Correia? Eu tenho que tirar o chapéu para ele. Um ilustre jornalista, um grande amigo, a quem eu deixo um grande abraço, porque ele, realmente, é uma pessoa de proa da comunicação. É um celebre, é um homem que marcou época em Presidente Prudente e que merece sempre ser lembrado, que merece ter uma vida longa e ter muitos fatos pra contar para as pessoas mais jovens, que estão iniciando a sua carreira dentro do jornalismo.

### **Como o trabalho do Altino era conhecido na região?**

Ele já veio para cá e em pouco tempo ele já fez sucesso, já fazia sucesso em Venceslau. Ele trabalhava numa rádio em Venceslau. Lá, ele já era super conhecido. Pouco tempo de trabalho aqui, o Altino Correia foi para os píncaros da glória, ele cresceu, porque ele já trouxe a bagagem, ele já trouxe o conhecimento que tinha de jornalismo lá de Venceslau. Quando ele chegou aqui, ele já era maduro, já estava formado. Então, ele tinha uma força de expressão muito grande e conseguiu angariar a confiança, a popularidade de todo o povo de Prudente. Então, uma figura célebre dentro do jornalismo.

### **De que forma o senhor via a atuação dele como jornalista?**

Excelente. Um grande amigo, um grande profissional, fazia com o coração, realmente. Fez sempre aquilo que ele sempre gostou de fazer, que ele sempre teve paixão e fez com muito carinho, muita responsabilidade. Daí o seu nome ser perpetuado dentro do jornalismo, não só aqui de Presidente Prudente, como da região, como de Venceslau, a nossa região toda, ou em todo o nosso Brasil.

### **Para o senhor, o que a figura do Altino representa, não só para a história da imprensa, mas para a história de Presidente Prudente?**

Ele representa um baluarte, foi um baluarte. Ele é um vencedor, ele é um, praticamente, um desbravador da cidade, como foram os desbravadores que fundaram a cidade. O Altino também prestou a sua colaboração, já tem o seu nome marcado para a posteridade. Quando ele partir para a eternidade, quando ele partir para o mundo espiritual, é claro e notório que as pessoas que aqui ficarem, vão ter na mente sempre o seu nome gravado, porque ele realmente foi uma pessoa que fez Presidente Prudente crescer.

### **Para finalizar, quem é Altino Correia?**

Quem que é o Altino Correia... o que eu posso falar do Altino? Além de tudo isso que eu falei, é um amigo, um amigo de coração. Eu não tive muito contato em trabalhar com ele assim... mas acompanhei o seu trabalho. É uma pessoa de coração aberto, uma pessoa generosa, uma pessoa que sempre procurou fazer o bem ao próximo, uma pessoa religiosa, uma pessoa que tem uma família extraordinária. É uma

pessoa amiga em todos os momentos, porque o amigo não é aquele que enxuga a lágrima, o amigo é aquele que dá o ombro para chorar e o Altino é uma dessas pessoas. Então, o que eu posso falar do Altino? Uma pessoa abençoada, uma pessoa que deixou a sua marca aqui e deixa a sua marca dentro do jornalismo. Uma marca indelével, que nunca ninguém vai mais esquecer. Particularmente, um grande amigo e eu tenho um grande respeito por essa pessoa. E que Deus dê muita saúde, que Deus ilumine os seus caminhos, ilumine o caminho da sua família, pra que ele seja sempre feliz, porque ele veio para essa terra, para realmente ser feliz e sempre fazer bem ao próximo. Quem faz bem ao próximo vive bem, é feliz interiormente, porque é bom servir os outros. Quem não vive para servir, não serve para viver. Hoje o mundo está muito conturbado. Hoje não se dá atenção para muita gente. Hoje é aquela correria, a vida do dia a dia. As pessoas, muitas vezes, precisam de uma palavrinha de conforto, de carinho, um bom dia, uma boa tarde, um “Oi. Tudo bem?”. As pessoas não fazem. Geralmente, você passa: “Oi. Bom dia”; tem um grupo, ninguém responde. Então, eu acho que esses valores é que são importantes, não são os valores materiais, são os valores espirituais que são importantes. E esses valores espirituais, meu amigo Altino Correia tem e ele sabe muito bem disso, e ele sabe que eu gosto dele.

## SÉRGIO JORGE ALVES

Radialista aposentado

Data da entrevista: 23/03/2017

Meio: presencial

### Quais veículos de comunicação existiam na região na época?

Rádio e tinha jornal. Então, não tinha televisão, não tinha computador, mas tinha *Rádio Difusora*, que era a famosa PRI-5, na época o pessoal falava PRI-5, era a *Rádio Difusora*. Lá, nessa época, tinha um narrador de futebol que trabalhou com o Altino. Espetacular. Narrador nota 10. Ele foi pra São José do Rio Preto, comprou uma emissora de rádio lá e se vinculou por lá. Lá e em Mirassol, chama José de Alencar. Hoje, filho dele comanda uma das emissoras lá. Tinha PRI-5. Não tinha FM. Era só AM. AM é que mandava. Tinha a *Rádio Presidente Prudente* (ZYR-84), que hoje ainda existe. Mas, a programação da *Rádio Presidente Prudente* mudou muito. Esse foi um erro que eu acho, enlataram algumas emissoras, esse enlatar que eu falo pra vocês, que deve ser um termo novo, é quando você chupa as emissoras de São Paulo pra cá. Você tira a oportunidade dos jovens de trabalhar. Por exemplo, vocês se formam, podiam estar trabalhando, aí vem a programação na *Jovem Pan*, vem a programação na *Bandeirantes*, vem a programação que vem agora de uma FM que está em Prudente, que é a Transamérica, aí... Também tinha a *Rádio Piratininga*. A *Piratininga* era uma rede do Estado de São Paulo inteiro e eu trabalhei na *Rádio Piratininga*. Tinha a *Rádio Comercial*, que hoje é a líder de audiência. Na época, não era. Ao contrário, eu trabalhei lá, eu falo, era uma emissora que tinha dificuldades. Na época, nós tínhamos nos bairros alto-falantes, era um meio de comunicação interessante, por exemplo, no centro da cidade... olha só, uma coisa que eu vou falar para vocês. Marca bem isso. Ali na Praça 9 de julho, que é o centro, sábado e domingo à noite, os jovens como vocês, subiam para paquerar, iam paquerar e arrumavam namorado para depois se casar, sabe onde? Num lugar que eles chamavam de "futin". Era o "futin". Então, era o seguinte: os rapazes ficavam de pé, todos de pé em volta da praça e as moças, igual vocês estão aqui, dando voltas, dando voltas, dando volta. E na esquina tinha um bar chamado Bar Cruzeiro do Sul. Nesse bar, tinha um alto falante e tinha um apresentador que está vivo, ele está na cidade, chama Bendrath Júnior. Se vocês conseguirem localizar o Bendrath Júnior...o Bendrath trabalhou com o Altino Correia e muito! O Bendrath é da mesma geração, da mesma época. O Bendrath apresentava. Eles vendiam os comerciais, por exemplo, Casas Pernambucanas, Bar Joá, bar não sei o quê, e falava. Aí depois, punha a música. E como é que era? O rapaz ia lá ou a moça e falava: "Olha, quanto custa?". Exemplo: "Dois cruzeiros..." – dois reais. "Eu quero o seguinte, o senhor anota aí. O senhor fala: moça do óculos, cabelo comprido, oferece a música do Roberto Carlos". Exemplo né, é... anos 1940, mulher dos anos 1940, estou dando exemplo da minha faixa de idade aqui, e... "Fala que quem está oferecendo é a moça de vestido vermelho com bolinha azul". Aí o cara falava: "Olha, vamos ouvir Roberto Carlos é... a moça dos anos quarenta, a moça de cabelo comprido e tal, do vestido azul de bolinha vermelha, oferece para o rapaz de cavanhaque". Aí os caras de cavanhaque ficavam um olhando um para o outro: "Eu não sou". O cara falava: "Eu acho que é você hein! Você tem cavanhaque, acho que é você". O outro: "É... pera aí". Aí oferecia para um cara que tem bigode. Os caras de bigode ficavam tudo olhando e rapaz...E ficava procurando nas moças que passavam, aí as moças ficavam passando, os caras ficavam: "Alá! Vamos ver". Aí passava uma: "Será que é

aquela?”. “Acho que ela está procurando”. Aí localizava: “Ah! É aquela ali ó!”. Era a comunicação da época. Então, tinha jovens que iam na Praça 9 de julho só para isso: comer pipoca, tomar chá, ali embaixo tinha um chá, no Bar Cruzeiro do Sul – o chá mate –, ouvir as músicas que eram oferecidas e era o lazer da época da juventude. E nos domingos ir aos cinemas. Tinha o Cine Presidente, o Cine João Gomes, que era no centro da cidade, o Cine Fênix virou Cinerama, o Cine Ouro Branco. Hoje tem cinema só no shopping, né? Não tem mais. E, naquela época, só para completar, a molecada ia lá em frente do cinema para trocar gibi. Levava gibi, trocava e as meninas iam para paquerar os rapazes e os rapazes juntavam dinheiro durante a semana para comprar bala. Dentro do cinema tinha uma bala muito gostosa, chamada bala Toffe. Aí enchia o bolso, sentava perto das meninas: “Você quer uma bala?” – para começar o papo. Aí as meninas: “Deixa eu ver...é bala Toffe”. Aí já “pah”, três, quatro bala para menina, pronto! Já começava a paquera. Daqui a pouco estava namorando. Era coisa da época.

### **Qual era a realidade do rádio nas décadas de 1950 e 1960**

Olha, todas menos a *Rádio Difusora*... Ah não. A *Rádio Difusora* depois que mudou, ela foi aqui na Dr. José Foz, depois ela mudou ali onde é o fundo do Pastorinho, ela tinha também um auditório, que tinha um programa com um cidadão chamado José Guerreiro. A maioria delas tinha que ter auditório, porque pelo auditório, eles apresentavam os programas ao vivo. Então, transmitia futebol, aqui tinha um time muito bom que era a Prudentina. Eu tenho uma camisa aí da Prudentina, que eu guardo de recordação. E, tinha o Corinthians de Presidente Prudente, que o pessoal carinhosamente chamava de Corinthinha, para não confundir com o outro Corinthians, lá de São Paulo. Foi um grupo de corinthianos que fundaram esse Corinthinha. Todas as emissoras transmitiam futebol e tinham programa de esportes, tinham mesa redonda. Nas mesas redondas, eles discutiam os aspectos políticos da cidade e da região. Então, era mais de uma hora de programa. Na *Rádio Presidente Prudente*, foi criado um programa de sátira, era o Tito Júnior (que faleceu) e o Alete (que está vivo), era chamado “A Cadeira do Ditinho”. “A Cadeira do Ditinho” fez um sucesso espetacular, a cidade parava para ouvir. Era como se fosse uma barbearia, onde um era barbeiro e o outro ia lá cortar o cabelo, e eles ficavam lá conversando sobre futebol, sobre política, sobre todos os assuntos. Então, “A Cadeira do Ditinho” era a cadeira do barbeiro, o barbeiro era o Ditinho entendeu?! Eles... mas, todo dia tinha esse programa, era de cinco a 10 minutos. Era um espetáculo. E tinha os programas infantis. Tinha que ter, que o público infantil da época era maravilhoso, hoje mudou tudo né... Tem televisão, tem a internet, principalmente. Não vou falar que a internet vai acabar com o rádio ou vai acabar com o jornalismo, vários jornais da época viu? *O Imparcial*, está até hoje, *Folha da Região*, o *Correio da Sorocabana*. Eu trabalhei no *Imparcial*, na *Folha da Região* e no *Correio da Sorocabana*. O *Diário de Prudente*, o *Diário da Região*, esses jornais todos existiram, só que, infelizmente, o tempo foi passando, os jornais foram desaparecendo. Ah, e teve o *Oeste Notícias* também. Eu trabalhei lá há pouco tempo. Eu fui mensageiro de esporte lá. Agora, naquela época, tinha espaço para amadorismo. Naquela época, tinha espaço para o futebol da cidade. Não tinha o Prudentão. Tinha dois estádios de futebol: tinha ali onde é a Prudentina, o clube. Ali era um estádio maravilhoso. Aquela foto que eu tenho ali na parede, eu jogava pela Prudentina, e tinha esse estádio aí. E tinha o campo do Corinthinha, onde era o Shopping Americanas. Ali era o estádio de futebol e um belo estádio. Um absurdo.

Uma loucura quando venderam o estádio, porque na minha opinião, tirou o romantismo e afastou o público, porque naquela época, o transporte da época era ônibus, o coletivo. Qualquer ônibus que você pegasse, em qualquer lugar da cidade, passava ali perto da cidade, você estava dentro do campo. Hoje não. O parque Prudentão é longe. Quem não tem carro não vai; ir de ônibus lá e quando termina o jogo? Vai terminar o jogo, você vai chegar em casa 20h. Aí você tem que pegar um ônibus, vir no centro da cidade e depois pegar outro.

### **Como era a relação entre o rádio e o público na época?**

Nossa Senhora... Se não fosse o rádio, não tinha veracidade. O rádio começava dominar às 5h da manhã, 4h30, porque começava os programas sertanejos. Era uma concorrência danada! Teve uma dupla aqui em Prudente, que chegou a cantar num programa chamado Globo Rural. Não é esse Globo Rural de hoje não, lá na TV Globo. Quem apresentava era o Lima Duarte, que ainda é hoje um dos atores da Rede Globo. Um careca já, um senhor de idade. Naquela época, o Lima Duarte comandava um programa e de Prudente foi lá cantar no programa dele uma dupla chamada Nhô Nico e Celestino. Infelizmente, são falecidos, sertanejos. Nossa senhora... eles apresentavam um programa, davam um banho de audiência, tinha o Nhô Miguel. O Nhô Miguel trabalhou com o Bendrath Júnior e trabalhou com Altino Correia. O Altino se lembra do Nhô Miguel.

### **De que forma o rádio influenciava na formação de opinião pública?**

Ora, por exemplo, eu vou falar de uma gafe que eu cometi para você ver a importância do rádio, mas foi... eu trabalhava na *Rádio Comercial*, na década de 1970. O rádio ainda tinha credibilidade. Aí, eu estava apresentando um programa de esporte e um cidadão telefonou lá e falou para o sonoplasta, o técnico de som: “Ei, avisa o Sérgio Jorge aí que está pegando fogo lá no posto perto da rodoviária”. Tinha um posto lá, que hoje não tem mais, posto de gasolina e para evitar o trânsito lá, não é que o rapaz me avisou? Escreveu em um papel. Eu peguei e falei: “Atenção. Notícia extraordinária. Acaba de chegar a informação de que o posto da rodoviária – era conhecido assim –, está pegando fogo! Está totalmente tomado pelas chamas. Vamos evitar passar por lá, porque o posto está totalmente sendo destruído”. Cinco minutos depois, estava lotado de gente lá, foram procurar para ver o incêndio. E, não é que era mentira? Não tinha ninguém lá. Não tinha incêndio nenhum. O dono do posto ligou na rádio, queria processar a rádio e queria me processar. Falou: “Onde já se viu dar uma notícia dessa?”. Porque o rádio ele era nota mil. O rádio falava, toda a cidade comentava, meu Deus! E o pior, acabou o programa, começou “A Voz do Brasil” e quando começava esse programa, tem até hoje, ele já vinha de Brasília e não podia parar, era programa do governo... Não tinha como você passar, entrar no meio do programa, para desmentir, para corrigir a informação. Meu Deus. E eu tinha aula, eu tinha que sair de lá e ir para a escola; estudava, como se fosse hoje, o ensino fundamental no IE Fernando Costa. E eu tinha prova, eu não podia faltar, eu saía que nem um foguete com meus gravadores na mão, ia pra escola e depois eu tinha que chegar aqui em casa às 23h, a aula acabava às 22h45, para gravar a rádio do Rio e de São Paulo para ter conteúdo, matéria para fazer até duas horas da manhã na máquina de escrever para o jornal que tinha de manhã, às 7h horas, chamado jornal das 7h.

### **Como funcionava o trabalho de rádio-escuta?**

O rádio-escuta, eu até modernizei, porque eu fiquei responsável por montar o jornal do meio dia, antes era o jornal das 7h. Depois, teve o jornal do meio dia e os informativos de hora em hora. Tinha os informativos, cinco minutos, e tinha um detalhe: não podia ficar repetindo as notícias. Então, eu tinha que gravar as emissoras de rádio de São Paulo e do Rio, principalmente, e do Rio Grande do Sul. Eles davam o noticiário de lá e eu gravava e depois punha um fone de ouvido, ia ouvindo e o que interessava, passava na máquina de escrever, só com dois dedos, que eu não sei escrever até hoje com todos, eu aprendi na marra com dois dedos e acabou. Aí, eu peguei, chamei lá um técnico de som e falei pra ele, nós tínhamos um gravador grandão, velho, antigo e eu falei para ele: “Olha, vamos fazer o seguinte: você não pode modernizar para mim esse gravador? Que eu tenho um plano aqui na cabeça”. “Qual é?”. “Toda hora que fico parando o meu gravador aqui (*imita barulho pausando o gravador*), é complicado. Eu acho que se eu gravar em fitas redondas...” – eram umas fitas assim, eu tenho aí guardado de recordação, eram umas fitas redondas assim (*demonstra com as mãos*). Eu falei: “Eu ponho lá no gravador, gravo direto, e jeto nele um fio. Você ejeta para mim e eu ponho um fio embaixo. E, no pé, eu faço o freio. Num movimento eu ligo e quando a notícia estiver acabando, eu paro. Aí escrevo, aí volto lá, aí escrevo e solto”. Ele fez isso. Ah! Aí virou uma beleza.

### **Em relação ao correspondente, como era o trabalho desse profissional naquele período?**

Olha para o rádio, era via telefone. Eu fui correspondente da *Rádio Bandeirantes*. Tinha horário marcado para gravar. Eu pegava o telefone, ligava lá na *Rádio Bandeirantes*, aí passava as informações do futebol. E, na época do carnaval, eu tinha a obrigação, compromisso que eu tinha firmado com a *Rádio Bandeirantes*, de dar o noticiário do carnaval de rua e dos salões aqui de Prudente, porque tinha carnaval em tudo quanto é clube, Prudentina, Tênis Clube, Acae. Então, naquela época, eu fazia por telefone para a rádio. Para jornais, por exemplo, para o *Diário de São Paulo*, para a *Folha de São Paulo*, que eu escrevi, batia na máquina, era tudo datilografado e punha no correio hoje e chegava lá amanhã cedo. Então eles, o que interessava para eles eram as notícias da semana. Então, chegava lá, eu mandava duas vezes, quando tinha algo de extraordinário, por exemplo, na época que morreu um prefeito aqui. Um cidadão matou o prefeito Florivaldo Leal, ele dá nome ao prédio da prefeitura. O cara pegou a marreta e meteu na cabeça dele e matou ele. Aí, eu passei para eles, eu fiz o boletim pra rádio e ao mesmo tempo para o jornal.

### **Nenhum dos dois veículos discordava que o senhor trabalhasse para dois veículos ao mesmo tempo?**

Não. Porque, naquela época, quem lia jornal, lia jornal. Era uma classe mais elitizada. Rádio era da classe média para baixo. Então, não tinha... não era bem uma concorrência. Agora, quem copiava era a rádio. A rádio que copiava o jornal. Tinha alguns jornais falados aqui na cidade, se você ouvisse, você não sabia, porque eles estavam lendo tudo que estava lá na *Folha de São Paulo*, no *Estadão*. Então, não tinha concorrência. O pessoal chamava de “gilete press”. Por que “gilete press”? Porque cortava com gilete as notícias, passavam uma gilete, ia cortando, ia

separando as principais notícias. Então cortava uma parte da *Folha*, outra parte do *Estadão*, uma parte do *Imparcial*. E montava o jornal, e colava numas folhas aí e dava as notícias. Então, naquela época, era assim.

### **Qual era a importância do correspondente regional no jornalismo?**

Eu acho muito importante pelo seguinte: porque lá em São Paulo, no interior, tem muita gente ligada a nossa região. Saíram daqui, por exemplo, o cidadão foi para Ribeirão Preto e se casou lá. Ficou lá. Foi para Rio Preto, ficou lá; outro foi para São José dos Campos, ficou lá. Como é que ele vai saber das coisas que estão acontecendo aqui? Se as rádios daqui não alcançam lá, o alcance não vai lá, hoje até que vai, naquela época não. Eles ouvindo as emissoras de São Paulo, lendo os jornais de São Paulo, eles ficavam sabendo do que estava acontecendo aqui na região. Então, essa era uma importância fundamental, porque todas as notícias daqui de Prudente e da região iam pra lá. O Altino Correia, por exemplo, foi um que veio de presidente Venceslau e ele mandava também as notícias da região ali de Presidente Venceslau, de Santo Anastácio, de Presidente Bernardes, ele mandava até para Prudente. E o Altino falava por telefone. Falava muito bem, ele tem uma voz muito bonita. E, ele mandava para São Paulo também. Então, os correspondentes eram muito acionados, porque eram muito importantes.

### **Quais eram as dificuldades para se exercer o jornalismo na época?**

O duro era quando, por exemplo, alguém falava assim para nós: “Olha, está acontecendo um problema lá em Presidente Epitácio. A Câmara de lá agora a tarde resolveu...” – estou dando como exemplo, para você entender melhor. “A Câmara está reunida lá de forma extraordinária e vai cassar o prefeito”. Para você ir lá acompanhar, você tem que sair daqui e ir lá. E, às vezes, você não tinha uma condição tão rápida. Então, às vezes, tinha que ir de trem, ia ali na Fepasa. Eu cansei de ir de trem, era o veículo mais barato e era rápido. Para nós era... a gente ia de trem. Eu acho que foi um grande erro do Brasil, em alguns estados, principalmente em São Paulo. Era econômico e era ágil. É claro que se você falasse assim: “Ah, mas se for a São Paulo, você demora de ônibus seis, sete horas e de trem você demora 10, 12 horas”. Eu já fui radiar jogos de futebol indo de trem, mas o custo econômico ele era irrisório, perto do que se gasta hoje.

### **O que tornava um fato importante a ser noticiado nacionalmente?**

Olha, não era muito diferente de hoje não. Porque, por exemplo, se o Fernandinho Beiramar vem para ser presidiário aqui em Presidente Bernardes, virou noticiário nacional, porque queira ou não, infelizmente ele não é, ele não é um personagem sadio, ele é maligno hoje, ninguém gosta de ter como amigo, nem pensar. Fernandinho Beiramar. Na época, se acontecesse isso também era. Então, por exemplo, se acontece aqui uma pesquisa aí do HR, exemplo, ou na Santa Casa, para diabetes, porque em Rio Preto, em São José do Rio Preto, em Ribeirão Preto, eles tão fazendo pesquisa e parece que tá evoluindo. É um noticiário nacional, porque a diabetes, é uma notícia maldosa, é a segunda causadora de mortes no país. A primeira é a AIDS, até o câncer opera hoje, se descobrir em tempo e cura. Agora, a AIDS, infelizmente, pegou, matou. Agora, a diabetes tem que se cuidar, porque ela é uma doença que requer todo cuidado do mundo. Agora, veja bem,

quando há algo novo, se torna uma coisa assim que ninguém espera, aí vira, como virava uma notícia.

### **Quais eram os principais assuntos noticiados na época?**

Política e esportes, na época. Porque o futebol de Prudente era muito bom, prudentino. Tinha um time fortíssimo. Era um time muito bem arrumado e nós tínhamos aqui esses jornalistas, que eram da mais alta qualidade, eles descobriam fatos super importantes. Era uma equipe maravilhosa. Então, você pegava o seu Adelmo... às vezes, eles trabalhavam todos juntos, seu Adelmo Vanalli; Altino Correia; José de Alencar, que era da outra rádio, *Difusora*, infelizmente faleceu; Geraldo Soller; Flávio Araújo, que era da *Rádio Presidente Prudente*, ele era tão importante que ele foi para a *Rádio Bandeirantes* e virou narrador de Copa do Mundo. Então, naquela época não tinha televisão para assistir à Copa do Mundo. A gente via, assistia... assistia não, acompanhava a Seleção Brasileira pelo rádio. Era só rádio. Eu, em 1958, era um “molecão”, eu tinha oito anos de idade. Em 1962, eu tinha 12 anos de idade. Em 1958, eu acompanhava a Copa do Mundo pelo rádio. Como em casa não tinha rádio, eu era pobre, eu fui à casa de um amigo lá no alto, lá na Vila Industrial. Ele gostava de futebol como eu e lá nós nos juntamos em vários amigos e ficamos na beira do rádio escutando o jogo. E saía gol do Brasil, a gente comemorava, era uma festa no rádio. Em 1962, eu já tinha mudado lá da Vila Industrial para uma área mais central, aqui perto da Prudentina, aí sabe o que eu fazia para acompanhar? Ia ao centro da cidade, perto do Tio Patinhas, existe até hoje, ali tinha os alto-falantes grandões e eles ligavam no jogo. No rádio lá embaixo reproduzia. Ali é calçadão hoje. Lotava de gente lá, mas lotava mesmo. Era como se fosse um campo de futebol. Todos ficavam ali ouvindo jogo e torcendo mesmo. A gente gritava, torcia e comemorava. Era uma maravilha. São tempos românticos que, infelizmente, não voltam mais.

### **Como era organizado o quadro de profissionais nos veículos da época?**

Olha, tinha bastante gente. Mas, tinham aqueles que se sobressaíam né? Por exemplo, eu não falei no Genésio Baresson. Genésio faleceu. Genésio Baresson trabalhou com Bendorath Júnior, que eu acho que vai acrescentar muito pra vocês se vocês conseguirem localizar, porque ele participou dos bons tempos do setor de comunicação, ele é pioneiro em certas atividades do setor de comunicação. O Tadashi Kuriki está vivo. O Tadashi foi vereador. Tadashi foi deputado, se elegeu deputado, veja bem. Por quê? Por causa do rádio. O rádio ele popularizava, e a pessoa... Eu ganhei minha eleição. 50% foi pela popularidade que o rádio me deu, tinha, para ganhar uma eleição tem gente que gasta 200, 300 mil hoje. Eu não tinha dinheiro. Sabe o que eu tinha? Popularidade, amizade, minha mulher e minha família me ajudando. Nem cabos eleitorais eu tinha. E aí foi que eu ganhei minhas eleições.

### **Qual é a contribuição deixada por Altino à imprensa regional?**

Olha, eu penso o seguinte: você tem a oportunidade de ouvir, só de ouvir. De ver o trabalho dessas pessoas, é maravilhoso para a sua formação. Porque o Altino é muito humilde e muito simples. Pelo potencial que ele tem, pela qualidade profissional, pelo ser humano que ele é, ele é muito humilde. Ele é simples demais.

Eu aprendi que na vida arrogância: zero. Não contribui com nada não. A humildade: 10! Caráter 10. Forme um bom caráter. Você tem condição de formar o seu caráter sim. Esse negócio aí de dizer: “Ah, porque não dá para eu formar o meu caráter, porque ele já veio formado”. Não é verdade. Pode até ter vindo, mas você contribui. Tem aquele ditado: “Quem gosta de mim, sou eu”. Tem tanta coisa ruim que você não precisa assimilar e tem coisa boa, que é o caso do Altino e da geração dele que você pode assimilar. Por que não? Você aprende sim! E o Altino, sem ele saber, foi um mestre espetacular para muita gente. A geração dele contribuiu e muito para o rádio de Prudente! E contribui até hoje. Até hoje. Eu não estou falando com vocês? Eu não estou falando sobre ele? Por quê? Porque eu ouvi, eu trabalhei do lado dele.

### **Como era trabalhar com ele?**

Era muito legal. Mas, eu tinha uma obrigação e ele tinha outra. A minha obrigação era do lado esportivo e a obrigação dele era do lado político, mas era... ele sempre foi humilde. Se você buscasse nele alguma informação, tivesse alguma dúvida, ele era prestativo. Sempre foi. Companheiro, amigo. Ora, o que eu preciso falar mais de uma pessoa dessas? Pessoa espetacular. Eu acho que o Altino precisa viver muito! Porque ele vai acrescentar muito ainda para nós, para a sociedade. Ele veio de lá, nós tomamos a liberdade aqui em Prudente, nós não pedimos autorização, fomos lá em Venceslau e entre aspas roubamos o Altino. Ele veio para Prudente. E em verdade, nós não tínhamos esse direito, né? Porque ele é de Venceslau. Ele é espetacular. Ele, o Altino, ele merece mais, viu? Do que ele fez por Prudente. E, eu me incluo entre aqueles que não prestaram para ele uma homenagem mais digna, porque eu fui vereador. Mas, é que a gente tem tanto compromisso que às vezes foge. Mas ele merecia, um título, por exemplo, de cidadão prudentino. Ele merece até hoje. A Câmara de Prudente pode corrigir isso daí e pode e deve. Eu até vou sugerir pra alguns amigos que eu tenho na política para dar um título de cidadão prudentino para ele, porque ele merece. Ele contribuiu e contribui muito com o jornalismo de Prudente, tanto em rádio como escrito. O Altino não é qualquer pessoa não. E é um cara que não cobrou nada! Ele não cobra nada da sociedade. Eu é quem estou falando, eu é quem estou reconhecendo. Ele é uma pessoa espetacular. Diferenciada. Diferenciada, pode ter certeza disso. O Altino é di-fe-ren-ci-a-do. É um cara muito capaz, muito competente, fazer o quê? Muito qualificado, mas infelizmente, nem sempre as pessoas qualificadas, nota 10, são reconhecidas, né...

### **Tem alguma história que marcou esse período de convivência com o Altino?**

Olha, o Altino, a gente lá no jornal, cada um que chegasse lá tinha a sua pauta, né? Então, ia trabalhar. Eu ia fazer a minha função, ele fazia a dele. Mas, eu me lembro que numa época, nós trabalhamos mais próximos, porque foi festividades da semana do município. Então, o jornal fez um caderno especial falando sobre a cidade, aí englobou tudo. Política, esportes, enfim, tudo. E eu tive a oportunidade de ter maior aproximação com ele, proximidade. Então, eu não esqueço do quanto eu até aprendi com ele, porque certas coisas do esporte eu perguntava para ele, porque ele também gosta de esportes. Então, da origem da Prudentina, o futebol de lá, ele começou com o basquetebol, aí do basquetebol foi para o futebol em 1937. Então, o presidente da época chamava Darci Marcondes, aí veio para o futebol, veio seu Félix Ribeiro Marcondes que faleceu, faz o quê? Uns três meses. Em 1937, 1940, eu não era nascido, e calhou de eu ter que escrever sobre a Prudentina,

porque o Corinthinha já foi diferente, eu não tinha nascido. O Corinthinha foi fundado em 1945, aí eu tinha alguns amigos que sabiam um pouco do Corinthinha e eu procurei com eles informações, então eu procurei o Sr. Milerlzaac, que tinha um terreno para a construção do campo do Corinthinha. Ele era um corintiano fanático da época; o seu Adalton Delfim... São pessoas que infelizmente não estão mais aqui; o seu Humberto Salvador, que é pai do Dr. Henrique Salvador, que está vivo. Humberto Salvador é o nome de um bairro aí, tem um bairro na cidade que chama bairro Humberto Salvador. E essas pessoas me fortaleceram muito, aí eu buscava informações com o Altino Correia.

**NEIF TAIAR**

Radialista e jornalista

Data da entrevista: 24/03/2017

Meio: presencial

**Como era o cenário da comunicação na época em que começou a trabalhar?**

Bem, o contexto geral, você vai chegar a uma conclusão que é sempre igual. Naquela época e a época de hoje, não mudou nada, porque a notícia está lá para quem chegar primeiro e souber fazer bom uso dela. Era muito tranquilo, muito calmo, despertava muito interesse da população de Presidente Prudente ainda nova e já faz tempo, né? Faz tempo que nós estamos nesse ramo que nos induz a ir fazer visitas mesmo que não queira, porque é sempre igual. Daqui 30 anos vai ser a mesma coisa.

**Nesse período existiam muitos veículos de comunicação na região? Quais?**

Poucos. Aqui na nossa região, por exemplo... você quer saber mais da nossa região, né? Nossa região, aqui em Presidente Prudente, tinha uma emissora de rádio, um jornal e do mais alto-falante, que era usado para população se divertir a noite. O resto era tudo igual, poucos veículos.

**Como funcionava o serviço de alto-falante?**

O de Santo Anastácio... vou falar por esse aí, porque eu trabalhei lá. Era na praça da cidade, o pessoal sentava nos bancos, na Praça 9 de julho aqui, e daí contava histórias, fazia história, como acabou fazendo essa daqui. Não mudava muito de um sistema de estúdio de funcionamento, era idêntico. Para tirar melhor um pouco a situação, para melhorar um pouco a situação, eles sempre procuravam fazer coisa nova. Rádio, por exemplo. Era igualzinho o rádio, era uma cópia do rádio, só que de melhor alcance, mas era igual. Tinha o rádio, tinha programas, programa do Chico Alves, que era o cantor da época famoso. Noel Rosa. Enfim, toda aquela turma de rádio e televisão de hoje e que chegou a trabalhar lá para quem ainda estava vivo. É a mesma coisa. Tinha programa que mandava bilhete amoroso. O pessoal se divertia, viu? Era bom, era ótimo.

**Quais eram os veículos da época?**

Olha, Presidente Prudente, por exemplo, tinha só uma rádio que era a *Rádio Difusora*. Jornal só tinha um, depois chegou o *Correio da Sorocabana*, o segundo jornal. O *Imparcial* e o *Correio da Sorocabana*. E que mais que tinha? Era isso aí. Revista era esporádica, de circulação esporádica, não era constante não.

**Como era vista a profissão de jornalista naquela época? Era muito valorizada?**

Não. Eles achavam que eram tudo fantasma, porque ninguém dava bola para o jornalista. Ninguém ligava, não.

**Por que as pessoas buscavam trabalhar com jornalismo naquela época?**

Falta de emprego e alguns que achavam bonito, como no meu caso. Eu achava bonito trabalhar em rádio. Que arrependimento!

### **O senhor se arrepende?**

Não. Brincadeira! (*risos*) Gostava muito, tanto é verdade que tenho boas lembranças da época. Fiz boas amizades.

### **O que o senhor lembra em relação à produção de notícias na época?**

Olha, por exemplo, lá no alto-falante tinha a rádio de Santo Anastácio. Tinha o jornal falado. Era mais ou menos igual São Paulo, recorte. Às vezes, você pegava a maioria das notícias do dia anterior, mas tudo recorte. Não tinha esse meio de comunicação fácil. Uma coisa que nós não abordamos ainda na conversa que nós tivemos antes é o serviço de informação mais amplo. Era feito através do telégrafo. O telégrafo ajudou muito. Nós tínhamos telégrafos famosos aqui na cidade de Presidente Prudente. Trabalhava na rádio da estação da estrada de ferro Sorocabana. Cada agência... como é que fala? Do interesse da população, eles traziam através de uma repassagem de Presidente Prudente para São Paulo, São Paulo para cá, mas tudo pelo telégrafo. Vocês conheceram telégrafo? É velho.

### **O senhor falou do telégrafo, mas e o telefone? Ele ajudava bastante?**

Não. Quem ajudava mesmo era o telégrafo. Eram as agências de difundir informação eram via produzidas pelo telégrafo. Pelo telefone era muito difícil, era muito caro. Muito difícil... estava engatinhando... não existiam muitas coisas que nós pensávamos que não podiam surgir para ajudar no desenvolvimento da cidade e da região. Não foi nosso caso. Eu conheci os telegrafistas... não me pergunta o nome que eu não lembro mais... mas eram grandes amigos meus. Faz tempo também, não dá para lembrar. Vocês foram os primeiros a chegarem aqui para fazer essa entrevista, eu vou dar um furo para vocês de um amigo nosso, um companheiro nosso que foi o maior telegrafista que apareceu aqui em Prudente, aqui em Presidente Prudente.

### **Como que era transmitir uma informação em uma cobertura jornalística pelo rádio?**

Pelo rádio? Pelo rádio é igual hoje você entrar... fala um instrumento de comunicação aí... *TV Fronteira*, igual... sentadinho lá no estúdio, com um monte de papel assim que foi ele que escreveu... porque depende muito do proprietário da emissora de adquirir espaço entre os bons profissionais, que são muitos. Aqui Presidente Prudente foi uma grande formadora de profissionais do rádio, do jornal, inclusive produzindo elementos que deixaram a cidade e ainda hoje estão trabalhando em grandes veículos de comunicação, como o SBT, como a *TV Globo*. Enfim, quase todos os demais canais têm, tanto no rádio como na televisão, tem gente produzindo em Presidente Prudente.

**Como era organizada a equipe de profissionais dos veículos, na época? Em média, o quadro era composto por quantos funcionários?**

Relativamente bom. Não era grande, mas era bom. Cada setor tinha um elemento ali ou ganhando ou fazendo de graça. Tinha uns cinco profissionais. Cada vez mais vai diminuindo cada vez mais. Acho que eles têm ódio da comunicação. Acha que nosso trabalho não vale nada. Nosso trabalho qualquer um faz, qualquer trouxe faz. Não é não. É uma missão árdua, difícil de você levar. Você precisa ser artista para não entregar o jogo.

**O senhor teve empresa de comunicação. Como que era abrir um jornal na cidade?**

Era fácil. Desde que você se apresentasse competente para o negócio, era só procurar um cartório, registrava o título, documentos, os responsáveis, o redator, o diretor redator... onde imprimia tudo... era fácil. É como hoje também. Hoje é a mesma coisa. Até dá para copiar *Rede Globo*, *TV Bandeirantes*, *SBT*. Dá para copiar igualzinho, sai a mesma coisa. Só muda o nome.

**Em relação ao jornal impresso, como funcionava o processo de impressão?**

Era difícil. A ideia era incipiente, era fraco ainda. Não tinha estourado o que era para acontecer há mais tempo aconteceu depois. Se bem que o Brasil acompanhou muito o progresso e o desenvolvimento da imprensa no mundo. Teve muito desenvolvimento a imprensa no Brasil. Mas, primeiro foi com o tipo. Teve um período antes no jornal, que não fosse o linotipo, era puxar o tipo na mão. Esse foi o pai de tudo. Depois veio o linotipo, depois veio o computador e nós estamos ainda na era do computador e ajudada pelo telefone celular.

**O que eram as peças de tipos?**

Eram pequenininhas. Do tamanho que você quisesse. Tinha corpo 24, corpo 18, corpo 16, corpo 17, e assim por diante. Eram variados os tipos. Igualzinho formato e tamanho eram os mesmo de hoje, só que hoje tem a modernidade da televisão. Tinha uma caixa, tinham as gavetinhas expostas semelhantemente ao do dia anterior, antes de ela ser utilizada. Ela voltava para a caixa depois. Era usada várias vezes, então você puxava o tipo, que era o tipo de um pedacinho de papel. Deixa eu lembrar o que pode ser semelhante ao tipo... o palito de fósforo, mais gordinho um pouquinho seria o corpo menor. Vamos lá... Puxava ele da caixa de madeira que eu me referi, colocava no... uma pena que a memória não traz de volta a informação que você deseja, mas era mais ou menos uma gaveta e ia para a máquina. Da máquina, imprimia e era distribuído novamente para fazer outra vez o jornal. Uma fita... tinha um tablete assim, desse tamanho mais ou menos, que ficava nessa posição para não cair. Então ia pondo, firmando. Era bem apertadinho. Tinha certinho para bater. O amanhã, por exemplo, puxava o A... amanhã... era uma rapidez de nos assustar até. Era bonito.

**Qual era o formato do jornal da época, tabloide standard?**

Tinha os dois tipos. Não tem muita diferença para os de hoje não.

**A impressão era muito cara? E o papel?**

Era mais barato que hoje. Parece estranho, mas é verdade. Era mais barato do que hoje. E era o mesmo papel. Feito no Brasil. O Paraná é grande produtor de papel.

**Como foi para o senhor trabalhar durante o período ditatorial?**

Ah, foi fácil. O pessoal fala que era muito difícil, que tinha muito interesse em uso, mas é mentira. Na minha opinião, a informação é mentirosa, só atrapalha, porque o Governo da Revolução em 1964 foi muito mais calmo que é agora, muito mais produtivo do que agora, era muito mais avançado do que hoje em dia. É um contraste feio existente entre os dois regimes. Não existia muita fofoca. Os “dedos duros”, aqueles que falavam o que não deviam falar, porque era mentira. Eu não fiz jornal, fiz rádio na época. Mais difícil, mais no auge, Costa e Silva, Médici e outros tantos...

**Mas, como era lidar com a censura na hora de transmitir uma informação?**

Olha, quando eles marcavam uma pessoa, queria ferir a pessoa ou incriminar a pessoa ou reduzir a sua carga de informação, então via esse tipo de perseguição que eles falavam, mas não é não. Era por as coisas em dia, porque estava muito atrasado, muito perseguido, muito sem pai e sem mãe também.

**Naquela época, como o senhor contratava um profissional para trabalhar no jornal?**

Eu achava que se tinham condições de trabalho eram profissionais avançados na informação e que trabalhava. Pronto, acabou. Não precisa documento. No que o documento ajuda? Nada, se não tiver competência para trabalhar. Precisava saber. Estudar, ler. Leitura, por exemplo, lia o jornal *Estadão*. Conhece o jornal *Estadão*? Eu lia o *Estadão* quando eu tinha 12 anos, 10 anos, inteirinho. Até os anúncios fúnebres eu lia.

**Por que o senhor decidiu abrir um jornal na cidade?**

Ah, porque você está fazendo faculdade de comunicação? É a mesma resposta. Porque precisava trabalhar. Não importava se chamava *A Voz do Povo*, ou *A Voz de Deus*... precisava trabalhar. Então, você se dirigia para o primeiro chamamento que tinha da informação de que estava faltando alguém em tal lugar. Porque para aprender, você aprende em qualquer lugar, basta você ter interesse, vontade de prosperar, de crescer. Fazer força para ser o melhor entre os que existem. Tem uma porção de coisinha que você vai somando.

**E o senhor ajudou na geração de empregos também na área de comunicação.**

Sem dúvida nenhuma. Se não tiver o veículo, você vai trabalhar onde? Aqui em Presidente Prudente, por exemplo, tem poucos órgãos funcionando. Televisão, rádio e jornal, revista muito pouco. Então não tem tanta fonte de trabalho para você procurar para resolver o seu problema profissional.

**O senhor tem conhecimento dos colegas de trabalho que ainda atuam na profissão?**

Olha, da minha época mesmo eu não conheço mais ninguém. Conheço quase chegando lá. Beto Medeiros, por exemplo, chegou lá e está trabalhando até hoje. Beátran faleceu há pouco tempo, grande amigo meu, foi meu funcionário. Altino Correia, grande profissional, um dos melhores que nós tivemos por aqui e até no estado de São Paulo, eu diria até que no Brasil, porque ele foi correspondente de vários jornais, revistas e não deixava a peteca cair.

**Qual era a postura dos veículos de comunicação frente à sociedade?**

Ninguém mentia, porque nós éramos em pouca gente, então era fácil você encontrar o detrator. “É esse aí ó!” Quem é que aguenta isso? Ninguém aguenta, né? Então, foi fácil.

**Como era a relação entre o público e os veículos na época?**

Adoravam. Se você não colocasse a notícia que ele te passou, ele ficava magoado. É como hoje em dia, não muda nada não. Deus fez os homens para uma eternidade, não foi para um dia só.

**Quais tipos de produtos jornalísticos eram produzidos no rádio?**

Jornal, informação... música também, grandes lançamentos musicais da época áurea da comunicação. Francisco Alves, Martinho da Villa e vai por aí a fora.

**Como era produzir um jornal para o rádio?**

Para o rádio, se você fazia a manchete, separado: “Na edição de hoje vamos ouvir o fulano...”. Essa era a abertura. Depois você ia chamando o que informava e interessava, por exemplo, guerra da Coréia, guerra no Japão, briga no Corinthians, a torcida e assim, a mesma coisa de hoje.

**O que tornava um importante para ser veiculado na grande imprensa?**

Fechamento dos presídios aí que funcionam em detrimento do sossego da população. Que mais? Mais emprego para todo mundo aqui na região. Nós não temos ainda políticos que avançam nesse campo ajudando quem precisa realmente trabalhar e exercer sua profissão. Anos de estudo, anos de interesse pela coisa. É isso aí que está faltando.

**De que forma os assuntos eram levantados pelos profissionais?**

Você vai ser jornalista, já é, mas vai ser mais firme, você sabe que a notícia desperta o interesse de todo mundo na mesma hora. Não sei onde descobrem que fulano tem tal informação, fulano sabe passar melhor oportunidade de trabalho. É assim, surge. Escrevia tanto para a rádio quanto para jornal, fazia vinte linhas mais ou menos de um fato importante. O resto vinha de lambuja.

### **Como era realizar uma transmissão pelo rádio?**

Era difícil porque os aparelhos eram muito obsoletos ainda. Nós fomos transmitir um jogo de futebol em Sorocaba, e eu e o Perenha, Odorindo Perenha, morou em Venceslau, o filho dele foi diretor da *TV Bandeirantes* aqui em Presidente Prudente. Nós fomos transmitir o jogo de futebol em Sorocaba e na volta inventaram lá de retransmitir pelo alto falante. O serviço da rádio ainda era incipiente. O gravador era de fio, não era como os de hoje, era diferente totalmente. Era um filminho, fininho. Se quebrou, tchau. Nós transmitimos o jogo inteiro, o Perenha transmitindo o jogo e eu fazendo comentário e quando chegou lá era para retransmitir pelo serviço de alto falante e quebrou. E agora, como é que nós vamos fazer? Aí nós fizemos a primeira mentira na rádio de Santo Anastácio. Nem sabia, nem os jogadores não sabiam. Os jogadores de futebol daquela partida... "Poxa vida, como esse cara transmite bem". Não era eu, era o Perenha. "Como aquele cara entende de futebol...".

### **Quando o senhor era proprietário do jornal A Região, como era feita a cobertura de notícias do Oeste Paulista?**

Ah, de acordo com as possibilidades do momento. Nós não tínhamos dinheiro para pagar um táxi para ir até lá. Às vezes não tinha dinheiro para pagar um funcionário. É difícil. Não dá para você parar em uma informação correta para definir esse momento.

### **Para o senhor, que já trabalhou em diferentes veículos de comunicação, qual era a diferença entre o rádio e o jornal naquela época?**

Igual. A mesma coisa, viu. O mesmo caminho para buscar informação, porque pode falar o que quiser, mas o que manda no rádio e no jornal é a notícia. O que o pessoal quer é a notícia. E a notícia bem elaborada, não tendenciosa, aberta, franca, corajosa, inteligente. É isso que nós podemos definir.

### **O conceito de notícia sempre foi o mesmo então?**

Sempre o mesmo. Eu fiz a cobertura do Crime da Mala, o único que foi lá meia noite e meia para transmitir o fato. Despertou o interesse de geral. Inclusive moradores de outras cidades que passavam por aqui de caminhão, de carro, de ônibus, iam lá na redação comprar jornal. Foi uma impressão sem parar. Era mercadoria que precisava vender e vendeu bastante até. Foi interessante.

### **O senhor falou da circulação do jornal. Qual era a periodicidade dos jornais da região naquela época?**

Diário, semanário e bissemanário. Era essa a periodicidade.

### **O que o senhor se recorda do período que manteve o jornal Folha da Região?**

Foi uma luta, porque nós estávamos procurando o nosso espaço. Foi tudo difícil. Fazer um jornal não é brincadeira não. É uma tarefa difícil. Precisa gostar também, não é só querer.

**Qual era a importância dos profissionais para que o jornal continuasse existindo?**

Total. Eles queriam que funcionasse, porque eles teriam onde se abrigar, onde fazer o que eles gostavam de fazer e aparecer como importante.

**Como funcionava o dia a dia da redação nesse jornal?**

Não tinha muito movimento, porque tinha pouco funcionário. Todos os jornais tinham poucos funcionários. Eu trabalhei, por exemplo, em São Paulo, no jornal de São Paulo, Diário... o número de funcionários era pequeno. Tinha duas impressoras rotativas, tinha linotipo, uma máquina de escrever que imprime o tipo na hora, o chumbo derretido... é isso aí.

**De forma geral, no rádio, como era o dia a dia dentro de uma emissora?**

Era bom, um clima bom. Vários radialistas queriam apresentar melhor o seu trabalho do que outros, discutiam a possibilidade de fazer sucesso com uma matéria que era para ir para o ar. É a mesma coisa, não mudou nada não.

**Como funcionava o trabalho de rádio-escuta?**

A Rádio Escuta... até um fator importante para você acrescentar, o telegrafista. A estrada de ferro Sorocabana tinha em cada estação dela, em Prudente, Santo Anastácio, Bernardes, Álvares Machado tinha o telégrafo. O Correio também tinha o telégrafo. Então era fácil obter informação. Eles tinham como ganho. O telegrafista dava notícia para você, mas vendia a notícia, igual hoje em dia. A France Press, é tudo assim.

**De que forma os profissionais recebiam as pautas?**

Passava as informações. O ouvinte ou o leitor pegava o telefone, era duro de ligar no telefone, discar e passar para a telefonista, a telefonista passar para o recebimento da notícia. Era difícil, não era fácil não.

**Na época, como era a presença da mulher nos veículos de comunicação?**

O que aparecesse e que queria trabalhar. A mesma coisa também. Tinha pouca gente.

**Quais eram as funções exercidas pelas mulheres?**

Como locutoras, faziam o jornal falado. Geralmente, faziam em dupla, um homem e uma mulher. Para poder mudar a voz, para querer mostrar importância e não tinha nenhuma. Era desse jeito.

**Quem eram essas mulheres?**

Neusa Matos, Lêda Márcia. Ivete Pinheiro foi minha colega de curso científico no IE. E também foi minha colega, nós fizemos o programa pela *Rádio Presidente Prudente*. Boa lembrança.

**E a Ivete Pinheiro? Dizem que ela era muito conhecida no rádio...**

Era conhecida sim, na época ela era a mais conhecida. Ela, a Neusa Matos... Neide Cordeiro trabalhou comigo na *Rádio Comercial*. Grande profissional. Voz bonita, voz boa para fazer jornalismo. Dois tons de voz.

**Então havia a alternância de vozes durante a apresentação do jornal falado?**

Tinha sim, claro. Até porque fica mais bonito, né? Eu estou falando e você está falando aí. O ouvinte, melhora para o ouvido dele e tudo.

**Qual era a importância da publicidade para os veículos, na época?**

Traziam recursos para pagar salário, para pagar despesas, para poder funcionar.

**Tinham muitas empresas que investiam?**

Tinham. As empresas de maior volume de vendas, com maior preferência do cliente comprador, esses davam preferência também para a melhor rádio com a melhor informação. Igualzinho ao comércio de hoje em dia e de sempre. Bancavam porque eles recebiam o troco. Se não recebessem o troco, não estavam bancando não. Eles estão usando o seu prestígio da informação, na precisão da informação, do interesse que tem o ouvinte naquela hora sobre a informação... os anunciantes sabem que é melhor, quem produz melhor.

**Como conheceu o Altino?**

O Altino eu conheci trabalhando em Presidente Venceslau. Eu conhecia, tinha muitos amigos lá... esse rapaz que faz televisão hoje, futebol... Ivan Moré, o pai dele era de rádio e eu ia lá sempre. Então fiquei conhecendo o Altino Correia. Faz tempo, hein? Faz tanto tempo que eu não me lembro quando foi.

**Em quais veículos trabalhou com ele?**

Na Rádio Presidente Prudente. E eu ouço muito ele nas informações que ele passa como correspondente ainda hoje. Bom profissional, excelente.

**Como o trabalho de Altino era conhecido na região?**

Era porque ele era bom mesmo. Dentro da função que ele exercia, ele era ótimo. Não tem preferência não.

**Como era conviver com o Altino na hora de fazer uma cobertura?**

Era boa, muito boa, porque ele era competente, então ele encontrava espaço para atrair a atenção dos ouvintes, era o caso dele. Sempre foi bom profissional. Excelente, eu diria até.

**E como jornalista, quais eram as características marcantes dele?**

Persistente. Eu pegava notícia e na hora já destrinchava. Ele procurava mais sal para pôr na carne.

**Para o senhor, o que define o perfil de Altino?**

O perfil do Altino? É um profissional competente, honesto, trabalhador, meu amigo, o que importa muito e se tivesse um jornal, eu colocava ele de novo. Só isso, está bom.

**Qual a contribuição do jornalista Altino na região de Presidente Prudente?**

Muito grande. Ele não tem o reconhecimento que deveria ter. Eu não sei porque, mas todos são tratados do mesmo jeito. Eles não dão valor para o profissional. Quantas rádios têm em Prudente, tem jornal e o Altino não está em nenhum deles aí, trabalhando em nenhum deles. É triste falar isso, mas é verdade. Não adianta você falar: "É amigo". Amigo é aquele que na hora ruim está te estendendo a mão, está te puxando para cima. Isso é um amigo verdadeiro.

**ADALBERTO LINS E SILVA**

Aposentado e ex-radialista

Data da entrevista: 27/03/2017

Meio: presencial

**Quais eram os veículos que existiam na região em 1960?**

Nesse período eu me lembro que tinha o jornal *A Voz do Povo*, que era dirigido pelo Mário Peretti, *O Imparcial* e tinha um pequeno jornal de esporte chamado *Vida Esportiva*, que era editado pelo Geraldo Soller.

**Qual era a realidade vivenciada por esses veículos?**

Um trabalho de muita dificuldade, naturalmente, para edição de um jornal desse tipo. E, a cidade também era pequena, né? Havia, inclusive, dificuldade na parte comercial, evidente né? Mas, eles conseguiram sobreviver durante muito tempo. Eles faziam mais a coleta de informações para publicação no jornal e o contato direto com o povo. A cidade era menor também e o contato pessoal era bem mais frequente, né?!

**Como era a relação entre o público e os meios de comunicação?**

Eles tinham muita facilidade, exatamente por isso, porque todo mundo conhecia todo mundo. A cidade sabia quem era os que editavam o jornal, quem era da imprensa né. Então, eles procuravam, dentro da medida do possível, facilitar a tarefa pra essas pessoas aí.

**Quando trabalhava em rádio, como era o contato com o ouvinte?**

O contato sempre era bom, porque eu sempre gostei de conversar com as pessoas, com os grupos sociais e assim por diante. Eu não tinha muita dificuldade para isso aí não, a gente se relacionava muito bem.

**Como era a produção jornalística nessa época?**

Bom, a gente ouvia muito rádios das capitais, é claro né? Para pegar noticiário de fora. E daqui, como eu acabei de dizer, a gente fazia quase que ao vivo, né? Entrevistando as pessoas, colhendo informações.

**Quais eram os assuntos mais tratados?**

Bom, a minha área que era área de esporte, geralmente, era futebol, porque modalidades que hoje existem várias, nem existia na época né. Então, aqui tinha dois times de futebol, o Corinthians e a Prudentina. A vivência no esporte era praticamente nisso aí. Tinha também o basquetebol né, lá no antigo ginásio São Paulo com campeonatos muito bons assim... de a gente assistir, com boa qualidade e tudo. A natação tinha, mas era... estava no terceiro lugar, praticamente né.

**Quais tipos de matérias o senhor costumava produzir?**

Eu trabalhei uma boa parte da minha vida no rádio, que foi narrando futebol e comentando futebol também quando em programa de estúdio. Mas, eu também escrevi crônica de programas de aniversários de cidades vizinhas, numa das rádios que estive na época lá, na comemoração do aniversário dessas cidades aí.

**Pode-se dizer que o esporte então naquela época era uma das editorias mais fortes na região?**

Sem dúvida. Era mesmo. A mais forte, porque tinha dois times e bons aqui, né. A gente, quando tinha o chamado *derby* aqui, os dois times jogando na cidade, era uma batalha que valia a pena.

**Existia outra editoria também com destaque na região, por exemplo, política, economia, etc.?**

Isso aí ficava tudo em plano secundário. A política, na época, se fosse mais ou menos como hoje, seria o arroz de todo dia, vamos dizer né. Mas, na época, não era não. Na época, praticamente na área que eu trabalhava, era mais futebol né. Na verdade, naquela época, o que mais o pessoal pedia era ajuda alimentícia, especialmente na época de campanha políticas né. Então, eles aproveitavam essa deixa aí pra deitar e rolar.

**De que forma os profissionais tomavam conhecimento das notícias nacionais para, posteriormente, veiculá-las no interior?**

É... a gente ouvia rádio, né. Porque jornal a gente praticamente nunca assinava na época. E o jornal na época, o jornal dessa época aí, você comprava o jornal, a notícia ainda perdurava, hoje não. Hoje você pega o jornal nove horas da manhã, o jornal já mudou tudo, né.

**Qual era a periodicidade dos jornais na época?**

Eu não lembro bem... Mas, parece que *A Voz do Povo* era semanal; o de esporte, que era o *Vida Esportiva*, se eu não me engano, era quinzenal. Aí depois veio o *Correio da Sorocabana*, que era do Gabriel Otávio de Souza né. Mas, eu não me lembro da periodicidade dele não.

**Que tipo de notícia predominava nos veículos (nacionais ou regionais)?**

Da região e, principalmente local, né. O pessoal na época não se envolvia muito com questão de região não. Era mais município. Hoje, a coisa está mais globalizada, vamos dizer né, mas na época não era assim não.

**Como foi trabalhar como correspondente regional para o rádio?**

É, eu trabalhei, mas foi pouco tempo, questão de meses, seis, oito meses, por aí na *Rádio Bandeirantes*, na parte de esporte só e naturalmente de futebol, né. Era o que predominava aqui.

**De que forma era realizado esse trabalho de correspondência?**

Eu ligava por telefone na *Bandeirantes*, lá em São Paulo.

### **Com que frequência as notícias do interior eram repassadas ao veículo?**

Um dia por semana, né. Eu ligava lá no horário determinado por eles, que já estava pronto lá, não só pra mim, para outros correspondentes tinha horário. Então eu corrigia, as que eram as mais importantes, e passava pra eles.

### **Qual era a dificuldade para exercer essa função?**

Era o problema de linha telefônica mesmo. Porque quase não existia, né. A gente, por exemplo, eu ia transmitir um jogo de futebol, por exemplo, em Assis. A gente tinha que locar uma linha telefônica, outra emissora queria também, só tinha uma linha, quem chegasse primeiro levava. Uma série de dificuldades assim... próprias da época. Antigamente, era tudo por linha telefônica as transmissões esportivas, né.

### **Como a equipe era organizada para realizar uma transmissão ao vivo?**

É, ia um técnico, quando era possível para acompanhar. Ia um técnico para ver a questão técnica, porque o locutor, se é que pode dizer, que ele se especializava, mas ele transmitia o futebol, ele não entendia da parte técnica. Surgiu um problema lá, ele não saberia responder; muito dificilmente saberia resolver. Então, a gente tinha um técnico só para acompanhar, quando a gente ia sozinho então, aí se virava como podia.

### **Em quais momentos eram feitas transmissões gravadas e ao vivo?**

A gente fazia as transmissões gravadas, por exemplo, aconteceu várias vezes comigo e com vários outros colegas de profissão, quando a gente não conseguia a linha telefônica, então quem conseguia fazia na hora, né. Ao vivo, a voz, e quem não conseguia gravava. Depois, na segunda-feira soltava a gravação, isso aconteceu em diversas ocasiões, porque por ser uma linha só, que a Telefônica da época não dispunha de muitas linhas interurbanas, para isso aí, então ela deixava uma pra isso e fazia ligações comuns.

### **Na época em que atuou como correspondente, o senhor fazia matérias apenas na região ou também realizava viagens?**

Não, não. Eu coligia as notícias mais importantes da nossa região e passava então pra *Bandeirantes*, quando eu era correspondente.

### **Como funcionava a questão do pagamento pelas matérias veiculadas?**

Para correspondente, por exemplo, a emissora de São Paulo que eu estava falando, era um serviço voluntário, não tinha retorno nenhum financeiro. O retorno financeiro que a gente tinha era o salário que a gente recebia e comissões da emissora que a gente trabalhava ou o caso de jornal onde o cara trabalhava. Era muito difícil.

### **Como funcionava o departamento de jornalismo de uma rádio na época?**

Tinha um que era responsável pela área de jornalismo, né. E ele tinha os auxiliares, um fazia um tipo de reportagem, outro fazia outro, o locutor ia no horário previsto pela emissora e transmitia aquilo lá. Era como uma hierarquia, né.

**Em média, as equipes dos veículos regionais contavam com quantos profissionais?**

Ah, era quatro ou cinco. Não era muito não, mais ou menos isso aí.

**De forma geral, quais eram as funções desempenhadas pelos profissionais de rádio?**

Bom, aí cada um com sua função, né? Por exemplo, na área esportiva tinha o locutor, tinha o técnico, tinha o comentarista, na época tinha, hoje nem mais existe isso aí. Tinha os repórteres de campo, o Tadashi mesmo foi repórter na minha época lá para entrevistar o pessoal, os jogadores. E assim por diante, como nas outras áreas, mas era sempre um trabalho de equipe.

**Quais funções o senhor exercia no rádio?**

Eu era narrador esportivo, né. Eu radiava o futebol, geralmente no domingo, porque naquele tempo não tinha como hoje, quarta-feira tem, quinta-feira tem, sábado tem. E no estúdio, a gente fazia os comentários da partida que a gente tinha narrado. A gente ia até o local pra narrar. Na época que eu trabalhei na rádio, por exemplo, o começo não tinha nem cabine de rádio, a gente ficava no meio da torcida com o microfone narrando de lá, correndo sérios riscos né. É claro. Não tinha cabine. E mesmo depois da cabine, não mudou muita coisa não, porque o pessoal vinha em frente da cabine quando queria brigar com a gente, agredir, né.

**O senhor se recorda de algum perigo que correu ao narrar algum jogo?**

Lembro. Tem uma cidade da paulista lá que a gente teve que pular o muro lá para cima da caldeira de um caminhão, porque a torcida queria pegar a gente né. O time daqui de Prudente ganhou de lá com um placar muito dilatado e a torcida, ao invés de ficar brava com o time de lá que perdeu, ficou brava com a gente. Então, nós tivemos que pular o muro lá para cima da caldeira de um caminhão para depois pegar no “pio” e sair, senão você não estava fazendo entrevista comigo aqui (*risos*).

**Quando houve a construção de cabines, trabalhavam profissionais de diferentes veículos nesse espaço? Como funcionava isso?**

Tinha uma cabine para cada veículo de comunicação. Jornais não tinham, né? Porque jornal nem precisava. Cabine, assim, porque a pessoa precisava ficar numa posição para ver o jogo lá embaixo e tal, para narrar. E o jornalista, onde ele estivesse, ele fazia os apontamentos necessários.

**De que forma eram levantados os assuntos para serem veiculados?**

Então, a gente às vezes imaginava, por exemplo, quando o repórter, o funcionário saía da emissora para a rua, era: “Bom, vou ver se eu acho em tal assunto...”. O

assunto geralmente que era o coqueluche do dia ou da época assim. Agora, tinha outros que preferiam ficar ouvindo de tudo. Aí depois ele filtrava os assuntos mais importantes, aqueles que mais tivessem comentários, aí levava para o ar.

### **Os profissionais trabalhavam com pauta?**

É, quando tinha assim um acontecimento assim de muito vulto né. Uma coisa muito importante, às vezes ele faziam assim, porque era necessário né. Não tinha sentido os profissionais, todos os profissionais de uma emissora ou de um jornal ou de todos os veículos de comunicação sair na rua, por exemplo, e não abordar o assunto que a população estava mais comentando. Tipo o assassinato do que era prefeito aqui em 1963, parece que foi, não teria sentido você comentar outros assuntos e esse aí você simplesmente silenciar.

### **Quais critérios eram avaliados para que um fato se tornasse notícia?**

Então, aquilo que você ouvia na rua, você fazia uma triagem né, daquilo que você mais ouviu, o que mais o pessoal estava comentando, porque era o que daria mais ibope naturalmente, né. Determinados assuntos.

### **Quais notícias ganhavam espaço nacionalmente?**

Era geralmente, coisa política né? Na área política, né. Prefeitura, câmaras e candidatos, quando era época de eleição. Essas coisas era o que mais se ouvia.

### **Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo na época?**

É... às vezes, era a desconfiança da própria população, porque uma cidade pequena como era aqui Prudente, né. Então, como eu disse no começo, todo mundo conhecia todo mundo e, às vezes, a pessoa até desconfiava que ia para uma outra direção aquilo que a pessoa falasse. Havia esse tipo de desconfiança e havia também a questão financeira de patrocínio, de programas, essas coisas mais para frente aí. Mas aí, por exemplo, eu trabalhava na área de futebol, de esporte, então se eu fizesse um comentário é... criticando, por exemplo, ou a equipe, uma das equipes de Prudente ou a torcida, a diretoria, qualquer coisa, as pessoas que tinham patrocínio na rádio lá, faziam publicidade na rádio, eles iam lá e tiravam o patrocínio, por causa disso aí. Então, chegou uma época que ficou uma situação quase que insustentável. Eu fui chamado pelo diretor, pelo presidente da nossa emissora uma vez e ele colocou essa dificuldade aí, que uma semana a gente fez um comentário criticando a diretoria do Corinthians, que era um time da cidade, a gente conhecia todo mundo né? Eles nos conheciam também, tudo. Mas, aquilo que eles estavam fazendo na parte diretiva do clube, a gente criticou e tal. Aí, uma porção deles foram lá e tiraram a propaganda que tinha na rádio lá. Então, onde falta o cacau, né? (*faz gesto com as mãos indicando dinheiro*). Aí, acaba faltando tudo e dificulta. Ou você faz e corre o risco de não receber o salário ou você, então, não faz o comentário que era preciso fazer. No interior, numa cidade do porte de Prudente, na época, tinha todo esse tipo de dificuldade. Aí a gente tem que optar: ou faz aquilo que tem que fazer ou então você banca o hipócrita, não fazendo aquilo lá para receber o salário, porque senão não vai ter recurso no caixa da empresa na época.

**Como se dava a utilização no telégrafo, enquanto ferramenta de auxílio na comunicação?**

Ah, a gente tinha muito pouco conhecimento disso aí, né. A gente tinha conhecimento que era lá na Fepasa né; chamava Estrada de Ferro Sorocabana, na época. Mas, a gente nunca se utilizou disso aí não.

**Que tipo de relacionamento os veículos de comunicação mantinham com o público naquele período?**

A pessoa, o ouvinte ou o leitor, ele tinha um profissional ou no jornal ou na rádio que veiculou aquela notícia, tinha um profissional lá que era amigo dele, da confiança dele, que ele só botava confiança mesmo quando conversava com aquela pessoa fora do ar. Ele falava: “Vocês noticiaram no jornal ou publicaram na rádio... Mas, isso é assim? Aconteceu?”. Aí ele acreditava. É questão de fonte, né? Eu divulgo uma notícia a respeito do trabalho de vocês. Agora, como é que eu vou comprovar perante quem vem me questionar que aquilo que eu publiquei é verdade? Eu tenho que comprovar aquilo lá, porque senão eu posso até ser processado, né.

**Como as pessoas entravam para a comunicação nessa época, já que não existia uma faculdade na área aqui na cidade?**

Era um emprego como outro emprego qualquer. A pessoa chegava lá, se era uma pessoa que tinha prática de... não sei como é que chama aquele negócio de... para formar as frases naquela época lá, por exemplo, no jornal *A Voz do Povo* né, aquele negócio, aquelas coisas de formar as frases...

**Datilografia?**

Esse negócio aí. Isso aí ou então uma pessoa que fosse um jornalista né. Vamos dizer assim... um funcionário que sai para publicar o jornal, na verdade. Era muito complexo isso daí, porque cada um faz uma função, como você mesma disse que não existia faculdade na época, estudo para isso aí. Não existia ninguém formado. Então, a pessoa entrava e se desse certo ia, né. Se não, aí tinha que arrumar outro emprego.

**Além disso, as empresas chegavam a requerer algum tipo de registro junto à Associação Brasileira dos Jornalistas para a contratação?**

Aquele negócio de Associação Brasileira nem se falava nessa época não. O camarada entrava. Se ele desse certo profissionalmente e financeiramente, fosse frutífero para a organização, o cara ficava. Às vezes, desculpa, ele não ficava na área que ele queria ficar. Mas, ele ficava em uma outra área, mas ia fazer parte do todo do conjunto de colaboradores, né.

**Qual era a média de idade dos profissionais quando entravam para trabalhar com comunicação?**

É... no meu tempo a pessoa entrava já um pouco mais velha né. Com um pouco mais de experiência na vida. Apesar de que tinha os que eram chamados de

contínuos né. Que as pessoas iam levar recado, iam levar encomenda, coisas, hoje chamam, acho que chamam de contínuo, né. É o leva e trás.

### **Mas, também havia pessoas mais jovens, na faixa dos 17, 18 anos?**

Ah tinha. Dependia da oportunidade e da utilidade que ele teria para a empresa né. Porque no final tudo é interesse comercial. Na verdade, no fundo mesmo, é interesse comercial. O camarada pode ser um grande jornalista e tal, não sei o quê, mas para aquela empresa de jornalismo lá ou de rádio se ele não for útil... por exemplo, quando eu radiava o futebol a gente tinha que bancar o agente comercial também. Para eu irradiar um jogo no domingo, eu tinha que arrumar os patrocinadores durante a semana. A rádio não tinha um departamento comercial especializado em buscar propaganda para isso. Eles tinham aquelas propagandas esparsas né. Mas, para o futebol mesmo, a gente tinha que se virar.

### **Tinha aquelas pessoas que também entravam por influência de outras?**

É. Sempre teve. Tem e sempre terá. O apadrinhado. E isso é inquestionável né. É o negócio do QI né, quem indicou.

### **Como o senhor entrou no rádio?**

Bom, eu entrei na *Rádio Presidente Prudente*, é... no tempo do Dr. Hélio, que era o proprietário da rádio que eu trabalhei lá. Eu queria fazer o que tivesse de redação, parte interna, mas eu gostava de futebol. Então, uma vez o Joaquim Nascimento, falou assim: "Por que você não tenta futebol?". Aí eu fui radiar com outro colega lá e gostei do negócio. Não sei se eles gostaram, mas eu gostei né. Mas aí eu permaneci. Eles acharam que dava certo, aí eu continuei lá, fazia... Eu trabalhava na empresa de telefonia, né. Mas eu queria trabalhar em rádio né. E acabei trabalhando. Trabalhei aqui, trabalhei em Santo Anastácio, e por um período curto para a *Rádio Martinópolis* mesmo, aqui em Prudente.

### **O senhor chegou a tirar o registro profissional de jornalista pelo Ministério do Trabalho?**

Não, não. Esse negócio de carteira profissional assinada, esses negócios não. A gente recebia o salário, comissões e assinava o recibo e pronto. Não tinha esse negócio não. Se outros tinham, eu não sei, em outras organizações. Mas pra mim mesmo nunca teve isso aí não.

### **Quais eram as grandes revelações do rádio na época?**

Bom, aqui nós tínhamos, que além de grande locutor e tudo, era um grande companheiro, correto, porque em todo mercado de trabalho, em toda sociedade, em todo o conjunto de vidas humanas, existe também hipocrisia, existe aquele que puxa o tapete e existem aqueles corretos, aí uma das pessoas que eu admiro até hoje é o Flávio Araújo. A gente trabalhou na época aqui. Ele, acho que radiou em cinco ou quatro Copas do Mundo, pelo menos, quando foi para a *Bandeirantes*. Ele foi um dos expoentes máximos da minha época lá. Tinha o José de Alencar também, que era da emissora concorrente; já faleceu. Também trabalhou na mesma época. Tinha

o Joseval Peixoto, que hoje está no jornalismo da *SBT* e morava aqui no norte do Paraná. Ele veio para cá e, quase que por acaso, entrou na questão de esporte, porque ele veio para cá para fazer radionovela né com o Rubens Shirassu e a Ivete, que é esposa do Flávio Araújo, né. Ela também trabalhava na rádio. E o Joseval Peixoto, um dia ele foi num negócio de futebol e acabou gostando, continuou. Hoje, ele é advogado e tem um escritório muito grande lá, um colegiado de advogados lá em São Paulo, tudo. Mas, foi um grande companheiro daqui. Agora, quem eu sempre admirei mesmo, pela correção, muito correto em tudo que ele fazia, era o Flávio Araújo.

**O senhor citou a Ivete Pinheiro. Naquele período, havia a presença feminina no rádio? Qual era essa realidade?**

Tinha. Que eu me lembro, tinha uma chamada... ela foi... na época, chamava sonoplasta, né. É quem rodava os discos, aquele disco LP que chamava, então. Chamava Adélia. Tinha a Julita, que era a bibliotecária da rádio, tinha a Ivete, que trabalhava no microfone, principalmente em radionovela e é... não eram muitas não.

**Que tipo de profissionais predominava no setor de jornalismo?**

É... na verdade, não lembro de nenhuma mulher que trabalhou com jornalismo naquela época, pelo menos da emissora que eu trabalhava [*Rádio Presidente Prudente*]. Das outras, eu não sei.

**No departamento de jornalismo da Rádio Presidente Prudente não havia mulheres, então?**

No jornalismo, não. Tinha a bibliotecária né, que eu falei, tinha a sonoplasta e tinha a locutora, que era a Ivete, Ivete Pinheiro.

**A predominância sempre foi do homem?**

Sempre. Pra variar né (*risos*).

**Para o senhor, por que havia mais espaço para os homens na época?**

Não sei. Acho que vem desde o nascedouro do mundo, né. Os homens sempre ocupando mais espaço, né. Se é justo ou injusto, já é outra questão. Mas, essa é a realidade, inclusive no negócio de salário, posições, de lideranças, chefia e tudo. Mas, sempre foi assim.

**Quando, por exemplo, a Ivete entrava no ar, o senhor pensa que a voz dela causava uma sensação diferente para o ouvinte? Como era isso?**

É... naquela época, era questão de horário né. Naquele horário era a Ivete, participando também com vozes masculinas, porque eram... acho que chamava rádio-teatro, uma coisa assim. Era um tipo de novela, né. E, na época, tinha no rádio aquela famosa "Direito de Nascer", né. Então, muitos se espelharam naquela lá para produzir. Mas, respondendo a sua pergunta, naquele horário as pessoas que ouviam rotineiramente aquela emissora, sabiam que a voz da Ivete ia estar ali, né. Se era

adepto a ela, se gostava do trabalho e da voz dela, mantinham ali; senão desligava o rádio.

### **Qual a importância da mulher nesse cenário da época?**

Foi justamente atender aquilo que ela tem como um direito da vida, né. Por que eu posso ser radialista e uma mulher não pode ser? Por que eu posso fazer um programa na rádio e uma mulher não pode fazer? Desde que ela tenha capacidade para fazer aquilo lá.

### **Por que a mulher tinha diferencial no rádio, naquele período?**

Ah, porque a voz da mulher é mais meiga, né? E é mais gostosa de ser ouvida né. É mais assim... agradável ao ouvido de quem está ouvindo a emissora. É lógico que é.

### **De forma geral, como o desenvolvimento da comunicação auxiliou no crescimento de Presidente Prudente?**

É, foi um fator decisivo, né. Tudo o que você faz, se for comunicado de alguma forma, é comunicação, né. Se não for comunicado de alguma forma, ou seja para o jornal ou seja via boca a boca, porta a porta, como era um trabalho que a gente fazia na Telesp, né. Visitar as famílias porta a porta para levar o serviço da Telesp para essas famílias, é questão de interação. Mas, foi decisivo, é claro, para a cidade. Então, também torna a cidade inteiramente conhecida, né.

### **Pode-se dizer que a imprensa da região levou o nome de Presidente Prudente e das cidades vizinhas à mídia?**

Na verdade, a imprensa de Prudente, ela levou o nome de Prudente para o Brasil inteiro em algumas ocasiões. Em uma das quais, foi quando o prefeito Florivaldo Leal foi morto por um funcionário da prefeitura e, se não me engano, em 1963. Então, na *Bandeirantes*... a gente ouvia várias rádios de fora do Rio, tinha a *Rádio Nacional*, todas elas divulgaram isso aí. Então, Prudente ficou conhecida por um fato triste, trágico. Mas, a cidade foi lembrada por causa disso aí. Eu me lembro que até na *Rádio Bandeirante* tinha um programa chamado "Ultrabulco" né, que era um informativo, eu não me lembro o nome dele lá... ele lia as notícias que chegavam e comentava, ia comentando. Já saiu notícias de Prudente várias vezes, não só nesses programas, mas em outros órgãos de imprensa. Quem não é visto, não é lembrado, né?

### **O senhor tem mais alguma coisa para falar a respeito dessa época em que o senhor trabalhou?**

É... era muito difícil, por ser uma cidade pequena, de poucos recursos na época e tudo. E a gente tinha facilidade por um lado e dificuldade por outro, justamente por essas questões aí. Cidade onde a gente era muito conhecido, então havia... era uma faca de dois gumes, né. Então, se você faz uma coisa boa, num instantinho a pessoa está sabendo. Se faz uma coisa errada, a cidade está sabendo em poucos minutos, né. Mas, é uma questão de contexto da época, né. Agora tudo progrediu e tem que ser assim, né.

**Quanto ao correspondente regional, como essa figura era vista na época?**

Aí eu nem saberia responder... porque eu era, por exemplo, correspondente, mas nunca ninguém comentou sobre isso. Uma vez por semana eu ligava na *Bandeirantes* e fazia o meu trabalho de correspondente do esporte. Mas, nunca ninguém comentou, ninguém falou nada não. E também ninguém trazia uma notícia para eu passar para a *Rádio Bandeirantes*. Quando a pessoa tinha a notícia, eu também já tinha né. Então nem esse contato a gente tinha...

**As matérias enviadas pelo senhor ao veículo eram assinadas?**

Não. Eles nem o nome não falavam, né. Só chamava de “Correspondente Bandeirantes”, né. Sem nominar.

**Quem eram os correspondentes regionais na época?**

Não... Não lembro. Eu conheci alguns da capital, quando eles vinham irradiar futebol aqui em Prudente e tal. Mas, não eram propriamente correspondentes, eram os locutores, que vinham trabalhar na cobertura de eventos esportivos, né. O Edson Leite, por exemplo, da *Bandeirantes*; Pedro Luiz; Nelson Spinelli eram algumas pessoas assim.

**Qual era a importância desse profissional para a região?**

Bom, o correspondente é o elo de ligação, né? Entre a informação e o ouvinte que toma... ou o leitor que toma pé, toma conhecimento daquela informação que, às vezes, ele está precisando com certa urgência, porque ele está esperando um determinado desfecho de uma coisa. Então, o correspondente, às vezes, pode levar aquela notícia que ele está esperando.

**Quando e como conheceu o jornalista Altino Correia?**

O Altino Correia, eu o conheci quando ele veio de Presidente Venceslau para cá, que ele veio de Venceslau para Prudente, tinha a rádio de Venceslau, é... a de Prudente era, na verdade, uma sucursal da emissora de lá. O Dr. Hélio era presidente das duas. Ele fundou aqui em 54, já existia a H7 lá em Venceslau. Então, o Altino Correia eu conheci quando ele veio para cá. Não me lembro muito bem o ano, mas foi quando ele veio trabalhar aqui.

**Como que foi trabalhar com ele na Rádio Presidente Prudente?**

Foi muito bom. Nunca a gente teve qualquer tipo de desentendimento por causa de matéria, qualquer tipo de trabalho ou atividade lá. Ele sempre foi muito correto, respeitou muito e a gente respeita para ser respeitado, era o que acontecia com um e com outro. Então, aí dava certo.

**O senhor se lembra de alguma cobertura que fez junto com o Altino?**

Não. Eu acho que eu nunca fiz. Juntamente com ele não, porque ele trabalhava mais na outra área, eu trabalhava na parte de esporte e ele não, né. Ele trabalhava na parte de jornalismo sem contar esporte.

**Embora não tenha atuado diretamente com ele, como era o convívio diário com esse profissional, ao trabalharem na mesma empresa?**

Eu lembro. Porque a gente usava a mesma sala, né. Eu para fazer a minha matéria, ele para fazer a dele. Então, a gente conversava sobre vários assuntos, embora eu não ia escrever sobre o assunto que era da área dele e ele também não ia escrever da minha. Mas assim... vamos dizer, na interação, a gente sempre se deu muito bem. Ele sempre foi um grande amigo.

**Vocês chegaram a trabalhar em outras rádios além dessa?**

Não. Junto com ele só na emissora *Rádio Presidente Prudente*.

**Que características marcava o perfil de Altino como profissional?**

O respeito com as pessoas. Por exemplo, se ele estivesse na sala de redação e você chegasse para dar uma notícia e tal, não sei o quê, ele parava o que estava fazendo para te atender. Se fosse uma conversa um pouco mais prolongada, não fosse coisa muito breve, ele pedia para você esperar um pouquinho ou então, se fosse uma coisa de urgência, ele abandonava, abandonava não, ele deixava o que estava fazendo ali e dava atenção a você, até que você esgotasse toda a sua informação, o motivo que levou você até à sala dele.

**Qual a contribuição deixada por Altino ao jornalismo regional?**

Ser verdadeiro. Ser verdadeiro, nunca distorcendo a notícia, porque, às vezes, para agradar, politicamente falando né, para agradar determinados grupos, determinadas áreas da cidade, a pessoa distorce um pouco ... não mente, não é mentir. Mas, às vezes, é distorcer um tipo de informação e tal, modificar um pouco para... ele nunca fez isso. O que ele tinha aqui, que ele percebia que era notícia, ele traduzia aqui. Por isso, a pessoa passa a ser uma pessoa de respeito e acatada a opinião né. Porque, por exemplo, falam assim: “Se o fulano falou isso pode escrever, né?!”.

**Além da comunicação, de que forma o trabalho desse jornalista auxiliou no desenvolvimento da cidade de Presidente Prudente?**

É... principalmente, exatamente por isso que eu estou falando. O que ele falava era verdade, se era uma crítica, fazia ao poder público ou empresa privada ou à população. E, a população, às vezes, também precisa de uma certa censura, né, um certo tratamento. E ele fazia isso com muita meticulosidade, assim, com muito critério. E ele contribuiu por causa disso, justamente, porque aquilo que ele conseguiu conquistar, o conceito dele junto à população é inquestionável.

**Tem alguma experiência ou história que o senhor quer compartilhar a respeito da convivência com o Altino?**

Eu acho que não. Porque quando ele veio lá de Venceslau, eu acho que ele já tinha mais ou menos a mente dele formada para o jornalismo, né. E agora, nas conversas com ele, a gente aprendeu muito, exatamente sobre isso, sobre o respeito com a coletividade, sobre a verdade da informação né, para ele receber, em contrapartida, o conceito e a confiança da população. Isso é uma coisa que todo mundo gostaria de ter, mas nem todos têm, porque nem todos agem dessa maneira como ele agia: de maneira correta, falando a verdade, explicando como é que tinha acontecido aquilo lá.

### **O senhor se recorda qual era o estilo de texto do Altino?**

Bom, a gente pode dizer um estilo... é o estilo da simplicidade, né. Quer dizer, um doutor ou advogado entendia o que o Altino escrevia como um... com todo respeito né, como uma pessoa que varre a rua, lia e também entendia o que estava escrito lá. Não tinha esse negócio de linguagem elitizada para determinada classe não, ele escrevia para o povo mesmo.

### **Como era ler uma matéria dele?**

Facilita por isso, né. Porque ao invés de usar, às vezes, uma frase ou uma palavra de difícil, conhecimento das classes menos favorecidas culturalmente, pessoas que não teve escola ou não tiveram a oportunidade de progredir na escola e tudo, o que ele lia, o advogado lia e os dois entendiam a mesma coisa. É clareza, né. Porque, às vezes, você fala assim é por que.... não tem esse negócio de jornalismo: “porque aqui está escrito nas entrelinhas”, quer dizer, você tem que interpretar. E, quando a gente interpreta, às vezes a gente interpreta exatamente o contrário do que aquela pessoa estava querendo dizer ali. O jornalismo, tanto o falado como o impresso, o escrito, ele deve ter clareza. A pessoa lê ou ouve e não tem o que interpretar, porque se tiver que interpretar, então você não vai entender nunca. Eu vou entender de uma maneira, você vai interpretar de outra. “Ah, mas ele está dizendo isso aqui, é aqui”. Ele está dizendo isso. Não tem aquela história assim: “Bom, essa frase que você está dizendo que eu falei, que eu usei, o que eu quis dizer foi isso”. Não. Não é esse negócio o que você disse. A pessoa tem que ler ou ouvir aquilo que você está dizendo, não vai pensar: “Bom, ele falou assim, mas estava querendo dizer aquilo lá”. Não. Como é que você sabe se ele estava querendo dizer aquilo lá? Esse negócio de interpretar... Você ler uma coisa é uma simplicidade, que é o que eu acabei de dizer. Você não tem que interpretar nada do que está escrito ali. Ali está escrito o que está escrito. É aquilo que aconteceu e pronto.

### **De que forma o senhor vê a figura do Altino como jornalista?**

Ah, eu vejo ele como um homem vitorioso na escolha da profissão que ele teve. Porque nunca assisti ou ouvi nada em contrário. E tudo aquilo que ele publicou, na época, que eu estava na mídia também na época dele e tudo, nunca houve problema de escrever uma coisa que não fosse verdade ou meia verdade não. Ele sempre foi muito respeitado na cidade, até onde eu conheço. Se houve alguma outra coisa, eu desconheço.

### **Hoje, o Altino está com 82 anos. O que o senhor pensa a respeito dele ainda trabalhar com jornalismo?**

Eu acho que é uma pessoa idealista. Eu por exemplo, já fiz 80 e não parece, né? Parece mais, né? O colega que era da Telesp falou: “Eu olho para você, a gente não fala que tem 80 não. Olha assim e fala: ‘ele tem, mais ou menos, 98...’” (risos). Como é que foi a sua pergunta? É idealismo, né? Eu acho que é uma pessoa idealista. Enquanto houver suspiro e possibilidades, inclusive físicas a gente vai, porque tem uma frase que diz assim, que: “O homem não morre quando o cérebro e o coração param de bater. O homem começa a morrer quando ele não tem mais sonho na vida”, viu.

### **O que essa frase significa ao ser aplicada na vida de Altino?**

Exatamente isso. Quer dizer, ele ainda tem sonho na vida. A pessoa está trabalhando, ela está sonhando. Tem uma história, eu não sei se posso contar isso aí, negócio do ideal que você tem na vida. Qual é o objetivo que você tem na vida? Qual é o seu sonho, lá mesmo no fundo da sua alma, por quê? Qual é o sonho? Então tinha três pessoas quebrando uma pedra numa calçada. Aí perguntaram para o primeiro assim: “O que essa pessoa está fazendo?”. “Quebrando pedra. Não está vendo não?”. Aí perguntaram para o segundo assim: “O que essa pessoa está fazendo?”. Ele falou: “Eu estou quebrando pedra aqui para receber o sustento meu e daqueles que dependem do meu esforço, do meu trabalho”. Já mudou, né? Aí foi para o terceiro e falou: “O que você está fazendo?”. Ele falou assim: “Eu estou construindo uma grande catedral”. Viu? Porque tem gente que faz aquilo por causa do dinheiro que está recebendo. Tem gente que faz aquilo, porque só pensa no sustento. Mas, tem gente que pensa mais alto: “Bom, fazendo isso, eu estou trabalhando. Graças a Deus, eu tenho saúde e posso trabalhar, me manter, me sustentar e sustentar os que dependem do meu esforço e também posso construir uma catedral, construir uma cidade, construir o sonho de muita gente”. É diferente.

**SINÉZIO DE SOUZA**

Radialista aposentado e escritor

Data da entrevista: 27/03/2017

Meio: presencial

**Como era o cenário da imprensa quando começou a trabalhar?**

A imprensa era muito pouco, porque se resume em transmitir notícias pra população e isso não pode mudar muito também, né? Mas ela sempre foi, aqui em Prudente, sempre foi muito ativa, muito ativa. Nós tivemos o Jornal O Imparcial e outros jornais que ficaram pouco tempo aí. As emissoras de rádio, por exemplo, as emissoras de rádio. Porque o rádio é uma comunicação mais rápida né, a exemplo da televisão também hoje, porque o fato está acontecendo e a gente está divulgando, você entendeu? Diferente do jornal, porque o jornal precisa aprontar a matéria pra soltar muitas vezes na próxima edição, que é um dia depois do que está acontecendo. Mas, não muda muito não. Pode mudar, por exemplo, os profissionais, a filosofia dos profissionais. Mas, o objetivo é sempre o mesmo.

**Qual era a preocupação dos profissionais para se transmitir uma notícia?**

Era a rapidez de divulgar a notícia, porque às vezes a gente tinha concorrentes né, sempre teve concorrentes. Então, aquele que divulgasse primeiro ia sair na frente. E aí tinha que ser um negócio assim... fiel, a gente dá a notícia de acordo com o que estava acontecendo mesmo né, sempre foi assim.

**Como era a profissão de jornalista?**

Era mais valorizada. A gente chegava, por exemplo, uma emissora de rádio, para contratar um profissional fazia testes com o profissional e levava em consideração a voz, a dicção e tudo mais. E hoje não, hoje é mais comercial né. Se o locutor se apresentar, a rádio pergunta primeiro se ele consegue vender, porque é o faturamento né, eles pensam mais no faturamento. E com isso, eu acredito que devido a isso, caiu muito a qualidade do rádio, porque quando eu comecei, por exemplo, a escolha, tinha uns critérios muito violentos, queria saber se a pessoa conhecia bem a língua portuguesa, até o inglês, e se tinha a voz boa, a dicção boa, tudo né. Hoje não, hoje já se sumiu, virou vontade né, está mais fácil ser locutor.

**De que forma a figura do jornalista era vista pelo público?**

Nós tínhamos assim... um conceito muito grande na sociedade. Era o mesmo que o profissional de televisão tem hoje né. A gente, por exemplo, saía para ir a uma festa, a gente era tratado como se fosse um artista, não tão artista como se considera hoje né, mas nós éramos considerados artistas. Todo mundo recebia muito bem, às vezes eu ia numa festa, já tinham reservado uma mesa pra gente lá, pra receber a gente e tudo né. Aí a televisão entrou e tomou conta. Se um artista de televisão vai se apresentar hoje numa festa como convidado, enche aquele espaço, aquele recebimento lá de realmente de artista né. Hoje não, o rádio já não tem mais esse quilate na sociedade né. Mas, era como se fosse televisão né, porque a gente era a comunicação primeira, daquele tempo, que existia né. Hoje foi passado pra trás por causa da televisão.

**Em média, quantos profissionais trabalhavam em uma rádio?**

Tinha locutor, por exemplo, tinha uns seis locutores mais ou menos, trabalhando né, divididos em todos os programas. Por exemplo, tinha programa que tinha três horas de duração, outros tinham quatro e tinha programa com duas horas só, então cobria todo o tempo de programação da emissora. Agora, contando com os repórteres e também, locutores esportivos, tinha aí uns quinze funcionários mais na ativa, fazendo uso do microfone naquela época.

**Quais funções existiam no rádio que hoje não se tem mais?**

O rádio não mudou muito não, manteve naquele tipo de programação, o básico né, só que acontece aquilo que eu falei né, a qualidade caiu um pouco, devido ao problema de emissoras de rádio querer pensar mais em faturamento hoje né.

**Como era fazer um jornal falado?**

O jornal... tínhamos, por exemplo, o repórter, dois ou três repórteres, dependendo da emissora, então ele saía, por exemplo, para a rua e através do telefone ele passava a notícia, ligava para a rádio e era injetada na mesa de som essa ligação e ele conversava com a gente, que já estava no estúdio, apresentando o jornal falado. As notícias eram captadas através de telefone, através de escuta de outras emissoras. Das principais emissoras do Brasil, eles coletavam essas notícias, não tinha a facilidade como tem hoje, internet outras coisas mais. Mas a gente se virava com isso e, realmente, nós tínhamos uma persistência de apresentar a notícia quase que em primeira mão.

**De que forma se dava a produção desse jornal?**

Tínhamos assim, por exemplo, tinha o redator, ele batia as notícias, muitas vezes, muitas notícias ele pegava, por exemplo, da Folha de São Paulo, alguma notícia da Folha de São Paulo que era recente, e também batia essas notícias e entregava para nós as laudas e nós recebíamos tudo na hora e apresentava essas notícias e comentando, fazendo comentário e tudo mais. E sempre entrava um repórter na programação né, por exemplo, houve um acidente na Washington Luiz, aí o repórter estava por ali e dali mesmo já jogava para a rádio e comentava, fazia comentário e dava até o nome das vítimas, se houvesse vítimas.

**Como eram feitas as transmissões?**

Nós íamos pelo telefone, ia pelo telefone, naquele tempo lá não existia celular né, não existia celular. Então a gente fazia, por exemplo, pegava ali perto, tinha, vamos supor, um botequim, um armazém, alguma coisa ali, ele pedia para o proprietário e usava o telefone dali mesmo e ligava para avisar. Ou senão, ele fazia, por exemplo, usava muito o gravador, o gravador portátil né, então ele pegava, entrevistava no gravador as pessoas que estavam acompanhando a ocorrência e depois ele levava a fita lá pra rádio, e na rádio mesmo embutia lá na mesa e soltava essa reportagem.

**Quais eram as maiores dificuldades na época?**

Aquele tempo era muito mais difícil do que hoje, né. A gente tinha dificuldade, mas você sabe como é... a gente como profissional, dava sempre um jeito para que a notícia saísse o mais depressa possível. Então, se gente não fizesse a reportagem através de um gravador, para depois levar para ser embutido na mesa de som, o repórter ia lá, ao vivo, e transmitia, soltava as gravações no ar.

### **Como funcionava a questão do pagamento pelo trabalho?**

A gente tinha um salário fixo. Tinha um salário fixo e muitas rádios, às vezes, até permitiam que a gente vendesse propaganda e a gente tinha vinte por cento do valor que você apresentasse, a rádio dava vinte por cento. Mas, naquela época lá era mais difícil né, porque geralmente era o gerente da emissora que vendia a propaganda, então o locutor não podia vender não. Aí, depois com o tempo que foi mudando, foi mudando, foi mudando, hoje, por exemplo, um locutor muitas vezes ele ganha muito, muito mais vendendo propaganda do que o seu próprio ordenado mensal.

### **Qual a importância da publicidade para o rádio naquele período?**

Eu até, em uma ocasião... eu estava até pensando em ser gerente de rádio para vender propaganda. Porque gerente tendo, por exemplo, o privilégio de só ele vender, ele tinha um ganho muito grande no final do mês, principalmente naquela época, porque hoje já não é assim, por causa de muitos meios de comunicação né. Naquela época não. Só tinha emissora de rádio, então era fácil vender. Agora melhorou muito para o profissional de rádio, porque ele pode vender propaganda e a comissão é de vinte por cento. Então, se ele trabalhar bem na venda, ele pode ganhar muito mais vendendo do que com seu ordenado, que somando os dois dá um bom ganho.

### **Naquela época, o que o senhor pensava a respeito do salário?**

O salário não era bom não. Não era bom por causa da oferta e da procura. Todo mundo sonhava em ser locutor né, e os donos de rádio se aproveitavam disso. “Quer trabalhar? Então, vai pagar tanto”. E os caras falavam: “Poxa vida!”. Mas, ia melhorar o *status* dele na sociedade (*risos*) era puro sonho, né.

### **Como era a procura para se trabalhar com comunicação?**

É, tinha muita gente. Quer dizer, tinha muita gente querendo trabalhar no rádio naquela época, mas não por causa do ordenado, é porque era mais *status* também né.

### **Qual era a idade que as pessoas entravam, em média, nos veículos de comunicação? Por quê?**

Com quantos anos? Ah, geralmente a pessoa entrava jovem no rádio né. Tinha assim... os mais velhos, aqueles que já estavam trabalhando no rádio há muitos anos e depois, apresentavam um programa, um programa, muitas vezes, de músicas do passado; por exemplo, baú de recordações. Então, entravam aquelas

músicas lá do passado, Francisco Alves, uma porção de... entendeu?! Mas tinha pessoas de todas as idades, de toda a idade.

### **Como foi trabalhar na redação da primeira rádio de Prudente, a Rádio Difusora PRI-5?**

Eu comecei aqui, na PRI-5 porque eu vim visitar minha irmã que morava em Prudente e eu fui lá visitar a rádio, conhecer, bater papo com os locutores também, que eram meus colegas de profissão né. E, o Geraldo Soller que era gerente da rádio naquela época. Então, eu fui lá e comecei a conversar com o Geraldo Soller e ele pegou, chamou a Célia de Lacerda, que era diretora artística né, e falou: “Faz um teste aí com o Sinézio!”. Aí, eu fiz o teste e já me contratou logo de cara né. Mas, foi assim... sem intenção de ficar em Prudente, acabei ficando. Mas foi bom, não me arrependo não. Eu tive muito sucesso aqui no rádio, graças a Deus. Eu tive um programa lá na rádio, na Rádio Comercial, porque eu dirigia a Rádio Comercial, então eu... naquele tempo lá estava entrando a televisão né. À noite, então, o pessoal começou, o pessoal de rádio começou a se retrair, principalmente à noite, porque a televisão entrava à noite né. Aí, o produtor da rádio falou assim: “E daí? O que você vai fazer?”. Todas as emissoras estavam recuando por causa da televisão, então só rodava orquestra, não tinha nem locutor à noite, só orquestra. Aí ele, o José Raiz, perguntou pra mim: “O que você vai fazer à noite?”. Falei: “À noite, eu vou fazer uma programação normal”. Ele: “Vai fazer normal?”. “Vou fazer normal”. Coloquei o Waltair Gregghi, por exemplo, pra fazer um programa à noite, o “Top Cinquenta”; rodava cinquenta sucessos da noite e eu entrava, entrava às 22h, com um programa meu. Brasa. Chamava “Brasa Comercial”, porque naquele tempo lá o Roberto Carlos tinha o nome de “brasa” né, ele falava assim: “O ‘brasa’, Roberto Carlos...”. Então, eu pus “Brasa Comercial”, representando o nome do Roberto Carlos. Então, eu comecei com um programa de uma hora. Mas, o programa acabou virando uma doença na cidade. O estúdio ficava assim de gente ó (*faz movimento com a mão*), pessoal subia na escada, ficava lá, assim de gente... (*repete o movimento de mão*). Parecia que queria que apresentasse o programa num auditório de tanta gente que ia lá. Até um ouvinte falou para mim assim: “Olha Sinézio, é que você faz o programa a vivo. Mas, se você sair na cidade, andar pela cidade durante o seu programa, vai dar eco, você não precisa nem de rádio. Todas as emissoras, todas as residências ligam, passa carro aqui ligado, restaurante, é tudo audiência”. Foi a maior audiência do rádio que se conseguiu aqui, com esse programa. Então, você vê. Aí entrava o Tito Junior depois de mim, às 23h. Tito Junior que era um locutor gago e também era humorista. Estouramos de audiência à noite. Enquanto as outras [emissoras de rádio] estavam tocando só orquestra, eu “larguei brasa”, acreditei e consegui arrebentar em audiência. O dono da rádio fez uma pesquisa durante a noite, deu quase 100% de audiência aqui na cidade. Falou: “Só não deu 100%, porque tinha um senhor que estava sentado lá fora e não estava ouvindo o seu programa (*risos*). Deu 99%”. Então, o rádio tem dessas coisas né. A gente tinha que ser oportunista também né, aproveitar as deixas assim... que a sociedade deixa para gente. Enquanto todo mundo estava atrás de televisão, eu fui e acreditei no rádio e deu certo!

### **Como era a relação entre os veículos de comunicação e o público?**

Tinha contato direto com o público. Nós tínhamos sim. A gente saía para, por exemplo, às vezes, ir à Maffei, naquele tempo não tinha calçada né. Você fazia, por exemplo, você gravava, era tudo no gravador, gravava uma entrevista no gravador, corria pra rádio e soltava no ar, era assim.

### **Quais tipos de notícias predominavam nessa época?**

No rádio, nós tínhamos – hoje tem também né – era esporte, equipe esportiva; se transmitia jogo. A gente tinha repórteres policiais né, dava notícia da polícia. Por exemplo, sempre comunicavam, (*palavra incompreensível*), uma emissora sempre colocava um repórter na delegacia e mantinha contato com o pessoal da delegacia, para que quando houvesse alguma notícia de interesse para a população, telefonasse para a rádio. Então, a gente fazia assim... usava de todos esses recursos que a gente tinha na hora, na época.

### **Além do noticiário, havia a radionovela. Como era esse tipo de programa?**

A novela, por exemplo, no rádio era difícil né, porque... quer dizer, houve um tempo em que ela predominou né. Por exemplo, teve aquela novela na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que era “Direito de Nascer”, que virou uma doença no Brasil todo.

### **Quem que escrevia essas histórias?**

Aqui tinha uma pessoa que escrevia o roteiro da novela, esqueci o nome dele... Mas, ele bateu o roteiro e a gente fazia ao vivo a novela entendeu? Então chegava, por exemplo, no estúdio. O estúdio, geralmente, tinha dois microfones e tinha seis pessoas para participar da novela. Então, a pessoa ficava (*movimento com o corpo*), aí chegava a hora de entrar para fazer, por exemplo: “Maria, você não pode fazer isso, Maria...” – lendo o roteiro. Aí entrava o outro assim: “Por que não?” (*risos*). Era tudo assim. Não existia o recurso, mas tinha uma audiência muito grande as novelas de Prudente.

### **Como foi participar de uma radionovela?**

Eu trabalhei só numa novela. Só trabalhei numa novela. O autor da novela me convidou e eu comecei a fazer parte, mas só foi... Mas era assim, eu acho que era muito mais emocionante (*risos*). Tinha assim... o rádio do momento era muito emocionante, porque tudo era difícil e a gente acabava fazendo bem feito e tudo bom, e o público gostava.

### **Em relação ao jornalismo, havia apenas a veiculação de notícias regionais ou também tinha as nacionais?**

Tinha notícias nacionais. Tinha, por exemplo, naquele tempo lá tinha o Repórter Esso, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Era Heron Domingues que apresentava. Chegava na hora do Repórter Esso, o Brasil inteiro ligava, principalmente aqueles conflitos da guerra, da Segunda Guerra Mundial e tudo mais, e dava a notícia na hora né e a gente pegava, gravava e retransmitia para a cidade essas notícias.

### **Como eram produzidas as notícias locais?**

As notícias da cidade, por exemplo, a gente tinha repórteres né, repórter que andava pelas ruas e dava a notícia, e também através de entrevistas com personagens, com vereadores, com prefeitos, delegados de polícia e tudo mais. Eu mantinha um repórter na delegacia de polícia naquela época. Então, ali ele pegava e através do telefone ele jogava a notícia no ar.

### **De que forma era feita a seleção de assuntos que seriam noticiados?**

O assunto assim... por exemplo, o repórter estava na delegacia, já que eu falei de delegacia, o repórter estava na delegacia e aconteceu lá um evento né. Ele ligava para a rádio e falava assim: “Me bota no ar que eu tenho uma notícia aqui!”. Aí eu, já estava autorizado, entrava no ar e falava, por exemplo: “Houve, um assalto em tal lugar, assim, assim, tal, tal, tal...”, e passava a notícia para o ar. Mas, era assim... era tudo feito assim. Nada assim, por exemplo, eu não exigia, por exemplo, estou falando que eu não exigia, porque eu dirigia artisticamente as emissoras, algumas delas eu consegui direção artística, eu falei assim: “Fica lá na delegacia. Fica em cima e você tem que dar a notícia de lá” (*risos*). Aí tinha um locutor que ficava parado lá e não me dava notícia, aí eu: “Mas, vem cá! Você fica lá o dia todo e não tem notícia nenhuma? Não acontece nada?” – falei para ele, né. “Você tem que entrar no ar, rapaz”. Aí ele entrava: “Alô! Bota no ar aí”. “Oi. Estamos aqui na Delegacia de Polícia para avisar a vocês que não tem notícia” (*risos*). Ficou pior, ficou pior do que se não tivesse falado nada (*risos*).

### **Então, não havia um planejamento prévio?**

Não. Era a critério do próprio repórter. Ele que analisava o interesse da população, da notícia que ele ia dar.

### **Como era o contato com o jornalista Altino Correia, na época em que trabalhavam juntos?**

Então, de Venceslau ele veio pra cá e a gente ficou conhecendo, entrava nos jornais falados né, ele apresentava. Inclusive, começamos a apresentar juntos o jornal da *Rádio Presidente Prudente*, eu e ele. Mas, eu acho que o Altino Correia foi o melhor profissional que se apresentou, maior jornalista que se apresentou no rádio aqui para Presidente Prudente, porque ele é muito capacitado. Ele tem uma capacidade impressionante para redigir uma notícia, pra fazer um comentário de um acontecimento e também, ele tem o dom para escrever maravilhosamente bem. É um profissional mesmo. Ele escreve uma matéria assim... no jornal, tratando de assuntos diferentes, de um jeito que as pessoas nem esperam e consegue desenvolver essa coisa... É muito bom profissional. Acho que foi um dos melhores profissionais que eu vi dentro do jornalismo aqui em Presidente Prudente, o melhor mesmo. Muito capacitado.

### **Como era apresentar o jornal com o Altino?**

Ah, o Altino... os dois sentados no estúdio, ele com seu microfone e eu com o meu e a gente ia apresentando as notícias né. E então, de repente, entrava uma reportagem e ele lia uma parte da notícia e eu lia a outra parte da notícia. Nós fazíamos um pingue-pongue, como chamava. Trabalhamos um bom tempo na Rádio

Presidente Prudente nesse jornal falado. Mas é aquilo que eu disse viu, ele é um profissional dentro do rádio e do jornal, um radialista, jornalista de primeira mão, muito bom, muito bom mesmo.

**O que o senhor se lembra dessa época em que trabalharam juntos?**

Eu sei que nós estávamos trabalhando uma vez, apresentando o jornal, aí ele reclamou lá da técnica: ‘Quando o Sinézio está falando, parece que fala com eco, pô’ (*risos*). Aí eu brinquei né: ‘É que eu tenho uma câmera de eco na garganta, ninguém sabia, mas eu tenho’, (*risos*) tem nada né. Acho que ele ouvia e dava uma reverberação assim, que parecia... mas foi piada aquela e a gente morria de dar risada depois.

**O que marcou esse período de convivência com ele?**

Era convivência de amigos, de colegas de serviço, de amigos. Até hoje eu me dou muito bem com o Altino e com a esposa dele, que é a Cida. Aliás, nós somos também colegas da Associação Prudentina de Escritores lá no Matarazzo, né. A gente está sempre em contato.

**O que caracteriza o perfil dele?**

Ah, a pessoa dele é muito boa, muito boa. Nós temos um bom relacionamento e acho que ninguém tem nada a reclamar sobre ele, sobre um comportamento dele, alguma coisa não. Porque sempre foi muito sociável, tratava todos muito bem.

**Quais as contribuições deixadas por Altino Correia na imprensa regional?**

Ele continua, não é que deixou. Ele continua escrevendo no jornal né, ele tem matérias excelentes no jornal *O Imparcial* e de vez em quando ele aparece lá com a matéria dele. E ele continua na ativa e cada vez melhor, isso é o que eu acho. Só veio a enriquecer essa profissão de jornalista, de radialista também. Há pouco tempo atrás eu até li uma notícia, uma matéria que ele escreveu para o jornal *O Imparcial*, continua o mesmo e até melhor.

**Para finalizar, o que Altino representa para o senhor?**

Eu tenho o Altino como um grande amigo meu, um grande companheiro. Um profissional muito responsável e também muito amável com todos os colegas. Realmente, um grande amigo. E assim... no rádio, assim também como em qualquer profissão, sempre existe, por exemplo, o melhor, o mais ou menos e o pior, isso é normal em toda profissão. Muitas vezes, aquele que se destaca mais, às vezes, é o mais visado né. Infelizmente eu tenho que falar que é inveja né (*risos*), fazer o quê.

## **MONTEZUMA CRUZ**

Repórter na Superintendência Estadual de Comunicação Social no Governo de Rondônia e escreve para os sites Gente de Opinião e Expressão Rondônia.

Data da entrevista: 27/03/2017

Meio: à distância (via e-mail)

### **Como e quando começou a carreira no jornalismo?**

Comecei a me interessar pelo jornalismo ainda menino, na cidade de Teodoro Sampaio (Pontal do Paranapanema). Tinha 16 anos, fazia jornal mural, na parede externa do Escritório de Contabilidade Exatidão, que pertencia ao meu pai, Salvador Moreno Munhoz. No ginásio, criei um jornal mimeografado chamado Tribuna do Estudante.

### **Em quais veículos de comunicação já trabalhou?**

Iniciei a carreira como correspondente dos extintos *Correio da Sorocabana* e *A Região* de Presidente Prudente, ainda em 1968 e 1969. Depois, fui estudar o colegial em Bernardino de Campos (SP) e fui novamente correspondente. Desta vez, de *O Estado de S. Paulo* (Estadão) e *Folha de S. Paulo*. No período de 1974 e 1975, fui repórter e revisor de *O Imparcial* e editei jornal falado nas rádios *Comercial AM* (ZYZ-238) e *Piratininga* (ZYZ-251), nas quais também fiz reportagem externa. Ao mesmo tempo, cobria algumas pautas da coordenadoria de sucursais e correspondentes da *Folha de S. Paulo* e, por um breve período, para o *Estadão*, do qual fui correspondente regional. Na somatória, dediquei-me a diversas redações, entre Foz do Iguaçu [nas três fronteiras: Brasil-Paraguai-Argentina a Mato Grosso], Mato Grosso do Sul, Brasília (DF), Rondônia, Amazonas e Maranhão. Participei do primeiro jornal via fax do Paraná, o Foz em Resumo, em Foz do Iguaçu. Editei o *Catraca*, jornal para distribuição em ônibus, nessa mesma cidade. Escrevi especiais para a *Revista do Mercosul*, do Rio de Janeiro. Dos grandes, menciono *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de Londrina*. Entre os regionais, trabalhei para a *Folha de Londrina* nas sucursais de Dourados, Foz do Iguaçu e Maringá; *O Diário do Norte do Paraná*, de Maringá; *O Estado do Maranhão*, de São Luís; *A Gazeta*, *O Estado de Mato Grosso* e *Diário de Cuiabá*, da Capital mato-grossense; *Correio do Estado*, em Campo Grande; *Jornal de Brasília*, no Distrito Federal; *Porantim*, em Manaus.

### **Como era o cenário da comunicação na época? Quais veículos existiam na região de Presidente Prudente?**

Conforme lembrei-lhe, os jornais *A Região*, de Neif Taiar; *A Voz do Povo*, de Camel Farah; e *Correio da Sorocabana*, de Gabriel Octávio de Souza, inseriram-se na história prudentina, muito embora, lamentavelmente pouco restou de seus acervos. *O Imparcial*, mais consistente nas partes administrativa e financeira, sobreviveu e ainda compete em plena era digital. Foram jornais partícipes no que diz respeito à transformação do sertão em cidade. Nos “louvores a Marcondes e a Goulart”, todos eles emprestaram suas vidas, se doaram. Neif apoiou o rádio, o teatro, a cultura em geral e a luta dos advogados, pois também estudou Direito na Instituição Toledo de Ensino. Camel promovia concurso de poesias e, aos vencedores, sorteava livros. Quem leu ou escreveu nesses jornais, conhecendo seus ícones, sabe avaliar a

importância que tiveram não apenas para Presidente Prudente, mas para todo o Oeste Paulista. Quase sempre, seus donos e editores abriam páginas para descrever o cotidiano de cidades. A economia baseava-se nas culturas do algodão, do amendoim, do café e do gado nelore. Mirante do Paranapanema chegou a ser considerada a capital brasileira do algodão. Lá, funcionaram quatro indústrias que compravam o produto, a exemplo de Santo Anastácio, Pirapozinho e Presidente Prudente. Lembro-me da Anderson Clayton, Sanbra (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro), Lotus, Mac Fadden e Braswey. Foi assim com Alfredo Marcondes, Álvares Machado, Anhumas, Caiuá, Cuiabá Paulista, Estrela do Norte, Marabá Paulista, Narandiba, Pirapozinho, Presidente Bernardes, Presidente Venceslau, Santo Anastácio, Tarabai, Teodoro Sampaio. E também com cidades da Alta Paulista e mesmo algumas nos lados paranaense e mato-grossense. Em Teodoro Sampaio o extinto Prudencbank (banco de crédito cooperativo) instalou agência, que foi inaugurada com festa regada a chope. O Imparcial cobriu. O então prefeito de Mirante do Paranapanema, Zuca Marcolino, quis construir um mictório público em frente à Igreja Matriz de Santa Terezinha, e Neif Taiar escreveu a respeito. O pastor evangélico Getro Camargo, por exemplo, viajava de Nova Andradina para imprimir O Pioneiro nas oficinas gráficas do bissemanário *Correio da Sorocabana*, na Rua Coronel Quincas Vieira. José Maria de Souza, uma mistura de repórter com vendedor de assinaturas e contato comercial, aproveitava para desnudar aquela região mato-grossense. O próprio pastor cuidava de escrever as notícias de lá. O *Correio* tinha correspondentes nas cidades. Esforçados, até fantásticos eu diria, considerando-se os recursos de que dispunham: Mário Pires em Mirante do Paranapanema, José Miguel de Castro Andrade (fundador da cidade!) em Teodoro Sampaio, João Sanches Martins em Santo Anastácio. A Região, também bissemanário em sua primeira fase, primava pela qualidade gráfica, era muito bem ilustrado e foi pioneiro na impressão em tricomia (azul, vermelho e verde). Inesquecíveis também as logomarcas do *Correio*, em cores abóbora, vermelha e verde, variando conforme a edição, na primeira e na última página. O que dizer do talentoso Gabriel de Souza, dividindo-se na Edição Miniatura, Bilhete Prudentino e no editorial? Na primeira, ele assinava Ptolomeu, no segundo usava o pseudônimo Jacinto de Aguiar, e no terceiro, apenas a abreviatura de seu nome: G.O.S. As colunas de esportes eram assinadas por Aristóteles Pinheiro e Pacheco. Na *Região*, Neif também criara um pseudônimo: John Miroslav Molière – usado em suas críticas e notícias de rádio. Dois grandes nomes despontaram entre meados dos anos 1960 e início dos anos 1980: um deles, Wilson Marini, que morava em Álvares Machado e foi responsável por uma página inteira no *Correio*; outro, Sérgio Guimarães, n'O *Imparcial*. Ambos mesclavam municipalismo, política e filosofia. Dois talentos inesquecíveis que só uma bem acurada consulta às coleções desses jornais revela o quanto foram essenciais para o jornalismo da época. Já no campo da reportagem, Valderi dos Santos foi um dos mais “viajados”. Ao substituir Adelmo Vanalli na correspondência regional do *Estadão*, fez matérias em cidades paulistas e do norte do Paraná.

### **Como eram produções jornalísticas daquela época? Havia veiculação de notícias nacionais?**

Sim. Alguns assuntos eram publicados com destaque. Havia serviços de distribuição de matérias jornalísticas, dos quais esses jornais se valeram, porém, funcionava também o conhecido “gilete press”, numa alusão à suposta “agência de recortes de

notícias”. Um dos serviços que se destacou n'*O Imparcial* foi o do CBI (Consórcio Brasileiro de Imprensa), do jornalista e empresário Roberto Santos, que durante longos anos foi também sócio-proprietário desse jornal. Adelmo Vanali e Mário Peretti reservavam espaço cativo para o noticiário nacional. Lembro-me que Barbosa da Silveira, religiosamente, gravava todas as noites o noticiário de *A Voz do Brasil*. Era a base para uma seção de notas, se não me engano, na página três. Apreciava muito as crônicas de Rubens Shirassu. Algum assunto que interessava, quando publicado em grandes jornais, era reproduzido em Presidente Prudente. Os textos eram novamente compostos em tipos e, depois, no chumbo das linotipos. Imprescindível lembrar de grandes profissionais gráficos. De alguns não me recordo o sobrenome. Menciono Rubens Roncador, irmão de Sílvio Roncador, que chefiou a sucursal da *Folha de S. Paulo* em Brasília; seu Jurandir, chefe de oficinas de *A Voz do Povo*; Orlando de Souza, chefe de oficinas do *Correio da Sorocabana*; Adão Pereira e Ademar Cipola, chefe de oficinas e diretor gráfico de *A Região*.

### **Como funcionava o trabalho de correspondência?**

O correspondente era semelhante ao repórter. Ambos trabalhavam igual e até hoje suas missões são as mesmas no cumprimento de pautas, etc. Bem antes do advento do telex e do fax, o correspondente do interior, no caso, em Presidente Prudente, enviava para São Paulo suas matérias envelopadas em ônibus da Empresa de Transportes Andorinha, ou, em algumas ocasiões, pelas mãos de portadores que aceitavam entregá-las nas portarias dos jornais em São Paulo. Quando ele exercia a função de correspondente regional (Bauru, Ourinhos, São José do Rio Preto e Presidente Prudente destacavam-se nesse aspecto), viajava quase toda a semana e sua produção era até melhor remunerada. Oswaldo Petrin, que trabalhou na *Rádio Presidente Prudente* (ZYR-84) AM e foi o primeiro a usar material vindo da *Agência Estado*, também foi correspondente da *Folha de Londrina* num período (1974-1975) em que aquele jornal era tão paulista quanto os jornais locais, porque publicava tudo o que o Petrin enviava. Tanto que depois ele se fixou em Londrina e, entre outras missões na redação, editou o suplemento *Folha Rural*.

### **Qual era a importância desse profissional para a região?**

Toda importância. Era dele que saíam matérias relatando problemas, fossem eles os mais simples, até escândalos políticos, comemorações de safras agrícolas, congressos, futebol, jogos abertos do interior, a saúde pública, tudo enfim.

### **O que era necessário para ser um correspondente?**

O correspondente geralmente tinha visão daquilo que ocorria em sua cidade e região. Recebia informações de amigos, de outros jornais e de emissoras de rádio. O fato de não existirem ainda faculdades de Comunicação, privilegiava diversas pessoas nessa função. Algumas se destacavam pela maneira competente como apuravam fatos e lhes davam sequência no noticiário.

### **Quais eram as maiores dificuldades?**

Obviamente, as distâncias, as comunicações telefônicas interrompidas e alguma falta de dinheiro para viajar. Na maioria dos casos, jornais de São Paulo

prestigiavam seus correspondentes regionais, apostavam na reportagem e custeavam viagens, do carro (muitas vezes alugado) à alimentação e estadia.

### **Como e quando conheceu o jornalista Altino Correia?**

Fui recebido por Altino Correia e dona Cida, na casa deles, no Jardim Aviação, quando cheguei a Presidente Prudente, procedente de Bernardino de Campos. Já ouvia falar dele desde os tempos em que trabalhou na ZYH7, *Rádio Presidente Venceslau AM*. Recebi de Altino Correia altas lições de apreço e de estímulo profissional. Ele notabilizou-se como o mais bem informado repórter do oeste paulista, sem favor nem exagero. Porque se ligava em todos os assuntos, sabia quem chegava e quem saía da região; visitava quase diariamente centros de saúde, santas casas, gabinetes de juízes, promotores, prefeitos, vereadores, sindicatos, associações, clubes de serviço. Tinha contatos com consulados e embaixadas. Altino sempre foi polivalente, tanto no rádio quanto nos jornais em que trabalhou. Escrevia de Presidente Venceslau para o *Correio da Sorocabana*. Mais tarde, em 1973, relatava a vida dos municípios em páginas inteiras. Um dos seus feitos mais notáveis foi a inauguração da antiga Ponte Maurício Joppert, atual Hélio Serejo, em Presidente Epitácio: no final de 1964 ainda estava muito distante o serviço de ondas da Embratel, e ele amanheceu na cidade com rolos de fios e o microfone da *Rádio Presidente Venceslau*. Conseguiu linha telefônica e “segurou-a” o quanto pôde, afinal, a ponte seria entregue pelo então presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, o primeiro do regime militar. À falta de locutor oficial de Brasília, foi de Altino a transmissão da inauguração. O país inteiro ouviu a notícia. Não sossegava nem nas férias, e numa delas esteve em Buenos Aires, Mendoza e noutras cidades argentinas. Voltou de lá com a série “A Argentina que eu vi”. De quebra, trouxe também para O Imparcial, as primeiras notícias a respeito da construção das usinas hidrelétricas de Corpus e Yaciretá. Quando um avião Boeing da Varig caiu perto de Orly, em Paris, ele localizou rapidamente o Sr. Fuzimoto, cuja família era de Presidente Prudente, subcomandante do voo, e O Imparcial dava matéria inédita, que se complementava com outras, procedentes de São Paulo. Entre outros, naquele acidente morriam o cantor Agostinho dos Santos e o senador Filinto Müller (Arena-MT). Na *Folha de S. Paulo* tive a oportunidade de participar de uma reportagem dele a respeito do roubo de gado na Alta Sorocabana.

### **Como o senhor vê o Altino Correia? Como é a sua relação com ele?**

Um jornalista que une o antigo saber dos correspondentes e repórteres de interior com a modernidade. Homem de coração enorme, um cristão que sempre soube se doar e conviver com agruras e alegrias profissionais. Quando disse que ele é polivalente, incluiu também as suas pelejas diárias em busca de informações para a *Agência Folhas*. Ou seja, ele escrevia ao mesmo tempo para a *Folha de S. Paulo*, *A Gazeta*, *Última Hora*, *Notícias Populares*, *Folha da Tarde* e *Cidade de Santos* – jornais do grupo então pertencente a Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira. Em 2015, ele teve a paciência de mostrar-me todas as dependências do campus da Universidade Estadual Paulista em Presidente Prudente, do qual ouvira falar tantas vezes e nunca havia conhecido. Levou-me também às residências de alguns antigos companheiros de jornal, os quais não via há mais de 30 anos. Ainda hoje, me prestigia, publicando alguns textos amazônicos ocidentais, mostrando um pouco de Rondônia em seu blog Memórias de um Repórter de Interior.

**CÍCERO AFFONSO**

Radialista e jornalista aposentado

Data da entrevista: 28/03/2017

Meio: presencial

**Como o cenário da comunicação quando começou a trabalhar?**

Eu comecei a trabalhar no setor de comunicação na década de 1970. Eu fui trabalhar como operador de rádio na *Rádio Difusora*, em Presidente Prudente. Era uma época completamente diferente da atual. Toda a programação era... programação musical era através de disco de vinil, que pouca gente da atualidade conhece. Só depois de muitos anos que vieram os CDs e agora, a mídia mais atual. Mas, era muito complicado. Para que se tenha uma ideia, o motor que girava o toca disco era tocado através de um elástico. Existia um motor, um elástico, que fazia girar dois toca discos. Aquele elástico precisava ser na medida certinha, exata para poder dar a rotação certa do disco. Então, todo operador que se prezava, ele tinha que ter uns dois ou três elásticos de reserva, porque vai que uma hora lá, de madrugada quebrava aquele elástico e a rádio tinha que sair do ar (*risos*), porque não tinha outra situação. Então, na época era muito difícil para se trabalhar, porque o material era muito rudimentar. Então, tinha que se fazer esse tipo de trabalho para poder desenvolver a programação. Era tocado a elástico. Muita gente chegava e achava muito engraçado quando via aquilo. E o trabalho de rua também, de repórter, de quem saia pra fazer uma reportagem. De início, era uns gravadores grandes, imensos, pesava cerca de seis a sete quilos, era carregado a tiracolo e a situação, o som melhor dele não se dava através do microfone e sim, de um outro microfone embutido. Então, o repórter precisava segurar aquele gravador com cinco quilos, seis quilos, com o braço estendido, próximo a boca do entrevistado. Uma entrevista de trinta segundos ia muito bem. Mas, quando o entrevistado falava bastante era complicado segurar; no final da entrevista, aquele gravador estava pesando uns trinta quilos.

**Quais veículos existiam na região naquela época?**

Na época, aqui na nossa região, em Presidente Prudente, nós tínhamos a *Rádio Difusora*, a *Rádio Piratininga*, a *Rádio Presidente Prudente* e a *Rádio Comercial*, isso em Presidente Prudente. Nós tínhamos a *Rádio Clube* de Martinópolis, que também chegava muito bem e a *Rádio Clube de Presidente Venceslau*, que eram as emissoras da região. Eram as rádios que faziam a programação daqui da região. Depois vieram, veio surgir a *Rádio 101*, as rádios FMs. De frequência modulada, veio a 101 e depois veio também a *Rádio Comercial FM*. Aí então vieram outras, depois veio a *Rádio Cidade*, que era a *Rádio Piratininga* e se transformou em *Rádio Cidade*, e hoje ela não existe mais. Depois veio a *Rádio Globo*, *Rádio Paulista* e outras emissoras, que hoje a gente tem aqui; acho que sete emissoras trabalhando em sistema AM, que dizem vai acabar, e três em FM.

**Quais eram os veículos impressos?**

Impresso tinha o jornal *O Imparcial*, muito antigo, mais tradicional da região. Existia outro jornal, *A Voz do Povo*, que por muitos anos foi publicado em Presidente Prudente. Outros, que surgiam e que com muito pouco tempo eles se findavam,

porque não tinham condições de se tocar por muito tempo né. E o que durou mais, ultimamente, foi o *Oeste Notícias*, que ficou 17 anos e 11 meses atuando, dos quais durante todo o período eu trabalhei nele.

### **Em quais rádios da cidade o senhor trabalhou?**

Aqui em Presidente Prudente eu trabalhei, eu comecei na *Rádio Difusora*, fui depois para a *Rádio Piratininga*. Aí, eu resolvi, eu gostei. Eu não gostava, eu era apaixonado por rádio e eu resolvi me aventurar, fui para São Paulo. Em São Paulo, eu trabalhei na *Rádio Capital*, e eu fazia também uns “bicos” na *Rádio Record* e *Globo* e depois, voltei pra Presidente Prudente. Depois de um determinado tempo, voltei. Aqui, na volta, eu trabalhei na *Rádio Presidente Prudente*; na *Rádio Cidade*, que era a extinta *Piratininga*; *Rádio Globo*; *Rádio CBN* e também fui para a *TV Manchete*, na época, *TV Pontal*, que era a retransmissora da *Rede Manchete*, também não existe mais.

### **Como era vista a figura do jornalista naquele período?**

Naquele tempo, a gente fala naquele tempo e parece até que é tão velho né. Naquela década de 1970, 1980, o jornalista era visto, muitos deles, como um artista, como uma pessoa de renome e chamava muita atenção no lugar aonde ele chegava. E era muito comum o jornalista, ou até mesmo o comunicador de rádio, chegar em um lugar e ser recebido como se fosse um artista. Eu me recordo que existia na região, nós tínhamos o “scret” do rádio, que os profissionais da área jogavam futebol, e éramos chamados para jogar nas cidades pequenas da região de Presidente Prudente. E, muita gente, muitos alunos fizeram a cotação da formatura deles através desses jogos. Eles convidavam a população para assistir aos jogos e cobravam ingressos, estampavam fotos, cartazes pela cidade, dizendo quais os radialistas, quais os jornalistas que iriam se apresentar naquela cidade. E enchia os ginásios para poder conhecer, para poder ver aqueles que eles só ouviam pelo rádio. Então, o radialista, o jornalista, naquela década de 1970, de 1980, era tido como um artista.

### **O senhor acredita que as pessoas entravam nessa profissão por conta da notoriedade?**

Nem tanto pela notoriedade. Há tempos atrás, como eu disse aqui há alguns minutos, o rádio era muito difícil para se fazer. Então, para fazer rádio era preciso saber, era preciso ter dom, era preciso ter... saber, ter a vontade de trabalhar. Hoje em dia, fácil, fácil, fácil se faz o programa de rádio. Antigamente era preciso ter dom, era preciso estar no sangue, o comunicador, o artista do rádio, o repórter, o jornalista, porque era muito complicado.

### **De que forma entrou na área da comunicação?**

Eu trabalhava numa empresa de entrepostos de laticínios, que ficava muito próximo da rádio, ao prédio da rádio, e aquilo me fez a ter bastante contato com o pessoal, eu firmava amizade muito fácil e tinha amizade. E naquela amizade, eu passei a frequentar os corredores da rádio e achava muito bonito, achava interessante o trabalho daquele pessoal. Então, eu ia sempre naquele período, quando eu tinha

uma folguinha, eu corria lá para saber como que era. Um dia o gerente falou: “Estou precisando de alguém pra trabalhar. Precisa de fazer um teste, precisa trabalhar”. “Eu já sei como é”. “Mas como você sabe? Você nunca trabalhou”. “Eu sei”. E quase até que eu estraguei a situação, porque o radialista, como sempre, era galanteador e, às vezes, aparecia sempre uma ouvinte ou outra, e às vezes o cidadão que estava trabalhando como técnico de som, queria até dar uma namoradinha, mas não tinha como. E nos finais de semana que eu estava lá, eu falava: “Vai. Pode ficar a vontade com a menina lá, que eu dou um jeito. Eu faço aqui pra você”. Aí, eles davam uma explicaçãozinha e eu comecei a fazer. Quando o gerente me chamou para trabalhar eu falei: “Eu já sei como é. Não preciso fazer teste não”, quase que eu estraguei né. “Como é que você sabe?”. Aí eu expliquei. Contei que eu sabia, que eu via como era e tal. Aí, foi quando eu cheguei e um desses que eu já havia ajudado numa situação falou: “Olha, pode contratar o menino, que ele já está prático. Já sabe. Já pegou a prática”. Foi aí que eu ingressei na carreira do rádio, lá na década de 1970.

### **Como se caracterizam as produções jornalísticas na época?**

Naquele período, para se produzir uma matéria jornalística era muito complicado. Tudo era difícil. Não tinha o carro, a moto, que hoje tem. Não tinha o aparelho que hoje tem com facilidade. Hoje, com um celular, por menos que seja a potência dele, se faz uma transmissão de qualquer lugar, via satélite, em tempo real. Antigamente, era complicado, precisava ir muito distante, buscar informação, com gravador grande, a pilha tinha, dava problema e a fita quebrava e uma porção de coisa. Era muito complicado. Os grandes jornalistas aprenderam uma malandragem que era fazer o “jacarezinho” no telefone público, no orelhão. Quando a gente conseguia um orelhão próximo, arrastava-se o entrevistado até ele. Precisava botar ao vivo essa informação: levava-se o entrevistado até próximo ao orelhão e, tinha uma manha para desrosquear o bocal do telefone e ali colocar a garrinha chamada “jacaré”. Através daquilo se colocava, montava um microfone, uma maletinha, e transmitia ao vivo através do telefone. Mas, isso era só que sabia fazer, porque era complicado e nem era tão legal. (*interferência de celular*)

### **O que era a técnica do “jacarezinho”? (pergunta refeita devido à interferência do celular)**

Na década de 1970, pra se fazer uma transmissão ao vivo, era complicadíssimo, tudo muito difícil. Quando se tinha a informação de que ia se fazer aquele acontecimento, então pedia-se uma linha, precisava pedir para telefônica naquela época, uma linha especial. Você tinha que subir no poste para descobrir, tinha cinco, seis, oito, 10, emissoras que iriam transmitir aquele acontecimento, você tinha que descobrir, lá em cima no posto, qual o fio era da sua empresa, descer, arrastar o fio e encontrar um local próprio para instalar a maleta, era um equipamento pesado, para instalar a maleta para poder fazer a... para poder transmitir aquele acontecimento. Quando a situação era de imediato, que era uma ocorrência que precisava-se colocar ao vivo, não tinha um telefone próximo, tinha a técnica da malandragem do “jacarezinho”, da garrinha. Então, o que fazia? Conseguia-se um telefone público, um orelhão, levava-se o entrevistado até o orelhão e lá, desrosqueava o bocal do fone, colocava-se a garrinha no bocal do fone e através daquilo instalava a maleta. E pelo fone, pelo telefone se fazia a transferência, a

transmissão direta do ocorrido. Isso não era tão legal, mas era uma situação que o jornalista tinha que passar para poder levar a informação dele primeiro. Para se transmitir o futebol, era muito complicado também. Tinha a mesma situação de subir no poste, de encontrar a linha e depois, poder fazer a transmissão. Tinha que se carregar a extensão toda no campo. Naquela época, podia-se entrar no campo, tinha que levar dois pares de fio, um para transmitir e um de retorno. Então, eram quatro barras de fios, que o jornalista puxava e aquilo era uns 200, 300, 400 metros de fios. Era muito pesado. Enrolava no fio do outro, do outro, do outro, do outro. Era uma confusão danada. E, quando havia previsão de chuva, começava a trovejar lá em Presidente Epitácio, o cara que estava aqui no Parque São Jorge em Presidente Prudente, já estava tomando choque e era a transmissão toda tomando choque.

### **Quais eram os assuntos veiculados na época?**

O assunto da época era muito mais política e futebol. Existia também a economia; mas, mais voltada para o setor agrícola, mais voltada para o comércio dos implementos agrícolas. Era um assunto legal. Mas, o assunto que mais chamava atenção era o futebol. Em Presidente Prudente, tínhamos dois times, A Prudentina e o Corinthians. E quando juntava os dois, era um choque, era o *derby* prudentino e era uma loucura na cidade, quer seja no Parque São Jorge ou no Félix Ribeiro, que era na Prudentina, os estádios onde aconteciam esses *derbies*. E era uma coisa de louco para se assistir. Chegou a morrer gente. Inclusive, o filho do “Polenta”, o sorveteiro que trabalhava na Prudentina, morreu porque houve a lotação muito grande, no dia que o Santos veio jogar aqui contra a Prudentina. A lotação foi imensa, o estádio não suportou, caiu um muro e esse muro caiu em cima desse garoto e o menino veio a óbito, morreu esmagado por esse muro. Foi uma situação que ficou muito marcada em Presidente Prudente, para aquela época e o futebol. E a política também, era um alvoroço, era um ardor, os comícios famosos que se fazia em Presidente Prudente, em toda a região. O candidato vinha carregado no ombro do povo. O pessoal adorava, idolatrava o candidato, aquele homem que chegava para poder resolver o problema daquela população. Os comícios tinham milhares e milhares de pessoas, muita. Anunciava-se um comício em tal lugar, fechava-se um quarteirão. Era uma loucura, tinha muita gente. E não existia *show*, produções famosas; era só o político que ia conversar com o pessoal e quando anunciava a chegada dele o foguetório era muito grande, era aquela loucura e o homem vinha carregado pelos seus correligionários. O candidato vinha carregado pelos seus correligionários. Aquilo era uma festa desde a criancinha até o mais idoso.

### **Como eram divididas as equipes para realizar as coberturas?**

(*risos*) Naquele tempo não tinha equipe não, o profissional tinha que se virar. O Altino tinha uma DKw, ele montava nessa DKw e sumia, saia, corria. Onde ia ter alguma coisa importante ele estava lá, ele ia de DKw. Ele era o repórter privilegiado, porque ele tinha o carro próprio. As emissoras, nenhuma delas, tinha uma viatura de cobertura jornalística. Então, o repórter ia, às vezes, de ônibus, Motta, Andorinha, outras empresas de ônibus que se deslocava para as outras cidades, a fim de buscar informação, de buscar a notícia. E só quem tinha o carro naquela época era o Altino. Aí o Altino ganhava de 10 a zero, porque ele chegava sempre primeiro. Ele

tinha mais recursos para poder buscar a informação, para buscar a notícia. E, aí ganhou uma notoriedade muito grande por isso.

### **Os profissionais trabalhavam com pauta?**

Era o repórter. Não existia produção, produtor e técnico, não. O repórter fazia de tudo. Ele tinha que se virar. Ele saía e nem pauta não existia. Ele saía: “Olha, tem uma informação, em tal lugar. Fulano vai estar lá. Nós precisamos ir lá para poder ouvi-lo”. Aí o repórter se virava, ia lá. Às vezes, ele rabiscava uma ou outra informação que tinha do entrevistado, e chegava lá e fazia suas perguntas e trazia o material de boa qualidade, diga-se de passagem.

### **Qual era o papel do repórter no rádio?**

O repórter de rádio, ele fazia de tudo. Chegava, fazia a entrevista, buscava a informação, trazia para o rádio, chegava no rádio, muitas vezes, nem havia edição, era o bruto do jeito que vinha da rua, era apresentada aquela matéria. E, o próprio repórter, ele tinha que redigir. Não existia o redator, o próprio repórter tinha que redigir e escrever toda a matéria do jornal e levar para o apresentador. O repórter fazia de tudo. Ele era o produtor, ele era o pauteiro e ele era o editor. Fazia tudo. Chegava e entregava, falava: “Olha tem essa matéria, tem um errinho aqui. Mas, não tem problema, vamos botar essa no ar”. Quando dava tempo, lá mais tarde, aí levava-se para o estúdio e dava para fazer, tirar, fazer um cortezinho ou outro. Mas, a edição muito pouco existia nessa época.

### **Quais eram as dificuldades e os perigos enfrentados pelos repórteres na rua?**

Olha, eu vinha a me especializar, depois de algum tempo, no jornalismo policial. E, por estar sempre cobrindo as situações de polícia, nem sempre a gente era muito bem recebido quando chegava, porque o envolvido com a ocorrência de polícia, ele normalmente está nervoso, está de cabeça quente, não quer estar passando por aquela situação. Então, muitas e muitas vezes a pessoa queria agredir a equipe de reportagem. Chegou-se a correr atrás, a tentar agressão, alguns foram, inclusive, agredidos, muitos ameaçados. Eu recebi várias ameaças, gente na porta do jornal, gente que rodeava a minha casa dizendo que ia botar fogo na minha casa, que ia matar a família e tudo mais. E isso ocorria praticamente quase que diariamente, era corriqueiro: “Ah, eu não gostei porque você botou a minha foto no jornal”, “Ah, você botou a minha foto no jornal. Eu não fiz aquilo”, mas foi preso em flagrante, então acabava sendo noticiado. E, às vezes, o preso não tinha como reclamar, mas o parente, o pai, a mãe do preso ia lá reclamar e xingava, e brigava com a gente. Houve uma situação em que um cidadão arrombou, ele foi preso em flagrante arrombando a porta de um carro para furtar o famoso toca fita e ele foi preso em flagrante. A polícia chegou na hora e pegou, levou ele pra delegacia e eu acompanhei os fatos e saiu o nome dele, saiu foto, saiu tudo mais no jornal. Quando ele foi liberado pela polícia, ele foi no jornal bravo, dizendo que ia me matar, porque aquilo que ele estava fazendo, ele não foi responsável por aquilo e tal. Falei: “Mas, você não foi preso em flagrante?”. “Mas, não... eu estava brincando. O dono do carro era meu amigo”. Como é que se brinca de arrombar o carro de um amigo né? E ele tentou, ele chegou até o jornal dizendo que me mataria. Mas, infelizmente, depois ele acabou morrendo numa tentativa de outro roubo.

### **Como era enfrentar as dificuldades da época e ainda continuar na área?**

Eu vejo como um desafio. É um desafio. Porque não é fácil viajar muitos quilômetros, fazer sacrifícios, subir em poste, tomar chuva e tantas situações. Ficar fora, no caso de quem trabalha em equipe esportiva, ficar fora do convívio com a família, principalmente, no final de semana. Eu perdia o domingo todo, porque eu era plantonista esportivo, eu saía de casa antes do almoço estar servido, no domingo. E voltava já era a noite, na hora do jantar, porque como plantonista eu precisava de sair de casa, passar numa banca, comprar o jornal, a banca normalmente fechava meio dia. Eu tinha que de sair de casa, passar numa banca, comprar um ou dois jornais, pra poder ter as informações que eu precisava, isso antes do advento da internet gente. Então, o plantonista esportivo tinha que está antes de iniciar a jornada, ele tinha que passar na banca, comprar um jornal, levar para o estúdio, lá ele sentava na redação e fazia toda a estrutura daquilo que ia acontecer. Montava-se a rodada do campeonato, tinha todas as informações, ele precisava ter todas as informações assim que iniciasse a jornada, que era lá, normalmente, duas horas, as catorze horas. Então, a empresa, a emissora de rádio sempre dificultava muito, porque o telefonema naquela época custava caro, então, para se fazer um interurbano era muito complicado. Então, só podia fazer, por jornada, três a quatro interurbanos. Só podia fazer quatro ligações, num jogo de noventa minutos acontece.. a cada minuto acontece coisa diferente. Então, era num campeonato paulista da segunda divisão, por exemplo, tinham vinte e duas equipes, eram onze jogos por domingo e o plantonista precisa, precisava de dar a informação daqueles onze jogos, mas ele só podia fazer quatro ligações. Então, era uma correria. Todo mundo fazia da seguinte maneira, ligava pra um outro: “Ei, quanto que está o seu jogo aí?”. “Aqui está tanto. E você tem informação de quê?”. “Ah, eu tenho informação de tal jogo, tal”. Aí aquela ligação já conseguia informação de cinco, seis jogos. Aí esse aqui que ligava, também já passava: “Olha, eu tenho informação de tal jogo, tal jogo, tal jogo, tal jogo”. Assim a gente conseguia resolver essa informação no... durante o período do jogo. Apitava-se o final do jogo, o locutor chamava os repórteres, era um repórter... dois minutos pra cada repórter e depois mais sete minutos do comentarista. Nesse período, em que os dois repórteres falavam e que o comentarista fazia o comentário, a pessoa que estava no plantão, o plantonista, tinha que ter todas as informações daquela rodada. Ele tinha que fazer, não tinha computador está, tudo isso antes do computador, ele tinha que fazer, ele precisava de fazer o cálculo de qual equipe subiu, qual equipe caiu, a que estava empatada, porquê que estava acima da segunda colocada e todas essas informações, saldo de gols, quem tomou cartão amarelo, tudo isso. Ele precisava... em doze minutos ele tinha que, em menos que isso, em doze minutos ele precisava de ter todas essas informações prontas, porque depois que o comentarista terminava o documentário, o narrador já chamava o plantonista pra dar os resultados de toda a rodada, ele tinha que fazer isso de cabeça. Hoje, por isso que naquela época a dificuldade era muito grande, hoje em uma tecla se consegue todas essas informações, graças a santa internet.

### **Pode-se dizer que a editoria policial predominava na época?**

O noticiário policial sempre chamou muita atenção. Então, quando se publica, quando existia uma situação de relevância é muito chamativo. Muita gente procura, a venda do jornal dobra, triplica e a procura pela matéria é muito grande. Nós

tivemos aqui na nossa região o caso do assassinato do Juiz Machado Dias, que foi uma loucura. Inclusive, uma matéria que nós produzimos, serviu de base para todos os grandes jornais. Nós fomos correspondentes de várias situações, até no exterior o nosso jornal, a matéria publicada no nosso jornal, foi utilizada pra relatar a situação.

### **De que forma os profissionais levantavam os assuntos para veiculação?**

O repórter, o policial, no caso, no dia a dia dele ele tem que fazer muitas amizades com o pessoal das polícias, quer seja Civil, Militar, Polícia Ambiental, Polícia Federal. E, o repórter que se preza, ele tem um informante em cada setor destes e também, ele precisa fazer uma boa amizade, vai todos os dias... eu particularmente, eu tinha essa maneira de trabalhar, eu ia todos os dias, em todas as delegacias, mesmo que não tivesse ocorrência de furto, mas eu estava lá presente. Passava, tomava um cafezinho com o pessoal, conversava, batia papo, aquilo era um meio de estar interagindo com eles. Quando tinha uma matéria que eles tinham o interesse que aquela matéria fosse divulgada, a primeira pessoa a ser procurada era eu. Eles ligavam: "Olha, hoje eu tenho tal coisa". Mesmo que eu não tivesse, já tivesse passado, tivesse ido embora, eles ligavam: "Olha, eu tenho tal coisa. Nós fizemos essa apreensão". Aí a gente voltava lá e fazia a matéria. Então, o bom relacionamento, principalmente do repórter policial, o bom relacionamento com os profissionais das áreas é o que faz a diferença na hora de conseguir a notícia, na hora dele conseguir um detalhe desta notícia. É onde você tem a fonte, um informante, que traz a notícia.

### **Quando se tratava em um dia calmo na redação, como vocês faziam pra preencher a programação?**

O dia que não tinha notícia era a maior confusão. Pauteiro de mau humor, chefe de redação, diretor de redação, todo mundo muito bravo. Mas muito bravo mesmo, porque não tinha a notícia. Aí é quando faz a diferença de um bom profissional, alguém tinha que sair e encontrar a notícia, sempre tinha aquele profissional que fazia a diferença. Saía buscando, corria, ligava para todo mundo, de repente, o estalo e acontecia a notícia. Essa normalmente era furo, porque quando a pessoa conseguia essa informação, era alguma coisa que estava muito escondida e que, às vezes, os outros meios de comunicação não tinha a mesma informação. Era uma informação interessante, que estava escondida, que quem conseguia tinha o título, tinha a manchete do dia e saía à frente dos demais meios de comunicação.

### **Como que era regulamentada a profissão de jornalista na época?**

Eu comecei antes que fosse regulamentada a profissão de radialista. Jornalista já existia, mas radialista. E quando foi regulamentada a profissão, quem já estava no setor, já estava atuando, já estava trabalhando há mais de dois anos, então ganhou a possibilidade de permanecer, de trabalhar. Aí, veio o sindicato, acertou toda a situação e foi assim que eu me profissionalizei no setor de rádio. Enquanto jornalista, não havia essa necessidade.

### **O senhor chegou a fazer faculdade ou algum curso de comunicação?**

Eu fiz um curso. Eu cursei a Faculdade Metropolitana Unida, FMU em São Paulo. Eu fiz um curso rápido, mas eu já estava atuando na área. Naquela época, eu trabalhava na *Rádio Capital* e por gostar muito, por já estar na área, ter feito aquilo no interior, o diretor de jornalismo me convidou, me pediu, exigiu que eu fosse trabalhar na área de edição técnica do jornalismo. Ali trabalhava muitos profissionais que vieram recém-chegados das faculdades, recém-formados e alguns mais antigos. Aqueles recém-formados a gente até, eu acabava dando uma ajudazinha: “Olha, essa pergunta não ficou legal. Você tem que refazer essa pergunta, faz dessa maneira e tal”. E vendo isso, uma vez, percebendo isso, o chefe do jornalismo me chamou, falou: “Olha, eu estou vendo você passando as informações aí, por que você não é repórter?”. Falei: “É porque eu não tenho curso”. “Mas, nós vamos dar um jeito”. Foi aí que eu fui para a Faculdade Metropolitana Unida, que era do grupo da *Rádio Capital* e lá eu fiz um curso intensivo, rapidinho e aprendi. Mas, a maior escola minha foi a prática. Já comecei aprendendo na prática. Teoria, quando eu vim aprender um pouco da teoria, eu já sabia, já havia apanhado bastante informação na prática.

### **Em quais rádios trabalhou na região?**

Foi na maioria, porque foram quatro, cinco rádios né. *Difusora, Piratininga, Presidente Prudente, Cidade, Globo, CBN e Diário.*

### **Qual era a diferença em atuar como repórter de rádio e de impresso?**

A notícia do rádio é bem diferente da notícia do jornal, para quem está fazendo a notícia. O Julio Garcia foi um dos meus primeiros editores da imprensa, no jornalismo impresso e um dia ele me chamou aqui e falou assim: “Olha, essa notícia que você escreveu aqui, não está legal. Esse texto aqui não está legal, porque você está contando o final do texto no início”. Então, eu ainda brinquei, falei: “Então eu tenho que virar a notícia de cabeça pra baixo?”. “Exatamente isso”. Aí como eu fazia no rádio, porque no rádio você precisa chamar atenção, você precisa dar o final da notícia já de início, para quem está ouvindo de casa prestar atenção: “Nossa, aconteceu isso. Vamos ver porquê”. Então, primeiro você diz que foi que aconteceu e depois vai contando o motivo, porquê. Já no jornal, é diferente. Eu tenho que começar contando para dar o desfecho final, senão o leitor não vai ler o final. Então, eu brinquei com o Julio: “Então, tenho que virar a notícia de cabeça pra baixo”. Ele falou: “Tenta fazer isso”. Aí eu mudei o texto e foi exatamente assim. Ele falou: “É exatamente isso aqui que eu queria”. E aí foi, mais ou menos, desse jeito que eu aprendi a escrever.

### **Em quais veículos atuou como correspondente regional?**

Aqui da região eu fui correspondente do *Terra, Portal Terra*. Também fui *freelancer* para a *Folha*, para o *Estadão*, para *O Globo*, do Rio de Janeiro, e para a rádio *CBN*.

### **Como começou a trabalhar nessa função?**

Rádio, quando eu estava já nas outras emissoras de rádio, normalmente quando se tinha uma informação interessante, é praxe do pessoal de outras áreas procurar o pessoal: “Quem pode nos passar uma informação aí? Quem que pode dar uma

informação a respeito desse fato que aconteceu?”. Aí a gente passava a informação e também criava um vínculo né. Fazia a primeira vez, pessoal gostava, fazia a segunda, na terceira já: “Olha, você não quer fazer um textinho pra gente?”. E assim acontecia.

### **Mas isso era voluntário ou vocês recebiam pelas matérias?**

No rádio, normalmente, é troca de gentilezas, porque da mesma forma que eu passei daqui para Marília uma informação de Presidente Prudente, eu também preciso da informação de Marília. Então, é uma troca de gentileza. O jornal impresso, aí a gente ganha pelo escrito. Era por matérias, normalmente, eles falam por linha né, então pelo tamanho do texto, é “x”, ganha “x” por linha.

### **Quais assuntos ganhavam destaque na imprensa nacional?**

Muito setor policial, porque nós aqui estamos numa região de, principalmente, conflitos agrários, que acabava gerando polícia, mas o conflito agrário era na época 1980, 1990, até 2000, até na atualidade. O conflito agrário sempre tem chamado muita atenção. Inclusive houve uma oportunidade em que a Deolinda, que era uma líder dos trabalhadores sem terra, permaneceu presa durante um período razoavelmente longo e quando ela foi liberada desta prisão, houve um alvoroço muito grande. Então, a imprensa do mundo todo chamou atenção para esse fato. E existe uma imagem em que ela está saindo da cela e soltando uma pomba branca, simbolizando a paz e tudo mais. E esta imagem foi publicada em 207, que eu tenho conhecimento, 207 meios de comunicação do mundo.

### **De que forma as matérias eram repassadas aos veículos?**

À princípio, essa comunicação era feita via telex. Um trambolho, uma máquina imensa que hoje só se vê em museu. Escrevia-se através do telex. O repórter daqui passava a informação via telex, o que ele precisava descrever e quando era no caso de uma sonora, era enviado através de telefone. Lá, depois, agora, que surgiu o advento da internet, da comunicação imediata, ficou muito mais fácil e muito mais prático para trabalhar. Mas, o jornalista lá da antiga, sofreu muito.

### **Como era enviar um texto por telex?**

Era escrito. O telex é uma máquina muito grande, é como se fosse uma máquina de escrever imensa, que ela era interligada, o que acontece hoje com os computadores. Era interligada com a redação de outro, quem tinha uma máquina de telex, tinha a interligação com, por exemplo, a *Agência Estado*. Aí escrevia aqui e o que eles estavam escrevendo saía num papelzinho lá na *Agência Estado*, na máquina da *Agência Estado*. Assim é que eram trocadas as informações. O telex era mais ou menos como uma máquina de escrever, como se fosse uma máquina de escrever, só que o papel não sai nesta máquina que você estava escrevendo aqui, saía naquela máquina que estava interligada lá no outro setor, outra cidade, outro estado, talvez.

### **Como funcionava a transmissão de matérias por telefone?**

No telefone... quantas e quantas vezes, colocava-se o... fazia-se a gravação através do gravador de mão, o gravador portátil e quando passava-se a informação, o repórter falava ao telefone e já tinha um ponto no gravador. Aí quando era para o entrevistado falar, botava o gravador no bocal do telefone. Assim é que era transmitida a informação. Até chegar nos tempos de agora, que tudo está muito mais fácil, está muito gostoso de trabalhar, hoje é uma diversão trabalhar, está muito fácil. Na época, era assim, você ligava, precisava de falar com alguém no outro setor, você precisava de acionar a Telefônica e falar: “Olha, eu quero falar no número tal e em tal cidade”. A telefonista ia agendar a hora que ela ia ter disponibilidade para aquela ligação. Ela fazia a ligação para a cidade que você queria e depois ligava para quem havia pedido a ligação. E lá na central telefônica é que era feita a conexão. Aí, a pessoa daqui falava com quem estava querendo falar lá. Mas precisava de ter uma conexão com a telefonista, na central telefônica.

### **Como era vista a figura de correspondente pelos profissionais da imprensa?**

Eram valorizados sim. Os correspondentes eram valorizados, porque eles acabavam levando até o nome, porque normalmente se dá o crédito para quem está fazendo. E nessa situação, a pessoa que está fazendo, às vezes, quer passar... no meu caso, eu como tinha a comunicação com o *Portal Terra*, por 11 anos eu fui correspondente da região aqui para o *Portal Terra*, e muita gente passava para mim: “Olha, eu tenho tal informação, assim, essa e essa, vê se não interessa para o *Terra*”. Aí eu fazia o questionamento para eles, se havia o interesse ou não.

### **Então, não havia problema trabalhar para dois veículos ao mesmo tempo?**

Não. Não havia problema nenhum. Aliás, era uma das exigências do *Portal Terra*, de quem recebia o correspondente, era uma das exigências, que ele tivesse, que o correspondente tivesse, vínculo empregatício com uma outra empresa, pra que não gerasse um segundo vínculo empregatício. Era apenas um contrato de trabalho. Então, o correspondente, normalmente, precisava fazer parte de outro meio de comunicação, para poder atuar como correspondente.

### **Quais eram os requisitos exigidos para se contratar um correspondente?**

Normalmente era através da qualidade, no texto, em como se conseguia a informação, no que a pessoa apresentava, de como eram as reportagens, as entrevistas e através daí... o primeiro texto, o segundo texto, a partir do terceiro texto já criava um vínculo, porque quem pediu o meu primeiro texto e pediu o segundo, pediu o terceiro, é porque gostou do que eu escrevi. Então, a partir daí criava-se um vínculo, e esse vínculo, no caso do *Portal Terra* comigo, durou 11 anos.

### **Qual era a importância desse profissional para o desenvolvimento do jornalismo e da sociedade da região?**

O correspondente regional tinha uma importância muito grande, porque ele levava o setor, levava o nome da cidade, da região em que escrevia, em que ele estava passando, para um conglomerado muito maior de pessoas, de ouvintes, de assinante, de leitores. Porque uma coisa é quantas pessoas leem o jornal da região de Presidente Prudente, que seja, e outra coisa é quantas pessoas acompanham

um portal de notícia a nível mundial. Aí era nesta situação que quem estava, por exemplo, brasileiros, prudentinos que moram longe no Japão, tem informação do setor aqui da nossa região. Ele acompanha através dos grandes portais de notícias. Hoje, está muito mais fácil, hoje qualquer criança conversa de dentro de casa com quem está do outro lado do mundo, o famoso *WhatsApp*. Mas, antes de acontecer isso, então não se existia essa informação tão simultânea, tão instantânea. E através do portal é que alguém do outro lado do mundo ficava sabendo da região de Presidente Prudente. Então, a importância do correspondente era muito grande.

### **Quais eram as dificuldades para exercer a função de correspondente?**

O deslocamento. O deslocamento sempre foi muito complicado, porque o correspondente ele não é só da cidade, ele é de toda a região. Então se, por exemplo, está acontecendo uma rebelião em uma das penitenciárias da nossa região, nós somos um conglomerado muito grande, o maior do mundo é o conglomerado de penitenciárias da região de Presidente Prudente, o entorno de Prudente. Se acontece um fato, que seja uma rebelião, que seja uma pessoa ilustre que está... ilustre digamos entre aspas, que seja uma pessoa de renome, que esteja chegando naquela penitenciária, o mundo inteiro vai saber. Então, o correspondente tem que se deslocar até o setor para tentar uma foto, para tentar uma entrevista, para tentar uma situação. E nesta situação, o deslocamento sempre é mais complicado.

### **De que forma as produções eram custeadas pelos veículos?**

Como correspondente, comigo funcionava o seguinte: “Olha, você vai, faz tal coisa. Precisa de gastos com combustível, com alguma outra coisa...”. É feito. Aí, depois é que é reembolsado, mas a princípio, de momento, quem banca isso é o próprio correspondente. Depois, ele é ressarcido, mas é o correspondente que banca toda a despesa, depois é ressarcido.

### **Como era a demanda por notícias regionais?**

Não exigia periodicidade. O que eles pediam era o fato em si. Quando acontecia tal situação, normalmente, a gente já sabia o que ia acontecer, o que está acontecendo e se aquele órgão de comunicação tem interesse na notícia. Com o passar do tempo, a gente acabava descobrindo: “Olha, esse aqui vai ser interessantes para o portal. Esse aqui vai ser para o pessoal do jornal de outra região”. Então é feito. Você envia a informação, oferece o trabalho, aí eles aceitam ou não. Normalmente, eles pedem: “Ah, 20 linhas; 30 linhas, no máximo”. Aí, é feito aquele texto curtinho tal e eles inserem na programação.

### **O que tornava um fato importante para ser veiculado nacionalmente?**

O critério para que a notícia seja veiculada é o teor. Disse, vou repetir, aqui na nossa região muito o setor de conflitos agrários, ocupação de terra, ocupação de fazenda, reintegração de posse, esse tipo de informação chama muita atenção, chamava-se, sempre chamou muita atenção de toda a mídia nacional. E também o setor carcerário, quando se tem uma rebelião, os líderes de facções que estão encarcerados na nossa região, acontece um fato, ele vai... “Tal figura, tal líder de tal

facção será ouvida no Fórum”. Aí todo mundo já se preocupa em correr atrás, para buscar uma informação, para buscar uma imagem até, daquele líder entrando, daquele líder saindo do Fórum. Isso tudo chama muita atenção. Então, esse é um dos fatos que mais se desenvolve nos outros setores, são esses fatos.

### **Enquanto correspondentes, vocês mesmos se pautavam?**

É, como correspondente... é o correspondente, normalmente, que se pauta porque ele não tem aqui uma equipe de produção, não tem. Ele é ele e ele. Então, por isso até que as empresa preferem ter um correspondente que já está engajado em outro meio de comunicação, porque ele vai trazer aquela notícia para o meio local, então aquela notícia do meio local ele já distribui para outro setor.

### **E as matérias enviadas ao veículo nacional teriam que ser diferentes daquelas oferecidas ao meio local?**

Normalmente, normalmente há algumas modificações. Exatamente para não ficar muito igual, porque o copia e cola é muito feio pra um jornalista, então...

### **Como se caracterizavam as notícias repassadas aos grandes veículos? Que tipo de diferença apresentava em relação ao texto local?**

Às vezes, o espaço. Às vezes, o espaço. Então, o texto tinha que ser muito bem condensado, o máximo, o máximo de enxugamento possível, para que o texto seja condensado. Aí eles costumam dizer que sobe de acordo com a qualidade da notícia, de acordo com os cliques que a notícia recebe, acaba subindo. Aí, às vezes, acontece de quem pediu só 20 linhas falar: “Olha, eu quero mais. Me manda mais informação a respeito desse fato, porque está tendo um alto índice de busca”. Então, aí a gente precisa fazer um segundo texto, um terceiro às vezes, para poder preencher aquele lá.

### **Quem eram os demais profissionais trabalhavam como correspondente na região?**

Aqui na região nós tivemos, além do Altino, o Altino é um dos primeiros correspondentes aqui da região. Nós tivemos o Zé Costa, que é de Irapuru; o Homéro Ferreira foi correspondente muito tempo do *Estadão*. Nós tivemos o Cristiano Machado, que hoje está em Tocantins, mas trabalhou durante muito tempo na nossa região. E nós tivemos o Chico Siqueira que foi um correspondente de muito tempo da *Folha*, depois ele acabou registrado e ele ficou fixo como jornalista da região para a *Agência Estado*. Que eu me lembre, que eu me lembro agora, são esses, os principais... Clóvis Moré de Presidente Venceslau também.

### **O que contribuiu com o desaparecimento dessa função?**

Eu acredito que o imediatismo da informação de hoje acabou ceifando a situação do correspondente. Até o próprio repórter em si, o jornalista que passa a informação, hoje em dia, tem que correr demais para não chegar atrasado com a informação, porque hoje toda pessoa tem um aparelho celular, faz um clique aqui, escreve duas frases e já dispara para todo mundo. Quando o jornalista vai chegar, se ele demorar

um pouquinho, vai chegar com a notícia e todo mundo já está sabendo. Aí, a gente costuma dizer que a notícia já azedou.

### **Como e quando conheceu o jornalista Altino Correia?**

Eu conheci o Altino Correia, primeiro, como ouvinte, como fã. Eu sempre, desde muito pequeno, eu sempre gostei muito de acompanhar o rádio, o jornal, e o Altino Correia já estava nos meios de comunicação. Ele sempre... os textos muito sérios, a credibilidade dele enorme, fantástica e sempre chamou muita atenção. Depois, quando eu já estava nos meios, eu sempre tinha o Altino como uma fonte, como uma referência. Quando chegava em um local que existiam vários repórteres, vários jornalistas, eu chegava pertinho do Altino, porque eu sabia que ele tinha um pouquinho mais de informação do que os demais. Ele sempre tinha uma coisinha a mais e aquela coisinha a mais, às vezes, fazia muita diferença. O Altino sempre foi muito sério, muito rigoroso no trabalho e também, muito respeitado até por isso. Então, o Altino foi e continua sendo uma grande referência pra quem está no meio de comunicação.

### **De que forma ele era visto pelos profissionais da imprensa na época?**

O Altino tinha sempre muito bom relacionamento. A educação dele sempre chamou atenção. O “companheiro” dele era muito famoso. Ele sempre buscou conversar com todo mundo e chamar: “Ô companheiro, o que você tem? Qual a informação que você tem?”. E ele sempre, quando precisou, procurava a gente: “Olha, tal informação que você passou, tal coisa... o que você tem? O que você pode me passar?”. E assim também, ele fazia conosco.

### **Como era a atuação dele naquele período?**

Nos meios, o Altino é como eu disse, ele buscava informação, buscava a notícia, sempre teve excelente relacionamento com políticos da região, com assessores parlamentares, com esse pessoal que tinha a informação. Ele sempre conhecia todo mundo, tinha uma agenda fantástica, muito completa. Então, era fácil quando se precisava de falar com alguém e se não tinha o contato dessa pessoa, a gente recorria ao Altino: “Altino, preciso de falar com fulano de tal. Você tem aí o contato?”. Ele sempre tinha e sempre nos ajudava.

### **O senhor já trabalhou com o Altino?**

Eu tive um tempo muito curto trabalhando com o Altino em uma das emissoras de rádio. O período era muito curto, porque logo... ele passou um tempo muito curto numa dessas empresas, numa dessas emissoras em que trabalhei. Então, o nosso contato no mesmo veículo não foi tão grande, foi por muito pouco tempo. O contato maior com ele, o aprendizado maior que a gente teve com ele foi ele defendendo outros prefixos e a gente em outro setor, cada um num prefixo diferente, mas sempre a gente recorria ao Altino, porque ele sempre tinha como ou algo para nos ajudar.

### **Vocês chegavam a se encontrar durante as coberturas na rua?**

Sempre. Nos encontrávamos sempre em grandes acontecimentos, em grandes coberturas. Quando o fato era um fato que chamava atenção, que valia a cobertura a nível nacional ele sempre estava. E, nessa situação a gente sempre estava encontrando o Altino.

### **Como era trabalhar com ele?**

Bom, muito bom. Trabalhar com o Altino sempre foi muito bom. Ele sempre respeitou bastante a todos e ele tinha a educação muito esmerada para conversar com as pessoas e sempre era muito bem recebido.

### **O senhor se lembra de algo que marca esse profissional?**

O pessoal brincava muito com ele da maneira com que ele se colocava para poder dar a informação, dar a notícia. Ele sempre era muito rápido. Então, não parava. Mesmo se tivesse que fixar para dar uma informação, ele estava sempre andando de um lado pro outro, os passinhos dele chamavam atenção. Então, muitos colegas gostavam até de imitá-lo.

### **Quais são as contribuições que o Altino deixa para o jornalismo?**

A contribuição do Altino é coisa muito grande para o jornalismo. Um aprendizado muito grande para quem é do setor, para quem esteve no setor, para quem passou pelo setor de comunicação. O Altino sempre foi um professor muito capacitado, ensinou muito. E para a população em si, ele também sempre estava na frente, sempre chegava com a notícia importante, uma chamada que... a notícia do Altino sempre prendia o ouvinte ou o leitor, porque quando sabia-se que era o Altino que ia falar ou quando era o Altino que estava escrevendo, era algo que... era um fato que podia dar o crédito, porque o Altino sempre foi muito sério pra trabalhar.

### **Para o senhor, o jornalista Altino Correia também teve participação quanto ao desenvolvimento da região?**

Teve, teve. Não tenha dúvida de que a notícia, a informação sempre ajuda no crescimento quer seja do nível político, quer seja do nível comercial e o Altino sempre trabalhou nesse setor. A participação dele foi muito importante, mesmo porque ele foi um dos primeiros, junto com Geraldo Soller, junto com Barbosa da Silveira, o Altino sempre esteve à frente disso. Então, ele trazia muita informação e na época em que, como eu já disse aqui, informação era complicada para se conseguir e para se transmitir, a informação dele, o texto do Altino era sempre muito bem recebido e com certeza colaborou muito para o progresso, para o desenvolvimento da cidade e da região.

### **De que forma a comunicação influenciou no desenvolvimento da região de Presidente Prudente?**

A imprensa de um modo geral, assim como em todos os setores, colaborou e muito, porque em todas as situações tudo acontece através da informação, quem traz a informação, a imprensa. Quem traz a informação, o repórter, o jornalista e tudo aquilo que vai acontecer. Uma mera empresa que vai se instalar em Presidente

Prudente, antes mesmo de a construção física começar a ser desenvolvida, o jornalista já sabe: “Olha, vai implantar em Presidente Prudente tal empresa”. “Vai implantar em Presidente Prudente, na região”. “Vai ganhar mais um grande hipermercado”. Sempre antes que acontece a construção deste meio, desta empresa, o jornalista já sabe disso e sempre dá a informação antes que aconteça. Então, a notícia sempre vem antes da implantação. E isso não deixa de ser um grande desenvolvimento.

### **Como é a sua relação com o Altino?**

Muito boa. Muito boa. Eu tenho amizade, inclusive, com as filhas do Altino. Uma delas, uma das filhas dele estudou junto comigo, nós passamos um bom período estudando na mesma classe, na mesma sala, na mesma escola, no mesmo período. E a outra, depois de muito tempo eu tive o prazer de poder trabalhar junto por algum tempo. E tivemos amizade, só depois de algum período que eu fui descobrir que ela era filha do Altino. Aquilo me deixou muito feliz, inclusive, por isso.

### **Para finalizar, quem é Altino Correia?**

Um grande mestre da comunicação. Ele é um... principalmente, pela seriedade com que ele trata a notícia, principalmente pelo trabalho que ele faz, pelo trabalho que ele desenvolve, que ele vem desenvolvendo e com a seriedade que ele transmite essa informação. Um mestre.

**JOSÉ VINÍCIUS BARBOSA DA SILVEIRA**

Jornalista e colunista social

Data da entrevista: 28/03/2017

Meio: presencial

**Como era o cenário da comunicação quando começou a trabalhar?**

Bom, tudo no começo é difícil nessa Terra né. E aí a comunicação não era bem conhecida, não era desenvolvida, compreendeu? E as pessoas que foram... porque não foi só eu que foi chegando como jornalista, outros começaram o desenvolvimento da comunicação, tanto que é hoje uma, eu acho né, que é uma das grandes comunicações do interior de Presidente Prudente e, principalmente, do interior.

**Quando foi seu primeiro emprego na área de comunicação?**

Não foi um emprego. Foi fazer uma entrevista na rua (*risos*). Me desculpe, eu não estou lembrado... Eu sei que eu saí daqui duas horas da tarde, eu tenho tudo marcado em casa e foi um negócio... foi uma prova de fogo o que eles fizeram comigo aí, porque eu saí daqui às 14h e cheguei quase às 19h. E, a matéria era para sair no dia seguinte. Foi... (*gestos de velocidade com as mãos*) de noite correndo, trabalhando para sair, montar a matéria, mostrar depois para o diretor para sair. Saiu. Eu fiquei feliz, porque era a primeira vez e eu tinha medo de chegar: "Ah, não deu hoje. Deixa para amanhã" (*gestos de 'não' com as mãos*). Felizmente eu consegui.

**O senhor começou a trabalhar no jornal ou já tinha trabalhado em outros veículos, antes do jornal?**

Jornal, o primeiro é esse aqui.

**O senhor trabalhou em outros veículos antes de entrar aqui?**

Não, não. O primeiro e único é esse aqui. Antes eu trabalhava na faculdade de Filosofia. Eu vim de São Paulo para trabalhar na faculdade de Filosofia, que hoje é a Unesp. Fiquei lá. Vim diretamente para lá. Depois foi quando eu saí, aí acabei... me convidaram para vir trabalhar no jornal e aqui eu já estou desde 1º de outubro de 1966.

**De que forma recebeu esse convite?**

Eu fiquei sensibilizado, porque eu até estava... eu sou paulistano, minha família toda mora em São Paulo. Então, eu já estava me preparando devagarinho para voltar para São Paulo, quando veio o convite. Aí eles me deram uns dias para eu pensar, pensei e falei: "Eu vou começar no jornal". Comecei no dia 1º de outubro de 1966.

**Quais eram as dificuldades de trabalho naquela época?**

Sabe o que acontece? Você trabalhar como repórter, se você tem força de vontade, como qualquer outro serviço que tiver, você faz. O primeiro dia que eu fiz uma

reportagem foi lá no fim do mundo, acho que nem é em Prudente, deve ser no fundo de uma biboca, como se chama aí... Houve um problema qualquer, eu acho que foi um assassinato, não me lembro. E aí foi prova de fogo para mim. Peguei um papelzinho, cheguei e fui lá... eu sei que era longe. E aí comecei. Fiz a matéria e saiu no dia seguinte. O negócio era sair, né.

### **Como era vista a figura do jornalista?**

Os jornalistas que me antecederam, de modo geral, eu acho que não gostavam de aparecer, não sei... não se falava muito em jornalismo. Depois veio um grupo junto comigo, Altino Correia, veio mais uns dois ou três que até já saíram daqui, voltaram para onde moravam né, aí começou o desenvolvimento, começou o desenvolvimento. O jornal também começou a subir, o jornal era modesto, mas começou... a direção do jornal começou a trabalhar para desenvolver em todos os sentidos e aí nós fomos nos integrando.

### **Quais eram os veículos de comunicação que existiam na cidade?**

Jornal era só *O Imparcial*, porque os outros dois jornais já tinham fechado e tinha as emissoras. Emissoras... de rádio, tinha quatro. Depois, agora tem mais duas, seis né. Parece que tem seis rádios na cidade. E jornal, só tinha dois: *O Imparcial* e *A Voz do Povo*. Ah não, tinha mais um que eu esqueci. *Correio da Sorocabana*, *A Voz do Povo* e *O Imparcial*.

### **E as rádios, quais eram?**

*Difusora*, *Presidente Prudente*, *a Comercial* – onde eu entrei – e tinha mais uma... deixa eu lembrar as ruas... *Piratininga*, que depois fechou. *A Piratininga*; *a Rádio Difusora*, que ainda tem até hoje; *a Rádio Comercial*, que tem até hoje e *a Presidente Prudente*, que foi a primeira né. *A Presidente Prudente*, segundo falaram, eu não morava aqui ainda, foi a primeira emissora, depois veio a *Difusora*, aí depois veio a *Comercial* e foi vindo.

### **De que forma as pessoas ingressavam no jornalismo naquela época?**

Olha, 90% ou quase sempre era porque recebia convite. Algumas pessoas até aceitavam para começar a trabalhar numa área que nem estavam pensando, em jornalismo; mas começaram. E outros, não. De fora, tinha uns dois ou três aí, que eu não lembro os nomes, e que já saíram de Prudente. E tinha um grupinho, aquele grupo no jornal. O outro jornal fechou né, que foi o *Correio da Sorocabana*, que para nós jornalistas é muito ruim, porque quanto maior o número de veículos informativos, melhor. Fechou um jornal, agora vai disputar quarenta, vamos exagerar, quarenta são jornalistas como é que faz? Tinha que ir para fora. Aí foi indo, foi indo... Outros queriam ou mudar de profissão ou foram embora, voltaram para outros lugares.

### **Em média, qual era a idade dessas pessoas quando começavam a trabalhar com comunicação?**

Eram mais moças, não eram idosas não. A maioria era gente já moça, 20, 30 anos, mais ou menos assim. E ficaram né. Tem muitos que ainda estão no jornal até hoje.

### **Tinha aqueles que entravam com 14 ou 16 anos de idade?**

Era difícil. No nosso jornal, por exemplo, era difícil, porque o diretor mandava fazer experiência, não gostava da entrevista e tal. Era difícil. A maioria já tinha mais de 20 anos, já tinha uma certa experiência.

### **Como era feita a contratação de jornalistas na época?**

Registro não tinha, porque não tinha faculdade. Depois que eu comecei no jornalismo é que fundaram a faculdade. Até tive vontade de fazer, né. Mas como eu fiz Ciências Sociais na Unesp, Ciências Sociais era uma matéria que também ajudava o jornalismo, compreendeu? Aí eu falei: “Bom, se eu já fiz Ciências Sociais...”, eu fui embora.

### **Quais eram as características das produções jornalísticas?**

As produções jornalísticas? Não tinha muita diferença da atual não, viu?! Eu acho que, talvez o jornalismo, não estou lembrando bem, começou meio que engatinhando, compreendeu? Não entrou como hoje, que é formidável. Tem gente daqui que se fez jornalista aqui no jornal e hoje está na *TV Globo*. Muitos. Tem muitos. Mas um deles, esse que está na *TV Globo* e que se vê todo dia ele é diretor do jornal das 13h. É Ávila. O nome dele é... não sei o quê, Ávila. Ele começou no nosso jornal primeira vez que entrou não sabia nem o que era jornalismo. Depois, foi para o Rio de Janeiro, ficou lá 20 anos, veio para São Paulo e recebeu um convite da *Globo*. O jornal, se você prestar atenção, quando termina o jornal vem os dados diretor e outros, por exemplo. O primeiro nome é o dele. É Ávila... Aliás, a família dele ainda mora aqui né. A família dele mora aqui. Ele não. Ele mora em São Paulo. Morou 20 anos no Rio. Ele saiu daqui e foi para o Rio. Depois, ele veio para São Paulo e agora está em São Paulo. De vez em quando ele aparece aqui, porque os pais dele, o irmão, tudo mora aqui ainda.

### **A respeito do jornal O Imparcial, como se dava a produção de matérias naquele período?**

A produção era a mesma. A impressão dos jornais que era difícil, porque eram umas máquinas que... nossa, vocês nem fazem ideia das máquinas que o jornal teve e que foram mudando até estar agora com uma das melhores que tem né, no setor, no setor de jornalismo. As máquinas paravam no caminho, rebentavam, você precisava abrir... Tinha uma máquina que foi colocada aqui numa época, você precisava entrar para pegar um tipo que estava errado, aí tinha que baixar a cabeça... Bom, você ainda podia mais do que eu, porque você é magrinha. Eu mandava o menino ir lá: “Faz um favor. Vai lá. Está vendo aquela letra? Faça um favor, tire a letra”. E assim foi. Hoje não. Hoje você vem aqui às 22h, eu não sei bem se é às 22h, mas chega aqui e está rodando o jornal, sozinho e tal. Em meia hora, uma hora o jornal está prontinho.

### **Como funcionava a impressão por tipos?**

Quando eu cheguei aqui o jornal não era à máquina, era à mão. Lá em cima, não sei se tem um... porque, às vezes, muda de lugar aí. Mas tinha uma máquina que era a

primeira, tinha que pôr com a mão. Por exemplo, você ia escrever assim: “Brasil ganhou a partida – B-R-A-S-I-L, espaço...”. E sujava toda a mão e a roupa né, também tinha isso.

### **Esse processo demorava muito?**

Nossa Senhora...Tinha que começar logo. Eu saía daqui... imprimia o jornal às 2h, 3h, 4h da manhã, tudo à mão... Você fazia o maior número de páginas possível, na época. Hoje, o jornal tem 12, 18, parece... tem dias que tem 30. Naquele tempo, tinha que ser pouquinho, porque senão não dava, com duas ou três pessoas não dava tempo. Já imaginou você encher uma página inteirinha? “Põe aqui e tal, aqui tal, tal...” (*gestos com as mãos para referir-se à organização dos tipos para impressão*). Daqui a pouco, fazia a revisão e tinha uma letra errada, você precisava tirar para não sair errado né. Uma vez, por exemplo, quase foi impresso na primeira página do jornal, eu ainda estava... Eu não sei se eu me distraí, eu acho que eu não li, e um rapaz que trabalhava comigo, ele já saiu do jornal, ele falou: “Barbosa, olha lá. Tem uma letra errada lá, veja o que é”. Não sei se ao invés de “r”, estava “x”... E se ele não vê, nossa... ia ser uma vergonha no dia seguinte sair errado né, mas...

### **Na época, qual era a periodicidade do jornal (semanal, diário, etc.)?**

Eu entrei aqui no jornal e ele já era diário. Mas, ele começou devagarinho. Ele começou parece que semanal e depois mudou. Mas quando eu entrei no jornal, ele era diário. Estava no começo em ser diário e estava fazendo todo o possível para melhorar né.

### **Em quais cidades havia circulação de O Imparcial?**

Olha *O Imparcial*, parece que... eu não tenho muito bem certeza, mas atualmente ele pega a região inteira, a 10ª Região Administrativa inteirinha. Naquela época, talvez em menos cidades, por causa do transporte né. Hoje vai o jornal, põe no carro, vai embora. Por exemplo, 2h da manhã, um exemplo, está prontinho o jornal e ele sai para ir para Epiácio, que é o mais longe de Prudente do lado de cá, depois tem também do lado de Paraguaçu parece até, e tem outros lugares que vai pelo correio, aí demora né. São Paulo, por exemplo, vai pelo correio. Mas aqui tem todos os carros para levar.

### **Além da impressão, havia o problema do transporte também?**

Tinha o problema do transporte também para levar o jornal. O negócio estava começando né, aqui os jornais e aqui o transporte (*com as mãos, faz uma comparação entre os dois*). O jornal parece que não tinha muito número de veículos. Hoje tem... sai um pra cá, outro pra lá. Se você mora em Epiácio, 6h da manhã o jornal está chegando na sua casa. Naquele tempo (*risos*), o jornal em Epiácio ia chegar às 16h do dia do jornal. E a direção do jornal foi tomando todas as providências para ir melhorando, para ir aumentando, para fazer com que o jornal seja um dos melhores do interior. Agora, a gente pode falar com orgulho: é um dos melhores do interior! A gente pensava que Bauru, Ribeirão Preto e outras cidades aí de nome tivessem jornal bom, mas não tem.

**Para que o jornal chegasse a tempo, dependia-se do horário de fechamento. Na década de 60, qual era esse horário?**

Às vezes 3h, 4h da manhã e tinha equipe para... (*faz gestos da equipe trabalhando e dobrando os jornais*) Hoje, o jornal, na máquina, sai dobrado. Naquele tempo não saía dobrado não. Tinha um grupo de garotos jornalheiros para dobrar o jornal e depois ia dividindo para sair cada um para um lugar aí. E o que era mais tarde, ia por carro, ainda levava por carro. Só que hoje, como felizmente a impressão fica pronta bem antes, parece que 2h da manhã, não tenho certeza... Naquele tempo, ficava 4h, 5h da manhã. O jornal às vezes dava problema e a máquina arreventava, porque a máquina não era boa... Porque também a direção foi melhorando o maquinário né.

**Quantos cadernos o periódico apresentava?**

No começo, em dia de semana era um caderno. Domingo, tinha dois cadernos, tudo encaixado, as páginas eram todas encaixadas. E hoje, o jornal é um caderno, mas aumentou o número de páginas. Por causa das máquinas mais evoluídas, aumentou. Então, o jornal, você coloca na máquina e sai logo seis, sete, oito páginas; depois coloca de novo mais seis páginas. Se já não tiver mais né. Faz tempo que eu trabalho aqui, mas faz muito tempo que eu não vou ver... eu gostava de vir aqui à noite, porque é à noite só que imprimi o jornal para ver. Faz tempo que eu não venho, vou começar a vir para ver como que está. Mas, foi melhorando, foi melhorando.

**Que tipos de notícias predominavam (nacionais ou regionais)?**

Sempre foi matéria da região melhor. Não faltava nacional, internacional também tinha, de fora, de outros países – algumas notícias bombásticas, por exemplo, da França, da Argentina. Mas, sempre foi regionalmente, e aí era aqui a região inteirinha. Tinha representantes nas cidades vizinhas, como tem até hoje, que trazem as matérias né. Sempre a região foi a privilegiada. Mas não faltava a nacional nem a internacional.

**Como surgiam as pautas e os assuntos?**

Nós tínhamos representantes nas cidades. Nós temos até hoje. E o representante manda até o jornal ou vem até aqui. Por exemplo, ele tem uma notícia para sair amanhã e ele mora em porto Epitácio, ele liga aqui: “Olha, eu vou levar uma matéria aí para sair amanhã”. A gente já sabe, espera e já deixa o lugarzinho. Não pode também chegar aqui às 22h e: “É boa essa matéria que eu tenho aqui, etc. e tal...”. Não aceita. A não ser que morreu o Presidente da República, aí tem que pôr né, nem que seja uma matéria desse tamanho assim né (*demonstra com as mãos a dimensão de tamanho pequeno*), dizendo: “Amanhã, detalhes...”. Porque você dando a notícia bomba assim, por exemplo: “Morreu o Presidente da República”, então todo mundo fica sabendo: “Quem será o Presidente da República?”. Já colocava o nome. Aí no outro dia vinha os detalhes: ficou doente, levou um tiro, caiu, qualquer coisa assim.

**Antigamente, para se fazer uma ligação telefônica era bastante cara e a linha ainda caía, tinha esse risco...**

A linha caía (*risos*). Você até parece que viveu nesse tempo viu. “Alô! Xiuuu. Cadê? Caía. Mé, mé, mé” (*simula uma ligação telefônica da época*). Liga de novo e tal. Agora, hoje também temos os correspondentes né, como eu acabei de falar. Ele vem aqui, ele traz a matéria. Quando eu estava vindo para cá, chegou um rapaz de Epitácio aí com uma matéria e já foi lá para cima, para conversar com o jornalista e pá, pá, pá (*gestos simulando digitação no computador*), para colocar a matéria. Naquele tempo, era enviado né, por carro, caminhão e etc. Tudo sobe na vida, tudo muda né. Hoje, quem era daquele tempo, que são poucos, muitos já morreram, e vê o jornal hoje ele acha uma glória para eles. Via um jornal com 10 páginas, 11, 13, 15 né e não era muita matéria, muito anúncio. Hoje não. Hoje o jornal é farto de matéria local, daqui da cidade que é o mais importante, regional, nacional e, quando precisa, tem alguma internacional.

**Devido à precariedade do telefone, os repórteres precisavam ir para a rua para levantar assuntos, todos os dias. Como era a ida da equipe de reportagem para a rua para se produzir uma matéria?**

Tinha que vir depressa. Olha, uma vez, por exemplo, eu não sei onde eu estava, porque naquele tempo... no começo de jornal, nós andávamos a pé tudo por aqui na cidade, a não ser se fosse mais longe. E, eu fui fazer uma entrevista, que não me lembro no momento, mas que tinha que sair na primeira página, era a chamada da primeira página. E era 18h que eu terminei a entrevista e tinha que chegar aqui. Aí eu peguei um táxi e dei a conta para o jornal. Se o jornal não quisesse pagar, ficava por isso mesmo. Mas ele pagou (*risos*).

**Quais eram as dificuldades da época para exercer o jornalismo na região?**

O *Imparcial*, praticamente, a direção do jornal começou a ativar para melhorar. Então, não teve muita dificuldade. Outros jornais tiveram dificuldades, tanto que morreram, não tem mais. Mas, o jornal *O Imparcial* não. Houve aquela luta, uma união de esforços dos diretores, dos funcionários, dos linotipistas né – naquele tempo ainda era linotipista – e tudo, para fazer sair o jornal, porque senão tivesse o esforço de todos era meio difícil mesmo.

**No começo, ainda nas décadas de 1960 e 1970, quais eram os fatos da região que se transformavam em notícia para o jornal?**

Aí você vai me desculpar, mas eu não posso falar qual “o fato”. Por exemplo, eu acabei de falar: “Morreu o prefeito de Epitácio”. É uma notícia que chama atenção, porque ele é uma autoridade né, a maior autoridade da cidade e morreu, às vezes morreu de repente e tal. As outras notícias a gente ia fazendo a escolha de qual seria a melhor. Mas punha as principais, sempre as principais e a manchete também, em cima.

**Quais eram as editorias predominantes no periódico?**

Com a entrada do senhor Adelmo Vanalli, que é o nosso diretor, ele era economista, ele começou a escrever textos econômicos né. Eu, por exemplo, comecei a fazer matérias da sociedade, eu tenho uma coluna que se chama “Sociedade em Tópicos”, com tudo o que é notícia social. O Altino, que escrevia aqui, escrevia as dele, escrevia outras áreas né, e assim por diante.

### **Como recebeu o convite de Geraldo Soller para trabalhar com jornalismo?**

O Geraldo Soller entrou antes de mim no jornal. Ele entrou primeiro que eu, ele foi convidado pelo... deixa eu ver o nome dele, esqueci. Um dos que tomavam conta aí que convidaram o Geraldo Soller. Ele entrou muito antes de mim. Ele que me convidou para entrar no jornal, mas uns cinco, seis anos depois, porque ele também já estava com vontade de sair né. Ele detestava trabalhar a noite, tinha que fechar o jornal e era de noite. E quando ele me convidou, eu já falei em casa: “Acabou a alegria de estar aqui a noite 22h, 23h, meia-noite”. Porque às 18h ele ia embora. Agora, eu não sei o que ele fazia quando eu não estava aqui, para quem que ele dava. Às vezes, dava para alguma pessoa que tinha um pouquinho mais de inteligência, porque eu não sei... Você não achava o Geraldo Soller às 20h aqui, 19h. Eu, vocês achavam até meia-noite, porque eu tinha responsabilidade e não podia sair, deixar o jornal à vontade. E, felizmente, foi tudo bem, graças a Deus. Eu me sinto feliz, honrado de estar no jornal, de trabalhar desde o começo ajudando o jornal a subir. E, todas as pessoas que a direção contrata são pessoas formidáveis, que vêm satisfeitas trabalhar no jornal.

### **Naquele período, que importância o jornal tinha na cidade?**

(risos) Bom, era o único na cidade né, porque você vê dois ou três aí, mas que lamentavelmente para nós, fechou. A gente não queria que fechasse nenhum jornal. Mas, tinha aí o *Correio da Sorocabana*, tinha *A Voz do Povo*, tinha o... mais um terceiro, daqui a pouco eu lembro. E, talvez, eles por alguma razão não faziam com que os jornais melhorassem no jornalismo. Um deles, por exemplo, era só semanalmente, com três páginas. Nós não. Era no mínimo oito páginas, daí para frente. Se talvez você lê o jornal, vê todo dia. E aí a ideia de todo mundo da direção era essa: vamos melhorar e tal. E saia para rua, ia para cá, ia pra lá e tal. O jornal não tinha carro: “Não precisa ter carro, vamos a pé”. Tomávamos ônibus, fomos para Epitácio, fomos para onde queria. Agora tem a condução. Tudo vai, como eu disse para você... agora tem sete carros aí. Cada um vai para onde quer, para onde precisa ir né. Naquele tempo não tinha. Eu mesmo fui um deles, andei muito tempo a pé. Até que para mim foi bom para não engordar (risos). Estou brincando. Para mim foi bom andar bastante. Depois foi subindo. Hoje, foi o que eu falei, mais sete carros nós temos.

### **Como era a relação entre leitor e jornal?**

Foi difícil, hein. Foi difícil o jornal ter o povo na mão, vamos assim dizer, compreendeu? Nós fazíamos de tudo, dentro das nossas possibilidades, da direção e tudo, para que o jornal colocasse notícias variadas, como eu já falei, nacionais; internacionais, quando tinha um negócio, por exemplo, lá na França estourou a bomba, ou sei lá... uma notícia que interessa ao mundo inteiro. Então, a gente punha. Mas era menos. E o jornal também, tinha menos capacidade. Mas, eles

[leitores] não gostavam, não havia muito leitor não. Nós fomos fazendo força, fazíamos reuniões – aqui, essa sala é a sala de reuniões – chamávamos pessoas de diversas atividades para conhecer o jornal. E, hoje felizmente ele é bem visto. Antigamente, no começo, foi duro.

### **O pessoal ouvia mais rádio?**

E logo começou a televisão né. Começou com o rádio e logo começou a televisão. Embora, fosse uma televisão só, mas você via aí a pessoa que não tinha televisão na casa dela, mas a noite se reunia na casa dela (*aponta para outra pessoa*), porque na casa dela tinha televisão. E aí se reunia hoje na casa dela para ver, na outra casa para assistir à televisão, quando começou a televisão. Aí depois se desenvolveu e veio outras televisões. Mas, a meta do jornal aqui era melhorar o mais difícil possível para ter leitor.

### **O que definia o perfil de um profissional para atuar no jornalismo?**

Hoje, por exemplo, vamos supor, você é jornalista, se candidata aqui. O diretor gosta que você vem. Hoje, nós não aceitamos quem não é jornalista. Mas, antigamente aceitava, compreendeu? Porque não tinha nem escola de Jornalismo. A escola de Jornalismo mais perto daqui era em Bauru né. Você tinha que ficar quatro anos na faculdade lá para depois vir para cá. E, às vezes, as pessoas que eram contratadas tinham um ‘tiro’ jornalístico, entendeu? Não tinha oportunidade, porque não tinha jornal para ele, tanto que muitos daqui depois foram para jornais de fora, São Paulo, de outras cidades, conforme eu disse para você.

### **Como era o relacionamento entre os profissionais que trabalhavam na imprensa, embora cada um fosse de um veículo diferente?**

Sempre fomos amigos. Ninguém falava um contra o outro não. Tinha um grupo que tomava um cafezinho em tal lugar, havia sempre reuniões deles [jornalistas do grupo]. A reunião não era só de jornalistas. Tinha jornalista, tinha professor, tinha médico, etc. Mas não havia essa discriminação entre jornalistas, nunca houve. Não, porque eram poucos né. Hoje tem maior número deles, mas antes eram poucos. E, mesmo assim, a maioria está fora, porque aqui só tem um jornal agora né.

### **Na época, em média, quantos profissionais trabalhavam na redação?**

Dois, três, quatro, só. Bem pouco também, porque o jornal vinha vindo... não tinha condições. Hoje não. Hoje tem a parte de comercial, a parte administrativa, tem a parte de direção e tem os que trabalham com jornalismo, né.

### **Era comum ter a presença mulher na redação?**

Sempre. Sempre teve. Aqui não discriminava não. Tinha. Eu não me lembro... precisaria ver aí o nome delas. Tem muitas até que estão aí em jornais de fora, que começaram aqui e foram embora. Hoje, também tem. Lá em cima tem uma porção de mulheres, compreendeu? Não havia essa discriminação não. Se a mulher fizesse o teste lá com o Adelmo Vanalli, que era o nosso diretor de redação, e ele achasse que estava bom, que era possível, entrava né, para fazer a parte prática.

**Em uma área em que predominava a figura do homem, qual era o diferencial do trabalho das mulheres?**

Se eu te falar uma coisa aqui, você vai dar risada. Aqui as mulheres e os homens sempre foram o mesmo número, coincidência. Não tinha 10 homens e duas mulheres. É como hoje. Lá em cima tem quatro ou cinco trabalhando agora né, e eu que estou aqui em baixo e tem o diretor do jornal, que é o Leandro, e tem mais um rapaz. Parece que lá em cima tem maior número de mulheres do que de homem lá em cima. Eu não estou lembrado, porque agora eu estou aqui embaixo. Então, no nosso jornal nunca houve esse negócio. Era inteligente, era suficiente, podia resolver o problema, então ela fica.

**O senhor trabalhou em rádio e em jornal. Qual era a diferença entre uma cobertura do rádio e uma do jornal?**

O rádio dá a notícia na hora. Por exemplo, chega a notícia lá na rádio: “Mataram três em tal lugar”. Vai lá, a turma vem, já entra no ar, já faz a notícia, faz a matéria. Bom, no rádio não precisa de foto né, porque não é televisão, certo. O jornal pode dar uma chamada: “Quando, fechava essa redação...” – um exemplo – “... chegou a nós a notícia de que três homens foram assassinados, três pessoas foram assassinadas no bairro tal. Detalhes, amanhã”. O jornal já estava quase fechado, vai abrir tudo de novo? A não ser que seja um negócio assim... muito importante, como eu disse: “Mataram o Presidente da República”, então pode desfazer, desmanchar aquela página e começar de novo, mas é difícil. Aí o caso seria esse. Uma vez, por exemplo, um amigo nosso vinha de Epitácio com a noiva e quando chegou aqui perto de... acho que de Álvares Machado, ele perdeu a direção, caiu para um lado, a moça caiu para o outro. Os dois não morreram, mas desmaiaram. Aí o diretor Mário Peretti, que já faleceu, falou: “Barbosa, vamos!”. Já era 18h, só para dar um exemplo. Nós pegamos o carro dele e fomos lá adiante de Santo Anastácio parece que foi o desastre. Tiramos fotografia, a moça caída no mato e tal, fizemos a matéria, foi matéria de chamada na primeira página, afinal de contas era uma pessoa importante, o rapaz era de família importante. E eu falei: “Morreu?”. Mas, ninguém morreu não. Os dois ficaram mal e foram para a Santa Casa, para o hospital. Aí desmanchamos uma página inteira, o diretor mandou. Desmanchamos e fizemos só naquela página a matéria e as fotos. Foram tiradas fotos daquela matéria.

**Naquela época, qual era a importância da publicidade para o jornal?**

Publicidade sempre é importante né, porque é o dinheiro para manter o jornal e fazer... nem tudo é pago no jornal. Os anúncios no jornal são pagos. Às vezes, tem notícias também pagas, ou seja, pagam a notícia. Mas, paralelamente com o jornal começou também a parte de publicidade. Eu mesmo, que nunca gostei desse negócio de publicidade, eu ia lá nas firmas durante uma oportunidade, eu e mais outros que trabalhavam na época, dizendo para conhecerem o jornal, para lerem o jornal, pôr publicidade, etc., porque publicidade é a alma do negócio né. E aí foi indo. Tudo começou devagarinho e graças aos esforços da turma toda, em conjunto, chegou onde está hoje aí. Esse prédio enorme aqui, grande; uma máquina lá embaixo que é um espetáculo; tem lugar aí para a turma da administração; tem aqui a turma de contabilidade; tudo, tudo. É uma empresa, felizmente.

**Para a montagem do jornal, havia uma pessoa para diagramar as matérias?**

Tinha. Mas, ainda é assim. A minha coluna, por exemplo, sai parece na terceira página, na ímpar. Terceira ou quinta página, não estou lembrado. As chamadas e as matérias principais na primeira, principalmente no mais antigo. E vai colocando. Existe o diagramador. Você chega com a matéria, se chegou a sua matéria: “A minha matéria aqui”. “A sua matéria vai aqui. Aqui está bom”. Você já sabe que vai aqui, que é na terceira página ou na segunda. É feita a separação, a distribuição de acordo com a importância da matéria. Sempre foi assim. Mesmo na outra época foi assim, quando era de dedo, o linotipo, sempre foi assim, claro. Tinha que ser. Mas era mais difícil né. Hoje não. Hoje a máquina coloca tudo no lugar.

**Quando surgiu a primeira coluna que teve no jornal?**

Bom, eu entrei no jornal em 1º de outubro de 1966. A minha primeira coluna foi janeiro, fevereiro de 1967.

**Em 1967, era comum a figura do colunista na cidade?**

Não. Colunista não. Eu era colunista igual aos outros. Sabiam que eu era colunista, porque eu fazia a matéria e, às vezes, vinham pedir, naquela época vinham pedir: “Olha, põe uma nota assim e tal”. Hoje não. Hoje, todo mundo sabe que colunista aqui sou eu, o Sinomar, no jornal era o... não me lembro quem era.

**Quando o senhor conheceu Altino Correia?**

Eu conheci o Altino Correia... não foi no jornal, ele já trabalhava no jornal. Mas, foi num encontro que teve aí, porque ele também é social, ele vai em tudo e etc. Não me lembro quando. Já faz bastante tempo que eu estou aqui na cidade, desde 1966, e o Altino deve estar aqui desde 1967, 1970 e tal. Ele não era jornalista, ele fazia outras coisas, tinha outras atividades; como hoje também junto com o jornalismo que ele faz, ele tem outras atividades.

**E vocês trabalharam juntos então?**

Sim. O Altino é um cara matuta. Ele, tanto ele como as três filhas deles; a Cida, esposa. Ele é fantástico. Ele é um sujeito formidável. Você conhece ele? Então, não sei se você tem a mesma impressão, mas eu tenho. Ele sempre foi espetacular, atencioso, colaborador. Se você pede uma coisa, ele vai e faz todo o possível para achar para você.

**Como era trabalhar com ele no dia a dia?**

Você sabe que o Altino ficava mais na rua? (*risos*) Ele vinha, chegava ao jornal com a matéria para bater de noite. Então, a gente não tinha assim... eu nunca fui na casa do Altino. Eu fui na casa do Altino agora, questão de um ano atrás, por circunstâncias... nem sei porque eu fui. E, coincidiu que estava lá a esposa dele, as três filhas. Mas, não dava tempo, principalmente no começo que o jornal estava começando, subindo...

### **No jornal, os dois eram repórteres?**

Repórteres. Ele tinha a parte dele, as matérias que ele fazia, e eu as minhas matérias, porque ali era só cidade e região e a gente fazia matérias né. Depois foi chegando mais gente, foram contratados mais. Aí eu fiquei só com a sociedade. De vez em quando eu faço alguma matéria, mas é só a “Sociedade em Tópicos”.

### **Na hora de fazer uma cobertura, vocês chegavam a se encontrar?**

Encontrar na rua era difícil, porque cada um ia para um lado. E, Prudente é uma cidade grande. Então, quer dizer, um ia lá na vila “x” o outro ia na vila “y”. Geralmente, o encontro era à noite. Às vezes, a gente fazia matéria, a minha ou a dele viam qual era a mais importante: “É a dele”. Então, a dele é hoje e a minha fica para outro dia, para o dia seguinte. É meu amigo até hoje. Formidável. Um sujeito fantástico. Aqui dentro da redação, eu era redator titular, então eu ficava na redação. Eu era funcionário do jornal. O Altino nunca foi funcionário do jornal, ele era colaborador. Ele vinha com a matéria e ia embora. Agora, nós já nos encontramos em diversos lugares, em atividades, em eventos. Ele era um rapaz fantástico.

### **O que marcava o perfil dele como jornalista?**

O jeito do Altino... a gente não sabe nem como falar. Ele é sujeito assim meio “fechadão”, tem hora que ele é fechado quando está conversando com a gente. E, ele quando chega a um lugar, fica à vontade: “Boa tarde. Como vai você? Tudo bem?”, etc. e tal. Agora, como cidadão, um grande jornalista. Ele é um grande jornalista. Eu sou jornalista profissional, ele tinha outras coisas que ele trabalhava, compreendeu? Ainda tem, parece, outras coisas.

### **Como era o estilo de escrito desse jornalista?**

Ele escreve muito bem né. Ele sempre escreveu muito bem os artigos dele, muito bem. Não se você já teve a oportunidade de ler. Porque às vezes ele escreve para o jornal, compreendeu? Ele é fantástico. Ele é muito bom. Quer dizer, se sair aqui eu ou sair outro, ele comanda o jornal sozinho aqui. Ele faz o jornal.

### **Quais são as contribuições do Altino para a imprensa da região?**

Dele? Na comunicação? Eu acabei de falar. Ele sempre deu as notícias que interessava a cidade, porque o jornalista, se você um dia for jornalista, você vai sempre dar matéria que interessa a cidade. Às vezes, você pode por uma matéria secundária aí em outro dia, mas... E ele sempre foi assim. Ele tem um jeito engraçado. Você já conversou com ele ou não? Mas, conversou assim, trabalho? Trabalho é diferente, fica sentadinho aí e tal. Ele tem um jeito gozado de conversar com a gente, que muita gente não gosta, acha que... compreendeu? Mas, eu como nunca vi esse lado... Nos encontramos em tudo que é canto, porque às vezes ele vai aos mesmos eventos que eu vou, ele está lá também. Ele vem sentar perto da gente, vem conversar, etc.

### **Qual a contribuição da imprensa para o desenvolvimento de Presidente Prudente?**

Foi fantástica. Foi fantástica. Quando fecharam dois ou três jornais aí, que eu já falei para você, todo mundo achou triste. Quanto mais jornais, melhor. Jornais bons. Porque teve dois ou três jornais também aí que sucumbiram logo. Mas, o *Correio da Sorocabana*, por exemplo, era um jornal ótimo, muito bom. Não sei o que é que teve com o diretor e com quem trabalhava lá que acabou fechando, mas sempre foi um jornal muito bom. Muito bom. Talvez, até igual ao *O Imparcial*. Mas, os outros que teve aí era jornal de picareta, como se diz na gíria. Vou começar o jornal, três meses depois fechava. Não era todo dia, tinha uma vez por semana e tal. Mas, a imprensa, o nosso *O Imparcial*, me permite a falar em nome dele agora, a contribuição dele foi um espetáculo. Eu não sei se isso vai servir de exemplo... quando o jornal veio para cá, daqui para lá, lá para baixo tudo era mato. Em um ano, começou a ter casa, depois que o jornal veio aqui nesse lugar onde está. Essas ruas aqui, que contornam o jornal, a própria Avenida Juscelino Kubistchek, se via casa uma aqui e outra casa lá. De repente de lado de lá então, que já é mais para baixo, que é uma baixada, está assim de casas (*representa a boa quantidade de casas com as mãos*). O jornal trouxe casas, trouxe o progresso nesse sentido. Começou a vir gente, gente que morava em outro lugar vir morar aqui por qualquer razão e tal. E, os prefeitos também começaram a melhorar as ruas né, para ajudar né; não tanto quanto se esperava, mas melhoraram as ruas.

#### **Pode-se dizer que os veículos ajudaram a cidade a crescer?**

Ajudaram. Nossa senhora. Eu falo até em nome do *O Imparcial*. Os outros eu não posso falar, porque eu posso errar. Mas, *O Imparcial*... Pena que, eu acho que você não tinha nem nascido né... quando o jornal veio aqui, só tinha o jornal. Não mais nada aqui. Não tinha mais nada nessa rua. Na rua do jornal que desce então... era uma várzea. Agora, você sai na rua e você vê que tem casa do lado de lá, do lado da esquerda e direita, e tem casa lá no fundo, no mato. Lá não tinha nada. O jornal ajudou no progresso do bairro.

**JOSÉ ROBERTO DANTAS OLIVA**

Juiz da Vara do Trabalho de Presidente Venceslau

Data da entrevista: 30/03/2017

Meio: presencial

**Como era o cenário da imprensa regional na década de 1970?**

O cenário da imprensa... eu, na verdade, comecei em rádio em 1976 e naquela época as coisas eram muito diferentes de hoje. Eu passei por diversos setores de uma emissora de rádio, desde a portaria, fui locutor, fui rádio-escuta, fui apresentador de telejornal, fui repórter. Na área da imprensa especificamente, para você ter uma ideia, nós não tínhamos essa facilidade que existe hoje, por exemplo, para preparar um radiojornal. Nós tínhamos que fazer rádio-escuta, que era ouvir as grandes emissoras do Rio de Janeiro, de Porto Alegre, a Rádio Guaíba de Porto Alegre, na época, me lembro bem; a *Rádio Globo* do Rio e de São Paulo; a *Rádio Bandeirantes*. E aí, a gente ouvia os radiojornais dessas emissoras e realizávamos os serviços de rádio-escuta mesmo. Você tinha um gravador grande com fitas magnéticas grandes também, que você movimentava, inclusive, com as mãos e um pedal que servia de freio. E aí você gravava esses jornais falados e ouvia e ia colhendo, copiando as informações para poder ter o noticiário nacional e internacional. E, o noticiário local, regional a gente mesmo preparava, fazendo gravações, entrevistas. Nós tínhamos nos estúdios e na parte técnica, nós tínhamos ainda... eram discos né, de vinil com rotação 78 e 30 e... eram duas rotações, uma mais rápida, não me lembro agora os números exatos e você às vezes movimentava, inclusive, com as mãos também o disco, como eu fazem os DJs hoje né, só que a coisa era bem diferente.

**Como se dava a expansão da comunicação naquela época?**

Eram poucos veículos de comunicação. Em Presidente Venceslau, por exemplo, que foi a emissora que eu comecei a trabalhar só havia uma emissora de rádio, Presidente Prudente já tinha mais né. Mas, eram todas emissoras AM, eu me lembro até do prefixo da que eu trabalhava, ZYK-502 foi depois, inicialmente era ZYH-7, todas em frequência AM e não frequência modulada. Depois fora surgindo as rádios FM. Os jornais naquela época utilizavam, na sua grande maioria, impressão à quente, era um... você trabalhava com linotipos, eram fabricadas linhas de chumbo. O linotipo era uma máquina de escrever gigante né e eram fundidas as linhas de chumbo e você montava a página do jornal. Havia clichês também. Então, as coisas eram bem mais difíceis do que são hoje.

**Como os meios de comunicação eram vistos pela população? De que forma influenciavam na formação da opinião pública?**

Os meios de comunicação tinham uma influência muito grande na formação da opinião pública, porque você tinha... por exemplo, na emissora de rádio que eu trabalhava tinha um serviço de utilidade pública na parte da tarde que dizia para as pessoas que moravam na zona rural, por exemplo, se elas tinha recebido cartas ou não. O correio deixava as cartas na rádio e a rádio relacionava todas as cartas e avisava no final da tarde que havia carta para a pessoa retirar lá na portaria. Os jornais falados tinham uma grande penetração, poucas pessoas tinham aparelhos de

televisão então a rádio é que imperava na cidade né. E, o jornal escrito também tinha uma influência muito grande na comunidade.

### **Como se caracterizava a produção jornalística nesse período?**

Em jornal mesmo eu ingressei em 1982 no *Jornal Integração*, de Presidente Venceslau, que como eu disse, era um jornal era impresso ainda... a fabricação dele era feita com linotipo e impressora... eu não me lembro qual era o tipo da impressora, mas era uma impressora grande mais era... não era evidentemente como as impressoras *offset* de hoje né, você colocava páginas de chumbo para serem impressas e as dificuldades eram muito maiores. Uma grande novidade da época, por exemplo, era a telefoto, mas isso quando eu já trabalhava no jornal *O Estado de S. Paulo*. Depois de muito tempo no *Integração* fazendo coberturas para o jornal *O Estado de S. Paulo*, eu me lembro que eu fazia muitas coberturas no Pontal do Paranapanema, coberturas de ocupação de terra e numa oportunidade, eu tive também... realizei também com alguns colegas uma cobertura de um sequestro que teve de jornalistas de Goiânia e que veio parar aqui na divisa entre São Paulo e o Paraná, em Itororó do Paranapanema. E, naquela ocasião, essas jornalistas foram trazidas num carro forte e ficamos ali três, quatro dias fazendo cobertura de forma permanente e o jornal *O Estado de S. Paulo* e a *Agência Estado* enviou um fotógrafo para nos auxiliar. E, naquela ocasião a telefoto era a grande novidade. E como que funcionava essa telefoto? Ele montava um quarto escuro para revelação, revelava as fotografias que tirava e transmitia essas fotografias por telefone. Quando não havia telefoto e nem fotógrafo de São Paulo, nós mesmo fazíamos as fotografias, pegávamos os rolos de filme, porque não existia fotografia digital como existe hoje e esses rolos eram encaminhados por ônibus até São Paulo ou de avião, quando a matéria era mais urgente. As matérias escritas eram transmitidas por telefone, então você ficava ditando para uma Central de Comunicação, pessoas que ficavam numa Central de Comunicação em São Paulo e você ditava toda a matéria.

### **Como funcionava o departamento de jornalismo da Rádio Presidente Venceslau?**

O departamento de jornalismo, além do gerente da rádio que fazia reportagens externas, ele era constituído pelo Luiz Augusto Ortelhado Pinheiro, que era o responsável pela rádio-escuta e realizava os jornais de hora em hora além de participar do jornal falado do meio-dia e havia os repórteres né. Eu mesmo era repórter, fazia algumas entrevistas fora; o Antonio Carlos Moré, Toninho Moré, era outro. Então nós realizávamos algumas entrevistas, trazíamos, montávamos o jornal. Eu fui... ( *corte na gravação pela câmera*)

### **Como funcionava o departamento de jornalismo da Rádio Presidente Venceslau? (*pergunta refeita devido ao problema técnico com a câmera*)**

O departamento de jornalismo da *Rádio Presidente Venceslau* tinha no comando o jornalista Clóvis Moré e além dele tinha o Luiz Augusto Ortelhado Pinheiro que trabalhava no setor de rádio-escuta a maior parte e era o apresentador dos jornais de hora em hora e também apresentava o jornal do meio-dia; e nós que atuávamos como repórter também: eu, o Toninho Moré e outros colegas lá da emissora. O Luiz Augusto colhia todo o material nacional e internacional pelo sistema de rádio-escuta,

o Clóvis fazia as reportagens políticas, aquelas reportagens mais importantes, nós cuidávamos das outras e era assim. Eu apresentei telejornal também, apresentei... telejornal não, jornal de rádio né, apresentei o jornal de hora em hora, fui locutor na rádio, fui até apresentador de programa sertanejo, de auditório nas ausências do titular, que era o saudoso Osmar Pacito. Enfim, lá todo mundo fazia um pouco de tudo, essa é que é a verdade.

### **Como se caracterizava o trabalho em uma rádio?**

Olha, para te dizer a verdade, eu comecei a trabalhar na rádio por insistência da minha mãe. Eu não queria. Depois, eu me apaixonei tanto por rádio, que rádio a gente costuma dizer que você entra e nunca mais esquece né. Foi uma coisa impressionante. Fiz grandes amigos lá. A *Rádio Presidente Venceslau*, na cidade, era única e tinha uma influência muito grande junto a comunidade. E, você era meio que tratado como um artista naquela época né, tinha uma expressão, uma projeção muito grande junto a sociedade. Então, era muito bacana. Todo mundo trabalhava junto, fazia um pouco de tudo, enfim.

### **Os profissionais trabalhavam com pauta naquela época?**

As pautas eram meio que feitas na hora mesmo, conforme as coisas iam surgindo. Não havia uma organização como hoje a gente vê. Talvez até porque a maioria dos jornalistas nem formação específica tinha. Eu, por exemplo, não sou formado em Comunicação; lamento muito, mas não sou. Sou formado em Letras e sou formado em Direito (*toca o telefone*), mas não em Comunicação. Aprendi muito com o Eduardo Martins e com outros colegas né. Eduardo Martins, já falecido, que é o autor do *Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de S. Paulo*. Na imprensa regional, aprendi com o Clóvis Moré, com o Toninho Moré, com o pessoal do *O Imparcial*; tinha um contato muito próximo também com o jornal *O Imparcial* até porque quando eu fui jornalista do Integração eu trazia clichês para fazer aqui no *O Imparcial*, naquela época. Então, pautas assim... organizadas como a gente vê hoje não havia muito não, a gente ia trabalhando conforme as notícias iam surgindo.

### **De maneira geral, como era formada a equipe de profissionais dos veículos? Em média, o quadro era composto por quantos profissionais?**

Olha, não vou lembrar exatamente quantos, mais deviam ser o quê... umas 15 pessoas no total, talvez. Mas, eu estou 'chutando'. Talvez fosse mais, ou menos, mas era mais ou menos isso. Acredito eu.

### **Quais funções eram desempenhadas por essas pessoas?**

Um pouco de tudo. Eu fui porteiro da emissora, trabalhava na portaria, fazia a relação de cartas, de avisos, datilografava né. Depois eu fui chefe de escritório da rádio, fui locutor... fiz um pouco de tudo. E assim também eram os outros né. Não havia DJ, como existe hoje, por quê? Por que havia o pessoal da parte técnica, e eu também já fiz isso, e havia o pessoal da locução, do estúdio né. A emissora em que eu trabalhei tinha um auditório, onde eram realizados, inclusive, programas ao vivo de auditório, especialmente sertanejo; um auditório muito bom e a frequência era

boa também. Artistas locais e regionais se apresentavam especialmente aos domingos nesse auditório. Então, era bastante interessante.

### **Quais eram as dificuldades enfrentadas para exercer a profissão de jornalista?**

As dificuldades era que nós não contávamos com a tecnologia de hoje, né. Então, era tudo muito rústico. Então para você fazer, por exemplo, uma transmissão de futebol de um estádio de futebol ou de um ginásio de esportes, ou de outro local onde estava sendo realizado algum evento, você precisava com muita antecedência, não era pouca, eu diria que uma semana ou mais, acho que mais de uma semana até, você precisava entrar em contato com a empresa de telefonia, na época era a Telesp, e solicitar uma linha para aquele local. Então, era instalada uma linha do estúdio da emissora até o local da transmissão, você levava uma maleta de transmissão para esse local, conectava a linha, testava com um dia de antecedência, repetia esse teste um pouco antes do evento e aí conectava microfone e transmitia dali. Essa era uma das dificuldades. As outras, pela ausência de tecnologia mesmo né... Não havia agências de notícia como tem hoje em tempo real, não havia internet, não havia computador, você tinha máquinas de escrever Hamilton ou Olivetti naquela época né. Quando surgiu a máquina de escrever elétrica foi um grande avanço. Máquinas de fotografia, não existia máquina digital. Você tinha que colocar o rolo de filme, fotografar, corria o risco de queimar, se você abrisse a máquina perdia todas as fotos, revelava em câmaras escuras, tinha que levar para o foto para revelar. Enfim, as dificuldades eram muito maiores do que de hoje. Transmissão de fotografia não existia em tempo real né. Era uma coisa bem diferente.

### **Como funcionava o trabalho de rádio-escuta?**

O processo de rádio-escuta, você tinha um equipamento bastante grande até, que ficava em uma mesa, você se posicionava ao lado dessa mesa. Esse equipamento era um gravador grande com rolos de fita magnética, dois rolos, um ia rodando e gravando, e você conectava esse equipamento a grandes emissoras de rádio: *Rádio Globo* de São Paulo, *Rádio Globo* do Rio, *Rádio Guaíba* de Porto Alegre, naquela época, me lembro dessas emissoras. Ouvia os noticiários por elas transmitidos, ouvia e gravava. Depois de gravado, você desgravava. O que significa isso? Você ia tocando aquilo que estava gravado, segurando às vezes com o dedo, tinha um cabo que servia de pedal e você freava o gravador né e voltava a fita quando não entendia, e ia copiando. Era basicamente isso. Então, a rádio-escuta nos auxiliava a fazer o noticiário nacional e internacional. Às vezes, cometíamos erros com nomes principalmente no noticiário internacional, que você não conseguia compreender exatamente qual era. Então, tinha que estar também conectado com essas emissoras para ter noção, porque naquela época pouca gente tinha televisão, né. Então, para você conhecer... em tempo real não existia, as notícias chegavam com atraso mesmo, de dias até, principalmente as internacionais. E para você conhecer as personagens do mundo, você tinha que se familiarizar com essas grandes emissoras e, de vez em quando, assistir à televisão também.

### **Nos noticiários locais, que tipos de notícias eram divulgadas?**

Os jornais, tanto da rádio como do jornal impresso, eram muito mais voltados para a localidade e para a região. A gente tinha noticiário nacional e internacional, mas a nossa preocupação, o foco maior era informar a população sobre o que estava acontecendo na cidade e na região. Então, esse era o foco.

**Quais matérias ganhavam espaço em relação à região (policiais, esportes, etc.)?**

Haviam matérias policiais, eu mesmo fiz bastante, mas naquela época os crimes eram bem diferentes dos crimes de hoje, né. Primeiro que a gente só tinha criminoso local ou regional mesmo né. Esportes, tinha bastante, mas o foco era regional e local também. Agora, o que ganhava espaço mesmo acredito que era o noticiário político, me parece né, porque haviam grandes disputas políticas, as eleições eram disputadas, pessoas interessadas na comunidade, candidatos a vereador. Então, a gente cobria Câmara Municipal; Prefeitura Municipal, não só da cidade, como da região. Então, a percepção que eu tenho é que o noticiário político local e regional ocupava maior espaço.

**Como se caracterizava a produção de notícias locais?**

Então, na rádio, gravação; a maior parte né. A gente também, às vezes, coletava informações por telefone, às vezes pessoalmente. Você redigia o noticiário para ler durante os jornais falados. E, havia também as gravações, gravadores antigos, nenhum digital, grandes, autênticos “tijolos”, pesados né. Então, você gravava também muita coisa, principalmente para emissora de rádio. Jornal também, você gravava, mas era mais escrever mesmo e depois, ir para a redação redigir e passava pela linotipo, todo aquele processo de produção e impressão bem antigo né.

**Como era realizar uma cobertura jornalística, em meio aos desafios da época?**

A cobertura jornalística, bom, era apaixonante como é hoje. Eu creio que vocês que atuam na área têm a mesma paixão. Às vezes, a gente ficava cobrindo uma matéria... uma coisa que a gente não se preocupava muito na época e eu, particularmente, hoje acho que isso está errado é que você era tão apaixonado que, quando tinha grandes eventos, você às vezes virava a noite, passava cobrindo, por exemplo, cobri rebeliões; cobri ocupações de terra no Pontal do Paranapanema; fiz cobertura desse sequestro, que foi um dos grandes eventos, o sequestro das jornalistas de Goiânia que foi um dos grandes eventos, ganhamos capa do *Jornal da Tarde*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, a *Agência Estado* distribuiu notícias desse sequestro para o mundo inteiro. Então, foi uma grande cobertura que, na época, eu fiz com o Adhemar Oricchio, com o Luiz Carlos Lopes de Marília, com o Valderi dos Santos. Então, era apaixonante, as coberturas eram apaixonantes.

**No rádio, como era produzir um jornal falado?**

Então, você passava a manhã inteira trabalhando para produzir um jornal de meia hora que, se eu não me engano, era das 12h às 12h30, o jornal que a gente fazia né. Eram dois apresentadores. Eu durante algum tempo fui um desses dois apresentadores. O Luiz Augusto foi o que mais tempo atuou como apresentador;

hoje ele trabalha inclusive aqui em Presidente Prudente, continua trabalhando em rádio, trabalhou em televisão né. Um grande apresentador que eu tive a oportunidade e a honra de conhecer, e de trabalhar com ele. E a gente passava a manhã toda preparando o jornal do meio-dia. E, durante o dia, principalmente o Luiz, continuava desenvolvendo os noticiários de hora em hora na emissora.

### **Havia quantos profissionais envolvidos nesse produto?**

Além dos apresentadores, tem o técnico de som né, que ficava acompanhando. Depois de pronto, era isso. Agora, antes tinha todas as pessoas que trabalhavam na preparação, desde o gerente da emissora até o próprio Luiz Augusto, eu e outros que fazíamos reportagens.

### **Durante o dia, com que frequência eram veiculados jornais ou boletins pelo rádio?**

De hora em hora e mais um jornal do meio-dia. E, se houvesse necessidade ou alguma urgência, entrava ao vivo, interrompia a programação. Então, essa era a frequência.

### **A duração média era de meia hora?**

Não. Só o jornal do meio-dia. Os noticiários de hora em hora eram cinco, no máximo 10 minutos. Acho que não chegava a 10 não. Em torno de cinco minutos.

### **No rádio, de que forma se dava a transmissão ao vivo de um acontecimento?**

Então, a transmissão ao vivo dependia da formação de toda aquela estrutura que eu mencionei: contratar a empresa de telefonia para instalar uma linha do local onde ocorreria a transmissão até o estúdio da rádio e você ainda corria alguns riscos. Eu, por exemplo, uma vez nós fomos realizar um evento no ginásio de esportes de Presidente Venceslau e o ginásio de esportes ficava no caminho entre o transmissor da rádio e o estúdio. E, eu não sei o que aconteceu, que em vez de ligar na linha que estava instalando, a empresa de telefonia ligou na linha do transmissor, a linha que ele colocou no ginásio de esportes ficou ligada direto no transmissor. Então, quando você ia fazer os testes né: "Alô, rádio", ficava chamando... eu sei que eu entrei falando "Alô, rádio" e até fazendo brincadeiras, sem saber que estava no ar, mas estava no ar porque a linha estava conectada direto no transmissor. E o pessoal da rádio, no estúdio, ficou apavorado porque não conseguia me tirar do ar. Tiraram a emissora do ar, desligaram todos os equipamentos e eu continuei falando e fazendo brincadeira: "Ó, vocês não estão me escutando. Eu estou aqui, eu estou falando". E, a cidade inteira estava me escutando, a cidade e a região. E na rádio, o pessoal estava desesperado, porque eles tiraram a rádio do ar e eu continuava no ar, por quê? Porque eu estava conectado direto no transmissor da emissora, entendeu? Aí tiveram que sair de lá do estúdio e ir até o ginásio de esportes para me avisar que era para eu parar de falar (*risos*). Então, às vezes acontecia alguma coisa desse tipo. Então, as transmissões ao vivo geravam... tem até piadas sobre transmissões ao vivo de algumas situações, que uma vez diz que foram transmitir uma corrida de bicicleta e aí quem estava transmitindo, não vou falar quem é porque é uma piada, falava: 'Passou fulano de tal, passou número 24, passou não sei o

quê...’, quer dizer, certamente uma transmissão que não interessava muita gente, porque você ficar falando que a pessoa passou e tal, enfim.

### **Como era trabalhar em jornal impresso na década de 1980?**

Difícil. Mas, muito bom também. Um dos grandes desafios no Jornal Integração que eu tive foi durante os Jogos Regionais. Produzi um boletim diário dos Jogos Regionais, que aconteceram em Presidente Venceslau, um boletim diário com as notícias do que tinha ocorrido no dia anterior. Então, teve noite que a gente virou trabalhando para poder soltar no dia seguinte o boletim. Fizemos durante o evento, mas foi extremamente cansativo, porém gratificante, porque nós conseguimos transmitir todos os resultados dos Jogos Regionais. Mas, foi bastante cansativo. E, essa história de contato com linotipo, que era a máquina de escrever gigante, que chumba linhas, faz linhas de chumbo e você forma páginas com essas linhas de chumbo. Hoje, a gente analisando, tem até um ar de romantismo né, porque hoje você senta no computador e faz o que você quiser e está tudo pronto. Naquela época, era muito diferente.

### **Mais tarde, houve a chegada do telex. Como funcionava esse sistema?**

Telex foi uma grande novidade. O telex era uma máquina também de escrever elétrica maior e tal, e que você transmitia só em letras maiúsculas, porque no telex não tinha... Mas, você conseguia transmitir do local que você estava para outro local do país, até fora, enfim. Então, foi uma grande novidade. E, por fim, aí nós chegamos ao computador né, e conseguimos transmitir... era internet, mas não sei, não me lembro exatamente nada próximo do que a gente tem hoje. E, conseguimos transmitir as primeiras notícias sem ser por telefone ditando palavra por palavra e a outra pessoa do outro lado, com um sistema de escuta, redigindo, datilografando.

### **Além das letras maiúsculas, tinha alguma outra limitação do telex, como palavras com acento, cedilha, etc.?**

Tinha. Não tinha acento, né. Não tinha acento. O telex não tem acento. Eu acho que hoje nem existe telex mais né. É, acho que não existe. Então, era bem diferente de tudo. Quem nasceu mais recentemente como vocês, acho que só vão ter noção do que é isso por livros de história ou por conversar como aqui nós estamos tendo.

### **Como era vista a figura do correspondente na época?**

Então, eu comecei a ser correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* depois de uma cobertura jornalística que eu fiz com um grande amigo, o Luiz Carlos Lopes Martins, que foi repórter regional do *Estado* durante muito tempo na região de Marília. Então, teve uma rebelião no presídio de Presidente Venceslau, naquela época só tinha um, e nós fomos fazer cobertura, eu pelo *Jornal Integração*, ele pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. E aí, compartilhamos várias informações e ele, inclusive, utilizou a própria redação do jornal, nós trabalhávamos juntos. Ficamos grandes amigos, a partir de então. E ele sugeriu ao jornal *O Estado de S. Paulo* que me desse uma oportunidade como correspondente. A partir dali, eu comecei a atuar inicialmente como *freelancer* para o jornal *O Estado de S. Paulo*, depois de algum tempo eu fui contratado como empregado, ainda como repórter local e, finalmente,

eu fui contratado como repórter regional, regional de Presidente Prudente. Aí saí, fui fazer matérias especiais fora do estado. Para mim, foi uma das melhores experiências que eu tive como jornalista. E acho que, trabalhar para o jornal *O Estado de S. Paulo*, que é, se não o maior, um dos maiores jornais do país, era um grande sonho de todo jornalista que eu tive a oportunidade de realizar. Então, me realizei pessoal e profissionalmente como radialista e jornalista. Sou profissional das duas áreas, embora não tenho a formação específica como eu já disse, sou formado em Letras e em Direito apenas. E, o correspondente tinha essas dificuldades de transmissão, mas a maior alegria que você tinha era ver uma matéria publicada, às vezes assinada, com alguma fotografia ilustrando. Tive capas de jornais, tanto do *Estadão* como do *Jornal da Tarde*, tive capas do suplemento agrícola. Uma vez eu fui fazer uma matéria em Belém para o suplemento agrícola, ganhei capa e várias páginas internas. Fiz capa do suplemento do turismo. Enfim, foi muito gratificante ter trabalhado no jornal *O Estado de S. Paulo*. Uma experiência muito enriquecedora e graças à indicação que eu tive desse meu amigo, que é um grande jornalista, um dos melhores textos que eu conheci. Aprendi muito com ele, aprendi muito com os meus colegas de imprensa de Presidente Venceslau e com o Eduardo Martins, Adhemar Oricchio e outros grandes nomes da imprensa paulista e brasileira.

### **Como funcionava o trabalho desse jornalista? Ele mesmo se pautava?**

Você pautava o jornal. Então, de que maneira? Você descobria que estava acontecendo alguma coisa, que você avaliava como uma matéria de interesse nacional. O *Estado* tinha, inclusive, a editoria do interior, às vezes não era exatamente de interesse nacional, mas podia ter alguma repercussão na região ou aquele era um exemplo para ser transmitido para todo o país, enfim. E a gente fazia sugestão de pauta, aí o jornal retornava dizendo: 'Pode fazer' ou 'Não. Não vamos fazer essa matéria'. Acontecia também do jornal nos pautar. Então, por exemplo, o jornal descobria que houve uma ocupação de terras que eu ainda não tinha levantado: 'Ó, você precisa ir para o Pontal do Paranapanema, porque teve uma ocupação e tal'. Ou até, quando nessas matérias fora que eu fiz né, matérias especiais, então: 'Ó, tem uma matéria lá no Pará que vai ser isso...', aí o jornal pautava.

### **De maneira geral, como podemos definir o papel do correspondente?**

Cobrir a região. Essa era a atividade principal. Uma coisa que infelizmente não existe mais, né. O interior de São Paulo, principalmente, era muito prestigiado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, pela *Agência Estado*, porque ele tinha regionais nas cidades mais importantes do interior. Em algumas cidades, como Campinas; se eu não me engano, Sorocaba também; haviam sucursais e depois nas capitais dos estados também existiam as sucursais. Em 1993, o jornal extinguiu essa rede de correspondentes. Só que essa rede, na verdade, ela está ligada pela amizade até hoje; porque, para você ter uma ideia, nós temos um sistema de comunicação entre os amigos jornalistas do estado por e-mail e por *WhatsApp* e uma vez por ano acontece o encontro de correspondentes e jornalistas do *O Estado de S. Paulo* em diversas cidades do estado e a maioria dos colegas comparecem a esse encontro. Um encontro festivo e organizado; aqui em Presidente Prudente já teve, em Presidente Epitácio também. Já organizamos e participamos de encontros em... Presidente Epitácio teve duas ou três vezes, Prudente teve uma vez. Enfim, uma vez

por ano a gente se encontra. Nem sempre eu consigo ir a esses eventos, mas sempre que consigo, eu compareço e é uma alegria muito grande rever os amigos.

**Naquela época, qual era o perfil exigido para se tornar um correspondente de um veículo nacional?**

Então, eu acho que era... primeiro, eu acho que você tinha que ter, como tem que ter hoje, vocação. Você tem que gostar acima de tudo. Tinha que ter um certo preparo né. Apesar de não ter formação específica, eu comecei a trabalhar muito cedo, em 1976, com jornalismo de uma maneira geral e consegui me profissionalizar por causa disso, havia uma lei naquela época que permitia, desde que o Sindicato dos Jornalistas conferisse e verificasse que você estava atuando realmente – e eu atuei inclusive em órgão nacional. Então, o sindicato dava uma declaração e o Ministério do Trabalho te profissionalizava ainda que você não tivesse a faculdade de Comunicação, como eu não tinha e não tenho né. Então, você tinha que ter vocação, tinha que saber escrever... eu acabei fazendo a faculdade de Letras. Tinha que ter uma redação boa né, não podia cometer pelo menos muitos erros, tinha que tentar aperfeiçoar o seu texto, tinha que saber aquelas noções básicas de lead, de como desenvolver o texto (*olha no relógio*). Então, era basicamente isso.

**Para o senhor, como foi trabalhar na função de correspondente?**

Do jornal *O Estado de S. Paulo*? Foi uma grande honra trabalhar como correspondente, repórter regional do jornal *O Estado de S. Paulo* e da *Agência Estado*, porque como eu disse, acredito que ainda hoje seja o sonho de muitos profissionais da área e eu consegui realizar esse sonho, né.

**Quais tipos de notícias ganhavam espaço nacionalmente?**

Aqui nós tivemos muitas né. Coberturas de ocupações de terra quando aconteciam eram notícias sempre de primeira página. Invariavelmente, a gente conseguia a primeira página, páginas internas, às vezes páginas inteiras. Mesmo nessas coberturas teve casos de sequestros de oficiais de justiça naquela época, confrontos entre movimento de sem terra e policiais militares. Então, a gente fazia coberturas que tinham nacional também e mesmo experiências que aconteciam. Presidente Prudente, por exemplo, foi a primeira cidade que teve uma TV a cabo do país né. Nós descobrimos isso naquela época. Eu e o Luiz Carlos Lopes, de Marília, realizamos cobertura. Santo Anastácio, o padre de Santo Anastácio, que hoje é padre aqui em Presidente Prudente, fez a segunda TV a cabo do país, que foi em Santo Anastácio. As feiras agropecuárias que tinham na região; as exposições de cavalos; os leilões; rebeliões, infelizmente, cobrimos várias. Em Presidente Venceslau teve o incêndio do Fórum que virou notícia nacional e houve cobertura; aquele sequestro das jornalistas. Então, tivemos muitas matérias da região que viraram assunto nacional e internacional.

**De que forma essas notícias eram repassadas aos veículos? Funcionava naquele mesmo sistema do telefone?**

Sim. Era o mesmo sistema de transmissão. Primeiro você mandava a pauta logo de manhã, o jornal aprovava. Depois, no final do dia você transmitia a notícia ditando

por telefone e na outra ponta da linha uma pessoa que estava com um equipamento de escuta e uma máquina ia datilografando e registrando aquilo que você transmitia por voz. Às vezes com dificuldade, inclusive, de audição, tinha que desligar, ligar novamente porque o som não estava bom.

### **Existia alguma dificuldade para se exercer essa função também?**

Eu acho que as dificuldades maiores eram a ausência de tecnologia mesmo né. Então, para transmitir a matéria você dependia do telefone, ou ocorria também, porque as ligações eram muito caras naquela época também né, então como é que a gente transmitia? Se você estava fora, você ligava a cobrar para o jornal, em São Paulo, e isso ficava caro. Bom, ligar a cobrar, ligava sempre. Esporadicamente, você ligava e depois mandava a conta para o jornal também. Quando a matéria não era muito urgente você mandava, redigia, vinhas as laudas do jornal e você redigia... as laudas tinham 20 linhas cada uma né e mandava por correio também, às vezes, com fotografias e tal. Isso matérias que não eram urgentes. E isso demorava para chegar no jornal, às vezes demorava uma semana e você ficava ligando: 'Chegou a matéria? Chegou? Como é que é?'. Então, nada era em tempo real. Nada. Absolutamente nada. E essas eram as dificuldades maiores. Quer dizer, para mandar... por exemplo, se eu tinha necessidade de que chegasse amanhã uma matéria no jornal e eu tinha que mandar com fotografias, às vezes eu tinha que me deslocar, vir até Presidente Prudente, quando eu morava em Venceslau, vir até Presidente Prudente, mandava pelo ônibus, colocava no ônibus ou ia no aeroporto e enviava, quando tinha voos né, enviava de avião. Telefoto era muito raro, ter alguém ou o jornal mandar um fotógrafo com aparelho de telefoto. Isso era só matéria que certamente ia dar capa. Então, muito raramente, vinha. Então, você mandava rolos de filme. As dificuldades eram muitas.

### **Para o senhor, quais são as contribuições deixadas por esses profissionais que eram correspondentes para a imprensa regional?**

Eu não sei... Na verdade, é difícil você falar, principalmente porque eu faço parte desse grupo de correspondentes né. É difícil falar que a gente deixou alguma contribuição, acredito até que tenhamos deixado. Mas, tem jornalistas muito mais experientes que eu aqui na região: Altino Correia; Clóvis Moré; Adelmo Vanalli, do jornal *O Imparcial*, um dos diretores do jornal *O Imparcial* né. Jornalistas que tinham e têm muito mais experiência e que certamente contribuíram muito para a consolidação da imprensa regional como hoje é uma das mais respeitadas do país né.

### **O que pode ter contribuído para o desaparecimento da figura do correspondente na imprensa de uma forma geral?**

Acho que é a questão econômica mesmo, né. Eu não consigo enxergar outra... Acho que o jornal perdeu muito... o jornal que eu estou dizendo é o jornal *O Estado de S. Paulo*, que tinha uma das maiores redes de correspondentes, se não acho que a maior rede de correspondente do país e valorizava bastante o interior de São Paulo, por ser o estado mais rico, conhecido como a locomotiva da nação. Então, as principais cidades tinham correspondentes permanentes, contratados, repórteres regionais, empregados do jornal e da *Agência Estado*. Aí, acredito que por questões

de dificuldades econômicas, eu não diria nem de dificuldade, porque nós estamos falando de um dos maiores jornais do país. Mas, talvez de equacionamento econômico, eles resolveram extinguir a rede de correspondentes. Eu acho lastimável e, sinceramente, a sensação de nostalgia é muito grande. Gostaria que essa rede ainda existisse e acho que ela deu uma contribuição muito importante para o jornal, para a imprensa, para o jornalismo de uma forma geral.

**Embora vocês não tenham trabalhado juntos em um mesmo veículo, como era encontrar Altino Correia nas coberturas?**

Altino Correia é um amigo querido, um jornalista competente, um jornalista muito sério. Eu fui amigo e colega de profissão também do irmão dele, o Arsênio Correia, que faleceu recentemente. Aliás, eu tive um contato muito mais próximo com o Arsênio do que com o Altino. Mas, o Altino até hoje com o seu blog e com as coberturas que faz né dá exemplo para nós todos que um dia atuamos e que ainda somos jornalistas. Eu acho que o Altino é um exemplo do jornalismo brasileiro.

**No dia a dia das coberturas como era o perfil dele enquanto profissional?**

Nós não trabalhamos muito juntos. Meu contato com o Altino acabou sendo muito mais intenso depois que eu deixei de ser jornalista, deixei não, porque eu sou jornalista até hoje né, que eu parei de exercer a profissão de jornalista; do que antes. Quando eu cheguei na rádio, ele já tinha saído e depois eu acompanhava as matérias que ele fazia. Ele foi repórter da *Folha* também. Mas na época que eu trabalhei como repórter do *Estado*, o repórter na região da *Folha de S. Paulo* era o Ulisses de Souza, que é de Rancharia. Então, meu contato com ele na condição de jornalista foi muito mais intenso depois que eu deixei de exercer a profissão, porque ele cobre todas as atividades que, inclusive, nós realizamos no Fórum Trabalhista aqui em Presidente Prudente, no Juizado Especial da Infância e Adolescência, no Fórum de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, enfim. Ele continua realizando uma cobertura jornalística excelente de todos os acontecimentos da cidade e da região. Então, é isso que eu posso dizer do Altino. Um profissional gabaritado, um profissional muito sério, comprometido com a verdade e com a informação.

**Para o senhor, quais foram as contribuições que a figura do Altino como jornalista deixou para a imprensa regional?**

O Altino é uma inspiração para todos os jornalistas que chegaram depois dele. Eu acho que isso diz tudo.

**LÊDA MÁRCIA LITHOLDO**

Radialista e jornalista

Data da entrevista: 30/03/2017

Meio: presencial

**Como era o cenário da imprensa regional quando começou a trabalhar?**

Era bem diferente do que é hoje, com certeza. As tecnologias não eram tão aprimoradas. Então, por exemplo, eu comecei no impresso. O sistema era a linotipia. Linotipia era quando você... havia o derretimento de chumbo, não é? E a medida que você fosse teclando... teclando não! Teclando é agora. É teclando, perdão. Confundi com o digitando. Quando você fosse teclando as letras, elas iam virando como se fossem uns palitinhos de chumbo e aí você montava em uma caixa, como se fosse uma caixa, iam-se montando os textos. E aí essa placa de chumbo ia para ser rodada. Passava a tinta e o jornal vinha passando. Uma loucura! Às vezes, eu ficava até de madrugada no jornal e aquele cheiro de chumbo era insuportável, de sair e ficar lá fora, porque realmente era muito forte. Então era assim a tecnologia... nós tínhamos um telex. Telex era um aparelho que mandava mensagens escritas, mas tinha que ter um aparelho no outro também. Era uma espécie de telefone, mas com texto, que pudesse passar texto. Um negócio bem arcaico. Você fica olhando hoje e fala: "Nossa! Como é que eu consegui trabalhar naquela época?". Mas, era o que tinha. E aí nós produzíamos dentro dessa área. Então, a parte de tecnologia era bem restrita. As máquinas fotográficas eram todas com filme, tinha que revelar, tinha todo aquele procedimento. Às vezes, você errava uma foto e não tinha como voltar, porque você não tinha memória, não tinha nada. Bateu, queimou, literalmente. Queimou o filme e não tinha mais como voltar. Então a parte tecnológica era assim. A parte humana, a parte dos profissionais também tinha muitas limitações. Nós não tínhamos estrutura educacional, por exemplo, de formação desses jornalistas. Normalmente, eram jornalistas que faziam carreira pela prática, como eu. Eu comecei pela prática, fazendo, olhando o outro, aprendendo com os outros e fazendo. O gozado, eu estava pensando esses dias, a linguagem que era usada naquela época, era uma linguagem também bem limitada. Só para você ter uma ideia: um repórter, por exemplo, que falasse dos acidentes da cidade, da parte policial, ele usava uma terminologia que era muito interessante. Ao invés dele falar assim: "Houve um acidente na rua", "Houve um acidente em tal lugar e interditou o trânsito". Ele dizia assim: "Houve um acidente e não houve a possibilidade de se passar no leito carroçável". Quer dizer, "rua", naquela época, se chamava de "leito carroçável". Você começa a lembrar de como era esquisito, né? Então, tinha toda essa linguagem e também essa formação da prática. Então, os jornalistas daquela época, eles tinham a formação do dia a dia. De vivenciar, de errar, de corrigir, de perguntar para o outro, era dessa forma que o jornalismo era exercido. Raríssimos casos de pessoas que vieram da capital e que tinham uma formação superior, mas o pessoal do interior mesmo não tinha.

**De que forma essas pessoas entravam para o jornalismo?**

Histórias são as mais variadas. Vou falar da minha, né? Eu sempre fui apaixonada por jornalismo. Sempre. Mas, eu entrei na faculdade de Direito, porque não tinha faculdade de Comunicação Social aqui. E naquela época, pai não deixava nós sairmos de casa. Isso aí foi em mil novecentos e dinossauro na rua. O pai achava

que filha que saísse de casa ia ficar falada. Então, tinha que fazer faculdade aqui. A única coisa que me interessou, as únicas, foram Direito na Toledo e Ciências Sociais aqui na Unesp, que foram os dois cursos que eu prestei vestibular e passei. E aí, quando eu estava para me formar, faltando seis meses para eu me formar, eu não quis mais me formar. Achei que estava fazendo faculdade de Direito, mas não era nada daquilo e eu via uns negócios meio esquisitos lá, umas formas de você manipular lei e aquilo começou a me irritar. Eu só não larguei a faculdade porque meu pai pediu: “Você está no último ano. Não tem quase formando, o cara é formado ou não é. Então, conclui e pega o diploma”. E aí eu conclui com essas condições de não exercer. E aí, nesse meio tempo, nas férias, faltando seis meses para eu me formar, eu recebi o convite do Mário Peretti, que era um dos donos, hoje ele é falecido, um dos donos de *O Imparcial* e eles precisavam de alguém para fazer uma coluna para jovens. O jornal tinha colunistas já consagrados, Barbosa da Silveira, Geraldo Soller, mas eram jornalistas que escreviam para um público mais adulto e eles perceberam que tinha uma galera que poderia consumir o jornal, ser leitor, aquela coisa toda. E aí me chamaram. Me pediram um primeiro modelo, um piloto. Eu fiz e aí gostaram, e eu comecei como colunista social. Só que era uma coluna diária, então eu trabalhava no jornal todos os dias. Mas, ali eu já comecei a escrever crônicas, dali a pouco eu já comecei a ajudar na reportagem, dali a pouco eu já estava na rua. Então, eu acho que os outros jornalistas também têm histórias parecidas. Acho que ninguém se programou para ser jornalista. Eu estou falando desse pessoal daqui do interior, porque tem aquele pessoal que foi para a capital, que estudou ou que era da capital e veio para o interior, vinha com formação. Estou falando do pessoal daqui, da região de Prudente, que não tinha acesso a esse estudo e que começou. Rádio também a mesma coisa. O pessoal tinha uma voz mais rebuscada: “Ah, vamos fazer um teste na rádio”. Pronto. Fazia e já virava locutor. Era dessa forma. Aí aos poucos, os sindicatos foram organizando e aí foram normatizando mais a profissão.

### **Nesse período, como era a presença das mulheres nos veículos?**

Não. Não tinha. Eu entrei, de rua mesmo, era eu. Porque tinha a Neide Cordeiro que era uma locutora, mas ela era de estúdio. Então, ela anunciava hora certa, ela falava música, mas era só estúdio. Ela não saía para fazer matéria. Quem saiu mesmo para fazer matéria foi eu. Fui a primeira, assim, de entrevistar. Até no começo tinha um problema sério, porque os homens, que já eram veteranos, eram meus amigos, mas você sentia que lá no fundinho tinha aquela coisa: “Ah, mas mulher...”. E aí foi uma briga para me impor, mas aos poucos, com bastante insistência e demonstrando profissionalismo, eu consegui. Eu acho que eu consegui o respeito deles, porque são muito meus amigos até hoje.

### **Como foi quando começou ser a única mulher no jornal?**

Você sabe que eu nem prestei atenção nisso. Nossa, estava tão assim que aí um dia lá na frente falaram assim: “Nossa, que legal! Você é a única mulher aqui”. E eu não tinha prestado atenção, porque não era realmente o meu foco, meu foco era produzir. Na hora que eu percebi aquele mundo fantástico de você ir buscar informação, você transformar aquilo em um texto e você nortear o dia a dia de uma pessoa que estava lendo o que estava acontecendo. Nossa! Aquilo foi maravilhoso. Logo na sequência, um ano depois eu fui chamada para fazer um teste na rádio,

porque na época, o senhor Ernesto Coquemala, falecido também, ele viu meu texto, ele gostou do texto e falou: “Vamos ver se você tem voz”, porque só o texto para a rádio não adiantava. Hoje é diferente, hoje já não se exige tanto a voz. Hoje, exige comunicação, naquela época não. Então, nós temos aí o pessoal da velha guarda. Todos eles tinham voz bem empossada, era uma coisa peculiar, característica. E aí eu fui lá, fiz o teste, eles gostaram da voz e começou, e fui a primeira repórter também de microfone, de ir para a rua na rádio e tudo mais. Assustador no começo, mas depois virou festa.

**Nessa época, havia veiculação de algum produto direcionado ao público feminino na imprensa regional?**

Não. Era assim: eu comecei como colunista social. Então, naquele primeiro momento, a minha preocupação era frequentar festas, conhecer gente, trocar informação, telefonar para muita gente para ter o conteúdo. E uma coluna diária não é fácil. Você precisa ter muito entrosamento social para você conseguir abastecer a coluna, porque você não vai ficar colocando nota que ninguém quer ver. Pessoas queriam e querem ver até hoje onde o fulano foi, com que roupa o fulano estava, aquelas coisas todas. Quando eu comecei na reportagem, eu tinha o chefe da redação, então ele nos pautava. Mas, eram matérias jornalísticas, do dia a dia, eram factuais. E aí o que começou a acontecer? Eu que sempre fui muito agitada, eu começava a fazer um negócio, mas daqui a pouco eu achava pouco, queria mais. E aí eu comecei a perceber que tinha uma lacuna nesse lado do impresso que era assim, era o jornal, tinha lá um encarte que eu não me lembro qual agora, não me lembro o nome... faz muito tempo, né? O que aconteceu? Eu comecei a perceber que havia espaço para fazer encartes. Então o primeiro encarte que eu resolvi fazer foi o feminino. Então, eu fiz lá um “tablóidezinho”, na época acho que quatro, seis páginas, não me lembro. Quatro ou oito páginas e aí tratando assuntos da mulher. Então o que tinha? Tinha problema de saúde... esse modelo que tem hoje, tipo Ana Maria Braga, só que impresso. Mas, aquilo na época era uma coisa nova. E aí foi indo. Eu coloquei o nome de “Jornal Mulher”, e *O Imparcial* me deu toda liberdade para fazer o que eu quisesse. E aí eu comecei a produzir, eu comecei, inclusive, a parte publicitária toda eu comecei a vender e a criar. Eu só não fazia os desenhos, aquela coisa toda, mas eu dava as ideias. O cara gostava e vinha com o esboço. E tinha todo o departamento artístico, portfólio e tudo mais. E aí ele começou a crescer. Eu lembro que um dos maiores que eu fiz tinha cinquenta e seis páginas, ficou maior que o jornal mesmo, com matérias, entrevistas e assuntos. Só que assim, era uma vez por mês, porque se não você não aguentava o ritmo, né. Então, fazia esse encarte e aí sim, esse encarte era direcionado. Agora, o meu trabalho na redação, não. Ele era o que estava acontecendo. Se tivesse acidente eu ia cobrir, campanha de vacinação eu ia cobrir, qualquer coisa que estivesse acontecendo na cidade eu ia cobrir. Eu e os outros companheiros, vários repórteres lá comigo.

**Pode-se dizer que esse encarte foi uma novidade na época, já que não tinha nada relacionado ao assunto?**

Tinha lá, às vezes saía uma notinha, sabe? Uma receitinha de bolo lá. Eu vinha com receita com pessoas que faziam. Hoje, em um canal aqui de Prudente, tem lá receita da família. Eu fazia isso lá em mil novecentos... só que no impresso. Então, colocava a pessoa lá e ela falava o que tinha feito, a receita era da avó dela e ela ensinava.

Só que ali eram umas fotos e as fotos eram de péssima qualidade. A foto era boa, a impressão que era ruim por causa da tecnologia da época.

### **Como era a reação do público?**

A primeira reação foi da galera, os mais jovens por causa da coluna. Foi um impacto violento, já comecei a virar figurinha carimbada e isso foi abrindo contato com as mulheres. Eu acho que foi todo um processo de maturação para chegar nesse encarte e nesses contatos. Sem que eu percebesse, eu comecei a colher informações que mais tarde viriam a eclodir nesse encarte. Mas, depois que eu lancei, as mulheres mandavam, na época por cartinhas, porque usava correio naquela época... mandavam a receita: "Olha, eu tenho uma receita aqui"... médicos davam... "Olha, você podia falar sobre isso". Então, nós começávamos a ter orientação também das pessoas da sociedade. E era muito legal essa interação. Não é essa interação como tem hoje do *WhatsApp*, que você está aqui e daqui cinco minutos a pessoa fala. Às vezes, vai uma semana para a pessoa conseguir falar com você para dar uma ideia de uma matéria ou querer participar. Bem legal, era bem legal.

### **Como era vista a figura do jornalista naquela época?**

Do jornalista? Era respeitado. Não tanto quanto é hoje, mas talvez em decorrência dessa potencialidade que são os meios de comunicação hoje, mas nós éramos bastante respeitados. Nós chegávamos, a pessoa: "Nossa, o fulano..." e sempre chamado... tinha eventos, nós sempre éramos chamados. Não eventos do jornal que nós íamos cobrir. Ia ter um evento de inauguração de uma loja, os caras mandavam nos convidar e, às vezes, para nós apresentarmos, inclusive, quem era radialista era chamado para falar, ser mestre de cerimônia. Era um barato, não parava. De segunda a segunda, não ficava em casa de jeito nenhum.

### **Como se caracterizava a produção jornalística quando começou a trabalhar?**

Ah, era bem tímido isso. Tinham as editorias, política, principalmente, porque era uma característica não só daqui de Prudente, mas da imprensa brasileira de uma forma geral. Era aquele viés político. Então, o jornal, ele tinha o posicionamento político mais visível. Não que hoje não tenha, mas hoje o pessoal diluiu um pouco mais. Mas, na época era mais. Tanto é que as cidades do interior paulista, elas tinham, normalmente, dois jornais, o que era situação e o que era oposição. Isso era uma característica da imprensa do interior muito forte. Então, o material jornalístico, por exemplo, de política tinha já quem era o responsável, que era uma pessoa carimbada, que conhecia, que era mais velha, que já tinha acompanhado a história de Prudente e tudo mais. Aí tinha o esporte, que também eram pessoas especializadas e aí vinha ali pelo meio variedades, alguma coisa assim que às vezes trocava, um substituía o outro. Só nos mais assim, nas editorias mais específicas... que às vezes, você fala editoria, mas falava variedades ou fala cultura, mas você pega um jornalista para fazer uma matéria de teatro e ele faz com pesquisa. Agora esporte... (*problemas no microfone*)... fica uma coisa mais específica, mas naquela época não era tão acentuado como é hoje.

### **Nesse período, quais tipos de notícias predominavam nos noticiários (nacionais ou regionais)?**

Ah, não, era dividido. Então, tinha a parte local, tinha a parte regional que era bem pequena e tinha a parte nacional que vinha através do telex, que era aquele negócio que ficava lá na redação fazendo um barulhão danado. Você precisava se concentrar para escrever um texto e aquele troço (*simula barulho com a boca*)... Nossa! Era um horror. Mas vinha notícia de política, vinha de tudo quanto é lugar, né? Mas assim, de agências de notícias que mandavam, era um contrato que tinha, aquela coisa toda. Não é qualquer um que mandava. Não é como o *WhatsApp* hoje que você chega lá no grupo e tem 200 mandando. Não. Ali tinham as empresas, as agências de notícias, que eram contratadas e aí mandavam para os jornais.

### **Havia maior veiculação de notícias da região, então?**

Mais de Prudente. Prudente e região. E tinha uma parte que era nacional, mas a maioria... pelo menos a intenção. Tinha dia que não tinha material, saia um monte de coisa nacional. Mas, nós tentávamos sempre trazer mais local e regional alguma coisa. Não era como hoje, não tinha essa facilidade. Porque hoje como que você não consegue mandar uma notícia de Venceslau? Pois é! Mas, na época, tinha que pegar um carro, sair daqui, ir lá em Venceslau, fazer uma coisa e voltar. Então, tinha que valer muito a pena. E, às vezes, tinha um ou outro contato do jornal que mandava alguma coisa de notícia, mas não era com a intensidade, com a facilidade que você tem hoje. Então, era mais difícil você conseguir notícias assim.

### **Como funcionava o departamento de jornalismo no jornal?**

Eu estou falando só de *O Imparcial*, 1978. Porque depois eu trabalhei em outros veículos. No *Imparcial* tinha, na redação, tinha o chefe de redação que era o seu Adelmo Vanalli, que acho que até hoje é diretor lá e depois tinham os repórteres. E aí, por exemplo, na editoria de esporte tinha, por exemplo, o Manoel de Freitas, também falecido, ele cuidava de toda essa parte, mas tinha mais um repórter que o ajudava quando tinha coberturas e tudo mais. O seu Adelmo era o responsável pela parte política. Aí tinha o Macedo que era da parte policial. Então, era divididinho. E eu e mais quatro, na época, que fazíamos a parte geral. Então todo o cotidiano, todo o dia a dia da cidade, nós que cobríamos. Isso na redação. Depois, tinha o Departamento de Arte, que também nos auxiliava na questão da produção das fotos, na questão da produção da publicidade, tinha o pessoal do Departamento Pessoal. Era uma empresa mesmo. É uma empresa até hoje, mas ali na redação acho que uns 10. Fora colaboradores. Tinham os colaboradores também, que era o pessoal que escrevia uma vez por semana, uma vez por mês, uma vez por ano e mandava o material lá para o jornal.

### **E como funcionava a questão do salário? Era muito diferente de hoje?**

Era, porque antes não tinha aquela coisa de seguir uma lei, não tinha sindicato cobrando, não tinha nada. Então, ia muito da conversação com a direção do jornal. Lógico que quem tinha mais experiência ganhava mais. Quando eu comecei, o salário era uma "merreca" e por algum tempo não foi grande coisa. Tanto assim que eu comecei a entrar na área de vendas de publicidade para dar uma melhorada no

salário. Foi aí que eu enfiei a cara e aí que acabou virando essa coisa do suplemento em função do salário não ser aquelas coisas. Agora, à medida que os sindicatos foram avançando, à medida que a lei foi melhorando, foram sendo feitos ajustes, aí os salários começaram a melhorar. Aí, a partir de mil novecentos e alguma coisa, que eu também não lembro, já existiam as empresas que respeitavam o piso salarial e aí nós começamos a ganhar pelo piso. Aí foi bem legal. Porque o piso era melhor, né.

### **Quais eram as maiores dificuldades para se exercer o jornalismo?**

Bom, em parte, eu acho assim, nós não tínhamos esse respaldo teórico que você tem na faculdade. Você entrava com a cara e com a coragem. Muita coisa que eu fazia, eu não sabia, porque eu fazia. Eu fazia porque eu via o outro fazendo. E depois de 28 anos de carreira foi que eu entrei aqui na Faculdade de Comunicação, que eu vim fazer jornalismo. Aí eu descobri, porque eu fazia algumas coisas. Eu fazia, mas não sabia o porquê. Aí aqui veio toda a parte teórica. Então, eu tenho quase certeza da minha de 42 formandos, dos jornalistas, eu fui a que mais aprendeu, porque eu tinha a prática e quando eu vim para a teoria... Nossa! Que banho. Vim encaixando conhecimento em todas as áreas que eu conhecia. E para quem nunca foi jornalista é difícil. Você vê a parte teórica e você fica meio assim. Então, eu acho que uma grande dificuldade foi essa. Nós aprendíamos na raça. Nós aprendíamos errando e, às vezes, pelo erro você não fazia um material tão bom.

### **Como eram as dificuldades na parte técnica?**

A parte técnica era o equipamento. Não tinha... gente, era máquina de escrever. Você tem noção do que é isso? Você vai lá (*simula barulho com a boca*)... aquele negócio. Se valorizava o curso de datilografia. Então, quem tinha datilografia já se dava bem ali e eu tinha sido uma excelente aluna na escola de datilografia, eu tinha conseguido uma média muito boa de palavras por minuto. Você era classificada por palavras por minuto. Então quando eu cheguei no jornalismo e precisava dessa habilidade, eu já me dei bem, porque eu dominava bem essa arte de teclar o teclado da máquina de escrever. Era difícil, viu? Nossa... você errava, você tinha que jogar fora o papel e começar tudo de novo.

### **Quais eram as diferenças entre trabalhar no rádio e no jornal?**

O rádio era uma coisa assim... instantânea. O jornal, ele foi indo e eu fui ganhando nome a partir de algum tempo. Começa, a pessoa olha, lê, aí você escreve de novo, ela vai lá e lê de novo. Dali a pouco você começa a ganhar a popularidade. O rádio não. O rádio você entra de manhã e na hora do almoço todo mundo já te conhece. É uma coisa absurda. A relação com o receptor de rádio, ela é mil vez mais intensa do que com o receptor do jornal. Talvez porque o jornal, ele tenha uma população de código mais elaborado, então a pessoa, ela tem uma postura diferente. O rádio já não. O rádio é população, tem aquela coisa direta. Você chega... ainda mais quando você faz uma denúncia. Por exemplo, aconteceu um problema lá no bairro, você vai lá e chega e desce o sarrafo e fala. Ô prefeito, ô vereador. E aí a prefeitura toma uma providência e vai lá resolver. Nossa, a população fica que não sabe o que faz com você e liga agradecendo, manda presente. É uma coisa, assim, mais intensa.

Eu achei bem mais intensa. Agora, também a repercussão é mais rápida. Se você comete um erro, a repercussão é bem mais rápida.

### **Quais funções você chegou a desempenhar no rádio?**

Então, eu comecei sendo repórter de rua com matérias gravadas previamente. Por quê? Eles tinham um receio de colocar alguém tão jovem, eu tinha 21 anos, 22 dois, colocar alguém tão jovem para falar ao vivo. Vai que falava alguma porcaria lá, já pensou? Em uma rádio de uma audiência considerável. Então, eu comecei gravando as matérias. Aí, aos poucos, fui me soltando e aí me colocaram no estúdio para fazer um programa de variedades na parte da tarde. Variedades, desses que tem hoje, música, notícia, piadinha, receita. Era uma coisa bem eclética, bem diferenciada dos outros que eram jornalistas, que eram só de música, tinha um que era só música do Roberto Carlos, tinha outro que era só música sertaneja. E esse não. Esse era bem variado. Aí, à medida que eu fui me soltando, porque em um programa de variedades você se solta, ou você se solta ou você se solta, você não tem outra opção. Aí começaram a me aproveitar no jornalismo, aí eu comecei já a entrar ao vivo e depois eu fui para o estúdio apresentar o jornal também, o jornal das 7h.

### **Como eram as coberturas na rua?**

Era uma delícia. Nossa, era muito bom. Você parava o carro da rádio, parecia que era o carro que distribuía pipoca, aquele monte de gente em volta. Era muito gostoso. Você chegava e as pessoas já começavam a te conhecer pela voz, você nem precisava se identificar. Porque a pessoa te ouve, mas ela não te vê, então ela não sabe como que é a sua configuração física. De repente, eu chegava em um lugar e falava alguma coisa: “Nossa, é a Lêda”, sabe aquela coisa? Você ficava até sem graça, meu Deus! E aí, tudo o que eles podiam fazer para te ajudar na matéria, eles faziam. Indicavam alguém... “Eu não vi, mas aquela pessoa viu...”. Então, era bem legal essa parte humana. Havia, assim, uma proximidade. Rádio é uma coisa. Rádio é... até o pessoal falava na época, não sei hoje se fala, rádio é uma “cachaça, você vicia”. Porque você começa a ver aquilo, aquele interação, sabe aquela coisa boa, você fala e repercute. Você consegue brigar pela população. É muito gostoso. É muito bom.

### **De que forma os assuntos eram selecionados para veiculação?**

No jornal, nós tínhamos o editor e ele dava as dicas: “Olha, precisa fazer isso, precisa fazer aquilo”. Mas nós tínhamos bastante liberdade de sair e: “Puxa, isso aqui dá uma matéria”. Chegava lá, fazia. E olha, eu fiz uma matéria. Às vezes, ele aproveitava, às vezes não. Tinha isso. Você tinha todo o trabalho de fazer, você achava que era uma coisa boa... mas, com o tempo você vai pegando experiência, aí você vai vendo o que de fato interessa e o que não interessa. Mas, bem lá no início, às vezes eu achava, me empolgava com alguma coisa que parecia que ia ser uma boa matéria e às vezes não era. Nós ainda tínhamos esse direcionamento do editor. No rádio, não. No rádio era: “Se vira”, tem que trazer matéria e você saía. Só assim, setorizava para não acontecer de dois repórteres fazerem a mesma matéria. Então, por exemplo, um fazia parte mais de bairro, o outro fazia mais o centro. Às vezes, acontecia de ter um negócio no bairro e aí eu falava para o meu parceiro: “Ó,

vou fazer lá o bairro”, tudo bem, para ele não ter que ir. Mas, era muito assim, no improviso. Não tinha aquela coisa, como tem hoje, pauta. Outro dia vi o repórter chegando com a pauta, olhei e falei: “Nossa, que moleza, hein?! No meu tempo não tinha isso não”. Você fazia a cabeça, você tinha que ir atrás da pessoa, você fazia as perguntas, tudo. Então não tinha essa coisa pronta da pauta.

### **Como era feita a apuração dos fatos?**

Nós também procurávamos documento. Às vezes, a pessoa fazia uma denúncia, você vinha ouvir uma autoridade para ver se de fato aquilo procedia. Tinha toda a investigação, mas não tinha relacionado com a pauta, quer dizer, você saía e você tinha que ter essa noção: “Eu tenho que levantar, eu tenho que averiguar, eu tenho que investigar”, e quanto mais condolente fosse o assunto, mais... você vai fazer uma matéria de campanha de vacinação que é uma coisa, você chega lá, entrevista a pessoa que é responsável pela Secretaria de Saúde, você pega uma mãe que está vacinando lá e entrevista a mãe, entrevista a pessoa que está aplicando a vacina e acabou. Agora, você tem uma denúncia, por exemplo, de tráfico de drogas, você tem uma denúncia de aliciamento de menores. Você tinha uma denúncia mais séria, aí você tinha que ir atrás. Desvio de verba... tinha isso desde aquela época.

### **Para você, por que não havia forte presença feminina na comunicação?**

Eu acho que não era só na comunicação, a mulher estava tímida ainda. A Revolução de 1960 era muito nova, não tinha 20 anos. Então, nós falamos assim: “Mas, 20 anos é muito tempo”, não para uma mudança drástica na sociedade da mulher sair de um *status* de submissão e de repente começar... hoje, você vê mulheres que à frente de grandes companhias americanas, acho que 35 ou 40% das companhias americanas são dirigidas por mulheres. Então, não só na comunicação, em vários setores, a participação da mulher era muito tímida. Então tinha, por exemplo, professoras tinham bastante, porque era uma área que era considerada feminina. Mas, por exemplo, na área da Medicina você não via tanto. Tinha, mas você contava no dedo. Na área da ontologia tinha, mas você contava no dedo. Então, acho que a parte da comunicação também fazia parte desse universo, onde a mulher ainda era extremamente tímida e não tinha essa relevância que ela tem hoje. Aí a medida que o tempo foi passando e eu fui acompanhando isso, dali a pouco começaram a aparecer, não só na comunicação, mas em outros setores. E uma das gratas surpresas foi quando nós começamos a perceber as mulheres entrando em programas de esporte para falar e comentar sobre futebol, que era uma coisa absolutamente masculina. Hoje têm várias, mas na época não tinha. Futebol era só homem. Não tinha essa perspectiva.

### **Na época, havia algum tipo de preconceito em relação à atuação da mulher?**

Não sei se chama preconceito, mas a impressão que eu tinha era que alguns colegas tinham um “medão” de você começar a ser melhor. Não sei se isso pode ser chamado de preconceito, porque eles eram tão gentis comigo. Tinha uma amizade tão boa com todos eles. Então não era aquela coisa assim: “Olha, chegou ela, ninguém fala”. Não! Nossa, chegava e conversa e conta. Mas quando você ia, vamos supor, disputar uma matéria ou você ia fazer um texto, alguma coisa, que começasse a produzir muito. Era para fazer duas matérias, ela fez quatro, você

percebia que incomodava. Não porque fossem quatro matérias, porque se fossem quatro matérias de um homem não tinha problema nenhum, mas por ser uma mulher. Dava a impressão assim: “Como que um ser inferior...”, aí sim é preconceito. “Como que um ser inferior consegue fazer isso?”. Mas nada assim dramático, nada que pudesse falar: “Puxa. Olha, sofri”. Imagina! Grandes amigos. Tenho uma saudade danada daquele tempo. Tirando a máquina de escrever, eu tenho uma saudade danada.

### **Como era a sua relação com o público em geral?**

Sempre foram muito carinhosos. O carinho, principalmente em rádio, o carinho que o público te dedica é uma coisa que merece uma tese de doutorado, porque é impressionante. As pessoas se preocupam com você. Eu lembro que uma vez eu me atralhei nos horários, eu tinha o programa e 15h30 eu tinha que estar na rádio para começar a preparar o programa. E eu me atrasei no jornal *O Imparcial* e aí eu fui direto para a rádio, não almocei nem nada. Aí, comecei a apresentar o programa e lembro até hoje, uma torta de frango com palmito e era uma receita que eu ia dar naquele dia. Eu comecei a falar e tinha a foto da receita lá, aí eu brincando e falei: “Nossa, gente! Hoje está difícil passar essa receita, porque como eu não almocei, eu estou quase mordendo essa foto aqui”, falei brincando. Aí acabou, eu chamei uma música, passou uns 20 minutos, meia hora, aí tocou o telefone interno. A moça falou assim para mim, a moça lá da frente que atendia o povo falou: “Lêda, uma mulher deixou um pacote para você aqui. Eu acho que é comida, porque está cheirando”. Aí fui lá, acho que ela tinha feito frango no almoço e sobrou, mas estava quentinho. A mulher esquentou para mim e veio lá com um bilhete: “Para minha queridinha não passar fome”. Você acha que uma mulher sai da sua casa e traz um frango, quer dizer, ela esquenta o frango, porque eu falei brincando que eu estava com fome? Então é assim, é uma demonstração que você não vê em outro veículo. Imagina? Nunca ninguém levou frango para mim no jornal *O Imparcial*.

### **Como se deu o aparecimento das mulheres nos veículos de comunicação?**

Foi uma coisa assim, gradual. Parece uma aqui, aí parece outra ali. Foi aos poucos. Mas, ali a partir de 1985... devagar, né? Não foi assim. Nossa, apareceram 200 mulheres. Não! Em 1985, parece que a coisa começou a se intensificar e na década de 1990 explodiu, tanto é que quando eu entrei aqui na Faculdade de Comunicação, o número de jornalistas era muito grande em 1997. Mas, desde o início da década de 1990, você já via que a participação da mulher estava muito mais forte. Foi gradual. Na minha época era quase nulo. Aí 1980 aparece uma aqui, aparece outra lá, vai indo... só que a partir da década de 1980 parece que o negócio explodiu. Hoje, é uma coisa tão comum ver uma repórter. Em cada lugar você vê uma repórter, lá no meio do bueiro filmando, entrevistando. Então, hoje já ficou uma coisa normal.

### **Qual o diferencial da mulher na comunicação?**

Eu acho que a mulher quando ela entra na parte de jornalismo, eu percebo, eu percebi em mim também, a preocupação humana da coisa. Então, você vai fazer uma matéria, eu não vou fazer porque eu estou ganhando para fazer isso... vai dar a impressão que eu estou falando que os homens fazem isso, mas a mulher tem um

pouquinho mais de emoção, um pouquinho mais de humanismo, pouquinho mais coisa mais. Então, ela se envolve naquela coisa. Ela traz matérias assim fantásticas. O nível subjetivo acho que é muito grande na mulher. Mas, pelo amor de Deus, não vai falar que estou falando mal dos meus amigos jornalistas. O Homéro me pega.

### **Quando e como conheceu o jornalista Altino Correia?**

Em 1978, no jornal *O Imparcial*, que foi quando eu comecei a trabalhar.

### **Vocês trabalhavam no mesmo setor?**

Não. Era assim: tinha a redação... a redação era ali na Siqueira Campos, 600, se não me engano, no centro da cidade. E era um prédio assim, tinha uma escadaria e lá embaixo era primeiro a recepção, tinha a secretária e aí você entrava e tinha a redação, que era bem comprida. Tinha as bancadas com todas as máquinas de escrever. E aí tinha a diretoria, e lá no fundo a oficina. Se você subisse a escada para ir para a calçada, hora que você chegasse na calçada tinha outra escadinha que levava para uma sala maior. O Altino, o Geraldo Soller, eles ficavam ali. Eu não sei porque, nunca me preocupei em perguntar, mas não que eles fossem melhores, nada disso. Era uma questão de organização espacial. Eles ficavam por ali, então cotidiano mesmo, nós não vivíamos. Nós nos encontrávamos, nós conversávamos. Mas, aquele pega que tinha na redação mesmo, normalmente, eles estavam em outro nível, mas assim, porque, por exemplo, o Altino era jornalista das grandes matérias, investigativa, aquela coisa toda. Então, acho que por isso, ele tinha que ter um espaço um pouco melhor que não fosse aquela bagunça, não era uma bagunça, mas era uma barulheira na redação. É telefone, é gente falando, aquele monte de coisa e aí uma pessoa que vai fazer uma matéria um pouquinho mais profunda, ela precisa de uma perspectiva mais calma para poder pensar e tudo mais. Então, normalmente, eles ficavam ali. Mas, várias vezes desceu, trabalhou lá com a gente. Às vezes, acontecia de eu trabalhar lá em cima. Já umas duas ou três vezes, que eu me lembro que eu fui lá e precisava trabalhar. Tinha máquina, tinha tudo e era assim. Então não era aquela convivência espacial cotidiana, mas todo dia nós dois estávamos lá e mais o pessoal de *O Imparcial*.

### **Como era trabalhar com o Altino?**

Ele era mais elétrico que eu ainda. Ele tinha umas sacadas assim, ele falava: “Ah, acho que eu vou ver isso”. E aí, ia lá. E ele cavava umas matérias que ninguém estava vendo, mas ele tinha essa sacada de desconfiar de alguma coisa e ia fazer matéria. Tanto é que as matérias dele sempre repercutiam. Ele até foi correspondente da *Folha de São Paulo*, *Estadão*... porque as matérias dele começaram a se sobressair. Ele fazia umas coisas muito bem feitas. Não que nós não fizéssemos, mas o dele tinha aquela profundidade que no nosso caso não dava tempo. Você tinha que fazer matéria, trazer até a tarde e tinha que sair no outro dia. Eles não, principalmente o Altino. Ele tinha aquele tempo para poder levantar, para ouvir, investigar e tudo mais. Mas fazia matérias cotidianas também. Muito gente fina.

### **O que você recorda da época em que trabalharam juntos?**

Lembro só da correria, porque, às vezes, entrava lá: “Oi, oi, oi, oi”, pegava as coisas e saía correndo. Eu lembro uma vez que ele estava fazendo uma matéria para o *Estadão*, agora não me lembro, e ele falou alguma coisa para mim: “Lêda, dá uma olhada aqui”. E era uma matéria muito bem feita, como todas dele, e eu fiquei assim impressionada. Eram laudas, porque nós fazíamos assim, aquela lauda pequena e ele não. A matéria dele tinha três, quatro, cinco laudas e eu comecei a ler, falei: “Nossa, quando crescer, quero ser igual ele”. Era muito jovem ainda na profissão e ele já tinha uma tarimba há muito tempo. Muito mais tempo que eu pelo menos.

### **O trabalho dele era muito conhecido na região?**

Nossa, e como! Tanto é que ele despertou interesse dos grandes jornais de São Paulo. O *Estadão* e a *Folha* vieram atrás dele por causa do trabalho que ele fazia.

### **De que forma você acredita que o trabalho desenvolvido por Altino contribuiu para o crescimento da imprensa regional?**

Porque era modelo, né? Ele era um modelo a ser seguido, como outros. Não estou falando que foi o único. Mas, você olhava e via aquele trabalho, você queria copiar, você queria fazer igual, você queria chegar no estágio que ele estava. Então, para os profissionais da área, ele foi um estímulo, eu acho. Agora, para a sociedade, ele foi um sentinela, porque ele levantava problemas sociais, políticos e de saúde, todas as áreas e de uma forma muito profunda. Então, ele contribuía no sentido de esclarecer, de enaltecer algumas coisas que estavam no desuso ou assim, não estavam sendo valorizadas do jeito que precisavam. Ele fazia muito bem isso.

### **Como você vê a figura do Altino como jornalista?**

Um modelo. Uma pessoa íntegra, uma pessoa antenada, focada naquilo. O cara é jornalista na alma. Isso que passava para nós muito. Ele era jornalista na alma. Não é aquele cara... eu com 40 anos de profissão, muitas vezes, eu via pessoas que faziam só por fazer. Ele não. Era aquela coisa: “Meu Deus, vou investigar, vou fazer, vou escrever”. E às vezes assim, até uma matéria menor, ele fazia com tanta alma que a matéria ficava um negócio legal. Ficava melhor do que se fosse escrito de qualquer forma. Então, ele tem esse dom. Ele transforma as coisas.

### **O que ficou de aprendizado nesse tempo em que trabalharam juntos?**

Então, por essa dificuldade espacial, eu não pude conviver cotidianamente assim, ao lado de uma bancada com ele, então poderia ter aprendido mais. Mas ali era uma questão de organização espacial do jornal e eu não ia contestar isso.

### **Vocês trabalharam juntos apenas no jornal? E no rádio?**

Não. Porque foi em épocas diferentes. Eu saía, depois ele entrava. Eu chegava, ele tinha saído. Não houve essa coincidência. Pelo menos eu não me lembro, porque é muito tempo de trabalho. Às vezes, pode ter acontecido pequenos encontros que eu realmente não registrei. Mas, assim, daquele trabalho de sentar, ficar do lado, não.

**Por atuar no jornal e na rádio simultaneamente, as empresas não discordavam dessa conciliação de trabalhos?**

Não. Porque *O Imparcial* e a *Rádio Comercial*, eles eram parceiros. Então, eles tinham muita coisa e não era só eu. Por exemplo, o Manoel de Freitas, que era o jornalista responsável pelo futebol, ele transmitia pela *Comercial* e escrevia para o *Imparcial*. Então não tinha esse problema. O Eli Frank, que também foi da *Fronteira*, ele fazia material para a rádio e escrevia para o jornal também.

**Por exemplo, quando surgia uma matéria, havia a decisão pelo veículo que soltaria em primeira mão?**

Não. Tinha isso. Rádio era primeiro, porque o jornal só saía no outro dia. Então, não tinha como. Por exemplo, eu fui cobrir o Governo Itinerante do Paulo Maluf. Quando ele era governador de São Paulo, ele criou um negócio chamado Governo Itinerante. O que era? Ele trazia todas as secretarias para uma cidade do interior e naquele dia, aquela cidade era a capital do estado. Então, ele foi para Campinas, ele foi para Bauru, foi para um monte de lugar e ele veio aqui para Prudente. E quando ele veio, eu fui uma das repórteres que foi cobrir. Eu e mais os meus colegas. O que eu fazia? Ele instalou lá na Toledo as secretarias e aí eu chegava lá, entrevistava um secretário, entrava ao vivo ou às vezes gravava e corria lá na rádio para entregar e dali a pouco ou mais tarde eu sentava lá no jornal e fazia a matéria. Então, não havia essa disputa. Não podia trabalhar em duas rádios ao mesmo tempo. Isso não. Mas em uma rádio e em um jornal, não tinha problema.

**Em quais veículos de comunicação da região já trabalhou?**

*Comercial, Rádio Diário, Rádio Globo, jornal O Imparcial...* eu comecei na verdade no *Correio da Sorocabana* em 1973. Só que lá eu era colaboradora, era adolescente, escrevia uns negócios lá. Mas, oficialmente mesmo, só foi em 1978, que foi no *Imparcial*. Mas eu trabalhei no *Oeste Notícias*, eu trabalhei no *Correio do Planalto...* daqui só.

**Sobre o encarte produzido por você ao público feminino, que tipo de reflexo percebeu na sociedade?**

Uma coisa que eu percebi é que as mulheres começaram a aparecer mais, me procurando para fazer algum tipo de matéria, porque, até então, quando eu era só colunista social da galera, o que eu fazia? Eu cobria festas de pessoas de 18 a 25 anos. Era isso que eu fazia. Então, o espaço ali que foi me dado era para o pessoal dessa faixa. E aí continuou, no colunismo ficou ali. A mulherada não apareceu. Apareceram as jovens, as moças. Mas, a partir do momento que eu comecei a fazer esse encarte, eu comecei a perceber que as mulheres mais velhas começaram... Então, me telefonavam: “Lêda, olha, sabe o que você podia fazer? Você podia fazer uma matéria sobre amamentação, os problemas”. O que tem que ser considerado? Isso é muito importante. O contexto da época. Não tinha internet. Tinha rádio, tinha jornal e tinha TV, e tudo muito limitado, por causa da tecnologia. Então, informações assim, como por exemplo, dicas de amamentação eram coisas, que hoje você entra e vê na internet, não tinha acesso. Então, quando você fazia uma matéria dessas, você conseguia trazer informação para um público que era ávido dessa informação e

isso que era legal. E aí começou a atrair essas mulheres, porque elas viviam problemas no seu dia a dia e falavam: “Puxa, isso podia virar uma matéria” e aí trazia para você e você fazia. Uma coisa muito interessante, essa participação, esse envolvimento da leitora. Eu percebi bastante.

### **De que forma a comunicação auxiliou no desenvolvimento da cidade de Presidente Prudente?**

Ah, muito, né? Não só Prudente, mas acho que o mundo inteiro. A comunicação, ela mudou a perspectiva do cotidiano das pessoas, da forma como as pessoas se informavam. Você pega historicamente, desde o tempo em que o analfabetismo dominava a maioria da sociedade e não tinha acesso ao jornal porque não sabia ler, até hoje, nossa... diferença fantástica. E à medida que vai trazendo a informação... porque eu acho que a informação, ela é libertadora... boa informação, vamos deixar bem claro, porque a internet deu uma bagunçada nesse conceito. Então, quando a informação, ela é límpida, ela é cristalina, ela é aquela essência do jornalismo de prestar um serviço para a sociedade é fantástico. Então, à medida que isso foi se ampliando, a sociedade ganhou e muito, em todos os sentidos de informação, todo o tipo de informação.

### **Você pensa que seu trabalho contribuiu para o surgimento de novas mulheres na comunicação?**

Ah, então, não sei. O que eu sei, é assim... uma vez eu fui em uma escola fazer uma entrevista com uma diretora e uma aluna ficou sabendo que eu estava lá. Chegou lá e falou assim: “Eu quero ser jornalista igual você”. Isso eu lembro. E foi um negócio assim que eu fiquei: “Respira! Senão, vou chorar”. Uma criança assim, devia ter uns 14 anos. Então, aquilo realmente... e uma outra vez que eu fui em um evento, eu cheguei, fui falar para entrevistar alguém e aí veio uma mocinha e eu perguntei se ela não queria dar uma entrevista para mim e ela começou a rir. “Mas que caramba, está rindo do que?” (*pensou*). Jovenzinha, acho que uns 14 anos mais ou menos. Aí ela falou assim: “É porque eu também chamo Lêda Márcia”. “É nada!”. Porque Lêda Márcia é difícil. Eu já vi Lêda Maria. E ela falou: “Minha mãe colocou o meu nome em sua homenagem”. Nossa, aí eu desmaiei... mas foi recente, dois mil e alguma coisa. Então, quer dizer, você vê que pessoas, de alguma forma, eu acho que influenciei. Não sei se foi para o bem, né? Mas que eu acho que influenciou, influenciou.

### **Por fim, quem é Altino Correia?**

Um modelo de jornalista, cujo trabalho deve ser, não apenas respeitado, mas copiado. Copiado no sentido de viver o jornalismo tão intensamente como ele vive até hoje. Porque apesar de não estar naquela correria que era antigamente, mas cansei de vê-lo fazendo matérias para o blog, cansei de vê-lo fazendo pequenos textos. Ele é jornalista de corpo e alma. O Altino é um jornalista de corpo e alma. Então, é aquele cara para nós respeitarmos, admirarmos e seguir.

**ALTINO OLIVEIRA CORREIA**

Radialista e jornalista

Data da entrevista: 09/04/2017

Meio: presencial

**Quando e como começou na carreira no jornalismo?**

Eu comecei em rádio, na década de 50. Já trabalhava na emissora há algum tempo e, por uma questão de preenchimento de horário, na ausência do locutor, eu fui convocado como locutor a doc. De locutor, acabei me transferindo para o setor de entretenimentos, apresentando programas infantis, programas de calouros, shows artísticos, apresentações musicais e por tabela, as entrevistas para o jornalismo. Não só a redação de textos, como também entrevistas ao vivo ou gravadas. Pois bem, a primeira matéria que me surgiu foi exatamente numa noite em que o prefeito festejava o seu aniversário. Como figura bastante popular e, de certa, forma destinada ao contato com a comunidade, o prefeito é sempre lembrado. E, quando se trata de aniversário, não falta bajuladores para se promover, foi o que aconteceu. O prefeito estava comemorando uma maior festa do seu aniversário, quando alguém teve a iniciativa de solicitar que a emissora transmitisse a festa ao vivo. Uma coisa improvisada. Eu estava então na emissora, o locutor não havia aparecido, ele estava fazendo uma parte de locução e o porta-voz da festa do prefeito me dizia: “Olha, temos aqui a maior festa. A cidade inteira está aqui ao lado do prefeito e vocês estão ausentes? Por quê? Nós queremos que vocês estejam aqui também transmitindo”. Aí, eu tomei a iniciativa de me dirigir ao local pelo telefone e acabei fazendo então a transmissão com entrevistas, com informações, com aquele bla, bla, bla de colonismo social. Não tinha noção nenhuma do que se tratava. Mas, principalmente, o objetivo de me comunicar, o objetivo de uma comunicação direta com o público através do rádio me levou a estar lá convocado para fazer a transmissão. Desta forma, marcou esse acontecimento como o primeiro na minha vida profissional de repórter. Ocorre o seguinte, que o diretor superintendente da emissora não se dava com o prefeito que foi homenageado naquela festa. E, quando ele soube que eu fui lá sem que houvesse uma autorização para transmitir ao vivo, ele queimou o pé, ele me chamou a atenção, me advertiu e tal. E eu disse a ele: “Olha, a festa foi tão boa, tinha tanta gente importante, que eu tenho aqui uma fotografia que me deram de presente”. Ele falou: “Quero ver essa fotografia!”. Levei a fotografia. Ele olhou a fotografia e falou: “Sabe o que eu faço com a fotografia?”. Rasgou a fotografia e jogou no lixo. Jogou no lixo a fotografia. Então, esse fato marcou a minha vida profissional. A gente, às vezes, enfrenta problemas imprevisíveis. Esta foi uma das questões que me conduziram à realização da primeira matéria jornalística.

**Nessa época, o senhor tinha quantos anos?**

Eu tinha cerca de 20 anos. De 19 a 20 anos. Estava iniciando a carreira. Daí então eu parti para outras entrevistas, parti para outras coberturas, inclusive ao vivo né, de comemorações, visitas de ilustres personalidades, como o governador, ministros, deputados, senadores, gente importante da vida política e econômica.

**Essa primeira entrevista foi para qual rádio?**

Para a Rádio Presidente Venceslau AM. Foi a segunda emissora implantada na região de Presidente Prudente. A primeira, a Difusora de Presidente Prudente né, que foi inaugurada, me parece, em 1939. Presidente Venceslau foi 1946, foi a segunda emissora da região. Trabalhei durante 19 anos lá. Na Difusora não trabalhei. Vim para a Rádio Presidente Prudente.

### **Por que escolheu trabalhar com jornalismo?**

Não havia oportunidade né. O trabalho era muito escasso e poucos profissionais na área. Então por causalidade eu acabei ingressando na rádio de forma indireta e me tornei então uma figura bastante requisitada e assumi, inclusive, a direção da rádio durante 12 anos. Fui gerente da emissora, dirigia e tal, e fazia tudo né, transmissão ao vivo de cunho jornalístico com, praticamente, participação diária. Qualquer acontecimento levava a gente a se deslocar com equipamento móvel né, com transmissor portátil para fazer as transmissões.

### **O senhor teve influência de alguém para trabalhar com comunicação?**

Existiam realmente. Porque no início eu fui indicado para ser correspondente do Estado de S. Paulo. Trabalhei no Estadão durante um certo período, até que a Folha de S. Paulo me propôs um trabalho similar, mas em condições melhores. Isto porque o diretor era daqui da região, era o Fernando Brizola de Oliveira. Ele foi para a Folha de S. Paulo e lá ele foi designado para dirigir o departamento de comunicações e sucursais do interior do estado. E, como ele era meu colega, meu amigo e veio de Venceslau também, me convidou para deixar o Estadão e passar para a Folha. Eu fiquei 25 anos como correspondente. Primeiro foi o Estadão. Do Estadão eu fui para a Folha.

### **Em que ano o senhor entrou no Estadão?**

No Estadão, eu comecei em torno de 1953, 1954, por aí. E a Folha em 1962, durante 25 anos. E nesse meio de tempo, eu tive a oportunidade de conhecer muitos profissionais, meus colegas de São Paulo, dentre os quais JB Lemos, que depois da Folha, ele foi dirigir o Jornal do Brasil. A sucursal de São Paulo estava sob a direção dele e ele já me conhecia, me convocou para fazer parte do esquema do JB. Eu fui contratado como repórter para a cobertura do oeste do estado né e trabalhei mais de três anos como repórter do Jornal do Brasil. Isso simultaneamente com a Folha. Do Jornal do Brasil, quando me desliguei do Jornal do Brasil por problemas de ordem econômica, eu fui convidado pelo jornal O Globo, que estava sempre em contato comigo, acompanhando as matérias que eu fazia para o jornal no Rio de Janeiro e me propôs: “O dia que você deixar o JB, venha falar conosco. Queremos você conosco!”. Trabalhei três anos e pouco como *freelancer*. Eles pagavam pela matéria, não como contratado.

### **Na Folha era como contratado...**

Na Folha era como correspondente. No Jornal do Brasil como repórter. Eu recebia uma média de seis a sete salários mensais, condicionado de que toda e qualquer despesa, seja de automóvel, ônibus, avião era por conta do jornal, bastava dizer o quanto custava. E a recomendação ao realizar um trabalho era de que o repórter era

obrigado a se vestir de terno e gravata; se apresentar barbeado, no melhor aspecto possível; na cidade deveria frequentar os melhores restaurantes, os melhores hotéis: “Mande a conta que nós pagamos! Não interessa saber o quanto”. No JB”.

**No JB, o senhor tinha registro na carteira, certo?**

Sim. Perfeitamente. Não era como *freelancer*, mas como repórter.

**Enquanto correspondente da Folha de S. Paulo, o senhor também tinha registro em carteira?**

Não. Eles pagavam por *labore*, mensal, mas sem registro como deveria ser. O único que efetivamente adotou o esquema profissional com registro foi o Jornal do Brasil, depois a Globo Excelsior, que hoje é a CBN, também trabalhei lá; e depois a TV Globo, TV Bandeirantes, né. Tudo com registro em carteira, na categoria profissional, com piso salarial e tal, com todos os direitos, com todos os encargos constando no contrato. Então, o trabalho foi esse.

**No Estadão, na Folha e no O Globo, o senhor ganhava por matéria?**

Exatamente. Exatamente.

**Quando começou a trabalhar no jornal O Globo?**

Foi logo depois do JB. Eu não me lembro exatamente se foi 1978 ou 1980, por aí. Mas foi um período relativamente grande, mais de três anos. O JB, de memória agora, eu não posso te dizer a data, mas foram mais de três anos, mais de três anos.

**Pelo fato de trabalhar simultaneamente na Folha e no Jornal do Brasil, não havia problema entre as empresas?**

Não. Não havia porque as pautas eram diferentes. O Jornal do Brasil me dava pautas mais expressivas de âmbito regional, cobertura de visita presidencial; de ministros; inaugurações; assuntos econômicos; levantamentos das enchentes do Rio Paraná, que no Jornal do Brasil fiz mais de 50 matérias cobrindo as enchentes do Rio Paraná daquela época, uma das quais ocupou a página inteira do caderno B, matéria assinada, com telefoto feita diretamente no local. Então, essa e outras matérias no Jornal do Brasil foram destaque nacional e internacional. Cobri inúmeras visitas presidenciais; inaugurações de hidrelétricas; problemas de ordem econômica; boias-frias; canaviais e o avanço da indústria no setor rural né; o desaparecimento das espécies botânicas, especialmente da peroba, que dominava a nossa região, chegou a um ponto que não existe hoje, nem muda de peroba você encontra mais né, tudo isso foi desaparecendo; o potencial econômico do agronegócio, da pecuária, da agricultura né; as lavouras de tomate, melão do tipo espanhol, feijão, mamona e tantos outros produtos né, o algodão que foi uma das maiores propulsoras da economia, não só da região mas também né. Tudo isso marcou a passagem pela grande imprensa de São Paulo e do Brasil.

**Então, o JB tinha pautas mais específicas, enquanto a Folha era mais aberta?**

A Folha era o dia a dia. A Folha era o dia a dia né, sem exigir muita coisa. Mas, assim mesmo, a gente mandava as fotos, acompanhava acontecimentos, por exemplo, rebelião de presídio, da penitenciária de Venceslau que foi a pioneira, foi a penitenciária modelo desta região e do país; e que depois disso, nós tivemos uma profusão de penitenciárias né. Hoje, Presidente Prudente é conhecida como a capital mundial dos presídios. Tem mais de 20 presídios na região. Isso não existia no passado. A primeira foi em Venceslau, em 1961, por aí né. Foi inaugurada, era um presídio de destaque, por exemplo, por ser semiaberto, era um presídio semiaberto né e onde havia, além da produção normal de presidiários, com bolas de futebol, confecções, artefatos de cimento, de concreto e tal e atendimento de vários setores da economia da região, de marcenaria, de alfaiataria, de impressões em gráficas. Tudo isso existiu na penitenciária.

**Já teve algum acontecimento que o senhor precisou pautar tanto para a Folha, quanto para o JB?**

Sim. Às vezes, a gente era obrigado a fazer uma notinha, por exemplo, conforme a exigência ou uma matéria mais ampla de acordo com a exigência, porque o Jornal do Brasil exigia isso. Quando houvesse um acontecimento imprevisto, imediatamente eles acionavam o correspondente. Eu me lembro muito bem de dois casos. Primeiro, surgiu a peste suína africana no setor próximo a Ourinhos e Cornélio Procópio. Descobriu-se ali um foco de peste suína africana, que era a maior ameaça à suinocultura brasileira. Então, o governo federal se mobilizou com todos os seus departamentos, com todos os seus recursos e se concentrou na região de Ourinhos. Eu cobria para o Jornal do Brasil e fui designado para acompanhar esse trabalho de ponta a ponta. Ficamos lá, seguramente, duas semanas acompanhando. Até que eles adotaram uma solução: para exterminar o foco de doença de peste suína africana, que deve ter chegado através do lixo depositado nos aviões com restos de alimentos, eles determinaram que fosse exterminado todo o rebanho suíno da região – leitõezinhos, leitoas, reprodutores. Todos deveriam ser exterminados. E eu acompanhei isso para o Jornal do Brasil cobrindo, o que terminou da seguinte maneira: reuniram tudo o que foi coletado no meio rural naquela região toda, milhares e milhares de leitões, porquinhos, de leitoas e de porcos reprodutores e era para exterminar. De que forma? Mandaram abrir valetas, convocaram o Tiro de Guerra com os atiradores e seus mosquetões para matar os porcos dentro das valetas abertas por funcionários contratados pelo governo. E assim exterminaram tudo o que existia de suínos entre Ourinhos e Cornélio Procópio. Foi um fato marcante. Felizmente, o foco desapareceu e não se falou mais no assunto. Foi a única vez na minha vida profissional que se falou em peste suína africana no Brasil. Um outro detalhe importante que também marcou pela repercussão foi quando em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, o filho do banqueiro e ex-senador Lúdio Coelho, que chamava-se Ludinho, foi sequestrado e morto pelos bandidos. Então, o que se levantou inicialmente é que o filho do banqueiro e depois senador da República né foi sequestrado e eles exigiram o resgate. O resgate foi pago. Mas, quando eles perceberam que poderia haver “queima de arquivo”, simplesmente mataram o sequestrado. Aí a coisa explodiu como um acontecimento da maior repercussão no Brasil e no mundo né. Resultado: o pessoal de Mato Grosso requisitou em São Paulo o chamado Esquadrão da Morte, que existia o delegado Sérgio Paranhos Fleury, que era o chefe do Esquadrão da Morte. Era o mais temido por todos os bandidos que existiam no país. E ele foi convocado, foi para Campo

Grande com toda a sua equipe. Eu cobrindo para o Jornal do Brasil acompanhei tudo. Ele levantou as questões e disse: “Quem é o acusado? Quem é suspeito?”. Deram as indicações e ele foi direto na sede da Polícia Militar. Chegando lá, ele disse: “Por favor, tenente fulano de tal”. O tenente se apresentou. “Sargento, cabo, não sei o quê e tal...”. “Pois não. Estou aqui”. “Vocês estão presos!”. Meteram a algema em todos eles, botaram em um camburão e levaram. E assim solucionou o problema. Era uma quadrilha formada por policiais militares. Tudo isso nós cobrimos para o Jornal do Brasil.

**Mas, se tivesse um acontecimento importante na cidade a ser veiculado nos dois jornais, como o Crime da Mala, havia a necessidade de enviar matérias diferentes?**

Sempre muda um pouquinho né. Muda o texto, uma foto diferente e tal. O Crime da Mala eu tive a oportunidade de cobrir também, na ocasião, porque eu era correspondente na Agência Folhas e envolvia a Folha de S. Paulo, Folha da Tarde, Última Hora, Notícias Populares, Rádio Gazeta, TV Gazeta, era um grupo, um conglomerado, e saiu em todos. Então, quando eu fiz a cobertura, a matéria repercutiu primeiro no jornal Última Hora, que publicou a foto que foi feita pelo Alemão, que era um fotógrafo que trabalhou no Oeste Notícias, no O Imparcial e em outros jornais. Ele documentou a fotografia da vítima desse aborto, que culminou com a morte de uma jovem de Campo Grande né, Mato Grosso do Sul. Então, a história já foi muito comentada, inclusive repercutiu e até hoje se comentam né: o Crime da Mala. Uma senhora tinha uma farmácia e ela atendia esporadicamente casas e pessoas que a procuravam para fazer aborto. A farmácia era bem no centro da cidade. Então, ela foi procurada por uma moça, de Mato Grosso, argumentando que estava grávida e que não queria ter problemas e que recorria a ela para fazer o aborto. Ela se ofereceu e falou: “Bom, você vai à minha casa, à meia-noite para fazer à noite, com calma e tal”. Tudo bem. Só que terminou mal né, porque ao fazer o aborto ela acabou, então, sacrificando a paciente e a criança, o feto. Resultado: ela se desesperou. Tinha um filho que lhe ajudava. Ela disse: “Meu filho, nós temos que nos livrar do corpo, do cadáver”. Aí ele falou: “Não. Vamos fazer o seguinte: vamos botar em uma mala. A gente coloca ela em uma mala, deixa bastante envolvida na mala e aí nós chamamos um táxi e o táxi vai fazer uma viagem para Mato Grosso. Quando chegar na ponte do Rio Paraná, em Presidente Epitácio, nós lançamos a mala no Rio Paraná”. E esse foi o plano. Acontece que o taxista chamado por volta da meia-noite, lá chegando estranhou o peso da mala. “Desse jeito não é possível! Por que essa mala está tão pesada?”. “Não. Porque tem uma porção de coisas aí. Tem ferro, tem aparelhos, tem não sei o quê e tal”. E ele suspeitou. Suspeitou e telefonou para a polícia: “Olha, eu estou saindo para uma viagem aqui e estou levando uma carga suspeita. Eu estou com medo disso aqui”. A polícia foi lá, abriu a mala e se deparou com o cadáver da paciente né em função do aborto, que havia sido envolvida. E esse foi o episódio. O fato repercutiu na imprensa né, teve uma ampla repercussão e por muito tempo se comentou muito.

**Naquela época, quais tipos de acontecimentos da região ganhavam capa em veículos nacionais?**

Naturalmente, pela importância. A importância econômica, por exemplo, sempre despertou atenções. Nós tivemos aqui uma série de usinas hidrelétricas que foram

inauguradas no decorrer dos últimos anos, uma delas foi a Usina Capivara. Capivara está entre São Paulo e o Paraná, ali entre Iepê, entre Nantes né, Taciba. E essa usina, a Capivara, foi construída com recursos oriundos da antiga União Soviética, a Rússia. A negociação foi feita em termos de compra de produtos. O Brasil adquiriu as hidrelétricas, as turbinas da União Soviética, hoje a Rússia, condicionando o pagamento através de café e calçados. Então, tudo o que se somou no custo dessa hidrelétrica foi revertido na compra de calçados e café brasileiro. Pois bem, havia um problema muito sério. O governo da época, na Ditadura Militar, não via com bons olhos a União Soviética, não admitia a bandeira com a foice e o martelo, que identificava o bloco comunista né. Mas, como inaugurar essa hidrelétrica se existia a presença da embaixada russa e da representação da União Soviética? A bandeira teria que ser hasteada – a bandeira brasileira verde e amarelo, e a bandeira da União Soviética com a foice e o martelo. Então, os organizadores, o cerimonial, os que coordenaram o esquema de inauguração estabeleceram um critério: “O hasteamento da bandeira vai ser durante a madrugada. Nós não queremos a imprensa documentando”. Resultado: ao hastear as bandeiras silenciosamente, na surdina, fizeram o hasteamento sem qualquer estardalhaço, sem fotografia, sem nada; só que mais tarde quando fomos lá para acompanhar a inauguração com acesso permitido a imprensa né, mediante credenciamento prévio, se percebia a bandeira tremulando. Ao lado da bandeira brasileira, a bandeira da União Soviética com a foice e o martelo, contrastando com o verde e amarelo do Brasil. Então, esse foi um fato marcante na história né. Depois dessa hidrelétrica vieram outras mais né. Nós tivemos Capivara, depois Rosana, de Taquaruçu, Porto Primavera e outras tantas no Rio Paranapanema e também no Rio Paraná.

**Então, pode-se dizer que as matérias que ganhavam maior destaque eram de política, economia e algumas policiais?**

Sim. Exatamente. Prioridade na questão de economia e política, depois outros acontecimentos que vinham por tabela.

**Nos jornais nacionais havia alguma página destinada às notícias do interior?**

A Folha de S. Paulo mantinha sim. Havia inicialmente uma página inteira dedicada ao interior. E, comigo trabalhou também um jornalista famoso, chamado José Aparecido, ele era ex-sindicalista, com bastante convivência no setor de sindicalismo, de trabalho, de empreendimentos e tal. E ele foi o chefe da página da Folha de S. Paulo dedicada ao interior. Com ele fizemos muitas matérias. Uma delas que me lembro que repercutiu intensamente foi quando a Viação Motta, que agora está completando 50 anos, inaugurou uma viagem, fez uma viagem inaugural, a mais extensa do Brasil. Os ônibus saíam do Rio de Janeiro e São Paulo até Manaus, foi até Manaus levando um grupo do Projeto Rondon. Então, essa foi a viagem pioneira mais extensa que se verificou até há pouco tempo. Hoje, já é possível fazer essa viagem com condições bem melhores, 50 anos depois. Imagine: ainda existem os atoleiros, os aguaceiros que impedem a circulação de veículos na Amazônia, imagine há 50 anos atrás. Como fazer uma viagem dessa? Usando balsas para travessias, estradas de terra, de areia, de barro, de atoleiros para chegar a Manaus. Tudo foi feito e documentamos em uma matéria da Folha de S. Paulo, do Rio de Janeiro a Manaus, em ônibus da Viação Motta.

**Nos demais jornais, havia também essa página dedicada ao interior (O Globo, Jornal do Brasil, etc.)?**

Não. O Estadão tinha algum espaço aberto para o interior, mas limitado. O espaço mais amplo era na Folha, depois foi reduzindo. Chegou em um ponto que eles esqueceram que São Paulo tem interior. O jornal passou a dedicar o noticiário de um modo geral ao país, ao estado; mas ignorando, muitas vezes, o que se passava no interior.

**Esse espaço menor também era verificado no Jornal do Brasil?**

Sim. O Jornal do Brasil dava cobertura de âmbito nacional, matérias de maior repercussão, de maior expressão né, especialmente na área de economia e política.

**Quais outros tipos de fatos ganhavam espaço nessa página reservada ao interior?**

Normalmente, era passado uma pauta. Então, quando existia algum acontecimento importante na região, a gente se comunicava com a redação para dizer: “Olha, nós vamos ter um acontecimento, que é de certa forma expressivo, e que vai ocorrer agora tal dia, tal hora e tal. O jornal tem interesse na matéria?”. “Tudo bem” – a resposta era imediata. “Interessa. Queremos com uma amplitude, queremos com um espaço limitado...”. Por exemplo, a reforma agrária. Nós tivemos aqui, na região de Presidente Prudente, um projeto pioneiro para o Brasil, chamava-se Projeto Rebojo, envolvendo uma extensa área de terras nas imediações de Estrela do Norte. Ali tem o rebojo, então deu-se o nome de Projeto Rebojo. O que era esse projeto? Foi uma fazenda improdutiva, que foi declarada de utilidade pública para fins de reforma agrária no governo de João Goulart, o governo que antecedeu a ditadura militar. Houve um processo na Justiça que culminou com a determinação de discriminar a área para a reforma agrária. Entraram as negociações e a fazenda, então, foi praticamente requisitada para a finalidade desse novo projeto. Acontece que mudou o governo. O projeto foi implantado inicialmente no governo João Goulart. Com a deposição do governo e com a entrada da ditadura militar, o que fazer com esse projeto? Então, o governo da época, o governo militar, determinou que o projeto seria adotado com todos os recursos necessários, inclusive, a distribuição de títulos de propriedades. Eram títulos que se destinavam àqueles agricultores, aquelas pessoas que já estavam envolvidas inicialmente, cadastradas para atuar nesse assentamento. Resultado: foram distribuídas 155 ações titulares para os que se beneficiaram no Projeto Rebojo. Esse projeto foi implantado, era modelo para o Brasil, com escolas; orientação agrícola, técnica; assistência médica, dentária; transporte; manutenção; assistência social; tudo. O projeto recebeu todos os benefícios específicos né, e que foram ali implantados. Com o passar dos anos, o projeto foi caindo no esquecimento. O prazo de carência para o pagamento era de 15 anos. Os 15 anos passaram e ninguém mais tomou informação ou notícia do que estava se passando lá. Resultado: se você for procurar hoje o Projeto Rebojo em Estrela do Norte, não vai encontrar, porque a área foi transformada em chácaras de lazer de fim de semana. Foram, praticamente, adquiridos por pessoas interessadas, de poder econômico maior né, que transformaram aquilo em uma área de recreação, chácaras de lazer. Foi o projeto pioneiro de reforma agrária implantado no Rebojo, em Estrela do Norte.

**Como correspondentes, vocês se pautavam e enviavam as sugestões para os jornais. Mas, como era feita a solicitação pelos próprios veículos?**

Sim. Pediam mais alguma coisa né, fotografias, entrevistas, detalhes mais específicos né. Então, é isso. Hoje, nós temos aqui centenas de assentamentos. O Pontal do Paranapanema tem assentamentos de âmbito estadual e de âmbito federal. Não sei quanto são. Posso dizer que são centenas e centenas; e alguns ainda na expectativa né de se implantar o esquema governamental do Incra e outros órgãos.

**Como as pautas eram enviadas para os jornais?**

As pautas eram enviadas por telex. O telex teve um período de domínio né, que antecedeu o fax e, depois o computador. Vinha por telex ou, então, por telefone, comunicação telefônica da redação para o repórter, para o correspondente né, que estivesse cobrindo a área.

**Como era a presença dos correspondentes naquele período? Havia muitos?**

Não. Havia mais assim... o de âmbito regional né. No regional, eram pessoas mais categorizadas, que conviviam com os problemas mais à vontade, que poderiam ter conhecimento melhor e transmitir informações mais detalhadas.

**Quais as dificuldades encontradas para se trabalhar naquela época?**

Às vezes, a dificuldade era a comunicação, muito demorada. Você pedia uma ligação, tinha que aguardar na fila por duas horas, três horas ou mais. Além disso, a comunicação era bastante deficitária. Você falava por telefone, a pessoa na cabine de recepção, geralmente, eram as rádio-escutas né, eram as moças que trabalhavam, e você ditava título, palavra por palavra. Mas, muitas vezes, a deficiência técnica era tão grande que a pessoa não entendia, tendo que repetir. “Por favor, repita!”. Às vezes, a pessoa não entendia a palavra e você dizia: “Bom, então vai em código. Então, vai lá. A de Antônio, b de Brasil, c de Costa, h de Hilda, t de tatu, z de zebra”. Até terminar o texto, você ia ditando a palavra. “Não entendi”. Eu me lembro muito bem de uma matéria que eu fiz sobre Ivinhema, um acontecimento verificado em Ivinhema, em Mato Grosso do Sul, e mandei a notícia para o Estadão. Aí, a moça perguntou: “Como é que chama? Ivinhema?”. “Sim. Ivinhema. I de índio, v de vaca, i de índio, n de Nair, h de Haroldo, e de estado, m de Maria, a de Antônio”. “Tudo bem. Está ok”. No dia seguinte, saiu a matéria: ‘Izinhema’, não era Ivinhema. A fonética de “v” e “z” era praticamente a mesma. Como eu disse, se eu dissesse ‘v de vaca’ não era possível botar “z” né, mas a moça entendeu que era “z”. Então, saiu na manchete: “Izinhema” com “z” (*risos*).

**A forma de envio era o telex e o telefone então?**

Sim. Primeiro o telefone, depois veio o telex. O telex foi uma inovação né. O telex com as fitas perfuradas, em Código Morse né, você digitava, ia perfurando a fita. Depois, quando você conseguia a ligação telefônica, se acionava o telex e automaticamente aquela fita ia rodando e caindo lá, ponto e vírgula, ponto e vírgula,

vírgula e ponto e tal, traço e coisa, e aí ia formando as letras. Lá eles iam receber o texto já decodificado.

### **Quais eram os critérios avaliados para se contratam um correspondente?**

Você ia por referência ou indicação de alguém que conhecia, ou por pesquisa e levantamento deles né. Por outros trabalhos publicados, eles procuravam a gente e diziam: “Olha, nós estamos precisando de um correspondente. Você pode atender?”. Tudo bem. Foi o caso do Jornal do Brasil, que eu recebi um telefonema do JB Lemos, que era o diretor. Ele falou: “Altino, você está disponível aí? Eu estou precisando muito conversar com você”. “Pois não”. “É um negócio muito bom. Então, nós estamos abrindo sucursais nas principais regiões de São Paulo e você foi designado para esse contato e tal. Eu posso ir a Prudente?”. “Perfeitamente!”. “Então, amanhã estou indo de avião. Você me espera no aeroporto, que vamos almoçar juntos para conversar”. E assim foi. Fomos conversar, ele explicou o projeto e disse: “O nosso projeto é bastante ambicioso né, valorizando o profissional e tal”. Aí, tudo bem. Ele falou: “Bom, está de acordo então? Tal dia e tal hora você vai para São Paulo, eu mando a passagem de avião para você e sua esposa. Vão ser recepcionados em um hotel com hospedagem, com jantar, com um banquete para todos os novos correspondentes”. E fomos para São Paulo, para a cerimônia de posse. Comigo foram José Amilton Ribeiro, que é do Globo Rural da Globo; o Rubens Aindan, de Ribeirão Preto; e outros tantos profissionais de renome né, que trabalharam comigo e estão até hoje... alguns já partiram, mas outros estão trabalhando como é o caso do José Amilton Ribeiro.

### **Quando recebeu o primeiro convite para fazer uma matéria como correspondente, o senhor tinha quanto tempo de carreira?**

Olha, as primeiras matérias foram para o Estadão né. Eu me lembro de uma matéria de repercussão que foi quando surgiu um sinal estranho no céu, uma bola colorida, e que todo mundo ficou apavorado. A gente não sabia do que se tratava, então começou aquela correria: “O que será isso e tal? Alguma coisa que está vindo do céu? Um mistério?”. Nada mais era do que um balão estratosférico né, para fazer a medição da temperatura ambiental e tal, do aquecimento, dessa coisa toda. E, esse balão, ele estava caindo e, na verdade, caiu. Caiu em Piquerobi. O plástico envolvente era tão grande, mas tão grande, que quase que cobriu a cidade toda, esse plástico. E, juntamente com o plástico, apareceu um equipamento que era para captar sinais e tal. E esse equipamento, quem encontrou me telefonou e disse: “Está comigo o equipamento. Achamos aqui, caiu do balão, não sei o quê...”. “Então, eu vou aí buscar”. “Venha buscar!”. Me entregou, eu li, era dos Estados Unidos, não era NASA ainda mas era um departamento do governo norte-americano que fazia esse trabalho de balões estratosféricos. Resultado: entrei em contato com o consulado americano em São Paulo. O consulado me pediu: “Faz uma gentileza. O senhor venha e traga para nós. Nós pagamos todas as despesas. O senhor pega um ônibus ou um avião e venha para cá”. Eu falei: “Então, pode me aguardar”. Eu fui para São Paulo. Levei e entreguei a peça lá no consulado americano. Saiu... eu não sei se você viu, eu tenho o arquivo. Tem uma foto, inclusive, que eu fiz a entrega. Então, foi um fato inusitado que aconteceu. Foi uma das primeiras matérias para o Estadão. E eu fiz muitas matérias. Eu fiz da penitenciária de Venceslau, eu fiz essa de quando

houve a entrega de títulos aqui de parceiros de projeto. Tive várias matérias aqui que eu fiz no Estadão.

**Em relação aos critérios para se contratar um correspondente, havia a necessidade do registro como jornalista? O senhor já tinha esse registro?**

Já. Em princípio, o governo Jânio Quadros, quando Jânio Quadros foi eleito Presidente da República, eu viajei com ele muitas vezes, fui amigo dele e tal né, fiz muita matéria com ele... E na presidência da República, a primeira coisa que ele fez foi cuidar do problema de regulamentar a profissão de jornalista. E através de um decreto foi regulamentado e estabelecido um prazo para que todos que estivessem exercendo, comprovadamente, pudessem requerer. E aí foi feito o requerimento, foi liberado e imediatamente aceito. Então, a gente passou a ter o registro profissional de jornalista em âmbito federal. Então foi isso. Depois, com o passar dos tempos, criou um novo esquema para os provisionados, que eram os caras que não conseguiram o registro, não conseguiram comprovar ou que não estavam exercendo na época pudessem depois requer, mas com validade restrita apenas ao município, por um período de dois anos, até que ele pudesse cursar uma faculdade. Então, essa foi a segunda oportunidade para quem não tinha registro ou quem não tinha qualificação profissional.

**Para se tornar correspondente tinha que ter esse registro então?**

Sim. Mesmo assim, aqui em Presidente Prudente a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras acertou com a Folha de S. Paulo um curso de Jornalismo intensivo para poder aqueles que quisessem se preparar, se inscrever para fazerem o curso. Eu fiz e recebi o certificado. Foi um curso intensivo de Jornalismo, ministrado em Prudente pela primeira vez.

**Quando ocorreu esse curso?**

“Seria, acho que em... 1962, 1967... acho que foi em 1968, 1969, por aí. Eu tenho o registro e a foto documentada, sabe? Se precisar, a gente pode até ver a data direitinho, mostrar o registro. É um certificado profissional.

**Como era vista a figura do correspondente na cidade?**

Bom, o correspondente era sempre requisitado quando houvesse alguma coisa importante no rol dos acontecimentos. Visitas, inaugurações, palestras, conferências né, algum cerimonial de cunho técnico e científico, sempre despertavam atenção, então mereciam matéria né.

**E pelos colegas da imprensa? Como essa figura era encarada?**

Às vezes, até ignoravam né, até ignoravam. Quer dizer, o correspondente estava atuando fora da área deles. Eles estavam no jornalismo local; no jornalzinho da cidade, que é semanário, é diário, é periódico; e aquele que está ali acompanhando permanentemente todos os dias é diferente né, tem uma outra conotação.

**O senhor chegou a trabalhar em um veículo nacional e em um regional ao mesmo tempo?**

Na região eu trabalhei. Trabalhei no O Imparcial. Simultaneamente, fazia um pouco de diário, fazia um pouco de jornal né e fazia o trabalho de correspondente, que não era integral, era um trabalho, uma matéria hoje, outra amanhã, uma pauta para cumprir daqui uma semana e tal. Era assim.

**Os diretores desses veículos não iam contra isso?**

Não. Não. O importante era mandar a matéria. Aconteceu manda. A gente mandava de ônibus as fotografias, porque não tinha jeito de transmitir, fazia as fotos, mandava o texto. Ia na empresa de ônibus, botava num envelope as fotos e enviava. Lá, eles recebiam e iam publicar dois dias depois.

**Em relação ao pagamento, como era a questão de valores se comparássemos a publicação de uma matéria na Folha, por exemplo, e trabalhar o mês inteiro em uma redação?**

Na verdade, sempre os jornais tiveram piso salarial como referência. O piso salarial era o máximo né. Fora disso, pagavam um cachê, davam por *labore* e tal né, e a pessoa ficava satisfeita ainda. Agora, com o passar dos tempos e com a vinda da faculdade de Comunicação, de Jornalismo, então passou a ser encarado de uma forma mais séria né, porque afinal de contas é um profissional, que está qualificado e em condições de exercer esse trabalho. Então, é justo que se remunere de forma adequada né. E assim é feita.

**O custo de uma matéria que o senhor publicava na Folha, por exemplo, era quantas vezes maior que um salário de uma redação?**

Veja bem. O piso salarial, não sei exatamente agora como é que está, mas o que se ganhava no caso do Jornal do Brasil era equivalente a seis a sete salários. Então, daria o quê? Seis ou sete mil reais para ser correspondente do Jornal do Brasil, com todas as despesas pagas – transporte, alimentação, hospedagem, despesas esporádicas que surgissem, mediante comprovação de nota fiscal você era ressarcido. Então, o salário era livre né, era limpo e conforme com o que constava na carteira de trabalho né.

**E uma matéria valia quanto, como *freelancer*?**

Bom, a matéria do *freelancer*, em torno de R\$ 500, R\$ 1 mil; conforme o assunto. Eles avaliavam pela importância da matéria. Você mandou uma lauda, duas laudas; três, quatro fotografias, essa matéria está valorizada, então vai pagar o máximo. Então, eram esses critérios. Na somatória mensal, dava mais ou menos equivalente tanto o JB, como O Globo.

**Até a posição da matéria na página tinha uma importância diferente quanto ao valor?**

Sim. Não tenha dúvida. Quando a matéria era de maior expressão, havia uma chamada né, uma chamada às vezes de primeira página. Eu tive muita matéria no Jornal do Brasil com a chamada de primeira página né. Quando eu cobri, por exemplo, a visita aqui dos candidatos à presidência, no caso o Figueiredo, entrou fotografia e chamada de primeira página, sabe? Depois, na terceira página todos os detalhes e tal. Uma cobertura muito ampla.

### **Como foi a passagem pelo jornal Última Hora?**

No jornal Última Hora, foi pouco tempo. O primeiro Última Hora que surgiu, que teve curta duração, eu fiz as primeiras matérias assim... de coisas banais, não tinha muita importância não, no tempo do Aquilino de Freitas, que era o Última Hora de São Paulo. Depois o jornal, por problemas econômicos, acabou desaparecendo. Mas, depois a Folha de S. Paulo adotou, a Agência Folha Notícias adotou o Última Hora como um jornal dela. Então, passou para o controle da Folha. A Folha passou então a usar o Última Hora para fatos mais populares, de mais impactos, como criou o Notícias Populares. Notícias Populares era para mostrar somente assuntos policiais, aquelas coisas tétricas. Eu fiz muita matéria, por exemplo, que foi publicada. Inclusive na internet, se vocês clicarem no Google, vocês vão encontrar “Memórias de Notícias Populares”, vocês vão encontrar algumas matérias que eu fiz. Uma delas que foi de ampla repercussão diz respeito a um feiticeiro. Um feiticeiro. O feiticeiro de Pirapozinho. Teve uma repercussão tremenda (*risos*). Eu fiquei sabendo que havia um processo em Pirapozinho para apurar responsabilidades no caso de um feiticeiro. O cara montou uma tenda de feitiço para prestar trabalhos e dentre as pessoas que ele atendeu surgiu uma menina com deficiência né, deficiente física. E a família, na total ignorância, acreditou no feiticeiro. O feiticeiro disse: “Não. Deixa a menina aqui que ela vai ficar boa! Deixa ela aqui!”. Resultado: a família falou assim: “Mas, até que hora?”. “Não. Eu quero ela aqui à meia-noite”. Meia-noite. Resultado: ele abusou da menina né. Aí os pais tomaram conhecimento, foram à polícia e denunciaram. O delegado era o Dr. Amâncio de Souza, o pai do Gilson. O Dr. Amâncio abriu o processo e tal, eu fiquei sabendo, entrei em contato com ele: “Dr. Amâncio, é verdade?”. Ele disse: “É verdade. O processo está aqui”. “Eu quero fazer uma matéria”. “Venha aqui, venha aqui. Você vem e eu te dou o processo”. Eu cheguei: “Como é que é essa história aí?”. “Toma o processo. Está aqui. Está todo o inquérito aqui. Você lê tudo, que está aqui”. Está bom. Eu li e tal, e falei: “Puxa. Me conta uma coisa. Como é que eu faço para falar com esse feiticeiro?”. Ele falou: “Eu não sei, mas tem um carcereiro aqui que é amigo dele. Nosso carcereiro. E eu vou chamar o carcereiro”. E chamou o carcereiro. “Você conhece bem fulano de tal?”. “É. Sei, sei”. “Então, por favor, você leva o meu amigo. O Altino Correia quer fazer uma entrevista com o feiticeiro. Você vai até lá e diz onde que é”. E, botei ele no carro e ele foi comigo. Era na vila não sei o quê... estava se aproximando logo ali, lá na frente, aí eu vi uma tenda enorme estendida, sabe? Em um terreno baldio. Ele falou: “É ali”. Eu falei: “E daí? Você vai comigo?”. “Não. De jeito nenhum! Eu vou enfrentar feiticeiro, o quê...” (*risos*). Resultado: sobrou para mim enfrentar o feiticeiro sozinho. Me aproximei e tal, tinha algumas pessoas ali transitando e tal. Aí veio uma senhora e falou: “O senhor precisa falar com o fulano de tal?”. Eu falei assim: “Sim. Preciso!”. “Então, o senhor espera um pouquinho. Vou dar o recado para ele”. Não demorou muito e ele veio com um turbante vermelho na cabeça, uns panos azuis, vermelho e verde; uma fantasia exótica né. E veio com uma espada, uma espada na mão. Ele marchou na minha direção e veio. Eu fiquei esperando. Ele chegou para mim e

disse: “O senhor precisa de algum trabalho?”. Eu falei: “Não. Eu não preciso de trabalho. Mas, eu quero saber como é que o senhor trabalha”. “Ah, mas é fácil! Eu explico para o senhor”. Olhou para mim e disse: “O senhor tem uma máquina fotográfica né?”. Eu falei: “Sim, senhor”. “Será que dá para o senhor tirar umas fotografias minhas lá no meu trabalho?”. Era isso o que eu queria! (*risos*) Entrei na tenda dele. Ele estava atendendo um casalzinho lá, que estava meio sem jeito e tal. Eu falei: “Não. Deixa. Vai lá, atenda o casal e depois a gente conversa”. Aí ele: “Como é que é a fotografia?”. Eu falei: “Levanta a espada”. Ele levantou a espada e tá, tá, tá (*simula o registro da pose feita pelo homem*). Eu falei: “Já está bom já!”. “Ah, muito boa essa fotografia!”. E eu fui embora né (*risos*). Foi a história de todo o processo. No encarte policial, estava toda a história né, até o resultado (*risos*). Fui embora e mandei a matéria. Menina, saiu na primeira página uma foto desse tamanho (*mostra com as mãos a dimensão da imagem*): “Feiticeiro abusa da deficiente à meia-noite”. E a foto dele com a espada (*risos*). Liguei para o Dr. Amâncio: “Dr. Amâncio, o senhor viu aí?”. “Ih, rapaz. O feiticeiro ficou bravo. Ficou bravo. Disse que você foi lá para tirar uma fotografia dele e ele não sabia que era para sair no jornal” (*risos*). Foi para o Notícias Populares. Olha, deve ter sido antes de 1980... 1979, 1980, foi naquele período ali, mais ou menos. Mas, está lá. Se você quiser puxar, vai ao Google e procure lá “Memórias de Notícias Populares”. Aí, você põe lá “Altino Correia”, que vai aparecer exatamente o comentário sobre a história né. Quer dizer, eu relatei a história que foi publicada no Notícias Populares.

### **Em relação à publicação do texto, havia a identificação com a assinatura do repórter na matéria?**

Alguns jornais colocavam né. A Folha, por exemplo, teve um período que ela colocava em toda matéria, ela mandava assinar. Ia a assinatura. E, no Jornal do Brasil, algumas vezes; nem sempre. Colocava “Do correspondente” e tal, “Do repórter local” né; mas poucas vezes. “Presidente Prudente” também, o nome da cidade. O Estadão também. A Folha teve um período que ela colocava, toda matéria era assinada, principalmente matéria mais ampla né, como fotos e tal, sempre identificava com caracteres. Agora, o JB só em matérias especiais, como essa que eu fiz aí das enchentes do Rio Paraná, as “Águas de Março”. Teve uma que entrou uma série de fotografias que veio um repórter fotográfico, veio do Rio de Janeiro para me acompanhar. Ele fez as fotos e mandou por radiofoto transmitida. Naquele tempo era uma transmissão diferente, ao invés de fax, ao invés de computador e de fax era transmitida por traços né, linha por linha – telefoto. A Folha também na inauguração dessas hidrelétricas, vinha também o repórter com equipamento para transmitir as fotos para sair no dia seguinte.

### **Como era feita a transmissão dessas fotos?**

Primeiro foi o chamado fac-símile. Quer dizer, tinha um equipamento que era locado pelas agências internacionais de transmissão de fotos, chamava telefoto e radiofoto. Era acionada a linha telefônica, ajustava, depois começava a rolar um cilindro e ia formando linha por linha, ponto por ponto e lá era recebido e tal. Aí, veio o fac-símile, que deu origem ao fax. “Fac-símile” – era uma peça com um cilindro que transmitia a fotografias e textos e tal por linha telefônica. Daí, acabou o fac-símile e entrou o fax, esse fax que teve até há pouco tempo. Houve o fax, depois o fax ficou ultrapassado né; como teveo telex também, que teve curta duração. O telex transmitia texto com...

eram as fitas perfuradas né, o Código Morse e tal, que também não existe mais. E assim foi. E aí veio o avanço tecnológico né. Hoje transmite na hora, a cores e tal, som e imagem né; uma mudança muito grande.

**Em relação ao número de correspondentes, como estavam distribuídos? Cada região tinha apenas um ou poderia ter mais?**

Não. Poderia ter até na cidade, quer dizer, um regional e outros locais. Em algumas cidades, sempre tinha um correspondente e tal, um informante né. Eu fui regional.

**Em suas matérias, percebi que o senhor cobria alguns fatos em Paraguaçu, em Cuiabá Paulista, que são até um pouquinho mais distante da nossa região...**

Fiz muita matéria. Eu fiz até em outros estados, no Mato Grosso, Paraná, região de Rio Preto, Araçatuba, Fernandópolis...

**Para faz uma matéria em Campo Grande, por exemplo, o jornal que solicitava a presença do senhor?**

Sim. O Jornal do Brasil, por exemplo, me designou: eu vou para lá, me hospedo em hotel, com transporte, tudo por conta deles. E aí, a gente monta o material e eles vão pagando normalmente né.

**Então, além de fazer matérias sobre a região, o veículo poderia indicá-lo para fazer uma matéria em outro lugar?**

Sim. Exatamente. A gente marca e tal, ia de carro ou de ônibus né, então foi isso. Eu fiz muita matéria de avião, fretava o avião para sobrevoar o Pontal, negócio de incêndios, queimadas, invasões e tal, a gente fazia. Eu ia de avião. Muitas viagens né.

**Além dos correspondentes de impresso, era comum ter correspondentes de rádio na cidade?**

Não. De rádio eram poucos né, eram apenas aqueles que tinham alguns programas de comunicação ou de jornalismo que participavam. Mas, via de regra, eram poucas as matérias externas né. Eles preferiam mais fazer lendo ou informando por telefone né. O telefone sempre foi utilizado para a comunicação, facilitando. Depois veio... quando veio então o celular, foi uma facilidade incrível né.

**Alguns que foram correspondentes de rádio, principalmente da Rádio Bandeirantes, nos disseram que nesse veículo era mais como colaborador, como voluntário...**

É. Sempre tinha aquela história né, pegavam um colaborador que não custava nada né. Botavam no ar, faziam uma média né, davam uma colher de chá para o fulano e tal. Infelizmente, era isso.

**Como era trabalhar como correspondente? O que isso representava?**

Era sempre uma forma de comunicação que valorizava também o trabalho profissional né, porque tinha sempre reconhecimento. Pelo menos, alguém dizia: “li”, “vi”, “você apareceu lá com a notícia” – comentavam alguma coisa né. Então, sempre repercutia. E criou também, assim, um relacionamento muito grande entre os profissionais, sabe? Porque o nome era conhecido; a pessoa, às vezes, recorria, precisava de uma informação e entrava em contato né. Então, havia uma cooperação mútua a quem você recorria ou era recorrido né para dar detalhes e tal, auxiliar. Porque, muitas vezes, a pessoa pega a informação por alto e já passa para frente né e, às vezes, não é verdadeira e tem coisas que não “batem”, principalmente datas né, datas, tempo de vida, anos de existência; a pessoa ignora né.

**Quais tipos de experiências essa função deixou para o senhor?**

Bom, pelo menos, faz com que a gente se movimente né, busque a verdade sem distorções né. O importante é isso. Sinceramente, eu me senti valorizado e bastante prestigiado”.

**Para o senhor, o que pode ter contribuído para o desaparecimento da figura do correspondente?**

É. O correspondente tinha uma função né: informar, manter em dia o noticiário com fonte de informação confiável. Mas, infelizmente, não foi valorizado como deveria ser. Deveria ser valorizado. E a Globo tinha, por exemplo, no passado, todos os repórteres que faziam cobertura fora da sede eram correspondentes, correspondentes desde guerras e tal. Mas, hoje eles mantêm o título de correspondente apenas para alguns setores, é o correspondente de Tóquio, é o correspondente de Londres, de Nova Iorque. Fora isso, não tem mais correspondente.

**Na TV, o senhor também foi correspondente?**

Sim. Na TV, era correspondente. Depois de Bauru, já era repórter. A Globo tinha um jornal, na hora do almoço, que era o “Globo Interior”. E, quando tinha alguma coisa muito importante no interior, eles entravam com uma edição extraordinária – Globo Interior. Então, esse jornal relatava o que se passava de mais importante no interior né. E, uma vez, teve aqui um vendaval muito forte, um vendaval que destruiu boa parte da rede dos linhões da usina Capivara. Retorceu, aquelas torres parecem que foram apertadas como se fossem um pedaço de papel, cinco ou seis torres, e paralisou o sistema de energia na região. Aí então, eu fui solicitado pelo Globo Interior. Entrei no ar pelo Globo Interior e informamos né. Eles conseguiram as fotos, imagens e tal, e eu fiz o relato, como correspondente. Eles pagavam por matéria e depois de contratado era mensal né, era salário, registro em carteira e tal; senão, era só cachê, à base de cachê.

**Em quais veículos de Presidente Prudente ou da região que o senhor trabalhou?**

Aqui, teve o jornal Correio da Sorocabana, que era muito pobre né, eu fazia alguma coisa e tal, eles davam um cachê e tal. Depois, eu trabalhei no jornal O Imparcial

fazendo plantão, eu fechava o jornal. Trabalhava durante o dia na rádio né e à noite ia para o jornal fazer o fechamento, as notícias da noite. Quando haviam acidentes, por exemplo, na estrada, a gente pegava o fotógrafo, fotografava, montava e no outro dia o jornal saía com a fotografia e com a matéria já. Mas, depois com o andar da carruagem, a coisa mudou né, o jornal não tem hora para fechar, fecha às 18h, fecha às 19h. Se acontecer alguma coisa depois disso, só no outro dia.

### **Durante quantos anos trabalhou no jornal O Imparcial?**

Oito anos. Foi na fase de 1970 a 1978, por aí. Fazia plantão né.

### **O que o senhor fazia no Correio da Sorocabana?**

Eram também notícias da região. Lá, eu fui uma espécie de processo de colaborador e lá foi pouco tempo, coisa de menos de um ano. Houve um lançamento aqui, numa ocasião, uma campanha de combate à aftosa. Uma campanha nacional do Ministério da Agricultura e Prudente foi escolhida para ser o centro de implantação desse projeto. Então, eu acompanhei isso aí desde o início. E, inclusive, o Ministério tinha uma verba para poder divulgar né, então repassava a verba, a gente passava a notícia, pagava o pessoal e tal. Era uma campanha nacional, mas implantada, começando aqui em Prudente, que era um foco de febre aftosa né, que acabou sendo controlada e tal. Isso foi para o Correio da Sorocabana.

### **E o jornal Coroados?**

O Coroados foi um jornal, em Venceslau, que nós criamos e teve uma duração curta, porque depois eu mudei, depois não interessava, não estava vendo vantagem nenhuma, era gastar dinheiro e perder tempo. Então parei, simplesmente. Lá, foi em 1963, 1964, nesse período.

### **E em quais rádios trabalhou?**

Bom, rádio foi Venceslau né, que eu trabalhei 19 anos. Depois, eu trabalhei na Globo Excelsior, que hoje é a CBN, por dois anos, mais ou menos. Eu fiz um tempo na Rádio Capital, que foi um período que a Piratininga mudou de nome, passou para um tal de Valdecir Silva, então ele me contratou para fazer o jornalismo lá com ele; eu e o Airton Messinetti, que é assessor do Ed Thomas atualmente. Fiz um período também na Rádio Paulista, que não existe mais. Também teve a Presidente Prudente. Eu vim de Venceslau para cá, porque a rádio fazia parte da mesma rede.

### **Por que o senhor saiu de Presidente Venceslau para vir para Presidente Prudente?**

Eu vim pelo seguinte: porque a Rádio Presidente Prudente, quando saiu a concessão ela foi requisitada e vencida pela Rádio Presidente Venceslau, que existia como a segunda rádio pioneira. Eles entraram na concorrência e ganharam a concorrência. Então, tiveram que montar a Rádio Presidente Prudente. E o diretor superintendente, que era de Venceslau, veio para cá. E quando ele veio, ele falou: “Altino, eu preciso de você. Nós ganhamos a concorrência e já vamos montar a rádio”, era o Hélio Cyrino. E ele como não conhecia nada, não sabia nada de rádio,

ele falou: “Eu preciso de você comigo para ir a São Paulo”. Eu falei: “Bom, vamos para São Paulo”. Ficamos duas semanas em São Paulo. “Nós vamos comprar todos os equipamentos. Vamos visitar as indústrias e tal. Vamos buscar discos, transmissor, equipamentos de som, microfones, todos os acessórios que precisa e vamos comprar as poltronas para o auditório”. Daí, eu e ele compramos tudo. Veio e montou a rádio. Quando montou a rádio, ele falou: “Eu quero que você venha para cá para trabalhar comigo”. Eu falei: “Depende. Eu não estou disposto a ir não”. “Mas, você vem e tal, porque eu preciso de você”. Eu falei: “Primeiro, vamos acertar as bases”. “Não. Não tem problema. Comigo ninguém passa fome”. Eu falei: “Então, muito obrigado. Não quero ir mais”. Aí veio o Rubens Shirassu. Eu recusei o convite. Veio o Rubens. O Rubens teve uma temporada e depois de um qualquer desencontro aí, acabou indo para o banco. Aí, voltou outra vez a falar comigo. “Não vou”. Aí, ele trouxe o Adelmo. Adelmo veio para a rádio trazido por ele. O tempo passou e ele voltou a insistir comigo: “Você venha para cá, que aqui tem casa para você morar, você vai ganhar bem, você vai viver a sua vida melhor e tal”. Eu estava recém-casado e falei: “Não. Eu não quero saber. Eu vou ficar em Venceslau”. Fiquei. Até que um dia a rádio mudou de dono, o Geraldo Soller, que trabalhava com a gente também em programas de rádio, falou: “Altino, eu estou assumindo a direção da Rádio Presidente Prudente. Eu telefonei para você, porque eu quero você ao meu lado”. Eu falei: “Como?”. “Venha aqui. Pode vir para cá, que você não vai se arrepender”. Aí eu vim. Ele falou: “Olha, eu estou assumindo a rádio como diretor e você vai ser vice-diretor. Você vai ter casa para morar por nossa conta, transporte por nossa conta, você vai ter salários e vai ter comissões”. Falei: “É viável né”. “Então, está decidido e semana que vem esteja aqui”. Eu pedi demissão em Venceslau e vim para cá. Mais tarde, a rádio foi vendida para o Carlos Alberto de Arruda Campos, que hoje são os herdeiros né, a viúva e as filhas né. E daí, com o Carlos Alberto eu tive uma divergência e saí da rádio, exatamente por causa do O Imparcial. Eu trabalhava durante o dia na rádio, fazia jornalismo, fazia a área administrativa, comercial e tal, e à noite eu ia para o jornal. Um dia ele chegou para mim e falou assim: “Ué, você está fazendo trabalho no jornal?”. Eu falei: “Estou. Por quê?”. “Ué, mas o senhor é exclusivo na rádio”. Aí eu falei: “Sou exclusivo durante o dia. À noite eu estou livre e à noite eu faço um plantão”. “Ah, então você precisa dividir comigo o que você está ganhando lá. Que história é essa?”. Eu falei: “Está bom. Muito obrigado!”. Bati minha demissão e entreguei para ele. Entreguei a demissão para o Carlos Alberto. “Não. Mais...”. Eu falei: “Ué, o senhor quer me impedir de trabalhar? Que história é essa?”. Aí nessa altura estava rodeando lá, já com segunda intenção, Galileu Silva. Galileu Silva era da Rádio Piratininga. Ele tinha dificuldade na Piratininga e acho que aproveitou a deixa né, foi lá e acertou, me sucedeu na rádio desta maneira. E eu não me arrependi não, porque eu continuei fazendo O Imparcial, já fazia a Folha e veio o Jornal do Brasil né. E eu continuei. Daí, veio o jornalismo da Bandeirantes né.

### **Como foi a passagem pela TV?**

Eu trabalhei na Globo por três anos e pouco, em Bauru. Foi a primeira emissora da Globo. Foi antes da Bandeirante. Era a única emissora da Globo no interior do Brasil, foi a primeira, a pioneira no interior brasileiro. E eu entrei pelo seguinte, porque foi criada... a Globo havia assumido, era um tal de Lorenzenti, que era um cidadão lá que era abnegado pelo rádio e TV, e que decidiu montar uma TV com recursos próprios. Daí, parece que se deu mal, estava com as portas à falência né e

aí ele vendeu para a Globo. A Globo não tinha interior. Então, a Globo assumiu e foi a primeira emissora da Globo no interior, que foi a TV Bauru. E a TV Bauru implantou o telejornalismo. E o pessoal do telejornalismo precisava de um correspondente na região de Prudente, como pegaram em Rio Preto, Araçatuba né, Bauru, essa região toda. Aí eu fui procurado e eu acertei com eles o esquema, pagavam bem como repórter. Eu fiz tantas coberturas e me lembro que a de maior destaque foi a do Prudentão. Na inauguração do Prudentão, eu fiz a reportagem da inauguração para a Globo. Surgiu um problema aqui do Condephaat, do tombamento como patrimônio histórico da Catedral. Deu uma briga danada e tal, e eu entrei na matéria, entrevistei o bispo e aquela coisa toda, tudo para a Globo. Surgiu o Quarto de Milha, que é uma raça de cavalos, e que Prudente foi a precursora né. Então, eu fiz muita matéria sobre o Quarto de Milha, e outras questões de agropecuária, desenvolvimento rural. Na TV de Bauru, fui convidado por... eu tinha alguns amigos já, um dele foi o Malavolta, tinha o Requena, que morreu há poucos dias. Se eles precisavam de notícia, telefonavam para a gente, ligavam todos os dias. Aí um falou assim: “Olha, você vai ser contratado, porque nós estamos precisando”. Falei: “Está bom”. Aí acertamos. Trabalhou comigo o Requena, Benedito Requena, que morreu agora, acho que há uns dois, três meses né foi assassinado lá em Bauru; o Malavolta, que está na Record; o Arnaldo Duran, que estava até com uma doença que não tem cura; o Azenha, Luiz Carlos Azenha; o Gilberto Barros, que era apresentador do jornal das 19h. Criaram um jornal das 19h na TV Bauru e então eu fui contratado como repórter. Fiquei lá por três anos e pouco, porque depois teve mudança, passou para a Rede Globo Oeste Paulista. Criou a Rede Globo Oeste Paulista e, então, de Prudente se desligou e entrou a TV Fronteira.

### **Quando saiu da TV Bauru, o senhor já entrou na Band?**

Não. Demorou um pouco. Demorou porque a Bandeirantes estava instalando ainda. Quando ela estava montada, aí sim. Aí me foi proposto e nós implantamos o telejornalismo.

### **Como se deu o surgimento da Band na cidade e sua entrada nessa equipe?**

Surgiu pelo seguinte: houve uma concorrência para estabelecer um canal de TV para Presidente Prudente. Nessa concorrência participaram vários interessados, o SBT, o pessoal de Araçatuba entrou na concorrência; entrou a própria Bandeirantes, que estava interessada; e entrou um grupo local, que era o Paulo Constantino, Feitosa e outros mais. Aí, resultado: quando viram que a Bandeirantes ia ganhar, eles fizeram um acordo, disseram: “Olha, nós estamos aqui. Se a Bandeirantes ganhar, nós estamos juntos com vocês”. Aí, a Bandeirantes cedeu, disse: “Se a gente ganhar, vocês assumem”. Então, estabeleceu isso, que era para não ganhar o SBT nem a Globo. Então criou o canal TV Bandeirantes. Agora, a Band entrou de uma forma tal que ela conseguiu o sinal no satélite. Estava começando a era do satélite e ela colocou a programação no satélite por Presidente Prudente. Então, Prudente fazia a programação, colocava no satélite e, ao mesmo tempo, a programação da Band ia pelo satélite da TV Bandeirantes de Presidente Prudente. Lá, eu entrei porque o diretor que foi designado para dirigir... foi criada a emancipação e veio de Maringá o Itanir Perenha. O Itanir era de Venceslau, o pai dele que me lançou em rádio, era o pai dele, trabalhamos juntos em Venceslau,

Odorindo Perenha; ele tinha um pseudônimo de Ubirajara Lemos lá em Araçatuba e tal. E o Itanir, que era filho do Odorinho Perenha, foi designado como diretor. Quando ele chegou aqui, me encontrou e falou: “Altino, nós precisamos fazer um jornalismo aqui e eu preciso de você”. Eu falei: “Está bom. Vamos lá”. Aí, partimos para a ideia. Nessa altura, eu estava somente fazendo o Jornal do Brasil. Daí então eu fui contratado para atuar no jornalismo; primeiro, como repórter e como editor, depois fui chefe de reportagem. Fiquei oito anos lá.

### **Como foi ajudar na implantação do telejornalismo na Band?**

Bom, em princípio, os recursos eram arcaicos, o mínimo possível. A TV estava construindo o prédio lá no Jardim Santana e tinha um prédio alugado perto da Apea, que era o prédio do Zacarias. Então, ali nós improvisávamos no estúdio para gravar e depois levava a fita lá para colocar no ar, lá era a retransmissora, a geradora de sinal, lá no Jardim Santana. Então, fazia aqui e levava lá. Começamos a fazer jornalismo em um estúdio improvisado e o motorista, dez minutos antes de entrar o jornal no ar, entregava a fita. Eu entregava a fita para o motorista e dizia: “160 km por hora!”. Ele saía com a viatura a 160 km/h e em cinco minutos estava lá. Mas, e o medo desse cara bater esse carro um dia ou ter problema, não conseguir chegar? Chegava em cinco minutos para poder ajustar a fita e entrar no ar em seguida. Até que fomos para o prédio. No prédio, não tinha estúdio montado para fazer, então o Luiz Augusto, que era o apresentador, montaram um banheiro, em cima do vaso sanitário ele sentava, com uma tapadeira nas costas e ele apresentava (*risos*). O estúdio começou assim. Tudo improvisado (*risos*). E lá, a gente tinha que fazer a matéria e imediatamente voltar, porque tinha que editar e pôr no ar e tal. Era um problema. Era um sistema arcaico né, as ilhas de edição, o *videotape*. E tem outra, a gente quando fazia matéria nacional, a gente acertava com São Paulo e a matéria tinha que mandar pela Embratel. A Embratel tem uma torre ao lado da Toledo e ali era o centro de geração da Embratel do Centro-Oeste, que atendia Mato Grosso, Campo Grande, Prudente, Bauru e essa área toda até chegar em São Paulo. E, nós passávamos a pauta, uma matéria importante daqui de Prudente, e eles diziam: “Manda a matéria!”. Aí, nós tínhamos que acertar com a Embratel a hora da geração. Eles diziam assim: “Vocês vão esperar cinco horas. Daqui cinco horas, nós temos 10 minutos”. Então, você levava um VT com o material pronto, já posicionado, ligava lá, ajustava e ficava esperando o sinal. Quando chegava a hora, até o sujeito completar o contato, informar que estava em ordem e começar, ia cinco minutos: “Vocês tem cinco minutos agora para poder mandar a matéria”. E quando o raio do aparelho não funcionava, mandava som, não tinha imagem; mandava imagem, não tinha som e o tempo ia passando. “Ah, agora não dá mais. Acabou. Acabou o tempo!”. Era matéria perdida. Quantas vezes aconteceu isso... Era uma calamidade. Depois ainda tinha uma sacanagem. A Globo tinha o domínio que usava pela TV Morena e eles ocupavam o espaço e a gente ficava de fora, porque não podia entrar.

### **O senhor já chegou a correr algum risco ou perigo trabalhando com jornalismo?**

Ah, sim. Nós só não morremos por sorte, várias vezes. Nós fomos cobrir o Carnaval em um período; o Carnaval começava na sexta-feira e terminava na terça né. E nós fomos cobrir o Carnaval, de Prudente fomos para Araçatuba; Araçatuba e Birigui. De

lá, nós fomos para Catanduva para cobrir o Carnaval. No sábado, nós fomos cobrir na região de Araçatuba. Na sexta, Prudente; sábado, Araçatuba e domingo, Catanduva – aquela região de Rio Preto e Catanduva. Quando terminou, às 2h da manhã, por aí, nós retornamos. Pegamos o carro e fomos para a estrada, e começou a chover. O motorista não aguentava mais dirigir, falou: “Eu estou cansado, não tenho mais condições. Alguém pode pegar o volante”. Aí o Sandro assumiu o controle do carro, isso ali perto do Tietê, naquela área deserta ali né. Pegou o carro, o Sandro vinha dirigindo e tal. Quando ele estava aproximando do Tietê, começou a chover, chover forte, naquela estradinha ali com visibilidade muito ruim. Chegou em um ponto ele viu um farol e se atrapalhou todo, perdeu a direção e o carro fez isso... (*demonstra com gestos*) pegou a direita e foi deslizando, ficou atolado em um “areião”. Nós descemos, fomos empurrar o carro, foi todo mundo para tirar o carro do barreiro. Se o Sandro continuasse naquela direção mais uns 10 metros, tinha uma árvore dessa grossura (*demonstra largura da árvore com as mãos*), entrava naquela árvore e morria todo mundo.

### **Em relação à publicação de matérias, já chegou a ser ameaçado?**

Não. Às vezes, tinha um probleminha, como em uma cidade, acho que foi Avaré, não sei onde... surgiu uma notícia de que estava aparecendo lá uma imagem estranha em um salão paroquial. O pessoal dizia que era o Cristo que estava aparecendo lá. Vamos fazer a matéria né. Vamos lá. Chegando lá, vi todo aquele ajuntamento né, aquele pessoal todo ali de romeiros, não sei o quê. “Jesus, aparece aqui!” E eu já estava meio desconfiado né, já com segunda intenção, falei: “Sandro, você vai filmar tudo aí. Vamos fazer a matéria. Você vai documentar tudo. Eu tenho uma desconfiança aqui e quero tirar minhas dúvidas. O pessoal está olhando para cima e está vendo a imagem”. Aí eu olhei assim... e tinha um fluorescente aceso. E eu falei: “Eu vou apagar esse fluorescente para ver o que dá”. Menina, quando eu me dirigi para apagar, veio um pessoal em cima: “Não. O que vocês estão fazendo?”. Eu falei: “Nós estamos fazendo matéria. Eu quero saber essa história!”. “Não. Vocês não mexam com nada!”. Era tudo tramado. Era um golpe. Inventaram que aparecia a imagem refletida na sombra, que era a imagem do Cristo. Quando eu apaguei a luz, não aparecia nada mais. Resultado: nós saímos enxotados de lá. Todo mundo “queimou” o pé. Nós estragamos o negócio deles (*risos*). Aí eu coloquei né, eu fiz um comentário no blog, eu comentei a história. Por pouco, não fomos massacrados lá (*risos*).

### **Como era a produção de notícias na época da ditadura?**

Bom, na ditadura teve uma coisa: qualquer cobertura tinha que se credenciar. Eu fiz, por exemplo, a cobertura da inauguração de Chavantes, da usina hidrelétrica de Chavantes. O engenheiro que construiu era meu colega, trabalhou comigo e tal. E, eu fui com dois dias de antecedência né, e lá tinha que se apresentar, requerer toda documentação e esperar a credencial ser liberada. Tudo bem. Requeri e tal, e fiquei aguardando. No outro dia, fui lá e me entregaram a credencial: “O senhor está liberado. Mas, não há possibilidade de entrevista com o presidente. Você vai documentar, mas sem entrevista com ele”. Aí, no dia fomos fazer a matéria. Tinha um camarada do Governo do Estado, era assessor de imprensa, assessor de comunicação do governo, e quando ele foi entrar, disseram: “O senhor não entra”. Ele olhou para o cara assim... Eu pensei: “Espere aí. Se o cara do Governo do

Estado está sendo barrado, eu vou ser barrado também né”. Aí, percebi a coisa, mas cheguei perto: “Não. O senhor está livre. A credencial está liberada. O senhor tem ampla liberdade. Pode entrar”. Aí eu fui saber o porquê que o cara foi barrado. Barraram porque ele tinha ficha de comunista e buscaram a ficha dele, e era assessor do governo. Foi barrado. Então, teve isso. Mas, nunca tive problema. Cobri todas as vezes, viu? Com o próprio Castelo Branco, no início da ditadura militar, que tinha um esquema rígido, eu tive acesso livre, tranquilo, só que condicionado: entrevista com ele não pode. Eu estava narrando, entrevistando as pessoas ao lado dele. Ele olhando para mim, acenando e tal, mas não podia falar, o presidente não podia falar comigo nem eu podia falar com ele né. Então, era isso. Um regime rigoroso né. Já o Figueiredo era mais liberal, ele falava tudo e tal, não teve problema. Teve outro também, o Ernesto Geisel, que foi muito educado. Nunca tive problema com eles.

### **Como funcionava o credenciamento para realizar as coberturas?**

Era um credenciamento prévio, você teria que mandar com antecedência. Mandava para a agência de comunicação do governo. O veículo mandava com fotos, com nome, referências, pedindo permissão. Aí eles davam a resposta, davam o retorno, a gente recebia uma credencial pronta; já vinha pronta.

**ANTONIO FIGUEIREDO FEITOSA**

Radialista e jornalista (aposentado)

Data da entrevista: 11/04/2017

Meio: à distância (via e-mail)

**Como e quando o senhor começou a carreira no jornalismo?**

Foi em Santo Anastácio na *Rádio Brasil*, ZYU-9, de 1960 a 1963. Tinha, à época, 14 anos. Comecei como rádio-escuta e passei por todos os degraus da carreira esportiva e jornalística. Fui redator, locutor, apresentador e narrador esportivo.

**Em quais veículos da comunicação o senhor já trabalhou?**

Trabalhei na *Rádio Brasil* de Santo Anastácio – ZYU-9 (1960-1963); na *Rádio Difusora de Presidente Prudente* – PRI-5 (1964-1965); na *Rádio Presidente Prudente* – ZYR-84 (1966-67), no jornal *O Imparcial* de Presidente Prudente (1966-1967), na *Companhia Cinematográfica Primo Carbonari de São Paulo* (1968-1969), na *Andorinha Rádio e Televisão Ltda* (1967-1983) e na *TV Bandeirantes* de Presidente Prudente (1982-1984).

**Quais funções exerceu nos veículos de comunicação onde trabalhou?**

- *Rádio Brasil* de Santo Anastácio: rádio-escuta, redator, locutor, repórter, comentarista e narrador esportivo.
- *Rádio Difusora* de Presidente Prudente: redator, locutor, repórter, apresentador, comentarista, narrador esportivo e coordenador do departamento esportivo.
- *Rádio Presidente Prudente*: locutor, apresentador, narrador esportivo e coordenador do departamento esportivo.
- *Jornal O Imparcial* de Presidente Prudente: redator, setorista de polícia e editor de esportes.
- *Companhia Cinematográfica Primo Carbonari de São Paulo*: narrador de telecinejornal e de documentários.
- *Andorinha Rádio e Televisão de Presidente Prudente*: diretor-gerente. Empresa constituída, especialmente, para reivindicar a outorga da concessão de estação geradora de televisão em Presidente Prudente.
- *TV Bandeirantes* de Presidente Prudente: diretor-gerente. Trabalhei na implantação da primeira estação geradora televisiva de Presidente Prudente e na gestão das áreas administrativa-financeira-patrimonial-comercial. A minha missão consistiu em estruturar e viabilizar – técnica e comercialmente – o Canal 10 no interior do Estado de São Paulo.

**Possui faculdade/curso de jornalismo ou algum registro da profissão? Como funcionava o processo de requerimento na época?**

Bastava uma carta do diretor de rádio ou de jornal para atestar a qualidade de radialista e/ou jornalista, cujo registro profissional era concedido pelo Ministério do Trabalho. Nunca me interessei em ter o registro. À época era muito difícil e o mesmo não era exigido para trabalhar. Bastava ter vocação. A regulamentação só veio, no

final da década de sessenta, quando o regime limitar elevou o jornalista profissional, ao nível universitário, determinando a exigência do diploma de faculdade de jornalismo. A lei dos radialistas só veio em 1978. Já não atuava mais. Portanto, não fiz curso de jornalismo e nem tive registro profissional como jornalista ou radialista. Optei por me formar como Professor Primário (antigo curso normal) e como Sociólogo através do curso de Ciências Sociais na antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Pres. Prudente (FAFI).

### **Como era o cenário da comunicação na região na década de 1960? Quais veículos existiam?**

A minha geração é uma espectadora privilegiada, desde 1960 até os tempos atuais, da grande transformação tecnológica dos meios de comunicação com transmissão de ondas hertzianas até a digitalização do som e a instalação da primeira emissora *web*. A década de sessenta, em que me tornei profissional de rádio e jornal, pode ser entendida de ampla transformação da sociedade brasileira, inclusive na área de comunicação. O rádio e o jornal, embora pobres tecnicamente, eram muito combativos e presentes na vida das cidades. A linguagem era descontraída e havia muita criação. Os veículos existentes em Presidente Prudente, como rádio e jornais, tinham características específicas da realidade da época. Eram importantes, influentes e independentes política e economicamente. Os jornais eram criteriosos e apoiavam os projetos que contribuía para o desenvolvimento social da comunidade. Pelo menos foi o que vivi dentro de *O Imparcial* e nas rádios *Difusora* (PRI-5) e *Presidente Prudente* (ZYR-84).

- Jornais: *A Voz do Povo*, em 1926, *O Imparcial*, em 1939, *Correio da Sorocabana*, em 1945, *A Região*, em 1967.
- Rádios: *Difusora* (PRI-5), em 1938; *Presidente Prudente* (ZYR-84), em 1954; *Rádio Piratininga*, em 1962 e a *Rádio Comercial*, em 1959.
- *Gravadora MM-Gravações e Filmagem*: Propriedade de Orlando Mazarelli e depois Milton Mescoloti.
- Alto-falante: Tinha o serviço de alto-falante da estação rodoviária, de propriedade do Alceu Árias, que foi meu colega na *Rádio Difusora*, onde apresentávamos o *Jornal Falado das 11h*.

### **Quais foram os profissionais revelados pelo jornalismo da região?**

Presidente Prudente se tornou uma usina de grandes profissionais que acabaram sendo recrutados pelos centros mais desenvolvidos, especialmente as capitais. Os jornais e emissoras se superavam pelo dinamismo e visão de seus profissionais. Acima, de tudo, foram, são e serão uma forjadora de talentos. Os profissionais, tanto nas redações como empunhando os microfones, eram muito talentosos, habilidosos e tinham um grande compromisso com a qualidade do conteúdo, imparcialidade e veracidade das informações. Os jornalistas sempre escreveram muito bem, precisos e concisos, embora limitados pelos projetos gráficos dos jornais. Os radialistas eram primorosos pela excelência da locução, capacidade de improviso e narrativas vibrantes. Muitos foram recrutados pelas emissoras de São Paulo, onde escreveram trajetórias de sucesso.

- Na década de 1960: Joseval Peixoto - *Rádio Panamericana* (Jovem Pan), Flávio Araújo - *Rádio Bandeirantes*, Valdomiro Bavaresco - *Rádio Nacional*, Edson Fernandes - *Rádio Tupi*, José Italiano - *Rádio Gazeta*, Nelson Antonio -

*Rádio Piratininga, Hélio Athia - TV Excelsior.*

- Na década de 1970: José de Alencar - *Rádio Difusora*; Himer Macorim Lombardi - *Rádio Gazeta*, Rosildo Portela e Jurandir Gomes - *Rádio Piratininga*, Antonio de Figueiredo Feitosa - *Companhia Cinematográfica Primo Carbonari*, Francisco de Assis - *TV Bandeirantes* e muitos outros.

### **Quais eram as características das produções jornalísticas da época? Havia veiculação de notícias nacionais?**

O noticiário nacional e internacional tinha veiculação com espaço reduzido. Este conhecimento era proporcionado, de forma mais intensa, pela televisão (*TV Tupi*), emissoras paulistanas e cariocas (*Bandeirantes, Tupi, Panamericana, Excelsior, Rádio Globo, Rádio Nacional, Rádio Tupi* entre outras) e pelos jornais de grande circulação nacional (*O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, A Gazeta Esportiva, Diário de São Paulo*). As emissoras tinham o serviço de rádio-escuta o que possibilitava, de imediato, captar as notícias do Brasil e do mundo, veiculadas pelas grandes emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro em ondas curtas, para repercuti-las em seus noticiários. As produções eram muito locais e regionais. Eu, além de locutor e narrador na *Rádio Difusora* (PRI-5), fazia o serviço de rádio-escuta para captar e selecionar as principais notícias, dos grandes clubes paulistanos, da seleção brasileira e das entidades desportivas, para serem transmitidas num bloco do Programa Cartaz Esportivo, apresentado às 18h30.

### **Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo?**

Elas eram imensas. No rádio, tínhamos que sintonizar as emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro para se inteirar dos acontecimentos esportivos e políticos.

### **Qual era a realidade dos jornais na última metade do século XX?**

A imprensa interiorana, marcada pela cultura e costumes locais, tinha características próprias, desafios imensos e amplitude nas regiões da Alta Sorocabana, da Média Sorocabana e da Alta Paulista. A dificuldade enfrentada pela mídia impressa, no interior, era o acesso à tecnologia, à informação e à mão de obra qualificada. Foi, gradativamente, adquirindo contornos mais profissionais. A marca do jornalismo, na década de sessenta, é de muita criatividade com desafios incríveis. Os jornais se superavam pelo dinamismo e visão de seus profissionais. A realidade refletia, necessariamente, as tensões, disputas e paixões políticas. Estava focada em três vertentes: política, sociedade e a economia das cidades. Destinava espaço substancial para as melhorias de infraestrutura, com abordagem de temas de diversas matizes e naturezas. As matérias estavam voltadas para a comunidade, como um todo, atendendo os anseios e reivindicações da população. Os recursos, à época, eram muito limitados. As mudanças foram sendo introduzidas com a evolução tecnológica e muitas funções foram desaparecendo. Vivi intensamente a fase jornalística, no jornal *O Imparcial*, onde fui setorista de polícia e editor de esportes. Vivenciei os plantões de redação, diagramação, reportagem de campo e fechamento das edições ao lado de Aurélio Dias de Sá, Mário Peretti, Barbosa da Silveira e o impressor Rubens dos Santos. Assisti, acompanhei e testemunhei toda modernização do parque gráfico. Recorro ao Deodato da Silva, diretor de *O Imparcial* e com quem trabalhei, para ordenar os recursos gráficos na década de

sessenta em que participei, acompanhei e testemunhei todas as transformações. A composição através das linotipos representou a modernidade no sistema, em todo o mundo. Os aparelhos, equipados com matrizes e espaços, permitiam a composição de linhas inteiras, pela injeção de chumbo derretido. Ato seguinte era a paginação dessas linhas, mais as ilustrações – clichês – acondicionando-as nas ramas para posterior impressão. Nesta fase, o jornal foi impresso em três conceitos de impressora: Plana, Rotoplana e Rotativa. Todas com impressão direta, ou seja: os tinteiros manchavam as páginas e estas o papel. Plana e Rotoplana tinham desempenhos semelhantes. O sistema *offset* veio a ser implantado em 1994. Com uso do componedor, linhas de textos eram compostas letra por letra, paginadas em estrutura metálica denominada rama. Depois desse processo de composição, as páginas eram afixadas na impressora “plana”, para impressão em papel linha d’água, processado em resmas. A primeira impressora a ser utilizada pelo jornal foi uma “Minerva”. A rotativa teve desempenho em duas fases distintas. Na primeira, era alimentada de páginas fundidas em chumbo, construídas a partir da paginação em “ramas” e calandradas em papelão (*flong*). Na segunda, com composição a frio (uso de equipamentos eletrônicos e computadores), as páginas eram desenhadas com emprego de papel fotográfico e montagem no astralon, a partir de imagem em fotolito matiado. Essas imagens (das páginas), eram gravadas em chapas de aço, revestidas de material plástico, em duas versões: NAPP (Estados Unidos) e NYLON PRINT (Alemanha), e afixadas na impressora.

### **Qual era a realidade das rádios na metade do século XX?**

O rádio era um veículo de comunicação de massa, muito popular, poderoso e se fazia presente em todas as residências, nas lojas comerciais e nos restaurantes. Foi, à época, um utensílio indispensável para as famílias se inteirarem das notícias, dos jogos etc. Influuiu, decisivamente, na formação de hábitos na sociedade regional, nos modismos culturais, nas mudanças políticas e no entretenimento. O rádio exerceu um papel preponderante como canal de comunicação entre as autoridades e a população. A *Rádio Difusora*(PRI-5) operava com ondas média e tropical. A sua onda tropical era muito poderosa e penetrava nos mais diferentes quadrantes do Brasil e no mundo. O rádio era extremamente dinâmico, ágil, eficaz, versátil e rico em produções artísticas. Cobria todos os segmentos: política, econômica, saúde, esporte, cultura e educação. Sua programação era eclética com musicais, programas de auditório, radionovela, humorísticos, transmissões de futebol, programas esportivos e nos mais diferentes gêneros de se fazer rádio. Tinha, igualmente, programas transmitidos na língua japonesa, sem tradução para o português. Em Santo Anastácio com o Prof. Shiozo Nagahata com a “Hora Nipônica” e em Presidente Prudente com Sr. Miura e Paulo Hashinaga. Os programas de auditório tinham grande sucesso e eram os de maior audiência, tanto em volume de cartas como em telefonemas pedindo músicas. Os romances das novelas empolgavam as donas de casa. Os homens acompanhavam as transmissões de futebol pelas ondas magnéticas do rádio. O rádio imortalizou atores, cantores, apresentadores, animadores, humoristas, narradores, repórteres, comentaristas. O humorismo e o rádio teatro despontavam, com grande audiência, na programação. O profissional de rádio, que se desdobrava em várias funções, escrevia, apurava, apresentava, programava, produzia, reportava, editava, comentava, transmitia e montava as retrospectivas semanais e anuais. As reportagens eram diretas, sem edição. Os comentários eram sempre de improviso, poucos eram escritos. Escrevia

e lia as crônicas do cotidiano e românticas diárias. Havia uma grande concorrência nos bastidores, das emissoras, pela primazia da notícia. Nos anos de 1960, o rádio passou a viver as primeiras grandes transformações, adquirir novas dimensões e atuar mais fortemente nos noticiários políticos nacionais e internacionais. As transmissões, face à precariedade da rede telefônica, eram muito precárias. Os narradores se deslocavam, para as mais diferentes cidades do Estado de São Paulo, com a missão de transmitir os jogos e muitas vezes constatavam que a transmissão não tinha chegado. Transmitíamos, na maioria das vezes, sem retorno. A confirmação se a transmissão chegou ou não, era obtida muitas horas depois dada a demora de se completar uma ligação telefônica. As emissoras cobriram, intensamente por vários anos, todos os jogos do Esporte Clube Corinthians (Corintinha) e da A. Prudentina de E. A, nas mais diferentes cidades do Estado de São Paulo ou em excursões para outros estados. Eu, por exemplo, acompanhei uma excursão da Seleção Japonesa de Futebol, que se tornou histórica, em 1966. Narrei todos os jogos em Pres. Prudente (A. Prudentina E. A.), em Lins (C.A. Linense) e em São Paulo no Parque Antártica, ao lado de Flávio Araújo que transmitiu para a *Rádio Bandeirantes* (S.E. Palmeiras). Os grandes nomes da música brasileira se apresentaram em Presidente Prudente nos auditórios das Rádios Difusora e Presidente Prudente bem como no Restaurante Embaixador, na Cantina Nápoli e salão de baile do Grande Hotel Naufal. Tive a oportunidade de apresentar muitos deles como: Cauby Peixoto, Ângela Maria, Carlos Galhardo, Francisco Egydio, Francisco Petrônio, Ivon Cury, Juca Chaves, Martinha, Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Dalva de Oliveira, Eliana Pittman e dezenas de outros nomes famosos. As grandes orquestras brasileiras e argentinas proporcionavam grandes espetáculos musicais. As torres de transmissão ficavam em bairros afastados, onde não havia asfalto.

### **Como o senhor vê o Altino Correia? Como é a sua relação com ele?**

Eu o vejo como um profissional que fez história no jornalismo em todas as mídias impressa, eletrônica e, mais recentemente, no digital. Evoluiu e se adaptou às inovações tecnológicas. Eu o conheci, por volta de 1964, quando atuava pela *Rádio Presidente Venceslau* (ZYH-7) ao lado de Izidro Tacca, Hélio Serejo e Adelmo Santos Reis Vanalli. Na época, havia o programa “Traço de União da Alta Sorocabana”, produzido de forma simultânea e integrada, entre as rádios *Presidente Prudente* e *Presidente Venceslau*. Sua militância tem mais de meio século. Teve uma atuação destacada como excelente repórter e dotado de uma versatilidade incomum que o levou a atuar em rádio, jornal, publicidade e, mais recentemente, na televisão. Tornou-se um profissional multimídia e um modelo de profissionalismo para as novas gerações como jornalista, radialista e publicitário. Atuou como correspondente nos principais jornais brasileiros – *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo* – em que divulgava a região da Alta Sorocabana. Temos lembrança da sua militância sindical como Diretor da Regional Oeste Paulista do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Trabalhou, em Presidente Prudente, na *Rádio Presidente Prudente* (ZYR-84), no jornal *O Imparcial* e na *TV Bandeirantes*. Colaborou com a *Rádio Comercial*. Tem, portanto, um currículo respeitável e invejável. Adquiriu muita credibilidade, respeitabilidade e se relacionava, intensamente, com os poderes públicos municipais com participação reconhecida e relevante na construção da história regional. Primou pela seriedade e granjeou respeitabilidade no exercício do jornalismo. Não se

limitava à sua cidade onde residia, Presidente Venceslau. Fez uma carreira brilhante cobrindo o interior paulista com desenvoltura invulgar.

**ANEXO B  
FOTOS**



Cobertura da inauguração da empresa Consórcio Santa Clara Veículos



Altino em reportagem sobre Shokon-Sai (Álvares Machado)



Apresentação musical na *Presidente Venceslau AM* comandada por Altino Correia



Recebendo certificado da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG)



Transmissão pela Agência Nacional, de Brasília, para uma Cadeia de Rádio-Emissoras de todo o país (1963). Comando regional: Rádio Pres. Venceslau



Entrevista com diretor da Caixa Econômica Federal



Out/1982: Inauguração do estádio Prudentino. Com entrevista à Rede Globo para Antonio Maca.



Entrevista com o Governador Roberto C. Abreu Sodré



Reportagem com o Presidente João Goulart - Palácio do Planalto (Brasília/DF)



Recepção no Paraguai pelo então Presidente Juan Carlos Wasmosy



Set/1985: Entrevista com Tibery Júnior

**ANEXO C  
ORÇAMENTO**



Londrina ► 43 2105 4388

Londrina, 06 de Dezembro de 2017

Proposta nº PER/1.417

Cálculo nº 907.919

À

**Anne Honami Abe**

At. Sr(a): Anne Honami Abr

E-mail: anneeabe@gmail.com

Fone: (18) 3903-1830

Prezado(s) senhor(es),

Conforme solicitado, encaminhamos abaixo nossa proposta:

**Produto:** Livro Capa dura-  
**Descrição:** Livro Capa dura- - 250pg + capa dura  
**Formato Fechado:** 160 x 210 mm **Formato Aberto:** 320 x 210 mm  
**Especificações:** Revestimento, formato 373 x 244 mm em Couche Fosco Suzano LD FSC 170 g/m2, 4x1 cores  
 2 Grafort, formato 158 x 214 mm em Grafort LD FSC 45, 0x0 cores  
 2 Guarda, formato 320 x 210 mm em Off Set Suzano LD FSC 150 g/m2, 4x4 cores  
 Miolo 250 págs. em Off Set Suzano LD FSC 90 g/m2, 1x1 cores  
 Grafort Dorso, formato 164 x 210 mm em Grafort LD FSC 25, 0x0 cores  
**Acabamentos:** Laminação Fosca Total Frente bopp fosco frente(Revestimento), Vincado(Guarda),  
 Corte Inicial(Grafort Dorso, Grafort), Capa Dura, Intercalado, Embalagem, Frete CIF

Quantidade	Unitário	Total
40	R\$ 40,00	R\$ 1.600,00

**Cond. Pagto:** 21 DDL**Validade:** 10 dias**Vendedor:** Mario**Programação Entrega:** a combinar

Solicitamos na aprovação do pedido o fornecimento dos dados para faturamento, confirmando o prazo de pagamento.

A Midiograf se reserva o direito de entregar 5% a mais ou menos, faturando a quantidade entregue.  
 Nos colocamos à disposição e aguardamos sua aprovação para darmos andamento ao pedido.

De Acordo: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A**  
**ANÁLISE DOCUMENTAL**

DATA	DESCRIÇÃO	PERSONAGENS	NÚMERO
-----	Sem descrição		SCAN001
Ano 2000	A última exposição sobre a importância da Rádio Venceslau AM		SCAN002
-----	Regional da Rádio Presidente Venceslau	Vicente, Zezinho do Pandeiro, José Aires Pinto, Onofre Soares, Joãozinho, Edvaldo de Oliveira, Evaldo Galindo e Altino Correia	SCAN003
-----	Pontos indicados onde a Rádio Venceslau AM era ouvida. Altino Correia - Diretor Gerente da ZYH-7 mostrando a área de cobertura da emissora	Altino Correia	SCAN004
-----	Sem descrição.		SCAN005
junho/1997	Homenagem - 60 anos do Sindicato dos Jornalistas Profissionais/SP	Altino Correia	SCAN006
-----	Sem descrição.		SCAN007
-----	Consórcio Santa Clara Veículos - Cobertura de inauguração	Oswaldo Petrin, Nenê Rodrigues, José M. Brito, Augusto A. de Paula e outros.	SCAN008
-----	Reportagem sobre Shokon-Sai - Álvares Machado		SCAN009
-----	Transmissão de solenidade de formatura em Pres. Venceslau - Formandas do curso de Corte e Costura	Ex-prefeitos Enio Pipino e Pedro	SCAN010
-----	Recebendo certificado da ADESG		SCAN011
1963	Transmissão pela Agência Nacional, de Brasília, para uma Cadeia de Rádio-Emissoras de todo o país. Comando regional: Rádio Pres. Venceslau	Altino Correia	SCAN012
-----	Entrevista com Diretor da Caixa Econômica		SCAN013
-----	Inauguração das novas instalações da Rádio Pres. Venceslau AM	D. José de Aquino Pereira (bispo da Diocese), Pe. Jaime Altomaris, Pe. Eugênio (ao fundo), Altino Correia (ao lado) e	SCAN014
-----	Sem descrição.		SCAN015
-----	Portrait Altino Correia jovem		SCAN016
-----	Portrait Altino Correia adulto		SCAN017
1958/1959	Equipe de trabalho da Rádio Pres. Venceslau AM em 1958/1959. Prédio da Associação Comercial onde funcionava a rádio.	Izabel, Altino Correia, João Franco, Aparecida, Ezidro F. Tacca, Pedro F. Dias, Arcênio Correia, Neuza Câmara, Aparecida Correia, Antonio Gabriel de Lima, Lauro Muchon Velasco, Edvaldo Galindo, Aimar M. Vanalli, Álvaro Correia e Braz Aristeu de Lima.	SCAN018
-----	Apresentação em Pres. Epitácio do candidato presidencial Jânio Quadros, ao lado do prefeito Temistocles Maia e outros.	Jânio Quadros, prefeito Temistocles Maia e Altino Correia	SCAN019

-----	No Rio de Janeiro com Presidente de CFP - Caravana de Santo Anastácio com AgemiroLagataDassie e Pepiere	Agemiro Lagata Dassie e Pepiere	SCAN020
-----	Operador de Som da Rádio Pres. Venceslau (ZYH-7)	Pedro Ferreira Dias	SCAN0021
-----	Aparecida S. Correia e Neuza Câmara na Rádio Pres. Venceslau		SCAN022
out/1982	Inauguração do estádio Prudentão. Com entrevista à Rede Globo p/ Antonio Maca.		SCAN023
-----	Altino Correia - Rádio Pres. Venceslau		SCAN024
-----	Os comandantes da audiência na ZYH-7	Arcênio e Altino Correia	SCAN025
-----	Programas de auditório que revelaram talentos para a música	Onofre Soares, Vicente, Joãozinho, Zezinho do Pandeiro, Evaldo Galindo e Edvaldo de Oliveira	SCAN026
Década de 50	Clube infantil da Rádio Pres. Venceslau	Antônia Carbonaro, Altino Correia, Zito, Onofre e Zezinho do Pandeiro	SCAN027
Década de 50	Imprensa e Rádio são homenageados pelo Clube Recreativo nas pessoas do Dr. Eminelio Ferreira e Altino Correia	Eminelio Ferreira e Altino Correia	SCAN028
Década de 60	Altino Correia cumprimentado pelo 1º bispo da Diocese, D. José de Aquino Pereira, em visita pastoral a Pres. Venceslau	D. José de Aquino Pereira e Altino Correia	SCAN029
-----	Inauguração Rotary Club de Presidente Venceslau	Governador do Rotary Internacional e Adib Abib Salomão	SCAN030
-----	Rádio Presidente Venceslau		SCAN031
-----	Lançamento do livro "Contos do Tio Armando" do professor Armando de Oliveira Campos em Pres. Venceslau (prof. cego)		SCAN032
-----	Inauguração sede Rádio Pres. Venceslau	D. José Aquino Pereira	SCAN033
1953	Rádio Presidente Venceslau		SCAN034
-----	Em Assuncion (Paraguai), entrevista com o ex-prefeito Alfredo Stroessner - Jambore Internacional		SCAN035
-----	Entrevista com o Governador Roberto C. Abreu Sodré		SCAN036
-----	Reportagem com o Presidente João Goulart - Palácio do Planalto (Brasília)		SCAN037
-----	Reportagem com o Ex-ministro Andreaza		SCAN038
1958	Show no Venceslau Clube com Dircinha Batista, acompanhada por Maestro Zito de Oliveira, Raymundo F. de Oliveira e Zezinho do Pandeiro	Altino Correia e Antonio Borgulho (apresentadores)	SCAN039
1960	Show do "Rei da Valsa", Carlos Galhardo	Altino Correia (apresentador)	SCAN040
-----	Entrevista com os reis da Suécia (Ourinhos/SP) para o Jornal do Brasil		SCAN041

-----	Recepção no Paraguai pelo então Presidente Juan Carlos Wasmosy	Geraldo Ribeiro de Souza e Dr. Arnaldo da Abez	SCAN042
-----	Apresentação do candidato do PTN à Presidência da República, Fernando Ferrari, em Pres. Venceslau.	Salvador Lopes (ao lado) e João José do Amaral, Carlos Platzcek, Adib Abib Salomão e outros (ao fundo)	SCAN043
-----	Fila rumo à balsa que fazia a travessia do Rio Paraná entre SP e MS.		SCAN044
1948	Posse da nova diretoria da Associação Comercial de Presidente Venceslau	Carlos Platzcek (falando), Odorindo Perenha (apresentador), Paquinha - operador de som (ao fundo),	SCAN045
-----	Portrait Altino		SCAN046
-----	Trabalho noturno na prospecção de petróleo		SCAN047
-----	Entrevista com Jânio Quadros	Jânio Quadros e Altino Correia	SCAN048
1957	Juscelino Kubitschek e Ulisses Guimarães em Presidente Eptácio		SCAN049
-----	Fotos variadas		SCAN050
set/1985	Entrevista com um dos maiores criadores do país	Tibery Jr. e Altino Correia	SCAN051
-----	Cobertura do Paraguai		SCAN052
-----	Discurso de Jânio em Santo Anastácio, sendo saudado pelo Deputado José Sanches Postigo (transmissão ao vivo)	Jânio Quadros e Altino Correia	SCAN053
-----	Cobertura para rádio ao vivo - Campanha presidencial Jânio Quadros na região de Pres. Prudente (discurso no "Trem de Vitória", Pres. Eptácio)	Jânio Quadros e Altino Correia	SCAN054
-----	Lançamento de um novo barco em Presidente Eptácio		SCAN055
-----	Entrevista sobre abastecimento de água, pelo DAE de Pres. Venceslau p/ Júlio Martins e Linimar Vanalli	Altino Correia, Júlio Martins e Linimar Vanalli	SCAN056
-----	Inauguração de uma nova agência bancária em Pres. Prudente, por Vicente Paulozi e demais diretores		SCAN057
-----	Antes da ponte - Travessia do Rio Paraná, por balsas		SCAN058
-----	Sem descrição.		SCAN059
-----	Sem descrição.		SCAN060
-----	Sem descrição.		SCAN061
-----	Sem descrição.		SCAN062
-----	Sem descrição.		SCAN063

-----	Foto Altino			SCAN064
-----	Entrevista com Pe. Marcelo Rossi			SCAN065
-----	Sem descrição		Altino Correia, Barbosa da Silveira	Foto 001
-----	Sem descrição		Altino Correia, Barbosa da Silveira	Foto 002
-----	Sem descrição		Altino Correia	Foto 003
-----	Sem descrição		Altino Correia	Foto 004

DATA	JORNAL	PÁGINA	NOTÍCIA (título + lead)	ASSINATURA	POSIÇÃO	NÚMERO
11/12/1981	O Globo	Página 16	Paulipetro descobre gás em Cuiabá Paulista - Durante quatro horas consecutivas, na noite de anteontem, funcionários e técnicos da Paulipetro assistiram, juntamente com inúmeros fazendeiros da região, à queima de gás, proveniente do poço que a empresa perfura em Cuiabá Paulista.	sem assinatura	Chamada na capa + matéria de meio página	SCAN001
06/12/1983	O Globo	Página 8	Tremor de terra dá susto em S. Paulo - Um forte estrondo, mas de curtíssima duração (três segundos), acordou, às 3h25m de ontem, toda a população desta cidade, mesmo dos bairros mais afastados, com muitos moradores telefonando para a Polícia para alertar sobre a explosão de uma bomba, quando, na verdade, tratava-se do fenômeno de acomodação do solo.	sem assinatura	Coluna topo de página	SCAN002
30/11/1981	O Globo	-----	Paulipetro faz novo teste no poço de Cuiabá Paulista - A constatação de uma chama amarela e fuliginosa, indicando a existência de frações leves de petróleo (uma mistura de metano, etano, propano e butano) aumentou ainda mais a expectativa em torno dos próximos testes da Paulipetro no poço de Cuiabá Paulista.	sem assinatura	Meio da página	SCAN002
26/07/1986	O Globo	-----	Assassino é resgatado vivo do Fórum, junto com o Juiz - Somente no início da madrugada de ontem, com o Fórum da comarca de Presidente Venceslau tomado pelo fogo, foi que se conseguiu resgatar vivo do prédio o criminoso que uma multidão queria linchar, Luiz Antônio Joanico.	sem assinatura	Abre de página	SCAN003
25/07/1986	O Globo	-----	Multidão incendeia Fórum para justiça assassino - Revoltadas com o latrocínio de que foi vítima Irineu Bonifácio - um produtor rural assassinado friamente por assaltantes junto a uma estrada vicinal de Presidente Epitácio -, umas duas mil pessoas cercaram o Fórum da comarca de Presidente Venceslau e, impossibilitadas de se aproximar do criminoso, Luís Antônio Joanico, o Negão, incendiaram o prédio.	sem assinatura	Abre de página	SCAN004

12/01/1982	O Globo	Página 5	Fazendeiro paulista desiste da adoção dos trigêmeos - Depois de ter assistido à reportagem do "Fantástico", da Rede Globo, ao domingo passado, focalizando o caso dos trigêmeos, o fazendeiro Pedro Abdalla Dipi disse que agora vai "lavar as mãos", eximindo-se de toda e qualquer responsabilidade sobre o destino das crianças.	sem assinatura	Meio da página	SCAN005
12/01/1982	O Globo	-----	Juiz decide assumir a custódia de trigêmeos - Os trigêmios Jader, Jaderson e Jacqueline, filhos do bóia-fria Ailton Costa Cruz, não foram entregues ontem ao casal Pedro Abdalla Dipi, desta cidade, porque o juiz de Menores de Dracena (SP) assumiu a custódia das crianças e entregou-as a um advogado.	sem assinatura	Meio da página	SCAN005
09/01/1982	O Globo	Página 5	Pai devolve trigêmeos a família paulista por não ter como criá-los - Ailton Costa Cruz, pai dos trigêmeos Jader, Jaderson e Jacqueline, foi ontem à casa do fazendeiro Pedro Abdalla Dipi, em companhia do comissário de Menores, José Lima, seu vizinho, para pedir-lhe que receba de volta as crianças, pois não tem condições financeiras para criá-las.	sem assinatura	Abre de página	SCAN006
21/08/1983	O Globo	-----	Motorista degola mulher e enteadas. Quase é linchado - José Geraldo Martins Pereira, motorista da Companhia Brasileira de Projetos de Obras, matou sua mulher e as duas filhas menores, decapitou-as e jogou os corpos no Rio Paraná. Preso, horas depois, confessou os crimes cometidos no último fim de semana, revoltando os moradores de Presidente Prudente, que ameaçaram linchá-lo.	sem assinatura	Meio da página	SCAN007
31/12/1981	O Globo	-----	Advogado doa suçuarana que guardava sua casa - O advogado Waldemar Lourenço da Silva, que havia adotado um filhote de suçuarana para se proteger contra os assaltantes, foi intimado a entregar o felino ao Zoológico de Araçatuba (SP), por ter infringido o código de Caça e Pesca, bem como a Lei de Proteção aos Animais.	sem assinatura	Meio da página	SCAN008
01/03/1982	O Globo	-----	Laranjais voltam ao extremo-oeste de São Paulo - Depois de uma longa espera de quase um quarto de século, os laranjais começam a voltar ao extremo-oeste paulista. Oito dos cinquenta municípios já tiveram o plantio liberado - exceto limão galego e grape-fruit - por portaria autorizada por técnicos da Companhia Nacional de Erradicação do Cancro Cítrico (Canec) do Ministério da Agricultura.	sem assinatura	Coluna topo de página	SCAN009
07/01/1982	O Globo	-----	Fazenda que contamina Rio em São Paulo é advertida - A Companhia Estadual de Tecnologia e Saneamento Básico (Cetesb), ao comprovar que a mortalidade de peixes do Rio Água do Anhumas foi provocada pelo lançamento de resíduos de folidol, inseticida usado contra pragas algodojeiras, converteu a autuação do fazendeiro Hélio Sávio em simples advertência.	sem assinatura	Meio da página	SCAN010
10/08/1982	O Globo	-----	Ossada pré-histórica achada em S. Paulo - A ossada de um grande animal, supostamente pré-histórico, foi descoberta sábado pelo tratorista da Prefeitura de Álvares Machado (SP), Vigílio Pinheiro, que realizava serviços de terraplanagem.	sem assinatura	Meio da página	SCAN011

27/02/1982	O Globo	-----	Maluf afirma que Montoro chegará em quarto lugar - O governador Paulo Salim Maluf afirmou ontem que o senador Franco Montoro (PMDB-SP) será o quarto colocado nas eleições para o Governo de São Paulo em novembro próximo.	sem assinatura	Meio da página	SCAN012
27/02/1982	O Globo	-----	Bolo deteriorado leva mais de 50 ao hospital - Desde a madrugada de segunda-feira até a tarde de ontem, mais de 50 pessoas procuraram o Pronto Socorro da Santa Casa de Presidente Prudente (SP) intoxicadas por fatias de bolo servidas em duas festas de aniversário.	sem assinatura	Meio da página	SCAN012
28/12/1981	O Globo	-----	Bióloga: Praga invade lavouras de São Paulo - Uma praga conhecida popularmente por Cigarrinha, constatada há dez anos nas pastagens de Mato Grosso do Sul, invadiu extensa área de São Paulo. Só na região de Presidente Prudente o surto de praga já atingiu 30 mil alqueires de pastagens e tende a aumentar ainda mais entre janeiro e fevereiro do próximo ano.	sem assinatura	Meio da página	SCAN013
22/08/1982	O Globo	Página 4	Maluf: Oposição é como anu, que só aparece na colheita - O ex-governador Paulo Salim Maluf comparou ontem a Oposição brasileira ao anu, "um pássaro escuro que só aparece na hora de colheita".	sem assinatura	Meio da página	SCAN014
30/05/1989	O Globo	-----	Prefeitos do PDS evitam Montora e vão a Brasília - Os prefeitos que integram a União dos Municípios da Alta Sorocabana (Umas) decidiram que não vão mais fazer reivindicações ao Governo estadual pois não contam com o apoio do PMDB, que proibiu os prefeitos a ele filiados de fazerem parte da entidade, por ter sido fundada pelo Deputado Walter Lemes Soares (PDS) quando Prefeito de Presidente Prudente há nove anos.	sem assinatura	Meio da página	SCAN014
27/12/1981	O Globo	-----	Melões produzidos em São Paulo são exportados para Argentina - Apenas um distrito (Campinal) da região de Presidente Prudente (SP), na zona da Alta Sorocabana, espera produzir este ano cem mil caixas de melão do tipo espanhol. A maior parte é comercializada junto à Ceasa, na capital paulista, e um volume apreciável está sendo exportado para a Argentina.	sem assinatura	Meio da página	SCAN015
08/01/1983	O Globo	-----	Vendaval em S. Paulo danifica lavouras - Ao levantar os prejuízos causados pelo temporal de segunda-feira na horticultura e nas lavouras da Alta Sorocabana e Alta Paulista, os técnicos da Divisão Regional Agrícola (Dira) de Presidente Prudente constataram que as perdas foram totais tanto em Caiuá, como em Presidente Venceslau e Piquerobi.	sem assinatura	Meio da página	SCAN016
08/01/1983	O Globo	-----	Júlio Góes, o vencedor em Presidente Prudente - Júlio Góes é o campeão da etapa Telefunkon do I Circuito Satélite Donnay de Tênis. Na partida final, ontem pela manhã, no ginásio municipal desta cidade, ele derrotou o gaúcho Marcos Hocevar por 6/3 e 6/4, mostrando um jogo bem superior ao do adversário.	sem assinatura	Meio da página	SCAN016

20/09/1981	O Globo	-----	Dois médicos paulistas são condenados por negligência - Denunciados pela Promotoria Criminal da Comarca de Presidente Prudente, os médicos José Ronis da Paixão e Edson Eitiro Takashima foram condenados por "imperícia e negligência", no parto da doméstica Maria de Lourdes da Cruz, de 17 anos, residente na zona rural de Estrela do Norte (SP).	sem assinatura	Meio da página	SCAN017
05/01/1982	O Globo	-----	Advogado doa suçuarana que guardava sua casa - O advogado Waldemar Lourenço da Silva, que havia adotado um filhote de suçuarana para se proteger contra os assaltantes, foi intimado a entregar o felino ao Zoológico de Araçatuba (SP), por ter infringido o código de Caça e Pesca, bem como a Lei de Proteção aos Animais.	sem assinatura	Meio da página	SCAN018
20/01/1982	O Globo	-----	Rotor de 300t reinicia viagem para Itaipu - Depois de uma semana de permanência no entroncamento da rodovia Raposo Tavares (em Rancharia), o rotor para a primeira unidade geradora da hidrelétrica de Itaipu, movimentou-se dez quilômetros. Em seguida, voltou ao local de partida.	sem assinatura	Meio da página	SCAN019
sem data	O Globo	-----	Colônia japonesa em São Paulo comemora o 'Dia dos Mortos' - Milhares de descendentes de colonizadores japoneses reuniram-se ontem no único cemitério da colônia em todo o hemisfério Sul, localizado na cidade de Álvares Machado, para comemorar o "Shokon-Sai" - o Dia dos Mortos.	sem assinatura	Topo de página	SCAN020
11/12/1981	O Globo	-----	Maluf: Paulipetro descobriu gás comercial - "Esta é a mais auspiciosa notícia de Natal que Deus poderia ter me reservado", afirmou ontem o governador Paulo Maluf, ao anunciar, em meio a dezenas de políticos, empresários e integrantes de sua equipe de governo, que o poço Cuiabá Paulista-1 é viável para a exploração comercial, com uma vazão de 51.014 metros cúbicos por dia.	sem assinatura	Topo de página	SCAN021
11/01/1982	O Globo	-----	Pai de trigêmeos denuncia sequestro de dois dos filhos - O bóia-fria Ailton Costa Cruz, pai dos trigêmeos Jader, Jaderson e Jacqueline, acusou ontem três policiais militares, um comissário de menores e uma assistente social de dracena (SP) de terem sequestrado dois de seus filhos.	sem assinatura	Coluna topo de página	SCAN022
09/01/1982	O Globo	1ª Página	Trigêmeos devolvidos a fazendeiro que os criava - O bóia-fria Ailton Costa Cruz, pai dos trigêmeos Jader, Jaderson e Jacqueline, pediu ontem ao fazendeiro Pedro Abdalla Dipi, de Presidente Prudente (SP), que crie seus filhos porque não tem condições financeiras, estando um deles internado com anemia, devido a desnutrição.	sem assinatura	Chamada de capa (matéria p. 5)	SCAN023
13/01/1982	O Globo	-----	Proibidas as visitas a trigêmeos hospitalizados - Os trigêmeos Jader, Jaderson e Jacqueline continuam internados na Santa Casa de Dracena, onde policiais militares impedem a entrada de estranhos e da imprensa. Na porta do apartamento em que estão as crianças, um oficial de Justiça designado pelo juiz de Menores para manter vigilância só permite a entrada do pediatra Luiz Alencar, do provedor e diretor-clínico e de uma enfermeira.	sem assinatura	Meio de página	SCAN024

11/12/1981	O Globo	-----	Maluf: Gás de Cuiabá Paulista é comercial – O poço de gás da Paulipetro em Cuiabá Paulista é comercial, pois já tem uma vazão de 51.014 metros cúbicos por dia, anunciou ontem em São Paulo o governador Paulo Maluf.	Repórter: Altino Correia	----- -	Imagem: 010
Sem data	O Globo	-----	Paulipetro descobre gás em Cuiabá Paulista – Durante quatro horas consecutivas, na noite de anteontem, funcionários e técnicos da Paulipetro assistiram, juntamente com inúmeros fazendeiros da região, à queima de gás, proveniente do poço que a empresa perfura em Cuiabá Paulista.	sem assinatura	-----	Imagem: 010
1982	O Globo	-----	Paulipetro faz novo teste no poço de Cuiabá Paulista – A constatação de uma chama amarela e fuliginosa, indicando a existência de frações leves de petróleo (uma mistura de metano, etano, propano e butano) aumentou ainda mais a expectativa em torno dos próximos testes da Paulipetro no poço de Cuiabá Paulista.	Repórter: Altino Correia	-----	Imagem: 013
27/08/1979	O Globo	-----	Procura de petróleo em S. Paulo pode começar hoje – Segundo informações recebidas pelo prefeito Elio Gomes, de Presidente Epitácio, uma equipe de geólogos está sendo aguardada hoje na cidade para providenciar em nome do consórcio IPT-Cesp, a reabertura do poço que a Petrobrás perfurou e fechou em 1959.	Repórter: Altino Correia	-----	Imagem: 013

DATA	JORNAL	PÁGINA	NOTÍCIA (título + lead)	ASSINATURA	POSIÇÃO	NÚMERO
15/07/1979	Jornal do Brasil	Página 27	Prefeitos paulistas já disputam os furos na busca do petróleo - Menos de 48 horas depois do anúncio de que o Governo paulista pretende iniciar perfurações em território do Estado para pesquisas petrolíferas, prefeitos das cidades localizadas nas áreas indicadas pelo Secretário da Indústria e do Comércio já iniciaram uma acirrada disputa pela primazia dos furos.	sem assinatura	Final da página	Imagem: 009
18/10/1978	Jornal do Brasil	-----	Delfim não acredita no MDB - Além de garantir que o MDB não vai repetir os resultados eleitorais de 1974 no Estado de São Paulo, onde comanda a campanha arenista, o ex-ministro da Fazenda, Delfim Netto, disse, no interior, que "a má distribuição da renda no Brasil não é de agora, mas desde que chegou Pedro Álvares Cabral".	sem assinatura	Coluna topo de página	Imagem: 009
15/09/1979	Jornal do Brasil	-----	Carbinol é uma opção polivalente - A cidade de Presidente Prudente (SP) entrou na corrida do combustível alternativo, e um cientista de lá descobriu a fórmula de um multicomcombustível que atende de maneira especial à substituição do diesel.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 010
25/02/1977	Jornal do Brasil	-----	Navegação fluvial no rio Paraná ainda é precária - "Tudo o que se faz no rio Paraná é obra de pioneirismo e o que mais onera o transporte é a estiva e desertiva", afirmou o Sr Sérgio Caldas, da Navegação Fluvial Moura Andrade Ltda., que se dedica ao transporte de cereais e gado no Alto Paraná há 22 anos e que reconhece nas hidrovias um fator de importância primordial para o	sem assinatura	Meio da página	Imagem: 011

## escoamento da produção agrícola.

sem data	Jornal do Brasil	-----	Menor paulista inspira-se no sequestro de Ludinho para obter Cr\$ 1 milhão - Inspirado no sequestro de Ludinho e alegando dificuldades financeiras, o menor J. A. B., 17 anos e 11 meses, elaborou um plano para receber um resgate de Cr\$ 1 milhão. A vítima seria uma filha do fazendeiro Augusto Lerino Medeiros, de tradicional e abastada família da cidade de Presidente Prudente.	sem assinatura	Meio da página	Imagem: 012
sem data	Jornal do Brasil	-----	Almeida Prado pede aumento de subsídio para facilitar as exportações de algodão - "Para exportar a partir de agora entre 120 e 130 mil toneladas de algodão que deixou de fazê-lo entre outubro de 1976 e março de 1977, o Governo terá que estudar o estabelecimento de um subsídio muito superior aos 28% atuais", afirmou ontem o presidente do Instituto de Almeida Prado, e da Bolsa de Mercadorias de São Paulo.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 012
sem data	Jornal do Brasil	-----	Carga e descarga onera transporte de 200 mil t de trigo no rio Paraná - A remoção de 200 mil toneladas de trigo de barcaças no rio Paraná para vagões graneleiros da Ferrovia Paulista S.A., adquiridas pela Comissão do Trigo Nacional - Ctrin - na região de Guaíra, no interior deste Estado, será onerada em Cr\$ 1 milhão, além da perda de tempo nas operações de carga e descarga no porto fluvial de Panorama.	sem assinatura	Meio da página	Imagem: 013
13/03/1977	Jornal do Brasil	-----	Desilusão marca a volta dos desabrigados pelas enchentes no rio Paraná - As ilhas do rio Paraná voltaram a ser ocupadas por centenas de famílias desalojadas anteriormente pelas enchentes, em toda a sua extensão. No retorno, a grande maioria confessa sua desilusão pela falta de ajuda do Governo.	sem assinatura	Coluna topo de página	Imagem: 014
14/08/1978	Jornal do Brasil	-----	Porto fluvial de Presidente Epitácio está desativado por falta de cereais - Depois de ter ocupado o segundo lugar entre os portos fluviais mais movimentados do Brasil, o cais de Presidente Epitácio (SP) está totalmente desativado, tendo sido dispensados até agora cerca de 250 trabalhadores dos serviços de estiva.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 015
sem data	Jornal do Brasil	-----	Passarinho revela que pediu a Costa e Silva revogação do 477 - O Senador Jarbas Passarinho (Arena-PA) revelou ontem que, ao tempo em que ocupava o Ministério do Trabalho, pediu ao Presidente Costa e Silva a revogação do Decreto-Lei 477: "Eu estava discutindo política salarial com os trabalhadores - coisa mais dura do que política estudantil - e não tinha nenhum 477 para me proteger. O Presidente ouviu o Conselho de Segurança, que deu parecer contrário à revogação".	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 016
15/05/1978	Jornal do Brasil	-----	Frigorífico paulista acha que preço menor faz da carne uruguaia bom negócio - As primeiras partidas de um lote de 100 mil toneladas de carne importada do Uruguai - representando 40 mil bois - começaram a chegar aos frigoríficos da região de Presidente Prudente, com excelente negócio para os industriais da carne, segundo afirmou o Sr João Berchman Silva, diretor do Frigorífico União.	sem assinatura	Meio da página	Imagem: 017
28/03/1978	Jornal do Brasil	-----	Encontro sobre café reúne... - Depois de um concorrido encontro realizado num cinema de Adamantina (SP), cerca de 1 mil 300 cafeicultores, comerciantes de café, prefeitos, delegados da Arena, representantes de classe da cafeicultura paulista, paranaense e mineira decidiram preparar	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 018

			memorial com quatro tópicos de reivindicações a ser levado ao Presidente Geisel e ao Ministro Calmon de Sá, hoje, em Brasília.			
20/10/1977	Jornal do Brasil	-----	Paulistas brigam por osso de 80 milhões de anos com DNER e polícia como juizes - A disputa de um osso pré-histórico de 80 milhões de anos presumíveis entre alunos da Associação Prudentina de Educação e Cultura e do Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais - as duas principais Faculdades de Presidente Prudente - criou uma polêmica na qual tiveram que intervir o diretor regional do DER, engenheiro Luiz Fernando Sampaio, e o subcomandante do 18º BPM, Major Paulo Rodrigues.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 019
sem data	Jornal do Brasil	-----	Usina de Jupia causa apreensão - A Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP), anunciou ontem que elevará a vazão da Usina Hidrelétrica de Jupia de 15 para 16 mil m3 por segundo, o que aumenta a apreensão dos moradores das ilhas situadas entre Panorama e Rosana, no Rio Paraná, divisa de São Paulo e Mato Grosso.	sem assinatura	Final da página	Imagem: 020
24/10/1976	Jornal do Brasil	-----	Direção do MDB paulista examina ordem de prisão de juiz contra parlamentares - A direção estadual do MDB vai examinar amanhã a ameaça de prisão feita ao Senador Orestes Quércia e a dois deputados estaduais pelo Juiz eleitoral da cidade de Presidente Epitácio, para encaminhar representação à Justiça Eleitoral, ao Tribunal de Justiça e ao Governador do Estado.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 020
12/09/1976	Jornal do Brasil	-----	Devastação das florestas acaba em breve com reserva de peroba - Peroba, a madeira mais usada na construção civil, vai desaparecer em poucos anos. A previsão é dos madeireiros tradicionais do Oeste de São Paulo, Norte do Paraná e Sul de Mato Grosso, preocupados com a devastação das reservas florestais.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 021
sem data	Jornal do Brasil	-----	Desencontro evita prisão de parlamentares do MDB - O Senador Orestes Quércia e os Deputados estaduais Hélio César Rosas e André Pescarini, todos do MDB, receberam ordem de prisão do Juiz eleitoral Fernando Acayaba de Toledo, sob acusação de falarem no comício oposicionista de quinta-feira em Vila Prudentina (Presidente Epitácio) em horário não permitido e de infringirem a lei do silêncio.	sem assinatura	----- ---	Imagem: 022
17/10/1976	Jornal do Brasil	-----	Omissão em questionário dá prisão - Uma funcionária do Instituto Gallup - Terezinha Carmo Dias - foi detida pela polícia de Presidente Prudente, por estar fazendo pesquisa de opinião sem o nome do candidato a Prefeito pelo MDB, Sr Nelson Porto Alegre.	sem assinatura	Meio da página	Imagem: 023
23/10/1977	Jornal do Brasil	-----	Justiça decide velhos litígios em São Paulo - Ações discriminatórias e demandas que se arrastam há décadas na Justiça são as características da situação fundiária paulista, rompida, em março último, com as mortes do fazendeiro José Mota e seu filho Walter, por três pistoleiros recrutados em Campo Grande pelo ex-sargento da Aeronáutica Jesus do Carmo.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 023
18/10/1976	Jornal do Brasil	-----	Viagem de ônibus do Rio a Manaus custará Cr\$ 745,00 e terá três dias e 13 horas - Quem quiser se aventurar a uma viagem do Rio de Janeiro à Amazônia poderá fazê-lo a partir de novembro,	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 024

			totalmente por via rodoviária.			
19/03/1978	Jornal do Brasil	-----	Produtores de São Paulo reivindicarão em Brasília - Empresários e produtores de café do Estado de São Paulo pretendem ir a Brasília, em caravana, para reivindicar novas medidas da política cafeeira junto às autoridades federais, informou ontem, em Adamantina, o presidente da Comissão Técnica do Café da FAESP (Federação de Agricultura do Estado), Ari Morales Agudo, depois de uma reunião, na região da Alta Paulista.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 024
07/07/1979	Jornal do Brasil	-----	Etti reinicia suas operações sob novo controle acionário - Logo que o Ministro Delfim Netto deixou Araçatuba, anteontem, a Companhia Industrial Mercantil Paoletti - sob novo controle acionário - reiniciou suas operações normais, mediante recebimento de tomate, produzindo em média de 80 a 100 toneladas de polpa por hora.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 025
22/08/1978	Jornal do Brasil	-----	General da Arena diz que já derrotou o do MDB - O candidato da Arena à presidência admitiu em Presidente Prudente que o General Euler Bentes Monteiro "já está derrotado", referindo-se à eventual candidatura pelo MDB do ex-superintendente da Sudene.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 025
09/04/1977	Jornal do Brasil	-----	São Paulo inicia embarque de 300 mil m2 de peles semi-acabadas para Londres - Com um rebanho de 1 milhão 800 mil cabeças de bovinos, a região de Presidente Prudente entra agora na fase de exportações de peles semi-acabadas, enviando para a Inglaterra 300 mil m2, como parte de um contrato inicial celebrado através da Cobec - e consignado a Arthur Buston, de Londres e Liverpool.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 026
09/04/1977	Jornal do Brasil	-----	Calazans chama de mágica a previsão norte-americana da safra brasileira de café - O presidente do Instituto Brasileiro de Café (IBC), Sr Camilo Calazans, disse ontem, durante um encontro com cafeicultores da Alta Paulista, em Oswaldo Cruz, que os norte-americanos estão fazendo uma "mágica avaliação de nossa safra cafeeira ao divulgar que vamos produzir 17 milhões de sacas, quando na realidade, nossa produção não irá além de 13 milhões de sacas".	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 026
31/07/1977	Jornal do Brasil	-----	Pesquisador já acha tardio controle familiar - O médico baiano Elsimar Coutinho, pesquisador da pílula anticoncepcional para homens e presidente da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana, disse ontem, em Presidente Prudente, que o programa de planejamento familiar recentemente aprovado pelo Governo deveria ter sido adotado há três anos, "quando o Brasil decidiu estabelecê-lo à semelhança do que já fazem todos os países desenvolvidos".	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 027
30/01/1977	Jornal do Brasil	-----	Governador ameaça autores de boato - "Se for preciso, eu os enquadrado até na lei do bofetão," disse o Governador Paulo Egydio Martins ao informar à imprensa, em Presidente Epitácio, que havia determinado a prisão de alguns elementos responsáveis pela divulgação, naquele Município, do boato de que a represa da Hidrelétrica de Promissão se havia rompido.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 028
24/01/1983	Jornal do Brasil	Página 8	Nível do rio Paraná sobe e os moradores abandonam suas casas - Temendo uma das maiores enchentes dos últimos tempos, os ribeirinhos do rio Paraná começaram a abandonar suas casas nas ilhas existentes no trajeto Panorama-Rosana, enquanto o nível das águas alcançava ontem à	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 029

tarde a marca dos 9m22 em Presidente Epitácio.

28/01/1977	Jornal do Brasil	1ª Página	Chuva corta energia e raio paralisa trens - As chuvas que caíram, ontem à noite, sobre a cidade, provocaram inundações, batidas de carros e falta de energia elétrica em vários bairros.	sem assinatura	Chamada de capa (matéria pág. 20)	Imagem: 030
05/11/1978	Jornal do Brasil	-----	Paulistas importam 50 mil cabeças de gado da Argentina - Para suprir a falta de bois magros e garantir maior produção de carne ano que vem, pecuaristas das regiões de Araçatuba e Presidente Prudente importaram 50 mil cabeças de gado da Argentina e estão negociando a compra de mais 50 mil reses.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 031
14/02/1977	Jornal do Brasil	-----	Bataguassu produz energia com motores a óleo diesel - Embora esteja a 30 km das redes da CESP - Centrais Elétricas de São Paulo - a cidade de Bataguassu (MT) gera sua própria energia com o emprego de dois motores movidos a óleo diesel, consumindo em média 600 litros por dia.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 032
07/11/1976	Jornal do Brasil	-----	Projeto Rebojo promove reforma agrária com êxito - O Projeto Rebojo, iniciado em março de 1964 no extremo Oeste de São Paulo, constitui atualmente a mais sólida experiência do INCRA em termo de Reforma Agrária, no interior do país.	sem assinatura	Topo da página	Imagem: 034
17/09/1976	Jornal do Brasil	-----	O "Rei do Melão" vive em São Paulo – Há 10 anos, ajudado por uma sobrinha, ele percorria todo o Estado de São Paulo, comprando estoques deteriorados e catando no lixo as sementes de melão espanhol, que o ajudaram a provar duas coisas...	sem assinatura	Coluna topo da página	Imagem: 035
22/08/1978	Jornal do Brasil	-----	Figueiredo quer democracia sem Governo de transição – A entrevista do candidato – Em sete minutos, o General João Baptista Figueiredo concedeu a seguinte entrevista em Presidente Prudente.	sem assinatura	Topo da página/1º caderno	Imagem: 036
1979	Jornal do Brasil	-----	Prefeitos paulistas já disputam os furos na busca do petróleo – Menos de 48 horas depois do anúncio de que o Governo paulista pretende iniciar perfurações em território do Estado para pesquisas petrolíferas, prefeitos de cidades localizadas nas áreas indicadas pelo Secretário da Indústria e do Comércio já iniciaram uma acirrada disputa pela primazia dos furos.	Por Altino Correia – repórter	Coluna	Imagem: 037
<b>DATA</b>	<b>JORNAL</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>NOTÍCIA (título + lead)</b>	<b>ASSINATURA</b>	<b>POSIÇÃO</b>	<b>NÚMERO</b>
26/04/1967	O Estado de S. Paulo	-----	A aftosa vai ser combatida - Técnicos do Instituto Biológico, após o cadastramento das propriedades rurais da região do Pontal do Estado, estão realizando campanha de esclarecimento sobre a febre aftosa.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN034

26/04/1967	O Estado de S. Paulo	-----	Ministro irá a P. Wenceslau - O ministro da Agricultura, Sr. Ivo Arzua, virá a esta cidade, no próximo dia 4 para presidir a abertura oficial da campanha contra a febre aftosa no Estado de São Paulo.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN034
16/06/1967	O Estado de S. Paulo	-----	É modelar a penitenciária - Os penitenciários argentinos que visitam o Estado de São Paulo, a convite do governo do Estado, estiveram na Penitenciária Regional de Presidente Wenceslau, sob a chefia do Sr. Roberto Almaric, diretor do Instituto de Detenção de Buenos Aires, tendo-se declarado surpreendidos com o que lhes foi dado observar no estabelecimento, que consideram um dos melhores da América Latina no gênero, servindo de unidade-modelo para o Continente.	"Do Correspondente"	Meio de página	SCAN035
06/06/1967	O Estado de S. Paulo	-----	Arzua expõe ação em favor da agricultura - O ministro da Agricultura, Sr. Ivo Arzua – que anteontem, em Presidente Wenceslau, presidiu o lançamento da campanha de vacinação contra a aftosa no Estado – anunciou que o “governo revolucionário instituiu e colocou em prática o ICM, mas os preços mínimos só agora estão sendo corrigidos em suas distorções para que, realmente, tenham o custo de produção racional e não da lavoura predatória”.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN036
sem data	O Estado de S. Paulo	-----	Fenômeno - Este exemplar de abacaxi, em forma de leque, foi colhido na propriedade do Sr. Fumio Matsumoto, no bairro Campinal, em Presidente Epitácio.	"Do Correspondente"	Meio de página	SCAN040
sem data	O Estado de S. Paulo	Página 15	Encontrada rádio-sonda - Uma rádio-sonda que teria sido lançada pela Organização Meteorológica dos Estados Unidos com o objetivo de medir a temperatura, pressão e umidade atmosféricas a grandes altitudes, foi encontrada em uma fazenda mato-grossense, nas proximidades do município de Presidente Wenceslau.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN041
27/06/1967	O Estado de S. Paulo	Página 16	P. Wenceslau recebeu prefeitos e vereadores - Realizou-se neste município, nos dias 24 e 25 últimos, o II Encontro de Prefeitos e Vereadores da Bacia do Paraná, cujos municípios estão localizados entre os Vales do Rio Grande e Paranapanema.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN042
sem data	O Estado de S. Paulo	-----	Praga ataca algodão a noroeste do Estado - Uma praga, resistente a todo e qualquer tipo de inseticida comum, está dizimando as plantações de algodão existentes nos municípios de Presidente Epitácio, Caiuá e Presidente Wenceslau, ocasionando graves prejuízos para toda a região.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN043
sem data	O Estado de S. Paulo	-----	Lavradores não têm arma contra praga - Mais de 5 mil alqueires de algodoads localizados em Presidente Epitácio, Caiuá, Piquerobi, Marabá Paulista e Presidente Wenceslau estão sendo devastados pela praga do “ácaro rajado”, sendo que os cotonicultores da região encontram-se em dificuldades para obter acaricidas eficazes no combate a praga.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN043
05/03/67	O Estado de S. Paulo	-----	Medida contra a febre aftosa - Equipes do Ministério da Agricultura, Instituto Biológico e Secretaria da Agricultura concluíram com êxito os trabalhos de cadastramento das propriedades rurais de Presidente Wenceslau, como primeiro passo para a realização da campanha de combate à febre aftosa, em toda a área do Pontal do Estado.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN044

DATA	JORNAL	PÁGINA	NOTÍCIA (título + lead)	ASSINATURA	POSIÇÃO	NÚMERO
sem data	Folha de S. Paulo	-----	90 km da Raposo Tavares aguardam o recapeamento - Os cinco mil veículos que diariamente transitam na região de Presidente Prudente, pela Rodovia Raposo Tavares, incluindo 1.500 caminhões de alta tonelage, procedentes ou em demanda do Estado de Mato Grosso, justificam a urgente necessidade de recapeamento dessa estrada, num trecho de 90 km, desde o km 565 até o 655.	"Altino Correia"	Meio da página	SCAN001
18/11/1973	Folha de S. Paulo	Página 25 (2º caderno)	Pela primeira vez, de SP a Manaus por via terrestre - Utilizando três veículos em cada etapa dos 4.210 quilômetros que separam São Paulo de Manaus, a empresa Motta, de Presidente Prudente, realizou pela primeira vez na história dos nossos transportes terrestres, a ligação entre a capital de S. Paulo e a do Amazonas.	"Atino Correia - Correspondente"	Abre de página	SCAN002
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Amendoim já tem colheita - Há algum tempo, em grande parte das terras situadas às margens do Rio Peixe, na zona conhecida por Nova Alta Paulista, a colheita mecanizada do amendoim, com o emprego de máquinas colhedoras é uma realidade.	"Do correspondente - Altino Correia"	Abre de página	SCAN003
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Presidente Prudente terá DDD - Presidente Prudente será a primeira cidade do interior a ser servida pelo sistema de Discagem Direta à Distância – DDD.	"Atino Correia - Correspondente"	Abre de página	SCAN004
07/02/1972	Folha de S. Paulo	-----	15 em Prudente - Uma festa de casamento realizada nas imediações desta cidade, no sábado, terminou com graves consequências para grande parte dos convidados, dos quais quinze, adultos e crianças, tiveram de ser encaminhados ao Pronto Socorro Municipal, em virtude de intoxicação alimentar.	"Correspondente"	Rodapé da página	SCAN004
07/02/1972	Folha de S. Paulo	-----	Problema da madeira ainda sem solução - O governador José Fragelli não havia adotado até ontem qualquer medida para sustar o decreto que proíbe a saída de madeira em tora do Mato Grosso para São Paulo, alegando não ter mantido encontro ainda com seu secretário, após a reunião em Brasília.	"Do correspondente"	Meio da página	SCAN004
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Sugerida área para distrito industrial - Esteve em Presidente Prudente o Sr. Roberto Ferreira do Amaral, coordenador da Ação Regional do Planejamento, que aqui veio com a finalidade de prestar esclarecimento a respeito do curso para pequenas e médias empresas a ser ministrado proximamente, e também para um contato direto com o meio empresarial a fim de sentir seus problemas e apontar soluções.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN005
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Safra do algodão chega ao fim na Alta Sorocabana - A safra de algodão na Alta Sorocabana está chegando em sua fase final, restando apenas 2 a 5% da produção, que estão sendo encaminhados às máquinas beneficiadoras.	sem assinatura	Meio da página	SCAN005
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Arranca Tocos - Na fazenda São Manuel, município de Flora Rica, na Paulista, foi construído um equipamento especialmente indicado para arrancar tocos, desses encontrados frequentemente nas propriedades rurais. Trata-se do "Arranca Toco", construído pelos Srs. Jesus e Manuel Montolar, proprietários da fazenda.	sem assinatura	Meio da página	SCAN005

sem data	Notícias Populares	-----	Moça faz strip-tease no centro da cidade - Uma jovem cuja identidade não foi revelada e apresentando sintomas de desequilíbrio mental, resolveu fazer um “strip-tease” nas ruas centrais da cidade, somente não completando o espetáculo porque a Polícia resolveu intervir, conduzindo-a até o delegado de plantão.	sem assinatura	Rodapé da página	SCAN006
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Paraninfo fala sobre a Alta Sorocabana - Em solenidade realizada no Teatro Municipal de Presidente Prudente, receberam certificados de conclusão de curso 115 alunos de Ciências Sociais, Geografia, Licenciatura em Ciências, Matemática e Pedagogia, da Faculdade de Filosofia local. O paraninfo da turma foi o prof. José Ferrari Leite, ex-diretor da escola.	“Altino Correia - Correspondente”	Meio da página	SCAN007
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Prefeitos reúnem-se para o seu congresso - Está marcado para o próximo dia 22, nesta cidade, novo encontro de prefeitos e vereadores da região, promovido pela Associação Paulista de Municípios – APM., com o objetivo de preparar a agenda dos trabalhos para o próximo congresso municipalista de Itanhaem.	“Correspondente”	Meio da página	SCAN007
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Estradas na região da Alta Sorocabana - As regiões da Alta Sorocabana e Alta Paulista reivindicam, com justa razão, a implantação de uma nova estrada transversal interligando essas duas zonas ao Norte do Paraná, aproveitando a ligação Londrina-Rolandia-Porecatu, que o governo paranaense pretende pavimentar até alcançar a futura barragem das Centrais Elétricas de São Paulo, à altura de Porto Capim, no rio Paranapanema, o que possibilitaria o rápido escoamento da produção cafeeira e açucareira.	“Do correspondente - Altino Correia”	Abre de página	SCAN008
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Grande incremento para a mamona e o amendoim - As maiores exportações de óleo de mamona, através do porto de Santos, pertencem a este município, segundo os dados estatísticos. No período de janeiro a julho do corrente ano, somente a Indústria e Comércio “Lotus” S. A., que possui intercambio comercial com diversos países do mundo exportou 9.995 toneladas, produzidas neste município.	“Correspondente”	Meio da página	SCAN009
sem data	Notícias Populares	-----	200 pessoas lesadas na Loteria Esportiva - Ganhar um “tutu” na Loteria Esportiva é o desejo de todos. O fato de muita gente virar milionária do dia para a noite, jogando alguns cruzeiros, mesmo quando nada conhece de futebol serve de exemplo aos outros.	sem assinatura	Abre de página	SCAN009
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Novos padrões do algodão são assunto em Presidente Prudente - O secretário da Agricultura, sr. Rubens de Araujo Dias, chegou ontem a Presidente Prudente, por volta das 9h30, e imediatamente se dirigiu à (DIRA) – Divisão Regional de Agricultura onde manteve encontro reservado com todos os agrônomos da Alta Sorocabana e Alta Paulista, e também com dirigentes daquele órgão, convocados pelo seu diretor, o engenheiro-agrônomo Jacob Tosello.	“Atino Correia - Correspondente”	Abre de página	SCAN010
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Já restabelecido o tráfego na Rodovia Raposo Tavares - Após um período de intensas chuvas que atingiram 115 milímetros num só dia, foi restabelecido o tráfego na rodovia Raposo Tavares com a recomposição de aterros e colocação de pedregulhos em locais mais atingidos.	“Atino Correia - Correspondente”	Abre de página	SCAN011
sem data	Folha de	-----	Nova turma de reservistas - Em cerimônia realizada na Praça 9 de Julho, nova turma de reservistas do	“Atino Correia -	Coluna meio	SCAN011

	S. Paulo		Tiro de Guerra 02/231, de Presidente Prudente, prestou juramento à bandeira.	Correspondente"	da página	
sem data	Notícias Populares	-----	Índio estrangula jovem em S. Paulo - Pedro Antonio da Silva, eletricista, de 31 anos de idade, mais conhecido nesta cidade como "Índio", foi o autor de um crime que chegou a ser atribuído ao tristemente famoso José Paz Bezerra, o "estrangulador".	sem assinatura	Abre de página	SCAN012
sem data	Notícias Populares	-----	Discutiram com um amigo e o assassinaram: 8 facadas - Dez meses depois de ter assassinado o cunhado do Prefeito Alcir Araujo, da cidade de Goioerê, no Paraná, foi preso em Presidente Prudente o homicida, José Bispo dos Santos Filho, o Zé Alagoano. Num quarto de hotel, naquele município do norte paranaense ele matou, com oito facadas, Antonio Alves de Lima, após discussão por questões de negócio.	sem assinatura	Rodapé da página	SCAN012
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Gafanhotos destroem as pastagens em fazendas da Alta Sorocabana - Mais de 40 mil hectares de invernadas de cinco municípios da Alta Sorocabana apresentam-se infestados com a ocorrência da praga de gafanhotos "crioulos", que vêm destruindo todas as pastagens da região.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN013
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Debatidos em Prudente os problemas do ensino - Pelo espaço aproximado de 22 horas este sábado último, em Presidente Prudente, o secretário da Educação do Estado, professor Ulhoa Citra. À sua chegada no Aeroporto, compareceram autoridades locais e da região, assim como dirigente de entidades de classe e estabelecimentos de ensino.	"Do Correspondente"	Meio da página	SCAN014
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Comando da SUNAB contra exploradores em Prudente - Uma "blitz" realizada por fiscais da SUNAB, em Presidente Prudente, serviu para conter os preços abusivos que eram cobrados por bares e restaurantes da cidade, na venda de lanches, leite e refrigerantes. Em consequência, inúmeros estabelecimentos foram autuados e multados por estar cometendo autêntica exploração da bolsa popular, sem jamais terem sido advertidos por quem quer que seja.	"Do correspondente - Altino Correia"	Abre de página	SCAN014
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Melão "espanhol" da Alta Sorocabana - Desde o ano passado, melões do tipo espanhol produzidos na região da Alta Sorocabana vêm encontrando fácil comercialização no CEAGESP, que por sua vez os distribui para os maiores centros consumidores do país.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN015
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Seca prejudica o amendoim - Exclusivamente por falta de chuvas na época apropriada, cerca de 25% da produção de amendoim da região da Alta Sorocabana já é considerada perdida.	"Atino Correia - Correspondente"	Coluna topo da página	SCAN015
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Distrito Industrial será implantado, diz prefeito - Ao empossar a Comissão do Distrito Industrial de Presidente Prudente, representada por dezenas de pessoas ligadas aos diversos setores de atividades do município, o prefeito Walter Lemes Soares frisou que durante sua campanha assumira compromisso com o povo de lutar pela implantação do DI com recursos da Prefeitura e a ajuda do Governo do Estado.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN016
sem data	Folha de S. Paulo	-----	37 sindicatos em congresso estadual - Na manhã de ontem foi aberto oficialmente o VII Congresso Estadual dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico de São Paulo. O conclave começou às 8 horas com a distribuição de credenciais aos 147 delegados presentes,	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN016

representando 34 sindicatos das mais importantes cidades do Estado.

sem data	Folha de S. Paulo	-----	Cancro cítrico não deverá se expandir - Para o diretor da Divisão Regional de Agricultura, eng. Jacob Tozello, as plantações não atingidas pelo cancro, nas regiões da Alta Sorocabana e Alta Paulista, não devem ser erradicadas: "Vamos verificar as plantas que contêm a doença, e só então determinaremos sua erradicação", disse.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN017
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Problema do cancro cítrico - As revisões periódicas efetuadas pela Divisão Regional de Agricultura, através da equipe especializada, constataram a existência do cancro cítrico em quatro municípios da Alta Sorocabana: Anhumas, Pirapozinho, Presidente Wenceslau e Álvares Machado, onde automaticamente todos os seus pomares estão sendo arrancados e queimados há meses, perdurando assim a interdição e já se aproxima dos 17 anos.	"Do Correspondente - Altino Correia"	Coluna topo da página	SCAN017
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Indultados neste Natal - Os sentenciados Clementino Joaquim Ferreira Filho, José Vicente de Oliveira e Sebastião Souza Lima Filho, que cumpriam pena na cadeia pública desta cidade, foram beneficiados com o indulto de Natal e já se encontram em liberdade. Com base no decreto presidencial, o juiz da Terceira Vara da Comarca, Dr. Luiz Elias Tambara, concedeu o indulto considerando o bom cumprimento de dois terços das penas que lhes foram impostas.	sem assinatura	Coluna meio da página	SCAN017
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Membros da OEA em visita a Presidente Prudente - Com objetivo de prestar melhor assistência à programação da Divisão Regional da Secretaria da Promoção Social, estiveram nesta cidade os Srs. Rafael Reyes Parga e David Gonzalez Barreat, que exercem elevadas funções na Organização dos Estados Americanos.	sem assinatura	Meio da página	SCAN018
1971	Folha de S. Paulo	-----	Carros já podem trafegar pela via Raposo Tavares - Graças aos esforços desenvolvidos pelo DER e às condições favoráveis do tempo, foi restabelecido o tráfego pela rodovia Raposo Tavares, na região de Presidente Bernardes no trecho que se encontrava interditado desde domingo pela manhã, em consequência de uma tromba d'água que se abateu sobre a localidade.	sem assinatura	Meio da página	SCAN019
1971	Folha de S. Paulo	-----	Cidade isolada por causa de temporal - Presidente Bernardes ficou parcialmente isolada ontem, em virtude da interdição da via de acesso, danificada pelo intenso temporal que se abateu sobre toda a Alta Sorocabana.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN019
1971	Folha de S. Paulo	-----	Organização construirá Faculdade - Foi instituída nesta cidade a Organização Prudentina de Educação e Cultura, integrada por 100 pessoas, com capital a ser integralizado de 600 mil cruzeiros. Essa importância destina-se à construção do prédio da futura Faculdade de Pedagogia, Ciências e letras, iniciativa do Centro do Professorado Paulista local.	sem assinatura	Coluna meio da página	SCAN019
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Sucesso total na natação em Prudente - Alcançou êxito sem precedentes a realização do I Torneio Estadual de Natação – juvenis e aspirantes – por iniciativa da Associação Prudentina de Esportes Atlético (APEA), com a supervisão da Federação Paulista de Natação. A vitória coube ao E. C. Pinheiros.	"Do Correspondente"	Coluna topo da página	SCAN019

sem data	Folha de S. Paulo	-----	Funcionamento do comércio à noite - O comércio local funcionará até às 22 horas, de 2.a à 6.a feira, no período compreendido entre 1º e 24 de dezembro.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN020
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Amendoim plantado com perspectiva favorável - O plantio do amendoim das águas foi concluído em todas as suas áreas de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, com boas perspectivas de colheitas. As condições climáticas têm sido favoráveis até aqui, registrando-se umidade e calor que são fatores bastante recomendáveis ao seu desenvolvimento.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN020
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Tomou posse o novo regional - Em solenidade simples, assumiu as funções de diretor da Divisão Regional de Saúde de Presidente Prudente, o Sr. Tercio Pessoa de Vasconcelos, especialmente designado pelo secretário Mario Machado de Lemos, em substituição ao Sr. Moacir Ribeiro dos Santos.	"Atino Correia - Correspondente"	Coluna topo da página	SCAN021
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Expectativa em torno do plano de desenvolvimento - Após a entrega do Diagnóstico Socio-Econômico da região administrativa de Presidente Prudente, equipes da Secretaria de Economia e Planejamento deslocaram-se da capital do Estado até esta área do oeste de São Paulo, no sentido de prestar orientação e colher informações que possibilitem a execução de medidas concretas.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN021
08/06/1969	Folha de S. Paulo	Página 3	Bispo excomunga prefeito e sete edis de Mirante do Paranapanema - A Cúria Diocesana, com base no Código do Direito Canônico, decretou ontem a excomunhão do prefeito José Marcolino Sobrinho e mais sete vereadores, entre eles o presidente da Edilidade, além dos católicos que publicamente defenderam a desapropriação do terreno da praça da Matriz, em Mirante do Paranapanema.	"Do Correspondente"	Abre de página	SCAN022
03/01/1982	Folha de S. Paulo	-----	Há falta de padres nas paróquias de P. Prudente - Em comemoração aos 800 anos de São Francisco de Assis, a população de Presidente Prudente recebeu, este ano, uma nova igreja que atende a 10 mil pessoas. O próximo passo a ser dado – segundo o bispo diocesano d. Agostinho Marochi – será a instalação da nova paróquia de São Francisco de Assis, junto aos núcleos residenciais da Cohab-Cecap com cerca de 2 mil moradias construídas, estando projetadas outras 1.500 para os próximos meses.	sem assinatura	Meio da página	SCAN022
23/08/1963	Folha de S. Paulo	-----	JG recebeu comissão da Alta Sorocaba - Em longo e franco discurso à caravana de jornalistas, radialistas e líderes sindicais da Alta Sorocabana que o visitou ontem, o presidente Goulart queixou-se de que as ideias dos governantes chegam deturpadas ao povo, no interior do país, e que as deformações são produzidas por aqueles que pretendem a manutenção das velhas e arcaicas estruturas, que só atendem a pequenas minorias preocupadas na preservação de privilégios incompatíveis com os nossos dias.	sem assinatura	Abre de página	SCAN023
sem data	Folha da Tarde	-----	Boiada invade pres. Prudente causando morte e ferimentos - Uma boiada constituída de 20 a 30 rezes invadiu a cidade de Presidente Prudente, na madrugada de ontem, deixando a população em sobressalto. Horas mais tarde, bois e vacas enfurecidos atacaram quatro pessoas na rua Marechal Deodoro (proximidades da Santa Casa), o que resultou na morte de uma delas.	sem assinatura	Meio da página	SCAN023
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Em Presidente Prudente, há 515 candidatos e 240 vagas - Para preencher as 240 vagas existentes na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desta cidade estão inscritos 515 candidatos. Ciências Sociais, Geografia, Pedagogia e Matemática contam com 40 vagas cada curso, ao passo que o de Ciências	"Do Correspondente"	Meio da página	SCAN024

possui duas turmas, para os cursos diurno e noturno, com um total de 80 vagas.

sem data	Folha de S. Paulo	-----	Prefeitos discutem sistemática do ICM em Presidente Prudente - Com a presença dos deputados federais Paulo Alberto de Oliveira e Maurício Leite de Toledo, o deputado estadual Manoel Severo Lins, do Sr. Ivo Alpiste, diretor do Instituto de Pesos e Medidas do Estado, do juiz de Direito da Terceira Vara da Comarca de Presidente Prudente, Dr. Luiz Elias Tambara, e mais de 60 prefeitos de vários pontos do Estado, realizou-se sábado, nesta cidade, sob a presidência do Sr. Alcides Franciscato, a Segunda Reunião da Associação dos Municípios do centro-oeste paulista – AMCOP.	sem assinatura	Meio da página	SCAN025
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Corais farão o IV Festival, domingo - Nove grupos de moças e rapazes, que integram os diferentes corais de Presidente Prudente, Rancharia e Ribeirão Preto, estarão se apresentando nesta cidade no próximo domingo, durante a realização de um festival que terá lugar no Colégio Cristo Rei.	sem assinatura	Meio da página	SCAN025
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Colégio Agrícola será ampliado - O Colégio Técnico-Agrícola Estadual de Presidente Prudente passará por obras de ampliação e complementação, conforme convênio assinado entre a Secretaria da Educação e a Prefeitura daquele município.	sem assinatura	Coluna meio da página	SCAN025
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Liberado tráfego para o sistema DDD - Usando o código "0183", qualquer cidade servida pela EMBRATEL, poderá ter comunicação imediata com esta cidade pelo sistema DDD, incluindo São Paulo e outras capitais.	sem assinatura	Meio da página	SCAN025
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Pilharam contrabandista em flagrante na estrada - A Polícia encarregada da fiscalização do cancrócitrico em Porto Alvorada apreendeu na manhã de anteontem mercadorias contrabandeadas que procediam de Marília, e que se destinavam ao norte do Paraná, avaliadas em 27.623,00 cruzeiros.	sem assinatura	Meio da página	SCAN025
sem data	Folha de S. Paulo	-----	É a maior hidrelétrica do Vale do Paranapanema - Três mil e quinhentos homens estão sendo mobilizados para a construção de uma hidrelétrica que, dentro de 4 anos, estará gerando 640 mil quilovates de energia. Trata-se da "Usina Capivara", a maior do Vale do Paranapanema, e que proporcionará também à região um lago de quinhentos quilômetros quadrados com 12 bilhões de metros cúbicos de água represados, constituindo-se no maior volume de água acumulado depois de Ilha Solteira.	sem assinatura	Abre de página	SCAN026
sem data	Folha de S. Paulo	-----	APM reúne-se em Prudente dia 22 - Está marcado para o próximo dia 22, nesta cidade, novo encontro de prefeitos e vereadores da região promovido pela Associação Paulista de Municípios – APM. Essa reunião terá por objetivo preparar a agenda dos trabalhos para o próximo congresso municipalista de Itanhaem.	sem assinatura	Abre de página	SCAN026
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Indústria, para salvar Epitácio - Um decreto do governador José Frageli, de Mato Grosso, que proíbe a saída de madeira em bruto do território mato-grossense, deixou o rio Paraná mais triste, menos movimentado.	sem assinatura	Abre de página	SCAN027
sem data	Folha de	-----	Criadores da região vão à Água Branca - Pelo menos seis destacados pecuaristas da Alta Sorocabana já estão inscritos na I Exposição Internacional de Nelore, a ser realizada no dia 22 e 28 de março, no	sem assinatura	Meio da	SCAN027

	S. Paulo		parque da Água Branca, em São Paulo./ Sem assinatura		página	
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Doentes de Franco da Rocha virão para cá - Através de convênio entre o Governo do Estado e os hospitais São João e Allan Kardec, desta cidade, 190 pacientes serão transferidos do Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha para os nosocômios locais.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN027
sem data	Última Hora	-----	500 cruzeiros é a taxa para ser retirado do NE - Uma leva superior a duzentos nordestinos, procedentes de Poço Redondo, Feira Nova e outras localidades do Estado de Sergipe, passou por esta cidade na última semana transportada por caminhões paus de arara e, após algumas horas de permanência em Prudente, dirigiu-se para a localidade de Gloria de Dourados, em Mato Grosso.	sem assinatura	Abre de página	SCAN028
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Castigada pelas chuvas a lavoura do amendoim - O excesso de chuvas na região da Alta Sorocabana provocou, nas lavouras de algodão, a incidência da anomalia denominada "vermelhão". O mal é causado pela "lixiviação", com uma absorção excessiva de azoto, especialmente nas terras "cansadas".	"Correspondente"	Meio da página	SCAN028
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Ampliação de trecho da Raposo Tavares - O Departamento de Estradas de Rodagem está realizando melhoramentos na rodovia Raposo Tavares, no trecho compreendido entre Presidente Prudente e Rancharia.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN030
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Sodré inaugura um asilo em Venceslau - Para presidir a inauguração das novas instalações do Abrigo de Velho "Esperança", esteve ontem em P. Venceslau o ex-governador Abreu Sodré. Ficou na cidade apenas três horas e meia, e aproveitou para conversar com amigos e dirigentes políticos no município.	sem assinatura	Abre de página	SCAN031
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Liberado ao tráfego o circuito SP-M. Grosso - Numa viagem de inspeção ao tronco centro-oeste de telecomunicações, esteve em Presidente Prudente o superintendente do Departamento de Operações da EMBRATEL, Sr. Helio Nazário Severo Leal, que comunicou estar liberado ao tráfego desde os primeiros minutos deste ano, o circuito São Paulo - Campo Grande, via Bauru, servindo inclusive a esta cidade através de oito canais de voz.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN031
sem data	Última Hora	-----	Tênis Clube já uma realidade em Prudente - Há mais de três anos está sendo construído nesta cidade um dos maiores clubes sociais do Interior brasileiro: o NTC – Novo Tênis Clube. É uma obra para o ano 2000, ocupando uma área de 30.000 m <sup>2</sup> , permitindo, em sua frente de 208 m, o estacionamento de mais de 100 veículos.	sem assinatura	Abre de página	SCAN032
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Cidade já pode ver a televisão a cores - Marcando a inauguração do troco centro-oeste de telecomunicações, a EMBRATEL promoveu solenidade a que compareceram autoridades locais e outras figuras ligadas à Empresa Brasileira de Telecomunicações e da imprensa.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN032
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Temporal castigou o interior ontem - Por volta das 20h30 de anteontem, violento temporal, acompanhado de granizo e fortes ventos, assolou a cidade, colocando em pânico a população.	"Atino Correia - Correspondente"	Meio da página	SCAN032
19/11/1970	Última	Capa do jornal	Matou a jovem e colocou cadáver dentro da mala	sem assinatura	Manchete	SCAN033

	Hora	(matéria na última página)				
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Prudente ampara menor abandonado - Visando a organização de um movimento regional para fundação do Consórcio Intermunicipal de Assistência ao Menor Abandonado, o sr. Silvio Fernando Paes de Barros, juiz de Direito e de Menores de Presidente Prudente, reuniu em seu grande gabinete de trabalho a imprensa falada e escrita da Capital da Alta Sorocabana, ocasião em que expôs os planos assistenciais.	“Do Correspondente”	Abre de página	SCAN037
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Vão concorrer - Maria Cecília de Lima (esquerda), eleita miss Presidente Prudente e Sonia Vilhena Mazaro, miss Álvares Machado e miss Região, vão representar a Alta Sorocabana no concurso que elegerá, na Capital, a miss Estado de S. Paulo.	sem assinatura	Meio da página	SCAN037
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Gado vacinado contra aftosa em P. Prudente - Com uma vacinação equivalente a 99 por cento do rebanho existente nas sub-regiões de Osvaldo Cruz, Dracena, Presidente Venceslau e Presidente Prudente, afirma o Assessor de Defesa Sanitária Animal, da 10ª Região Administrativa do Estado, com um total de 50 municípios, que a aftosa já está sob controle.	sem assinatura	Coluna meio da página	SCAN037
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Técnicos em Prudente vêm plano de combate à aftosa - Uma equipe de 18 técnicos, sob a coordenação do médico veterinário Glenio Antonio Nogara Mario, representando 14 Estados, chegou a Presidente Prudente, onde em contato com o coordenador regional e médico veterinário Valter Mengato, com o diretor da DIRA, agrônomo Jacob Tozello e outros assessores, acertou os detalhes de participação nos trabalhos de levantamento das áreas de combate à febre aftosa.	“Atino Correia - Correspondente”	Abre de página	SCAN037
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Colassuono verá colheita - O secretário Miguel Colassuono, do Planejamento, retornará a Alta Sorocabana no próximo dia 25, em companhia de seus assessores, especialmente para verificar a situação do Pontal do Estado e para participar da I Colheita Mecanizada do Feijão, que se verificará em caráter oficial pela primeira vez no Brasil.	sem assinatura	Meio da página	SCAN037
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Sodré: a ARENA de SP só quer tranquilidade - “A ARENA paulista só pretende uma coisa: tranquilidade. Quanto a mim, não quero afirmações personalistas; desejo afirmação ideológica, pois o que muitos dentro do partido ainda não compreenderam é que precisamos de métodos revolucionários e não de métodos superados. A Revolução de 1964 foi feita para valer”.	sem assinatura	Meio da página	SCAN037
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Trabalhadores rurais gozam de assistência - Com a presença do presidente da FAESP, Sr. Odílio Antunes Siqueira, do assessor chefe do FUNRURAL em São Paulo, Sr. Vieira Lins, e outras autoridades foi inaugurado o ambulatório médico do Sindicato Rural de Presidente Prudente.	“Atino Correia - Correspondente”	Meio da página	SCAN039
31/12/1971	Folha de S. Paulo	-----	Alta Sorocabana em audiência com Medici - Extenso memorial reivindicativo dos municípios da Alta Sorocabana será entregue amanhã ao presidente Medici, no decorrer de audiência concedida aos prefeitos cuja cidades fazem parte da União dos Municípios da Alta Sorocabana – UMAS.	sem assinatura	Abre de página	SCAN045

sem data	Folha de S. Paulo	-----	Chuvas intensas trazem esperanças a agricultura - Chuvas intensas caíram na região e Presidente Prudente, criando novo clima de otimismo e esperança nos meios rurais da região da Alta Sorocabana.	"Atino Correia"	Meio da página	SCAN045
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Madeireiros sugerem um aumento do ICM - Os madeireiros da Alta Sorocabana reunidos ontem em Presidente Epitácio, com o presidente do Sindicato da Indústria de Serrarias do Estado de São Paulo, sugeriram ao governador José Fragelli, de Mato Grosso, que eleve a taxa do ICM que incide sobre a madeira serrada, de Cr\$ 90 para Cr\$ 140 ou 150 (...).	"Do correspondente - Altino Correia"	Abre de página	SCAN045
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Raposo Tavares precisa recapear 90 quilômetros - Os cinco mil veículos que diariamente transitam pela região de Presidente Prudente, através da Rodovia Raposo Tavares, incluindo 1.500 caminhões de alta tonelage procedentes ou em demanda ao Estado de Mato Grosso, estão justificando a urgente necessidade de recapeamento num trecho de 90 km da estrada.	sem assinatura	Coluna topo de página	SCAN045
sem data	Folha de S. Paulo	-----	Presidente Wenceslau: Sodré inaugura asilo - Para presidir à inauguração das novas instalações do Abrigo de Velhos "Esperança", esteve ontem nesta cidade o ex-governador Abreu Sodré. Sua permanência na cidade foi de apenas três horas e meia tendo, nesse período, a oportunidade de conversar com alguns amigos e dirigentes políticos do município.	sem assinatura	Coluna topo de página	SCAN045
19/11/1970	Última Hora	Capa do jornal	Cadáver da moça estava na mala. Iam jogá-lo num rio	sem assinatura	Manchete	SCAN046
19/11/1970	Última Hora	-----	Bolo da noiva leva 15 para o hospital - Uma festa de casamento realizada nas imediações de Presidente Prudente, no último sábado. terminou com graves consequências para grande parte dos convidados, que em número de quinze entre adultos e crianças, tiveram de ser encaminhados ao Pronto Socorro Municipal, em virtude de intoxicação alimentar.	sem assinatura	Coluna topo de página	SCAN046
13/10/1980	Gazeta Esportiva (Agência Folhas)	Página 17	Um exemplo de organização - Depois de uma semana de empolgantes disputas e muita vibração, encerraram-se na noite de ontem, os 45º Jogos Abertos do Interior de Presidente Prudente.	sem assinatura	Reportagem de página inteira	SCAN047
<b>DATA</b>	<b>JORNAL</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>NOTÍCIA (título + lead)</b>	<b>ASSINATURA</b>	<b>POSIÇÃO</b>	<b>NÚMERO</b>
10/10/1976	O Imparcial	-----	O cais de Pres. Epitácio modernizado graças a política portuária da Petrobrás - O cais de Presidente Epitácio, vem recebendo importantes melhoramentos por iniciativa da Petrobrás, devendo estar totalmente reequipado no decorrer dos próximos dias. Dois antigos guindastes a lenha e um sugador antiquado, serão substituídos por novos equipamentos que garantirão maior rapidez e eficiência nas operações de carga e descarga por parte da Fepasa.	"Reportagem de Altino Correia"	Abre de página	SCAN001

12/01/1978	O Imparcial	Capa do jornal	Sem meias e sem coroa, chegam a Ourinhos os reis da Suécia - Totalmente descontraído, sem meias (e sem coroa), com uma camisa estampada, calça esporte azul e sapatos pretos, desembarcou em Ourinhos anteontem, às 15, 12hrs, o rei Carlos Gustavo da Suécia. Em sua companhia, a rainha Silvia, de origem brasileira, usando conjunto esporte bege, sapatos de salto alto e um lenço azul na cabeça.	"Texto de Altino Correia"	Manchete	SCAN002
17/07/1978	O Imparcial	Página 5	Prudente ingressa em nova era industrial: produz refrigerantes Brahma - Desde o último dia 15 de setembro, Presidente Prudente tornou-se a terceira cidade brasileira e a primeira do Estado de São Paulo a se beneficiar com a nova política da Companhia Cervejaria Brahma, de credenciar indústrias regionais para a fabricação dos seus refrigerantes.	"Reportagem de Altino Correia"	Abre de página	SCAN003
08/05/1985	O Imparcial	Página 8	Turismo no Rio Paraná já tem expressão regional - Com o empenho demonstrado pelos prefeitos de Presidente Epitácio e Panorama de apoiar as atividades turísticas no Rio Paraná, começa a ganhar corpo a ideia de ser criado nesta região um dos mais movimentados centros de recreação e lazer do estado.	"Por Altino Correia - Especial p/ O Imparcial"	Abre de página	SCAN004
09/08/1994	O Imparcial	-----	Melhora o sistema de distribuição de energia elétrica na Alta Sorocabana - A partir da segunda quinzena de agosto o Sistema Energético da Alta Sorocabana vai receber substancial reforço de 40.000 kW, graças a um convênio celebrado entre a Cesp e Caiuá. A peça mais importante dessa parceria é representada por um gigantesco transformador pesando cerca de 90 toneladas, que no último sábado foi levado por via rodoviária, desde Pres. Prudente até Pres. Venceslau.	"Texto e fotos de Altino Correia"	Abre de página	SCAN005
08/05/2015	O Imparcial	Página 7c	Documentário retrata o cinquentenário de Ponte Hélio Serejo - Sétima ponte mais extensa do Brasil, com 2.550 metros, a Hélio Serejo, que divide os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, entre Presidente Epitácio e Bataguassu, completa 50 anos em 21 deste mês.	sem assinatura	Coluna topo de página	SCAN006
<b>DATA</b>	<b>JORNAL</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>NOTÍCIA (título + lead)</b>	<b>ASSINATURA</b>	<b>POSIÇÃO</b>	<b>NÚMERO</b>
sem data	sem identificação	-----	Prudente em cores na tevê - Marcando a inauguração do tronco centro-oeste de telecomunicações, a EMBRTAEL promoveu solenidade na noite de anteontem, a qual compareceram autoridades locais e outras ligadas à Empresa Brasileira de Telecomunicações e a imprensa. A benção das instalações, situadas na Vila Furquim, em Presidente Prudente, foi feita pelo padre Francisco Leão.	sem assinatura	Coluna topo de página	SCAN004
sem data	sem identificação	-----	Madeireiros de P. Prudente - Mil trabalhadores que exercem atividade nas serrarias e em empresas transportadoras de madeira bruta estão apreensivos ante a ameaça de paralisação de suas empresas.	sem assinatura	Rodapé de página	SCAN004
sem data	sem identificação	-----	Citrose em P. Prudente - O diretor da Divisão Regional da Agricultura entende que as plantações de citros não atingidos pelo cancro cítrico – citrose – nas regiões da Alta Sorocabana e Alta Paulista, não devem ser erradicadas. A revisão de rebrotas está sendo feita por 22 equipes constituídas por 150 homens, mobilizados em toda a região.	sem assinatura	Meio de página	SCAN005
sem data	sem identificação	-----	Caminhão mata professora na via Raposo Tavares - A rodovia Raposo Tavares registrou mais uma ocorrência trágica na noite de terça-feira passada, quando perdeu a vida a professora Aurora Rodrigues	sem assinatura	Meio de	SCAN005

	ão		Marques, de tradicional família de Santo Anastácio (...).		página	
sem data	sem identificação	-----	Gangue de pivetes caiu nas malhas da polícia - A ação de uma quadrilha de ladrões de fios na cidade de Presidente Prudente e região preocupou durante muito tempo as autoridades daquele lugar. Muitas vezes as comunicações telefônicas e telegráficas estiveram interrompidas, chegando a prejudicar o tráfego em diversos ramais da Estrada de Ferro Sorocabana. Também residências foram alvo dos assaltantes: há casas que foram despojadas de toda instalação elétrica.	sem assinatura	Abre de página	SCAN006
sem data	sem identificação	-----	Contrabando de Cr\$ 200 mil apreendido em P. Prudente - Foi apreendido no aeroporto de Presidente Prudente um contrabando constituído de 22 caixas contendo 800 gravatas italianas, três mil lenços japoneses, 2.600 isqueiros, 250 metros de tecidos de fabricação inglesa e outros artigos, tudo avaliado em Cr\$ 200 mil.	sem assinatura	Rodapé de página	SCAN006
sem data	sem identificação	-----	Prudente: Tempo contra amendoim - Toda a produção de amendoim das águas, no montante prevista de 7 milhões de sacas, está enfrentando sérias dificuldades de comercialização tendo-se em vista as condições desfavoráveis do tempo, durante a colheita verificada até a última semana. Somente no decorrer dos últimos dias após cessarem as precipitações pluviométricas é que se tornou possível a colheita, mas assim mesmo, grande parte da produção perdeu-se nos campos.	sem assinatura	Abre de página	SCAN007
sem data	sem identificação	-----	Curso em P. Prudente - Promovido pela Secretaria de Economia e Planejamento, será realizado no próximo mês, o I Curso Técnico Para Dirigentes de Empresas.	sem assinatura	Rodapé de página	SCAN009
sem data	sem identificação	-----	Professor universitário foi esmagado na perua - O professor Antonio Stanislaw Iankauskas, de 30 anos de idade, solteiro, residente em Presidente Prudente, perdeu a vida num acidente automobilístico verificado às 19 horas de quarta-feira última quando viajava com destino a Adamantina, em companhia de sete estudantes, numa perua Rural-Willys 1966, placa TA-2822, dirigida por Ricardo José Serra.	sem assinatura	Abre de página	SCAN009
sem data	sem identificação	-----	Estudante vai receber o rim da própria irmã - O jovem estudante Sebastião Alves Teotônio, da Escola Superior de Educação Física de Presidente Prudente, encontra-se internada no Hospital do Servidor Público do Estado, há alguns dias, aguardando transplante de rim, cuja doação será feita pela própria irmã Maria Cristina, de 19 anos, que reside em Marília.	sem assinatura	Meio de página	SCAN009
sem data	sem identificação	-----	Gang de assassinos foge da prisão para assaltar - Três perigosos ladrões assaltantes foram presos na localidade de Iepê pelo delegado Wander José Maia, outra cidade. Os bandidos, fugitivos da cadeia pública de Pereira Barreto, são Nelson Marques Pereira (Nelsinho), Rogério Alves de Carvalho (Godô) e Waldecir de Oliveira Aguiar (Gauchinho). Este último está condenado a mais de 80 anos de reclusão, por assaltos diversos e homicídios.	sem assinatura	Meio de página	SCAN009
sem data	sem identificação	-----	Problema da madeira: apelo ao Laudo Natel - O deputado federal Paulo Alberto de Oliveira manteve contato com o governador Laudo Natel, tendo solicitado sua intervenção junto ao governador de Mato Grosso, Sr. José Fragelli, no sentido de pleitear a revogação da lei que proíbe a saída de madeira em toros de Mato Grosso para outros Estados. O deputado da Alta Sorocabana assegurou que o assunto	sem assinatura	Meio de página	SCAN009

estará em pauta durante o encontro dos dois governadores, hoje (20) em São Paulo.

sem data	sem identificação	-----	Prudente quer volta da folia - Com a realização de um concurso entre as escolas de samba e carros alegóricos, o carnaval de Presidente Prudente espera ressurgir, pois a última realização ocorreu em 68.	sem assinatura	Coluna meio de página	SCAN011
sem data	sem identificação	-----	Avião cai no rio com o seu piloto - Bombeiros de Pres. Prudente continuavam vasculhando ontem à tarde as águas do rio Paraná, onde na sexta-feira à tarde caiu um avião Cessna 180, de um motor, fabricação 1959, pilotado por Marco Antonio Ricci Correa, que há seis anos possui o brevê (diploma de aviador).	sem assinatura	Meio de página	SCAN017
sem data	sem identificação	-----	Duzentos sergipanos vão trabalhar em Mato Grosso - Procedentes de localidades sergipanas nas quais não chove há dois anos, cerca de 200 flagelados passaram na última semana por Presidente Prudente, de onde seguiram em caminhões para Gloria de Dourados, em Mato Grosso, em busca de colocação nas lavouras de algodão.	sem assinatura	Meio de página	SCAN018
23/08/1971	sem identificação	-----	Encontrada morta jovem de 19 anos em Presidente Prudente - Com um cinto amarrado no pescoço, a cabeça perfurada por uma bala, as vestes rasgadas, marcas de sevícias pelo corpo e resíduos de pele e cabelos humanos nas unhas, o cadáver de Maria de Lourdes Celibelli, de 19 anos, foi encontrado na manhã de sábado à margem da estrada do Jardim Eldorado, em Presidente Prudente. Maria de Lourdes, que trabalhava com sua mãe em um pensionato, saíra de casa às 20h45 de sexta-feira e não regressara.	sem assinatura	Meio de página	SCAN020
sem data	sem identificação	-----	Prefeitos levam suas preocupações a Médici - Durante a audiência que terão com o presidente Garrastazu Médici, em Brasília, amanhã, prefeitos e vereadores da 10.a Região Administrativa do Estado, representando cinquenta municípios e uma população estimada em oitocentos mil habitantes, vão expor diversos problemas e solicitar providências através de uma ação coordenada com o governo do Estado.	sem assinatura	Meio de página	SCAN020
sem data	sem identificação	-----	Presidente Prudente promete um carnaval dos mais animados - Com a realização de um concurso que visa a premiar as melhores escolhas de samba, carros alegóricos e carros de enfeites mais originais, o carnaval de rua de Presidente Prudente espera ressurgir este ano. Sai última apresentação foi em 1968, no último de administração do Sr. Watal Ishibashi e agora deverá novamente ocorrer no final da gestão do prefeito Sandoval Neto.	sem assinatura	Coluna topo de página	SCAN021
sem data	sem identificação	-----	Ônibus assaltado em plena estrada - Três ladrões armados de revólveres assaltaram, na tarde de ontem, um ônibus da Empresa de Transportes Andorinha, no município paranaense de Santo Inácio.	sem assinatura	Meio de página	SCAN025
sem data	sem identificação	-----	Vereadores derrotados por padres no futebol - Vereadores e padres da Diocese de Presidente Prudente defrontaram-se num duelo futebolístico, no último sábado, nesta cidade, durante a realização de uma partida inédita, que teve por objetivo angariar fundos destinados ao Lar dos Meninos do Padre Leão e	sem assinatura	Rodapé de página	SCAN026

## Asilo Vicentino "São Rafael".

sem data	sem identificação	-----	Terceira faixa - O DER está construindo a terceira faixa na Rodovia SP-270, entre Presidente Prudente e Rancharia.	sem assinatura	Meio de página	SCAN026
sem data	sem identificação	-----	Interiorização vai começar pela região de P. Prudente - O secretário de Economia e Planejamento estará no próximo dia 1º em Pres. Prudente para entregar as autoridades e entidades de classe o Diagnóstico Socio-Econômico da região, elaborado pela Coordenadoria de Ação Regional daquela Pasta.	sem assinatura	Abre de página	SCAN027
sem data	sem identificação	-----	Secretário do Trabalho quer melhorar (...) - O secretário do Trabalho e Administração, Ciro Albuquerque, visitou ontem Presidente Prudente, inspecionando a unidade polivalente de sua Pasta e estabelecendo contatos com autoridades, imprensa, líderes sindicais e figuras representativas da cidade e região.	sem assinatura	Meio de página	SCAN028
sem data	sem identificação	-----	Cessna continua sendo procurado no rio Paraná - Os bombeiros de Presidente Prudente continuavam vasculhando ontem vasta área do rio Paraná, onde na sexta-feira, por volta das 16 horas, caiu um Cessna 180 – monomotor – fabricação 1959, prefixo PT-ARF, pilotado por Marco Antonio Ricci Correa, brevetado há seis anos.	sem assinatura	Rodapé de página	SCAN030
sem data	sem identificação	-----	DDD para Prudente - Numa viagem de inspeção ao tronco centro-oeste de telecomunicações esteve nesta cidade o superintendente do Departamento de Operações da EMBRATEL, Sr. Helio Nazário Severo Leal, que comunicou estar liberado ao tráfego, desde os primeiros minutos deste ano, o circuito SP - Campo Grande, via Bauru, servindo inclusive a Alta Sorocabana, através de 8 canais de voz.	sem assinatura	Meio de página	SCAN030
sem data	sem identificação	-----	Central Telefônica de Mirante - Em solenidade prevista para às 10h30 horas de hoje, será entregue a Central Automática desta localidade.	sem assinatura	Meio de página	SCAN030
sem data	sem identificação	-----	Roubaram a égua e a charrete de Degail - Degail Palma Dias, charreteiro em Presidente Prudente há 20 anos, compareceu à delegacia de polícia do município, sábado passado e registrou queixa pelo furto de sua égua e charrete. Disse que os ladrões aproveitaram-se de um descuido seu quando tratava dos porcos nas imediações do Lar dos Meninos, para levar o animal e a charrete estacionada nas proximidades.	sem assinatura	Rodapé de página	SCAN030
sem data	sem identificação	-----	Três bandidos assaltam ônibus - Um ônibus da Empresa de Transportes Andorinha, que faz o trajeto Maringá-Presidente Prudente, foi assaltado no município paranaense de Santo Inácio.	sem assinatura	Rodapé de página	SCAN031
sem data	sem identificação	-----	Prudente: Padres derrotam vereadores no futebol - Vereadores e padres da Diocese de Presidente Prudente defrontaram-se num duelo futebolístico, no último sábado, nesta cidade, que teve por objetivo angariar fundos destinados ao Lar dos Meninos do Padre Leão e Asilo Vicentino "São Rafael".	sem assinatura	Rodapé de página	SCAN031

sem data	sem identificaç ão	-----	Colheadeiras em Presidente Prudente - Há algum tempo, em grande parte das terras situadas às margens do Rio do Peixe, na zona conhecida por Nova Alta Paulista, a colheita mecanizada do amendoim, com o emprego de máquinas colheadeiras já é uma realidade.	sem assinatura	Meio de página	SCAN031
sem data	sem identificaç ão	-----	“O tempo é que dirá se sou ou não sou candidato para valer” - Cobertura do Palácio dos Campos Eliseos - SP (rádio)	sem assinatura	Meio de página	SCAN038
1972	sem identificaç ão	-----	Presidente Prudente vê hoje tv colorida - Pela primeira vez, autoridades de Presidente Prudente e convidados terão a oportunidade de assistir a uma demonstração de funcionamento da tevê a cores, inaugurando o tronco Centro-Oeste de telecomunicações marcado para esta noite.	sem assinatura	Meio de página	SCAN039

<b>DATA</b>	<b>JORNAL</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>NÚMERO</b>
14/10/1991	O Imparcial	Uma TV integrada à nossa região: A TV Bandeirantes tem oferecido já há algum grande cobertura ao Festival Nacional de Pesca e ao Concurso de Miss Turismo Regional.	SCAN001
16/01/1997	O Imparcial	Em 1963, um grupo de líderes sindicais e jornalistas de Presidente Prudente foi convidado a conhecer o Distrito Federal, visitando Brasília, cuja fundação ocorrera em 1961. Entre os participantes estavam: Thomé Atalla, Adelmo Vanalli, Kobayashi, Altino Correia, o colonista, Rafael de Lala, Milton Carvalho, Tufi, Mario Peretti e outros.	SCAN002
08/10/1997	O Imparcial	Os jornalista Altino Correia e Mario Peretti com os médicos Dr. Edvar da Costa Galvão, Dr. Gabriel Costa Neto e Dr. Marcondes, de Regente Feijó. Tratava-se de um acontecimento importante na área da Medicina.	SCAN003
20/02/1999	O Imparcial	Entrevista com o presente João Baptista Figueiredo, em visita a Presidente Prudente. Ao lado, Aureliano Chaves (vice) e Paulo Egydio Martins (governador).	SCAN004
07/04/2000	O Imparcial	Equipe do jornal O Imparcial reunida para uma confraternização. O evento ocorreu no início da década de 70, no San Fernando Clube de Campo. Entre os presentes na foto, estão: Adelmo Vanalli, Mario Peretti, Deodato da Silva, Altino Correia, Luisvaldo Ferreira, Sylvio Simioni, Barbosa da Silveira.	SCAN005
01/08/2000	O Imparcial	Altino Correia é destaque no jornalismo da cidade. Com um registro profissional de 37 anos de militância (1963), sua trajetória inclui Rádio Presidente Venceslau, Rádio Presidente Prudente, Rádio Globo, Rádio Excelsior, TV Globo, TV Bandeirantes, TV Pontal, correspondente da Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo.	SCAN006
20/09/2000	O Imparcial	Altino Correia em entrevista a Rainha Silvia, da Suécia, em 1980, na cidade de Ourinhos. Na época trabalhava para o Jornal do Brasil.	SCAN007
30/09/2000	O Imparcial	Entrevista com o prefeito Antonio Sandoval Neto, na exposição de animais, no final da década de 60.	SCAN008

10/11/2000	O Imparcial	Há 18 anos, no dia 12 de outubro, Presidente Prudente recebia o estádio Prudentão. Uma promessa de governo de Paulo Constantino. Na foto, de 1982, Altino Correia aparece entrevistando o diretor da AMEPP.	SCAN009
01/12/2000	O Imparcial	Evento realizado pela Associação Educacional Toledo-AET, com a presença do diretor da Faculdade de Direito, Dr. Luiz Elias Tâmbara, e do prefeito Antonio Sandoval Neto. Na foto, Altino Correia faz cobertura para a Rádio Presidente Prudente.	SCAN010
07/12/2000	O Imparcial	Fato de grande destaque para Presidente Prudente. À solenidade compareceram os profissionais da imprensa José de Melo Brito, Nenê Rodrigues, Altino Correia e Osvaldo Petrin.	SCAN011
09/12/2000	O Imparcial	O jornalista Audálio Dantas concede entrevista a Altino Correia, no estúdio da Rádio Presidente Prudente. Nessa data, Audálio recebera a notícia do "suicídio" do jornalista Wladimir Herzog (24/10/1975).	SCAN012
18/05/2001	O Imparcial	Encontro entre o jornalista Altino Correia e sua filha Aparecida Correia Meneguette com o engenheiro professor Dr. Antonio Eufrázio de Toledo, reitor da Instituição Toledo de Ensino, em 1969.	SCAN013
02/02/02	O Imparcial	Visita a Presidente Prudente do diretor superintendente do jornal O Imparcial, jornalista Roberto Santos, para prestigiar o evento alusivo ao 40º aniversário do veículo, em 1979.	SCAN014
06/02/2002	O Imparcial	Um grupo de profissionais da comunicação foi convidado a conhecer Brasília, que acabava de ser inaugurada como Distrito Federal. Entre os participantes estavam: Thomé Atalla, Adelmo Vanalli, Kobayashi, Altino Correia, o colunista, Rafael de Lala, Milton Carvalho, Tufi, Mario Peretti e outros.	SCAN015
07/12/2002	O Imparcial	Um grupo de jornalistas, profissionais da comunicação e líderes sindicais foi conhecer Brasília, a nova capital que JK acabara de entregar ao país. Entre os participantes estavam: Thomé Atalla, Adelmo Vanalli, Kobayashi, Altino Correia, o colunista, Rafael de Lala, Milton Carvalho, Tufi, Mario Peretti e outros.	SCAN016
09/05/2003	O Imparcial	Viagem feita à recém-inaugurada Brasília, capital federal, pelos profissionais da imprensa, líderes sindicais e políticos de Presidente Prudente.	SCAN017
28/10/2003	O Imparcial	Flagrante da abertura do banco regional PRUDENBANK, no início da década de 1960, no município de Iepê, quando discursava o diretor Antero Moreira França, da extinta organização bancária. Altino Correia cobria para a Rádio Caiuás (ZJR-84).	SCAN018
27/03/2004	O Imparcial	A foto faz lembrar o aniversário da Revolução de 64, no dia 31 de março. Mostra um flagrante da visita do presidente João Baptista Figueiredo a Presidente Prudente, em 1979.	SCAN019
07/07/2004	O Imparcial	Joel Amaro Mascarenhas, observado por Altino Correia, apresentando uma gravação em fita ao prefeito Antônio Sandoval Netto. Uma foto feita entre 1969 e 1972. O jornalista Altino estava há pouco trabalhando na Rádio Presidente Prudente.	SCAN020
21/06/2005	O Imparcial	D. José Gonçalves da Costa assume a Diocese de Presidente Prudente, em 1971. Entrevista concedida a Altino Correia.	SCAN021
06/08/2005	O Imparcial	O empresário Antero Moreira França discursando em nome dos diretores do Banco Financeiro de Mato Grosso, que iniciava suas operações	SCAN022

		em Presidente Prudente, na década de 60. O jornalista Altino Correia transmitia o evento a Rádio Presidente Prudente.	
20/08/2005	O Imparcial	Florivaldo Leal discursando, em palanque defronte à Catedral, em comemoração aos 47 anos de Presidente Prudente. Profissionais da imprensa cobriam o evento.	SCAN023
08/01/2006	O Imparcial	Inauguração das instalações próprias da Goydo, em 1971. Altino Correia foi mestre de cerimônia.	SCAN024
13/05/2006	O Imparcial	Após 2 meses, Bradesco põe cadeira para clientes - Altino Correia concede entrevista ao jornal O Imparcial, relatando insatisfação com o banco.	SCAN025
06/10/2006	O Imparcial	Deolinda Soares Rodrigues foi homenageada pela TV Bandeirantes, no Dia Nacional da Pessoa Idosa. Altino Correia realizou entrevista com a senhora.	SCAN026
04/03/2008	O Imparcial	Inauguração da exposição de animais em Pres. Prudente pelos presidentes da República Ernesto Geisel e Stroessner, do Paraguai, na década de 1970.	SCAN027
05/03/2008	O Imparcial	Exposição de animais, realizada entre 1973 a 1976, quando Presidente Prudente recebia a visita de dois Presidentes da República: Geisel, do Brasil, e Stroessner, do Paraguai.	SCAN028
12/05/2009	O Imparcial	Lançamento da pedra fundamental na sede do Lions Clube – Centro, que, na época, tinha como presidente Deodato da Silva.	SCAN029
sem data	O Imparcial	Evento realizado nos salões antigos da Prudentina, na década de 1960.	SCAN030
sem data	O Imparcial	Comemoração do Dia do Jornalismo, em 7 de abril de 1967. Associação Comercial e Industrial reuniu em sua sede os profissionais da imprensa da cidade.	SCAN031
sem data	O Imparcial	Presidente Venceslau comemora mais um ano de fundação dia 2 próximo - Altino Correia é citada na nota como um dos responsáveis por instituir o Departamento de Turismo no município.	SCAN032
sem data	O Imparcial	A chegada dos mineiros na Empresa Andorinha - Paulo Constantino é empossado como diretor da Empresa de Transportes Andorinha S.A., no início dos anos 60.	SCAN033
sem data	O Imparcial	Antonio Sandoval Neto em visita à Exposição de Animas, em 1968. O jornalista Altino Correia realiza a cobertura do evento.	SCAN034
sem data	O Imparcial	Uma foto de 1985, mostrando o lançamento da pedra fundamental da sede administrativa do Lions Clube. [...] assistido pelo jornalista Altino Correia.	Imagem: 003

CD Nº	DATA	EMISSORA	CIDADE	TÍTULO DA MATÉRIA	DESCRIÇÃO DA NOTÍCIA
CD1	30/08/2014	Rede Vida	Pres. Prudente	Matéria 89 anos Dom Agostinho	Especial para RedeVida, mostra a homenagem feita na Capela do Seminário Diocesano de Pres. Prudente, para o 1º Bispo emérito D. Agostinho em comemoração aos seus 89 anos.
CD2	25/09/2013	Rede Vida	Pres. Prudente	Banco de Olhos	Especial para RedeVida, comemoração da Semana Nacional de Doação de Órgãos (27/09) no Banco de Olhos de PP, realizada pela Sta. Casa em parceria com Faculdade de Medicina.
CD3	07/03/2013	Rede Vida	Pres. Prudente	Obras do Santuário de Santo Expedito	Especial para RedeVida, construção do Santuário de Santo Expedito
CD4	10/07/2012	Rede Vida	Pres. Prudente	Reportagem ECC	Especial para RedeVida, cobertura dos preparativos XX Encontro Nacional do ECC , da Diocese de Pres. Prudente apenas áudio
CD5	15/07/2010	Rede Vida	Pres. Prudente	Dom Benedito dos Santos Assistente Eclesiástico do ECC Nacional	Especial para RedeVida, CNBB nomeou Dom Benedito Gonçalves dos Santos, Bispo da Diocese de PP, como o Assistente Eclesiástico Nacional do ECC.
CD6	29/06/2009	Rede Vida	Pres. Prudente	Nova Diretoria do Banco de Olhos	Especial para RedeVida, apresenta nova diretoria do Banco de Olhos da Sta. Casa de PP, com a eleição de Antônio Alberto R. Barbosa, como o Presidente do órgão, e apresenta o projeto junto com as Escolas Municipais.
CD7	31/10/2011	Rede Vida	Pres. Prudente	Caminhada pela vida	Especial para RedeVida, caminhada pela vida da Paróquia Nsa. Sra. Apdc. no Parque dos Pinheiros de PP, em manifestação contra drogas, aborto, pedofilia, entre outros.
CD8	séc. XX	TV Band		"Consciência Negra" c/ Chapéu de Couro (Out 2'30")	Encerramento da Semana Afro-brasileira, com presença de "Chapéu de Couro", Raimundo Geirado dos Santos, o homem mais idoso da região (126 anos).
CD8	séc. XX	TV Band	Penápolis		Apresenta a Escola de Samba composta em sua maioria de cortadores de cana da cidade de Penápolis, em que produzem fantasias, músicas e tocam.
CD8	séc. XX	TV Band	Pres. Prudente		Apresenta a história de Maria Fernandes, 42, que foi catadora de papel de PP a vida inteira.
CD9	14/04/2008	Rede Vida	Santo Expedito		Especial para RedeVida, Cinquentenário da cidade de Santo Expedito, organização e cronograma da comemoração.
CD10	11/08/2010	Rede Vida	Pres. Prudente		Especial para RedeVida, cobertura da homenagem ao Dr. Antônio Plácido Pereira, 1º patologista sul americano a estudar o câncer precoce do aparelho digestivo, que recebeu o título de cidadão prudentino,

conferido pela Câmara Municipal de Pres. Prudente, na Casa dos médicos.

CD11	14/11/2005	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, construção do Hospital Regional do Câncer de PP, que estava em sua fase final.
CD12	27/07/2011	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, apresenta resultados do projeto com as Escolas Municipais e nova diretoria
CD13	12/11/2009	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, nova diretoria do PFC foi empossada com projeto especial, visando a 1ª divisão
CD14	18/04/2011	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, livro de ouro instituído pelos dirigentes do movimento SOS Japão, para contribuição destinada às vítimas da tragédia no Japão.
CD15	21/04/2011	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, cobertura da visita da Delegação da China à FCT/ UNESP de PP, visando o intercâmbio cultural
CD16	29/06/2009	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, empossamento da nova diretoria do Banco de Olhos de Sta. Casa de PP, com resultados da etapa anterior e planos.
CD17	06/04/2011	SEUP - Soc. de Eventos União Prudentina Ltda. (CLIENTE)	Pres. Prudente	Vídeo beneficente, feita pela agência Audi Propaganda, com direção de Altino Correia, convidando para colaborar com o Projeto União pela Vida do S.O.S Japão, para ajudar vítimas da tragédia no país.
CD18	25/05/2009	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, cobertura da instalação da Paróquia Santuário Diocesana de Santo Expedito, a 48ª implantada na área geográfica da Diocese de Pres. Prudente, realizada por Dom Benedito Gonçalves do Santos, que deu a posição de Páraco ao Padre Umberto Laércio de Souza.
CD19	04/08/2009	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, cobertura do encontro promovido pelos Sindicatos Rurais da Alta Sorocabana, com o ambientalista e jurista, Prof. Dr. Luís Carlos Silva de Moraes, que falou sobre os problemas que atingem a região do Pontal do Paranapanema.
CD20	04/11/2009	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, cobertura da ordenação diagonal dos seminaristas David Aparecido Bezerra da Silva e Marcos Paulo de Souza na, admitidos como novos integrantes do diaconato, na Catedral de São Sebastião.
CD21	23/11/2010	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, matéria a respeito da nova clínica anexa à Sta. Casa de Pres. Prudente, com prédio de 1300m², que vai receber diferentes tipos de exames e pequenas cirurgias, com equipamentos de última geração.

CD22	16/10/2007	Rede Vida	Pres. Prudente	Especial para RedeVida, cobertura da celebração de missa especial na Paróquia Nsa. Sra. Do Carmo na Vila Maristela, em que foi prestada homenagem à classe médica da região, celebrada por Pe. Tute.
CD23	séc. XX	TV Band	Pres. Prudente	Conjunto de matérias produzidas pelo Altino na TV Band, mais de 1h de gravações.
CD24	00/06/1988	TV Band	Pres. Prudente	Entrevista com o pioneiro da imigração japonesa na cidade, Rioychi Kodama, com 94 anos, homenageado na festa de comemoração aos 80 anos de imigração japonesa.
CD25	séc. XX	TV Cabo - Chá & Companhia	Pres. Prudente	Entrevista de Arlete Meneguette falando de sua profissão de Engenheira Cartográfica e de seu Doutorado/Phd realizado na Inglaterra, finalizado com 27 anos, e a tornou pioneira na cidade com essa formação, numa área dominada pelos homens. E aos 37 anos ia aos EUA para defender a livre docência e fazer estágio de pós-doutorado. Cita o Altino e Aparecida no final (In 8'00")
CD25	séc. XX	TV Cabo - Chá & Companhia	Pres. Prudente	Matéria a respeito da comemoração de 10 anos do curso de Engenharia Cartográfica da UNESP, o único existente no estado, no qual Arlete participou da primeira turma. Participou da matéria dando entrevista e falou a respeito de Prêmio Iniciação à Ciência Cartográfica, destinado a profissionais com menos de 12 anos de profissão.
CD26		TV Fronteira	Pres. Prudente	Matéria feita pela TV Fronteira, a respeito do intercâmbio na Holanda feita pelo neto do Altino, Guilherme
CD27			Pres. Prudente	Arquivos com história de personalidades importantes para a cidade e de diversos setores, inclusive, a história da comunicação, em que Altino Correia é citado duas vezes.
CD28		TV Cabo - viacabo produções	Pres. Prudente	Entrevista com Altino Correia para o Programa Saúde e Assuntos da Vida, do Dr. Talmir Rodrigues, em que ele próprio conta sua história de vida e profissional.

DATA	JORNAL	PÁGINA	NOTÍCIA (título + lead)	ASSINATURA	POSIÇÃO	NÚMERO
30/10/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Convivência com os orientais - A minha convivência com as pessoas de origem oriental vem de longa data. Desde os primeiros anos de vida, na infância, tive o privilégio de conviver com japoneses e seus descendentes. Foram os primeiros imigrantes que chegaram a esta região do Estado há quase cem anos.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 006
09/10/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Minhas primeiras matérias - Neste testemunhal, quero relatar minha primeira entrevista como forma de iniciação no de 1953 com o então prefeito municipal de Presidente Venceslau, Enio Pipino.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 007

14/01/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter A missão de repórter - Quem se envolve no jornalismo investigativo tem que exercer sua atividade com o máximo de honestidade e imparcialidade. Mas de vez em quando se depara com fatos pitorescos - das pautas - que acabam se transformando em matérias de ampla repercussão.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 008
16/10/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter A primeira volta à democracia - Foi no período de pós guerra e de uma longa ditadura comandada por Getúlio Vargas, que os brasileiros tiveram a oportunidade de escolher os seus novos dirigentes políticos lançados pelo Partido Social Democrático (PSD), União Democrática Nacional (UDN), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e outros pequenos partidos.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 009
07/01/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Chico Mendes na parada - Nos últimos anos da década 80, fui convidado a fazer parte de uma caravana para conhecer o antigo território do Acre. Até então, só havia chegado até Porto Velho na região Amazônica. Sempre na condição de convidado ou em missão especial para cobertura jornalística.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 010
23/10/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Fogo na caixa D'água - Este episódio parece inacreditável, mas efetivamente aconteceu na cidade de Presidente Venceslau, nos meus primeiros anos de rádio entre 1952/53. Ao lado do estúdio da Emissora que funcionava em prédio cedido pela Associação Comercial e Industrial, existia um grande reservatório de água. Destinava-se ao abastecimento não só da Rádio, mas também da entidade comercial e para lavagem de veículos de um posto de gasolina pertencente à família Platzack. Afigura central dessa estória não foi outra senão a do destacado locutor Esidro Tacca, um dos profissionais mais categorizados da época.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 012
15/04/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Uma emissora de rádio sem voz - A maioria das cidades brasileiras desfruta atualmente os privilégios de contar com emissoras de rádio, sejam elas homologadas ou não. É que as concessões estabelecendo a permissão para manter as emissoras em funcionamento são concedidas por ato ou decreto do Governo Federal, através do Ministério das Comunicações. Entretanto, mesmo sem concessão estão operando milhares de rádios comunitárias ou "piratas", que no passado praticamente não existiam.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 013
06/11/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter A visita e o trabalho de um cineasta - Foi nos primeiros dias do mês de setembro de 1964 que a cidade de Presidente Venceslau teve a oportunidade de conhecer o cineasta Ozualdo Candeias, consagrado por ter produzido diversos filmes em longa metragem.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 014
06/04/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Um hospital no ar - Hospital deixou de ser privilégio das grandes cidades. Por isso, surgiram no decorrer dos últimos anos inúmeras inovações, visando facilitar o atendimento e agilizar os serviços médicos, especialmente os de urgência.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 015
13/11/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter A Aftosa é sempre uma ameaça - A febre aftosa vem causando séria ameaça ao rebanho bovino brasileiro desde a metade do século passado. Altamente contagiosa, a aftosa causa preocupação não só aos criadores e invernistas, mas também a inúmeros setores da economia, atingindo diretamente as exportações, o mercado interno, o abastecimento, o mercado de trabalho e até a produção agroindustrial.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 016

01/04/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter As cobras do meu caminho - Quem viaja, certamente já encontrou ou poderá encontrar problemas. Bons ou maus, sempre existiram e continuarão a desafiar nossa paciência. A verdade, é que as dificuldades estão por toda parte. Nas rodovias é muito comum a abordagem da fiscalização da Polícia Rodoviária, especialmente quando o motorista tem pressa e ultrapassa os limites da velocidade permitida. Mas o que vamos abordar nada tem a ver com multas ou contratempos. Vamos falar de cobras venenosas.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 017
20/11/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O fanatismo corintiano - É impressionante o fanatismo dos corintianos desde longa data. Eu ainda era garoto e já via e ouvia as manifestações corintianas, desde os pequenos clubes como o Corintinha de Venceslau, de Bilac, de Presidente Prudente e o glorioso Esporte Clube Corinthians Paulista, o campeão dos campeões. Embora não sendo torcedor fanático de nenhum clube (inclusive o Corinthians), eu admiro muito a garra corintiana. Nos estádios de futebol, nas ruas praças de esportes. Mesmo que não seja o parque São Jorge, daqui ou de fora.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 018
25/03/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Mais de de 35 mil aprovações - Curso profissionalizante é coisa recente. Mas na cidade de Presidente Venceslau, essa prática começou há muitos anos, por iniciativa de uma profissional altamente qualificada para o exercício dessa atividade. De origem humilde, a professora Carmen Cavalheiro de Vasconcelos conseguiu uma das maiores proeza que poucos tiveram a oportunidade de realizar até hoje no Brasil. Sem recursos governamentais, ela se empenhou na formação de moças e mães de família. Desta forma, usando suas próprias economias alcançou todos os objetivos, contribuindo para a formação profissional de mais de 35.000 pessoas nas atividades de corte e costura, bordado, datilografia e taquigrafia.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 019
26/11/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Revelações dos programas de rádio - Durante todos os anos em que atuei nos programas de rádio foram inúmeras as revelações. Alguns já na primeira apresentação demonstravam vocação para a música ou para o setor artístico em geral. Não faltaram também aqueles que se revelaram para os negócios, o marketing, as letras e o jornalismo. Do rádio, em especial no jornalismo e publicidade, surgiram opções e alternativas, que redundaram num trabalho mais abrangente em outros setores da atividade humana.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 025
18/03/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Um rei no Paraguai - Exatamente há vinte e dois anos realizei minha última visita ao Paraguai, em companhia do "Rei do Nelore Mocho", Geraldo Ribeiro de Souza, do Presidente da Associação Brasileira de Craidores de Zebu (ABCZ), Dr. Arnaldo Machado Borges e do anfitrião que nos convidou, Juan Carlos Wasmozy. Este último por sinal, depois de uma brilhante atuação como engenheiro civil e empresário do setor agropecuário, foi eleito primeiro presidente civil da república paraguaia e após, senador vitalício do país.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 026
04/12/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Cancro cítrico, uma doença crônica - Desde os anos 50, a região de Presidente Prudente vem enfrentando problemas com o aparecimento do Cancro Cítrico, uma estranha doença que atacou os laranjais da Alta Sorocabana com sérios prejuízos para a economia de São Paulo e do Brasil.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 027

11/03/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Inteligência com agrotóxicos - O emprego do agrotóxico na agricultura sem os devidos cuidados têm acarretado sérios problemas aos trabalhadores e principalmente aos empresários que não oferecem os equipamentos indispensáveis a essa atividade rural. Como consequência disso, nos últimos anos da década 70 surgiram as primeiras ações judiciais, reivindicando indenizações por morte, invalidez ou danos físicos e morais provocados pelo uso de agrotóxico nas lavouras.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 028
11/12/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O escândalo dos pedregulhos - Nos primeiros anos da década de 60 em Presidente Venceslau foi denunciado na Câmara Municipal o inexplicável procedimento de um determinado parente do prefeito, que se aproveitou de uma situação para ganhar elevada soma na venda de pedregulhos a um departamento de obras do estado. Tratava-se da construção da Penitenciária Regional, a primeira a ser edificada na região por autorização do governador Jânio Quadros.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 029
04/03/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Biodiesel: O projeto do futuro - Há muito se fala no biodiesel como solução para os problemas da poluição ambiental através do uso indiscriminado dos combustíveis utilizados por veículos automotores.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 030
16/12/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O trem que eu conheci - A história do trem é longa. Teve começo, meio e fim	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 031
25/02/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Enfrentando o fuzilamento - Nos últimos anos da década 70, eu desempenhava importante missão como Repórter III do Jornal do Brasil, sob a coordenação dos consagrados jornalistas J.B Lemos e Armando Figueiredo. Editor e Chefe de Reportagem, respectivamente, determinaram que eu me deslocasse até a região de Ourinhos, a fim de levantar matérias sobre o aparecimento de um estranho surto de peste suína africana.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 032
24/12/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Um lobo que se transforma - Presidente Venceslau dos velhos tempos da Casa Avante do saudoso Adib Abib Salomão realizava as primeiras promoções de Natal, com a presença de Papai Noel. O bom e querido velhinho chegava de trem da Sorocabana, depois de uma longa viagem, que na verdade se dava na estação mais próxima, ou seja: Piquerobi. A criançada toda comparecia para recepcioná-lo e eu o entrevistava pela famosa ZYH-7	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 035
18/02/2007	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Trotes, lendas e mitos - O profissional de Rádio Nacional, Jornal ou TV está sujeito a se envolver involuntariamente em situações delicadas.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 036
31/12/2005	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Programas e duplas sertanejas - Nas emissoras de rádio de nossa região muitos programas do gênero sertanejo marcaram e continuam marcando sucesso, embora a competição tenha crescido assustadoramente com um maior número de emissoras, incluindo as rádios piratas e comunitárias. Como a programação tem maior aceitação a partir do período da madrugada, a	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 044

concorrência com a TV é relativamente pequena.

11/02/2007	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter A briga do padre com o delegado - No exercício de minha atividade como repórter do Jornal do Brasil, recebi num determinado dia incumbência de me deslocar até a cidade de Três Lagoas/Ms, a fim de levantar todas as informações sobre uma divergência que passou a existir entre o padre e o delegado de polícia da localidade. A pauta do jornal dizia que o padre estava ameaçado pelo delegado sob acusação de irresponsabilidade, agressão a menor e consumo excessivo de bebida alcoólica. Talvez como forma de pressão, o delegado de polícia estaria agindo em causa própria em face de um desentendimento havido durante a realização de uma quermesse no salão paroquial. Em parte, o padre se excedeu ao dar um "cocorote" na cabeça de um enteado do delegado, que perturbava os participantes de uma festa da comunidade paroquial.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 045
08/01/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Hélio Serejo, figura inesquecível - A cidade de Presidente Venceslau acolheu e hospedou por muitos anos o jornalista, poeta e escritor Hélio Serejo. Nos altos da Rua Almirante Barroso, ele edificou sua residência, onde em companhia da esposa (de saudosa memória), as filhas e os netos conviveu por muitos anos até sua transferência para Campo Grande/Ms no ano de 2005. Sua passagem pela cidade de Presidente Venceslau foi da mais alta importância para o progresso e desenvolvimento, não só como escritor - com mais de 60 livros editados - mas, sobretudo, pela atuação destacada em vários empreendimentos. A construção da ponte sobre o Rio Paraná, interligando São Paulo a Mato Grosso do Sul, se deve principalmente ao trabalho desenvolvido por Hélio Serejo.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 046
04/02/2007	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter O homem das memórias - Quando ainda era vivo e mantinha sua coluna semanal com regularidade no "O Imparcial", o jornalista topógrafo e desbravador Francisco Cunha - que usava o pseudônimo de João do Mato para o relato de suas memórias - viajou comigo até Tupi Paulista.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 051
15/01/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Um voto decide a eleição - A Estância Turística de Presidente Epitácio faz história desde o início do século 20 com a abertura da Vila e do porto Tibiriçá, numa homenagem ao ex governador Jorge Tibiriçá. O forte sempre representado pela navegação fluvial, que antecipou a chegada da ferrovia (Estrada de Ferro Sorocabana), de 1907 a 1922.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 052
28/01/2007	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Agripino, um homem polêmico - Se existe um homem polêmico em Presidente Prudente, esse homem é o professor Agripino de Oliveira Lima Filho. Lutador, incansável, persistente, teimoso e vaidoso, ele está sempre disposto e disponível. Briga por qualquer coisa, e também se emociona facilmente.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 053
22/01/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter O barão que infernava a cidade - Logo depois de ter sido instalada a Penitenciária Regional de Pres. Venceslau, em 1965, começaram a surgir os primeiros problemas.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	
21/01/2007	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Minhas incursões pelo pontal - Minhas primeiras incursões pelas matas nativas do Pontal do Paranapanema ocorreram nos primeiros anos da década 60 viajando num jipe 51 em companhia do saudoso Coronel Brisolla de Oliveira. Atendendo ao seu convite fui participar da recepção ao então governador Adhemar de Barros, na inauguração da estação ferroviária de Euclides da Cunha</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 055

## Paulista.

29/01/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter "Honra ao mérito" - Ao longo de minha vida de repórter de rádio, jornal e televisão, fui testemunha ocular de inúmeros acontecimentos envolvendo figuras humanas. Uma delas foi o Sr.Laizino, um modesto ferroviário do pátio da estação de Presidente Venceslau.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 056
31/12/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Empresários que são exemplos - Desde a segunda metade do século passado, inúmeros homens de negócios tiveram destaque especial pela grande contribuição que deram e continuam proporcionando ao desenvolvimento regional. No decorrer dos anos, tive a oportunidade de acompanhar esse processo evolutivo, e muitas vezes abri espaço nos órgãos de comunicação regional para a divulgação desses fatos.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 057
05/02/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Os 'jingles' dos candidatos - No desempenho de minha atividade profissional tive o privilégio de realizar inúmeros trabalhos envolvendo altas figuras da vida pública brasileira. Um dos primeiros foi o ex presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, por ocasião de sua campanha a presidência da república, em Pres.Epitácio. Eu estava no palanque - ao seu lado - e transmiti ao vivo, todo o comício.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 058
26/11/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Rádio Venceslau/AM: 60 Anos no ar! - A comunidade local e regional está em festa: a Rádio Presidente Venceslau - AM comemora 60 anos de operações ininterruptas, que começaram exatamente às 20h15 do dia 18 de Novembro do ano de 1.946. Poucas pessoas sobreviveram para contar essa maravilhosa história na área de comunicação. Em verdade, foi um acontecimento marcante, e depois de recorrer aos registros da imprensa da época, encontrei apenas alguns relatos e o testemunho de um pioneiro: Sr. Jorge Benhardt, atualmente com 82 anos de idade. Ele, juntamente com o pai, Sr. Mathias Benhardt foram os responsáveis não só pela instalação da Emissora pioneira, como também técnicos e administradores nos primeiros anos desse novo e importante veículo de comunicação regional.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 059
12/02/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O show da bandidagem - Dos meus tempos de radio em Presidente Venceslau, um dos momentos de maior apreensão era quando me deslocava para a Penitenciária Regional, batizada posteriormente como "Penitenciária I Dr. Zwinglio Ferreira".	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 060
19/11/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Comunicadores de ontem e de hoje - Dos meus primeiros tempos de Rádio, recordo vários nomes que tiveram atuação destacada no setor profissional, a começar pelo velho e saudoso Nenê Rodrigues, o pioneiro das comunicações de âmbito regional. Foi ele, o primeiro locutor a merecer referência histórica na abertura oficial da segunda emissora mais antiga da Alta Sorocabana, AZYH-7 em Presidente Venceslau. Antes disso, ele teve também atuação de destaque como locutor da PRI-5 "A voz do Sertão" de Presidente Prudente, para não falar de outras experiências na baixada santista. Depois de Nenê Rodrigues, surgiu com destaque Antônio Gorbulho, o primeiro radialista de Presidente Venceslau a ser citado nos jornais de 1946 como speaker de futebol e um "bom locutor".	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 061

19/02/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Um edifício pioneiro - Até os anos 60, Presidente Venceslau não possuía nenhum arranha-céu. A maioria dos prédios destinados ao comércio e residências eram no máximo assombrados. As amplas ruas e avenidas que formam o perímetro urbano indicavam a projeção de uma grande cidade.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 062
12/11/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Projeto Rondon: Viagem pioneira - Nos anos 60 do século passado, a Viação Motta, sob o comando do seu fundador Pedro Casemiro da Motta, realizou uma viagem marcada pelo pioneirismo da época, com 4.910 km de trajeto: São Paulo - Campo Grande - Cuiabá - Porto Velho - Humaitá - Manaus.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 063
26/02/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Para-quadistas mal sucedidos - Inúmeros espetáculos promovidos no decorrer dos últimos anos em nossa região, estiveram ligados ao paraquedismo, uma interessante modalidade esportiva, que nem sempre produz bons resultados. O primeiro deles, foi realizado na década de 50 na cidade de Presidente Venceslau e a grande atração nada mais era do que uma mulher de prestígio pela sua brilhante carreira na aeronáutica, na condição de profissional altamente competente pilotando pequenos aviões, ou nas demonstrações de paraquedismo.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 064
29/10/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Fui o que és, serás o que sou - Por muitos anos, o cemitério municipal de Presidente Venceslau: Fui o que és, serás o que sou... No decorrer dos últimos tempos a frase foi modificada adotando um tema bíblico "quem crê em mim, ainda que esteja morto viverá". Mas a antiga frase é que ficou na lembrança de todos o que lá possui entes queridos sepultados no decorrer dos tempos. É um cemitério projetado para uma época, mas que se tornou pequeno e foi ampliado para atender a demanda de sepultamentos como ocorre na maioria das grandes cidades. Aliás, é bom que se diga, o cemitério de Venceslau é de fazer inveja pela limpeza, luxo e organização. Muitos dos meus parentes estão lá sepultados para a eternidade.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 065
05/03/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter As águas de março - Nos anos que antecederam a formação do grande lago de Porto Primavera do Rio Paraná, eram constantes as enchentes e inundações de uma extensa área, o que provocava muita movimentação política e a cobertura noticiosa da imprensa, inclusive dos grandes jornais do Rio e São Paulo. Nas minhas coberturas através da imprensa, começando Estadão, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e O Globo, incluindo a Televisão-, sempre se evidenciava a elevação das águas a partir do mês de dezembro, culminando em março quando cessavam as chuvas. Nesse período, os prefeitos, considerando principalmente a repercussão dos fatos. Por isso, à medida que subia a lâmina d'água, eles recorriam a Defesa Civil em busca de ajuda para a retirada de ilhéus e ribeirinhos, que nem sempre se mostravam preocupados com o problema com o qual conviviam desde longa data.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 066
22/10/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Fotografias e fotógrafos - Desde que foi inventada, a fotografia passou a fazer parte de todos os momentos de nossa vida. Nenhum trabalho jornalístico teria credibilidade se não fosse documentado pela fotografia. Sem imagem, a televisão não teria razões para existir, sendo substituída pelo rádio, e outros meios de comunicação. Quando se quer saber alguma coisa retratando suas origens é mais do que lógico, que a fotografia representa o primeiro e mais importante documento de comprovação.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 067

12/03/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O baseball que empolga - No início da década de 60 havia na cidade de Presidente Venceslau muita euforia pelo baseball, uma atividade esportiva poruco conhecida entre os brasileiros, mas vivida com entusiasmo pelos descendentes de japoneses, especialmente os de 3a. e 4a. geração.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 069
15/10/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Beldades em concurso - Ao longo da minha carreira profissional de rádio, imprensa e TV produzi muitas matérias sobre concursos de beleza, a nível de cidades, regiões e estados. Embora não tendo participação em concursos a nível nacional, realizei algumas entrevistas com eleitas do Miss Brasil em alguns evento sociais. No concurso Miss São Paulo, comandeí ao vivo, transmissões especiais das ZYR-84, onde entrevistei não só as eleitas nas diversas regiões do interior, mas também as finalistas com a vencedora.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 071
19/03/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Em busca do petróleo - Há quase 50 anos vem sendo realizadas em nossa região constantes prospecções, como forma de pesquisa ou simples busca de dados sobre petróleo. A primeira pessoa a falar sobre o assunto foi o empresário rural José Mario Junqueira de Azevedo, que criou uma instituição agropecuária denominada Associação Brasileira de Criadores de Nelore (ABCN). Ele era criador e possuía uma propriedade rural do Pontal do Paranapanema, onde descobriu escrito por um geólogo norte americano que na foz do córrego caiuzinho com o rio Paraná em Presidente Epitácio existiria uma grande jazida de petróleo.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 072
08/10/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Juiz manda prender figurões - O descumprimento da lei eleitoral tem provocado transtornos em muitas cidades, especialmente com que diz respeito ao horário eleitoral tem provocado transtornos em muitas cidades, especialmente no que diz respeito ao horário eleitoral estabelecido para a propaganda dos candidatos. Uma lei federal, até os dias de hoje obriga as emissoras de rádio e televisão a veicular comerciais e também comunicados em meio aos programas das concessionárias desses serviços de radiodifusão sonora e de imagem.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 073
26/03/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O bingo do azar - A Santa Casa de Misericórdia de Presidente Venceslau, como muitas outras similares representa o trabalho sério e dedicado de muitos abnegados. Dentre eles, a figura de Emiliano Vilanova, um próspero empresário que durante a década de 60 se empenhou a fundo para realizar essa grande obra de filantropia. Mas ele enfrentou problemas difíceis, em virtude da incompreensão de determinadas personalidades, que ao invés de colaborar só criaram problemas e dificuldades. Antes de tomar essa iniciativa humanitária, Vilanova foi um baluarte na campanha de construção do prédio para o Ginásio Estadual, e que serviu a formação das primeiras turmas de alunos soo segundo grau da cidade.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 075
24/11/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Questão de solidariedade - Sempre que fui solicitado e na maioria das vezes, por uma questão de justiça e solidariedade, sempre himpotequei apoio aos meus companheiros e amigos.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 076
02/04/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Os grandes ciclos econômicos - A região de Presidente Prudente viveu e continua vivendo seus grandes ciclos econômicos, que começaram na década de 30 com a cafeicultura, sendo posteriormente substituída pelas culturas de algodão, hortelã, batatinha, amendoim, milho, mamona, tomate, feijão de inverno, batata doce, mandioca, palmito, soja e cana de açúcar. A pecuária	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 077

			surgiu com destaque na década de 60, após a importação dos primeiros reprodutores nelore e nelore nocho da raça zebuína. Também equinos da raça quarto de milha.			
01/10/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O juiz era outro - As gafes cometidas por profissionais de imprensa tem sido comuns, principalmente quando as pessoas abordadas não são conhecidas do entrevistador. Foi o que aconteceu certa vez em Presidente Prudente, quando se realizavam as apurações de um pleito eleitoral.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 078
09/04/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Adhemar e o homem da mala - Durante sucessivas campanhas eleitorais, Adhemar de Barros era o líder popular do PSP (Partido Social Progressista) que percorria o interior de São Paulo em busca de apoio político.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 079
13/08/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O reinado que começou no lixo - O lixo, que muitas vezes é sinônimo de imundície, sujeira ou material de pesquisa científica que visa o combate à poluição ambiental, é também fonte de trabalho e de riquezas que poucos imaginam. É por meio da reciclagem do lixo que muitas famílias brasileiras sobrevivem nos dias de hoje. Mas foi também no lixo que uma família tradicional de Presidente Venceslau encontrou, anos atrás, os recursos indispensáveis para a implantação de uma nova cultura agrícola representada pelos melões do tipo espanhol.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 080
16/04/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 081
06/08/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O circo e o rádio juntos - Os tempos mudaram. O rádio de hoje não se compara com o rádio do passado. Os circos que predominaram por longos anos, sempre com o apoio do rádio , também não são mais aqueles.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 082
21/04/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Os técnicos e as suas manias - Desde que o mundo é mundo, sempre existiram as invenções e os inventores. Daí a frase: cada louco com a sua mania. Mas os técnicos com quem trabalhei desde o início de minha atividade radiofônica sempre foram criativos , chegando muitos deles a serem chamados de Dr. Silvana.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 083
20/08/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter O caçador de onças - Nos últimos anos do século passado, houve grande mobilização por parte da Cesp em torno da bacia do rio Paraná, visando resgatar aves e animais silvestres existentes na área a ser inundada para a formação do grande lago de Porto Primavera. O IBAMA, representado pelo biólogo Peter Crawshaw, se fez presente durante vários meses, coordenando os trabalhos de captura, às margens do rio Paraná, envolvendo os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, desde Nova Andradina, Bataguassu, Rosana, Presidente Epitácio e Panorama.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 084
30/04/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Festa para milhares - Por muitos anos, o dia Primeiro de Maio foi festejado pelos trabalhadores como uma data das mais importantes no calendário anual. Na região da Alta Sorocabana, isto é, entre Assis e Presidente Epitácio um comboio especial da Estrada de Ferro Sorocabana que vinha totalmente ornamentado, percorria o trecho recolhendo aqueles que desejavam participar da festa às margens do Rio Paraná, no antigo Figueiral em Epitácio. Ao chegar, todos eram recepcionados festivamente, seguindo diretamente para o local das festividades. O show era alegre e de encher os olhos	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 085

			de todos aqueles que lá compareciam. Era a grande festa da família, reunindo pessoas de todas as idades.			
24/12/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Cidade exporta, inclusive o que não produz - O interior de São Paulo, que muitos consideram como o maior mercado consumidor do país, tornou-se detentor nos últimos anos de muitos títulos, especialmente pela produção agroindustrial que ocupa lugar de destaque nas exportações. Mas nem tudo que sai das cidades do interior representa produção local. Muitas vezes, uma simples distribuidora se projeta ao nível de Brasil, a ponto de superar até mesmo os grandes centros industriais. É o setor de peças, implementos, máquinas agrícolas, produtos alimentícios, couros, confecções e bebidas.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 086
07/05/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Os pioneiros da TV na região - Durante os anos 60 do último século havia uma preocupação constante dos dirigentes políticos e dos técnicos em telecomunicações no sentido de trazer para os lares da região os primeiros sinais de televisão.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 087
10/12/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Eletricidade em pó - A linguagem radiofônica vem sofrendo ao longo dos tempos - desde sua introdução na década de 1920 - inúmeras transformações. Especialmente depois do avanço tecnológico representado pela implantação do transistor e outros componentes que contribuíram para melhorar e aprimorar o sistema de comunicações. A entrada em órbita dos satélites, seguida dos novos sistemas com a utilização das parabólicas contribuiu decisivamente para alcançar esse estágio avançado. Mas o material humano continua sendo imprescindível.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 088
14/05/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter O traçado das rodovias - quando se projetou o traçado das novas rodovias da região de Presidente Prudente, começando pela Raposo Tavares, houve as mais diferentes reações: uns queriam uma rodovia com amplas pistas e faixas de acostamentos, enquanto outros se confortavam pura e simplesmente com a implantação de estradas pavimentadas. O jeito foi aceitar as condições impostas pelo Departamento de Estradas de Rondagem, e aguardar os dias futuros, com novos melhoramentos e novo acessos.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 089
17/12/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Banco de ossos humanos - Durante oito anos de atividade profissional como repórter, editor e chefe de reportagem da TV Bandeirantes de Presidente Prudente, uma das pautas mais estranhas que me foi confiada dizia respeito à existência de um Banco de Ossos Humanos. Estava em funcionamento há vários meses junto a um grande hospital de Araçatuba e, por lógica, deveria ter sido um dos primeiros do país. Depois de identificar o local, estabelecer os contatos iniciais com o médico responsável pelo Banco de Ossos.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 090
21/05/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter 'Chapéu de Couro', o homem-centenário - Por aproximadamente 80 anos viveu nesta região do extremo-oeste paulista um homem-centenário, descendente de escravos, com uma numerosa prole constituída por filhos, netos, bisnetos e tataranetos que nem ele em vida sabia dizer quantos. Era o cidadão Raimundo Gomes dos Santos, mais conhecido pelo pseudônimo de "Chapéu de Couro". O local escolhido para sua sobrevivência foi Presidente Epitácio, cidade que ele conhecia a palmo, pois caminhava pelas suas ruas desde a origem do Porto Tibirichá, às margens do rio Paraná. Amparado pela família Guímara, ele viveu boa parte de sua vida numa pequena casa de madeira cercada por plantações de subsistências, criação de aves e pequenos animais. Da moradia até a cidade, ele</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 091

			caminhava todos os dias cerca de 10km entre a ida e a volta. Nos seus últimos tempos ele declarava ter mais de 120 anos, embora seu registro de nascimento tenha sido feito em 1968.			
03/12/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter A goiaca dos dólares - As empresas estrangeiras que se instalam no país, nem sempre merecem a confiança das autoridades e do povo brasileiro. Isto porque a remessa de lucros para o exterior ou a chamada "lavagem de dinheiro" representam de fato uma ameaça às nossas leis e instituições.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 092
11/06/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Piquerobi na rota dos 11 Km - No traçado rodoviário da região foi estabelecida uma distância aproximada de 11km de uma cidade a outra, a partir de Martinópolis a Presidente Epitácio. Piquerobi, que está nessa rota e que mais se aproxima de Presidente Venceslau juntamente com Caiuá, não poderia ser esquecida. Mesmo porque nos primeiros anos da década de 50 teve destaque especial ao implantar o sistema pioneiro de iluminação pública a vapores de mercúrio.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 093
17/09/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Pontal, um estopim permanente - No pontal do Paranapanema os problemas fundiários se arrastam desde longa data. Primeiro foram os "grilos e as invasões" de terras que sempre envolveram fazendeiro e sem terra. Em princípio, eram os grileiros que se apoderavam das áreas cobertas pelas matas nativas e se intitulavam donos, considerando que as mesmas eram tidas como "devolutas". Na etapa seguinte, as propriedades eram invadidas por outros grileiros ou simplesmente "negociadas" a qualquer preço, pois eram terra sem dono. Para garantir essa ocupação, eles empregavam os chamados "jagunços ou pistoleiros".	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 095
04/06/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Existe petróleo na região? - A questão da existência de petróleo em nossa região é assunto que empolga a população desde 1.956, ou seja: nos últimos cinquenta anos. A primeira iniciativa partiu de um conhecido pecuarista que se tornou proprietário de terras no Pontal do Paranapanema. Foi lá, que ele acabou tomando conhecimento de uma pesquisa realizada por técnicos norte-americanos-publicada no livro de um geólogo- que dizia com ênfase existir petróleo na confluência de um pequeno riacho que desembocava no Rio Paraná, em Presidente Epitácio. Com o livro debaixo do braço, ele bateu de porta em porta mostrando o que estava escrito e levantando a opinião pública a favor a ideia do deslocamento de uma sonda, para prospecção através da Petrobrás (que dava seus primeiros passos) no governo de JK. Tudo aconteceu satisfatoriamente até alcançar a profundidade de 3.953 metros, quando as prospecções foram suspensas devido a suposta quebra da broca perfuratriz.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 096
05/11/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Uma menina que teria 67 anos - No cemitério municipal de São João Batista em Presidente Prudente, o túmulo mais visitado é o de Berta Lucia, que se estivesse viva teria atualmente 67 anos de idade. Desde que cheguei a esta cidade há quarenta anos, sempre acompanhei a peregrinação de todos os anos principalmente no dia de finados em 2 de novembro, onde a capela construída em homenagem a Berta Lúcia (abrigoando seus restos mortais) é a mais visitada do cemitério de São João Batista, em Presidente Prudente.	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 097
30/07/2006	Tribuna Livre	-----	Memórias de um repórter Traço de união da alta sorocabana - Um programa que marcou época no radiojornalismo foi o "Traço de União da Alta Sorocabana" que Sílvio Roncador lançou em Presidente Prudente interligando as duas principais emissoras de Presidente Prudente e Presidente Venceslau. O	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 098

			<p>programa foi mantido no ar pelo espaço de dois anos, unificando as duas cidades através da cobertura noticiosa de todos os acontecimentos que as envolviam nos diversos setores: políticos, econômicos e sociais. A coordenação foi confiada ao jornalista prudentino, que depois se transferiu para Brasília, ficando marcado para sempre na memória de todos. O programa transmitido em rede todos os domingos das 12 às 13 horas se transformou numa revista semanal completa e um autêntico porta-voz das aspirações populares.</p>			
10/12/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Os "super dotados" - Quem cumpre o dia a dia no jornalismo ou telejornalismo se vê constantemente em confronto com fatos estarrecedores: são tragédias provocadas por acidentes, fenômenos climáticos ou atos de violência que acontecem todos os dias. De forma curiosa surgem também acontecimentos pitorescos que mexem com o bom humor dos que encaram a vida com muita seriedade.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 099
18/06/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Rojões que destroem e matam - No decorrer de minha existência Já presenciei inúmeros casos de incêndios, prejuízos materiais e mortes provocadas por fogos de artifício.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 102
27/08/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter O governador pé-frio - De todos os políticos que passaram pelo Governo de São Paulo, pode-se dizer que Paulo Egydio Martins foi o que se poderia chamar de autêntico "pé-frio". Certa vez, quando ele participava de um rodeio com convidado especial do aniversário de Presidente Prudente, assistiu no Recinto de Exposições a morte de um peão em circunstâncias trágicas.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 103
25/06/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter A terra tremeu de verdade - Em plena madrugada do ano de 1.983 (05 de Dezembro), a população de Presidente Prudente foi tomada de sobressalto com um estranho tremor de terra, que jamais havia sido constatado na região. Eram aproximadamente 03h15 quando prédios e residências passaram a registrar uma forte e rápida trepidação, seguida de estalos resultantes da quebra de vidros e outros fenômenos nunca vistos. Ignorando o que se passava muita gente acionou o corpo de bombeiros e a própria polícia, a fim de saber o que estava acontecendo. Ou simplesmente para denunciar a situação de anormalidade. Mas tudo ficou no ar, tendo que esperar o amanhecer para se inteirar dos acontecimentos. Nessa altura, a notícia passava a repercutir em São Paulo, Brasília e outros centros, onde também o fato se fez notar, principalmente nos edifícios mais altos, embora de fraca intensidade.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 104
02/09/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter O sargento que prendeu o delegado - Este fato dos mais pitorescos foi verdadeiro e aconteceu em presidente Venceslau na década de 50, quando a Delegacia e Cadeia Pública funcionavam na esquina da avenida João Pessoa, com a Rua Comandante Antenor Pereira.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 105
02/07/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Fiasco nas comemorações - Muitas comemorações cívicas realizadas no decorrer dos últimos anos do século 20 foram transformadas em fiasco, devido na maioria das vezes à falta de critério de seus organizadores. Uma dessas celebrações que mais deu o que falar esteve relacionado ao dia 9 de julho de 2.005, festejado em praça pública com a participação de autoridades civis e militares. O maior entusiasmo nas homenagens se deu durante os anos da década 60, quando os ex-combatentes da Revolução Constitucionalista de 1.932 comandados pelo coronel Miguel Brisolla de Oliveira se reuniam diante do Paço Municipal ou da Catedral de São Sebastião em presidente Prudente. Ao seu lado, encontravam-se o major médico Domingos Leonardo Cerávolo e outros antigos dirigentes do</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 106

## Movimento Constitucionalista.

09/07/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Cemitério virou patrimônio histórico - Há mais de 80 anos existe na região da Alta Sorocabana, ou melhor dizendo na cidade Álvares Machado, um cemitério típico japonês que se transformou de uns anos para cá em Patrimônio Histórico da região. Ali foram sepultados de 1.918 a 1.943 nada menos que 840 pessoas, em sua maioria vítimas de uma epidemia de febre amarela. Entre os mortos, crianças jovens e adolescentes que vieram com os primeiros imigrantes japoneses. Entre os mortos, apenas um brasileiro de nome Manoel, que trabalhava como empregado de uma hospedaria e uma das primeiras vítimas da violência no início do século, ou mais propriamente na fase da violência no início do século, ou mais propriamente na fase da colonização japonesa. A discriminação contra estrangeiros de origem asiática já se fazia notar e o brasileiro foi morto por defender um grupo de nipônicos que explorava uma pousada com fornecimento de alimentação para os visitantes.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 107
16/07/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter Caiuá, referência para muitos - A cidade de Caiuá, bem próxima a Presidente Epitácio e Venceslau sempre serviu de referência para inúmeros fatos acontecidos ao longo da história. Raymundo Farias de Oliveira, cita em seus livros fatos dos mais expressivos, pois foi ali que ele viveu e conviveu por um bom tempo de sua vida. A Sorveteria do Alemão, o Clube, a Estação ferroviária, a capela de São José e a Colônia Arpad sempre figuraram na preferência dos visitantes. Mas foi também em Caiuá que ocorreram fatos pitorescos que mereceram ampla divulgação, inclusive da grande imprensa. Um deles falava de uma possível e inacreditável intervenção de um delegado "Calça Curta", que terá detido um cidadão português sob acusação de falsidade ideológica. Como o assunto não era comum e o improvisado delegado não sabia como agir, decidiu através de telegrama transmitido às autoridades superiores, pedir autorização a respeito do caso. Como o texto deixou margem à dúvida por conter erros, o delegado responsável na capital do estado pediu melhores esclarecimentos e sublinhou: "Corrija o português"! Nem é preciso dizer como se deu essa correção!</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 109
23/07/2006	Tribuna Livre	-----	<p>Memórias de um repórter As marionetes de Rosana Picchi - Presidente Venceslau foi uma das poucas cidades do país a contar com um espetáculo de marionetes produzido por Rosana Picchi, uma consagrada artista italiana que ali viveu praticamente no anonimato. De pequeno porte físico, humilde, comunicativa e dedicada, ela auxiliava nos negócios de um cunhado que também se revelou um especialista em produtos eletrônicos. Trata-se do Sr. Francisco Favalle, que mantinha uma loja especializada na avenida D. Pedro II, até que decidiu lançar uma rádio lá por ele patenteada com a denominação de "Batuta", que marcou época e foi comercializada por um bom tempo em vários e importantes centros comerciais do Brasil. Com isso, a cidade ganhou mais projeção. Porém, ao revelar que a família também possuía uma de suas maiores preciosidades artísticas representadas pelas marionetes de Rosana Picchi foi uma verdadeira bomba! Tudo estava recolhido em baús e caixas de madeira, após um longo período de inatividade.</p>	Altino Correia	Coluna topo de página	SCAN 110

Os sonhos de um menino - Nos últimos anos do século 20 uma música popular ganhou fama, sendo interpretada por um cantor pouco conhecido nos meios profissionais. A música falava de um menino. Seu intérprete teria no máximo trinta anos de idade e morreu prematuramente. Nessa curta existência ele deixou gravada uma mensagem, com letra e música. E foi essa música que marcou época através da difusão pelo rádio e outros veículos porque dizia: "Todo menino é um rei/Eu também já fui rei, mas quá!" "Mas quá", essa era expressão que minha avó também usava até alcançar seus 97 anos de idade.

Altino Correia ----- SCAN 112

77 Anos de vida; 60 em comunicações - No dia 30 de Julho comemorei 77 anos de vida. Foi o momento pra uma reflexão sobre o transcorrer dos anos em vários pontos do Brasil, desde o nascimento em terras longínquas do interior da Bahia até alcançar em 1939 a cidade de Presidente Venceslau na região de Presidente Prudente. A vida profissional na área de comunicações - com a somatória de Rádio, Jornal, Televisão e Web - já vai além dos 60 anos. Nesse espaço de tempo muita coisa aconteceu: fatos auspiciosos, trágicos, ou simplesmente toleráveis. O começo se deu por acaso, ao ser contratado como Office-Boy. Depois, promovido a Rádiooperador, Locutor, Redator, Animador de auditório, Noticiarista, Repórter, Publicitário, Editor e Chefe de Reportagem.

Altino Correia ----- SCAN 116

DATA	JORNAL	PÁGINA	NOTÍCIA (título + lead)	ASSINATURA	POSIÇÃO	NÚMERO
13/05/2007	Tribuna Livre	-----	<b>Artistas que aderiram à política</b> - Há muito tempo fala-se na atividade política desenvolvida por alguns profissionais de rádio, imprensa e televisão. Alguns nomes tornaram-se consagrados em função dessa atividade.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 001
20/05/2017	Tribuna Livre	-----	<b>Fruta madura à beira da estrada</b> – Desde os meus tempos de menino, tenho observado a importância da fruticultura como fator de beleza e qualidade de vida. Alguns governos chegaram a oferecer incentivo aos produtores rurais que se dedicassem aos projetos desenvolvidos pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 009
27/05/2007	Tribuna Livre	-----	<b>Novelas e improvisações</b> – Nas décadas 50 e 60 o rádio tinha uma ação predominante em todos os setores, inclusive em novelas. Eram as chamadas rádio-novelas produzidas sob efeito de grande audiência desfrutada no país pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, cujos artistas ganharam projeção mesmo depois do aparecimento da Televisão, com suas atraentes novelas de todas as noites.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 013
28/05/2008	Tribuna Livre	-----	<b>Um dia muito especial</b> – Quando eu era garoto, ou mais propriamente na minha juventude, tive o privilégio de conviver e ter boas relações de amizade com os artistas dos Circos que visitam Presidente Venceslau e outras cidades da região. É que ao chegar, eles estabelecem seus primeiros contatos com o pessoal de imprensa e rádio.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 014
	Tribuna	-----	<b>Cristo nasceu na Bahia?</b> – O baiano, por natureza, pode ser considerado o mais bairrista dos brasileiros. Ele fala da Bahia com boca cheia, ao contrário de muitos brasileiros que se sentem desajeitados ao dizer que nasceram em outros estados. Mas foi pensando na Bahia (terra onde eu nasci), que nos meus trinta		Coluna topo da página	Imagem: 015

03/06/2007	Livre	anos de vida viajei até São Paulo a fim de promover a divulgação de uma festa comemorativa ao aniversário de Presidente Venceslau.	Altino Correia		
21/10/2008	Tribuna Livre	----- <b>Omissão e passividade em dois incêndios</b> – Durante a década de 80 a bruxa andou solta na cidade de Presidente Venceslau. Numa noite de carnaval, o prédio da Prefeitura foi incendiado, surpreendendo a todos. Posteriormente foi destruído o Fórum da Comarca, que ficava pouco mais de 100 metros da Prefeitura.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 016
10/06/2007	Tribuna Livre	----- <b>Um incêndio premeditado</b> – Quando ocorre algum incêndio em estabelecimento comercial, a primeira pergunta que surge é esta: existe seguro conta fogo? É o mesmo caso de acidentes de trânsito, onde se questiona quem foi o culpado e se existe seguro total dos veículos.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 017
17/06/2007	Tribuna Livre	----- <b>Kodama, o exemplo de um pioneiro</b> – Dentre as inúmeras personalidades de origem estrangeira que conquistaram minha consideração, amizade e elevado conceito destaca-se o pioneiro da colonização japonesa, Ryoichi Kodama	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 020
24/06/2007	Tribuna Livre	----- <b>Boiadas e Boiadeiros</b> – A passagem das primeiras boiadas pela região de Presidente Prudente data 100 anos, desde que foi aberta a travessia de gado – partindo de Porto Tibiriça – em Presidente Epitácio no ano de 1.907.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 021
01/07/2007	Tribuna Livre	----- <b>Sopa de “parafusos”</b> – Pode até parecer estranho, mas a quem é dado à gastronomia estaria com certeza admitindo o surgimento de um novo cardápio de massas. E pela lógica, seria utilizada como matéria prima principal num determinado tipo de pasta, habitualmente encontrada em estabelecimentos especializados ou nos locais de abastecimento de gêneros alimentícios.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 023
08/07/2017	Tribuna Livre	----- <b>Cemitério invadido por fanáticos</b> – A profanação de túmulos em cemitérios da região foi sempre acontecimento rotineiro. Vez por outro, surgem notícias de furtos, roubos e principalmente profanações de túmulos em Presidente Prudente, Santo Anastácio, Presidente Venceslau e outras cidades.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 025
14/12/2008	Tribuna Livre	----- <b>Uma volta ao passado</b> – Se alguém que tenha vivido a década de 50 retornasse à cidade de Presidente Venceslau, encontraria hoje uma tremenda diferença em relação ao passado. Admitindo-se a hipótese de que esse cidadão tenha chegado por via rodoviária, a primeira impressão é de que ocorreu um deslocamento do eixo-central, começando pelo acesso à área urbana.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 026
15/07/2007	Tribuna Livre	----- <b>Hortência, a atleta do século</b> – No decorrer do ano 2005, Hortência de Fátima Marcarí foi eleita com mérito a “Atleta do Século”. Não só atleta, mas também destacada empresária. Hortência viveu os anos mais importantes de sua vida em Presidente Prudente, proveniente da Potirendaba, região de São José do Rio Preto.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 027
		----- <b>A “Hora do Ângelus” prevalece</b> – No passado – que vai além dos cinquenta anos – a “Hora do Ângelus” é um momento de oração e reflexão que predomina em inúmeros pontos do Brasil. Depois de um dia		Coluna topo	Imagem:

30/11/2008	Tribuna Livre	agitado com os problemas habituais ou de tranquilidade, conforme as condições de vida da população brasileira tornou-se tradição em muitas emissoras de rádio.	Altino Oliveira	da página	028
22/07/2008	Tribuna Livre	----- <b>Um fusca inesquecível</b> – Um pequeno automóvel no formato de um besouro inventado pelos alemães, durante a 2ª guerra mundial, continua sendo o preferido de muita gente nas mais diferentes regiões do mundo. Embora não sendo mais fabricado no Brasil como foi até poucos anos atrás – por imposição do então presidente Itamar Franco -, milhares de proprietários ainda se utilizam desses veículos para sua locomoção.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 029
23/11/2008	Tribuna Livre	----- <b>O dia da consciência negra</b> – No decorrer desta semana tivemos um dia (20/11), especialmente dedicado à consciência negra, que conscientemente muitos dirigentes políticos preferiram ignorar. Com isso, em muitos municípios a data passou em brancas nuvens, enquanto em outras 364 localidades, o dia foi festivamente comemorado, sendo dedicado a Zumbi dos Palmares, líder e símbolo da resistência contra a escravidão negra no Brasil.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 030
29/07/2007	Tribuna Livre	----- <b>Os urubus que nos sobrevoam</b> – Muita gente faz restrições à figura do urubu. Entre os que não o adotam estão aqueles que têm nojo, tem medo, tem restrições pelo aspecto da ave e principalmente pelos seus hábitos alimentares. Em algumas cidades, os urubus são completamente desconhecidos. Em outras, eles são vistos de forma isolada e sem qualquer importância.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 031
09/11/2008	Tribuna Livre	----- <b>Dengue volta a ameaçar</b> – O verão está começando com uma séria ameaça: os focos de mosquitos tendem a aumentar com sérios riscos à saúde da população brasileira. Os primeiros sintomas já se fazem sentir, colocando em risco a vida de milhares de pessoas.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 032
02/09/2006	Tribuna Livre	----- <b>O sargento que prendeu o delegado</b> – Este fato dos mais pitorescos foi verdadeiro e aconteceu em Presidente Venceslau na década de 50, quando a Delegacia e Cadeia Pública funcionavam na esquina da Avenida João Pessoa, com a Rua Comandante Antenor Pereira. A Paróquia de Nossa Senhora de Fátima e São Francisco de Paulo promoviam suas tradicionais e movimentadas quermesses em busca de recursos para a execução de suas obras.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 033
02/11/2008	Tribuna Livre	----- <b>O “Branco” que encanta e empolga</b> – Dizem que é o “Branco” é a cor da pureza. Se não agrada, também não desagrada – dizem algumas pessoas – sem dizer qual é a cor mais bonita que existe. Em se tratando de escolha, existem aqueles que não trocam o azul ou o rosa por nenhuma outra cor.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 034
05/08/2007	Tribuna Livre	----- <b>O estranho som do gongo</b> – Quem viveu a antiga era do rádio, certamente saberá definir o significado atribuído ao som do “gongo”. Nos cinemas, era peça obrigatória e servia para anunciar que as luzes seriam apagadas, as cortinas se abririam e a projeção cinematográfica estaria começando em seguida.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 035
		----- <b>Vinte e cinco chumbadas no lombo</b> – A palavra “chumbada” é bem conhecida dos pescadores. Mas é também a definição para quem se excede na bebida alcoólica, ou o estudante que foi mal nas provas.		Coluna topo	Imagem:

12/08/2007	Tribuna Livre	Porém, tempos atrás num dos bairros de Presidente Prudente, conheci um rapaz que se locomovia com muita dificuldade por ser paraplégico.	Altino Correia	da página	036
26/10/2008	Tribuna Livre	----- <b>Um cão chamado “Misseiro”</b> – Desde minha infância, vivo encafifado com o comportamento de certos animais. Os cães são os primeiros a causar apreensão. Principalmente no decorrer dos últimos anos, quando o número desses animais chega a se aproximar do número de seres humanos existente na área urbana de muitos municípios.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 037
19/08/2007	Tribuna Livre	----- <b>Mistério ou ilusão de ótica?</b> – Quem vive nas redações, vez por outra recebe estanhos telefonemas de pessoas amigas, ou simples interessados na divulgação de fatos curiosos, que nem sempre merecem publicação. Alguns, vão além da imaginação, como foi o caso de uma reportagem realizada anos passados por vários canais de TV numa cidade da média sorocabana.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 038
19/10/2008	Tribuna Livre	----- <b>Nomes exóticos atraem eleitores</b> – De forma estranha, muitos eleitores na hora do voto demonstram preferência por nomes estranhos ou exóticos. Não é de hoje que esse fato se verifica. No passado, um estranho ser irracional denominado “Cacaréco” chamou tanto a atenção do eleitorado, que acabou recebendo a mais expressiva votação, suficiente para eleger pelo menos três vereadores.	Altino Oliveira	Coluna topo da página	Imagem: 039
26/08/2007	Tribuna Livre	----- <b>Pão duro com mortadela</b> – Quando me encontrei pela última vez com o repórter e comunicador Carlos Nascimento, pudemos recordar um pouco de nossas andanças pelo pontal do Paranapanema e os problemas que enfrentamos durante algumas coberturas noticiosas de imprensa e TV.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 040
12/10/2008	Tribuna Livre	----- <b>Comportamento diferenciado</b> – Muitos podem não concordar, mas o comportamento humano dos candidatos a cargos eletivos muda completamente durante a fase eleitoral. Se você não observou, eu posso comprovar que nunca vi tanta cordialidade, como tem ocorrido em todos os locais visitados pelos candidatos à Câmara ou à Prefeitura Municipal.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 041
02/09/2007	Tribuna Livre	----- <b>Requisição de gado: demagogia</b> – Sempre que surge um novo governo, aparecem automaticamente os atos demagógicos para marcar a nova administração: foi o que vimos e testemunhamos durante o governo de José Sarney, criador de uma desastrosa moeda denominado “cruzado”, pouco significativa na história da economia do país.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 042
16/09/2007	Tribuna Livre	----- <b>Pontal em chamas</b> – Nos últimos anos da década de 80, o Pontal do Paranapanema recebia com frequência a visita de candidatos ao Senado, Câmara Federal e Assembleia Legislativa. Rosana e Euclides da Cunha Paulista ainda eram distritos do município de Teodoro Sampaio, administrados pelo prefeito Miltinho.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 044
	Tribuna	----- <b>Eleições: a tática é a mesma</b> – O processo eleitoral brasileiro mudou muito pouco no decorrer dos anos. Com o avanço da tecnologia, as campanhas eleitorais ganharam mais espaço e maior rapidez nas comunicações. Consequentemente tornou-se mais fácil promover qualquer candidato, mesmo com a		Coluna topo da página	Imagem: 045

05/10/2008	Livre	inexistência do marketing político.	Altino Correia		
23/09/2007	Tribuna Livre	----- <b>Dois séculos de comunicação</b> – Inegavelmente, as comunicações tiveram um avanço extraordinário no decorrer do século passado. O que parecia difícil, exigindo na maioria dos casos dias e dias de espera, agora se faz em questão de segundos. Basta recordar os anos 50, fase em que fiz minha iniciação no setor de telecomunicações através da prestação de serviços à Rádio Presidente Venceslau, a segunda emissora mais antiga da região.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 046
28/09/2008	Tribuna Livre	----- <b>Minha experiência como estagiário</b> – Minha atividade profissional na Televisão passou por importantes fases, entre as quais três anos e alguns meses no telejornalismo da Rede Globo de Televisão. Foi uma grande experiência que me levou a adotar novas táticas para o desempenho da profissão de Repórter.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 047
30/09/2007	Tribuna Livre	----- <b>O aposentado “Biônico”</b> – Nas minhas andanças em busca da notícia, tive a oportunidade de conhecer muita gente importante. Na grande maioria, políticos, empresários, profissionais liberais, operários, estudantes, produtores rurais, trabalhadores do campo e da cidade, artistas, gente culta e gente ignorante. Na abordagem dos diversos assuntos, muitas vezes fui compreendido e muito bem acolhido.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 048
21/09/2009	Tribuna Livre	----- <b>Mais respeito à autoridade (II)</b> – É interessante observar o comportamento de nossos políticos, antes e depois das eleições. Na fase da campanha, eles se desdobram em mesuras e gentilezas, prometem coisas impossíveis, têm diálogo fácil com todas as pessoas, não demonstram qualquer restrição à nada. Até as eleições.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 049
07/10/2007	Tribuna Livre	----- <b>Os sonhos de um menino</b> – Nos últimos anos do século 20 uma música popular ganhou fama, sendo interpretada por um cantor pouco conhecido nos meios profissionais. A música falava de um menino. Seu intérprete teria no máximo trinta anos de idade e morreu prematuramente. Nessa curta existência, ele deixou gravada uma mensagem, com letra e música.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 050
14/09/2008	Tribuna Livre	----- <b>A eleição, sob falsa concepção</b> – Nos velhos tempos em que trabalhei como Repórter e Correspondente da Rede Globo, era comum receber e cumprir pautas as mais estranhas, que determinavam a realização de matérias especiais. As mais requisitadas tinham por objetivo, cobrir o carnaval regional, as vacinações em massa, as inundações habituais do Rio Paraná, as invasões de terras no Pontal do Paranapanema e a cobertura das eleições.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 052
14/10/2007	Tribuna Livre	----- <b>Qual o papel da lua em nossa vida?</b> – Desde que o mundo é mundo, muito se tem falado sobre a lua. Embora seja um satélite natural da terra, nem todos vivem no mundo da lua, senão seria um desastre. Nas suas quatro fases: cheia, minguante, crescente e lua nova, tem especial significado para toda a humanidade, razão pela qual é louvada e admirada em todos os quadrantes da terra.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 053
07/09/2008	Tribuna	----- <b>Por quê tantos assentamentos?</b> – Decorridos mais de vinte anos, desde que foi implantado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) a região do Pontal do Paranapanema conta atualmente com mais de 100 assentamentos. Segundo o Bispo Emérito da Diocese, Dom José Maria	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 055

	Livre	eram exatamente 122 até o ano 2006.			
21/10/2007	Tribuna Livre	----- <b>Uma década de extremismo</b> – Sem enfrentar qualquer problema com o Governo Militar, para mim a fase mais difícil verificou-se nos últimos anos da década de 60 e os primeiros da década de 70. Foi nesse período de nossa história que apareceram na mídia os nomes de alguns extremistas de esquerda, que desafiavam o governo e colocavam em risco boa parte dos radicais de ideologia comunista.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 057
31/08/2008	Tribuna Livre	----- <b>Criadores se tornaram celebridades</b> – Na história da agropecuária da alta sorocabana surgiram nomes famosos que no decorrer dos tempos se destacaram, tornando-se verdadeiras celebridades. São nomes de projeção nacional e internacional, pois foram consagrados através da criação de bovinos e equinos, cujos animais não só motivaram a conquista dos maiores títulos durante as exposições nacionais, como também projeção mundial em termos de globalização.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 058
28/10/2007	Tribuna Livre	----- <b>Chico Forró, sempre o primeiro</b> – Nas décadas de 50 e 60 os programas radiofônicos se voltam praticamente para a descoberta de novos talentos artísticos. Daí, o grande número de vocações, algumas em evidência até os dias atuais. Foi assim, que eu e muitos profissionais da comunicação descobrimos o caminho para o desempenho de uma nova atividade.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 059
24/08/2008	Tribuna Livre	----- <b>Cavalo também tem história</b> – No decorrer dos tempos, os cavalos produziram estórias contadas por nossos antepassados ou vividas por nós mesmos nos últimos séculos. Eu particularmente, testemunhei fatos e muitos deles acabaram me envolvendo de tal forma, que agora merecem algumas referências.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 060
04/11/2007	Tribuna Livre	----- <b>Encontro com os príncipes</b> – Nas centenas de matérias jornalísticas que realizei ao longo de minha vida profissional, merecem destaque especial as visitas feitas ao Brasil pelos príncipes Akihito e Mitiko (atuais imperadores do Japão), e os Reis da Suécia, abordados em reportagens de rádio e jornal.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 061
17/08/2008	Tribuna Livre	----- <b>Cuidado, as arapucas estão no ar</b> – O avanço tecnológico possibilitou novas modalidades de promoções, facilidades na comunicação com o público brasileiro e conseqüentemente maiores negócios através da comercialização dos mais diferentes produtos, resultando em armações ou golpes previamente organizados.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 062
11/11/2007	Tribuna Livre	----- <b>O crime da mala</b> – Numa certa madrugada da década de 70 fui despertado por um telefonema que chamava a atenção de toda a imprensa para um fato excepcional. O informante dizia que era um “furo” prestes a acontecer. Imediatamente rumei para o local, e lá constatei que se tratava efetivamente de um fato estorrecedor e que certamente iria ganhar as principais manchetes não só de Presidente Prudente, mas de todo o Brasil.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 063
10/08/2008	Tribuna	----- <b>Minha convivência com a igreja</b> – Desde os meus primeiros dias de vida, mantenho minha crença religiosa voltada à Igreja Católica Apostólica Romana. Como cristão nunca deixei de valorizar o trabalho de todos aqueles que creem no Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, que está em toda parte: no céu, na	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 065

	Livre	terra e em todo lugar.			
25/11/2007	Tribuna Livre	----- <b>As idas e vindas de Gilberto Gil</b> – O cantor e compositor Gilberto Gil, desde que se revelou para o mundo artístico visitou e se apresentou em Presidente Prudente inúmeras vezes. Antes mesmo de ingressar na carreira política como simpatizante da extrema-esquerda.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 066
03/08/2008	Tribuna Livre	----- <b>Mais respeito à autoridade</b> – Nas minhas constantes matérias para a Televisão, tive sempre o privilégio de contar com o apoio e participação de abnegados companheiros, que me acompanharam e deram o sangue para realizar o melhor trabalho possível. Via de regra, quando se chegava à Base Operacional da Polícia Rodoviária, tudo passava por uma completa transformação.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 067
02/12/2007	Tribuna Livre	----- <b>A ganância dos banqueiros</b> – Ao completar cinquenta anos como correntista de bancos, vejo que a ganância tomou conta da classe. Enquanto o povo se torna cada vez mais pobre, os banqueiros riem de orelha-a-orelha com os lucros multiplicados a cada três meses. Trata-se na verdade de uma casta altamente privilegiada, que se torna cada vez mais rica e prepotente, desrespeitando as normas e as leis impostas pelas autoridades no tocante ao atendimento público e à aplicação de recursos resultantes dos lucros em benefício dos menos privilegiados.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 068
27/07/2008	Tribuna Livre	----- <b>Os carros de minha vida</b> – Desde minha primeira habilitação como Motorista Amador, em 1.963, nunca tive sonhos ou ilusões por carrões. Ao contrário, utilizei sempre os carrinhos populares. Mesmo porque as minhas condições econômicas jamais permitiram ir além do carro popular, que chega aos mesmos lugares dos demais, sem qualquer ostentação.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 069
09/12/2007	Tribuna Livre	----- <b>O “bate-boca” dos políticos</b> – Sempre que os políticos se reúnem – sejam eles prefeitos, vereadores, deputados ou senadores – as conversas são as mais desencontradas possíveis. Muitas vezes, um simples diálogo se transforma num bate-boca interminável, nada produtivo e até perturbador.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 070
20/07/2008	Tribuna Livre	----- <b>Levaram ou deram o cano?</b> – Na última metade do século passado, foram numerosos os shows e espetáculos públicos realizados nas cidades da região de Presidente Prudente. A maioria desses eventos se desenvolveu normalmente, com a plateia maior ou menor, dependendo naturalmente do sucesso do artista.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 071
16/12/2007	Tribuna Livre	----- <b>Cúria excomunga políticos</b> – Na história política da alta sorocabana, ocorreu um fato inédito no final dos anos 60: um prefeito e sete vereadores foram excomungados pela Cúria Diocesana, com base no Direito Canônico. Nesse episódio estiveram envolvidos os dirigentes políticos de Mirante do Paranapanema.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 072
13/07/2008	Tribuna Livre	----- <b>MST bloqueia rodovia</b> – Num determinado período do século 20, fui chamado a realizar cobertura de uma ação do MST na rodovia que liga Teodoro Sampaio ao novo município de Euclides da Cunha Paulista, no pontal do Paranapanema.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 073

23/12/2007	Tribuna Livre	----- <b>As viagens até o chapadão</b> – Dentre as inúmeras viagens realizadas para a cobertura de TV nos últimos anos do século 20, as de longo percurso foram as que mais impressionaram. Ribeirão Preto e Araraquara, ambas no estado de São Paulo foram as mais distantes dentro da área de abrangência da TV Bandeirantes de Presidente Prudente.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 074
06/07/2008	Tribuna Livre	----- <b>Jornalista que são exemplos</b> – Na minha atividade profissional na área de comunicação, alguns nomes merecem citação como exemplos de conduta e capacidade humana. Barbosa Lima Sobrinho com quem convivi nos últimos anos de sua vida merece destaque especialmente, juntamente com Roberto Marinho, jornalista e empresário do setor de imprensa, rádio e televisão.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 075
30/12/2007	Tribuna Livre	----- <b>Uma década de empolgação</b> – No auge do entusiasmo pelas comemorações do aniversário do município de Presidente Prudente da década de 70, Sandoval (que era prefeito), decidiu homenagear a cidade de Guadalajara pelo fato de ter sediado os jogos da Copa Mundial de Futebol, onde o Brasil se saiu muito bem.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 076
06/01/2008	Tribuna Livre	----- <b>As transformações da imprensa</b> – No decorrer dos últimos tempos, os jornais passaram por várias transformações. O designer e o aspecto gráfico mudaram de forma considerável na maioria dos grandes jornais não só da capital, mas também das médias e grandes cidades do interior. No formato, prevalecem os padrões tradicionais, e em raras ocasiões, os chamados “tabloides”.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 079
13/01/2008	Tribuna Livre	----- <b>Liberdade resgatada</b> – Nas inúmeras matérias que realizei através da imprensa e TV na última década do século passado, foram colocados em evidência diversos fatos de repercussão regional envolvendo descendentes de nações asiáticas e do leste europeu. Todos eles, puderam livremente se manifestar pelo fato de conviverem num país livre e democrático que é o Brasil.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 081
27/01/2008	Tribuna Livre	----- <b>Prefeitos na contramão</b> – No decorrer dos tempos, muitos foram os prefeitos que se destacaram em fatos pitorescos ou na chamada “contramão” de direção. Santo Anastácio foi o primeiro município, onde foram constatados inúmeros casos, especialmente nas administrações de meu amigo “Mané do Cachimbo”.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 083
03/02/2008	Tribuna Livre	----- <b>Calibre 12 seria a solução?</b> – Um prefeito que marcou época na região de Presidente Prudente, foi o Sr. Virgínio Cabral. Líder político de Santo Expedito foi eleito sucessivas vezes para várias gestões administrativas e meu amigo pessoal. Homem de profunda bondade, correto e dedicado era extremamente exigente e até certo ponto, vaidoso.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 085
10/02/2008	Tribuna Livre	----- <b>Um cavalo de um milhão de dólares</b> – Parece inacreditável. Mas a cidade de Presidente Venceslau poderia até entrar para o Livro dos Recordes (Guinness Book) se fosse feita uma criteriosa avaliação sobre os valores atribuídos a compra de animais. Foi exatamente a importância de um milhão de dólares, o que custou a aquisição de um cavalo de raça importado de outro continente por uma empresária local.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 087
		----- <b>Horóscopo, telepatia e responso</b> – Nos programas de rádio da década de 60 tornou-se comum a apresentação de horóscopos e telepatia, envolvendo na maioria das vezes alguns especialistas. Daí		Coluna topo	Imagem:

17/02/2008	Tribuna Livre	surgiram nomes que ganharam audiência e a simpatia e credibilidade de milhares de ouvintes.	Altino Correia	da página	089
24/02/2008	Tribuna Livre	----- <b>Figueiredo, o último dos militares</b> – O chamado “Governo Autoritário” que predominou a partir de 31 de março de 1.964 dava seus primeiros sinais para uma nova abertura. Já estávamos em agosto de 78, quando o General João Batista Figueiredo (ex-chefe do Serviço Nacional de Informações) foi lançado candidato oficial da ARENA à Presidência da República.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 092
02/03/2008	Tribuna Livre	----- <b>José Aparecido, um baluarte</b> – Durante os vinte e cinco anos que atuei como correspondente da Folha de São Paulo, Agência Folhas e outros jornais do grupo, recebi do companheiro José Aparecido (de saudosa memória) as mas expressivas manifestações de apoio e solidariedade. Ele, além de brilhante repórter foi o Editor Regional da Folha por muitos anos, tendo incentivado minha atuação durante todo o período em que juntos, cumprimos pautas e realizamos centenas de reportagens.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 093
09/03/2008	Tribuna Livre	----- <b>O diário de um presidiário</b> – Como resultado de uma convivência com a população carcerária da Penitenciária I “Dr. Zwinglio Ferreira” de Presidente Venceslau – atribuído a um programa de rádio em forma de show – surgiram no final dos anos 60 inúmeras cartas de ameaça. Todas elas, dirigidas à minha pessoa eram assinadas por um presidiário através da sigla JS que o identificava como reeducando no cumprimento de uma sentença na Penitenciária de Avaré, após ter passado por vários presidios.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 096
29/06/2008	Tribuna Livre	----- <b>Verdade ou mentira?</b> – Muitas vezes ocorrem confusões na identificação das pessoas. Por isso, somos chamados por nomes (ou sobrenomes) que nem sempre correspondem à realidade. Mas para evitar transtornos ou constrangimentos se torna mais recomendável não se manifestar, aceitando o engano como verdade. Foi o que aconteceu comigo em inúmeras ocasiões.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 097
16/03/2008	Tribuna Livre	----- <b>‘Cuma’ é o nome dele?</b> – Uma antiga música popular de autoria do compositor Manézinho Araújo, começava com a interpelação: “cuma é o nome dele?”. E como resposta: É Mané Fuloriano, que quer dizer: Manoel Floriano...Foi pensando nisso, que me lembrei de um grande amigo que já partiu para a outra dimensão.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 098
22/06/2008	Tribuna Livre	----- <b>Deita na ‘chão</b> – No calçadão de Presidente Prudente sempre foi possível o encontro de pessoas das mais populares, amigos dos velhos tempos, novos amigos e personalidades que a gente jamais esquece.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 099
23/03/2008	Tribuna Livre	----- <b>Um herói japonês passou por aqui</b> – Hiroo Onoda, um ex-combatente da II Guerra Mundial passou pela região de Presidente Prudente logo após seu casamento com uma professora japonesa, em São Paulo. Seu propósito não era outro, senão o de se estabelecer na área rural como criador de gado em Mato Grosso do Sul.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 100
15/06/2008	Tribuna Livre	----- <b>As dificuldades com os homônimos</b> – Os nomes próprios em sua maioria encontram similares que na maioria das vezes chegam a acarretar sérios problemas. São os homônimos, que mais dia menos dia criam dificuldades e até um certo constrangimento para as pessoas.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 101

08/06/2008	Tribuna Livre	----- <b>O médico que enveredou para o crime</b> – Este fato verificou-se nos anos 60 do século passado na Penitenciária I “Dr. Zwinglio Ferreira” de Presidente Venceslau, que acolheu para cumprir sentença um médico de renome nacional. Ele era especialista em cirurgia plástica com estágio na Clínica do Dr. Pitanguy, no Rio de Janeiro. Nome suposto: Dr. Osny, acusado de envolvimento com o narcotráfico, morte e contrabando, embora tenha negado todas as acusações.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 102
30/03/2008	Tribuna Livre	----- <b>Ouro para o bem do Brasil</b> – O ouro sempre foi considerado um metal precioso e de alta valorização. É a melhor poupança que se pode imaginar, pois nunca perde o valor. Entretanto, a história brasileira registra dois períodos importantes em que o ouro foi o principal fator econômico para garanti o sucesso de duas revoluções: na década de 30 e na década de 60.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 103
06/04/2008	Tribuna Livre	----- <b>Areia na cara</b> – Dentre as milhares de matérias que realizei ao longo dos últimos anos, uma especialmente me deixou transtornado: foi numa estrada de terra que dá acesso à Destilaria Caiuá S/A (Decasa) no município de Caiuá/Sp.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 104
01/06/2008	Tribuna Livre	----- <b>A paciências de certos políticos</b> – No decorrer dos acontecimentos políticos verificados nos últimos anos do século passado, tive a oportunidade de ressaltar a conduta e principalmente a grande dose de paciência do Dr. Ulisses Guimarães, tragicamente desaparecido num desastre em alto mar, quando mantinha sua posição de liderança política no Brasil.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 105
13/04/2008	Tribuna Livre	----- <b>A noite em que morreu Herzog</b> – A imprensa brasileira vem se ocupando há mais de 30 anos com os fatos que envolveram a morte do jornalista Wladimir Herzog. Foi um triste episódio da história de nossa imprensa, amordaçada na maioria das vezes pelos ditadores que ocupam o poder, em todos os pontos do planeta.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 106
25/08/2008	Tribuna Livre	----- <b>Um osso de 80 milhões</b> – No passado, quando se falava em osso se lembrava imediatamente de dois cães brigando pela posse de um osso qualquer. Mas durante o ano de 1.977 quem se envolveu na briga pela partilha de um grande osso foram dois grupos de universitários. Ambos disputavam palmo a palmo a mesma peça. A justificativa era de que se tratava de um “osso histórico” com 80 milhões de anos e de um valor extraordinário para as pesquisas científicas.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 108
20/04/2008	Tribuna Livre	----- <b>Supermercados ou auto-serviços?</b> – Durante os anos da década 60, foram instalados nesta região os primeiros Supermercados. Foi uma nova alternativa adotada pelos comércios para substituir os antigos Armazéns de Secos e Molhados, os Empórios e Mercearias que abasteciam a população regional com gêneros alimentícios.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 109
18/05/2008	Tribuna Livre	----- <b>Uma associação em defesa do idoso</b> – Presidente Venceslau é uma das poucas cidades do interior brasileiro a contar com uma associação dedicada ao idoso, ou seja: Aposentados e Pensionistas. A instituição está agora comemorando vinte anos de existência e tem uma folha de serviços sem precedentes na história da cidade região.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 110

29/04/2007	Tribuna Livre	----- <b>Carros fantasmas</b> – Na minha vida profissional tive a oportunidade de conhecer duas histórias de carros fantasmas. A primeira delas verificou-se na cidade de Presidente Venceslau, nos meus tempos de rádio. Logo após encerrar a programação diária, nos deslocávamos para o Bar e Café Pinguim, na Avenida D. Pedro II, onde aconteciam as reuniões diárias do “Senadinho” e o encontro costumeiro dos vereadores com os figurões da cidade.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 111
06/05/2007	Tribuna Livre	----- <b>Cachaça, um novo desafio</b> – Quem viaja pelo interior, especialmente fazendo parte de uma equipe de TV sempre se depara com fatos curiosos: voltar com o carro lotado de cachaça. Isso tornou-se constante nas viagens que fazíamos a Palmital, na região de Assis.	Altino Correia	Coluna topo da página	Imagem: 112

DATA	JORNAL	NOTÍCIA (título + lead)	NÚMERO
Sem data	O Imparcial	<b>Dia da imprensa</b> – Cerca de 60 jornalistas prudentinos compareceram ontem de manhã no Aruá Hotel, atendendo o gentil convite do Colégio Braga Mello, que há 20 anos, nesta mesma data, oferece um café da manhã em homenagem ao Dia da Imprensa. [...] Citou o jornalista Altino Correia e parabenizou-o pelos 50 anos de atuação.	Imagem: 001
Sem data	O Imparcial	<b>Planos interrompidos – “Ele tinha muitos projetos para Prudente”, conta Altino Correia</b> – Segundo o jornalista Altino Correia, Florivaldo Leal tinha muitos planos e projetos para Presidente Prudente, como a reurbanização da cidade e abertura de vias, obras de saneamento e expansão habitacional periférica para as pessoas de baixa renda.	Imagem: 002
Sem data	O Imparcial	<b>Sustentabilidade em foco</b> – Diretor do Sindicato dos Jornalistas na região de Prudente, o mestre Altino Correia também fez parte do corpo de jurados.	Imagem: 007
Junho/2012	-----	<b>Pelo telefone, Audálio recebe a notícia do assassinato de Vladimir Herzog</b> – A palestra de Audálio Dantas em Presidente Prudente com Altino Correia em 1975 e ele hoje (ao lado): “A pior notícia que podíamos esperar: Herzog está morto!”	Imagem: 008
01/06/2010	O Imparcial	Com prazer registramos hoje o natalício da jornalista Daniele Capelasso (Dani) [...] Na foto, ela com seu sorriso que encanta entre o jornalista Altino de Oliveira Correia e nós (estávamos com o jaleco de serviço).	Imagem: 004
Sem data	O Imparcial	<b>VENCESLAUENSES E JORNALISTAS:</b> Altino Correia e Ivan More, numa das festas do casamento de sábado, em Araçatuba.	Imagem: 005
19/03/2010	Oeste Notícias	<b>Quase ótimo</b> – Entre 60 e 70 anos, o jornalista Altino Correia, de quem sei a data de nascimento, já está quase recuperado de um problema cardíaco que já está controlado pela equipe médica que o assiste.	Imagem: 007
Sem data	O Imparcial	O Imparcial, no dia 2 de fevereiro, completou 71 anos de existência, Jubileu de Trigo, sendo realizadas duas solenidades.	Imagem: 008

18/03/2010	Oeste Notícias	<b>Altino passa bem</b> – É bom o estado de saúde do jornalista Altino Correia, 75. Ele sofreu um infarto na manhã do último domingo e precisou passar por um cateterismo para desobstrução de uma artéria coronária.	Imagem: 010
Sem data	O Imparcial	<b>“Sou apaixonado pela comunicação, faço rastreamento diário dos acontecimentos”</b>	Imagem: 011
Sem data	-----	<b>Entrevista</b>	Imagem: 012
Sem data	Tribuna Livre (chamada de capa)	<b>‘Memórias de um repórter do interior’ ultrapassa 51 mil visitas</b> – O Blog “Memórias de um repórter do interior” do jornalista e multimídia Altino Correia, já ultrapassou 51 mil acessos.	Imagem: 018
Sem data	Tribuna Livre	<b>‘Memórias de um repórter do interior’ ultrapassa 51 mil visitas</b> - O Blog “Memórias de um repórter do interior” do jornalista e multimídia Altino Correia, já ultrapassou 51 mil acessos.	

DATA	JORNAL	PÁGINA	NOTÍCIA (título + lead)	ASSINATURA	POSIÇÃO	NÚMERO
-----	Oeste Notícias	-----	A trajetória de um jornalista - O jornalista Altino Correia é um dos precursores do jornalismo no Oeste Paulista. Ele já atuou em jornais renomados do país e de representatividade regional. "Se reunir todas as minhas funções e período de trabalho, pelos meus cálculos, deve agregar quase 130 anos de trabalho", brinca o jornalista que, aos 71 anos de idade, demonstra paixão de quando ainda transmitia por telex as informações coletadas na região.	-----	Chamada na capa	SCAN 001
-----	Tribuna Livre	-----	Altino Correia estreará coluna no Tribuna Livre - O jornalista Altino Correia, hoje residindo em Presidente Prudente, publicará coluna nas edições dominicais do Tribuna Livre. A estréia da coluna "Memórias de um Repórter" será na edição deste domingo.	-----	-----	SCAN 002
-----	Oeste Notícias	Página 3.2	Altino Correia Dedicação pela profissão Fatos e matérias marcam a carreira do profissional - Experiência e amor pelo trabalho são características de um jornalista com mais de 50 anos de profissão: Altino Oliveira Correia , de 77 anos.	Carolina Mescoloti	Abre de página	SCAN 003
-----	Tribuna Livre	Página 06	Lançamento de livro sobre Pres. Prudente é concorrido - Várias personalidades prudentinas prestigiaram na última terça o lançamento do livro "Presidente Prudente - Capital Regional", organizado pela socióloga Maria Ângela D'Incao, da Editora Letras A margem.	-----	Abre de página	SCAN 004
-----	Oeste Notícias	-----	O oeste homenageou a classe de jornalistas em seu Perfil com o colega Altino Correia, um dos últimos moicanos da safra antiga de profissionais que aprenderam a militância jornalística com verdadeiras feras, que hoje, apesar das escolas, não existem mais, exceto se Assis Chateaubriand, David Nasser, Carlos Lacerda ainda estiveram vivos. Altino sabe tudo sobre o que sempre fez e bem feito.	Coluna do Neif	-----	SCAN 005

-----	O Imparcial	-----	Altino Correia 30 anos de jornalismo	Sinomar	Abre de página Caderno 2	SCAN 009
-----	O Imparcial	Página 06	Ele tinha muitos projetos para Prudente, conta Altino Correia - Segundo o jornalista Altino Correia, Florivaldo Leal tinha muitos planos e projetos para Presidente Prudente, como a reurbanização da cidade e abertura de vias, obras de saneamento e expansão habitacional periférica para as pessoas de baixa renda.	Oslaine Silva	Chamada na capa do Caderno 2 e matéria de meia página	SCAN 021
-----	O imparcial	-----	Objeto que vitimou Florivaldo Leal é mantido em museu da Toledo - Embora seja um fato criminoso e lamentável, o cabo da picareta que tirou a vida de Florivaldo Leal, em 21 de dezembro de 1965, é um objeto que tem um valor especial para a história do Direito Penal e do Tribunal do Júri de Presidente Prudente também. É o que explica o coordenador do curso de Direito da Toledo Prudente Centro Universitário, Sérgio Tibiriçá Amaral, 58 anos.	Oslaine Silva	Matéria página dupla	SCAN 022
-----	O imparcial	-----	"Sou apaixonado pela comunicação, faço rastreamento dos acontecimentos" - Baiano da Vila do Palmital, que atualmente chama Arapiranga, município de Rio das Contas, na Chapada Diamantina, Altino Oliveira Correia nasceu no dia 30 de julho de 1934	Barbosa da Silveira	Topo da página	SCAN 033
-----	-----	-----	Coberturas importantes incluem entrevistas de vários presidentes - Ultimamente Atino Correia tem se dedicado exclusivamente à publicidade, mantendo sociedade Benito Marques Franco na agência AC&BMF. Tem feito palestras à profissionais do ramo e para estudantes, nos quais recorda de grandes coberturas. Incluem-se algumas internacionais, nas áreas política e econômica, no Paraguai. Como turista, conheceu a Europa.	-----	Página inteira	SCAN 039
-----	O Imparcial	Página 06	Ponte Hélio Serejo completa 50 anos de história - Uma obra monumental, que conta através de sua estrutura a história do desenvolvimento regional, estadual e nacional, diante dos 50 anos de existência - comemorado hoje.	Rogério Lopes	Abre de página	SCAN 048
-----	-----	-----	Altino Correia, o mais antigo profissional (sindicalizado há 50 anos) em atividade na região, foi homenageado na inauguração do Sindicato dos Jornalistas de Presidente Prudente.	-----	Notinha de rodapé	SCAN 074
-----	Oeste Notícias	-----	Altino Correia: Trajetória de sucesso - O jornalista Altino Correia completa 56 anos de carreira como um dos precursores do jornalismo no Oeste Paulista. Seu currículo agrega jornais renomados do país e de representatividade regional. Relatou os principais acontecimentos do interior acompanhando todas as transformações das tecnologias de comunicação.	Lilian Chirnev	Abre de página	SCAN 118
jun/12	Unidade	-----	Pelo telefone, Audálio recebe a notícia do assassinato de Vladimir Herzog - Na noite da morte de Vladimir Herzog, em outubro de 1975, o então presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, Audálio Dantas, encontrava-se em Presidente Prudente, no interior paulista, a convite do jornalista Altino Correia. Ao saber da trágica notícia por telefone, realizou-se uma operação de emergência para que Audálio pudesse retornar o mais breve possível para a Capital e ajudar a	-----		SCAN 120

organizar a reação ao assassinato de Vlado. É este relato que Altino proporcionou ao jornal Unidade.

abril-2008	Revista Radar	Página 2-3	Entrevista - Memórias de um repórter: Bate-papo com um dos ícones do jornalismo regional	-----	003-004
<b>DATA</b>			<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PERSONAGENS</b>	<b>NÚMERO</b>
-----			Cida e Altino Correia entre as filhas Arlene, Arlete, Anete, o genro Messias e os netos , na ceia de natal.	Família do Altino	SCAN 011
-----			Vinte e um de dezembro de 1965: um crime bárbaro comove e marca a história de Presidente Prudente. Foi a data em que o então prefeito Florivaldo Leal foi brutalmente assassinado, em plena luz do dia, a golpes de um cabo de picareta, desferidos por um operário/servidor da Prefeitura.	-----	SCAN 020
-----			Uma obra monumental que conta a história do desenvolvimento regional , estadual e nacional, em 50 anos de existência. Assim se traduz a ponte Hélio Serejo que liga os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.	Ponte Hélio Serejo	SCAN 047
-----			Telegrama de Hélio Serejo enviado para Altino Correia agradecendo pelo artigo do jornal.	-----	SCAN 050
-----			Foto dos profissionais de Presidente Prudente que atuam no jornalismo regional	Diretora regional Tânia Brandão, Altino de Oliveira Correia, José dos Reis, Everton dos Santos e Sérgio Borges.	SCAN 100
-----			Sem descrição	Na foto há 10 homens, mas só reconheço o Altino, estão em frente a um avião.	SCAN 101
00/00/1970			Auditório da faculdade Toledo, em Presidente Prudente, durante uma palestra.	Sargento João Bortoleto Sobrinho, sargento José Bezerra de Moura e o repórter Altino Correia	SCAN 111

**APÊNDICE B**  
**TERMO AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM**

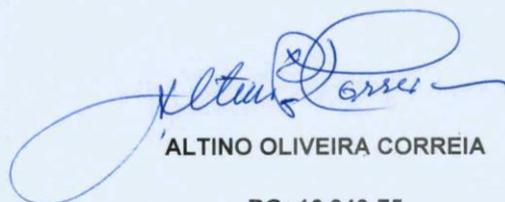
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, **Altino Oliveira Correia**, brasileiro, casado, jornalista, portador do RG nº: 16.940-75 e CPF nº: 199.668.818-91. Residente na Rua Visconde de Barbacena, 20, Parque São Judas Tadeu, em Presidente Prudente – SP, **AUTORIZO Anne Honami Abe**, brasileira, solteira, portadora do RG nº: 45.754.847-2 e CPF nº: 351.006.948-7, **Camilla Saldanha Souza**, brasileira, solteira, portadora do RG nº: 49.992.506-3 e CPF nº: 438.509.748-80, **Nellise Costa Pinheiro**, brasileira, solteira, portadora do RG nº: 40.708.796-5 e CPF nº: 407.714.438-89 e **Stephane Melo Becegato**, brasileira, solteira, portadora do RG nº: 57.777.018-8 a utilizar minha imagem e minha biografia (incluindo declarações, testemunhos, reportagens de minha autoria ou coautoria, textos por mim publicados, fotos e todo e qualquer material similar) para ser utilizada em Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, cujo destino também poderá ser o de divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e suas especificações – acima mencionadas - em todo território nacional e no exterior e em todas as suas modalidades, destacando-se: publicação editorial, anúncios em revistas e jornais em geral, home page, cartazes, mídia eletrônica (painéis, televisão, programa para rádio) entre outras divulgações.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a quaisquer outros.

Presidente Prudente – SP, 20 de outubro de 2017.

  
**ALTINO OLIVEIRA CORREIA**

RG: 16.940-75  
CPF: 199.668.818-91

**APÊNDICE C**  
**CRONOGRAMA DE ENTREVISTAS**

### CRONOGRAMA DE ENTREVISTAS

ENTREVISTADO	DATA/ HORÁRIO	LOCAL	EQUIPE
Rubens Shirassu	20/3 - 14h	Casa do entrevistado: Rua Régis Bitencourt, 213 (Parque São Judas Tadeu)	Camilla
Homéro Ferreira	21/3 - 14h	Unoeste – campus II, bloco B1 (Setor de comunicação)	Anne e Stephaniee
Tadashi Kuriki	22/3 - 14h	Unoeste – campus II, bloco B3 (Sala de criação Facopp)	Camilla e Stephaniee
Neusa Matos	22/3 - 16h	Rádio Presidente Prudente: Avenida Washington Luiz, 1250 (Centro)	Anne e Stephaniee
Laerte Silva	23/3 - 14h	Delegacia de Polícia Civil (DIG): Rua Dr. Gurgel – Centro	Anne, Camilla e Stephaniee
Sérgio Jorge Alves	23/3 - 16h	Casa do entrevistado: Rua Júlio Prestes, 1011 (Vila Machadinho)	Anne, Camilla e Stephaniee
NeifTaiar	24/3 - 14h	Casa do entrevistado: Rua Filomena Candido, 376 (Parque Higienópolis)	Anne, Camilla e Stephaniee
Adalberto Lins da Silva	27/3 - 14h	Casa do entrevistado: Avenida Paulo Marcondes, 649 – Saint Paul, bloco 6, ap. 104 (Jardim Santa Clara)	Anne, Camilla e Stephaniee
Sinézio de Souza	27/3 - 16h	Casa do entrevistado: Rua Comendador João Peretti, 670 (Vila Santa Helena)	Anne, Camilla e Stephaniee
Montezuma Cruz	28/3 - 15h	Via email	-----
Cícero Affonso	28/3 - 14h	Unoeste – campus II, bloco B3 (Laboratório de rádio Facopp)	Anne, Camilla e Stephaniee
José Vinícius Barbosa da Silveira	28/3 - 16h	Jornal O Imparcial: Rua Ernesto Rotta, 83 (Jardim Novo Bongiovani)	Anne, Camilla e Stephaniee
José Roberto Dantas Oliva	30/3 - 14h	Casa do entrevistado: Rua Alberto Fraga Moreira, 271 (Damha I)	Camilla e Stephaniee
Lêda Márcia Litholdo	30/3 - 20h	Unoeste – campus II, bloco B3 (Secretaria de Psicologia)	Anne e Camilla
Altino Correia	09/4 - 14h	Casa do entrevistado: Rua Visconde de Barbacena, 20 – Residencial Parque dos Pássaros, 7º andar(Parque São Judas Tadeu)	Camilla, Nellise e Stephaniee
Antonio Feitosa	11/4 - 21h	Via email	-----

**APÊNDICE D**  
**PAUTAS**

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA RUBENS SHIRASSU

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional e a atuação do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o radialista e jornalista Rubens Shirassu sobre o início do jornalismo regional, com destaque para os veículos de comunicação existentes na época e a prática da profissão. Também serão abordados o relacionamento e a sociedade com Altino Correia na fundação da Agência NIP (Nova Imagem Propaganda) em Presidente Prudente, em 1975.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

20/03 às 14h

LOCAL: Casa do entrevistado

ENDEREÇO: Rua Régis Bitencourt, 213 – Parque São Judas Tadeu

PONTO DE REFERÊNCIA: Próximo ao Colégio Braga Mello

CONTATO: (18) 3222-5287/ (18) 99702-6648

**DADOS:** Filho de um casal imigrante que veio do Japão na década de 1920, Rubens Shirassu nasceu no dia 30 de janeiro de 1933, em Presidente Venceslau. Foi um dos precursores da radiofonia na região do Oeste Paulista.

Iniciou sua carreira aos 17 anos, na *Rádio Presidente Venceslau AM* (ZYH-7). Lá, o jovem começou como operador de mesa – responsável pela reprodução de discos e pela abertura do microfone ao locutor –, depois passou pelas funções de locutor, diretor artístico – profissional que convidava locutores e grandes cantores da época –, até se tornar gerente, de 1950 a 1951. Rubens conheceu Altino Correia na emissora, quando trabalharam juntos.

Mais tarde, mudou-se para Presidente Prudente, onde os irmãos Platzeck e Hélio Cyrino da Silva ganharam a concessão para instalar uma radioemissora. Juntamente com Hélio Cyrino, em 17 de dezembro 1954, fundou a *Rádio Presidente Prudente* (ZYR-84), na qual foi o primeiro diretor-gerente. Ficou na rádio até 1959. Nela, também trabalhou como narrador, comentarista, diretor de novelas, programador, locutor de rádio-jornais, redator e diretor artístico.

Segundo o radialista, ainda não existia faculdade de Comunicação. Dessa forma, alguns profissionais tinham inscrição na Associação Brasileira dos Jornalistas, com o registro do MTB, e outros carregavam no currículo apenas a experiência de longa data na área, o que possibilitava uma contratação.

Além do investimento na radiofonia, Shirassu e Cyrino tentaram trazer a TV Excelsior para Presidente Prudente, mas não tiveram sucesso. A transmissão dependia do satélite, mas na cidade só era possível por linha telefônica.

Atualmente, Rubens Shirassu é aposentado. Além da comunicação, atuou em outras áreas. Entre 1964 e 1972, foi contador no Banco Libanês do Comércio em Presidente Prudente. Já entre 1973 e 1980, trabalhou no jornal O Imparcial. Paralelamente, em 1975, fundou a Agência NIP – Nova Imagem Propaganda, em sociedade com Altino e o radialista Sérgio Antonio. Também trabalhou como revisor em agências publicitárias e prestou serviços de revisão de revistas, catálogos comerciais, livros, etc.

## **ROTEIRO DE PERGUNTAS:**

### **1. Jornalismo regional**

- Quais eram os veículos de comunicação que existiam na região de Presidente Prudente, na década de 1950?
- Qual era a realidade vivenciada por esses veículos?
- De que forma Hélio Cyrino conseguiu a concessão para fundar a Rádio Presidente Prudente? Que tipo de dificuldades ele enfrentou?
- Como era o cenário da imprensa regional na época?
- Como os meios de comunicação eram encarados pela população? De que forma eles influenciavam na formação de opinião pública?
- Que tipo de relação o público mantinha com os veículos locais? Por quê?
- Como se caracterizava a produção jornalística nesse período? Havia veiculação apenas de notícias nacionais? Como era a produção de notícias regionais?
- Como funcionava o departamento de jornalismo na Rádio Presidente Prudente, por exemplo?
- Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo naquela época?
- Os profissionais trabalhavam com pauta?
- Como era a equipe de profissionais da rádio? Quantos compunham o quadro? Por que esse número era suficiente?
- Quem eram as grandes revelações da época?
- Como era a presença feminina nos veículos? Qual era a importância dessa figura? Em que áreas as mulheres atuavam?
- De que forma essas pessoas entravam para o jornalismo?
- Devido à inexistência da faculdade de Comunicação, o que validava a profissão de jornalista para que uma pessoa fosse contratada?
- Com quantos anos o senhor conseguiu o registro de jornalista, por exemplo? Como funcionava esse processo?
- Que tipo de funções os profissionais desempenhavam na rádio? Quais delas já não existem mais nos dias de hoje?
- Como era exercer a prática jornalística na época?
- De que forma eram realizadas as coberturas jornalísticas? Quais recursos técnicos eram necessários? Em que casos essas coberturas eram feitas ao vivo e gravadas?
- Quais dificuldades eram enfrentadas pelos profissionais nesse trabalho?
- O que tornava um fato importante a ser noticiado? Quais tipos de acontecimentos eram veiculados?
- Nessa época, como se dava a expansão da produção jornalística na região?

### **2. Relacionamento Altino Correia**

- Há quanto tempo o senhor conhece o jornalista Altino Correia? Quando e como foi que o conheceu?
- Como era sua relação com ele?
- De que forma o trabalho dele era conhecido na região?
- Qual a importância e contribuição de Altino Correia na imprensa regional?
- Como o senhor vê Altino como jornalista?

- Como surgiu a sociedade com o jornalista para fundação da Agência NIP – Nova Imagem Propaganda, em 1975?
- Por que decidiram abrir uma agência publicitária na cidade?
- Como era trabalhar com ele? O que mais marcou o senhor nesse período de convivência?
- Se o senhor tivesse que falar de uma característica boa e uma negativa de Altino, qual seria?
- Enfim, para o senhor, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### **RETRANCA:** ENTREVISTA HOMÉRO FERREIRA

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional, a atuação do jornalista Altino Correia e o papel do correspondente regional.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o jornalista, radialista e professor Homéro Ferreira sobre o cenário do jornalismo regional nas décadas de 1970 e 1980, com destaque para os veículos de comunicação existentes na época e a prática da profissão. Também serão abordados o trabalho de correspondente exercido por ele naquele período e o a atuação do jornalista Altino Correia.

### **ROTEIRO:**

PRESIDENTE PRUDENTE

21/03 às 14h

LOCAL: Bloco B1 – Campus II da Unoeste

ENDEREÇO: Rodovia Raposo Tavares, Km 572 – Limoeiro

CONTATO: (18) 99709-5116

**DADOS:** Homéro Ferreira é nascido em 08 de março de 1958, natural de Mirandópolis, região de Araçatuba e mora em Presidente Prudente há mais de 10 anos. Formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade, em 1999, de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp). Atualmente, atua como assessor de imprensa da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e também é professor na Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp).

Homéro despertou interesse pela comunicação ainda no Ensino Médio, na Escola Monsenhor Sarrion, onde fez um curso de Técnico de Redação, oferecido pelo Ministério da Educação e Cultura, durante dois anos. Iniciou a carreira profissional em 1977, quando entrou para a *Rádio Piratininga*, na qual participava de eventuais transmissões esportivas. Após seis meses de trabalho na emissora, foi convidado para assumir a função de repórter geral, em que permaneceu durante cinco anos. Além disso, passou pelas rádios *Difusora*, *Comercial* e *91 FM*; e pelas redações dos jornais *Diário* e *O Imparcial* (repórter), *Oeste Notícia* (chefe de reportagem e, posteriormente, gerente de jornalismo), e no *Correio da Sorocabana*, no qual tinha uma coluna social denominada de “Instantâneos”. O jornalista também atuou durante 16 anos, como correspondente regional para a *Agência Estado* e isso permitiu que ele também produzisse alguns trabalhos para o jornal *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*. Ele ainda teve passagem pela *TV Bandeirantes*, a convite do jornalista Altino Correia, trabalhando em coberturas na área do jornalismo esportivo. A respeito da amizade entre os dois profissionais, Homéro diz que conhece Altino desde que entrou no rádio, mas foi apenas na TV que tiveram um relacionamento mais próximo. Embora não tenham trabalhado no mesmo setor, sempre se encontravam em coberturas.

## **ROTEIRO DE PERGUNTAS:**

### **1. Jornalismo regional**

- Quais eram os veículos de comunicação que existiam na região de Presidente Prudente, na década de 1970?
- Qual era a realidade vivenciada por esses veículos?
- Como era o cenário da imprensa regional na época em que começou a trabalhar?
- Como os meios de comunicação eram encarados pela população? De que forma eles influenciavam na formação de opinião pública?
- Que tipo de relação o público mantinha com os veículos locais? Por quê?
- Como se caracterizava a produção jornalística nesse período?
- Como funcionava o departamento de jornalismo na Rádio Piratininga, por exemplo?
- Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo naquela época?
- Os profissionais trabalhavam com pauta? Por quê?
- Como era formada a equipe de profissionais nos veículos? Quantos compunham o quadro? Por que esse número era suficiente?
- Como era a presença feminina nos veículos? Qual era a importância dessa figura? Em que áreas as mulheres atuavam?
- Como era exercer a prática jornalística na época?
- De que forma eram realizadas as coberturas jornalísticas?
- Quais dificuldades eram enfrentadas pelos profissionais nesse trabalho?
- Nessa época, como se dava a expansão da produção jornalística na região?

### **2. Correspondente regional**

- Como era vista a figura do correspondente regional na época?
- Qual era o papel desse profissional? Qual a sua importância naquele contexto?
- Como funcionava o trabalho desse jornalista? Ele mesmo se pautava? Era preciso realizar viagens temporárias para a sede do veículo?
- Na época, qual era o perfil exigido para se tornar correspondente de um grande veículo?
- De que forma era feita a contratação? Que requisitos eram necessários (inscrição na Associação Brasileira de Jornalistas, registro MTB, experiência comprovada, etc.)?
- Com quantos anos o senhor conseguiu o registro de jornalista, por exemplo? Como funcionava esse processo?
- Como a empresa contratante e o profissional mantinham contato?
- Quais eram os desafios para exercer essa função?
- Como era a demanda por notícias regionais em relação aos grandes veículos? De que forma era feita essa solicitação?
- Depois de pronta, como a matéria era repassada aos veículos, para posterior divulgação?
- Como a empresa buscava custear os gastos para o exercício da profissão?
- Quais eram as dificuldades enfrentadas por esse profissional?
- Que tipos de notícias regionais ganhavam espaço nacionalmente? Por quê?

- Na tentativa identificar um fato relevante a ser noticiado na grande imprensa, que tipo de olhar/percepção o jornalista deveria ter em relação à região?
- Quem eram os colegas da época que também trabalhavam com esse tipo de atividade?
- Quais foram as contribuições deixadas por esses profissionais ao desenvolvimento da imprensa regional?
- Para o senhor, o que pode ter colaborado com o desaparecimento dessa figura nos veículos?

### **3. Relacionamento Altino Correia**

- Há quanto tempo o senhor conhece o jornalista Altino Correia? Quando e como foi que o conheceu?
- Como era sua relação com ele?
- De que forma o trabalho dele era conhecido na região?
- Qual a importância e contribuição de Altino Correia na imprensa regional?
- Como o senhor vê Altino como jornalista?
- Como era trabalhar com ele? O que mais marcou o senhor nesse período de convivência?
- Se o senhor tivesse que falar de uma característica boa e uma negativa de Altino, qual seria?
- Para o senhor, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA TADASHI KURIKI

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional e a atuação do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o radialista e jornalista Tadashi Kuriki sobre o cenário da imprensa regional nas décadas de 1960 e 1970, com destaque para a prática profissional e as dificuldades encontradas na época. Também serão abordados a atuação e o relacionamento com Altino Correia, quando trabalharam juntos na *Rádio Presidente Prudente*.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

22/03 às 14h

LOCAL: Unoeste (campus II)

ENDEREÇO: Rodovia Raposo Tavares, Km 572 – Limoeiro

CONTATO: (18) 3908-4884

**DADOS:** Tadashi Kuriki entrou para o rádio quando ainda era estudante, com apenas 17 anos, por meio de seu professor Luiz Gonzaga, que o nomeou locutor representante do Instituto Educacional (IE) Fernando Costa, em 1959.

Com 18 anos, fez um teste nas duas rádios existentes na cidade, na época: *Difusora*, convidado por Joseval Peixoto, e *Presidente Prudente*, convidado por Valdomiro Bavaresco. Tadashi acabou entrando para a equipe da primeira. Além da *Rádio Difusora*, atuou na *Presidente Prudente*, *Comercial* e *Piratininga*. Também realizou trabalhos para a *Rádio Atlântida de Santos*.

O profissional trabalhou durante 20 anos em rádio na cidade. Nas empresas, passou por todos os setores, sendo o esportivo o principal deles ao exercer por muito tempo a função de repórter volante (de campo).

Tadashi Kuriki trabalhou com Altino Correia na *Rádio Presidente Prudente*. Nesse período, ele era locutor junto com Joseval Peixoto, e Altino era repórter.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Jornalismo regional

- Como era o cenário da imprensa regional quando começou a trabalhar?
- Na época, quais eram os veículos de comunicação que existiam na região de Presidente Prudente?
- De que forma os meios de comunicação eram encarados pela população? Como influenciavam na formação de opinião pública?
- Que tipo de relação o público mantinha com os veículos locais? Por quê?
- Como se caracterizava a produção jornalística nesse período? Havia veiculação apenas de notícias nacionais? Como era a produção de notícias regionais?
- Como funcionava o departamento de jornalismo na Rádio Difusora (PRI-5), por exemplo? E nas outras empresas que trabalhou?

- Como era exercer a prática jornalística na época? Quais eram as dificuldades enfrentadas?
- Os profissionais trabalhavam com pauta? Por quê?
- Como era os assuntos eram levantados para a produção de reportagens?
- O que tornava um fato importante a ser noticiado? Quais tipos de acontecimentos eram veiculados?
- De maneira geral, como se caracteriza a equipe de profissionais dos veículos? Em média, quantos compunham o quadro?
- Que tipo de funções os profissionais desempenhavam na rádio, por exemplo? Quais delas já não existem mais nos dias de hoje?
- Quais nomes se destacaram na imprensa nesse período?
- O que significava ser um bom profissional de comunicação naquela época?
- De que forma as pessoas entravam para o jornalismo?
- O senhor chegou a conseguir o registro de jornalista? Se sim, como funcionava esse processo?
- De que forma eram realizadas as coberturas jornalísticas? Quais recursos técnicos eram necessários? No caso do rádio, como eram feitas as transmissões?
- Quais eram os desafios encontrados nos trabalho de cobertura?
- Quais tipos de notícias ganhavam espaço nacionalmente?
- Nessa época, como se dava a expansão da produção jornalística na região?
- Como era vista a figura do correspondente na transmissão de informações regionais, na época? Por que tornava importante a figura do correspondente? Havia muitos na cidade? Quais eram esses nomes?

## **2. Relacionamento Altino Correia**

- Há quanto tempo o senhor conhece o jornalista Altino Correia? Quando e como foi que o conheceu?
- Como era sua relação com ele?
- De que forma o trabalho dele era conhecido na região?
- Qual a importância e contribuição de Altino Correia na imprensa regional?
- Como o senhor vê Altino como jornalista? O que marcava o perfil dele enquanto profissional?
- Já trabalhou com o Altino? Se sim, em qual empresa? Como era trabalhar com ele? O que mais te marcou nesse período de convivência?
- Lembra-se de alguma história ou experiência importante que contou com a presença dele?
- Se o senhor tivesse que falar de uma característica boa e uma negativa de Altino, qual seria?
- Enfim, para o senhor, quem é Altino Correia?

## PAUTA

**RETRANCA:** ENTREVISTA NEUSA MATOS

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional, o papel da mulher na imprensa e a atuação do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar a jornalista e radialista Neusa Matos sobre a presença feminina na imprensa e dificuldades encontradas no mercado. Também serão abordados a atuação e o relacionamento com Altino Correia, no referente ao período em que trabalharam juntos na *TV Bandeirantes*.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

22/03 às 16h

LOCAL: Rádio Presidente Prudente AM – 101FM

ENDEREÇO: Avenida Washington Luíz, nº 1250, Centro

PONTO DE REFERÊNCIA: Ao lado do escritório político do Deputado Estadual Ed Thomas

TELEFONE: (18) 99703-7441/ (18) 2104-6000

**DADOS:** Neusa Matos é natural de Osvaldo Cruz (SP). Deu início à carreira de jornalista na década de 1980, na *Rádio Joia* de Adamantina. Na emissora, apresentava e fazia reportagens para um programa chamado “Bom Dia Repórter”. Depois disso, veio para Presidente Prudente e começou a atuar na *Rádio Presidente Prudente*, onde permanece durante um ano e meio. Em seguida, foi para a *Rádio Comercial* e lá trabalhou por dois anos. Neste período, conheceu Altino Correia, repórter da *TV Bandeirantes*, que a introduziu no ramo telejornalístico ao precisar ser substituído na função, devido a uma fratura no braço. Neusa, então, entrou para a equipe da emissora e dividia sua rotina entre a TV e a rádio. Após o retorno de Altino, ela deixou a *Bandeirantes* e passou a atuar na *Rádio Presidente Prudente*, onde está até hoje. A respeito da figura feminina nos veículos de comunicação, Neusa conta que essa presença era bastante tímida e, geralmente, elas assumiam a função de repórter ou cargos dentro do estúdio, como o de locutora.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Figura feminina na imprensa regional

- Como era o cenário da imprensa regional quando você começou a trabalhar?
- Como era a presença feminina nos veículos de comunicação? Por quê?
- Quais veículos regionais havia, ainda que mínima, a participação da mulher?
- No começo, como foi trabalhar em uma área em que a figura masculina predominava?
- Por que as mulheres entravam para a comunicação?
- Quais funções eram exercidas pelas mulheres nos veículos? Por quê?
- Nessa época, alguma mulher assumia cargo de chefia? Por quê?
- Havia algum tipo de preconceito em relação à atuação da mulher na comunicação? Se sim, qual era?
- Quais eram as dificuldades enfrentadas por elas nesse mercado?

- Quem eram as revelações femininas da época?
- Havia a veiculação de produtos direcionados ao público feminino na imprensa regional? Se sim, quais e em que veículos? Qual era o reflexo desse tipo de produção na sociedade?
- Como era a relação entre as profissionais e o público em geral (ouvinte, leitor, etc.)? Por quê?
- Em que período notou-se o aumento das mulheres no campo jornalístico da região? Para você, o que pode ter contribuído para isso?
- De que forma você acredita que a mulher buscou conquistar seu espaço ao longo do tempo? O que pode ter contribuído para que elas alcançassem até mesmo posições de prestígio nesse mercado?
- Para você, qual é o diferencial do papel da mulher nos meios de comunicação?

## **2. Relacionamento Altino Correia**

- Há quanto tempo você conhece o jornalista Altino Correia? Quando e como foi que o conheceu?
- Como é sua relação com ele?
- De que forma o trabalho dele é conhecido na região?
- Já trabalhou com o Altino? Se sim, em qual empresa? Como é trabalhar com ele? O que mais te marcou nesse período de convivência?
- Lembra-se de alguma história ou experiência importante que contou com a presença dele?
- Qual a importância e contribuição de Altino Correia na imprensa regional?
- Se tivesse que falar de uma característica boa e uma negativa dele, qual seria?
- Por fim, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA LAERTE SILVA

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional e a atuação do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o jornalista e radialista aposentado Laerte do Nascimento Silva a respeito da história do jornalismo regional, com destaque para os veículos de comunicação existentes na época e a prática da profissão, assim como o relacionamento e atuação do Altino Correia.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

23/03 às 14h

LOCAL: Delegacia de Polícia (DIG)

ENDEREÇO: Rua Dr. Gurgel – Centro

PONTO DE REFERÊNCIA: Em frente ao Hospital Nossa Senhora das Graças

CONTATO: (18) 99702-6818

**DADOS:** Laerte do Nascimento Silva é natural de Presidente Venceslau (SP), mas reside em Presidente Prudente há quase 70 anos. Começou a carreira na comunicação aos 17 anos e permanece há quase 55 anos. Nesse período, além de radialista e jornalista, Laerte também atuou como investigador de polícia na Delegacia de Investigações Gerais (DIG), o que contribuiu para a sua permanência no ramo do jornalismo policial. Dentre suas produções, há programas na *Rádio Comercial*, primeira e única emissora que trabalhou. Entrou para a equipe do veículo por incentivo do jornalista Bendrath Junior, que produzia o programa “Música para seu Almoço”, no qual Laerte fez algumas participações no início da carreira. Também apresentou um jornal de 45 minutos na *TV Cabo*, chamado “Plantão de Polícia”, e assinou matérias para os jornais *O Imparcial* e, o extinto, *Oeste Notícias*. Em relação ao jornalista Altino Correia, diz que já o conhecia desde a época em que ele estava na *Rádio Presidente Venceslau* e, embora não tenha trabalhado diretamente com o profissional, sempre acompanhou seu trabalho e o considera um grande amigo e um profissional “extraordinário”.

Aos 69 anos de idade, Laerte é investigador de polícia aposentado e ainda trabalha na *Rádio Comercial*.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Jornalismo regional

- Quando e como o senhor iniciou a carreira no jornalismo?
- Qual era o cenário da comunicação regional naquela época?
- Quais veículos de comunicação já existiam?
- Como era a prática da profissão de jornalista?
- Como essa profissão era vista pelo público naquela época?
- Por que as pessoas optam por entrar no jornalismo?
- Quais as referências que tinha quando começou a carreira?
- Por que se interessou pela área do Jornalismo Policial? Como era?

- Como era o espaço para o jornalismo especializado? E hoje?
- Como era o trabalho realizado em emissoras de rádio e TV? E nos veículos impressos?
- Quais eram as funções haviam para serem exercidos?
- Como a população encarava os meios de comunicação naquela época?
- De que forma eles influenciavam na formação de opinião pública?
- Quais eram as características das produções jornalísticas nesse período? Havia veiculação de notícias nacionais?
- Como era a produção de notícias regionais?
- Como eram divididas as equipes de reportagem?
- Como eram realizadas as coberturas jornalísticas? Quais os recursos técnicos tinham disponíveis?
- Como era a presença feminina nos veículos de comunicação? Em quais veículos e funções elas mais atuavam?
- O que fazia de um fato ser noticiado? Lembra-se de algum marcante na sua carreira?
- Possui Faculdade/curso de jornalismo ou registro na Associação Brasileira dos Jornalistas, com registro MTB? Como foi para tirar? Como era regulamentada a profissão de jornalista antigamente?

## **2. Relacionamento Altino Correia**

- Como e quando o senhor conheceu o Altino Correia?
- Como é a sua relação com ele?
- Como o Altino era conhecido na região?
- Já trabalhou com o Altino? Se sim, em que ano e para quais veículos? O que cobriram?
- Como era a atuação do Altino?
- O que mais marcou nesse período em que conviveram juntos?
- Quais as contribuições que a figura do Altino teve para o jornalismo regional?
- Por fim, pra você, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA SÉRGIO JORGE ALVES

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional, a atuação do jornalista Altino Correia e o papel do correspondente regional.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o radialista e jornalista Sérgio Jorge Alves sobre o cenário do jornalismo regional entre as décadas de 1960 e 1970, com destaque para os veículos de comunicação existentes na época e a prática da profissão. Também serão abordados o trabalho de correspondente exercido por ele naquele período e o relacionamento com o jornalista Altino Correia quando trabalharam juntos no rádio.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

22/03 às 16h30

LOCAL: Casa do entrevistado

ENDEREÇO: Rua Júlio Prestes, 1011 – Vila Machadinho

PONTO DE REFERÊNCIA: Próximo à Paróquia Nossa Senhora do Carmo (Maristela) e à Apea Prudentina.

CONTATO: (18) 3222-5479

**DADOS:** Sérgio Jorge Alves é natural de Presidente Prudente. Formado em Estudos Sociais, História, Geografia e Pedagogia. Foi um dos nomes mais conhecidos do jornalismo esportivo da região. Iniciou sua carreira na comunicação em 1964. Trabalhou em emissoras de rádio e jornal impresso.

A paixão pelo rádio surgiu na infância. Ele conta que, devido às condições financeiras de sua família, não podia comprar um aparelho de rádio, por isso costumava frequentar as emissoras. Foi a partir daí que despertou a vontade de aprender como tudo funcionava. O “empurrão” para ingressar na área veio do professor e também radialista Himer Lomabardi, quando estudava no Senai.

Sérgio trabalhou na *Rádio Piratininga*, durante seis anos, e nas rádios FM e *Onda Viva* como comentarista. Também foi repórter esportivo e apresentador do “Super Show”, um programa de variedades. No impresso, passou pelos jornais *O Imparcial* e *Oeste Notícias*, na função de colunista esportivo.

Conheceu Altino Correia no *O Imparcial*. Porém, não trabalhava diretamente com o jornalista, pois era responsável por cobrir a área de esporte, enquanto o Altino fazia parte da equipe de jornalismo geral. Mais tarde, ambos trabalharam juntos na *Rádio Comercial*. Nas décadas de 1960 e 1970, atuou como correspondente em veículos nacionais, como a *Rádio Bandeirantes*, *Folha de S. Paulo* e *Diário de S. Paulo*.

Sérgio Jorge encerrou a carreira no rádio em 2010. Hoje, aos 67 anos, o profissional é aposentado.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Jornalismo regional

- Quais eram os veículos de comunicação que existiam na região de Presidente Prudente, na década de 1950?
- Qual era a realidade vivenciada por esses veículos?

- Como era o cenário da imprensa regional na época?
- Como os meios de comunicação eram encarados pela população? De que forma eles influenciavam na formação de opinião pública?
- Que tipo de relação o público mantinha com os veículos locais? Por quê?
- Como se caracterizava a produção jornalística nesse período? Havia veiculação apenas de notícias nacionais? Como era a produção de notícias regionais?
- Como funcionava o departamento de jornalismo na Rádio Comercial que, por exemplo?
- Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo naquela época?
- Os profissionais trabalhavam com pauta?
- Como era a equipe de profissionais da rádio? Quantos compunham o quadro? Por que esse número era suficiente?
- Quem eram as grandes revelações da época?
- Como era a presença feminina nos veículos? Qual era a importância dessa figura? Em que áreas as mulheres atuavam?
- Como foi para o senhor trabalhar como correspondente? Como essa figura era vista naquela época?
- Como era o trabalho de correspondente naquele período? Qual foi a importância desse profissional no jornalismo regional desse período?
- De que forma essas pessoas entravam para o jornalismo?
- Devido à inexistência da faculdade de Comunicação, o que validava a profissão de jornalista para que uma pessoa fosse contratada?
- Com quantos anos o senhor conseguiu o registro de jornalista, por exemplo? Como funcionava esse processo?
- Que tipo de funções os profissionais desempenhavam na rádio? Quais delas já não existem mais nos dias de hoje?
- Como era exercer a prática jornalística na época?
- De que forma eram realizadas as coberturas jornalísticas? Quais recursos técnicos eram necessários? Em que casos essas coberturas eram feitas ao vivo e gravadas?
- Quais dificuldades eram enfrentadas pelos profissionais nesse trabalho?
- O que tornava um fato importante a ser noticiado? Quais tipos de acontecimentos eram veiculados?
- Nessa época, como se dava a expansão da produção jornalística na região?

## **2. Relacionamento Altino Correia**

- Há quanto tempo o senhor conhece o jornalista Altino Correia? Quando e como foi que o conheceu?
- De que forma o trabalho dele era conhecido na região?
- Qual a importância e contribuição de Altino Correia na imprensa regional?
- Como o senhor vê Altino como jornalista?
- Como era trabalhar com ele? O que mais marcou o senhor nesse período de convivência?
- Se o senhor tivesse que falar de uma característica boa e uma negativa de Altino, qual seria?
- Enfim, para o senhor, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA NEIF TAIAR

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional, processo de aquisição de um veículo de comunicação e a atuação do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o jornalista e radialista aposentado Neif Taiar a respeito do início do jornalismo regional, com destaque para os veículos de comunicação que ele foi proprietário, assim como os demais existentes na época, além da prática da profissão e o relacionamento e atuação do Altino Correia.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

24/03 às 14h

LOCAL: Casa do entrevistado

ENDEREÇO: Rua Filomena Candido, nº 376, Parque Higienópolis

PONTO DE REFERÊNCIA: Próximo ao Hospital de Olhos

CONTATO: (18)99703-1235

**DADOS:** Neif Taiar começou a atuar na área de comunicação na década de 1940. Foi uma importante figura para o desenvolvimento do jornalismo de Presidente Prudente. Neif, na função de repórter, fez parte das primeiras equipes de jornalismo dos jornais impressos *A Voz do Povo*, um dos primeiros na cidade, *Correio da Sorocabana* e *Oeste Notícias*, onde atuou como colunista. Como radialista, firmou sua carreira após passagem pelas emissoras de rádio *Presidente Prudente AM*, *Comercial*, *Piratininga* e *Diário de Presidente Prudente*. Além disso, foi um dos poucos jornalistas proprietários de jornal, fundando *A Região* (1967) e *Folha da Região* (1985).

No que se refere ao jornalista Altino Correia, Neif conta que eles se conheceram em Presidente Venceslau, quando ambos trabalhavam na rádio da cidade. Posteriormente, foram colegas de trabalho na *Rádio Presidente Prudente*, tempo em que realizaram diversas coberturas. Neif ainda diz que acompanhava as informações transmitidas por Altino enquanto correspondente de veículos nacionais. Também ressalta a falta de reconhecimento que o profissional possui quanto às contribuições deixadas à comunicação regional.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Jornalismo regional

- Como era o cenário da comunicação quando o senhor iniciou sua carreira?
- Como era vista a profissão de jornalista?
- Por que as pessoas optavam por essa carreira?
- Devido à inexistência da faculdade de Comunicação, o que validava a profissão de jornalista para que uma pessoa fosse contratada?
- Com quantos anos o senhor conseguiu o registro de jornalista, por exemplo? Como funcionava esse processo?
- Como a população encarava os meios de comunicação naquela época?

- Quais eram as características das produções jornalísticas nesse período? Havia veiculação de notícias nacionais?
- Como era a produção das notícias regionais?
- Como as equipes de reportagem eram divididas?
- O que fazia um fato ser noticiado? Lembra-se de algum marcante na sua carreira?
- Quais eram as dificuldades da época?
- Como era o trabalho em diferentes veículos de comunicação?
- Como foi criar o jornal *A Região* em 1967? Como era feita a cobertura de notícias do estado de São Paulo?
- E o *Folha de Opinião* em 1985?
- Como funcionava a produção de notícias nesses veículos?
- Quais eram os procedimentos para ser dono de jornal naquela época?
- Como foi participar da primeira redação do *Oeste Notícias*? Como funcionava? O que você se lembra dessa época?
- Como foi trabalhar em meio a ditadura?
- Como era a vida a figura de correspondente naquela época?
- E as mulheres, como era a presença delas nos veículos de comunicação? Qual era a importância dessa figura? Em que áreas elas atuavam?

## **2. Relacionamento Altino Correia**

- Como e quando o senhor conheceu o Altino Correia?
- Como é a sua relação com ele?
- Como o Altino era conhecido na região?
- Em que ano e para quais veículos trabalhou com o Altino Correia? O que cobriram?
- Como era a atuação do Altino?
- O que mais marcou nesse período em que conviveram juntos?
- Quais as contribuições que a figura do Altino teve para o jornalismo regional?
- Como a figura do Altino ajudou a desenvolver a sociedade regional?
- Por fim, pra você, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### **RETRANÇA:** ENTREVISTA ADALBERTO LINS DA SILVA

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional, a atuação do jornalista Altino Correia e o papel do correspondente regional.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o ex-radialista e aposentado Adalberto Lins da Silva sobre o cenário da comunicação na região, em meados da década de 1950, com destaque para a prática da profissão. Também serão abordados o trabalho como correspondente regional, na Rádio Bandeirantes, e também o relacionamento com Altino Correia, no período em que trabalharam juntos na Rádio Presidente Prudente AM.

### **ROTEIRO:**

PRESIDENTE PRUDENTE

27/03 às 14h00

LOCAL: Casa do entrevistado

ENDEREÇO: Avenida Paulo Marcondes, 649. Bloco 6, apartamento 104 – Jardim Santa Clara

PONTO DE REFERÊNCIA: Em frente à panificadora La Farine.

CONTATO: (18) 3222-5900

**DADOS:** Adalberto Lins da Silva trabalhou nas rádios Presidente Prudente AM, Rádio de Martinópolis e Rádio Santo Brasil, de Santo Anastácio. Também atuou como correspondente (colaborador) para a Rádio Bandeirantes, na área esportiva. Conheceu Altino Correia na Rádio Presidente Prudente AM. Altino cobria as matérias gerais e ele ficava no setor esportivo. Ele relata que já chegou a escrever algumas matérias para jornal, mas nunca trabalhou como funcionário fixo nesse veículo, pois seu foco era mesmo o rádio.

Sua carreira na comunicação teve duração de apenas quatro anos, com início em 1957 e término em 1961. Adalberto se queixa da falta de reconhecimento na época, sendo um dos principais motivos por ter deixado a profissão.

Após a passagem pelas emissoras de rádio, começou a trabalhar na Telesp, empresa de telecomunicações, onde permaneceu por 38 anos e se aposentou.

### **ROTEIRO DE PERGUNTAS:**

#### **1. Jornalismo regional**

- Quais eram os veículos de comunicação que existiam na região de Presidente Prudente, na década de 1950?
- Qual era a realidade vivenciada por esses veículos?
- Como era o cenário da imprensa regional na época?
- Como os meios de comunicação eram encarados pela população? De que forma eles influenciavam na formação de opinião pública?
- Que tipo de relação o público mantinha com os veículos locais? Por quê?
- Como se caracterizava a produção jornalística nesse período? Havia veiculação apenas de notícias nacionais? Como era a produção de notícias regionais?

- Como funcionava o departamento de jornalismo na Rádio Presidente Prudente, por exemplo?
- Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo naquela época?
- Os profissionais trabalhavam com pauta?
- Como era a equipe de profissionais da rádio? Quantos compunham o quadro? Por que esse número era suficiente?
- Quem eram as grandes revelações da época?
- Como era a presença feminina nos veículos? Qual era a importância dessa figura? Em que áreas as mulheres atuavam?
- Como foi para o senhor trabalhar como correspondente no rádio? Como essa figura era vista naquela época?
- Como era o trabalho de correspondente naquele período? Qual foi a importância desse profissional no jornalismo regional desse período?
- De que forma essas pessoas entravam para o jornalismo?
- Devido à inexistência da faculdade de Comunicação, o que validava a profissão de jornalista para que uma pessoa fosse contratada?
- O senhor possui algum registro pelos anos em que trabalhou no rádio?
- Que tipo de funções os profissionais desempenhavam na rádio? Quais delas já não existem mais nos dias de hoje?
- Como era exercer a prática jornalística na época?
- De que forma eram realizadas as coberturas jornalísticas? Quais recursos técnicos eram necessários? Em que casos essas coberturas eram feitas ao vivo e gravadas?
- Quais dificuldades eram enfrentadas pelos profissionais nesse trabalho?
- O que tornava um fato importante a ser noticiado? Quais tipos de acontecimentos eram veiculados?

## **2. Relacionamento Altino Correia**

- Há quanto tempo o senhor conhece o jornalista Altino Correia? Quando e como foi que o conheceu?
- Como era a sua relação com o jornalista Altino Correia no período em que trabalharam juntos na rádio Presidente Prudente?
- De que forma o trabalho dele era conhecido na região?
- Qual a importância e contribuição de Altino Correia na imprensa regional?
- Como o senhor vê Altino como jornalista?
- Como era trabalhar com ele? O que mais marcou o senhor nesse período de convivência?
- Se o senhor tivesse que falar de uma característica boa e uma negativa de Altino, qual seria?
- Enfim, para o senhor, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA MONTEZUMA CRUZ

**PROPOSTA:** Coletar informações a respeito da história do jornalismo regional de Presidente Prudente, atuação como correspondente da região, e a atuação e contribuições do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o jornalista e radialista Montezuma Cruz a respeito da história e desenvolvimento do jornalismo regional, com destaque para sua atuação como correspondente do Oeste Paulista em veículos de comunicação de âmbito nacional e a prática da função, além do relacionamento e atuação do Altino Correia.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

27/03 às 15h

CONTATO: montezumarondonia@gmail.com

**DADOS:** Montezuma Cruz é natural de Teodoro Sampaio (SP), região do Pontal do Paranapanema. Começou a trabalhar na área da comunicação aos 16 anos, quando fazia jornal mural no escritório de contabilidade de seu pai. Profissionalmente, iniciou a carreira como correspondente nos jornais *Correio da Sorocabana* e *A Região*, ambos de Presidente Prudente. Na mesma função, atuou ainda para os impressos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, de âmbito nacional. Simultaneamente, trabalhava como repórter e revisor em *O Imparcial*, editor de jornal falado e repórter nas rádios *Comercial* e *Piratininga*. Durante sua carreira, passou por veículos de diferentes estados, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Brasília (DF), Amazonas, Maranhão e Rondônia, onde atua como repórter na Superintendência Estadual de Comunicação Social no Governo de Rondônia e também nos sites *Gente de Opinião* e *Expressão Rondônia*. A respeito de sua relação com Altino Correia, ele conta que se conheceram assim que chegou a Presidente Prudente. No entanto, já o acompanhava desde quando Altino trabalhava na *Rádio Presidente Venceslau AM*. Para Montezuma, considera o jornalista como um profissional “excelente”, tanto na rádio como no impresso.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Como e quando o senhor começou a carreira no Jornalismo?
- Em quais veículos da comunicação o senhor já trabalhou?
- Qual a década que o senhor considera de maior importância para sua carreira? E por quê?
- Possui faculdade/curso de jornalismo ou algum registro da profissão? Como era tirar esse tipo de documentação na época?
- Atualmente o senhor ainda trabalha na área da comunicação? Qual veículo?
- Em que ano o senhor deixou Presidente Prudente? E por quê?
- Como era o cenário do jornalismo aqui da região naquela época? Quais veículos existiam?
- Quais eram as características das produções jornalísticas daquela época? Havia veiculação de notícias nacionais?

- O senhor também atuou como correspondente da região? Para quais veículos?
- Como se dava a função de correspondente? E qual a importância que esse tipo de profissional teve pra região?
- O que era necessário para ser um correspondente?
- Quais eram as maiores dificuldades?
- Como e quando o senhor conheceu o Altino Correia? Já trabalharam juntos?
- Como senhor vê o Altino Correia? E como é a sua relação com ele?
- Qual a importância que o senhor acha que o Altino teve para o jornalismo da região?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA SINÉZIO DE SOUZA

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional e a atuação do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o radialista Sinézio de Souza sobre o contexto do jornalismo regional, com destaque para os veículos de comunicação existentes na época e a prática da profissão. Também será abordado seu relacionamento com Altino Correia, no período em que trabalharam juntos na Rádio Presidente Prudente AM.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

27/03 às 16h30

LOCAL: Casa do entrevistado

ENDEREÇO: Rua Comendador João Peretti, 679 – Vila Santa Helena

PONTO DE REFERÊNCIA: Um quarteirão acima da Avenida Manoel Goulart, próximo à Padaria São Paulo.

CONTATO: (18) 98126-7426

**DADOS:** Sinézio de Souza é natural de Santa Cruz das Palmeiras (SP). Mas, até mudar-se para Presidente Prudente, morava e trabalhava em São Carlos (SP).

Na comunicação, foi radialista desde os 18 anos de idade. Começou sua carreira na *Rádio Difusora* (PRI-5). A pedido de Geraldo Soller, gerente da emissora, participou de um teste e, logo em seguida, foi contratado.

Mais tarde, trabalhou na *Rádio Comercial*; *Rádio Piratininga* e na *Rádio Presidente Prudente AM*, na função de apresentador de jornal falado, juntamente com Altino Correia. Além disso, atuou como revisor no jornal *O Imparcial*, durante um curto período. Segundo Sinézio, o trabalho noturno fez com que se deligasse do veículo, ao sentir-se esgotado fisicamente por conta da jornada dupla que mantinha no rádio e no impresso.

No rádio, ele passou por quase todas as funções e apresentou programas variados, desde programas de auditório até noticiários. Também participou de algumas radionovelas. No cargo de repórter, por exemplo, entrevistou figuras como Delfim Netto e Procópio Ferreira.

Em 1985, Sinézio aposentou-se no rádio. Hoje, aos 83 anos, dedica-se à carreira de escritor, com um livro de poesia publicado – “Caminho de Folhas” (1997).

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Jornalismo regional

- Como era o cenário da imprensa regional quando começou a trabalhar?
- Qual era a preocupação dos profissionais para se transmitir uma notícia?
- Como era a profissão de jornalista?
- Que tipo de relação o público mantinha com os veículos locais? Por quê?
- Como era a equipe de profissionais da rádio? Em média, quantos compunham o quadro?

- Que tipo de funções os profissionais desempenhavam na rádio? Quais delas já não existem mais nos dias de hoje?
- Como era apresentar um jornal falado?
- De que forma se dava a produção desse jornal?
- Como eram realizadas as transmissões jornalísticas?
- Quais eram as dificuldades para trabalhar com comunicação naquela época?
- Como era a realidade da procura por oportunidades nessa área? De que forma as pessoas entravam para a comunicação?
- Como funcionava o departamento de jornalismo na Rádio Difusora, por exemplo?
- Que tipo de notícia ganhava espaço na época?
- Os profissionais trabalhavam com pauta?
- Como se caracterizava a produção jornalística nesse período? Havia veiculação apenas de notícias nacionais? Como era a produção de notícias regionais?
- Como era participar de uma radionovela? Quem redigia os roteiros?

## **2. Relacionamento Altino Correia**

- Há quanto tempo o senhor conhece o jornalista Altino Correia? Quando e como foi que o conheceu?
- Como era participar da apresentação do jornal falado com o Altino?
- O que o senhor se lembra da época em que trabalharam juntos?
- Como era trabalhar com ele? O que mais marcou o senhor nesse período de convivência?
- O que caracteriza o perfil desse profissional?
- Quais as contribuições deixadas por Altino Correia na imprensa regional?
- Enfim, para o senhor, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA CÍCERO AFFONSO

**PROPOSTA:** Coletar informações a respeito da história do jornalismo regional de Presidente Prudente, atuação como correspondente da região, a atuação e contribuições do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o jornalista e radialista aposentado Cícero Affonso sobre a história do jornalismo regional, com destaque para a sua atuação como correspondente da região e a prática da função, assim como, o relacionamento e as contribuições do Altino Correia para a área da comunicação.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

28/03 às 14h

LOCAL: Laboratório de rádio da Facopp

ENDEREÇO: Bloco B3 – campus II da Unoeste

CONTATO: (18) 99672-5922

**DADOS:** Cícero Affonso iniciou a carreira na comunicação na década de 1970, na *Rádio Difusora*, em Presidente Prudente, a convite do gerente Luiz Leão. Mais tarde, atuou na *Rádio Piratininga*. Depois disso, morou um tempo em São Paulo, onde trabalhava na *Rádio Capital* e realizava trabalhos temporários nas rádios *Record* e *Globo*. Quando retornou para a capital do Oeste Paulista, passou pela *Rádio Presidente Prudente*, *Rádio Cidade*, *Rádio Globo*, *Rádio CBN* e também atuou na área televisiva, na *TV Pontal*, retransmissora da *Rede Manchete*. Além disso, Cícero ainda trabalhou na função de correspondente regional para o *Portal Terra* e *Rádio CBN*, e foi *freelancer* nos jornais *Folha de S. Paulo*, *Estadão* e *O Globo*.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Jornalismo regional

- Como era o cenário da comunicação quando o senhor começou a trabalhar na área? Quais veículos existiam?
- Como os jornalistas eram vistos?
- Quais eram as dificuldades enfrentadas pelos profissionais?
- Como as pessoas entravam para a área da comunicação?
- E como o senhor entrou para essa área?
- Quais eram as características das produções jornalísticas naquele período?
- Como as equipes de reportagem eram divididas para a atuação nas ruas?
- O que tornava um fato importante para ser noticiado? Quais tipos de acontecimentos eram veiculados? Lembra-se de algum marcante na sua carreira?
- Devido à inexistência da faculdade de Comunicação, o que validava a profissão de jornalista para que uma pessoa fosse contratada?
- O que era preciso para se trabalhar em um veículo de comunicação aquela época?
- Como foi trabalhar em quase todas as rádios de Presidente Prudente?

- Que tipo de funções os profissionais desempenhavam na rádio? Quais delas já não existem mais nos dias de hoje?
- O senhor também trabalhou em rádio, certo? Quais eram as diferenças para o impresso, em questão de coberturas, textos, etc.?

## **2. Função de correspondente**

- Como era o trabalho de correspondente naquele período?
- Como a figura de correspondente era vista naquela época pelos profissionais da imprensa? E para o público?
- Como o senhor começou a exercer essa função?
- Qual foi a importância desse profissional para o jornalismo regional desse período?
- Como era trabalhar em diferentes veículos? Os editores apoiavam?
- Como era o contato com a capital?
- Como eram repassadas as matérias prontas para os veículos de fora? E no rádio, como era a transmissão? Caía muito?
- Como surgiam as matérias que podiam ser veiculadas nacionalmente?
- Quais eram os critérios para uma matéria poder ser veiculada em veículos da capital?
- Como foi para o senhor trabalhar nessa função?

## **3. Relacionamento Altino Correia**

- Como e quando o senhor conheceu o Altino Correia?
- Como é a sua relação com ele?
- Como o Altino era conhecido na região?
- Em que ano e para quais veículos trabalhou com o Altino Correia? O que cobriram?
- Como era a atuação do Altino?
- O que mais marcou nesse período em que conviveram juntos?
- Quais as contribuições que a figura do Altino teve para o jornalismo da região? E para o desenvolvimento de Presidente Prudente?
- Por fim, para você, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA BARBOSA DA SILVEIRA

**PROPOSTA:** Coletar informações a respeito da história do jornalismo regional e a atuação do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o jornalista José Vinicius Barbosa da Silveira sobre o início do jornalismo regional, com destaque para os veículos de comunicação existentes na época, a atuação do jornal *O Imparcial* e a prática da profissão. Também serão abordados o relacionamento com Altino Correia, no período em que trabalharam como repórteres no jornal *O Imparcial*.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

28/03 às 16h

LOCAL: Jornal *O Imparcial*

ENDEREÇO: Rua Ernesto Rotta, 83 – Jardim Novo Bongiovani

PONTO DE REFERÊNCIA: Próximo ao Lar dos Meninos.

CONTATO: (18) 99772-3212

**DADOS:** José Vinicius Barbosa da Silveira é natural de São Paulo (SP). Formou-se em Estudos Sociais e em Ciências Sociais, o que permitiu sua atuação como jornalista. Em 1959, a convite do diretor da Unesp, veio a Presidente Prudente para trabalhar na faculdade, como secretário. Nesse período, eventualmente, também substituíra professores.

Na comunicação, sua carreira teve início em 1º de outubro de 1966, quando entrou para o jornal *O Imparcial*, a convite de Geraldo Soller. Lá, começou na função de revisor, depois passou a ser repórter de rua. Foi nessa época que conheceu Altino Correia, que também era repórter do periódico. Contudo, não chegaram a trabalhar diretamente juntos, pois cobriam editorias distintas. Assim, era difícil se encontrarem na rua.

Barbosa da Silveira, como é conhecido, considera importante todos os seus anos de atuação no jornalismo local, afirmando nunca ter faltado no trabalho.

Em Presidente Prudente, o profissional também colaborou com a criação de diversos clubes, como a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), que diz ser sua maior paixão; e contribuiu com a Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos.

Hoje, aos 91 anos de idade, Barbosa mantém a coluna “Sociedade em Tópicos” no jornal *O Imparcial*, onde trabalha há 51 anos.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Jornalismo regional

- Como era o cenário da comunicação quando o senhor começou a trabalhar na área?
- Como era vista a profissão de jornalista?
- Quais eram as dificuldades enfrentadas pelos profissionais?
- Como as pessoas entravam para a área da comunicação?

- Devido à inexistência da faculdade de Comunicação, o que validava a profissão de jornalista para que uma pessoa fosse contratada?
- Quais eram as características das produções jornalísticas naquele período?
- Como era a produção dos conteúdos jornalísticos regionais? Havia pautas?
- Como era a veiculação de notícias nacionais? E o contato com os jornais da capital?
- Como as equipes de reportagem eram divididas? Como era a atuação nas ruas?
- O que fazia um fato ser noticiado? Lembra-se de algum marcante na sua carreira?
- O que te levou a deixar o trabalho administrativo na Unesp, para começar a atuar na área da comunicação?
- Como surgiu o convite para trabalhar no impresso? (Geraldo Soller)
- Como era o trabalho no jornal *O Imparcial* naquela época?
- O que mais mudou daquela época em relação à hoje em dia?
- Qual a importância que o impresso tinha naquela época?
- Quando o senhor teve a sua primeira coluna? Como era produzida? Já existia a função de colunista?
- O que era preciso para se trabalhar em um jornal naquela época?
- O senhor também trabalhou em rádio, certo? Quais eram as diferenças para o impresso, em questão de coberturas, textos, etc.?
- Como era a relação dos profissionais da imprensa com o público?

## 2. Relacionamento Altino Correia

- Como e quando o senhor conheceu o Altino Correia?
- Como é a sua relação com ele?
- Como o Altino era conhecido na região?
- Em que ano e para quais veículos trabalhou com o Altino Correia? O que cobriram?
- Como era a atuação do Altino?
- O que mais marcou nesse período em que conviveram juntos?
- Quais as contribuições que a figura do Altino teve para o jornalismo da região? E para o desenvolvimento de Presidente Prudente?
- Por fim, para você, quem é Altino Correia?

## PAUTA

**RETRANÇA:** ENTREVISTA JOSÉ ROBERTO DANTAS OLIVA

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional, a atuação do jornalista Altino Correia e o papel do correspondente regional.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o jornalista, ex-radialista e juiz da Vara do Trabalho de Presidente Venceslau, José Roberto Dantas Oliva, sobre o cenário do jornalismo regional nas décadas de 1970 e 1980, com destaque para os veículos de comunicação existentes na época e a prática da profissão. Também serão abordados o trabalho de correspondente exercido por ele naquele período e a atuação do jornalista Altino Correia.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

30/03 às 14h

LOCAL: Casa do entrevistado (Damha I)

ENDEREÇO: Rua Alberto Fraga Moreira, nº 271, Jardim Alto da Boa Vista

CONTATO: (18) 3908-7374

**DADOS:** José Roberto Dantas Oliva é formado em Letras e Direito. Hoje, atua como Juiz da Vara do Trabalho de Presidente Venceslau, mas já exerceu as funções de jornalista e radialista. Sua carreira na comunicação se iniciou na *Rádio Presidente Venceslau AM* em 1976, onde passou pelas funções de rádio-escuta, chefe de escritório, repórter, locutor e apresentador de telejornal. Mais tarde, em 1982, ainda em Presidente Venceslau, entrou para o *Jornal Integração*. Simultaneamente, colaborava com *O Imparcial* nesse período. Além disso, Oliva também trabalhou como correspondente regional para o jornal *O Estado de S. Paulo*, onde começou como *freelancer*, passou para repórter local e finalmente, repórter regional. A conquista pelo cargo fixo no noticiário veio após a cobertura de uma rebelião no presídio de Presidente Venceslau, com Luiz Carlos Lopes Martins, que já era correspondente e o indicou para o jornal. Também já emplacou matérias de capa no *Jornal da Tarde*, *O Estado de S. Paulo*, e na *Agência Estado*.

A respeito de sua relação com o jornalista Altino Correia, o profissional conta que não trabalharam diretamente juntos, mas que se encontravam em coberturas externas. Ele acrescenta, que o contato mais próximo com o Altino se deu depois de parar de trabalhar na comunicação, pois o jornalista cobre todas as atividades que são realizadas no Fórum Trabalhista, onde Oliva trabalha.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Jornalismo regional

- Quais eram os veículos de comunicação que existiam na região de Presidente Prudente, na década de 1970?
- Qual era a realidade vivenciada por esses veículos?
- Como era o cenário da imprensa regional na época em que começou a trabalhar?

- Como os meios de comunicação eram encarados pela população? De que forma eles influenciavam na formação de opinião pública?
- Que tipo de relação o público mantinha com os veículos locais? Por quê?
- Como se caracterizava a produção jornalística nesse período?
- Como funcionava o departamento de jornalismo na Rádio Piratininga, por exemplo?
- Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo naquela época?
- Os profissionais trabalhavam com pauta? Por quê?
- Como era formada a equipe de profissionais nos veículos? Quantos compunham o quadro? Por que esse número era suficiente?
- Como era a presença feminina nos veículos? Qual era a importância dessa figura? Em que áreas as mulheres atuavam?
- Como era exercer a prática jornalística na época?
- De que forma eram realizadas as coberturas jornalísticas?
- Quais dificuldades eram enfrentadas pelos profissionais nesse trabalho?
- Nessa época, como se dava a expansão da produção jornalística na região?

## 2. Correspondente regional

- Como era vista a figura do correspondente regional na época?
- Qual era o papel desse profissional? Qual a sua importância naquele contexto?
- Como funcionava o trabalho desse jornalista? Ele mesmo se pautava? Era preciso realizar viagens temporárias para a sede do veículo?
- Na época, qual era o perfil exigido para se tornar correspondente de um grande veículo?
- De que forma era feita a contratação? Que requisitos eram necessários (inscrição na Associação Brasileira de Jornalistas, registro MTB, experiência comprovada, etc.)?
- Com quantos anos o senhor conseguiu o registro de jornalista, por exemplo? Como funcionava esse processo?
- Como a empresa contratante e o profissional mantinham contato?
- Quais eram os desafios para exercer essa função?
- Como era a demanda por notícias regionais em relação aos grandes veículos? De que forma era feita essa solicitação?
- Depois de pronta, como a matéria era repassada aos veículos, para posterior divulgação?
- Como a empresa buscava custear os gastos para o exercício da profissão?
- Quais eram as dificuldades enfrentadas por esse profissional?
- Que tipos de notícias regionais ganhavam espaço nacionalmente? Por quê?
- Na tentativa de identificar um fato relevante a ser noticiado na grande imprensa, que tipo de olhar/percepção o jornalista deveria ter em relação à região?
- Quem eram os colegas da época que também trabalhavam com esse tipo de atividade?
- Quais foram as contribuições deixadas por esses profissionais ao desenvolvimento da imprensa regional?
- Para o senhor, o que pode ter colaborado com o desaparecimento dessa figura nos veículos?

### 3. Relacionamento Altino Correia

- Há quanto tempo o senhor conhece o jornalista Altino Correia? Quando e como foi que o conheceu?
- Como era sua relação com ele?
- De que forma o trabalho dele era conhecido na região?
- Qual a importância e contribuição de Altino Correia na imprensa regional?
- Como o senhor vê Altino como jornalista?
- Como era trabalhar com ele? O que mais marcou o senhor nesse período de convivência?
- Se o senhor tivesse que falar de uma característica boa e uma negativa de Altino, qual seria?
- Para o senhor, quem é Altino Correia?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA LÊDA MÁRCIA LITHOLDO

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional, o papel da mulher nesse contexto e a atuação do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar a jornalista e professora Lêda Márcia Litholdo sobre a história do jornalismo regional, com destaque para os veículos de comunicação existentes na época, a prática da profissão e a presença feminina na imprensa. Também será abordada a atuação do jornalista Altino Correia.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

DATA: 30/03

HORÁRIO: 20h

LOCAL: Ceup – Secretaria da Psicologia, térreo do bloco B3

PONTO DE REFERÊNCIA: Próximo ao centro de cópias.

TELEFONE: (18) 99703-8913

**DADOS:** Lêda Márcia Litholdo sempre foi apaixonada por jornalismo, mas, primeiramente, cursou a faculdade de Direito, pois ainda não havia faculdade de Comunicação em Presidente Prudente. Faltando seis meses para se formar, recebeu o convite de Mário Peretti para escrever uma coluna no jornal *O Imparcial* voltada aos jovens. Dessa forma, deu início à carreira na comunicação como colunista social. Nessa época, Lêda era a única figura feminina presente na redação. No veículo, a jornalista criou e produziu o primeiro encarte próprio para o público feminino. Com quatro ou oito páginas, tratava de assuntos do dia a dia das mulheres, ganhando total liberdade do jornal. Um ano depois, foi convidada por Ernesto Coquemala para fazer um teste na rádio, e assim se tornou a primeira mulher repórter de rua da rádio. Mais tarde, assumiu a função de apresentadora em um programa de variedades no período da tarde. Ao longo do tempo começou a entrar ao vivo para transmitir notícias, indo para o estúdio, logo em seguida, apresentar o jornal das 7h.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

#### 1. Jornalismo regional

- Como era o cenário da imprensa regional quando você começou a trabalhar?
- Como era vista a profissão de jornalista?
- Como as pessoas entravam para a área da comunicação? E você, como começou nessa área?
- Como se caracterizava a produção jornalística no período em que começou a trabalhar? Como era a produção de notícias regionais?
- Como funcionava o departamento de jornalismo nos veículos de comunicação em que trabalhou no início da carreira?
- Como era o trabalho nas ruas?
- Quais eram as dificuldades para exercer o jornalismo naquela época?
- Quais eram as diferenças em atuar para veículos de segmentos diferentes

como o rádio e o impresso?

## **2. Figura feminina na imprensa regional**

- Como era a presença feminina nos veículos de comunicação? Por quê?
- Quais veículos regionais havia, ainda que mínima, a participação da mulher?
- Por que as mulheres entravam para a comunicação?
- Quais funções eram exercidas pelas mulheres nos veículos? Por quê?
- Havia algum tipo de preconceito em relação à atuação da mulher na comunicação? Se sim, qual era?
- Quais eram as dificuldades que você enfrentava nesse mercado?
- Quais eram as revelações femininas da época?
- Havia veiculação de produtos direcionados ao público feminino na imprensa regional? Se sim, quais e em que veículos? Qual era o reflexo desse tipo de produção na sociedade?
- Como era sua relação com o público em geral (ouvinte, leitor, etc)?
- Em que período notou-se o aumento das mulheres no campo jornalístico da região? Para você, o que pode ter contribuído para isso?
- De que forma você acredita que a melhor buscou conquistar seu espaço ao longo do tempo? O que pode ter contribuído para o alcance de posições de prestígio nesse mercado?
- Para você, qual é o diferencial do papel da mulher nos meios de comunicação?

## **3. Relacionamento Altino Correia**

- Há quanto tempo conhece o jornalista Altino Correia? Quando e como foi que o conheceu?
- Chegou a trabalhar com ele? Onde e por quanto tempo?
- Se sim, como foi essa experiência?
- De que forma o trabalho dele era conhecido na região?
- Qual a importância e contribuição de Altino Correia na imprensa regional?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA ALTINO CORREIA

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a vida e carreira do jornalista e o desenvolvimento histórico do jornalismo regional.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar o jornalista Altino Correia sobre sua vida e atuação profissional, com destaque para a função exercida como correspondente regional e a expansão da comunicação no Oeste Paulista.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

09/04 às 13h30

LOCAL: Casa do entrevistado

ENDEREÇO: Rua Visconde de Barbacena, 20 (7º andar). Residencial Parque dos Pássaros – Parque São Judas Tadeu

PONTO DE REFERÊNCIA: Atrás do Colégio Braga Mello

CONTATO: (18) 99771-4878

**DADOS:** Altino Oliveira Correia nasceu em 30 de julho de 1934, em Rio de Contas, uma pequena cidade localizada no interior da Bahia. Com apenas cinco anos de idade, em 1939, mudou-se para Presidente Venceslau. Iniciou a carreira no jornalismo em 1950, quando trabalhava de *office-boy* na Associação Comercial e Industrial de Venceslau, que por coincidência localizava-se no mesmo prédio em que estava instalada a emissora da Rádio Presidente Venceslau AM. Na rádio, passou por diversas funções, desde animador de auditório, radioperador, publicitário, repórter, redator, noticiarista, até atingir cargos de alto nível como de locutor, editor e chefe de reportagem.

Em 1978, entrou para a *Rádio Globo/Excelsior*, seguida da *CBN*. Em 1991, foi para a *Rádio Cidade Presidente Prudente* e saiu de ambas em 1993. Começou na *Rádio Paulista de Presidente Prudente* em 1998, e permaneceu por apenas um ano. Trabalhou como correspondente regional em importantes jornais nacionais como *Jornal Última Hora* (1958-1959); *O Estado de S. Paulo* (1960-1967); *Folha de S. Paulo* (1962-1987) e jornais do Grupo Folha; o *Jornal do Brasil* (1976-1979), onde atuou como repórter e *O Globo* (1989–1992), prestando serviço de *freelancer*, levando em conta também, o trabalho a nível regional no *Correio da Sorocabana* (1964-1967) e *O Imparcial*.

Estreou no ramo da televisão em Brasília, em 1963, como âncora de um programa de entrevistas na *TV Nacional* – Canal 6. Depois, fez participação ao vivo com reportagens no *Globo Cidade da Rede Globo (SP)*. Seguida da contratação na *TV Bauru/Rede Globo*, de 1981 a 1984.

Após três anos, começou a trabalhar como correspondente para a *TV Bandeirantes* de Presidente Prudente, onde contribuiu com a implantação do telejornalismo na emissora ao lado de Itanir Perenha. Na emissora, permaneceu por oito anos, atuando como repórter, editor e chefe de reportagem. Depois disso, trabalhou na *TV Pontal Paulista/Rede Manchete* (1993-1994), finalizando na *Rede Vida de Televisão*, como correspondente voluntário, com a qual colabora até hoje.

Atualmente, Correia atua como assessor de imprensa na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT/Unesp) de Presidente Prudente.

No entanto, a *web* é sua principal plataforma de trabalho. Através da internet ele administra o blog ([www.altinocorreia.blogspot.com.br](http://www.altinocorreia.blogspot.com.br)), “Memórias de um Repórter do Interior”, lançado em janeiro de 2007. Nele, já publicou aproximadamente 1.500 matérias, ultrapassando 320 mil acessos.

## **ROTEIRO DE PERGUNTAS:**

### **1. Jornalismo regional**

- Quando e como o senhor iniciou a carreira no jornalismo?
- Porque escolheu trabalhar com jornalismo?
- O senhor recebeu influência de alguém para trabalhar na área de comunicação?
- Em quais veículos de Presidente Prudente e região o senhor trabalhou?
- Quais funções o senhor exerceu no começo? Como era?
- Como era o cenário da comunicação quando o senhor começou?
- Quais eram as dificuldades que o senhor encontrava?
- Quais eram as características das produções jornalísticas nesse período?
- O que fazia um fato ser noticiado?
- Quem eram as pessoas que trabalhavam com o senhor?
- Como a sociedade encarava os veículos de comunicação naquela época? E a figura do jornalista?
- Como era a estrutura da redação de uma rádio quando o senhor começou?
- Quanto tempo o senhor ficou no jornal O Imparcial?
- O que o senhor fazia no jornal Correio da Sorocabana?
- E no jornal Coroados?
- Porque o senhor saiu de Presidente Venceslau e veio para Presidente Prudente?
- Como foi a passagem pela TV? Como se deu o surgimento da Band na cidade e sua entrada nessa equipe?
- Como foi ajudar na implantação do telejornalismo na Band?
- O senhor já chegou a correr algum risco ou perigo trabalhando com jornalismo?
- Em relação à publicação de matérias, já chegou a ser ameaçado?

### **2. Função de correspondente**

- Como o senhor se tornou correspondente regional?
- Como era a produção das notícias naquela época?
- Todas as reportagens que o senhor enviou para os jornais foram publicadas?
- Vocês se pautavam ou o jornal que solicitava as notícias?
- Quais eram os assuntos que mais rendiam pauta na época?
- Como as pautas eram enviadas para o jornal?
- Em quais jornais o senhor tinha registro na carteira?
- Como foi a passagem pelo jornal Última Hora?
- Em que ano o senhor começou a trabalhar no Estadão?
- Quais assuntos mais rendiam pautas para o Estadão?
- Quando começou a trabalhar no O Globo?
- Quais assuntos mais rendiam pauta para O Globo?
- Quando o senhor começou a trabalhar no jornal Folha de S. Paulo?

- Quais eram as pautas para esse jornal?
- O fato de trabalhar simultaneamente para dois jornais, não havia problema entre as empresas?
- O que o senhor fazia quando havia acontecimentos que precisavam ser enviados para os dois jornais?
- Naquela época, quais tipos de acontecimentos da região ganhavam capa em veículos nacionais?
- Nos jornais nacionais havia alguma página destinada às notícias regionais?
- Quais fatos ganhavam espaço nesta página?
- Havia identificação do repórter com assinatura na matéria?
- Como era a presença dos correspondentes naquela época? Havia muitos?
- Como era vista a figura do correspondente na cidade? E pelos colegas de imprensa?
- Quais dificuldades o senhor encontrou para trabalhar naquela época?
- Quais eram os critérios avaliados para se contratar um correspondente? Havia a necessidade do registro como jornalista?
- Como era trabalhar como correspondente? O que isso representava?
- Quais tipos de experiência essa função deixou para o senhor?
- Para o senhor, o que pode ter contribuído para o desaparecimento dessa função?

## PAUTA

### RETRANCA: ENTREVISTA ANTONIO FEITOSA

**PROPOSTA:** Coletar informações sobre a história do jornalismo regional e a atuação do jornalista Altino Correia.

**ENCAMINHAMENTO:** Entrevistar Antonio de Figueiredo Feitosa sobre o início do jornalismo regional, com destaque para os veículos de comunicação existentes na época e a prática da profissão. Também será abordado o seu relacionamento com o jornalista Altino Correia.

### ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

11/04 às 21h

CONTATO: af.feitosa@uol.com.br

**DADOS:** Antonio de Figueiredo Feitosa deu início à carreira no jornalismo aos 14 anos, em 1960, na *Rádio Brasil* de Santo Anastácio. Começou como rádio-escuta até passar por todas as funções da carreira esportiva e jornalística. Foi locutor, redator, apresentador e narrador esportivo. Em Presidente Prudente, trabalhou na *Rádio Difusora*, na *Rádio Presidente Prudente*, no jornal *O Imparcial* e na *TV Bandeirantes*.

No jornal *O Imparcial*, exerceu as funções de redator, setorista de polícia e editor de esportes. Na *TV Band*, participou da implantação da primeira estação geradora televisiva de Presidente Prudente e na gestão das áreas administrativa-financeira-patrimonial-comercial como diretor-gerente.

Antonio Feitosa não cursou faculdade de Jornalismo e não tem registro profissional como jornalista ou radialista. É formado apenas em Ciências Sociais, pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (FAFI), habilitado como professor primário e sociólogo.

Atualmente, trabalha no segmento de gestão administrativa-desportiva como superintendente geral da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), em São Paulo.

### ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Como e quando o senhor começou a carreira no Jornalismo?
- Em quais veículos de comunicação o senhor já trabalhou?
- Quais os cargos e funções exercidos nos veículos de comunicação em que trabalhou?
- Além da área da comunicação, em quais outras já atuou?
- Qual a década que o senhor considera de maior importância para sua carreira? Por quê?
- Possui faculdade/curso de jornalismo ou algum registro da profissão? Como era tirar esse tipo de documentação na época?
- Atualmente o senhor ainda trabalha na área da comunicação? Qual veículo e função?
- Em que ano o senhor deixou Presidente Prudente? Por quê?

- Como era o cenário do jornalismo aqui na região naquela época? Quais veículos existiam?
- Quais foram os profissionais revelados pelo Jornalismo de Presidente Prudente?
- Quais eram as características das produções jornalísticas daquela época? Havia veiculação de notícias nacionais?
- Quais eram as dificuldades?
- Qual era a realidade dos jornais na última metade do século XX?
- Qual era a realidade das rádios na metade do século XX?
- Como o senhor vê o Altino Correia? E como é a sua relação com ele?